MARIA DA CONCEIÇÃO CARVALHO

Cordialmente,
Eduardo Frieiro:

fragmentos (auto) biográficos

belo horizonte / fale / universidade federal de minas gerais / 2008

EX-LIBRIS
EDUARDO FRIEIRO

MARIA DA CONCEIÇÃO CARVALHO

CORDIALMENTE, EDUARDO FRIEIRO:
FRAGMENTOS (AUTO)BIOGRÁFICOS

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2008

MARIA DA CONCEIÇÃO CARVALHO

CORDIALMENTE, EDUARDO FRIEIRO:

FRAGMENTOS (AUTO)BIOGRÁFICOS

Tese apresentada ao Curso de Doutorado da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Literatura Comparada.

Àrea de Concentração: Literatura, História e Memória Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Zilda Ferreira Cury.

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2008

Carvalho, Maria da Conceição.
C331c Cordialmente, Eduardo Frieiro: fragmentos (auto)biográficos / Maria da Conceição Carvalho. Belo Horizonte, 2008.
365f. il.

Tese. (Doutorado). Literatura, História e Memória. Cultural. Faculdade de Letras da UFMG.
1. Eduardo Frieiro. 2. Correspondência. 3. Autobiografia. 4. Biografia. I. Título. II. Autor. III. Orientador.

CDD/CDU

À memória de Levy Carvalho, meu pai.

AGRADECIMENTOS

À Professora Maria Zilda Ferreira Cury agradeço pela competência, seriedade e entusiasmo com que me orientou neste trabalho e, de modo especial, pela generosa acolhida durante todo o tempo de nossa convivência.

Ao Professor Reinaldo M. Marques, pelas profícuas discussões em sala de aula e valiosas sugestões como examinador na Banca de Qualificação.

À Professora Silvana Maria Pessoa de Oliveira, pelas judiciosas considerações no Exame de Qualificação.

À Academia Mineira de Letras, onde passei muitas horas de pesquisa e de deleite, nas pessoas do Presidente Dr. Vivaldi Moreira, *in memoriam,* do atual presidente Dr.Murilo Badaró e dos funcionários Marília Moura Guilherme, Carmen Elizabeth M. dos Santos e Adão Veriato da Silva.

À Professora Ângela Vaz Leão, que me concedeu uma longa e emocionada conversa sobre o Mestre Frieiro.

Ao Professor Fábio Lucas, que por mais de uma vez compartilhou comigo o seu extraordinário conhecimento sobre *as coi*sas de Minas.

A todos que me concederam preciosa parte de seu tempo conversando sobre Eduardo Frieiro e sua obra, pessoalmente, por telefone e pelo correio eletrônico: Jornalista Humberto Werneck, Professor João Antônio de Paula, Jornalista Danilo Gomes, Professora Virgínia de Moraes Arana, Dra. Carmen Pinheiro de Carvalho, ex-Diretora da Biblioteca Pública Estadual Prof. Luís de Bessa, Cleber Cabral, aluno da Faculdade de Letras/UFMG.

À Professora Alcenir Soares dos Reis e à Bibliotecária Cleide A. Fernandes, pelo apoio amigo em todos os momentos.

Ao Daniel Nogueira Soares, aluno-bolsista da Escola de Ciência da Informação da UFMG, e à amiga Juliana Giosa, que trabalharam na digitação das cartas de Frieiro e na montagem do banco de dados.

À Júlia Lego e Nathália Mendes, pelo projeto gráfico.

Aos meus colegas, professores da Escola de Ciência da Informação da UFMG, pelo incentivo na conclusão deste trabalho, em particular aos membros do Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar – GEBE.

Aos meus familiares, pelo apoio constante.

E, de modo muito especial, às minhas filhas Júlia e Elisa que, a cada dia, reasseguram a minha vontade de seguir em frente.

Agradeço, também, às diversas instituições e aos seus funcionários, onde busquei dados complementares à elaboração da pesquisa, a saber:

- Arquivo Público Mineiro
- Biblioteca Pública Estadual Luís de Bessa – Coleção Mineiriana
- Instituto Cultural Amilcar Martins
- Acervo de Escritores Mineiros – UFMG
- Acervo Curt Lange – UFMG
- Coleção Linhares – Biblioteca Central – UFMG
- Imprensa Oficial de Minas Gerais
- Fundação Casa de Rui Barbosa
- Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
- Academia Brasileira de Letras

Os escafandristas virão
Explorar sua casa
Seu quarto, suas coisas
Sua alma, desvãos
Sábios em vão
Tentarão decifrar
O eco de antigas palavras
Fragmentos de cartas, poemas
Mentiras, retratos
Vestígios de estranha civilização.

Chico Buarque. *Futuros amantes*.

O que aqui ofereço ao leitor é,
em parte, uma invenção minha,
mas uma invenção construída pela
atenta escuta das vozes do passado.

Natalie Z. Davies. *O retorno de Martin Guerre*

Só há dignidade na recriação.
O resto é relatório.

Pedro Nava. *Balão Cativo*.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi traçar o perfil do escritor Eduardo Frieiro (1889-1982), que desempenhou papel significativo na cena cultural mineira dos anos 20 aos anos 70 do século XX. Parte-se do pressuposto que o escritor, homem introvertido e dado ao gosto da auto-análise, constrói uma imagem de si na correspondência que manteve com intelectuais do seu tempo. O exame de um *corpus* epistolar, composto por 652 cópias de cartas enviadas, permitiu identificar um auto-retrato, fragmentado e recorrente, que o pesquisador redesenha na forma de um ensaio biográfico.

Palavras-chave: Eduardo Frieiro, Correspondência, Autobiografia, Biografia.

ABSTRACT

The aim of this study is to write the profile of writer Eduardo Frieiro (1889-1982), who had a significant role in the cultural scene of Minas Gerais in the 1920's and 1970's. The study is grownded on the assumption that the writer, who was an introvert, prone to self-analysis, builds his self-image in the correspondence he had with intellectuals of his age. The analysis of the *corpus* of 652 letters makes it possible to identify the construction of his self-portrait, fragmented and recurrent, that the author redraws as a biographical essay.

Key words: Eduardo Frieiro, Correspondence, Construction of self-portrait, Biography.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	- Academia Brasileira de Letras
AML	- Academia Mineira de Letras
APL	- Academia Pernambucana de Letras
AMLB/FCRB	- Arquivo Museu de Literatura Brasileira/ Fundação Casa de Rui Barbosa
BN	- Biblioteca Nacional
CBL	- Câmara Brasileira do Livro
DOPS	- Departamento de Ordem Política e Social
FaFi/MG	- Faculdade de Filosofia de MinasGerais
FALE/UFMG	- Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais
INL	- Instituto Nacional do Livro
IPM	- Inquérito Polcial Militar
SLMG	- Suplemento Literário do *Minas Gerais*
UNESP	- Universidade Estadual de São Paulo
USP	- Universidade de São Paulo

NORMAS ADOTADAS

1. Optou-se por manter a ortografia original das cartas, corrigindo-se, apenas, erros datilográficos. Em casos de lapsos ortográficos foi usada a expressão *sic* entre parênteses.

2. Adotou-se o uso de colchetes [ ] para as palavras ilegíveis, ou onde parecem faltar letras, com o objetivo de facilitar a compreensão da frase. Do mesmo modo, foram usados para indicar datas com data provável.

3. Foram mantidas, como aparecem nas cartas, as palavras sublinhadas ou entre aspas.

4. A correspondência e os documentos de Eduardo Frieiro aqui citados encontram-se no *Acervo Frieiro* da Academia Mineira de Letras (AML), em Belo Horizonte, MG

5. Na citação de cartas, na íntegra ou em fragmentos, adotou-se o tipo itálico. Para outros tipos de textos citados adotou-se o Times New Roman.

SUMÁRIO

PRÓLOGO **11**

1 INTRODUÇÃO **12**

2 GRAFIAS DA VIDA / GRAFIAS DA IDENTIDADE **19**
2.1 Memória e arquivos literários 19
2.2 Biografia/Autobiografia 22
2.3 Correspondência como ato autobiográfico 43
2.4 A correspondência ativa de Eduardo Frieiro 58

3 UM PERCURSO INTELECTUAL: O QUE DIZEM AS CARTAS **71**
3.1 Os últimos vinte anos 72
3.2 Infância e (cena primeira de) leitura 115
3.3 Juventude e trabalho 128
3.4 Maturidade e escrita 145

4 FORMAS DE EXPRESSÃO: ESCREVER, EDITAR, ENSINAR, MEDIAR **172**
4.1 Romancista 173
4.2 Crítico literário 183
4.3 Ensaísta e bibliógrafo 196
4.4 Editor 223
4.5 Professor 247
4.6 Bibliotecário 257
4.7 Hispanista 264

CONSIDERAÇÕES FINAIS **273**

REFERÊNCIAS **281**

ANEXOS **305**

PRÓLOGO

Cumprindo o último ano de graduação em Biblioteconomia na UFMG, escolhera como tema da monografia de conclusão de curso a biobibliografia de Arduíno Bolivar, poeta, latinista, tradutor, vasta cultura humanística, conterrâneo e assessor do Presidente da República Arthur Bernardes, nos anos vinte. Horas e horas de pesquisa no Arquivo Público Mineiro, outras tantas horas de busca no arquivo particular de sua filha mais velha, minha energia de pesquisadora iniciante já se esgotava quando alguém me disse: -"A biblioteca do escritor Eduardo Frieiro é uma fonte da maior importância para estudar a gente de Minas. Vá lá que ele recebe estudantes".

Cheguei sem avisar – em 1969 não era usual telefonar antes. Atendeu-me à porta um senhor baixo, fisionomia enigmática, entre simpática e severa. Exposto o motivo da minha visita, conduziu-me, sem mais conversa, à sala do apartamento onde seus livros, sua preciosa biblioteca, estavam organizados em estantes de madeira com portas de vidro. Lembro-me que já era quase a hora do almoço e, enquanto eu copiava alguns dados de um artigo de jornal ele, de pé, me olhava, fazendo sabe-se lá qual julgamento sobre aquela pesquisadora neófita. Não demonstrava, contudo, impaciência. Fui embora, satisfeita com os dados conseguidos sobre o meu biografado. Só muito tempo depois vim a entender a importância de Eduardo Frieiro como crítico da cultura de Minas e lamentei a oportunidade perdida de ter, senão dialogado com ele, ao menos ouvido, de viva voz, algum comentário seu sobre o tema que ele conhecia tão bem: a história cultural de Minas, da qual era também personagem.

1. INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

"...Sempre gostei de ler diários íntimos, correspondências e memórias, gosto que se tem acentuado com a idade. Não escreverei as minhas porque não acho nada interessante na minha vida, que foi modesta".[1]

Modesta, se não a vida, longa e produtiva, foi a postura de Eduardo Frieiro diante da vida. Buscando as razões esquivas dos tímidos, fugiu o quanto pôde do reconhecimento público ao seu trabalho de escritor e intelectual. Não se descuidou, porém, por conta daquelas mesmas razões, de ir deixando, ao longo do caminho, mensagens claras ou cifradas que orientassem, depois de sua passagem, algum restaurador de imagens que, por ventura, se incumbisse de desvelar o que ele próprio ocultara.

Pouco mais de vinte anos se passaram desde a sua morte, ocorrida em 1982, e seu espólio de papel permanece praticamente intocado, lá mesmo onde ele quis que estivesse após a sua passagem: numa sala da Academia Mineira de Letras. Lá estão seus livros, os mais preciosos resguardados nas estantes de madeira com portas de vidro, que compunham, desde sempre, a biblioteca na residência do casal Frieiro. A chegada do *Acervo Frieiro* ao seu espaço definitivo, dois meses após a morte do escritor, está documentada nas *Efemérides da Academia Mineira de Letras* (JOSÉ; OLIVEIRA,1999, p.563). Conta o acadêmico Oiliam José que, já no ano anterior, estando Frieiro ainda vivo, o Conselho de Política Financeira da Secretaria da Fazenda de Minas Gerais, durante o governo de Francelino Pereira dos Santos, atendendo à solicitação da Presidência da Academia, liberara, através do Sistema Estadual de Crédito, Financiamento e Investimento, os subsídios necessários à aquisição do valioso acervo. A importância dessa medida, ressalta Oiliam José, é que, o acervo se conserva indiviso, em Minas Gerais, doravante custodiado pela Academia.

Assim é que toda a documentação – livros, correspondência e papéis diversos – reunida e conservada por Eduardo Frieiro durante uma vida de leitor compulsivo e de escritor prolífico passou, das mãos de sua esposa D. Noêmia, à guarda da Academia Mineira de Letras, na sua integridade, tal como ele o havia desejado. Entretanto, embora aberto à consulta de pesquisadores, esse rico acervo continua aguardando tratamento técnico de inventariação e

[1] Carta de Eduardo Frieiro a Soares de Faria, em 01/08/1960.

catalogação. Portanto, não é possível, ainda, avaliar a dimensão desse patrimônio informacional para a pesquisa da história cultural de Minas, no período que vai de meados dos anos vinte ao início da década de oitenta do século que passou.

De qualquer modo, terminando, hoje, a carreira de magistério superior, meu sonho se concretiza: mergulhar no *Acervo Frieiro* e, então, contribuir para maior reconhecimento dessa figura que legou às novas gerações o produto (e os esboços) de quase um século de profícuo trabalho intelectual. Para isso, enfrentei pacientemente as dificuldades que aquele fundo documental não organizado apresentava. Confesso que, em muitos momentos, fui acometida por uma espécie de *vertigem historiográfica*[2] diante daqueles papéis que, num jorro caudaloso de fontes primárias e secundárias, me sugeriam tantas possibilidades de trabalho. Defrontei-me, como todo pesquisador em tal situação, com o problema da necessidade de recorte *do* e *no* objeto de pesquisa escolhido. Assim, na Academia Mineira de Letras, na sala *Acervo Eduardo Frieiro*, passei muitas horas apenas perambulando entre as estantes, folheando, ao acaso, um ou outro livro, descobrindo vestígios de seu modo de ser a partir de suas marcas de leitura[3] e constatando, nas pastas de recortes de jornais e nas fichas de anotações de leituras, a sua obsessão pelo arquivamento. Não foi tempo perdido. O silêncio e a penumbra da grande sala raramente visitada, a forte presença dos livros e documentos, a correspondência ainda guardada nos envelopes, fragilizada pelo tempo e pelo armazenamento inadequado, revelaram-me dois segredos: Frieiro ainda está vivo! Existe um silêncio em torno de Frieiro!

No primeiro caso, está vivo na sua obra, vivo no grande arquivo acumulado ao longo de uma existência, vivo no teatro da memória pessoal quando, cotidianamente, pela compulsão de ler e escrever, era levado a "povoar o mundo de significações novas, geradas por ele mesmo"(CALLIGARIS, 1991, p.49).

Por outro lado, parece-me lamentável, um autor do seu quilate ser tão pouco lembrado. Esse silêncio precisa ser rompido. Isso poderá ser feito por meio de sua própria voz, ou seja,

---

[2] Parafraseando Evaldo Cabral de Mello (2000), designo *boêmia literária* o sentimento que pode acometer os historiadores diante de fontes éditas e inéditas antes da definição do objeto de pesquisa.

[3] Denomino *marcas de leitura* diferentes sinais de posse e de contato com o documento como a forma de encadernar um livro ou um manuscrito, o uso de *ex libris*, as correções de eventuais erros tipográficos nos textos lidos e as notas e comentários à margem do texto, ditas marginálias.

disponibilizando à sociedade seu espólio intelectual, dentro de padrões técnicos da Arquivística Literária e da Biblioteconomia. Outra forma seria solicitar a outros pesquisadores que potencializem o alcance da função enunciativa gerada por seu arquivo através de textos críticos e bibliográficos segundo dispositivos institucionalizados pela cultura da modernidade. Seria esse o caminho para registrar e preservar (a partir de critérios de valor específicos) a trajetória de escritores, como Frieiro, *merecedores* de sobreviver à sua época.

Tudo isso levou-me a esboçar uma biografia de Eduardo Frieiro, tomando, como principal fonte de informação, o conteúdo de sua correspondência ativa, ou seja, as cartas que enviara, ao longo de sua vida, a cerca de trezentos interlocutors diferentes. Parti da hipótese de que, o homem tímido que se autonomeia "um Robinson Literário[4] utiliza-se da interlocução epistolar para edificar sua auto-imagem de intelectual, delegando, outrossim, a um hipotético agente, a tarefa de garantir a sua futura canonização.

Assim sendo, rendi-me a esse desafio, propondo-me uma ação a contrapelo do que sou por formação profissional. Em outras palavras, a bibliotecária que se acercou de um acervo a ser normatizado, começa a praticar, ao contrário, o (des)arquivamento do legado do escritor, embaralhando cartas, recortando mensagens, (re)significando dados cujos sentidos ameaçavam perder-se no tempo. Justifico-me: meu desejo não era apenas arquivar as cartas de Frieiro. Queria, sim, ouvi-lo e também seus interlocutores e, como ouvinte e pretensa relatora, participar com esse grupo de intelectuais das reflexões e discussões que atravessaram grande parte do século XX em Minas e além de Minas. Queria resgatar o Robinson Literário de sua ilha de papel para um lugar mais visível na cena cultural brasileira de hoje. Queria, enfim, fazer por ele, naquele momento, algo próximo, resguardadas as diferenças, ao que ele próprio fez, através da pesquisa bibliográfica e da crítica literária, ao longo de quase cinco décadas, resgatando da desordem de arquivos públicos e tornando possível a leitura de nomes desconhecidos ou esquecidos da história literária mineira.

Neste sentido, o campo aberto pela Literatura Comparada, ao retomar a tradição da interdisciplinaridade (SOUZA; CARVALHAL,1991) ao mesmo tempo preocupada com a gênese textual e a figura do autor, afigurou-se-me como espaço apropriado para a realização

[4] Este é o título de seu depoimento ao projeto de Edgard Cavalheiro publicado no jornal *O Estado de São Paulo* na década de 1940 e posteriormente editado em forma de livro: CAVALHEIRO, E. (Coord.) *Testamento de uma Geração.* Porto Alegre: Livraria Globo, 1944. p.117-24.

do meu projeto. Na vertente da Literatura Comparada, mais especificamente na linha de pesquisa chamada *Literatura, História e Memória Cultural*, percebi inúmeras possibilidades de aplicação de conhecimentos já sistematizados pela Biblioteconomia e pela Arquivística mas, até agora, salvo melhor juízo, pouco compartilhados, ou compartilhados de forma assistemática com outros campos do conhecimento.

Vale lembrar aqui que as metodologias de trabalho centradas nas fontes primárias, são comuns à função biblioteconômica e arquivística e têm sido resgatadas pelos pesquisadores do manuscrito literário utilizado pela crítica genética e pelos estudos biográficos. Entretanto, de sua parte, bibliotecários e arquivistas, sob a alegação de neutralidade e imparcialidade, têm-se mantido isolados no seu labor organizacional de acervos documentais. Com efeito, adotam processos tradicionais de descrição, arranjo e preservação de documentos, pouco explorando nexos e relações que possibilitem a perspectiva transdisciplinar e comparatista que vem iluminando diferentes campos do conhecimento na pós-modernidade, inclusive, ressalte-se, o da arquivística.

Retomando o tema em pauta, estimulada pela possibilidade de desvendar as relações entre escrever cartas e a escrita (auto)biográfica, procurei visualizar e compreender, na correspondência ativa de Frieiro, os processos de criação e arquivamento desses documentos levados a cabo dentro de um projeto de salvaguarda da própria memória, subvertendo a importância que tradicionalmente se dá, na arquivística, isto é, ao processo pretensamente neutro e objetivo de arranjo e descrição de produtos documentais. Procurei, também, tirar proveito da circunstância fortuita de poder ler documentos ainda não classificados (poderia dizer filtrados e, eventualmente, distorcidos?) por outros profissionais acreditando que o contexto subjacente ao texto, as relações de poder que conformam a herança documental dizem tanto, se não mais, ao arquivista da atualidade, que o próprio assunto, que é o conteúdo do texto[5]. Assim, a leitura que fiz da correspondência orientou-se, em grande medida, pelo entendimento de que

> nenhum texto é um mero subproduto, e sim um produto consciente para criar uma *persona* ou servir a um propósito, embora essa consciência, ou *persona,*

[5] Terry Cook, arquivista canadense, no artigo *Arquivos pessoais e institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno* (1998), faz interessante revisão dos princípios tradicionais da arquivística ressaltando a mudança de papel do arquivista pós-moderno, instado a abandonar a pretensão de objetividade e neutralidade para assumir sua responsabilidade histórica e cultural no processo de construção e preservação social e coletiva.

> ou propósito – esse contexto por trás do texto – possa ser transformado, ou perdido, em padrões inconscientes de comportamento social, em discurso institucional e em fórmulas padronizadas de apresentação de informações (COOK, 1998, p. 140, grifo do autor).

E, enfim, posso dizer que nesse trabalho de construção biográfica, valeram-me as aquisições ao longo do meu percurso intelectual e profissional no campo da organização do conhecimento às quais, durante o curso de Doutorado em Estudos Literários, pude superpor, ou entrelaçar, novas informações e reflexões relativas à história dos arquivos literários e ao papel do intelectual no século XX. Explorar e ampliar o sentido e a importância dos acervos pessoais de figuras da nossa história cultural passou a significar, a partir de então, uma possibilidade de aprimoramento e superação das abordagens e técnicas conhecidas de trabalho arquivístico e bibliotecário. Assim, pude inserir meu gesto profissional no espaço mais amplo e mais complexo buscando compreender a criação literária. Entretanto, nesse percurso enfrentei dificuldades e embaraços nem sempre facilmente resolvidos. Na realidade, durante esse tempo, duas perguntas fundamentais ocupavam o meu pensamento à medida que aprofundava o estudo sobre Frieiro: por que Frieiro? E, como falar de Frieiro?

Assim, embora já dispusesse de fundamentos suficientes para justificar a minha opção por estudar Frieiro, encontrados na bibliografia lida *de* e *sobre* o escritor, acolhi os argumentos que auxiliam o posicionamento contra o peso do cânone que ameaça, de exclusão, as literaturas ditas periféricas bem como os autores não canonizados, considerados *menores* em um campo específico. O mesmo pode ser dito em relação às formas e gêneros até então marginalizados. Nesse sentido, foi-me também reconfortante ouvir;[6] de especialistas em cultura literária mineira, que conviveram em diferentes momentos com o biografado, considerações sobre o escritor e sua obra.

Na verdade, tais depoimentos reforçaram a minha escolha, escolha essa efetuada, num primeiro momento, com base no respeito e na identificação intelectual. Contudo, a definição sobre como narrar a vida de Frieiro exigiu, na seqüência, uma discussão sobre questões teórico-metodológicas ligadas à escrita (auto)biográfica e ao gênero epistolar. De tudo o que já foi dito sobre a renovação do gênero biográfico na atualidade, concluí, então, que se pode

[6] Colhi, em encontros pessoais, por telefone, e pelo correio eletrônico os depoimentos da Profa. Dra. Ângela Vaz Leão, da PUC-Minas; do crítico literário e ensaísta Fábio Lucas; do jornalista e escritor Humberto Werneck; do Editor Pedro Paulo Moreira; da ex- diretora da Biblioteca Pública Estadual Prof. Luís de Bessa, Dra. Carmen P. de Carvalho; do livreiro Sr. Amadeu Cocco, entre outros.

2. GRAFIAS DA VIDA / GRAFIAS DA IDENTIDADE

2 GRAFIAS DA VIDA / GRAFIAS DA IDENTIDADE

A escrita autobiográfica revela apenas a impossibilidade de seu próprio desejo; esta escrita, que começa com a pressuposição de auto-conhecimento, termina na criação de uma ficção que cobre as premissas de sua construção. Toda autobiografia é necessariamente ficcional. (Heloisa Buarque de Hollanda. Memorial)

Descrevo uma vida baixa e sem brilho: dá na mesma; é possível achar toda a filosofia moral numa vida popular e privada tanto quanto numa vida feita de matéria mais rica: cada homem leva em si a forma inteira da humana condição.

Montaigne. Essais. Cap. 2, livro III.

2.1 Memória e arquivos literários

As tradições guardam-se em duas espécies de casas, nos lares e nos archivos. Nos lares, pela descendência, as tradições podem reflorescer; nos archivos, ellas se acamam na frieza dos documentos, à espera de ressurreição (Escragnole Doria. As riquezas do archivo. 1929).

A revalorização da biografia e da autobiografia nas últimas décadas é sintoma de uma orientação mais ampla para a problemática da memória. Obsessão comemorativa[7], mal de arquivo[8], angústia da informação, frenesi de memória[9], guerra de memórias[10], abusos da memória[11], ruminante da memória[12] e outras expressões igualmente significativas, inseridas em ensaios e estudos em diferentes contextos disciplinares, são reveladoras da ansiedade do homem do final do século XX que, diante de um futuro incerto, lança uma *âncora temporal* (HUYSSEN,1999, p.19), sustentada pela memória. O olhar coletivo que se lançava na modernidade, em direção a um futuro que se acreditava em progresso, desloca-se, agora, para o passado como *lugar* possível de realização histórica (SEIXAS, 2000, p.55). Qual um Funes,

[7] NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*: L'Ére des commémorations, v.3 . Paris: Gallimard, 1992.
[8] DERRIDA, *Mal de Archivo*; una impresión freudiana, 1997.
[9] MAYER, Arno. Les pièges du souvenir. *Esprit,* n.7 p.45-59, jul. 1993.
[10] ANSART, *História e memória do ressentimento,* 2004, p.32.
[11] TODOROV, Tzvetan. *Les abus de la mémoire.* Paris: Arléa, 1995.
[12] DELEUZE, Gilles. *Nietzsche et la philosophie.* Paris: PUF, Quadrige,1998, p.134.

o memorioso, o homem do terceiro milênio desenvolve fantasias de recordação total no espaço/tempo da cultura hiperbólica da informação digital. Estaríamos vivendo, na percepção de Huyssen, um novo mal-estar da civilização, não mais os sentimentos de culpa e recalque freudianos, mas o efeito de uma sobrecarga informacional e percepcional combinada com a aceleração cultural com que nem a nossa psique nem os nossos sentidos estão bem equipados para lidar (HUYSSEN, 2000).

Há, sem dúvida, um rememorar obsessivo na nossa época, ao mesmo tempo pressão social e pulsão interior. Esta ambivalência não é desconhecida do pesquisador que mergulha nas fontes primárias de um arquivo literário, na esperança de resgatar (que seja) um fio da memória literária nacional. Sabe-se, Nietzsche o dissera, que não há memória sem esquecimento; sabe-se também, pelo pensamento clássico de T. Adorno, que a *fetichização* do passado, convertido em mercadoria, conduz, antes, à amnésia coletiva via indústria cultural que ao recordar transformador; ou, ainda, com Walter Benjamin, que memórias imaginadas diferem de memórias vividas. A relação entre memória e poder, memória e política está, certamente, na base dessas reflexões. "Toda memória, seja ela 'individual', 'coletiva' ou 'histórica' é uma memória *para* qualquer coisa, e não se pode ignorar esta finalidade política (no sentido amplo do termo)"(GERAY, 1996, *apud* SEIXAS, 2001, p.42, grifo do autor). Tanto a história oficial quanto os movimentos sociais de contra-poder da contemporaneidade em favor das minorias investem na reconstrução e apropriação do passado como instrumento privilegiado de ganhos sociais e políticos. A operacionalização de um passado que se quer lembrar, isto é, a preservação da memória voluntária, vale dizer, historicizada, implica, certamente, o controle da materialidade em que a memória se expressa - das relíquias aos monumentos; dos símbolos, datas e comemorações aos arquivos.

Nessa medida, o pesquisador de arquivos pessoais literários, não desconhecendo a função política e utilitária da gestão da memória, vai se deparar com o mesmo jogo de recordação e esquecimento que a historiografia administra para contar a história dos fatos, e que, via de regra, é uma tarefa de risco, sujeita a mistificações, imprecisões e falhas, que ocultam mais do que desvelam. Por outro lado, no arquivo pessoal, construído por um sujeito que é, ao mesmo tempo, emissor e receptor, estaria mais palpável, aos olhos do pesquisador, o esforço de afirmação identitária e de (re)construção das subjetividades que acompanham o *arquivamento do eu*.

Assim, à memória reconstruída, resgatada voluntariamente pela razão historiográfica, juntam-se os sinais fantasmagóricos da memória involuntária, intervalar e carregada de emoções, em *lugares,* às vezes, insuspeitos. Cabe, portanto, à argúcia do pesquisador, identificá-los e decodificá-los. A ele cabe, paradoxalmente, seguir os rumos indicados por Sainte-Beuve para o uso da documentação histórico-literária e, ao mesmo tempo, radicalizar com Proust, contra a memória da inteligência - a memória historicizada - percebendo que é apenas fora dela que o escritor pode apreender alguma coisa de nossas impressões passadas.

Entrar nesses arquivos! Salvar esses arquivos! Eis os dois movimentos iniciais propostos por W. Miranda ao pesquisador de acervos literários no Brasil. Ele escreve:

> Entrar nesses arquivos é deparar-se com um universo de lembranças exteriorizadas, resíduo de um saber em ritmo acelerado de apagamento. Salvar esses arquivos é fazer do resíduo a ponte para a fixação, sob a ótica comparatista, de um *corpus* que possa oferecer respostas mais convincentes à indagação do que é escrever entre nós (MIRANDA, 2003, p.39).

Tem certa razão Pierre Nora quando lamenta que criam-se lugares da memória quando já não há mais memória. Contudo, ainda que feita de lembranças exteriorizadas, associada a mediadores e representações midiáticas, logo sujeita aos riscos da falsificação/má interpretação, da destruição e da fragmentação, a *memória externa* guardada nos arquivos é, potencialmente, carregada de sinais da memória involuntária, "à espera de alguém que possa recitá-los em forma de narrativa, salvando-os do esquecimento" (LIMA, 2000, p.82).

Vale lembrar que o problema antigo e persistente no Brasil e em toda a América Latina é que a disponibilidade dos documentos arquivísticos continua, em grande medida, dependente dos poderes político e econômico. Especialmente sob os governos autoritários esses poderes praticam a cultura da contra-memória, querendo transformar os documentos em *monumentos* estáticos, instalados para a posteridade, ao abrigo de novas e renovadoras leituras.

Por isso, é tão importante que o problema da "obsessão" da memória, exaustivamente discutida por pensadores da atualidade, seja pensada de maneira autônoma pelos estudiosos latino-americanos.[13] No Brasil como em outros países do Extremo Ocidente,[14] onde tudo é

[13] A pesquisadora chilena Ana Pizarro, em entrevista concedida ao Boletim da URMG em 8/12/2005, contesta,

precário, da política às instalações dos arquivos, vive-se ainda um momento de (re)construção da memória coletiva, de resgate da ação demolidora de políticas autoritárias e do apetite xilófago dos insetos tropicais. Assim, para os países latino-americanos, diferentemente dos países *centrais*, a criação e a manutenção de arquivos, bibliotecas, centros de documentação e museus devem levar em conta a idéia de espaços alternativos e de resistência à mercantilização massificadora, à homogeneização do pensamento e da memória. Particularmente em Minas, um vasto patrimônio literário, custodiado por arquivos/bibliotecas públicos e privados, enfrentando toda forma de esquecimento, aguarda tratamento adequado para se tornar estável e democraticamente disponível para responder às diferentes indagações da historiografia e da crítica literária. Daí, o meu encontro, aqui, com Eduardo Frieiro.

2.2 Biografia/Autobiografia

Fontes primárias e pesquisa biográfica

Divulgar o conjunto da obra de Eduardo Frieiro e os documentos do seu arquivo literário, embora representem o seu legado maior, não me parecia, no início deste trabalho, o bastante como iniciativa de preservação de sua memória. Importante, a meu ver, era a construção do seu *retrato falado*. Possivelmente, era o elo que faltava entre o homem e sua obra, ou *o autor menos a sua obra*, na expressão de Barthes, num momento em que, terminada a cerimônia da morte do autor, (inicio da década de 60, do século passado) se reinventava a crítica biográfica diferenciando-a daquela de cunho mais tradicional.

Nesse intuito, o arquivo pessoal de Frieiro, como de qualquer escritor, apresenta-se como *locus* privilegiado de construção da memória pessoal, local e nacional e, portanto, de experimentação (auto)biográfica. O acesso aos bastidores do escritor, às suas identidades retorna, de fato, como valor de pesquisa nas últimas décadas do século XX, valorizado pelas

---

com esse argumento, a crítica do psicanalista inglês Adam Smith que condenara, em revista de circulação nacional, a obsessão pela memória na sociedade contemporânea.

[14] Gosto dessa expressão cunhada, ao que parece, pelo cientista político e embaixador da França no Brasil Alain Rouquié, autor do livro *Extremo Ocidente: uma introdução à América Latina.* São Paulo: Edusp, 1991.

conquistas da assim chamada Crítica Genética. Esta, por sua vez, se utiliza da prática analítica voltada para as fontes primárias.[15]

Com referência a essas fontes, em vários textos voltados para a pesquisa em acervos literários, Maria Zilda F.Cury discute a importância da utilização de manuscritos e rascunhos, marginálias, notas de leitura, cartas, fotos, entre outros, tidos como fontes primárias. Tal material, segundo argumenta, abre novas perspectivas para o estudo científico da literatura e das ciências humanas, auxiliando, seja na caracterização de tendências literárias, seja na localização mais precisa e crítica das obras que compõem o acervo literário e artístico de determinada época. Por conseguinte, deve-se pensar a obra também a partir dos materiais antes desprezados, considerando-se tudo que precede a criação e, até mesmo, o que lhe é posterior (CURY, 1992, p.94). Fonte de alimentação de outras fontes, a chamada fonte primária recusa o sentido pejorativo de *elementar, rudimentar*, para evocar o sentido de *fonte primeira* onde o sentido flui livremente, não está congelado, jorra continuadamente novas configurações. É ponto primeiro mas, ao mesmo tempo, ponto relacional, lançando e deslocando explicações. Dito de outra maneira, o ponto relacional ou em relação sugere movimento à medida que possibilita a abertura explicativa de um texto final, ou de um objeto. Tal abertura possibilita, ao mesmo tempo, a explicação da própria fonte tornada texto (CAMPOS; CURY, 1997). Ou ainda, como Arlette Farge (1989, p.12), ao buscar o conteúdo semântico da expressão fonte, é possível recuperar a idéia de mergulho, por vezes de afogamento, de submersão em busca do ponto de origem, ponto primacial por excelência, aquele que antecede o primeiro.

A revitalização do estudo das fontes primárias constituintes do acervo pessoal de um escritor situa-se no espaço de discussão sobre a redefinição da crítica literária contemporânea, nas últimas décadas do século XX. Em 1988, no 1^{O}. Congresso da ABRALIC, Maria Cecília de Moraes Pinto (1988, p.322) considerava que a crítica genética representava na França, naquele momento

[15] Nos manuais de Biblioteconomia dedicados aos estudos das fontes informacionais classificam-se como fontes primárias (MUELLER, 2000) os documentos no seu formato original, criação, por assim dizer, de primeira mão, que ensejará a construção de outros repertórios de conhecimento, de caráter secundário e terciário. Citando Grogan, Mueller comenta que as fontes primárias são difíceis de ser identificadas e localizadas e que as fontes secundárias têm a função de facilitar o uso do conhecimento disperso naquelas fontes. As fontes secundárias apresentam a informação filtrada e organizada a partir de um arranjo previamente definido. São representadas pelas enciclopédias, dicionários, manuais, revisões de literatura, tratados, livros-texto, entre outros. As fontes terciárias, por sua vez, têm a função de guiar o usuário para as fontes primárias e secundárias e são representadas pelas bibliografias, serviços de indexação e resumos, catálogos coletivos e guias de literatura.

> [...] a vanguarda da reflexão teórica e do tratamento textual da literatura, erguendo-se dos escombros de um estruturalismo anquilosado, serve-se, entretanto, em sua visão dinâmica da obra, do rigor desse último e projeta-se no espaço/tempo até atingir, por paradoxal que pareça, a estética da recepção. Em sua evolução, a pesquisa, sempre enraizada na gênese material do texto (plano, rascunho, manuscrito), abriu-se a várias sugestões, de ordem histórica, psicológica, lingüística, cultural. Por outro lado, prolongou a linha da erudição filológica que presidiu e ainda preside a maior parte das edições críticas, e criou, como contribuição sua um novo modo de encarar as relações entre produção, gênese e acabamento do objeto literário.

No que se refere à pesquisa em arquivos literários, voltada para a construção biográfica, Eneida M. de Souza lembra que a crítica genética busca a origem do texto e de todo o processo que o acompanha, incluindo a vida, as manias e o ambiente de trabalho do escritor. Em sua opinião, essa corrente contrapõe-se àquela que considerava o estudo da figura do autor prejudicial à análise de suas obras, pois era associada, predominantemente, a fatos biográficos. "Hoje, no espaço dos Estudos Literários, há um retorno a esse tipo de estudo, mas não se trata de 'colar' o texto à vida do autor, e sim torná-lo personagem da construção de seus textos", assinala a autora (SOUZA, 2000, p.4). Nesse sentido, as diferentes possibilidades de trânsito mais livre entre o fato e a ficção também devem ser ressaltados. Esse movimento desvela, ao mesmo tempo, o poder ficcional da teoria e a força teórica da ficção. Sob essa perspectiva, o sujeito teórico que assume um projeto biográfico pode se envolver com seu objeto de análise de formas antes impensáveis pela postura mais objetiva da pesquisa tradicional. A valorização da região de sombra que se instala nos intervalos e interstícios da vida e da obra do escritor, contrapõe-se ao uso disciplinado das fontes em busca da, assim chamada, verdade documentalmente comprovada do biografado. Esse método, é preciso repetir, não está de todo esquecido e continua sendo praticado em zonas mais conservadoras da crítica biográfica e da crítica historiográfica (SOUZA, 2002).

A disposição da crítica em direção à subjetividade, abandonando as análises totalizantes, é aceita, do mesmo modo por Cury (1993), ao ressaltar que, na contemporaneidade, a atividade crítica assimila o acaso, o lugar de seu sujeito e suas diferentes mediações. Nesse sentido, a crítica vê-se na contingência de redefinir-se enquanto discurso plural, que entra na diversidade dos jogos de linguagem, desmistificando-se a si mesma como discurso único de legitimação do saber. A tensão entre o prototexto implícito no manuscrito e na correspondência e o texto final, ainda na reflexão de Cury, é produtiva no sentido de dessacralizar a figura do agente produtor e do texto acabado como original e intocável. Essas articulações implicam remanejamento da cultura e restauram "a possibilidade de uma re-escritura da historiografia

literária, a ela incorporando a dimensão de uma história da leitura trazida com o discurso da estética da recepção" (CURY, 1993, p.81), recuperando, inclusive, os modos de leitura de determinadas épocas. Aqui, também, ressalto o lugar preferencial da pesquisa com as fontes primárias, instrumentos para "a recuperação do quotidiano, do indivíduo e seus embates com a cultura e com seu grupo social"(CURY, 1993, p.81).

No que diz respeito ao autor em pauta, além das cartas, enviadas e recebidas, Eduardo Frieiro acumulou, em seu arquivo, um montante significativo de documentos originais, considerados fontes primárias, que merece a atenção, e o *mergulho*, de outros pesquisadores. Refiro-me aos manuscritos de seus livros publicados, alguns cuidadosamente encadernados; rascunhos de entrevistas que ele só se dispunha a dar sob condições previamente negociadas; cerca de setecentas fichas de anotações de leituras, sobretudo de autores mineiros pouco conhecidos, do início do século XX, além de sua correspondência ativa e passiva.

Assim sendo, o caminho metodológico que escolhi para desenvolver esta tese situa-se na linha da pesquisa biográfica, estabelecendo uma composição híbrida entre a biografia e a autobiografia. Em outras palavras, o que pretendo é recuperar, de um *corpus* epistolar selecionado, o percurso de rememoração e de prospecção de uma vida, inserido numa correspondência ativa, arquivada pelo próprio sujeito que escreve as cartas. Nesse processo, como autor do presente trabalho, torno-me o sujeito teórico, ou seja, aquele que pratica uma biografia uma vez que seleciona a figura histórico-literária que quer narrar e lê, criticamente, os escritos (a correspondência) do outro, atribuindo-lhes um cunho autobiográfico. Também são do sujeito teórico os recortes na curva integral deste destino específico, bem como as análises e interpretações que arrisca a fazer acerca do mesmo indivíduo e de seu contexto histórico. Mas é à voz, e aos silêncios do biografado, flagrados nas linhas e entrelinhas das cartas, que se abre o maior espaço neste texto em construção. São do biografado os trechos que se transcrevem ao longo das páginas, puxando ele próprio, num movimento autobiográfico, o fio que desenrola a trama de sua vida. Enfim, a biografia busca uma síntese, que é necessária para que o indivíduo narrado por outro pareça verossímil. Daí, a necessidade de se ter, ao alcance da mão, um quadro cronológico que ateste que a trajetória contada, em idas e vindas, teve, de fato, começo, meio e fim. Já a autobiografia despreza, amiúde, a noção de tempo histórico e caminha por um espaço-tempo psicológico. A mente adulta que rememora o passado e planeja o futuro transita sem obstáculos entre o ontem e o amanhã, precariamente presa à realidade do hoje. A linha do tempo não se fecha e a escrita da

autobiografia expressa, em si mesma, alheia à preocupação com a veracidade, a vitória da vida sobre a morte.

Afinal, todas essas questões relativas ao trabalho com fontes primárias remetem à questão do cânone. Hoje visto com desconfiança como expressão da elite social e, em conseqüência, como instrumento de exclusão das literaturas ditas periféricas, o cânone literário tem, como se sabe, suas raízes na antiguidade. Foi criado, então, para superar as limitações da memória humana e salvar do esquecimento os autores considerados modelos. A existência de um cânone fechado a outras culturas e a novos autores dá lugar, em contrapartida, à tendência recentemente observada nas letras de países do Terceiro Mundo, da *escrita contra o cânone* (KOHUT, 2006), do registro como forma de resistência, tanto de autores não canonizados, ou marginais, como de formas e gêneros antes menosprezados pela dita alta cultura.

É justamente na linha da resistência em que me situo, ao abrir a correspondência inédita de um escritor que se sentia duplamente periférico – imigrante no Brasil, periferia do mundo ocidental, especificamente de Minas, periferia da Capital Federal. Pois bem, nessa correspondência flagrei o retrato de um intelectual que atravessou, sem alarde, o século XX. Arrombadora da privacidade alheia ou guardiã da memória nacional é o que senti ao pesquisar o arquivos literário de Frieiro.[16] O gesto de forçar a abertura de gavetas emperradas e envelopes semilacrados pode ser visto como metáfora de minha luta contra o cânone, propondo ao conhecimento e à apreciação dos contemporâneos, um autor quase esquecido.
Antes, porém, de penetrar no arquivo pessoal de Eduardo Frieiro e dar início à abertura de sua correspondência com pretensão hermenêutica (LEVI, 1996, p.178), parece-me necessário repensar a questão desse gênero que retoma a palavra da memória como denominação, a autobiografia.

[16] Maria Helena Werneck no livro *O homem encadernado; Machado de Assis na escrita das biografias* usa o subtítulo *O biógrafo diante dos arquivos: arrombador ou guardião,* recorrendo, por sua vez, à expressão usada por Janet Malcolm no livro *A mulher calada, 1995.*

A construção autobiográfica

É comum, nos estudos sobre a autobiografia, afirmar que o escrito de cunho autobiográfico é um fenômeno histórico e culturalmente datado, produto específico da modernidade ocidental[17] relacionado à nova idéia de indivíduo autônomo, ser humano singular. Nesse sentido, dizer algo de si mesmo, ou antes, se inventar para si mesmo e para os outros – ponto de partida para a construção autobiográfica – seria, com efeito, impensável sem a noção de individualidade. Tal noção adveio apenas quando o homem renascentista superou, interna e externamente, as formas comunitárias das sociedades medievais que conformavam as formas de vida, a atividade produtiva e os traços de caráter dentro de unidades niveladoras (SIMMEL,1998). Um processo continuado de reestruturação específica das relações humanas vai culminar no século XVIII, com a subversão profunda da imagem que o homem tinha de si próprio e do mundo, possibilitando o desenvolvimento da liberdade pessoal, da singularidade própria de cada um e da auto-responsabilidade. Assim, embora seja possível identificar, na cultura greco-romana, textos de natureza próxima à *escrita do eu* da era moderna e tenha, nas *Confissões* de Agostinho, uma referência recorrente, o relato autobiográfico como auto-interpretação de uma história pessoal vai se legitimar como expressão possível do homem moderno, pronto para exigir para si um espaço privado e para exercer um de seus direitos fundamentais como ser racional: a liberdade de optar e escolher. Ao se tornar capaz de romper com as condições de seu nascimento, não mais instituídas como fatalidade, o homem moderno adquire uma visão crítica da realidade, das instituições sociais e, em conseqüência, passa a perceber seu lugar no mundo. Tal distanciamento crítico é que lhe dá, pois, a consciência de sua própria individualidade, de ser marcado pela constituição de algo que lhe é interior, privado e próprio. Inventa-se, então, o mundo da intimidade, desconhecido nas épocas anteriores.

O surgimento da psicanálise no início do século XX e sua divulgação ao longo do mesmo século teve, certamente, grande influência na escrita do eu, tanto do ponto de vista do enunciador como do crítico, sugerindo que os fatos exteriores se relativizam diante dos valores do subconsciente no desenvolvimento da vida humana. Dessa forma ela propiciou ao indivíduo um trabalho de autopercepção ao mergulhar em si mesmo. Aceitar a existência de outra pessoa em nós mesmos, sob a forma do inconsciente, será fundamental para que o

indivíduo perceba a diferença entre o seu eu mais íntimo e o personagem social que ele representa diante da coletividade.

Além disso, a psicanálise veio libertar as escritas da vida da prisão da narrativa cronológica linear que, pretensamente, garante fidelidade à verdade. Segundo Sturrock, citado por Eaking (1984, p.167), uma história de vida que segue a ordem cronológica é, ao contrário, uma integração falsificada de acontecimentos fortuitos que desvirtuam, por assim dizer, a cronologia dos estados mentais do autobiografado, o qual, por sua vez, faz conexões diferentes das percebidas (e tentadas) pela consciência racional, causal e cronológica.

Portanto, é assim, no espaço de posicionamento do sujeito diante de si mesmo (e do outro), enfrentando todo o tempo o problema da referenciação do eu que a autobiografia se institui como gênero controverso, híbrido, de perfil mutante e pouco definido. Situada na fronteira entre a História e a Literatura, combina memória, prospecções, reflexões e sentimentos, entremeando fato e ficção. É desse entre-lugar, entre o peso da veracidade documental e a fluidez do vivido recriado pela memória que a escrita autobiográfica solicita a revisão das posições mais significativas relativas ao seu estatuto teórico. Nessas circunstâncias pergunto: Pode-se falar em gênero autobiográfico? O que caracteriza a escrita autobiográfica? O que é ato autobiográfico?

O arquivamento do eu

Como já mencionei anteriormente, a intencionalidade autobiográfica está subjacente ao ato corriqueiro e cotidiano do homem contemporâneo de guardar papéis ordinários da vida social, de colecionar fotografias de família, de conservar objetos pessoais fora de uso, de organizar a correspondência de uma vida inteira e, no caso do escritor, de preservar os rastros de sua criação literária[18].

---

[17] GUSDORF, G. *La découverte de soi*. Paris, Presses Universitaire de France, 1948. Também Georges May, *L'Autobiographie,* 1979 e Maurizio Catani, *La question de l'autre* [s.d.] vêem a autobiografia como fenômeno tipicamente ocidental.

[18] Cf. ARTIÈRES, 1998, p. 9-34; MARQUES, 2003, p. 141-156.

Sem dúvida, se desde a antiguidade greco-romana já se atribuía aos carnês de anotações pessoais *(hypomnêmatas*) e às cartas a função de exercício pessoal de conhecimento de si, segundo estudo de Michel Foucault[19], a partir do século das luzes, o homem ocidental começa a desenvolver uma relação nova e significativa com seus documentos pessoais. O nome próprio (*designador rígido*[20] de uma identidade social, não obstante as mudanças e flutuações biológicas e sociais vividas pelo indivíduo), a individualidade biológica (reconhecida pelo retrato) e a assinatura (registro oficial e intransferível de identidade) oferecem ao homem moderno, há muito descrente da promessa de eternidade implícita na tradição religiosa, outra ilusão de permanência e durabilidade, para usar os mesmos termos com que o arquivista pensa o problema da conservação intrínseca e extrínseca de seus documentos especiais. Das cartas, diários, fotografias, às *homepages* e *blogs* atuais, variados têm sido os suportes materiais para o colecionamento das memórias individuais na imperiosa vontade de construir a si mesmo, uma maneira, segundo Artières, de contrapor a imagem íntima de si próprio à imagem social.

Desde o século XIX, pois, o homem comum aprende a arquivar seus papéis para garantir uma identidade social e inscrever-se na normalidade civil: anormal é o sem-documentos! Perigoso é o que escapa ao controle gráfico!, observa mais uma vez Artières ressaltando a função dos arquivos, a partir dos idos de 1800, nos processos de integração e exclusão social. Nesse sentido, na contemporaneidade, subversivos foram os *sem lenço e sem documento* da resistência à ditadura militar dos anos 60/70, bem como como indesejáveis são, hoje, os *sans-papier*, os imigrantes ilegais no mundo globalizado, lembrados por Derrida (2004, p.14) no duplo sentido da palavra *papel*: documentos legais de identificação e um lugar na sociedade.

---

[19] Em *L'Écriture de soi,* 1983, Michel Foucault discorre sobre os modos de escrever sobre si mesmo, a escrita do eu, a partir de textos da cultura greco-romana dos dois primeiros séculos do Império. Tal escrita, exemplificada no *Vita Antonii*, de Atanásio, forma de notação das ações e dos pensamentos do asceta aparece como um exercício ou uma arma no combate espiritual contra o pecado. Um dos textos mais antigos da literatura cristã, *Vita Antonii* na observação de Foucault, não apresenta todos os significados e formas que a chamada escrita do eu apresentará na era moderna, mas conserva, por outro lado, vários traços que permitem analisar retrospectivamente o papel da escrita na cultura filosófica do eu imediatamente anterior ao cristianismo, elementos que já se encontram em Plutarco e em Marco Aurélio e, de modo especial, em Sêneca. "É preciso ler", exorta este em *Cartas a Lucilius*, 'mas também escrever". Duas formas de escrita, já conhecidas e utilizadas para outros fins, serão reconhecidas, no período em questão, pelo seu papel de "treinamento de si para si" ou escrita como exercício pessoal.: as *hypomnêmatas* – livros de apontamentos, cadernos de anotações pessoais que serviam como memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas, algo como um tesouro acumulado para a releitura e a meditação posteriores – e a *correspondência*, texto em princípio destinado ao outro mas que abre espaço, do mesmo modo que as *hypomnêmatas,* aos movimentos interiores de quem escreve.

[20] Termo cunhado por S. Kripke em *La logique des noms propres*, 1982, *apud* BOURDIEU, *A ilusão biográfica,* 1996, p. 186.

De sua parte, o homem de letras vem agregando, ao mesmo gesto de arquivar seus papéis, uma clara intenção autobiográfica, evidenciada pela prática mais elaborada dos procedimentos de seleção, classificação e organização dos testemunhos documentais de sua vida. O arquivo pessoal adquire, assim, a dupla função: de construção de si mesmo e de afirmação de um papel social. A primeira se dá pela resistência ao apagamento das fontes e referências de uma vida; a segunda, pela materialização de seu capital intelectual.

Resistir ao esmorecimento da memória pessoal! Querer ser lembrado e, ao mesmo tempo, controlar a maneira como se quer ser lembrado! Ocupar-se, enfim, dos *funerais futuros*, na expressão de Sartre. Não por acaso, as formas celebrativas em voga desde o final do século XVIII – biografias e autobiografias, necrológios (Frieiro despenderá muito espaço de suas cartas comentando seu necrológio *antecipado*), visitas à casa do escritor – figuram entre os rituais de autentificação e de consagração da imagem de um autor, presas ainda, de certa forma, à poética do elogio e ao padrão clássico da exemplaridade. Pela mesma época, a institucionalização do ambiente literário e a expansão da República das Letras, processo pelo qual se inventa lenta, difícil e dolorosamente, em lutas e rivalidades incessantes um capital literário (CASANOVA, 2006) exigem a criação e a difusão de uma imagem pública do escritor. É preciso, a partir de então, que o escritor se preocupe em exibir-se como artista e prestar contas de si à opinião pública, numa espécie de competição pelo ideal de individualização, na difícil tarefa de *aparecer* em sociedade. Da mesma forma, cabe à crítica, referenciar e classificar a produção do escritor moderno não apenas na imprensa, onde se multiplicam as rubricas literárias, as biobibliografias, como também nas Academias. Era moda divulgar as correspondências de escritores e intelectuais para satisfação de uma certa *curiosidade fetichista,* ávida por desvelar o *homem* no homem célebre, na expressão de Bonnet (1985).

Vale lembrar aqui que os enfoques estruturalistas que vigoraram em diversos campos no passado recente criticaram, severamente, a forma de narrar trajetórias singulares que davam mais peso à cronologia e às idiossincrasias pessoais de *grandes homens* que às estruturas e às relações sociais. Mas, nas últimas décadas do século XX ocorre o que se convencionou chamar de *retorno*[21] do gênero biográfico, com aumento significativo de trabalhos (livros,

[21] Para a historiadora Vavy P. Borges (2001, p.288) o *retorno* do gênero biográfico é uma circunstância mais próxima da cultura francesa, a partir de 1970, já que, no mundo anglo-saxão, a biografia sempre foi acolhida pela história como tema de valor científico. Contardo Calligaris (1991) oferece uma explicação para essa

filmes, séries de televisão) que recuperam não apenas a vida de grandes figuras de todos os tempos mas também de anônimos ou figuras ditas menores. Esse momento de abertura teórica e de flexibilização das fronteiras disciplinares, ainda agora em transcurso, trouxe, para a construção da biografia literária, tanto quanto para a biografia histórica, a possibilidade (e o desafio) de uso de práticas discursivas *extrínsecas* aos campos de origem, promovendo "um alto grau de interligação dos discursos e da contaminação dos mesmos entre si" (SOUZA, 2002, p.113).

Assim, figuram nas biografias discursos emprestados da teoria literária, da história, da semiologia, da antropologia e da psicanálise. A *literalização* do relato biográfico, que Madélenat (1984) situa a partir do século XVIII, na sua história da biografia, ganha abordagens mais sutis na atualidade abrindo-se espaço para maior exercício de *ficcionalização*, conjugando-se teoria e ficção, documento e literatura, "nos interstícios criados pelo jogo ambivalente da arte e do referente biográfico" (SOUZA, 2002, 119).

A ilusão biográfica

Bourdieu desconfiava do gênero biográfico. Para ele, a "propensão a tornar-se o ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência" (BOURDIEU, 1996 a, p.185) conduz a uma criação artificial de sentido já que o real é descontínuo, fugaz e aleatório, embora certos mecanismos sociais favoreçam ou autorizem a experiência comum da vida como unidade e como totalidade. O conceito de *ilusão biográfica* criado por ele em 1982, tornou-se referência obrigatória para os pesquisadores do tema e, certamente, contribuiu para arejar, metodologicamente, os inúmeros trabalhos de crítica elaborados e publicados nas últimas décadas, na esteira da preocupação contemporânea de revitalização da memória. A meu ver, a crítica incisiva de Bourdieu refere-se menos ao ato de falar de si para si mesmo e

---

tendência ao comentar a valorização do ato biográfico (entendido como qualquer produção autobiográfica, seja na perspectiva espiritual, laica ou clínica), pela cultura norte-americana como ação capaz de mudar diretamente a vida do sujeito. Segundo Calligaris, se a tradição anglo-saxã, incluindo a americana, é provavelmente a mais rica em atos autobiográficos é porque ela é, na Europa, a mais precocemente individualista, e os Estados Unidos se tornaram, antes mesmo de existirem como nação – e pela especificidade do sonho que os constituiu-, o berço da modernidade ocidental.

para os outros, pois em seu último trabalho[22] ele próprio faz uma auto-análise, reconstruindo-se como ser social. Na verdade sua crítica refere-se sobretudo ao tipo de narrativa em que uma vida é reconstruída com uma falsa coerência, numa sucessão linear de eventos interligados, ao largo das descontinuidades e acasos que pontuam, de fato, a vida de qualquer pessoa.

Há, certamente, riscos implícitos nesse discurso narrativo cuja peculiaridade é ter o eu como sujeito e como objeto. Como falar de si objetivando entender sua própria trajetória real sem se perder na linha tênue entre verdade /mentira? Como dissociar o eu que fala da personagem sobre a qual se fala? Autobiografias e outras formas correlatas (diários, diários íntimos, memórias, confissões, correspondências), embora guardem características e intencionalidades específicas, têm, em comum justamente o fato de abrigar, na sua estrutura formal, um espaço autobiográfico. Em outras palavras elas constituem um lugar no qual o sujeito postula, para poder narrar sua história, uma relação de semelhança entre o eu que viveu e o que hoje escreve (CATELLI,1991, p.11). O próprio Bourdieu afirma, em determinado momento de sua obra, que a necessidade essencial do ser humano é se justificar diante do mundo. Sem o outro, o indivíduo não existe. Impressão semelhante encontro numa carta de Frieiro ao escritor Nelson Lustosa Cabral em 3/11/1963: "Dizia Renan, nos *Souvenirs d'enfance* [...] que tudo o que cada um diz de si é sempre poesia. Escrevem-se *souvenirs* para transmitir a outros a teoria do universo que cada um traz consigo".

Não é surpreendente, pois, que do homem letrado ao homem comum, para responder a necessidades de confissão (Quem sou eu?), de justificação (Que fiz eu?) ou de invenção de um sentido para uma existência (Como cheguei a ser o que sou?), os escritos da intimidade continuem a ser postos à luz.

Auto / bio / grafia: identidade, vida, escrita

Chega a ser quase um consenso entre os pesquisadores contemporâneos afirmar que as *Confissões* de Rousseau, inauguram o gênero autobiográfico, para o qual sequer havia um

[22] BOURDIEU, P. *Esquisse pour une auto-analyse*. Paris: Raison d'Agir, 2004.No Brasil foi publicado pela Companhia das Letras em 2005 com o título de *Esboço de auto-análise*.

nome na época desse filósofo suíço. Com efeito, o próprio termo *autobiografia* só entrou em circulação no início do século XIX, exatamente na esteira do grande número de obras escritas sob sua influência (MARQUES, 2004). A rigor, o termo autobiografia surgiu em 1779, em alemão (Autobiographie); em 1809, em inglês (autobiography) e teria permitido "o agrupamento de certos textos e a classificação destes sob um gênero literário"[23]. Um interessante texto de 1799, comentado por Nora Catelli, dá uma idéia sobre o status literário da autobiografia nos primeiros tempos do romantismo, época em que os irmãos Schlegel publicam um artigo sobre o *novo* gênero na revista *Athenäum*. Eis um trecho desse artigo, tal como aparece citado em *El espacio autobiográfico*:

> Las autobiografias puras son escritas o por enfermos nerviosos, siempre prisioneros de su yo (entre los quales se encuentra Rousseau), o por un artista o aventurero de inveterado egocentrismo, como el de Benvenuto Cellini, o por los historiadores natos, para los que no constituyen sino documentos, o por mujeres dispuestas a coquetear hasta con la posteridad, o por espíritos meticulosos que, antes de su muerte, desean poner orden al menor desarreglo y no se permiten abandonar este mundo sin las explicaciones pertinentes, o por simples *pladoyers*, sin más. Una clase importante de los autobiógrafos es la de los autopseustos (CATELLI, 1991, p.9).

Autopseustos, informa Catelli, quer dizer "aquele que mente para si mesmo", neologismo inventado pelos Schlegel mas que logo caiu no esquecimento. De qualquer modo, essa classificação curiosa organiza as autobiografias em duas classes opostas: a dos que narram a verdade, ainda que neurótica, histérica ou obsessivamente; e a dos que elaboram uma mentira para si mesmos e/ou para os outros. A questão da veracidade, como focalizarei mais adiante, será recorrente nos estudos que se seguiram sobre a autobiografia.

Voltando à criação do termo autobiografia, na França, vai aparecer dicionarizado em 1886[24] sendo adotado como sinônimo do termo *mémoires* sobre o qual apresentava vantagens como o de poder ser utilizado no singular sem mudança de sentido e de permitir a derivação de adjetivos (MELLID-FRANCO, 2006). Por menos importância que venha a ter tal detalhamento cronológico para a compreensão do tema (e não obstante certa contradição entre as fontes consultadas), ele informa, ao menos, a especificidade desse tipo de escrita e sua inscrição como objeto de investigação pela crítica literária a partir do século XIX.

---

[23] DOMINIQUE, Marie. *Création littéraire et autobiographie*: Rousseau, Sartre. Collection Littérature Vivante, 1994, *apud* DAMIÃO, 2003, p.25.
[24] Encyclopédie Larousse . Paris, 1886.

Em que pese o emprego, já agora antigo, do termo autobiografia, são os textos de Georges Gusdorf (1948, 1951, 1956) que inauguram o estudo teórico sobre a questão. Em *La découverte de soi,* Gusdorf, [25] trabalha com a decomposição do vocábulo em suas três raízes – auto/bio/grafia –, de maneira a ressaltar a relação complexa de união e separação, entre identidade, vida e escrita. Assim em *auto*, o eu consciente de si mesmo, o sujeito complexo que se elabora ao longo de uma existência singular e autônoma; *bio* é o percurso vital, as modificações e, ao mesmo tempo, a continuidade dessa identidade singular; *grafia* marca a possibilidade de se (re)constituir, pela escrita, a própria vida. A escrita permitiria, portanto, a (re)construção duradoura de si, de modo crítico e reflexivo, a partir do lugar único que o sujeito-escritor ocupa no mundo.

Parece-me possível, ainda, pensar a *auto/bio/grafia* como um movimento instável, que pode se efetivar em dois sentidos: da própria vida rumo à *grafia* ou da *grafia* rumo à vida. Mas, é justamente a relação com a realidade, a *porção* de veracidade e de realidade sob a qual a escrita autobiográfica se sustenta (CATELLI, 1991, p.19), entre a vida vivida e a vida recriada, entre fato e ficção, que traz embaraços para a sua caracterização como gênero. Se, com Goethe[26] e Proust, se aceita que todo texto literário comporta uma carga autobiográfica (e a *Recherche* proustiana pode ser vista como o exemplo mais refinado da estética que explora a indeterminação dos limites entre escrita e vida), essa mesma dificuldade conceitual conduz ao que se chamou de paradoxo da autobiografia. Tal indecisão se dá no centro da tensão entre a transparência referencial e a pesquisa estética. Nesse sentido, os textos autobiográficos podem se situar num extenso quadro gradativo, que vai da insipidez do *curriculum vitae* à complexa elaboração formal da pura poesia (LEJEUNE, 1983).

Starobinski e Lejeune, mesmo sem negarem a possibilidade de a autobiografia assimilar, em alguma medida, técnicas e procedimentos estilísticos próprios da ficção, se esforçaram para demarcar algum tipo de especificidade que a caracterizasse como gênero, seja histórica, existencial, seja documental e contratual.

Afinal, o que é, a autobiografia? Qual é a essência da escrita autobiográfica?

---

[25] GUSDORF, G. *La découverte de soi*. Paris: Presses Universitaire de France, 1948.
GUSDORF, G. Conditions and limits of autobiography. In: OLNEY, J. *Autobiography*: essays theoretical and critical. Princeton: Princeton University Press, 1980.

[26] Goethe, em *Poesia e Verdade*, afirma que a arte e a filosofia podem ser consideradas fragmentos de uma enorme confissão *apud* Catelli, 1991, p.11.

Gusdorf em sua obra *Conditions et limites de l'autobiographie* (1956), inspirador de Lejeune, distingue três questões centrais:
a) a questão do *estilo* da escrita, que envolve o emprego do *eu* e, diversamente da ficção, deve provocar, no leitor, profunda impressão de verossimilhança, logo o texto será lido como uma verdadeira descrição escrita pelo próprio retratado;

b) a questão do *destinatário,* ou seja, a afirmação do eu diante do outro;
c) a questão da *verdade.*

Starobinski (1970) reforça a centralidade da questão do estilo na problemática do gênero apontada por Gusdorf. O estilo define-se pela maneira própria que cada autobiografia satisfaz às condições gerais de ordem ética e relacional, ou seja, na narração verídica do percurso de uma vida. Starobinski evita falar de um estilo ou de uma forma autobiográfica específicos, deixando ao autor o cuidado de estabelecer sua modalidade de estilo particular: o tom, o ritmo, os desdobramentos. Para Starobinski, toda autobiografia é uma auto-interpretação, já que o sujeito que escreve sobre seu passado, o faz com a consciência do hoje. O passado não pode ser evocado senão a partir do presente, da auto-referência atual. A relação tensional do tempo do fato rememorado com o tempo da escrita, é um obstáculo à reprodução fiel dos acontecimentos, isto é, ameaça a verdade dos fatos mas, paradoxalmente, garante a sinceridade de quem escreve no seu modo singular de elocução. Ao mesmo tempo, a importância da experiência a ser narrada se legitima pela oportunidade de ser oferecida ao outro. É a presença do outro que reitera a função de sujeito do eu.

Quanto à problemática do destinatário, é exemplificada por Starobinski com as *Confissões* de Agostinho, autor que se dirige a Deus, seu destinatário primeiro, na intenção de edificar os homens, seus leitores, destinatários secundários.

No caso particular da correspondência de Eduardo Frieiro, o primeiro destinatário de suas digressões é o dono do nome a quem endereça a carta e a quem evoca, na abertura do texto epistolar. Em contrapartida, o próprio ritual do arquivamento das cópias, após postados os originais, e as correções e alterações inseridas em datas posteriores, sugerem que o escritor mineiro não fazia, propriamente, confidências a interlocutores escolhidos. Na verdade, mirava, também (ou passa a mirar a partir de determinado momento de sua vida), o futuro leitor de sua correspondência quando (e se) publicada.

Voltando a Starobinski, ele levanta, ainda, o problema da motivação, como indicador do tipo de enunciação do texto autobiográfico. Uma transformação interior do indivíduo – uma revelação como a de São Paulo, uma conversão como a de Santo Agostinho, ou o início de uma nova vida (histórias de imigrantes) ou, ainda, o balanço final de uma existência – motiva fortemente a escrita autobiográfica, fornecendo matéria para um discurso narrativo, que tem o eu como sujeito e como objeto. Mas se ao contrário, a existência do narrador não foi afetada em profundidade, somente os acontecimentos exteriores serão objeto do seu relato.

A tentativa e as dificuldades de definir, com clareza, o conceito de autobiografia, aparecem nos trabalhos sucessivos de Lejeune[27]. O autor reconsidera e aperfeiçoa certos aspectos de sua teoria, a partir da própria definição do conceito: "Récit rétrospectif en prose, qu'une personne réelle fait de sa propre existence, lorsqu'elle met l'accent sur sa vie individuelle, en particulier sur l'histoire de sa personalité" [28]. A partir dessa definição, formulada em 1973, pretendia o autor lançar uma desconstrução analítica dos fatores que entram na percepção do gênero.

Os elementos em jogo nessa definição pertencem a quatro categorias diferentes:

1. forma de linguagem: relato em prosa;
2. tema tratado: vida individual, história de uma personalidade;
3. situação do autor: correspondência entre a identidade do autor (pessoal real) e do narrador;
4. posição do narrador: correspondência entre a identidade do narrador e do personagem principal, perspectiva retrospectiva do relato.

Afinal, para Lejeune, é autobiografia toda obra que cumpra cada uma das condições indicadas nas distintas categorias acima citadas. Por comparação, alguns gêneros vizinhos à autobiografia não se definiriam autobiografias por não cumprir alguns dos requisitos impostos. Encontram-se nessa situação, os seguintes gêneros:

- Memórias – não se estabelecem como história de uma personalidade. O autor não é a figura central do texto; ele aparece como testemunha de acontecimentos do passado, dos quais hoje é o cronista.

[27] L'Autobiographie en France (1971), Le Pacte Autobiographique (1973), Je est un autre (1980) e Moi Aussi (1986).
[28] LEJEUNE, P.Le pacte autobiographique.1973. Relato retrospectivo, em prosa, que uma pessoa real faz de sua própria existência, pondo em destaque sua vida individual, em particular, a história de sua personalidade. (Tradução da autora)

- Novela pessoal – inexistência de identidade entre autor e narrador.
- Biografia - não há identidade entre autor/ narrador e o personagem principal. O biógrafo narra o outro.
- Diário – escrita fragmentada, produção do dia-a-dia. Além disso, não há um destinatário explícito, que poderia atuar como um censor. Mas o autor do diário parece querer ser lido pelo outro, ainda que depois de sua morte.

Ressalto, porém, que a correspondência pessoal de Frieiro, meu objeto de trabalho aqui, não é citada nesse elenco de gêneros da intimidade, embora cumpra, com vantagens, algumas das condições pensadas por Lejeune, como mostrarei mais adiante.

A definição desse autor, embora tenha servido de base para muitos trabalhos sobre o tema na e fora da França (consideram-na a mais citada de todas), também recebeu críticas. Foi taxada de *fórmula dogmática*, inclusive pela exclusão da poesia como possibilidade de expressão autobiográfica, e imprecisa quanto ao vocabulário empregado. Relendo essa definição dez anos depois[29], o próprio Lejeune reconheceu que ela misturava perigosamente um modelo teórico e idealizado de um gênero literário com uma asserção normativa. E, como continuava certo da fecundidade da autobiografia como campo de pesquisa, a questão conceitual desse termo é retomada com alguns desvios. Assim, o termo estabelecido por Larousse em 1866, ou seja, "Vida de um indivíduo escrita por ele mesmo" era o ponto de partida desse estudo, mas outro toma o seu lugar. Busca-se, então, outro lingüista menos conhecido que Larousse, Louis Gustave Vapereau (1819-1906). Esse autor, em seu *Dictionnaire universel des littératures* (1876) amplia, consideravelmente, o sentido estrito com que Lejeune havia trabalhado. Para Vapereau, autobiografia vem a ser qualquer "[...] oeuvre littéraire, roman, poème, traité philosophique, etc., dont l'auteur a eu l'intention, secrète ou avouée, de raconter sa vie, d'exposer ses pensées ou de peindre ses sentiments".[30]

Comentando esta definição, Vapereau acrescenta: "L'autobiographie laisse une large place à la fantaisie, et celui que l'écrit nullement astreint à être exact sur les fait, comme dans les mémoires, ou à dire la verité la plus entière, comme dans les confessions". [31]

---

[29]LEJEUNE. P. Le pacte autobiographique (bis). 1983.

[30] [...] obra literária, romance, poema, tratado filosófico, etc., cujo autor teve a intenção, secreta ou confessada, de contar sua vida, de expor seus pensamentos ou de pintar (descrever) seus sentimentos. (Tradução da autora).

[31] A autobiografia deixa um grande espaço à fantasia, e aquele que a escreve não se sujeita a ser exato sobre os fatos, como nas memórias, ou a dizer a verdade por inteiro, como nas confissões. (Tradução da autora).

Por outro lado, Lejeune, desde os primeiros trabalhos, percebera a importância fundamental que a referência à identidade e suas marcas tinha para o estudo da autobiografia. Mas, se no texto escrito em 1973 se inclinava para uma posição rígida entre tudo ou nada, em suas palavras: "L'autobiographie, elle, ne comporte pas de degrés: c'est tout ou rien" (1973), nos trabalhos posteriores ele repensa essa posição inicial *absoluta e arbitrária* e passa a admitir, na noção de espaço autobiográfico, a existência de ambigüidades e de degraus. A partir daí, mesmo continuando a afirmar que o centro do domínio autobiográfico é o sujeito que fala de si, ainda pensa que seria preciso aceitar a possibilidade de outras estratégias de escrita e de leitura.

Por fim, o compromisso assumido pelo autor de contar sua vida diretamente (ou uma parte, ou um aspecto), dentro de um espírito de verdade, é o que caracteriza o pacto autobiográfico, segundo Lejeune, pacto que se opõe ao pacto ficcional. Desse modo, um autor que escreve um romance (mesmo que inspirado em sua própria vida) não espera que acreditem naquilo que ele narra, mas, simplesmente, que finjam acreditar. A autobiografia, ao contrário, promete como verdade aquilo que vai ser dito, ou, pelo menos, que ele, o autor, acredita ser verdadeiro. Essa possibilidade de verificar a sinceridade do relato, e não a sua exatidão, como Gusdorf e Starobinski já haviam abordado, é o que Lejeune chama de pacto relacional. Portanto, o autor da autobiografia se comporta como historiador ou jornalista, com a diferença que o sujeito sobre o qual ele se compromete a dar uma informação verdadeira é ele próprio. Contudo, se o leitor julgar que a autobiografia esconde ou altera parte da verdade, ele poderá pensar que o autor mente. Em compensação, não faz sentido dizer que o romancista mente, uma vez que ele não assume, em momento algum, o compromisso de dizer a verdade. Pode-se julgar se o que foi narrado é verossímil ou inverossímil, coerente ou incoerente, mas, tal julgamento escapa à distinção entre verdadeiro e falso. O resultado, para Lejeune, é que o texto biográfico pode ser legitimamente investigado, ainda que isso seja muito difícil na prática! Um texto (auto)biográfico implica a responsabilidade jurídica de seu autor, podendo ele ser acusado de difamação ou de atentado contra a vida privada, ainda que seu texto seja bem escrito, bem estruturado e possua a beleza de uma obra literária. Sobre essa questão da veracidade, Lejeune levanta outros questionamentos, propondo, ele mesmo, a resposta. Assim, às perguntas como se dá o compromisso de dizer a verdade sobre si mesmo? e como o leitor identifica esse compromisso?, o próprio Lejeune responde:"Parfois au titre: mémoires, souvenirs, histoire de une vie... Parfois au sous-titre (autobiographie, récit, souvenirs, journal), et parfois simplemente à l'absence de sous-titre 'roman'. Parfois il y a une préface de l'auteur,

ou une déclaration en page 4 de couverture. (LEJEUNE, 1975, p. 329). Trata-se, pois, de um pacto referencial em que se estabelece com o leitor uma espécie de contrato sobre o grau de *intimidade/referencialidade* que este último pode esperar. Em conseqüência, como contrato explícito ou implícito, a autobiografia se define mais como um modo de leitura que como um modo de escrita.

Essa relação autor/leitor, justamente, é vista por Catelli (1991, p.55) como uma contradição no sistema de Lejeune já que o gênero será definível não por valores formais do discurso, mas como algo que reside fora dele. Ou seja, um contrato de leitura, implícita ou explicitamente, determina a maneira de ler o texto, criando os efeitos que, atribuídos a ele, podem defini-lo como autobiográfico. A dificuldade estaria, pois, na possibilidade de propor critérios de recepção a um leitor diferente daquele para o qual a obra fora produzida já que, entre autor e leitor existem inúmeras instâncias. Essas instâncias condicionam a leitura, desde a defasagem temporal entre o momento em que a obra foi escrita e o contexto em que está sendo lida, à interferência do editor ou à interpretação veiculada pelas mídias, afora os níveis de recepção culturais do próprio receptor.

Já para Paul De Man, em *Autobiography as De-Facement* (1984, p.67-81), entre outros aspectos problemáticos dos estudos mais conhecidos sobre a autobiografia destaca-se a tentativa de inseri-la nos gêneros canônicos da literatura – tragédia, epopéia, poesia lírica – os quais ela não alcança do ponto de vista do valor estético[32]. A autobiografia seria, antes, um *momento autobiográfico*, que ocorre como um alinhamento entre dois sujeitos que se identificam pela mútua substituição reflexiva: um dos sujeitos ocupa o lugar do *sem forma*; outro, a máscara que o desfigura. Um eu se apresenta ao outro sem que tenham coexistido nem no tempo nem no espaço.

Tal estrutura especular, para De Man, pode aparecer interiorizada em qualquer tipo de texto no qual o autor, aquele que dá sua assinatura ao texto, se declara o sujeito do seu próprio entendimento. A identidade entre autor e narrador, que Lejeune percebe como um dos elementos de um pacto, é interpretada por De Man como um tropo – a prosopopéia - que coloca em cena um eu ausente, emprestando-lhe ação e fala. A necessidade de narrar a própria vida provém, assim, da necessidade de dotar-se de um *eu*, contingente e provisório, através do

[32] Para De Man, outras questões não resolvidas pelas teorias correntes seriam: a afirmação de que a autobiografia é um fenômeno romântico ou pré-romântico a partir do século XVIII ignorando-se os elementos autobiográficos

discurso, aquele que, em verdade, carece de um *eu.* O texto autobiográfico vem a ser, portanto, a prosopopéia da voz e do nome, um discurso de auto-restauração, a memória de uma ausência, uma máscara, enfim. Dito de outra maneira, o sujeito da autobiografia não seria nada mais que um efeito de seu próprio texto.

Calligaris (1998), por sua vez, ressalta o que há de artificioso na oposição entre esses dois pontos de vista sobre a natureza do eu e sua relação com a linguagem, os quais têm sustentado o debate entre os teóricos da autobiografia nos últimos anos. Assim, enquanto para alguns (GUSDORF, STAROBINSKI, LEJEUNE) a autobiografia é concebida como algum tipo de *representação* do sujeito por si mesmo, construída como forma de materializar uma identidade que quer consolidar e ser legitimada pela leitura do outro, para outros, como a interpretação dos desconstrucionistas, ressaltando-se De Man, o sujeito é o efeito do seu próprio discurso. Em relação ao primeiro grupo, a crença na busca do eu secreto, a tentativa de penetrar o mistério da própria origem como sendo o motivo central de cada projeto autobiográfico perdem credibilidade, na opinião do psicanalista. Afinal, desde o início da modernidade, o homem criou ao redor e dentro de si um vazio por recusar um destino e, em última instância, uma essência, decididos pela tradição, vazio que não pode ser representado. No outro extremo, a retórica anti-referencial de De Man, isto é, a idéia de uma subjetividade i*nventada* pelo discurso, *posterior* ao texto, também lhe parece paradoxal já que a convicção de ser o autor de seu discurso e, em última análise, de sua vida, é a medida de *ser* que resta ao sujeito instável e fragmentado da pós-modernidade.

O ato autobiográfico

Decorre das análises até aqui apresentadas, uma terceira perspectiva para compreender a complexidade da expressão autobiográfica moderna, apoiando-se no conceito de ato autobiográfico, notadamente de autores como Paul John Eakin, Elizabeth Bruss e Contardo Calligaris. Para Eakin (1985), a verdade autobiográfica não é um conteúdo fixo mas, antes, um dado em construção, e o que é chamado de fato e ficção são variáveis incertas num intrincado processo de autodescoberta. O acesso do autobiógrafo ao passado é

---

das *Confissões* de Agostinho, e ainda, a negação da possibilidade de a escrita autobiográfica ter a forma versificada, sem dar explicações convincentes para isto.

necessariamente uma função de sua consciência presente, ou seja, o que é real para o sujeito que rememora é o agora, o momento da escrita, e não o passado, seja empiricamente, seja como nexo de um conjunto de sentimentos. A propósito, Eakin cita James Olney[33] para quem a autobiografia é, intencionalmente ou não, uma metáfora do eu no momento sumário da composição. Ainda que os textos autobiográficos não relatem muito o passado do autobiógrafo como mostraram, e ainda mostram, trabalhos mais tradicionais, eles podem, em contrapartida, ter muito a contar sobre o sujeito que escreve sobre si mesmo no momento de seu envolvimento com o ato de escrever. Assim, menos importante do que averiguar a verdade contida na narração de fatos passados (embora isso deva ser também possível), é pensar por que o sujeito que escreve sobre si escolheu relembrar determinada versão particular do passado e, principalmente, o que isso significa para ele.

Na opinião de Elizabeth Bruss, um exame de grande parte dos textos que costumam ser publicados como autobiografia nos levaria a reconhecer que não há uma forma intrinsecamente autobiográfica. Bruss tem em comum com Lejeune a preocupação com a relação autor/leitor. No entanto, Bruss ressalta a dimensão histórica do ato autobiográfico lembrando que um autor somente poderá estabelecer contrato com aqueles leitores que possam compreender e aceitar as regras que governam seu ato literário. Isso quer dizer que, para ela, retomando o conceito de atos elocutórios apontados por J.R. Searle, Strawson e J.L. Austin, os atos elocutórios literários, como os atos elocutórios propriamente lingüísticos, são reflexos de situações de linguagem reconhecíveis e que tornam-se institucionalizados por diferentes comunidades (BRUSS, 1974, p.17). Assim, não se pode dizer o que é autobiografia sem a definição dos papéis que ela desempenha e a exploração das atividades que envolvem tacitamente o texto autobiográfico. A associação entre características textuais e identidade genérica, afirma Bruss, é antes convencional que natural e, portanto, a autobiografia (como outros gêneros do discurso) só existe como parte das instituições sociais e literárias que a criam e a sustentam. E, como os outros fenômenos culturais, está sujeita às mudanças sociais em geral e do sistema literário em particular (BRUSS, 1974, p18).

Ante a polêmica contemporânea sobre a escrita autobiográfica, para compreender o processo de auto-representação de Eduardo Frieiro através de sua correspondência, apoiar-me-ei nas

[33] James Olney *apud* Eakin, 1985, p. 21.

reflexões de Contardo Calligaris e nas proposições de Bruss e de Eakin. Comungo com as idéias desses autores e considero-as passíveis de aplicação no caso em pauta.

Assim sendo, coerente com sua formação psicanalítica, Calligaris pensa que o ato autobiográfico é suscetível de modificar diretamente a vida do sujeito, não importa se numa perspectiva espiritual, laica ou propriamente clínica[34]. Falando e escrevendo, literalmente, o sujeito se produz; a palavra atua como forma de constituição do eu. Nesse sentido, qualquer produção autobiográfica moderna – autobiografia, diário, cartas – pode ser entendida como um ato autobiográfico ou como um ato performativo, isto é, ato que constitui por si só uma ação e não se submete à antinomia *verdade/falso*. A síntese, enfim, que Calligaris propõe para a complexa questão da escrita autobiográfica é que os atos autobiográficos desvelam uma dupla verdade. Assim, uma refere-se ao sujeito autobiógrafo, em passo sempre crucial, que consiste em se dar (de uma só vez ou no dia-a-dia) significação e consistência que não podem ser julgadas no tribunal da verdade factual. Omissões, acréscimos, remanejamentos são peças aparentemente desconexas que, movimentadas pelo sujeito, ajudam a compor a sua própria imagem. A segunda verdade é relacionada à sociedade moderna e às novas práticas culturais desenvolvidas como expressão do novo conceito de intimidade. Tal conceito autoriza a vivência e a exposição escrita de sentimentos como o amor e a amizade. Contudo, as diferentes formas de se expressar, embora dêem vazão a uma antes impensável espontaneidade, representam menos uma questão de temperamento dos autores ou de escolha estilística e mais a inserção num novo código social e cultural que, ao mesmo tempo, incentiva e regula a escrita de si. Daí, as memórias, diários e cartas.

Não importa, pois, se o ato autobiográfico foi praticado com vistas à publicação, postulando, de algum modo, a celebridade. O que importa ao pesquisador da atualidade é lembrar que o sentimento de que *tudo deve ser dito e mostrado* é o equivalente contemporâneo do que era a intimidade nos primeiros tempos da modernidade. A verdade do sujeito mudou de forma. O foro íntimo para onde o indivíduo se retirava para existir e consistir (espaço privado) é agora o fórum da polis, onde o sujeito se constitui através de uma imagem que vive no e pelo olhar do outro (esfera pública).

---

[34] Calligaris lembra que, desde a psicanálise, essa idéia continua estimulando uma grande produção de atos autobiográficos, sobretudo nos EUA. Seja no início de uma carreira religiosa, seja como admissão à Universidade ou mesmo como progressão na vida acadêmica, a exortação socrática do 'conhece-te a ti mesmo' efetiva-se na exigência de ensaios, breves ou mais eleborados do tipo 'diga-nos algo sobre você'. (1998, p.50, grifos do autor).

Diante do exposto, espero que o conjunto epistolar de Eduardo Frieiro, lido como ato autobiográfico, testemunhe como o escritor se volta para si e consegue, dia a dia, escrevendo a um outro, prover-se de um conteúdo existencial, praticando a chamada *poética da experiência*[35].

2.3 Correspondência como ato autobiográfico

> ¿Qué mejor modelo de autobiografia se puede concebir que el conjunto de cartas que uno ha escrito y enviado a destinatarios diversos, mujeres, pacientes, viejos amigos, en situaciones y estados de ánimo distintos? Ricardo Piglia. Respiración Artificial.

A autobiografia é, ao mesmo tempo, um modo de escrever e um modo de ler, como acreditam alguns críticos, Sylvia Molloy entre eles (MOLLOY, 2003). Pautando, pois, pelos ensinamentos desses estudiosos, ficou claro para mim que as cartas de Frieiro – nas respectivas cópias, colecionadas ao longo do tempo - comportam, sim, um ato autobiográfico, mesmo quando lidas isoladamente. Não obstante, cada carta que ele escrevia, assim me pareceu, era construída em constante relação com as demais formas de auto-expressão como as páginas do seu diário e a obra ficcional e, de certa maneira com o próprio gesto de colecionar.

Posto isso, li atentamente as cartas enviadas, *corpus* principal de análise deste trabalho, em contraponto a outros escritos de Frieiro como o diário publicado[36] e os textos literários e ensaísticos, a fim de apreender os ecos e os entrecruzamentos enunciativos que o próprio autor articula no ato continuado de escrever. Nessa perspectiva foucaultiana, visitei o Acervo Frieiro como um *locus* de enunciação cujos discursos estão entrelaçados como se formassem os nós de uma rede ou malha de interconexões diversas. Tais discursos são retomados incessantemente pela escrita do eu nas diferentes situações que se vão construindo na trajetória do indivíduo (FOUCAULT, 1972). O Acervo Frieiro, como outros arquivos literários, em suas seções e subseções, o epistolário aí incluso, pode ser lido como um grande

[35] Janet V. Gunn. *Autobiography: towards a poetics of experience*, apud Calligari, 1998, p. 51.
[36] O diário publicado cobre apenas a década de 1940. Não tive acesso à outra parte inédita do diário, propriedade da editora Vila Rica de Belo Horizonte.

livro que se abre programadamente, mas também ao sabor do acaso, revelando diferentes histórias, ou versões, ou nuances de uma mesma vida.

Embora já fossem do domínio público conjuntos epistolares de figuras conhecidas, no ambiente acadêmico, é a partir da segunda metade do século XX, quando arquivos literários começam a ser sistematicamente recolhidos e organizados por diferentes instituições brasileiras[37] que se intensifica o interesse pelo estudo da correspondência de escritores e intelectuais do país.[38] Abre-se, assim, um riquíssimo veio para a (re)escrita da historiografia e da crítica literária brasileira.

Assim, documentos típicos dos arquivos pessoais, fonte/objeto de estudos, as cartas são textos autográficos que, recebidas, lidas, respondidas e guardadas por seus destinatários, passam a fazer parte de um conjunto documental diversificado, com um grande potencial informacional relativo a um contexto histórico e/ou à vida dos correspondentes. Via de mão dupla, as cartas trocadas diferem de outras *escritas do eu* por serem eminentemente relacionais, isto é, "textos nos quais o sentido do que é escrito só pode ser apreendido em função de um 'outro'[....] estabelece[ndo] assim uma espécie de circuito retroalimentado de significação [...]"(GOMES, 2004, p.53). Tem sido ressaltado que uma das singularidades da carta reside no fato de que, depois de escrita, ela já não pertence a quem a escrevera - o remetente – passando a ser propriedade de quem a recebeu – o destinatário. Nesse sentido, Artières diz que a correspondência é, por natureza, uma escrita perdida.

De fato, embora a prática epistolar tenha suas normas e protocolos há muito consolidados, a arqueologia dos arquivos revela modos diferentes de colecionar as cartas e de expô-las ao olhar público. Sabe-se que há missivistas muito ciosos de sua privacidade que relutam diante da idéia de divulgação de sua correspondência ativa e passiva, mesmo depois de sua morte.

---

[37] Em 1962 é criado o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), na USP, órgão interdisciplinar de pesquisa e documentação sobre história e cultura brasileiras, abrigando, entre outros, os arquivos de Guimarães Rosa e Mário de Andrade. Na década seguinte, em 1972, foi criado no Rio de Janeiro, o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa e, na década de 1980 são organizados, respectivamente, o Acervo de Escritores Sulinos, sediado na PUC/UFRGS, em 1982, a Fundação Casa de Jorge Amado, em Salvador, em 1986, e em 1989 é criado o Acervo de Escritores Mineiros, junto ao Centro de Estudos Literários da FALE/UFMG.

[38] Um número crescente de estudos brasileiros sobre cartas começa a ser publicado nos últimos anos entre os quais os livros, capítulos de livros e artigos de periódicos lidos para a elaboração desta tese, conforme se pode ver nas referências bibliográficas.

Outros, como Mário de Andrade, definem em vida, o prazo *post mortem* para que seus correspondentes publiquem as cartas dele recebidas. Todavia, nem sempre são atendidos, vale lembrar. Outros há que parecem almejar, já no momento da escrita, uma futura publicação e, com essa intenção, produzem e guardam uma cópia da carta enviada. É justamente o conjunto das cópias da correspondência ativa de Frieiro que analiso aqui. Além do conteúdo propriamente dito das cartas, procuro observar a forma como essas cópias foram produzidas e colecionadas tentando, assim, perceber a intencionalidade do escritor.

De fato, sem se apresentar como autobiografia *stricto sensu,* um conjunto epistolar pode ser lido como um ato autobiográfico intencional. Escrever cartas, na conhecida afirmação de Foucault[39], requer ao mesmo tempo, lançar um olhar ao destinatário e dar-se ao seu olhar. Não importa se quem escreve é um jovem estabelecendo laços de filiação ou amizade intelectual mediante a comunicação escrita, ou se alguém que, já chegando ao fim da vida, registra no papel o balanço de uma existência. Certo é que a prática epistolar representa, desde a Antiguidade, um instrumento especial de conhecimento e de observação de si mesmo.

Mário de Andrade, o incansável missivista, acreditava que a carta, mais do que a escrita de memórias, lhe dava a oportunidade de documentar sua história pessoal e registrar situações, ações e reflexões instantâneas. O memorialista, na sua opinião, teria tempo de selecionar estruturas e racionalizar as lembranças da existência passada, e esse processo já seria uma forma de deturpar a verdade. Na carta, ao contrário, é menor a distância entre o vivido e o escrito e o missivista, apesar de proceder, do mesmo modo, à seleção e ao arranjo dos assuntos tratados na carta, imprime a essa escrita, fragmentada e episódica, certa multiplicidade de tons, de formas, de temas, ao sabor das circunstâncias do momento e da personalidade do seu interlocutor imediato. Nessa medida, a escrita epistolar irriga e dinamiza a tessitura do texto e, quem escreve uma carta a alguém articula, em graus variados, um pacto de veracidade com o interlocutor. É esse pacto que faz desse intercâmbio epistolar um jogo relacional, cuja abertura e envolvimento do remetente deixam frestas para o conhecimento do destinatário. Este, longe de ser figurante passivo, atua como motor e co-responsável pela natureza do que será revelado pelo autor da carta. Nessas circunstâncias, certas contradições poderão ser observadas de uma carta para outra, como se o remetente assumisse diferentes máscaras, diante de diferentes interlocutores. Assim, a opinião crítica sobre uma mesma obra,

[39] Michel Foucault. A escrita de si. In:*O que é um autor?*Lisboa:Vega. Passagens, 1992.p.149-50.

por exemplo, pode variar de um elogio formal feito ao seu autor a uma crítica mais severa. Exemplificando, Frieiro, neste trecho, elogia o destinatário:[40]

> *[...] Tenho a 1a. edição da sua valiosa 'História da Literatura Mineira', por mim muito manuseada e onde sou tratado com excessiva benevolência. [...]41*

Já dirigindo-se a outro crítico, ele assume um tom mais severo, embora referindo-se à mesma obra:

> *Prezado Abdias Lima:*
>
> *Encaminhei ao Martins de Oliveira o recorte de sua apreciação da 'História da Literatura Mineira'. Aqui para nós, obra muito fraquinha, não é mesmo? E existe acaso 'Literatura Mineira'? Há, é claro, literatura escrita em Minas, em Pernambuco, no Ceará, em Diamantina, no Crato ... Mas é tudo literatura brasileira, ou não é nada.[...]*[42]

E ao mesmo correspondente, em carta escrita alguns meses depois, retorna aos comentários sobre a "História da Literatura Mineira", coerente com a crítica anterior:

> *[...] Gostei da sua nota sobre o livro do Martins de Oliveira. Não era o homem indicado para a tarefa. Escasso senso crítico. Juízos mal dosados e hiperbólicos. Inclinacão ao panegírico oratório, campanudo. Informação deficiente. Já o livro do Guilhermino [César] é outra coisa [História da Literatura do Rio Grande do Sul]. Guilhermino tem qualidades de crítico e historiador literário. Sua obra é excelente subsídio para a literatura nacional [...].43*

Não cabe, penso eu, investigar o motivo que leva o sujeito a assumir posições tão divergentes. Apenas, essa questão poderia sugerir que, na verdade, o outro serve de estímulo ao ato de escrever, avalia o missivista na sua busca ontológica mas, sobretudo, atua como um duplo do sujeito que escreve, um mediador para o encontro consigo mesmo.

A propósito, escrevendo sobre o escritor Paul Léautaud (1872-1956), Frieiro conta[44] que esse francês escrevia um diário, como tantos o fazem, para afugentar os seus fantasmas e, também, por achar, na atividade escrita, o meio mais adequado para afirmar a própria personalidade. E, como se estivesse falando de si próprio, o escritor mineiro acrescenta:

---

[40] As cartas que apresento neste trabalho, bem como as citações, foram reproduzidas conforme os originais quanto à ortografia. Quanto `as cartas, em pequenos trechos ou na íntegra, optei por reproduzí-las sempre em itálico, para diferenciá-las de citações de outras fontes, ainda que contrariando as normas da ABNT.
[41] Carta a Cândido Martins de Oliveira, escritor, membro da AML, datada de 23/12/1967.
[42] Carta a Abdias Lima, escritor e crítico literário de Fortaleza, Ceará, datada de 15/01/1959.
[43] Carta a Abdias Lima, datada de 20/08/1959.
[44] FRIEIRO, Eduardo. O diário de um rabugento. In: _____. *Encontro com Escritores.*Belo Horizonte/Brasília: Itatiaia/INL, 1983. p. 59-65.

> [...] Com a intenção de resenhar cada momento de nossa existência, aspiramos também a fazer literatura de nossa própria alma, alimentando a vaga ou explícita esperança de que, algum dia, os biógrafos de nossa fama póstuma encontrem aí fontes autênticas e originais. Significa isto que os autores dessa literatura secreta, menos que uma imagem fidedigna de si mesmos, procuram dar uma idéia lisonjeira ou simplesmente interessante de suas personalidades e, julgando-as dignas de atenção, representam uma comédia para si próprios, embora com toda a boa fé. Não importa. Comediante ou tragediante, o homem é o que interessa principalmente; e, dos seus testemunhos escritos, os Diários, as Correspondências, as Memórias, as Autobiografias, têm o mais alto preço.

A questão da verdade nos *gêneros da intimidade* aparece aqui relativizada, sugerindo que, farsa ou não, o que vale é que, ao narrar-se o sujeito está se buscando pela escrita. E, ainda, a menção aos *biógrafos de nossa fama póstuma* parece confirmar a idéia da pseudodestinação como prática dos grandes missivistas. Em outras palavras, suspeito que muitos escreveram cartas pensando em mais de um destinatário, verdadeiras cartas abertas para o futuro.

Para Frieiro, misantropo assumido, o diálogo epistolar teria representado uma estratégia especial para tecer uma rede de sociabilidades através da qual buscava edificar e reafirmar, continuadamente, para si mesmo, para seus interlocutores e para a posteridade, sua identidade de intelectual e de escritor. Seu trabalho com as cartas, recebendo-as, respondendo-as, arquivando-as, de novo lendo-as e adicionando comentários, até mesmo datando esses novos comentários, teria sido vivenciado como um *espaço paradoxal* zona enigmática entre a vida e o texto, a meio caminho entre o espaço privado e o público, de onde o homem reservado ousa se expor mantendo-se, todavia, a uma distância segura, seu interlocutor[45].

Correspondência entre intelectuais

As cartas trocadas entre intelectuais são importantes não apenas para melhor conhecer um autor e sua obra, como também para mapear a rede de relações sociais/profissionais de uma figura em foco. Essas redes revelam os pactos literário/intelectuais, as tramas do poder e o jogo político de um cenário específico no qual se interpenetram as esferas pública e privada[46].

---

[45] Expressão usada por Vincent Kaufmann em TREBITSCH, M. *Correspondances d'intellectuels*. 1992.
[46] SANTOS, M. D. dos. *Ao sol carta é farol.* 1998. p.52.

Escrever cartas tem sido, ou pelo menos foi antes da banalização da telefonia interurbana e, mesmo depois, até o advento da *internet*, uma prática fundamental para a troca de idéias entre os intelectuais, tanto quanto a prática da leitura. Ao mesmo tempo livre e codificado, íntimo e público, secreto e voltado para a sociabilidade, o gesto epistolar está ligado à vida pessoal e profissional de intelectuais extrovertidos e sociáveis como Mário de Andrade, ou declaradamente introvertidos e tímidos como Eduardo Frieiro. A um intelectual hispano-argentino que lhe escrevia pela primeira vez o nosso escritor expõe como via a amizade epistolar entre intelectuais:

> *[...] Sou um tanto céptico a respeito de intercâmbios intelectuais. São simpáticos, mas ilusórios. Isso não obstante, tenho-me relacionado com distintos "intercambistas" da Argentina: Campio Carpio, Benjamín de Garay, Lillo Catalán, Raúl Navarro. Carteei-me durante anos com Garay e Navarro. De uns dois anos para cá, deixaram de me escrever. Não sei o que é feito desses dois bons amigos. [...]*[47]

A reflexão sobre si, sobre a sociedade e sobre a criação literária encontra, de fato, no espaço da carta, um lugar insubstituível, já que aí se conjugam a possibilidade de uma conversação em linguagem descontraída e próxima da oralidade e, ao mesmo tempo, a permanência/durabilidade do escrito. Se é verdade que gostam de trocar cartas, também apraz aos intelectuais guardá-las, colecioná-las e, eventualmente, organizá-las eles próprios, para futura publicação. Frieiro menciona esse projeto no seu diário[48] mas não chegou a trabalhar nesse sentido, tendo apenas arquivado as cartas recebidas e as cópias das cartas enviadas.

Em alentado estudo sobre a correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade, Silviano Santiago considera que a correspondência entre intelectuais comporta uma complexidade específica quando está em cena a relação mestre/aprendiz..[49] A relação epistolar de Frieiro com jovens escritores é, via de regra, muito cerimoniosa, preferindo manter-se ao largo de juízos categóricos, receoso, talvez, de destilar inoportunamente o seu ceticismo. Assim, a um jovem poeta de Curitiba, que lhe envia seu livro de poemas intitulado *Fuga* Frieiro responde:

> *Aplaudo sua "fuga" da poesia acadêmica.[...] O poeta ganha quase sempre em buscar uma linguagem nova, senão própria, ao menos a da geração a que pertence. Como acontece a tantos poetas moços, Você está lutando por encontrar-se a si mesmo, por achar a melhor maneira de exprimir o universo singular que lhe é*

[47] Carta a Braulio Sánchez-Sáez, datada de 06/12/1941.
[48] FRIEIRO, 1986, p. 388.
[49] SANTIAGO, 2006.

> *próprio, pois todo poeta, todo artista verdadeiro tem o seu. Talvez encontre a almejada forma, talvez não. Mas não importa muito. A busca, o esforço por encontrá-la, tem seu valor[...].*[50]

Respondendo a um outro poeta iniciante, à época, que lhe pedira opinião sobre seus versos, Frieiro procura se esquivar do juízo solicitado, deixando transparecer certa impaciência diante das expectativas do jovem sem, contudo, deixar de aconselhá-lo de alguma maneira[51]:

> Li sua carta, recebida esta manhã, cujas referências elogiosas ao meu nome literário muito agradeço. Não costumo dar opinião sobre trabalhos inéditos que às vezes me são enviados. Uma opinião nada significa e acho inútil dá-la. Mas hoje estou de boa maré.Quem se decide a escrever para o público deve confiar antes de mais nada e acima de tudo no seu próprio juízo. Confiar, desconfiando. Os maiores escritores sofreram e sofrem de auto-desconfiança, o que não deixa de ser salutar. Em regra, têm dúvidas sobre o próprio mérito antes de se tornarem conhecidos e estimados. E até mesmo depois do êxito, que é sempre precário ou incerto, costumam ter dúvidas. Não peça, pois, opinião alheia.Raramente é sincera. Quando o é, que valor tem afinal a sinceridade? Uma opinião sincera pode não valer nada, mesmo dada pelo mais competente conselheiro. Não tenho nenhum exemplar de "A ilusão literária", livro antigo. Na Livraria Nicolai [Oscar Nicolai] talvez exista ainda algum, esquecido nalgum canto. Se não, leia-o na Biblioteca Estadual. Leia-o, pois lhe será útil, ajudando-o a não ter demasiadas ilusões sobre isso de ser escritor. Li as páginas que me enviou. Estão bem escritas, o que é bom, mas é literatura para "Jornal das Moças". Os poemas são simples prosa em linhas desiguais. A poesia é outra coisa. Leia poetas como Bandeira, Drummond de Andrade, Emílio Moura, Vinícius de Morais, João Cabral de Melo Neto, Murilo Mendes, Bueno de Rivera. Leia Kafka, Sartre, Faulkner, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, Jorge Amado, Graciliano Ramos. Leia os grandes clássicos da literatura universal. Evite a sub-literatura. Mais tarde, passados alguns anos, tenho a certeza, me agradecerá.
>
> *Atentamente,*
>
> *[Sem assinatura]*

Na relação mestre/aprendiz via epistolar, é interessante comparar a sinceridade quase dura de Frieiro à postura de Ernest Renan (1823-1892), historiador e filólogo do século XIX, autor muito lido e citado por ele e por escritores de sua geração e da anterior. Sirvo-me, para isso, de um caso curioso, contado por Joaquim Nabuco envolvendo ele próprio e o intelectual francês, na sua primeira viagem a Paris. Ainda estudante, o bem-nascido jovem pernambucano é recebido pelo escritor e entrega-lhe, para apreciação, versos seus escritos em francês. A resposta chega a ele por carta, na qual o grande intelectual elogia os poemas do jovem brasileiro e conclui: "Oui, vous êtes vraiment poète!" A satisfação e vaidade de Nabuco duram até o momento em que lê em *Souvenirs d'Enfance et de Jeunesse* o seguinte trecho, inserido em *Minha Formação:*

---

[50] Carta a Colombo de Sousa, datada de 11/09/1948.
[51] Carta a D. C. G., datada de 10/08/1962.

> Desde 1851 acredito não ter praticado uma só mentira, exceto, naturalmente, as mentiras alegres de pura eutrapelia, as mentiras oficiosas e de polidez, que todos os casuístas permitem, e também os pequenos subterfúgios literários exigidos, em vista de uma verdade superior, pelas necessidades de uma frase bem equilibrada ou para evitar um mal maior, como o de apunhalar um autor. Um poeta, por exemplo, nos apresenta os seus versos. É preciso dizer que são admiráveis, porque sem isso seria dizer que eles não têm valor e fazer uma injúria mortal a um homem que teve a intenção de nos fazer uma civilidade.[52]

Frieiro, leitor de Renan, parecia acreditar que injúria maior a um *aprendiz de literato* seria alimentar-lhe, com falsos juízos, a crença no seu talento. Uma segunda carta do mesmo jovem poeta mineiro citado acima[53] exacerba, no nosso escritor, o ceticismo e a coragem de expressá-lo sem rodeios:

> *[...] Não creio em conselhos, por isso não os dou, especialmente em matéria tão incerta como é a literária. [...] Leia, se gosta de ler, e encontrará na leitura dos mestres do pensamento universal os seus conselheiros. Não tive outros. Quero dizer: segui os que concordavam com as naturais inclinações do meu espírito. E todos fazem o mesmo.E escreva, se essa é a sua vocação, como parece. Mas não envie originais inéditos seus a confrades mais velhos. Não os lêem. Leia-os para os seus amigos jovens. Espero que não me queira mal por não ser mais extenso.*
>
> *Cordialmente,*
>
> *[Sem assinaatura]*

De qualquer modo, a correspondência entre intelectuais significa, mais que em qualquer outro grupo social, ao mesmo tempo "condição e produto do trabalho"(GOMES, 2001,p.53) espaço de sociabilidade, onde se discutem idéias, opiniões, trocam-se livros e favores, tramam-se carreiras. Uma das cartas mais antigas do arquivo de cópias de Frieiro, datada de 21/04/1933 e enviada ao poeta e ensaísta Mário Vilalva, de São Paulo, exemplifica essa camaradagem literária marcada, embora, pelo tom cerimonioso que o escritor mineiro adotava nos primeiros contatos:

> *Recebi com a mais agradável surpresa, o número de março último da excelente 'Revista Americana de Buenos Aires', que teve a bondade de me enviar. Como se isso não bastasse, aprouve ainda ao ilustre confrade, num requinte de gentileza de oferecer-me um exemplar de cada um de seus belos livros 'Alto-Falante' e 'Fagundes Varela'. Este último já eu o conhecia, tendo-o lido não há muito tempo com interesse.Por tudo, fico-lhe imensamente cativo. No desejo de lhe dar de alguma forma um testemunho, ainda que modesto, de cordial camaradagem literária, tenho o gosto de lhe oferecer dois livros meus, que seguem por este correio.*

---

[52] Esta história está contada em *Minha Formação,* de Joaquim Nabuco, Rio de Janeiro, Ediouro, 2004, p.57.
[53] Carta a D.C. G., datada de 28/08/1962.

A resposta à primeira carta do jovem estudante de Direito no Rio de Janeiro, Vivaldi Moreira, demonstra prazer em ampliar sua rede de sociabilidade epistolar. A data é 19 de dezembro de 1937:

> *Prezado Prezado Vivaldi W. Moreira:*
>
> *Recebi com muita satisfação a sua carta – a sua mensagem cordial de conterrâneo. Tenho feito alguns bons amigos por correspondência., e quase todos Mineiros, moradores no Rio ou em S. Paulo. E felicito-me de contá-lo desde já nesse número.A ausência do torrão natal leva, às vezes, a essa necessidade de comércio epistolar com alguém da pátria pequena. Lança-se uma antena e procura-se uma onda vinda das montanhas. Em regra, os Mineiros saem de casa danados da vida, batendo as portas e cuspindo para o ar. Mas levam no coração o sentimento da mineiridade. Falam mal da terra, mas que é isso senão amuo de namorados? [...] (Grifo do autor)*

Embora afirme ser de *escassas relações sociais* não poucas vezes Frieiro é solicitado por amigos e conhecidos como intermediador de favores e incumbências. Assim, em 1940, o mesmo Vivaldi Moreira, já advogado e ambicionando um cargo público no interior de Minas, procura o amigo recente para que interceda em seu favor junto ao Chefe de Gabinete do Governador, Ciro dos Anjos, ex-colega de Frieiro na Imprensa Oficial. Curiosamente, o mesmo homem que se diz terrivelmente avesso às relações de favor e compadrio, tão comuns na história nacional, e que nada reivindica para si mesmo, se desincumbe da tarefa com presteza e disponibilidade.[54]

> *Meu caro Vivaldi,*
>
> *[...] Você me desculpará o atraso com que respondo sua carta. É que eu esperava alguma notícia do Ciro dos Anjos] a respeito do seu caso. Hoje êle me disse que fará o que puder a bem de sua aspiração, mas acrescentou que o Governador costuma ouvir, nas nomeações para prefeito, unicamente as correntes locais. Apenas poderá prestar informações, etc. [...] Melhorei da colite, mas estou lutando com outras macacoas. Estou-me tratando agora com um charlatão científico (aperfeiçoado nos E. U. A.) que trata de estados alérgicos.*
>
> *Adeus, caro Vivaldi, e muitas felicidades.*
>
> *Frieiro*

Alguns meses depois desse *boletim médico* confidenciado a outro dispéptico, ele passaria por um grave quadro de disfunção hepática que quase o levaria à morte. Ele voltará a esse assunto muitas vezes em sua correspondência, como se verá mais adiante.

[54] Carta a Vivaldi Moreira, datada de 22/04/1940.

Não era raro que amigos epistolares se conhecessem pessoalmente somente após anos de bate-papo por escrito. É o que revela uma carta de Frieiro em 7 de agosto de 1948 ao então diretor da Biblioteca Nacional, o machadiano Josué Montello:

> *[...] Minha última ida ao Rio valeu-me duas grandes satisfações: a de ter tido a grata opounidade de o conhecer pessoalmente, selando assim uma estima e uma admiração que datam de anos, e a feliz ocasião de conseguir de sua extremada gentileza as preciosas e cobiçadas Publicações da Biblioteca Nacional. [...].*

Os dois intelectuais corresponderam-se de 1940 a 1960. Do mesmo modo, o professor espanhol com passagens por Buenos Aires e Campinas, São Paulo, Bráulio Sánchez-Sáez, correspondente de Frieiro desde 1941, é convidado, em 1962, a participar de uma banca para concurso de professor na Faculdade de Filosofia da UFMG. A troca de cartas logo após o encontro augura uma amizade consolidada:

> *[...] Recebi com alegria a sua carta, que me trouxe de novo em amáveis palavras a presença do querido amigo com quem tive a ventura de passar algumas horas muito gratas nos dias do concurso de Maria José de Queiroz. O prazer de conhecê-lo pessoalmente, depois de longo contacto epistolar que mantivemos por tantos anos, veio robustecer e consolidar a grande estima que sempre lhe consagrei. Não tendo tido o prazer de o conhecer antes, eu o imaginava com as qualidades pessoais de um espanhol inteligente, cortês e discreto, inclinado por índole às boas relações de amizade e à melhor camaradagem literária. Devo confessar, todavia, que de lo visto a lo pintado (ou imaginado), o caro amigo Sánchez-Sáez saiu ainda ganhando, pela fidalga lhaneza da presença e fina cortesia do trato. Creia que nos deixou encantados aos três - a mim, a minha mulher e a Maria José, que consideramos incorporada honoris causa a nossa casa. Lamentamos – os três – ter sido tão breve a sua permanência entre nós. [...]* [55] *(Grifos do autor)*

No entanto, na República das Letras, como em outros espaços sociais, nos lembra Bourdieu, coexistem relações de força, estratégias, interesses. E se a amizade e a solidariedade permeiam, via de regra, as trocas epistolares, marcadas pela orientação, pelo préstimo e pela intermediação solidária, elas também podem denunciar hostilidade e rivalidade na luta concorrencial pelas posições no vasto campo da produção intelectual.[56] A resposta firme de Frieiro a um editor/livreiro norte-americano[57], num momento em que crescia, nos centros acadêmicos dos E.U.A o interesse pelos *area studies*, deixa entrever a arrogância do comerciante de livros em relação ao espaço cultural brasileiro:

> *Em meu poder sua carta de 30 de abril p. passado, que passo a responder com a devida cortesia, muito embora não me tenham soado bem certas expressões infelizes acerva de meus patrícios. Não tenho procuração para defender livreiros ou editôres*

[55] Carta a Bráulio Sánchez-Sáez, datada de 23/09/1962.
[56] BOURDIEU, 1999.
[57] Carta a Robert E. Calvin, datada de 08/05/1966.

> *brasileiros. Devo porém dizer que os daqui são como os de outras partes: gostam de ganhar dinheiro, quando o caso se oferece. E a prova de que se esforçam é que em sua maioria estão prósperos. Se alguns deles não atendem seus pedidos é porque o negócio não lhes parece interessante.Trata-se, suponho, de negócio de pequeno vulto que não compensa o trabalho que dá. Além disso, não oferece, talvez, suficiente garantia de pagamento. O caso da Livraria Brasiliana, do Rio, é diferente. A Brasiliana se especializa agora em fornecer livros a Bibliotecas universitárias americanas e também a livreiros, suponho. A Livraria Amadeu de Belo Horizonte, de propriedade de Amadeu Cocco Rossi, meu amigo, está também fornecendo livros em boa quantidade a uma firma norte-americana. Parece que tem tambem atendido a pedidos de universidades de seu país. [...] Peça a essa livraria coleções e números esparsos de Kriterion e da Revista Brasileira de Estudos Políticos e ainda das publicações da Universidade de Minas Gerais. Vale a pena experimentar. [..] Não há portanto motivo para injuriar, como o fêz, todos os brasileiros, só por isso julgando o Brasil um país desgraçado. Que exageração, Mister Calvin! Não se exalte por tão pouco e queira continuar a mandar-me suas ordens.*
>
> *[Sem assinatura]*

Ainda que aborrecido com o interlocutor e lançando mão de leve ironia no desfecho da carta Frieiro não se exime do papel de mediador cultural, sempre pronto a prestar informações, requisitadas por diferentes personagens, sobre o universo bibliográfico mineiro.

As cartas revelam fissuras, do mesmo modo, no edifício de velhas amizades. Uma carta de Frieiro ao antigo companheiro Ciro dos Anjos, em 29 de julho de 1956, quando este já havia se transferido para o Rio de Janeiro traz, explicitamente, sinais de afastamento entre ambos, a começar pela saudação.

> *Prezado Ciro dos Anjos:*
>
> *Recebi o exemplar de Montanha que Você me remeteu por intermédio da Livraria José Olímpio. Vou lê-lo com a estima e o interesse que sempre me mereceram o amigo e o escritor. Há muito não consigo ler de ponta a ponta nenhum dos nossos atuais romancistas que tenho tido em mãos. Com o seu romance será por certo diferente como das outras vêzes. Eu de modo algum não podia estar brigado com Você.Por que razão? Não terá acontecido exatamente o contrário? Ausculte bem o subconsciente.*
>
> *Abraça-o cordialmente o*
>
> *[Sem assinatura]*

A posição que o missivista ocupa em relação aos seus interlocutores, em dado momento, nos campos intelectual e político, permite a análise da correspondência dos intelectuais no interior de duas grandes categorias propostas por Michel Trebitsch[58]. Trata-se da correspondência-rede e a correspondência-laboratório. A função da correspondência-rede é de interligar

[58] Michel Trebitsch. *Correspondences d'intellectuels.* 1992. Trebitsch é pesquisador no Institut du Temps Présent, Paris.

membros de um grupo organizado em torno de uma ou várias figuras centrais, com um objetivo comum de caráter estético, científico ou ideológico comportando ainda duas sub-categorias: redes formais e redes informais. O arquivo de correspondência do Ministro Gustavo Capanema - conjunto epistolar já organizado e objeto de pesquisa publicada[59] - é exemplo importante no Brasil, de rede formal de comunicação epistolar.

Quanto à segunda categoria, a correspondência-laboratório, agrega tanto intelectuais ocupando a mesma posição no campo literário, quanto escritores estreantes buscando a atenção e o reconhecimento de figuras consagradas. Trata-se, quase sempre, de um diálogo epistolar profundo e duradouro, sobre temas de cunho estético e ideológico. Geralmente permeada pela amizade pessoal e intelectual, esse tipo de correspondência funciona como um laboratório em que se experimentam conceitos, temas, textos e desenvolvem-se relações de filiação/orientação intelectual.

Salvo melhor juízo, o conjunto epistolar de Eduardo Frieiro – cartas recebidas e enviadas – deverá ser classificado na categoria mista rede/laboratório, quando vier a ser inventariado e organizado na sua totalidade. Como exemplo, apresento a seguir duas cartas enviadas por Frieiro a escritores em diferentes posições no campo literário. A Guilhermino César e a Meneses de Oliva. O primeiro, poeta integrante do Movimento Verde de Cataguases já era, a essa altura, radicado no Rio Grande do Sul, figura consagrada no espaço cultural do Brasil e de Portugal. Frieiro não economiza palavras de entusiasmo e de respeito ao receber, como presente, o último livro de poesias desse autor.

> *[...] Há muito não lia um feixe de poesias que agradasse tento como as da Lira coimbrã e Portulano de Lisboa (1965).*[60] *Poesia fina, finíssima, singela e belamente expressiva. Límpida, depurada de resíduos artísticos excusados, sem o mais longínquo amaneiramento novidadeiro.Que equilibrada e sábia dosagem na transcrição das expansões líricas! Que apurado senso estilístico na fidelidade ao mais avisado dos velhos preceitos poéticos: Ars est celare artem.*[61] *[...] Gratíssimo pelo exemplar oferecido e pela alegria de ler um poeta que tanto me sensibilizou o espírito*[62].
>
> *[Sem assinatura]*

[59] GOMES, A. C. O ministro e sua correspondência. In: GOMES, A G. (Org.). *Capanema: o ministro e seu ministério.* Rio de Janeiro: FGV, 2000.

[60] CESAR, Guilhermino. *Lira coimbrã e Portulano de Lisboa.* Coimbra: Almedina, 1965. 126 p.

[61] De Ovidio: A arte consiste em ocultar a arte.

[62] Carta a Guilhermino César, datada de 25/08/1965.

Ao outro correspondente, o escritor Meneses de Oliva, a resposta de Frieiro, datada de 5/10/1958, cortês, porém evasiva, demonstra menor importância dada à sua obra:

> *Nunca deixo de responder aos que me escrevem e notadamente aos que me merecem grande consideração, como é o caso do lustre Amigo. [...] recebi, é claro, o seu livro "A santa do pau ôco"*[63]*, e o li logo com o maior prazer. Devo-lhe uma explicação que venho dando há muito aos autores que me mandam seus livros: durante alguns anos ocupei-me com o comentário de livros novos pela imprensa daqui, mas deixei essa ingrata ocupação há muitíssimo tempo. Só por isso não escrevi sobre a sua curiosa obra. E há cerca de três anos não escrevo nada para os jornais em que colaborava regularmente, em razão de outras ocupações mais absorventes.*
>
> *Certo que me desculpará, tenho prazer em saudá-lo, cordialmente,*
>
> *[Sem assinatura]*

Outro aspecto a ser considerado dentro da tipologia de relações epistolares entre escritores e intelectuais é destacado por Vincent Kaufman, citado por Castañon[64]. Kaufman distingue dois tipos de correspondência: a) entre dois escritores; b) entre um escritor e um não-escritor. Partindo-se do princípio de que, para alguns escritores, a correspondência é "independentemente de seu eventual valor estético, uma passagem obrigatória, um meio privilegiado de ter acesso a uma obra", no primeiro tipo seriam mais evidentes as relações com a obra. Mas o que Kaufman quer mostrar é que uma correspondência entre um escritor e um não-escritor, exemplificando com as cartas entre Kafka e sua noiva Felícia, também abre espaço para a produção literária. Em ambos os casos citados por Kaufman, comenta Castañon, "importam fatores além do que pode ser lido de forma literal, ou seja, importam algumas articulações estabelecidas pela correspondência" [65].

Qualquer que tenha sido o sentido que Castañon queira dar à expressão *articulações*, é interessante notar que, na correspondência com uma jovem leitora do Rio de Janeiro, Frieiro encontra um espaço especialmente estimulador para as suas divagações mais longas, quiçá mais sinceras, a respeito de si mesmo e de sua obra. É o escritor já consagrado, chegando aos oitenta, sentindo prazer em dialogar com uma jovem culta, de formação intelectual européia, que ele nunca conhecerá pessoalmente. Ao primeiro contato epistolar da jovem Ruth Nielsen, ele responde em 10/6/64:

---

[63] OLIVA, Meneses de. *A santa do pau ôco e outras histórias*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1957. 151 p.
[64] Vincent Kaufmann citado por Júlio Castañon Guimarães. *Distribuição de papéis: Murilo Mendes escreve a Carlos Drummond de Andrade e a Lúcio Cardoso.* Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/ Ministério da Cultura,1996.
[65] GUIMARÃES, 1996, p. 8.

> *Distinta leitora:*
>
> *Embora já em idade provecta, e também no fim de modesta carreira literária, sou sensível a louvores. Creia, pois, que muito me cativaram as amáveis palavras que espontâneamente me dirigiu em sua carta. Nunca tive muitos leitores, nem cuidei jamais de administrar vantajosamente a minha reputação como homem de letras. Sou dos mais negligentes neste particular. É que eu, sem embargo de ser um apaixonado das letras, na verdade não tomo muito a sério a literatura – a começar da minha, sobretudo, e neste caso talvez com razão. Mas sei, com satisfação, que tenho alguns leitores, e a sua carta reforça a minha convicção. [...]*

Não demora a chegar do Rio de Janeiro, uma segunda carta e logo segue a resposta de Frieiro, deliciado em conhecer as feições da jovem correspondente:[66]

> *Prezada Correspondente:*
>
> *Respondo com a maior satisfação a sua carta de 26 e muito lhe agradeço a fotografia que me enviou, numa demonstração de apreço que muito me deixou penhorado. É como eu supunha, por causa do sobrenome: uma escandinava dólico-loura.[...]*

Alguns meses mais tarde, ele inicia mais uma carta à jovem[67] reiterando o prazer que aquela amizade epistolar entre um velho escritor e uma jovem inteligente lhe tem causado. Sente-se à vontade para falar de suas preferências literárias e filosóficas, e, assim, vai revelando seu modo de ser e de pensar, sem o pessimismo exagerado de outros momentos:

> *Ruth Nielsen:*
>
> *Antes de sua última carta, já eu tinha pouca dúvida de que fôsse possível um diálogo cordial entre nós acêrca do modo de entendermos a vida e a literatura. Agora, tenho a certeza. Vamos pois continuá-lo nos melhores termos de compreensão recíproca, se fôr do seu grado, como é do meu.Creio que a forma e as propensões de seu espírito, seus gostos literários e as linhas gerais do seu pensamento afinam bem com a minha maneira geral de entender as coisas,assim como compreendo perfeitamente que não encontrem fácil acústica da parte da maioria das pessoas de seu conhecimento, especialmente as de seu sexo e tratando-se de gente nossa. Suas inclinações nesse particular são antes, verdadeiramente, mais próprias de mulher européia. Citou-me La Rochefoucauld. Vejo que o lê com estimação. Escrevi certa vez: "Se me perguntassem que obra célebre eu desejaria ter escrito, responderia: as Máximas de La Rochefoucauld". Quase diria que os autores de minha maior predileção são os moralistas: Gracián, La Rochefoucauld (naturalmente), La Bruyère, Chamfort, Nietzsche, Machado de Assis ... [...]Acusam-me de cepticismo. Não posso dizer-me propriamente um céptico. Sou antes um discípulo de Pirro. Pirrônico e acataléptico, eis o que sou, como de si dizia o sábio João Ribeiro.[...] Perdoe-me que eu tenha falado complacentemente de mim mesmo. É quase inevitável nos egotistas da minha marca. Egotista que se despreza um pouco, é bem verdade.[...]*

Coincidência ou não, no Acervo Eduardo Frieiro, tal como se encontrava no período em que lá desenvolvi a minha pesquisa, os documentos encontravam-se armazenados da mesma

[66] Carta a Ruth Nielsen, datada de 01/07/1964.

forma como chegaram à Academia Mineira de Letras, após a morte do escritor e as cartas escritas por Ruth Nielsen estavam separadas do restante da correspondência passiva, guardadas numa caixa junto às cartas de outra amiga dileta de Frieiro: a professora e ensaísta Maria José de Queirós. Quero crer, se não estiver incorrendo nos equívocos a que estão sujeitos os arqueólogos de correspondências, que na rede epistolar desse intelectual retraído e ensimesmado, as duas jovens mulheres ocuparam um lugar especial, iluminando, com sua inteligência e juventude, as últimas décadas de sua vida. De uma forma indireta, quando a correspondência de Frieiro vier a ser publicada integralmente, ele estará atendendo à reclamação que o jornalista e escritor J. Guimarães Menegale, em tom de brincadeira, insere em um dos seus artigos, após a leitura de *Inquietude, melancolia*: "Frieiro, ponha mais mulheres nos seus livros!" [68]

Afinal, a amizade epistolar entre intelectuais implicava, enquanto foi uma prática comum, múltipla troca. Trocavam-se pré-textos abertos a sugestões, opiniões sobre leituras, indicações bibliográficas, favores, intrigas, recortes de jornais, fotografias. Enviava-se abraços a amigos em comum que, eventualmente, tinham acesso à carta:

> *[...] Ciro dos Anjos agradece e retribue, afectuosamente o seu abraço. E receba um, o mais cordial, do seu amigo*
>
> *E. Frieiro*[69]

Ou:

> *[...] Raramente vejo o Pe. Vilela, mas tive ocasião, um dia dêstes, de lhe mostrar a carta em que o amigo se refere a êle. [...]*[70]

As fotos em tamanho postal, com dedicatória sobre a imagem, eram particularmente apreciadas na primeira metade do século passado, oferecidas a pessoas queridas, familiares ou amigos como sinal de estima e distinção social. Frieiro as recebera de alguns leitores e enviara a sua, quando solicitado, muito a contragosto. Mas, a que refinado cuidado pode chegar um bibliófilo escrevendo a um escritor de sua admiração! E como o escritor, Frieiro, no caso, pode ficar sensibilizado com uma homenagem, revelada em fotografia! Leia-se a resposta do homenageado:

---

[67] Carta a Ruth Nielsen, datada de 10/12/1964.
[68] MENEGALE, J. Guimarães. Frieiro. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, 11 jul. 1930. Caderno 3.
[69] Carta a Raúl Navarro, datada de 05/10/1939.
[70] Carta a A. Pinto de Carvalho, datada de 19/10/1957.

> *Prezado Amigo Antônio Marrocos de Araújo:*
>
> *Recebi sua carta e a fotografia dos livros de minha autoria existentes na sua biblioteca de apaixonado bibliófilo. Nunca poderia ter imaginado que a minha modesta obra literária merecesse tanta simpatia e apreço da parte de um leitor que tive o prazer de conhecer pessoalmente há poucas semanas. Creia que fiquei tocado e sumamente lisonjeado com a homenagem. O arranjo dos livros foi muito feliz e a fotografia saiu excelente, perfeita. Falta, porém uma obra na sua frieiriana:"O alegre Arcipreste e outros temas da literatura espanhola", saído em abril do ano passado. É a última que publiquei. Tenho a satisfação de lhe enviar por este correio um exemplar dessa obra e outro de "Inquietude, Melancolia", pois me pareceu, em vista da fotografia, que o seu exemplar não está muito bom. Pode remeter-me, se lhe aprouver, o negativo da fotografia, oferecido.*[71]

Numa época sem meios de reprodução de impressos não me parece difícil compreender o cuidado despendido pelos intelectuais com suas coleções de recortes. É o que retrata o trecho abaixo:

> *[...] Mando-lhe um recorte do comentário que escrevi no "Estado de Minas" depois de ler a obra de Aldous Huxley a que se refere na carta e que eu li na tradução francesa intitulada "Les diables de Loudun". A obra é das mais impressionantes. Caso lhe seja fácil é favor devolver-me o recorte, único que possuo. Desde já grato. Escreva-me sempre que tiver algum momento vago. É um prazer lê-la.*[72]

Com efeito, a leitura da correspondência de escritores, no meu caso, a correspondência de Frieiro, permitiu-me entender melhor como funciona o campo literário nas suas especificidades. Nesse processo importou-me identificar tanto quem pode ou não ser nomeado como intelectual, quanto perceber quem são as pessoas que circulam nos meios literários, culturais e científicos e as posições e funções que elas ocupam nesses espaços.[73] Assim sendo, lendo as cartas escritas por Eduardo Frieiro, ao longo de cinco décadas, assunto do próximo capítulo, fui me inteirando do movimento literário daquela época.

2.4 A correspondência ativa de Eduardo Frieiro

> Não sou amigo de escrever cartas ou mesmo simples cartões – não tenho a minima inclinação para o gênero epistolar – mas respondo sempre a quem me escreve, - com excepção dos cacetes, bem entendido.[74]

---

[71] Carta a Antônio Marrocos de Araújo, 10/02/1960.
[72] Carta a Ruth Nielsen, 02/09/1964.
[73] Michel Trebitsch. Avant-propos: la chapelle, le clan et le microcosme. *Le Cahiers de l'IHTP,* n.20, mars 1992.
[74] Carta a Orígenes Lessa, datada de 27/05/1938.

Embora tenha declarado mais de uma vez que não gostava de escrever cartas, Frieiro respondia a todas que recebia e, como se sabe, conservava as cópias que fazia das cartas que enviava. Eis o primeiro parágrafo de missiva à mesma leitora anteriormente citada:

> *Ruth Nielsen:*
>
> *A última que lhe escrevi é de 7 de maio. Recebeu-a? Tenho a impressão de que não a recebeu. Diga-me se lhe devo mandar uma cópia (que conservo comigo), no caso negativo. Tenho certa preguiça de escrever, de modo que, naturalmente, gosto que recebam o que escrevo, quando o faço. Tenho duas cartas suas sem resposta.[...]*[75]

Seria esse cuidado apenas um traço de organização (e cortesia?), característico de sua personalidade? Ou garantia com tal gesto o desejo de que tais escritos chegassem, algum dia, tanto quanto seus escritos ficcionais e ensaísticos, ao conhecimento de um público maior? Antecipava-se, talvez, ao pensamento que orienta hoje os profissionais ligados à memória cultural, qual seja, a importância de fazer circular as diferentes memórias, realçando-se seu aspecto efetivamente comunitário? (CURY, 1995a, p.57-58).

Certo é que a troca epistolar com interlocutores diversos, ao longo de décadas, foi espaço utilizado por ele não apenas para a discussão intelectual, inerente à sua inserção num grupo social que faz da escrita epistolar um instrumento habitual, como também para dar vazão ao fluxo incessante, fragmentado e (até certo ponto) involuntário de confissões, montando um retrato multifacetado de si mesmo.

De modo geral, não é fácil trabalhar com cartas. Tratando-se de material variado e abundante, ao mesmo tempo documentação dispersa e episódica e que precisa ser analisada em séries. De difícil leitura quando manuscritas, as cartas são, muitas vezes, quase inacessíveis pelas barreiras impostas pelos segredos (familiares, profissionais, políticos) e pela invasão de privacidade (GOMES, 2004, p.21) que um exame, como o que fiz com a correspondência de Frieiro, pode acarretar.

Também não é fácil trabalhar com cópias de cartas enviadas como fonte de pesquisa como me propus a fazer. Apresentam algumas dificuldades específicas e não parece, até agora, ser uma prática comum entre os estudiosos do gênero epistolar. Nessas circunstâncias, enfentei algumas questões: o montante de cartas enviadas corresponde ao número de cópias arquivadas? A carta correspondente à cópia arquivada terá sido, de fato, enviada? Terá havido

outras alterações / correções na primeira via, a que chegou ao destinatário? Será, de fato, o esforço de controlar os seus ditos e não ditos o que orienta o missivista nesta prática? Trata-se de uma forma, talvez, de relativizar o papel do outro no encontro epistolar, algo como, parafraseando Foucault, "Eu me dou ao seu olhar, mas continuo de posse dessa confissão para um eventual recuo, ou reelaboração da imagem que quero deixar de mim"? Todavia, por ter sido Frieiro um arquivista disciplinado de papéis relacionados à sua vida de escritor, algumas dessas questões foram resolvidas na prática do colecionista. As cópias de cartas enviadas foram arquivadas por ele em pastas tipo A/Z, por ordem alfabética do sobrenome do destinatário. A maior parte delas foi datilografada, com o uso de papel carbono para as cópias, em diferentes tipos de papel: papel de carta com timbre do autor; papel de carta com o timbre da Revista Kriterion, da qual foi secretário, ou com o timbre da Diretoria da Imprensa Oficial, quando escreve em nome do diretor do órgão; papel-jornal e papel de seda com as marcas visíveis de dobra/corte feitos à mão. Mesmo sendo cópias, muitas estão assinadas. Quando são datilografadas, não apenas a assinatura é feita à mão, com caneta, mas também a mensagem de despedida, como mandava a etiqueta epistolar. Como o número de cópias – 652 – é bastante inferior ao número de cartas recebidas[76], ocorreram-me algumas suposições, não necessariamente excludentes: o escritor só começou a guardar tais cópias a partir de um dado momento de sua experiência epistolar; ele não produzia /arquivava cópias de todas as cartas enviadas, seguindo algum critério pessoal de seleção; as pastas com cópias arquivadas sofreram alguma manipulação após a mudança do Acervo Frieiro para a Academia Mineira de Letras, resultando no desaparecimento de determinado número de peças.

Por outro lado, acredito que quando se efetivar o inventário do Acervo Frieiro, a quantidade de cartas da série Correspondência ativa venha a ser diferente do total escolhido como *corpus* de análise. Digo isso uma vez que, ao longo de minha pesquisa, algumas peças foram encontradas misturadas a outros documentos, ou seja, fora da pasta tipo A/Z em que o escritor usualmente as guardava. Diante de tais circunstâncias, optei por tentar identificar a natureza da peça e, uma vez reconhecendo-a como pertencente ao fundo de cartas enviadas, inseria-a

---

[75] Carta a Ruth Nielsen, datada de 22/06/1965.

[76] As cartas recebidas não foram analisadas para este estudo. Vivaldi Moreira dá notícia dessa correspondência em *Glossário das Gerais*, 1991, p.37: "As cartas recebidas por Eduardo Frieiro, em número aproximado de três mil, trazem referências de bastante valor como contribuição à história literária de Minas e do Brasil, de 1925 a 1980, além de revelar caracteres e posturas de muita gente fora do território propriamente das letras, revelam o alto apreço em que tinham a figura do nosso grande escritor".

no conjunto analisado. O detalhe especial, como já mencionei, que instiga a curiosidade do pesquisador, é que essas cópias de cartas enviadas apresentam, eventualmente, correções e acréscimos feitos a caneta e, sintomaticamente, algumas vezes, o escritor anota a data da alteração, posterior à datação da carta. Em algumas, lê-se, no alto da primeira página, uma nota manuscrita: "Não enviada". Outras vezes, duas versões da mesma carta são arquivadas juntas, não sendo possível saber, sem uma consulta ao arquivo pessoal do destinatário, qual delas foi realmente enviada. Tais cuidados do colecionista levaram-me a algumas indagações como: estaria, neste gesto de reter uma carta já enviada ao seu destino, isto é, um objeto que já cumprira a sua função, o desejo do emissor de garantir, ou controlar, de alguma maneira, os termos de sua enunciação? Ou seria um espírito eminentemente pragmático que, ao reunir e conservar sua correspondência ativa, tanto quanto a passiva, estaria poupando o trabalho futuro de reuni-las às cartas enviadas, junto a múltiplos destinatários, em caso de publicação?

Prefiro pensar que o missivista que se debruça sobre o texto de uma carta já enviada, para reelaborá-lo, ou burilá-lo, que seja, está, na verdade, desprendido do aqui e agora, preparando novo espaço/tempo de sua recepção. Em outras palavras, o interlocutor cujo nome consta na saudação e no envelope é apenas o primeiro leitor de um texto que almeja a posteridade. O leitor epígono é o verdadeiro destinatário dessas cartas.

De fato, conforme pude recuperar, alguns poucos correspondentes de Frieiro já haviam pensado em compartilhar com um público maior as cartas recebidas, publicando-as, ao que tudo indica, com o conhecimento e assentimento do remetente. Agripino Grieco, em artigo para *O Jornal,* do Rio de Janeiro[77], comenta uma carta que recebera de Frieiro[78], datada de 11 de novembro de 1932, na qual o escritor mineiro se justifica sobre certos equívocos em algumas citações inseridas no seu livro *A Ilusão Literária* (1932). Grieco era temido por suas críticas ferinas mas, não obstante as incorreções que aponta em *A Ilusão Literária* pensava nele como "um livro que não fica a dever nada aos melhores ensaístas franceses."[79]

Por coincidência, a cópia dessa carta corresponde à peça mais antiga constante do arquivo pesquisado (ou seja, de cópias de cartas enviadas por Frieiro) o que me leva à suposição de

[77] GRIECO, Agripino. Pérolas. *O Jornal,* Rio de Janeiro, 1952. p. 6. Caderno 2.
[78] Na realidade o que está arquivado na pasta A/Z de correspondência enviada é um trecho da carta a Agripino Grieco, uma página datilografada com uma anotação manuscrita informando a data do envio, o nome do destinatário e o nome do artigo onde a carta foi citada.
[79] Citado em MOREIRA, 1991. p. 23.

que o escritor tenha começado o arquivamento das cópias justamente a partir da publicação dessa carta, que se torna objeto de discussão.

João Condé, aliás apelidado por Agripino Grieco como *o gari da literatura* por sua obsessão colecionista, tendo montado um dos mais importantes arquivos literários do país, também publicou uma carta de Frieiro.[80] Trata-se de uma carta enviada a Brito Broca, datada de 1947 e publicada na famosa coluna *Arquivos Implacáveis* que o crítico pernambucano manteve na revista *O Cruzeiro* de 1952 a 1958.[81]

Também no livro *Glossário das Gerais,*[82] Vivaldi Moreira dedica um capítulo a Frieiro no qual inclui, na íntegra, a primeira correspondência trocada entre ambos na passagem de 1937 para 1938. Ele conta que, em 1983, encontrou as cartas que escrevera ao autor de *O Cabo das Tormentas* quarenta e três anos antes, quando, como Presidente da Academia Mineira de Letras, recebeu e "pôs em ordem" o Acervo Frieiro. Comenta Vivaldi: "Lendo-as, experimentei o desejo de cotejá-las com as respostas que o jovem de vinte e quatro anos recebeu do grande escritor". Pude perceber, na resposta de Frieiro o acolhimento amável de um escritor já consagrado nacionalmente, à carta de apresentação de um jovem admirador, mineiro residente no Rio de Janeiro, recém bacharelado em Direito e aspirante ao mundo das letras. Eis alguns trechos dessa carta: "*É autor em gestação? Romance? Desejo-lhe feliz 'délivrance'. Mas publique-o aí no Rio, em São Paulo ou em Porto Alegre*", aconselha em contradição à sua própria prática. O pesquisador que se interessar em cotejar a correspondência de Frieiro com outros jovens diletantes das letras encontrará o mesmo modelo de comportamento: um gentil encorajamento envolvido em ceticismo, que traduzia o seu sentimento em relação ao ato de escrever, conforme expresso em *A ilusão literária* (1932, p. 17): "São muitos os que escrevem e poucos os verdadeiros escritores. Escrever como toda gente é fácil; escrever bem, é extremamente difícil. [...] A arte é filha do tempo e da experiência, é vida vivida e sofrida".

---

[80] CONDÉ, João. Correspondência:carta do escritor Eduardo Frieiro a Brito Broca/17/07/1947/ *O Cruzeiro,* n. 57, 20 março 1954. Arquivos Implacáveis.

[81] Cf. SAMPAIO, Roberta de Castro. *Os Arquivos Implacáveis de João Condé:* edição facsimilar acompanhada de estudo e notas. 2003. Dissertação. – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

[82] MOREIRA, 1991, p.23-40.

É o mesmo Vivaldi Moreira que recebe e publica, no Suplemento Literário do jornal *Minas Gerais* de 13 de fevereiro de 1982, a carta que parece[83] ter sido a última escrita/enviada pelo nosso escritor, pouco antes de sua morte. Nela, ele comenta o livro do confrade, de cunho autobiográfico, *O menino da mata e seu cão Piloto.*

Mergulhar nas cartas de Frieiro tem sido uma experiência indescritível. Antes, porém, de passar, efetivamente, para a análise das mesmas, julgo necessário fazer uma descrição desse arquivo de cartas.

As cópias de cartas enviadas

O desenvolvimento deste trabalho levou-me a examinar um conjunto de documentos composto de 652 cartas, enviadas a 302 destinatários, compreendendo o período de dezembro de 1932 a março de 1982. Foram, assim, quase cinco décadas de atividade epistolar atravessando um século pródigo em mudanças sociais, políticas e tecnológicas, no Brasil e no mundo. Esse contexto serviu, naturalmente, como pano de fundo às reflexões, juízos estéticos e confidências de Frieiro. Contudo, é preciso ressaltar, o escritor guardava, no espaço relacional das cartas, uma reserva autoprotetora quanto às suas opiniões políticas, o que contrasta com a sinceridade com que se revela no diário. Tendo nascido com a república, já era adulto durante a Primeira Grande Guerra; desenvolveu certa expectativa em relação ao getulismo para logo se desencantar; foi admirador de Perón e da Argentina dos anos 50; acreditava que a Europa sairia fortalecida da Segunda Guerra; acompanhou com entusiasmo, sem perder o espírito crítico, o governo desenvolvimentista de Juscelino; teve muita esperança do Brasil se tornar uma grande nação no início dos anos 60 para logo se desiludir com a eleição de Jânio Quadros; a ditadura militar mereceu o seu repúdio silencioso mas não abalou a crença que tinha no progresso "em sentido estritamente subjetivo"[84], isto é, a capacidade de renovação do homem, apesar das guerras inevitáveis. Entretanto, muito pouco

[83] Não há cópia dessa carta aquivada na pasta de cópias da correspondência enviada. Encontrei, em meio a outros documentos do Acervo Frieiro, uma cópia xerox da carta, conforme publicada no Suplemento Literário do jornal Minas Gerais.
[84] Cf. FRIEIRO, *Novo Diário,* p.58.

desses posicionamentos e opiniões estão nas cartas e, de fato, alguns confrades seus o julgavam apolítico.[85]

Feito esse recorte, porém importante, volto à descrição das cartas. O período que vai dos anos 40 aos anos 60 do século passado apresenta a maior média de cartas enviadas. Referente aos anos 1973, 1975, 1976, 1977, 1979 e 1980, não há nenhuma cópia arquivada. Tal ritmo é perfeitamente compatível com o ápice da carreira de Frieiro como intelectual conhecido e respeitado e o declínio devido à cegueira e à idade avançada.

A maneira como Vivaldi Moreira se refere à primeira carta que recebeu do escritor, em 19 de dezembro de 1937 – "Impecavelmente datilografada, esta epístola de Frieiro é seu retrato pela limpeza, altura vocabular, amor às letras"[86] - corresponde ao padrão das cartas escritas por Frieiro até o momento em que começa a perder a visão, na década de 1970. Desde então, os textos já apresentam erros datilográficos, nomes estrangeiros grafados de forma incorreta e a estética da página já não é impecável. Sabe-se que D. Noêmia é que fazia as vezes de escriba (e de leitora) para o marido.

A respeito desse gesto afetuoso de esposa, essencial para que o companheiro, debilitado, não fosse privado da energia vital que lhe chegava através da leitura/escrita, penso que a intervenção de uma terceira pessoa entre a elaboração e a transcrição das cartas teria perturbado o velho Frieiro, sempre tão rigoroso diante de possíveis deformações num processo de *tradução.* Impossível deixar de ver, nas últimas cartas e na velhice que chegava inexorável, uma relação indissociável entre o *corpus* sob análise (o conjunto de cartas) e o *corpo* que lhe deu forma, por tantos anos! As cartas, enfim, acompanharam a *idade do corpo* do escritor, fragilizados na aparência sem perder, na essência, a lucidez.

[85] A esses "mal julgadores", palavras suas, ele responde longamente ... no diário. *Novo Diário*,1986, p.168-9.
[86] MOREIRA, 1991, p. 35.

Locais e data

Lugar e data são elementos importantes na análise do texto epistolar que, uma vez identificados, contextualizam a feitura e o conteúdo da carta. Mais do que instrumentos de classificação arquivística, atuam como *ancoragem* espacial e temporal para a melhor identificação dos fatos e idéias ali contidos. Traduzindo um ritmo e um encadeamento específicos da correspondência, permitem caracterizar, senão o sentido daquela relação epistolar, pelo menos sua direção, intensidade e duração.

Morando na província, de onde saía ocasionalmente, as cartas eram o canal que se abria para Frieiro comunicar-se com o Brasil e o mundo. Não é raro, também, que escreva cartas a pessoas morando na mesma cidade. Suas cartas começam, quase sempre, segundo o protocolo epistolar, com a menção de lugar e data. Excetuando uma carta enviada do Rio de Janeiro ao Diretor da Imprensa Oficial de Minas Gerais, sobre questões de trabalho, em 1944, ele escreve, invariavelmente, de Belo Horizonte.

Do montante de cartas analisadas, a mais antiga (salvo aquela enviada a Agripino Grieco e da qual foi guardado somente um trecho) foi enviada a Agostinho de Campos, escritor português e professor da Universidade de Coimbra, Portugal, datada de 16 de dezembro de 1932. É uma longa carta de cinco páginas, na qual Frieiro começa agradecendo artigos do *eminente Mestre* publicados respectivamente nos jornais *O Comércio do Porto* e no *Diário de Notícias*, também da cidade do Porto, sobre o seu livro *A ilusão literária.* O tratamento cerimonioso – *Exmo. Sr. Dr. Agostinho de Campos* – e a despedida respeitosa – *E mande sempre no velho admirador muitíssimo agradecido* - evidenciam a distância formal entre os dois escritores naquele momento, embora ocupassem posições equivalentes nos campos literários de seus respectivos países. Não obstante a admiração manifesta ao intelectual português, não se trata de uma relação entre aprendiz e mestre. A essa altura, Frieiro estava com quarenta e três anos e já havia publicado *O Clube dos Grafômanos* (1927), *O mameluco Boaventura* (1929), *Inquietude, Melancolia* (depois intitulado *Basileu)* (1930), *O brasileiro não é triste* (1931) e *Ilusão Literária* (1932), além de praticar o jornalismo literário em jornais de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro.[87]

[87] Jornais em que havia colaborado até 1932 : Belo Horizonte: *Avante!, La voce latina, Vida Esportiva, Minas Gerais, Diário de Notícias, Diário de Minas;* Rio de Janeiro: *ABC, Primeira;* São Paulo: *A Lanterna.*

A quantidade de correções e reformulações no texto manuscrito da mesma carta sugere o cuidado habitual que dispensava ao texto escrito, fosse uma carta, um artigo de jornal ou uma obra literária de fôlego. Segundo ele próprio já havia declarado, em outro momento[88]:

> *Sou [...] dos que amam estas casquilhas da erudição literária. Quero as citas bem controladas, a authenticidade nas referências. Gosto dos nomes (ainda extranhos ou exóticos) graphados com acerto, e dos textos bem cuidados. Erudição fácil? Coisas sem importância? Talvez. Em todo caso, indispensáveis ao decoro de quem escreve, à'bienséance' na arte de escrever.* [89]

Aliás, aquele que, à maneira de Barthes, quiser escolher um único traço de Frieiro para manter viva a memória dele, sugiro a *bienséance,* isto é, a decência na arte de escrever (e de editar). Certamente, essa é a sua marca mais autêntica. Ao cultor da língua, juntava-se o apreciador das artes gráficas. A propósito, com a frase latina *Typographia inter musas decima* Frieiro exaltou mais de uma vez a sua preferência entre as artes[90] expondo, ao mesmo tempo, pelo viés do tipógrafo, a afinidade eletiva com Machado de Assis sugerida em muitos outros momentos.

O uso freqüente de termos e citações em outras línguas, aliás, ilustra não apenas um hábito, que devia ser comum a intelectuais que se relacionavam com culturas estrangeiras (como sugere Gomes,[91] ao analisar a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre) como também a inserção, mais ou menos recente, de certas atividades e conceitos importados, ainda pouco assimilados pela cultura brasileira. Pode ser o caso da palavra *futebol,* assim grafada por Frieiro, ao lado da forma *foot-ball*. Aliás, o futebol foi o esporte preferido de Frieiro sobre o qual escreveu curiosa crônica intitulada *Os primórdios do futebol em Belo Horizonte.*[92] Mas, sobre isso, tratarei mais adiante.

---

[88] Carta a Agripino Grieco, 11 de novembro de 1932.
[89] Lembro, aqui, que fiz opção por manter a ortografia original das cartas.
[90] FRIEIRO, 1980, p.22.
[91] GOMES, 2004, p.55.
[92] FRIEIRO, E. Os primórdios do futebol em Belo Horizonte. *Vida Esportiva,* Belo Horizonte, v.1, n.1, 14 nov. 1927.

Interlocutores e temas

Diante da personalidade epistolar de Frieiro, já que em presença era reservado e pouco loquaz, estiveram presentes intelectuais de Minas, do Brasil e do exterior, sobretudo de Portugal e de países da América Latina. Escritores já consagrados e postulantes à arte de escrever, filólogos e críticos literários, bibliófilos e editores, professores universitários e ex-alunos, jornalistas, bibliotecários e leitores corresponderam-se com Frieiro. A essas categorias, somam-se, ainda, personalidades políticas e muita gente mais, de alguma forma, ligada à República das Letras.

Contudo, amizade intelectual, no sentido tradicional das biografias literárias, Frieiro manteve com poucos correspondentes, sobretudo com Rodrigues Lapa e Brito Broca. Ainda assim, o montante de cartas enviadas e recebidas é pequeno, se comparado ao de outros missivistas conhecidos. Com o filólogo português Rodrigues Lapa, manteve a mais longa correspondência, de 1938 a 1970, partilhando interesse pela Galiza, pelos documentos relativos à Inconfidência Mineira, pela política. Com Brito Broca, debateu, em longas cartas, aspectos da crítica literária e da historiografia da literatura e da cultura mineira. Transparece nessas cartas, o prazer do crítico de idéias e do bibliógrafo encontrando interlocutores com quem partilha interesses e valores. Com Ciro dos Anjos, Guilhermino César e outros intelectuais mineiros, as conversas epistolares versavam, principalmente, sobre o ato da criação literária, os escritores de Minas e os bastidores da Academia Mineira de Letras, quando seu espírito cético e mordaz apresenta juízos ácidos e certeiros sobre a vida política e cultural do Estado.[93]

A respeito dos temas recorrentes na correspondência de Frieiro, o mapeamento mais sistemático indica incontáveis interesses na vida desse intelectual não *da* província nem *de* província mas *na* província, como ressaltou Edgard Cavalheiro. Destes, se destaca o gosto pela auto-análise (aspecto que serve de fio condutor desta tese). Aliás, com muita freqüência, a tentativa de definir-se retorna à pauta do missivista. Para isso, busca o apoio de teorias e conceitos psicológicos circulantes na época. Impulsionado, pois, por um um *motor*

[93] A relação do total de 304 correspondentes de Eduardo Frieiro poderá ser conhecida consultando-se uma lista inserida como Anexo B deste trabalho.

suplementar - *conhece-te a ti mesmo* - o homem pessimista e misantropo sente a necessidade de, reiteradamente, falar de si, o que implica, no caso, falar de seu ressentimento.

Ressentimento, vale lembrar, é entendido como uma disposição psicológica relativamente estável que, em vista do recalcamento sistemático de algum sentimento de rancor, raiva, ou inveja, reorienta para o *eu* esses mesmos impulsos agressivos impedidos de descarga. Tais impulsos geram disposição passiva para a queixa e acusação indignada contra si mesmo. O sujeito ressentido *quer não se esquecer* do mal que o vitimou e acaba por se auto-envenenar com as próprias ruminações acusadoras (KEHL, 2004, p.11-2). O ressentimento, entretanto, não é um conceito da psicanálise. Na verdade, é Nietzsche, com o ensaio filosófico de 1887, *A genealogia da moral,* o primeiro a tentar, de forma original e consistente, um estudo sobre a noção de ressentimento, respaldando-se em fundamentos complementares da História, da Psicologia e da Sociopolítica. Tendo como pano de fundo a história do ódio e de seus subprodutos – a inveja, o ciúme, o desejo de vingança, como sentimentos resultantes das relações de força entre diferentes classes sociais ou etnias, interessa, de fato, a Nietzsche, não a história do ódio declarado e assumido mas, ao contrário, a sua interiorização e negação.(NIETZSCHE, 1978). Mas, deixemos as cartas falarem no momento oportuno.

Como não poderia deixar de ser, a literatura é, certamente, outro tema central de suas cartas. Sua trajetória literária de leitor está narrada, passo a passo, a diversos interlocutores: desde os percalços e singularidades de um autodidata que teve, como escola, a biblioteca pública de sua cidade até as fases distintas, da maturidade à velhice. A literatura francesa rivalizava com a espanhola na sua preferência, mas as cartas testemunham um leitor omnívoro de outras literaturas, ressaltando-se a literatura hispano-americana, de que foi grande conhecedor e divulgador.

A gênese de suas criações literárias, assim como projetos acalentados e não realizados são também tratados nas cartas. As questões das bibliotecas em geral, das públicas de Belo Horizonte e da Faculdade de Filosofia da (então) UMG, são também temas caros a Frieiro. Do mesmo modo, são assuntos de sua correspondência o mercado livreiro, a história da edição e, principalmente, questões relativas à revista *Kriterion,* da qual foi secretário, responsável pela qualidade gráfica desde a sua criação, diretor e também assíduo articulista.

Seu pensamento independente e capaz de rever posições anteriormente declaradas, marca de sua honestidade como intelectual, manifesta-se, sobretudo, quando se trata da política e dos políticos. No decurso do conturbado século XX, suas convicções políticas têm, em verdade, o estofo do ceticismo. À maneira de Montaigne, confidencia a Ruth Nielsen, em 10 de dezembro de 1964: "*Sou um hereje total. Antidogmático em filosofia, em política, em estética e no resto. Penso que ter opinião é preferir enganar-se num certo sentido"*.

Contudo, talvez desmentindo seu autoproclamado ceticismo, abre espaço em suas cartas para falar de sua amizade aos animais, conforme evidencia este trecho:

> *[...] Já escrevi três ou quatro artigos sobre cães e outros bichos naquele jornal [Estado de Minas]. Sou zoófilo, como declarei mais de uma vez. Tão zoófilo, veja o caro Professor, que, achando-me em Madrid com um grupo de uns vinte turistas brasileiros, todos foram `as touradas um domingo, e minha mulher e eu preferimos ir a outra parte. Sou pelo touro, contra o toureiro.[...]* [94]

Também dedicou algumas palavras à literatura infantil, como nestre trecho:

> *[...] Se há tantas bomboneiras por tôda parte e Você escreve livros infantis com êxito cada vez maior, isto significa muito simplesmente que as crianças são tão gulosas de bombons como de bonitas historietas. Só as crianças?Você bem sabe que não.Em qualquer idade, se o paladar não se estragou e a imaginação não está embotada, quem não aprecia um caramelo ou uma história bem urdida? Sempre me peleei por uma e outra cousas, e ainda hoje prefiro, como as crianças, uma boa história ao mais saboroso caramelo. [...]*[95].

A *deliciosa* futilidade das fitas de cinema também não é esquecida:

> *[...] Desde as primeiras fitas Pathé, até o atual cinemascópio, tenho sido freqüentador dos mais assíduos das salas de projeção, e topo todas as fitas, mesmo as mexicanas, gênero "desgraça pelada". [...]* [96]

Embora nunca tenha solicitado nada em benefício próprio, em mais de um momento intercede junto a amigos bem colocados em favor de pessoas menos favorecidas. A Ciro dos Anjos, então diretor da Imprensa Oficial, envia a seguinte carta em 3/02/1949, solicitando a atenção do amigo para a demanda de um conhecido casual, em momento de grande necessidade:

> *Meu caro Ciro:*

---

[94] Carta ao Professor Carvalho Lopes, de 19/10/1961.
[95] Carta ao escritor Vicente Guimarães, de 20/05/194.
[96] Entrevista concedida a Raimundo Meneses, publicada na *Folha da Manhã,* de São Paulo, [s. d.] e reproduzida no *Minas Gerais,* Belo Horizonte, v.2, n.68, dez.1967. Suplemento Literário*,* p.11.

> *O signatário da carta junta, Sr. Luís Aires de Lima, homem pobre e doente do peito, que conheci há tempos no consultório do Dr. Oscar Matos, pediu-me que a fizesse chegar às suas mãos, com umas palavras de recomendação. O nosso amigo Dr. Oscar, que é um bom tisiólogo, tratou dele com resultados bem satisfatórios e deu-o como curado clinicamente, ao menos em aparência. Mas o Sr. Luís Aires teve a infelicidade de contrair uma pneumonia em Juiz de Fora, onde se achava com a mulher e os filhos. Resultado: voltou-lhe a doença, em forma muito mais grave. Está atualmente num sanatório daqui, em extrema necessidade, depois de ter esgotado todos os resultados de que pôde lançar mão. Eu não podia recusar o pequeno serviço que me solicitou, por saber-me seu amigo. Não sei se o que pretende é razoável ou não: deponho o caso nas suas mãos, e leve mais esse favor à conta dos muitos, e maiores, que lhe dêvo.*
>
> *Abraça-o, com afeto, o velho amigo, muito agradecido*
>
> *[Sem assinatura]*

Ao Dr. Juscelino K. de Oliveira, já Presidente da República, em 22/08/1957, apresenta o pedido de encaminhamento de um sobrinho, pai de família desempregado.

> *Senhor Presidente*
>
> *Eu não podia pedir nada ao eminente Amigo, por não o permitir já a minha enorme dívida de gratidão a quem me salvou a vida duas vêzes em oito dias e contínuamente me tem distinguido com excepcionais favores e cativantes demonstrações* de simpatia. Mas tenho de o fazer. *O caso é que o portador desta, meu sobrinho Jaime Costa, pai de família, desempregado há tempos, depois de ter trabalhado 17 anos como joalheiro e guarda-livros da Relojoaria e Joalheria de seu concunhado Vicente De Marco, que fechou essa tradicional casa comercial de Belo Horizonte. Sua esperança, neste momento, é conseguir de nosso grande Presidente o lugar de perito avaliador de jóias e mercadorias da Caixa Econômica Federal de Minas Gerais, ora vago e a bem dizer esquecido para o fim de seu provimento. À falta de melhor amparo, Jaime Costa recorreu a meus insignificantes préstimos, o que estou fazendo por meio desta. Joalheiro e guarda-livros, homem que foi da absoluta confiança de Vicente De Marco, não há dúvida que se acha apto para desempenhar o cargo que ambiciona ocupar. Será excelente funcionário, se Vossa Excelência lhe dispensar a sua alta proteção.* Com antecipados agradecimentos, renovo a Vossa Excelência meus protestos de profundo reconhecimento e sou, sempre ao serviço do preclaro Presidente,
>
> *Amigo mto. afo.e obdo.*[97]
>
> *[Sem assinatura]*

Em resumo, Frieiro revela-se, nessas cartas, espírito desprendido e humanitário que se contrapõe à imagem mais conhecida: indivíduo exigente e intolerante, irônico e cético, características essas que, não se pode negar, também compõem a sua personalidade. As contradições, enfim, fazem parte do perfil desse homem que, dizendo-se incapacitado para a ação, atravessou o século construindo uma obra literária e cultural que merece ser (re)descoberta e apreciada.

---

[97] Abreviatura de: Amigo muito afetuoso e obrigado. Fonte: FRÓES, H. P. *Dicionário Internacional de Abreviaturas.* Rio de Janeiro: Gráfica Muniz S.A., 1961.

3. UM PERCURSO INTELECTUAL: O QUE DIZEM AS CARTAS

3 UM PERCURSO INTELECTUAL: O QUE DIZEM AS CARTAS

Escreve-se [...] ou para não estar só, ou para não deixar só.
Andrée Crabbé Rocha. A epistolografia em Portugal.

3.1 Os últimos vinte anos

Mestre Frieiro

O viajar nas lombadas
O perquirir das páginas
Encartando letras
Pela vida inteira
Entre quatro paredes
A lavrar um sol
Desses sóis-mundos
De interior e muito de palavras.

Mestre Frieiro,
Agora encantado,
Encadernado
Para sempre

Adão Ventura

Uma foto de Eduardo Frieiro na primeira página do *Estado de Minas* de 24 de março de 1982. Na página 7, a reportagem abrindo-se com o título: ACADEMIA PERDE UM DE SEUS IMORTAIS: EDUARDO FRIEIRO. Na íntegra, o discurso de despedida proferido na cerimônia de seu sepultamento, no Cemitério do Bonfim, pelo presidente da Academia Mineira de Letras, Vivaldi Moreira. O *Minas Gerais* (desta vez era verdade!), publicou um necrológio extenso, mencionando, ao lado dos dados pessoais do autor, a grande tristeza com que aquela Casa - a Imprensa Oficial - havia recebido a notícia do passamento do destacado ex-funcionário. Outros jornais de Belo Horizonte, do Rio de Janeiro e de São Paulo também deram, com certo destaque, a notícia de seu falecimento. Em sua crônica, no *Jornal do Brasil,* escreveu Carlos Drummond de Andrade*:* "Morreu em Belo Horizonte o perfeito escritor: Eduardo Frieiro [...] Cáustico, afiado, preciso, clássico entre desmandos de linguagem. Uma das mais singulares figuras da literatura brasileira, a estudar e reverenciar."

Foi, certamente, a contragosto, que se deixou levar pela morte motivada por derrame cerebral, aos 92 anos,[98] durante a madrugada do dia 24 de março de 1982, no Hospital São Lucas. Os amigos e confrades que dele foram se despedir na Capela Velório do Bonfim – os irmãos Moreira, Vivaldi e Edson, o professor Aires da Mata Machado, Mário Mendes Campos, Francisco Magalhães Gomes, além de Murilo Rubião e Affonso Ávila, entre outros – comentavam que, apesar da idade, Frieiro continuava completamente lúcido e consciente dos problemas do país. "Continuava de cabeça clara, vivíssimo, enquanto se apagava a luz de seus olhos" foram as últimas notícias, que, no Rio de Janeiro, o escritor Josué Montello recebera da escritora Maria José de Queiroz, grande amiga do casal Frieiro (MONTELLO, 1982). Seis anos antes, de fato, um derrame ocular impossibilitara-o de escrever, mas continuou lendo, graças a um arranjo de lentes de aumento com iluminação interna. Leitura precária, juntando pedaços de palavras mas, sem isso, quem sabe, tivesse *durado* menos. Escrevera certa vez: "Os velhos, mesmo doentes, gastos, alquebrados, parecem mais apegados à vida que os moços, cheios de vigor e saúde. O velho acaba tendo um único problema: durar. Durar, para quê? Para ir durando, ora essa!"[99]

A leitura, a amizade aos livros, à maneira de Proust, ou, mais justamente, de seu mestre Montaigne, teriam sido a motivação maior dessa vida que acabava de "dar o passo decisivo, na peregrinação", conforme expressão na página de despedida escrita pelo amigo Aires.[100] Está declarado em *Os livros nossos amigos* (sem vírgula, como ele queria), que "os amorosos do livro já nascem feitos, sob um signo favorável. Pertencem ao número dos predestinados para os quais o livro se apresenta como coisa imprescindível à vida. São dos que não podem viver sem ele e que o consideram como parte de si mesmos" (FRIEIRO, 1999, p.28).

Homenageando o amigo morto Josué Montello retoma, inevitavelmente, a noção de *philía,* de *bibliofilia*. Segundo ele, para Frieiro

> os livros somente serviram para aguçar no seu espírito a consciência da vida. Por isso mesmo, não viveu apenas os noventa e poucos anos que durou a sua existência. Viveu outras vidas, muitas vidas, todas as vidas – graças ao poder

[98] Repete-se, em todos os jornais que divulgam a notícia de seu falecimento, o equívoco relativo à sua idade, já que informam como data de nascimento 1892 e a morte aos 90 anos. O próprio Frieiro, como se verá, parece ter alimentado esse engano. Contudo, sua carteira de identidade, reproduzida em anexo neste trabalho traz como data de nascimento 5/7/1889, tendo ele morrido, portando, com 92 anos e oito meses em 24/3/1982.
[99] FRIEIRO, E. Rapsódia. *Minas Gerais.* Belo Horizonte, 1967. Suplemento Literário, p.10.
[100] MATA MACHADO FILHO, Aires. À guisa de adeus a Eduardo Frieiro; Conhecimento do homem. *Estado de Minas*, 25 março 1982. Caderno 2, p. 1.

> transfigurador da leitura que, para ele, não foi o vício impune, lembrado por Valéry Larbaud, e sim a vida multiplicada ao infinito, no convívio com Shakespeare, com Balzac, com Montaigne, com Lope de Vega, com Eça, com Galdós, com Dante, com Camões, velhos amigos de sua maior intimidade (MONTELLO, 1982).

Não é sem fundamento o recado que Drummond, no elogio fúnebre, parece direcionar a pesquisadores e leitores da literatura escrita em Minas! Autor de uma produção intelectual respeitável, entre a ficção, o ensaio e a crítica, Frieiro não chegou a ser um escritor conhecido do grande público, apesar da boa recepção que seus livros sempre tiveram da parte da crítica especializada. Ele próprio não desconhecia a razão desse descompasso, como revela a passagem a seguir:

> Esse [o livro *O Clube dos Grafômanos*] e os seguintes tiveram o melhor acolhimento da crítica. Êxito de público? Escasso. Todos os meus livros, publicados na capital mineira em reduzidas tiragens, mal saíram de lá. Mas eu, por feitio, nunca cuidei de chegar ao grande público. E sempre fui um escritor envergonhado. No entanto, conquistei o meu círculo de leitores, não através do livro, mas do jornalismo literário.[101]

Como outros escritores de sua geração, e das seguintes em Minas, o jornalismo literário representou para Frieiro a porta de entrada ao mundo das letras, espaço no qual o escritor se deixava descobrir pelos leitores que, só mais tarde, vão reencontrá-lo no livro. Em 1971, quinze anos após a declaração acima mencionada, o psiquiatra e intelectual José Nava referindo-se à postura do *escritor envergonhado* diz:

> Só agora distribui-se a última obra de Eduardo Frieiro [*Torre de Papel*], motivos literários abrangendo tópicos de literatura nacional e estrangeira, que o autor amoitou desde 1969. O gesto é muito de Eduardo Frieiro, a modéstia em pessoa, mas autor disputado, a sonegar-se constantemente aos leitores que o buscam nas livrarias.[102]

Além de recusar, reiteradamente, convites de editores do Rio e de São Paulo para a publicação de seus livros, escondendo-se por muito tempo[103] em edições de pequenas tiragens e distribuição precária, Frieiro adiou, indefinidamente, uma mudança para o Rio de Janeiro, destino natural do escritor que ambicionasse posição de destaque no campo literário do país,

---

[101] SANTAYANA, M.; WATANABE, H. Os que não desceram a montanha. *Alterosa*, Belo Horizonte, n. 37, 15 dez. 1956.
[102] NAVA, José. Torre de Papel. *Minas Gerais,*. Belo Horizonte, mar. 1971. Suplemento Literário, v. 6, n.236, p.7.
[103] Livros publicados por editoras do Rio de Janeiro e de São Paulo: *Os livros nossos amigos,* 3. ed. São Paulo: Livraria Pensamento; *O mameluco Boaventura,* 3. ed. São Paulo: Livraria Saraiva; *O brasileiro não é triste, 2. ed.* Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

na primeira metade do século passado, ou mesmo depois. A carta-resposta (1/10/1960) ao jurista, escritor e membro da ABL, Levi Carneiro, deixa transparecer alguma mágoa pela decisão nunca tomada:

> [...] pode crer que, no Rio (caso para aí me mudasse, hipótese improvável), eu o ajudaria com todo o prazer a fazer a Revista Brasileira. Vivo porém aqui, malgrado meu, no interior desta Província e já estou velho para pensar em mudanças.O que o prezadíssimo Amigo me diz sobre a A.B.L. me desvanece além de todo limite. Claro que desvanece. Mas não sou tão fátuo que me passe pela cabeça possa eu pertencer à Casa de Machado de Assis. Não é fingida modéstia, senão elementar bom senso. Justo senso das situações. [...]

Levi Carneiro, assim como outros amigos intelectuais, tentou levar o escritor mineiro para a Academia Brasileira de Letras. A posição de Frieiro foi sempre a mesma, tal como se lê nessa carta. Mais curioso pode parecer esse retraimento, uma vez que sua vontade de escrever não esmoreceu com a idade, só se afastando da escrita, da experiência do papel-máquina, recorrendo à expressão de Derrida, já chegando aos 90 anos, com o agravamento do problema ocular. O sentimento ambivalente de detestar a província e nela permanecer, de saber-se um *homo scribens* mas *dificultar* a divulgação mais ampla de sua obra sugere-me alguma coisa parecida à *maldição da origem*, com que Pascale Casanova (2002, p.227), percorrendo a República Mundial das Letras, tenta entender a situação dos escritores que vivem/produzem nos espaços literários marginais. Frieiro, como outros escritores ligados a literaturas perféricas, expressa, com seu projeto de escritor e intelectual, certo desengajamento altivo que "não esconde a raiva de escrever em uma língua pouco traduzida, de não poder pretender a qualquer 'destino' nacional grandioso, a humilhação de ter de dobrar-se ao dever-ser dos 'pequenos'".[104] (Grifo do autor).

Depois de *Torre de Papel,* Frieiro ainda publicou, em 1971, *O Elmo de Mambrino*, livro de ensaios composto, como o anterior, nos prelos da Imprensa Oficial de Minas Gerais, às próprias custas, como mostra esta passagem:

> *[...] Como escritor pobre da província, escritor que se imprime à própria custa, quase invariavelmente, sempre almejei o que até hoje não consegui: o de ver um texto meu pulcramente tipografado.*[105]

[104] Reproduzo o perfil que Casanova atribui a E. M. Cioran, escritor romeno, perfeitamente aplicável a Frieiro, escritor da *província.*
[105] Carta a Valdemar Cavalcanti, datada de 6/3/1961.

Talvez por isso mesmo, pelo sistema precário de distribuição desse modo de editar, os dois últimos livros tenham tido menos repercussão que o anterior *Feijão, angu e couve,* editado pelo Centro de Estudos Mineiros da Fafich/UFMG, em 1966. "'Feijão, angu e couve' é sucesso!" noticiou, na época, em tom de furo jornalístico, até mesmo o colunista social do Diário de Minas. Ensaio sobre a comida e os hábitos alimentares dos mineiros desde o século XVII, esse livro motivou uma carta do folclorista Luís da Câmara Cascudo ao autor, em março de 1967:

> *FEIJÃO, ANGU E COUVE alimentaram-me essa quaresma em ração cotidiana e farta. Delícia de livro!... Reúne, em equilíbrio condimental incomparável, livraria, observação, nitidez comunicante. Minas Gerais foi a zona surda quando pesquisava para a "História da Alimentação no Brasil". Raros informantes. Fontes distantes e tão preciosas que ficaram escondidas. Uma tristeza para mim. Apenas farejei uma crônica de Antonio Torres sobre um assombroso jantar mineiro, e que aparecerá no 3º tomo, que é uma antologia, por sugestão do embaixador Chateaubriand. Que riqueza não me chegou aos olhos no tempo do tacteamento indagador... Já não é o mesmo ter seu livro agora, indispensável para a leitura mas desaproveitado como documentação para o meu cartapacio. Por isso FEIJÃO, ANGU E COUVE não valorizam minha pequenina bibliografia. O 1º tomo entreguei em 1963 e os outros dois no ano imediato. Intocáveis, avisa-me o editor. Não me despeço de uma oportunidade aparecer, dando, por esse intermédio jagunço, uma divulgação merecidíssima. É realmente um volume finito, no plano da corrigenda e da sugestão. [...] (Grifos do autor).*

Haverá, subjacente à gentileza do elogio ao livro do escritor mineiro uma disputa intelectual de cunho regionalista, perceptível na insinuação de fontes mineiras *escondidas* no momento em que Câmara Cascudo compunha o seu livro? Ou estará ele se referindo simplesmente às riquezas bibliográficas submersas na desorganização dos arquivos brasileiros, mineiros inclusive? Minha hipótese é que, ao acentuar a data de publicação da sua *História da Alimentação no Brasil,* o pesquisador potiguar estivesse querendo marcar a anterioridade do seu trabalho em relação ao do amigo mineiro. Ou talvez, mencionando no seu texto as expressões *intocável* e *finito*, quisesse o autor insinuar a idéia de um trabalho completo, que dispensava a contribuição do outro. Qualquer que tenha sido a intenção do folclorista, Frieiro lhe responde amavelmente em 19/04/1967:

> *Estou envergonhado: não respondi às amabilíssimas palavras que teve a gentileza de me dirigir a propósito de Feijão, angu e couve. Ia eu fazê-lo certamente mas o tempo foi passando, rapidíssimo, foi passando e [...] Agradeço, desvanecidíssimo, as suas cativantes palavras. Seu elogio ao meu livro é o melhor galardão a que êle poderia ambicionar. Elogio de Mestre sem par no assunto.*

Continua discorrendo sobre a culinária mineira em mais um parágrafo e no trecho final:

> *Estou ficando com água na bôca. Mas são dez e meia e às onze almoço. Não sou de modo algum um gourmand. Setuagenário, cuido-me. Um pouco lambareiro, com moderação. Espero, com a maior curiosidade que o assunto em mim desperta, o aparecimento de História da Alimentação no Brasil.*
>
> *Cordial abraço do velho admirador*
>
> *[Sem assinatura] (Grifos do autor)*

Vale lembrar que as relações entre a culinária e o universo da literatura e da cultura não são novas e estão presentes em obras de escritores distantes no tempo como Virgílio, Plínio, Rabelais, Zola, Eça de Queirós, entre outros. No Brasil, o livro de Gilberto Freyre *Açúcar: uma sociologia do doce*, escrito em 1939 tem sido considerado referência básica no estudo das relações entre comida e sociedade, ao lado do citado *História da Alimentação no Brasil* (1967), de Câmara Cascudo.

Mas, chama a atenção daqueles que acompanham a fortuna crítica de Frieiro, a ausência de *Feijão, angu e couve* (publicado em segunda edição, em 1982, pelas editoras Itatiaia/Belo Horizonte e Edusp/São Paulo) nos escritos - ensaios, teses, resenhas, repertórios bibliográficos - sobre o tema culinária e sociedade brasileira[106]. Uma evidência a mais do esquecimento/desconhecimento de um autor que, sem favoritismos, se insere no grupo dos *explicadores do Brasil*, ou, se preferirmos, de Minas Gerais. Com dedicatória à sua mulher Noêmia, *peritíssima na arte de bem cozinhar*, Frieiro expõe, de início, a abordagem pretendida, recusando o recurso de se tomar, como referência, *o mineiro típico,* entidade abstrata, tendo em vista que "a população de Minas Gerais é tão geograficamente diversificada como a flora e a fauna do seu vasto território [...] (1966, p.32)":

> Nas páginas deste ensaio fala-se de mineiros, mas entendidos muito simplesmente como o conjunto dos habitantes de Minas, tanto os do passado como os do presente, de cujos hábitos alimentares nos ocuparemos. Em que forma? Na única possível no caso: baseando-nos não em rigorosas pesquisas

[106] Refiro-me à pesquisa sobre os textos e bibliografias que trabalhem a história da alimentação no Brasil como objeto de estudos. Entre sete trabalhos, apenas a *História da alimentação: bibliografia geral e específica*, de Henrique Carneiro inclui *Feijão, angu e couve*. Disponível em:<<http:// <<www.nuevomundo.revues.org.> Acesso em: 15/12/2006. Os outros são: Horta, Luiz (Org.) *O melhor da gastronomia e do bem viver.* São Paulo: DBA, 2004; Lorimer, R. B. *O impacto dos primeiros séculos da brasilidade alimentar*, 2002. Disponível em:http:// <<www.usp.br/jorusp/arquivo> Acesso em: em 15/12/2006*;Maciel,M. E.; Menasche, R. Alimentação e cultura,identidade e cidadania.* (Pesquisadoras da seção brasileira da Comissão Internacional de Antropologia da Alimentação – Icaf-Brasil.2006. Disponível em:hrrp://<<www.brazil-brasil.com> Acesso em:15/12/07.); MACHADO, João Luís Almeida. *Açúcar: a história de nossos mais doces hábitos alimentares.* Disponível em: http://<< www.planetaeducação.com.br> Acesso em:15/12/07]; FERREIRA, José Guilherme F. Metafísica de garfo e faca. *Cult, Rev. Bras.Literatura,*n. 29, dez. 1999, p.46-53.

> próprias ou alheias, fundadas em observações, inquéritos ou estatísticas (que não existem), mas através de testemunhos, depoimentos, notícias e outros curiosos elementos de informação, colhidos em variadas fontes.

Frieiro constrói *Feijão, angu e couve* com o mesmo espírito iconoclasta com que já havia discutido outras questões relativas à história e cultura de Minas, contestando certos *mitos* engrandecedores da terra. Rejeitou, contudo, em vários momentos, o título de historiador. "Não sou historiador nem me interessam propriamente os estudos históricos. Que iria eu fazer lá, então? Com que títulos? Só pelo passeio a Portugal?". É dessa forma que ele responde a um convite do historiador Augusto de Lima Júnior, em 29/1/40, para integrar uma missão de intelectuais brasileiros que participariam de um congresso de História em Portugal. Hoje parece exagerado o seu purismo disciplinar. Haja vista os ensaios que escreveu nas décadas de 40/50 (*Como era Gonzaga?*, *O diabo na livraria do cônego*) os quais deram provas de seu talento e originalidade ao abordar temas históricos, inscrevendo-se na linha historiográfica francesa intitulada Nova História. Embora, modestamente, ele quisesse evidenciar uma distância entre os historiadores de profissão e o seu trabalho diletante, na verdade ele dá um crédito à Bibliografia como campo auxiliar da História. É, de fato, com a inspiração do bibliógrafo, perito em localizar fontes documentais, em avaliá-las, sistematizá-las e ainda, em divulgar as informações pertinentes em formatos legíveis por um número maior de leitores que ele pavimenta o seu trabalho historiográfico. Nesse livro, por exemplo, *Feijão, angu e couve,* a variada bibliografia que ele identifica e analisa ajuda-o a constuir, com o espírito crítico do ensaísta, um primoroso estudo sociológico sobre a alimentação dos mineiros, dos primórdios do povoamento das minas, no século XVII, à mudança de hábitos no pós-guerra, sob a influência norte-americana.

Nesse mesmo livro, nas considerações preliminares, argumentando sobre a nobreza da *nona arte* através dos tempos, busca o testemunho do seu dileto filósofo, Heráclito de Èfeso, que teria dito certa vez, ao receber visitantes na sua prosaica e rudimentar cozinha: "Entrai, porque aqui também há deuses".[107] Não me parece surpreendente, pois, que duas das últimas cartas escritas por Frieiro, quando já rareavam as respostas aos correspondentes, tratem de poesia e ... comida. O interlocutor é o mesmo nas duas cartas, o poeta Enrique de Resende, integrante do Grupo Verde de Cataguases e membro da AML. Transcrevo alguns trechos da carta de 12/7/72.

---

[107] FRIEIRO, 1966, p. 15.

> *Enrique de Resende:*
>
> *Gostei das oitavas harmoniosas, cheirando à robusta cozinha lusitana, em louvor da bacalhoada do Nobreza. Fiquei com água na boca! Não sou um gourmet. Quem me dera essa ventura! Como com modesto apetite e policiada escolha. Mas como com prazer. Agrada-me uma bacalhoada de vez em quando, como a minha mulher, peritíssima cozinheira, sabe prepará-la.[...] Fui dispéptico e bilioso, até beirar os cinqüenta. Melhorei depois de operado da vesícula. Antes bebia cerveja, e fazia-me mal. Agora não faz, mas bebo pouco. Vinho só quando como em companhia de pessoas amigas. Minha mulher leu os versos e manda-lhe felicitações, juntamente com as minhas. Carioca e filha de português, notou (cordon bleu que ela é) um equívoco gastronômico no segundo verso. Em vez de batatas coradas devia ser batatas cozidas. As coradas, bem se vê não afinam com o azeite que alaga a bacalhoada lusa.[...] (Grifo do autor).*

Na segunda carta, de 30/8/72, o tema continua sendo a *Bacalhoada* do poeta, representação literária que satisfaz o prazer do lambareiro, ou guloso, dispéptico

> *Parece mentira, mas só agora é que venci a minha inércia e me deterei a responder sua carta de 17 de julho passado. 17 de julho! Peço mil desculpas, embora saiba que a falta é imperdoável. É assim mesmo. Sou um relaxado nessa coisa de correspondência.Fraquíssimo epistológrafo. Sua Bacalhoada estava muito gostosa, mesmo com as batatas coradas. Agora ficou supimpa. Meus cumprimentos, juntamente com os de minha mulher, que ficou toda inchada por ter corrigido um poeta da sua marca. E manda-lhe, orgulhosa, o seu Nihil obstat. [...] Mais uma vez, mil perdões. Envergonhado, envergonhadíssimo. Creia no seu velho admirador e sincero amigo. (Grifo do autor).*
>
> *[Sem assinatura]*

Nos três últimos lustros de vida, apesar das marcas da idade, Frieiro mantinha quase inalterada sua rotina de trabalho intelectual. Lia, escrevia, publicava, respondia a cartas recebidas. Levantava-se às 5:30 h da manhã. Das sete horas até as onze, hora do almoço, trabalhava no escritório da casa. Detestava ser interrompido nesses momentos admitindo, tão somente, a companhia de Panchito, o cachorro, *terceiro componente da família*. Leitor insaciável de jornais desde a infância, nos últimos tempos restringia-se à leitura de um jornal local e outro do Rio de Janeiro. Mas não dispensava as revistas de cultura, mesmo quando a leitura já lhe custava o uso incômodo da lente de aumento. Na verdade, os anos já vinham modificando os seus interesses de leitura antes do acidente ocular. É o que comenta com o intelectual espanhol José Maria Viqueira, professor na Universidade de Coimbra:

> *Muito lhe agradeço o exemplar de sua obra "Joaquim Paço D´Arcos: Un escritor portugués del siglo XX", que teve a gentileza de me oferecer com cativante dedicatoria. Sou velho afeiçoado, desde as minhas primeiras leituras, à literatura portuguêsa, notadamente a do século XIX, sem igual nas letras lusas, em que esplenderam Garrett, Herculano, Castilho, Camilo, João de Deus, Antero, Oliveira Martins, Ramalho, Eugênio de Castro, Eça, Fialho, Teixeira de Pascoais... [...] E agora me vem o seu livro, prezado Professor, e me incute o desejo de ler tôda a obra do romancista de "Ana Paula", em verdade muito estimado aqui no Brasil por*

> *um círculo de leitores seletos e bem informados do que de melhor se escreve em Portugal. Estou com o desejo de ler tôda a obra do seu romancista, embora a minha apetência de obras de ficção ande últimamente bem diminuída. Fui grande devorador de obras de ficção. Fui, já não o sou. Há, como bem o sabe, uma idade de ler poesia, outra de ler romances, outra de memórias e diários, outra, finalmente, em que não se lê nada. Estou cronologicamente na penúltima, a pouca distância da última. Só cronologicamente. Na realidade, minha apetência de leitura ainda é grande e não sinto por ora sinais de fastio.[...]*[108].

Com sua jovem leitora, Ruth Nielsen,[109] faz comentários sobre a leitura de obras de ficção.

> *[...] Não sei se já lhe disse que leio pouca ficção, ultimamente. E só coisa especial. Com a idade, a gente se volta para os estudos sérios, eruditos, a história, as memórias, diários, correspondências, confissões. Estou em parte nesse caso e gosto sobretudo de novidades do gênero ensaio: o ensaio literário, histórico, filosófico, sociológico, político. E farto-me de revistas e semanários estrangeiros, como "Les Temps Modernes", "Annales", "Mercure", "L'Express","Arts","Nouvel Observateur","The Times Literary Supplement". É o tipo de leitura indispensável a quem queira estar "à la page". Toma-me muito tempo, mas é uma exigência da minha permanente curiosidade e o melhor cibo para o consumidor insaciável de letra impressa que ainda sou. Mais consumidor do que produtor, embora tenha escrito não pouco em minha já longa existência.*[110]
>
> *Saudações cordialíssimas*
>
> *[Sem assinatura]*

O gosto confesso pela literatura de cunho memorialista situa-se, em verdade, na contramão da vanguarda literária nacional que, na opinião acertada de Eneida M. de Souza (2005, p.16), só vai *desrecalcar* conceitos como tradição, memória e autobiografia e revalorizar o gênero biográfico com a publicação, em 1972, do primeiro volume do projeto *Memórias* de Pedro Nava, o *Baú de Ossos.* Frieiro, de sua parte, não apenas lê com gosto a literatura memorialística e confessional, como também continua a escrita do seu diário até 1974. Sobre essa prática, escreve à mesma amiga carioca:

> *[...] Não escreverei as minhas memórias, por falta de recheio, por ausência total de interesse da minha vida vivida. Escrevo, sim, um Diário. Desse mesmo Diário queimei cerca de três mil páginas, num dia de amargo exame de consciência e de fúria destruidora. Mas logo voltaria a ele, de 1942 para cá. Já vai longe, mas a parte realmente interessante foi queimada. Uma espécie de suicídio.[...]*

A cena da queima dos vinte e dois cadernos manuscritos, dez anos de confissões que constituíam o *Diário de um homem secreto,* está descrita na abertura do *Novo Diário.* Conta ele que a esposa o auxiliava, consternadíssima, naquele auto-de-fé, atirando páginas à fogueira e, ao mesmo tempo, murmurando: - " Era a sua obra-prima!" Ao que ele respondia,

---

[108] Carta a José María Viqueira, datada de 01/02/1960.
[109] Carta a Ruth Nielsen, datada de 18/07/1965.
[110] Frieiro contava, nessa época, 76 anos.

sentindo-se morrer por dentro: "Aí só há maldade, inconveniências, orgulho, peçonha, muita peçonha... E sobretudo muitas tolices... Ao fogo com tudo isso!"
Espécie de anti-narciso, ele destrói pelo fogo a imagem de si na qual não quer se reconhecer nem ser reconhecido! Mas, quanto lhe custa!.

A parte publicada como *Novo Diário* corresponde ao lapso de tempo que vai de 28 de agosto de 1942 a 29 de dezembro de 1949. Permanecem inéditos, de posse da Editora Itatiaia, os originais que cobrem o período 1950 a 1974. Segundo informação do editor Pedro Paulo Moreira, não há projeto imediato de publicá-los. Por outro lado, questionado sobre quais obras de escritores de Minas merecem edição ou reedição urgente, o crítico Fábio Lucas, respondeu: "Acho importantíssimo que seja editada a segunda parte do diário de Eduardo Frieiro", lembrando ainda a importância de se relançarem os ensaios *Minas e os mineiros na obra de Machado de Assis,* e *Machado de Assis e o tédio à controvérsia*, ambos de autoria de Mário Casasanta,[111] editados em 1932 e 1934, respectivamente, pela Amigos do Livro, sociedade editorial criada por Frieiro, sobre a qual falarei no terceiro capítulo.

Mas, longe daqueles dias de fúria destruidora, quando queimou dez anos de apontamentos diários – "pedaços arrancados da própria carne"[112], quem passasse à tardinha pela Avenida Afonso Pena, esquina com a Bahia, na década de 1970, talvez o encontrasse passeando sem pressa, ao lado da esposa, parando diante de uma ou outra vitrina. A pacata e aprazível Belo Horizonte dos primeiros cinquenta anos era, agora, na sua ótica, "uma cidade progressista que caminha rapidamente para o milhão de habitantes, mas, ainda assim, não se livra das taras (como São Paulo ainda não se livrou), de uma capital provinciana. Só numa cidade do Brasil vale a pena morar-se: o Rio."[113]

Sempre em companhia de D. Noêmia – *onde vai a corda, vai a caçamba*- continuava indo a teatros e concertos principalmente nas viagens de férias, mais raras, ao Rio de Janeiro e às estâncias hidrominerais de Minas. Seu interesse pelo cinema, que já mereceu a atenção de alguns pesquisadores[114], não diminuiu na velhice, embora a progressiva perda da visão

[111] LOPES, C. H. Inteligência ignorada. *Estado de Minas,* Belo Horizonte, 13 jun. 2004. Caderno Cultura, p. 4.
[112] FRIEIRO, 1986, p.21.
[113] Carta a Carlos David, sem data, provavelmente de 1964.
[114] Márcio da Rocha Galdino apresentou a palestra *Frieiro cinéfilo* em homenagem póstuma ao escritor realizada na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, de Belo Horizonte, em 6/7/1982; A professora e pesquisadora Myriam Ávila, no texto *Projeções da Memória*, 2004, p.191-204, vê o *Novo Diário*, de Frieiro, como um dos mais interessantes documentos para recuperar a história da recepção do cinema em Belo Horizonte. Cabe

acabasse por afastá-lo definitivamente daquele lazer ao qual dedicava, anos antes, várias noites por semana.

Casados desde 1935, Frieiro e D. Noêmia viviam uma vida de companheirismo e respeito mútuo, compartilhando amizades, viagens, passeios, leituras. Inteligente e prática, espontânea e com muito senso de humor, D. Noêmia conhecia bem a personalidade complexa do companheiro, a quem chamava de Eduardinho. Perguntada certa vez, ambos já chegando aos oitenta anos, se ele era o marido perfeito respondeu: "Casmurrão de marca maior. Desigual nas suas reações afetivas: ora jovial e comunicativo, ora ríspido e sotrancão, ora alegre e bom camarada. Não tem, isso não tem, a pretensão de ser perfeito."[115] Em contrapartida, como afirma no mesmo depoimento, suas maiores qualidades como marido eram a "lealdade, franqueza, entranhada afeição, devotamento". Conheceram-se, não poderia ser de outra maneira, num sebo na Av. Afonso Pena, junto ao antigo Cine Avenida. Bem perto do local onde o pai da moça, o português Armando Pires, tinha uma loja de "instrumentos musicais, máchinas falantes, discos e relógios", a Casa Hércules. Frieiro já era, então, autor consagrado. A importância desse encontro na sua vida, ele revela em carta à amiga carioca. Diz ele:

> *[...] Depois dos quarenta, casei-me (solteirão recalcitrante) e só então a minha vida entrou numa zona francamente favorável. [...]*[116]

Não tiveram filhos. "Nem eu nem minha mulher desejamos filhos. Se viessem, muito bem. Não vindo, muito melhor", afirmou o escritor certa vez. Afirmava não sentir nenhuma gana de que seu nome se perpetuasse no mundo, como já haviam dito Montaigne e Machado de Assis, dois céticos de sua admiração. Contudo, rebatia com ardor a interpretação reducionista de certos críticos que pretendiam associar a não paternidade de Machado ao pessimismo que permeia seus textos, ou seja, explicar a obra pela vida.

> *Concordo com o que me diz acerca de Machado. Quantas incompreensões no que se tem escrito a seu respeito! Sobretudo quando buscam explicar a obra pelo homem. que principalmente se tem esquecido é que se trata de um "moralista" no sentido de um perscrutador da conduta humana, de um fixador de "caracteres" à la Bruyère. O que disse o [Agripino]Grieco, aquilo de que era um "céptico sem filhos que só legou sarcasmos e dúvidas aos filhos dos demais..." é, ao contrário, o juízo de um moralista no sentido vulgar da palavra, um moralista de sacristia, com perdão da muita admiração que em geral me merece mestre Grieco. Que tem a ver a existência*

---

mencionar, do próprio Frieiro, o artigo intitulado Primórdios do cinema em Belo Horizonte, publicado no *Diário de São Paulo,* 12 dez. 1965.

[115] Araújo, Zilah Corrêa. Eduardo Frieiro no depoimento de sua esposa. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 1966. Suplemento Literário, p.6-7.

[116] Carta à Ruth Nielsen, datada de 29/12/1964.

> *ou não de filhos, elementar ato biológico, com a cosmovisão de um pensador? Ter ou não ter filhos explica, acaso o pessimismo ou o otimismo do Eclesiastes, de Heráclito, Epicteto, Luciano, Schoppenhauer ou Nietzsche?[...]*[117]

Embora cada vez mais fechado à vida social – "Depois que deixei a Biblioteca Pública, minha vida ainda mais se remansou e mais me encolhi na minha concha de molusco misantropo"[118] - nos anos 1970 um programa era imperdível para Frieiro: as visitas à casa de sua dileta ex-aluna, Maria José de Queiroz e de sua mãe, D. Honória. Também membro da Academia Mineira de Letras desde 1968 e sucessora do Mestre na cátedra de Literatura Hispano-americana na Faculdade de Filosofia da UFMG, a escritora Maria José gostava de reunir confrades seus na casa da Av. Amazonas para verdadeiros saraus literários. Nessas ocasiões, ela própria cantava e tocava piano e falava-se de política e de literatura. Os anos mais duros da ditadura militar haviam silenciado as discussões no espaço público e era, pois, sob a proteção do ambiente doméstico, junto aos mais amigos, que se expressavam as opiniões sobre os rumos do país, a caça aos intelectuais e a devassa nas universidades. De natural reservado, Frieiro preferia não se expor de maneira alguma. Assim, do seu especial agrado, naquelas reuniões, era ouvir o jovem nicaragüense Armando Arana, estudante de arquitetura e pensionista de D. Honória, declamar, com bela voz empostada, o poeta nacional Rubén Darío. Frieiro aplaudia e pedia mais. O estudante não se fazia de rogado e recitava, de memória, trechos de outros autores de *habla* espanhola como Lorca, Sóror Inês de la Cruz, Gabriela Mistral. Frieiro ouvia, incansável, o jovem nicaraguano, como preferia dizer, e só se retirava quando, discretamente, D. Noêmia pedia para ir embora.

Por essa mesma época, Frieiro comparecia mais espaçadamente às reuniões da AML e ocasionalmente, aparecia na redação do Suplemento Literário de Minas Gerais (SLMG). O local havia se transformado, desde a sua criação em 1966, em ponto de encontro vespertino de intelectuais da cidade. No espaço da Imprensa Oficial, na Sala Carlos Drummond de Andrade, assim chamada em homenagem ao ocupante de quarenta anos antes, então redator do *Minas Gerais,* circulavam três gerações de artistas, escritores, teatrólogos, jornalistas, funcionários da Casa. Era um tempo de nuvens cada vez mais negras no horizonte político do país e, como costuma acontecer nos momentos de definição de posições, a novíssima geração, ansiosa por transformações sociais mais radicais, via, com desconfiança, os mais velhos, chamados, com

[117] Carta a Ruth Nielsen, datada de 21/11/1964.
[118] Carta a Rodrigues Lapa, datada de 2/5/64.

certa generalização, de *passadistas*. O jornalista e escritor Humberto Werneck dá uma idéia do distanciamento entre Frieiro e a chamada Geração Suplemento, da qual fez parte[119]:

> A bem da verdade, raras vezes trocamos algumas palavras [entre 1968/70], e praticamente tudo o que sei dele me veio por tabela, por intermédio de Murilo Rubião e Otto Lara Resende (grande admirador de Frieiro). A minha geração não se interessou muito por Frieiro, por uma série de motivos que não excluem nossa desinformação e arrogância de jovens. Ele estava muito distante de nós no tempo – tinha quase 80 anos de idade, nós andávamos por vinte e poucos e, ao contrário do Emílio Moura e do Bueno de Rivera, não nos dava a menor bola, certamente com bons motivos. De nossa parte, o pessoal jovem da redação do SLMG, fazíamos – pelas costas, claro... – umas brincadeiras, uns trocadilhos em cima dos livros dele, molecagens suscitadas pelo lançamento desse livro extraordinário que é *Feijão, angu e couve*: *O clube dos gastrônomos, Nos vidros, nossos amidos, Comera Gonzaga*?, *Quitute, melancia*[120], sem-gracices desse tipo. E nós não conseguíamos encaixá-lo em algum grupo ou geração de escritores – era de fato um livre-atirador. Um pré-modernista, achava eu. Ele tinha jogado farpas no pessoal do Drummond, o que a mim me parecia quase um crime de lesa majestade...

Só bem mais tarde, quando leu *A ilusão literária*, considera Werneck ter descobrerto o valor da obra de Frieiro. Hoje, ele está convencido de que Frieiro não teve, ainda, o reconhecimento que merece. Mas, pensando no homem, conclui: " Frieiro não chegava a ser uma flor de simpatia – ao contrário, freqüentemente, era cáustico, basta ler o seu Novo Diário". Em *O desatino da rapaziada* (1992), livro que focaliza jornalistas e escritores de Minas Gerais, Werneck reproduz, sem economia de palavras, a faceta mais difundida de Frieiro: seu temperamento esquivo e a franqueza com que expunha suas opiniões. Para o cronista "sua reputação de escritor de qualidade jamais foi posta em dúvida, antes ou depois de sua morte. [...] Era, sem prejuízo disso, um homenzinho áspero, enfezado, de língua afiada" (1992, p. 49).

Se Frieiro se importava com essa imagem pública, não o disse, mas uma carta ao cronista literário alagoano Valdemar Cavalcanti[121], de 7/4/1963, é significativa pelo cuidado em retocar a imagem que prefere mostrar:

---

[119] Humberto Werneck concedeu-me um depoimento através de e-mail, em 18 de setembro de 2006.

[120] Além de Humberto Werneck, outros integrantes da *Geração Suplemento* foram: João Paulo Gonçalves da Costa, José Márcio Penido, Duílio Gomes, Luiz Gonzaga Vieira, Sérgio Sant'Anna, Luís Márcio Vianna, Antônio Carlos Braga, Sérgio Tross, Jaime Prado Gouvêa, Márcio Sampaio, Luiz Vilela, Valdimir Diniz.

[121] Valdemar Cavalcanti: crítico literário de Alagoas, membro da chamada *Roda de Maceió* composta pelos amigos de José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Aloísio Branco e Aurélio Buarque de Holanda.

> *Venho agradecer-lhe muitíssimo sensibilizado a gentilíssima referência a êste seu criado e admirador, ornada com retrato, no "Jornal literário" de domingo atrasado. Imaginava-me diferente? É o que tem acontecido a muitos que apenas e mal me conhecem de ouvir dizer. É certo que tenho reputação de sujeito esquivo e retraído. Reputação errônea. Sou-o, sim, mas só aos primeiros contactos, como é próprio dos encabulados. E isto mesmo conforme as ocasiões. Não há dúvida que todo indivíduo ganha em ser conhecido, e eu ganhei (sei-o agora) em ter conversado pessoalmente com o meu caro Valdemar Cavalcanti. Felicito-me e aqui lhe mando o meu abraço mais cordial.*

Exulta, assim, o tímido que supera uma barreira a si mesmo imposta! Mas Frieiro faz mais: numa outra cópia dessa mesma carta enviada a Valdemar Cavalcanti, arquivada junto à primeira, ele reconstrói o texto, palavra a palavra, evidenciando sua auto-representação epistolar. Não posso assegurar qual delas foi a *corrigida* e a efetivamente enviada. De qualquer forma, vale a pena comparar a versão abaixo com a anterior.

> *Imaginava-me então diferente, pouco caroável como diria o finado Dr. Austregésilo? É o que tem acontecido a muitos que apenas me conheciam de ouvir dizer. É certo que tenho reputação de sujeito esquivo e retraído. Reputação fundada, até certo ponto. Sou arisco, sim, mas só ao primeiro contacto, como é próprio dos encabulados. E isto mesmo conforme as ocasiões. Não há dúvida que todo indivíduo ganha em ser conhecido, e eu ganhei (sei-o agora) em ter tratado pessoalmente com o meu caro e admirado Valdemar Cavalcanti. Felicito-me por esse motivo e aqui lhe mando o meu abraço mais cordial.*

Malgrado ter descoberto, já tarde, as vantagens de ser *mais conhecido*, a imagem mais indelével de Frieiro, a que ainda hoje circula nos meios intelectuais[122] despertando a curiosidade de muitos que *mal o conhecem*, decorre de um incidente ocorrido nos primeiros tempos do nosso escritor, antes mesmo de ter publicado seu primeiro livro. Trata-se do quase *crime de lesa-majestade* mencionado páginas atrás por Humberto Werneck em *O desatino da rapaziada*. Narra Weneck a história que ficou gravada na crônica social/literária da cidade envolvendo *a pena azeda de um literato belo-horizontino* e os jovens modernistas mineiros.

Abro um parêntese para recontar esse fato que, embora muito distanciado no tempo, continuou sendo lembrado (ou foi banido da memória, veremos adiante) pelos envolvidos na história. Corria o mês de julho de 1925 e um grupo de jovens escritores mineiros aventura-se a publicar *A Revista,* que duraria somente três números, o bastante, contudo, para ser considerada a mais importante publicação dos modernistas em Minas Gerais. O primeiro número agitou o acanhado circuito literário da nova capital, embora entremeasse,

[122] Um dos biógrafos de Juscelino Kubitschek de Oliveira, Cláudio Bojunga, ao contar as circunstâncias em que JK abandonou a medicina menciona a doença de Frieiro, a quem retrata como um autodidata ressentido que

prudentemente, a conselho de Mário de Andrade, autores consagrados à produção dos novos modernistas. Entre outros jornais que comentaram *A Revista*, a pequena folha *Avante!* publicou, em 20 de agosto, um artigo intitulado *Brotoeja Literária*, recheado de críticas ferinas dirigidas, principalmente, a dois dos colaboradores dela: Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava. O primeiro é descrito como "aquele mocinho esgrouviado, que tem cara de infusório", e que, na elaboração da revista "espremeu o cérebro" mas só o que lhe saiu foi "a borra das últimas, apressadas leituras de revistas francesas". O outro é "o jovem esteta P." que "banca o crítico de arte" mas que "de pintura só conhece os quadros do Xisto Vale, expostos ali na vitrine da Casa das Meias". E o autor do artigo, Eduardo Frieiro, já se sabe, sob o pseudônimo de João Cotó, critica também, como apreciador e perito em artes gráficas que era, "a feitura gráfica roceira" de *A Revista.* Repetindo suas palavras, estaria "perrengue de físico e de miolo" e era, enfim, fruto da "incomensurável petulância dos moços". Além desse artigo bombástico, Frieiro continua mirando os jovens *futuristas* no seu livro de estréia, *O Clube dos Grafômanos*, de 1927, mas já sem a agressividade pessoal e a virulência do primeiro artigo.

Na opinião de Brito Broca, o período modernista, marcado por disputas acompanhadas de brigas e desaforos, representou uma retomada das polêmicas na vida literária brasileira que vinham escasseando desde o início do século XX. Contudo, reflete o crítico, o escritor modernista, quando atacado, limitava-se a dar réplica, mas raramente havia uma tréplica. "Eram todos eles demasiado inquietos para levar avante, durante muito tempo, uma discussão. Os ataques se cruzavam vindos dos mais diversos pontos, sem que víssemos dois adversários se empenharem num debate metódico, sistematizado como os polemistas do século passado" [século XIX].[123]

Pois bem, da polêmica até hoje lembrada como *o caso da Brotoeja Literária*, parece-me interessante ressaltar a repercussão dela no cenário literário mineiro. Assim, Pedro Nava[124] e

---

falava mal de todos os mineiros do presente e do passado, de Aleijadinho e Tiradentes, passando pelos modernistas mineiros. (BOJUNGA, C. *JK, o artista do impossível.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 160-1).

[123] BROCA, 1993a, p. 127.

[124] Em *Beira-Mar,* editado em 1978, Pedro Nava menciona, sem citar o nome de Frieiro, "[...] a reação carregada de fel que bolçou contra nós no *Avante* [sic] de 20 de agosto de 1925" sem citar Frieiro, como reproduz em anexo, integralmente, o artigo *Brotoeja Literária*, publicado 53 anos antes! A razão que levou o memorialista a mumificar uma opinião que o próprio Frieiro quis esquecer talvez possa ser encontrada nas palavras dele mesmo, em *O Galo das Trevas*, quando aborda o seu modo de enfrentar os desafetos: "[...] Eu sou destituído do espírito da resposta adequada e o que me configura logo é um bom puta-que-o-pariu. Como não se pode distribuir essa flor a esmo, calo, finjo que não percebo e entesouro mais uma moeda da minha inimizade poupança – com juros e correção monetária – contra o gênero humano." (NAVA, 1981, p.41). Mais à frente, na

João Alphonsus[125], segundo consta, nunca perdoaram a crítica ferina de Frieiro; já Drummond, ao contrário, foi capaz de, a partir das diferenças entre os jovens escritores e o crítico conservador, ensejar trocas e intercâmbios estimuladores de novas considerações sobre as propostas inovadoras do modernismo. Sessenta anos depois do ocorrido, Frieiro já falecido, o poeta itabirano revelou, em entrevista à pesquisadora Maria Zilda F. Cury (1998, p.142) o que, na sua perspectiva, aquelas críticas teriam significado para os jovens escritores do chamado Grupo do [Bar] Estrela:

> [...] eu confesso, aquilo nos doeu um pouco, porque quem atacava não era uma pessoa vulgar, era uma pessoa pela qual a gente tinha uma certa consideração, respeitava. Mas, ao mesmo tempo serviu de estímulo... Às vezes o sujeito é provocado e reage de uma maneira construtiva. Chamou-nos atenção para as nossas fraquezas e ao mesmo tempo nos estimulou para fazer alguma coisa mais [...].

Frieiro, de sua parte, não obstante o temperamento sangüíneo, tinha estatura moral e intelectual para rever um julgamento, se assim lhe parecesse indicado, e dizê-lo de público. Seria assim com *Sagarana,* de Guimarães Rosa, e assim foi com a obra dos modernistas mineiros. As relações literárias posteriores entre Frieiro e os *moços modernistas*, quase todos, testemunham respeito mútuo inalterado, ao largo das mágoas do passado. Em 14/12/40, restabelecendo-se de grave enfermidade, agradece a visita que Drummond lhe fez no Hospital São Lucas. É uma longa carta que termina nos seguintes termos:

> *[...] a doença pode ter esta compensação: a de ser um estado particularmente favorável à receptividade poética. Não podia pois ter-me chegado às mãos em momento mais propício o seu Sentimento do Mundo. E fiquei naturalmente muitissimo penhorado por ver-me incluído entre os happy few contemplados com um exemplar.*
>
> *Obrigadíssimo, e mande quanto queira no*
> *Seu muito cativo*
>
> *Frieiro*

Quase três décadas depois, em 23/12/67, outra carta ao poeta revela o mesmo respeito, a distância:

---

mesma obra, dando a palavra a Egon, seu alter-ego: "Você, Nava, tem para eles outra arma.Você sabe? que possui o que os franceses chamam *une langue bien pendue,* que tem a palavra certa para ferir. Pois tem. Use usas armas. Você não está escrevendo suas memórias? Pois pregue estas pústulas lá, no pelourinho que você lhes armar." (NAVA, 1981, p. 105).

[125] O escritor João Alphonsus, um dos colaboradores d'A Revista, em 1931 teve outra desavença com Frieiro a respeito da publicação de *A Galinha Cega*, e deixaram de falar um com o outro por mais de dez anos (FRIEIRO, 1986, p.96-100).

A Carlos Drummond de Andrade,
minhas saudações natalinas

Agradeço-lhe muitíssimo o envio de um exemplar do seu volume Minas Gerais amavelmente oferecido. E quero felicitá-lo pela realização de tão fascinante painel da terra da gente do país das gerais – ou dos gerais. Não estou escrevendo na imprensa, há muito. Fiz uma pausa necessária, que devia durar pouco, o motor esfriou e agora se recusa a funcionar. De outro modo, eu não resistiria ao gôsto de escrever sôbre o livro.

Cordial abraço

[Sem assinatura]

Embora a resposta de Frieiro tenha um tom formal, esta troca epistolar parece estar fundada na amizade ou, pelo menos, no respeito mútuo. Não seria, pois, uma mera etapa do circuito até então usual do livro brasileiro que implicava, depois de publicado, o envio de um exemplar a um (ou vários) crítico(s), pelo próprio autor ou por amigos componentes do mesmo grupo ou roda literária, para que fosse resenhado e divulgado nos principais jornais no país. Drummond já era, a essa altura, autor consagrado e dispensava, de fato, o elogio de um crítico da província.

Finalizando este tópico, um detalhe, contudo, chamou-me a atenção ao consultar o estudo bibliográfico de/sobre Frieiro, elaborado pela bibliotecária Anna da Soledade Vieira (1967) com o conhecimento do escritor e sob sua consultoria. Refiro-me à ausência do artigo *Brotoeja Literária* nesse repertório bibliográfico, elaborado a partir do arquivo pessoal do escritor, cobrindo o periodo de 1925 a 1966. Teria Frieiro se esquecido de informar à bibliógrafa sobre artigo tão alardeado? Meticuloso como era com sua produção escrita, deixaria de guardar justamente os primeiros artigos publicados? Ou, talvez, ele próprio fez questão de *esquecer* um julgamento da mocidade que, hoje, lhe trazia constrangimento?

O autor reconhecido

As duas últimas décadas de vida de Frieiro foram, também, de homenagens e reconhecimento público ao intelectual e à sua vida dedicada à palavra impressa. A conversa epistolar com Levi Carneiro, citada anteriormente, alude a um convite deste para que Frieiro, mudando-se para o Rio, compusesse o corpo editorial da *Revista Brasileira*,[126] publicada então pela

[126] A *Revista Brasileira* nasceu em 1855 com o título *Revista Brasileira, Jornal de Literatura,Teatros e Indústria,* fundada e dirigida por Francisco de Paula Meneses. Foi publicado apenas um número. Reaparece em

Academia Brasileira de Letras e dirigida pelo mesmo correspondente. Acompanhando o convite, que revelava o respeito pelo trabalho editorial que Frieiro vinha desempenhando à frente da prestigiada revista *Kriterion,* da Faculdade de Filosofia da UMG, vinha a sugestão para que o mineiro se candidatasse a uma vaga na Casa de Machado de Assis. A resposta a esse convite, em carta de 1/10/1960, revela o sentimento ambivalente de Frieiro entre o prazer de se sentir reconhecido num campo de disputas constantes e acirradas, como o da República das Letras, e o menosprezo que sente pela ABL "sempre escancarada para os homens que ocupam elevada posição social." [127]

Todavia, os amigos intelectuais não se conformam com o retraimento do escritor mineiro e iniciam uma campanha para que ele se candidatasse ao Prêmio Machado de Assis, outorgado, anualmente, pela ABL pelo conjunto da obra de um escritor brasileiro. As respostas de Frieiro revelam, invariavelmente, o *literato envergonhado*, como se auto-define, e sua dificuldade de conviver com a notoriedade, como mostra a carta ao ensaísta e crítico literário José Brito Broca, de 10/12/1958:

> *Meu caro Brito Broca:*
>
> *Graças a você e ao José Condé estive no cartaz aí, a semana passada. É certo que não busco a publicidade, e por que havia de a buscar? Não a busco, mas recebo-a bem. Sou um literato envergonhado e fico sempre um tanto assustado quando leio meu nome na imprensa. Não é que não goste. Claro que gosto. Mas minha primeira impressão costuma ser de encabulamento.*
> *Agradeço ao José Condé e a Você a sugestão de meu nome para o próximo Prêmio Machado de Assis. É uma lembrança que me desvanece além de todo limite e a recebo naturalmente como uma cativante prova de estima. Sinto-me bem premiado com a afetuosa lembrança e com ela me contento, sem pensar um momento na possibilidade de abiscoitar o cobiçado Prêmio. Por esse Brasil literário há muitos que o merecem, mais pintados do que eu e alguns bem empistolados. Considero-me fora do jogo. Que o meu nome seja lembrado por quem ajuda a fazer aí as reputações literárias, já é muito lisonjeador. [...]*

1857 sob a denominação *Revista Brasileira, Jornal de Ciências, Letras e Artes* e durou até 1861, com a publicação de 4 números. Termina aí a chamada Fase I. A Fase II, chamada Fase Midosi, editada por Nicolau Midosi, publicou regular e mensalmente, de junho de 1879 a dezembro de 1881, 30 números reunidos em 10 voumes. A Fase III, chamada Fase José Veríssimo, circulou da janeiro de 1895 a setembro de 1899, tendo sido publicados 19 tomos com 93 fascículos. A Fase IV, dirigida por Batista Pereira durou apenas de junho de 1934 a novembro de 1935. Em 18 meses publicou 10 números.A Fase V, a partir da qual passou a ser publicada pela Academia Brasileria de Letras, nasceu de uma proposta de Levi Carneiro, então presidente da Casa e teve início em junho de 1941. Em 1948, saiu o vigésimo número. Após uma interrupção de dez anos, voltou a sair em 1958, ainda sob a direção de Levi Carneiro, e chegou ao número 29, publicado em novembro de 1966. A Revista Brasileria teve uma VI Fase, sob a direção de Josué Montello, compreendendo 6 volumes, entre 1975 e 1980. Voltou a ser publicada no último trimestre de 1994, sob a direção de João Scatimburgo.
A Fase VII, atualmente, conta com 30 números, publicados trimestralmente. Disponível em:<<http://www.academia.org.br> Acesso em: 9/4/2005.

[127] FRIEIRO, E. *Novo Diário,* 1986. p. *313.*

Consciente das relações de forças que presidem a consagração dentro do campo literário, Frieiro agradece o interesse dos amigos, detentores de capital social, mas ainda assim retrai-se de antemão, não sem um velado desmerecimento dos outros postulantes ao prêmio. De fato, a leve ironia a respeito de outros, mais merecedores do que ele, que "prefere" ficar fora do jogo, aproxima-se, me parece, da configuração sintomática do ressentimento. Para Max Scheler [128], um dos estudiosos que repensou as teses nietzscheanas sobre o tema, o ressentido pratica um recalcamento sistemático dos impulsos agressivos impedidos de descargada, gerando uma queixa repetitiva e acusadora, e criando, ainda, fantasias vingativas. Entretanto, o tempo da vingança nunca chega, já que o ressentido inclina-se à inibição e à inércia. Ele é tão incapaz de vingar-se quanto foi impotente em reagir imediatamente ao que considera um agravo ou injustiça sofridos."Não é que não goste! Claro que gosto", diz ele levando-nos a pensar que, através da sua atitude encabulada, ele abre mão não do desejo em si, mas da responsabilidade pelo seu desejo, ou ainda, pelas conseqüências inerentes à realização do desejo, para ater-me aos termos do campo psicanalítico (KEHL, 2004, p.14).

A queixa velada por reconhecimento, que se lê na carta acima citada, será repetida em muitos outros momentos das relações epistolográficas de Frieiro. O indivíduo que "passou penosamente do proletariado à pequena burguesia"[129] esconde, sob frases mais ou menos cifradas, a reivindicação constante de reconhecimento, entendido esse como a satisfação com sua identidade e o próprio desempenho, sobretudo na esfera literária, acompanhada pela aprovação do grupo social no qual está inserido. Mas, a reivindicação do ressentido, na análise de Kehl (2004, p.43), é que reconheçam que ele vale pelo que ele *é*, sem que esse valor precise ser posto à prova no *espaço público, no vínculo com os outros* (grifo meu). Eis um pequeno trecho de uma carta ao jovem poeta Dantas Motta, que concorria ao Prêmio Othon Bezerra, concedido pela AML. Datada de 5/5/1956, ilustra a sua recusa "soberba" a deixar-se avaliar em comparação aos outros.:

> [...] Nunca concorri a êsses torneios [Prêmios literários]. Porque sei como se manipulam e porque, orgulhoso como sou, eu me sentiria humilhado se perdesse para qualquer bestalhão [...].

Embora possa parecer exagerado, nesse trabalho, o recorte que faço do temperamento introvertido de Frieiro, assim procedo tendo em vista o peso que ele próprio deu, nos seus

[128] SCHELER, 1958, p. 14 citado por KEHL, 2004, p.12-3.

escritos autobiográficos, à timidez - ou *desequilíbrio auto-estimativo* - como limitadora de seu posicionamento no campo social. Assim, prosssigo acompanhando, através das cartas, a prova de fogo que significou, para o *escritor envergonhado,* concorrer ao Prêmio Machado de Assis.

Em carta-resposta ao jornalista e escritor Edmundo Lys, em 14/1/59, embora lançando mão de uma linguagem prosaica para mostrar distanciamento, ou (falsa) modéstia, não esconde uma ponta de ressentimento para com os outros confrades já instalados na *Capital das Letras*, supostamente mais preparados para competir no campo das disputas simbólicas, se comparados a quem nunca saíra do seu acanhado meio de origem. A exploração do campo semântico do mundo animal reforçaria a idéia de uma ave rara escondida na província, em contraposição à selvageria que impera no espaço do grande centro na competição pela glória literária:

> *O "Machado de Assis"? Não é para o bico de um provinciano mal conhecido na sua própria província. Há na Capital das Letras muitas bocas preparadas para abocanhá-lo.*

Com outro correspondente assíduo, o historiador HélioVianna, repete-se a imagem contrastiva das bocarras e seus protetores que ameaçavam a conquista do prêmio, afinal, desdenhado pelo provinciano. O sentimento mais íntimo de insuficiência ou incapacidade, que caracteriza o tímido, se desloca para o ato do discurso ou espiche (anglicismo que ele usa em carta dos anos quarenta), encenação que simboliza, em si mesma, o merecimento premiado.

> *Quanto ao Prêmio Machado de Assis não é para o meu bico.Há pelo menos cem bocas à espera dele, todas naturalmente de gente bem apadrinhada. Felizmente não é para mim. Não o digo como a raposa da fábula. É que me repugna estar na berlinda e por isso nunca fiz discursos e nunca os farei. Mau (sic) nome tem sido lembrado por dois ou três amigos de jornal, aí. Coisa sem conseqüência.*[130]

Com o amigo Brito Broca, em outra carta de 18/04/1959, mostra-se mais desarmado, expondo as suas fraquezas, mas, ainda assim, diminuindo o valor dos outros competidores ou, na fantasia do ressentido, dos "usurpadores":

> *[...] Claro que fico muito agradecido a Você, ao João Condé e a mais dois ou três amigos por essa prova de camaradagem literária. Mas, já o disse a Você, não creio que me dêem o Prêmio. Não porque eu seja "o homem mais refratário do mundo à política literária", como realmente o sou, política que intervém sempre em casos assim. Há um motivo mais e esse decisivo. Por que haveria de ser eu o premiado?*

[130] Carta a Hélio Vianna, datada de 27/02/1959.

> *Há cem escritores no Brasil que o merecem mais do que eu. Não o digo por modéstia, não sou modesto. Sei perfeitamente o que valho como homem de letras não cabalmente realizado. Não creio, não. Mas, tudo pode acontecer, não é verdade? E por isto, unicamente por causa disto, porque mesmo o impossível acontece, começo a preocupar-me e a intranqüilizar-me. Suponhamos, vá lá, que seja eu o premiado. Seria para mim um caso muito sério.Premiado, teria eu de fazer discurso na solenidade acadêmca de distribuição do prêmio. Discurso na Academia, eu? Discurso para uma seleta e numerosa assistência, com flashes fotográficos, microfones de rádio-emissoras e outras farolagens? Nunca! Sempre evitei o "momento solene". Não tolero a idéia de me ver enfrentando qualquer tipo de público, mesmo que se componha de três ou quatro bundas-sujas. Tenho minhas inibições e esquisitices. Essa é uma delas. Sou um sujeito encabulado em grau mórbido, embora não o pareça.Gosto muito de conversar e, se o assunto me agrada, costumo ser um boquirroto. Mas discurso – ah, isso não! [...]*

Mas, o que lhe parecia *impossíve*l aconteceu! O Prêmio Machado de Assis lhe foi concedido. O parecer da Comissão da Academia Brasileira de Letras, encarregada pela outorga do prêmio dizia, a certa altura:

> [...] Bem conhecido e prezado por sua numerosa, variada e valiosa obra literária, pela categoria de sua personalidade, de discrição e distinção, pela sua nobre vida ultra sexagenária de continuado e intenso labor intelectual e de relevantíssimos serviços à cultura nacional – ninguém o excede em predicados que justifiquem a outorga do prêmio em questão.[131]

O horror aos momentos solenes, a ojeriza ao discurso pomposo e fátuo e a inibição de falar em público, além, sobretudo, do ceticismo em relação a qualquer congregação de literatos – literato bom é o literato morto, costumava dizer - não foram bastantes para fazê-lo recusar a honraria. Assim sendo, na Casa de Machado de Assis, pronuncia um discurso despojado e retorna à província, para a sua vida de *urso cavernícola.* Das muitas cartas de congratulações que lhe chegaram de vários lugares, destaco as palavras do polêmico escritor e crítico Carlos Maul, do Rio de Janeiro, que ensaia uma inversão de papéis para, ao mesmo tempo, ressaltar o valor de Frieiro e criticar a ABL[132]:

> *Acabo de ler nas folhas que a Academia Brasileira de Letras lhe conferiu o "Prêmio Machado de Assis" que para muitos vale apenas duzentos mil cruzeiros, dinheiros que nesta época de moeda desvalorizada ainda dão para alguma cousa. Mas, no seu caso, quem na realidade recebeu um prêmio foi a Casa de Machado de Assis pela oportunidade que teve de praticar um ato de justiça, muito raro nos seus hábitos nestes últimos tempos. Andaram com sabedoria os acadêmicos ao oferecer-lhe essa láurea amoedada, como recompensa aos seus méritos de escritor insigne, dos poucos que honram nesta terra o nobre ofício de bem escrever. E se isso não importasse em irreverência, ao invés de cumprimentá-lo, talvez eu devesse dirigir-*

[131] ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Parecer da Comissão; Prêmio Machado de Assis, 1960.* Rio de Janeiro, 25 maio, 1960. 4 p. datil.
[132] Carta de Carlos Maul a Eduardo Frieiro, datada de 04/06/1960.

> *me à Academia para aplaudir um gesto que equivale, na verdade, a uma espécie de auto-premiação. Porque o que a Academia fez de maneira indireta foi honrar-se com a possibilidade de demonstrar de público que sabia admirar um dos grandes escritores do Brasil, aquele que das montanhas mineiras nos recorda uma extraordinária figura de solitário que compraz em denunciar aos habitantes da planície os encantos do mundo do espírito.*
>
> *Seu cordialmente,*
>
> *Carlos Maul*

Certamente, o reconhecimento dos pares terá agradado a Frieiro, sobretudo o retrato do intelectual puro que lhe traça Maul, à imagem do *clerc* do famoso livro de Benda, o que *não* traiu[133]. De volta à casa, prossegue, dialeticamente, o exercício diário de estudo e de autoconhecimento, tão cético quanto pertinaz, não deixando que a ausência de certezas interfirisse na sua rotina criadora. A página do diário escrita em 1942 é atemporal e emblemática, tem as mesmas inquietudes que impregnam as cartas dos anos que se seguem:

> Todos os dias faço projetos de escrever. Mas fico todos os dias em projetos. Mexo no escritório todas as manhãs. Mexo, remexo, sem realizar nada de proveitoso. Gosto de mexer e remexer em papéis. Nasci papelista. Seria, por índole, um erudito, se tivesse outra prepação. Sou apenas um cisca-papéis. Mas não há passatempo melhor. Mansa atividade de preguiçoso. [...] Falei em preguiça. Nada mais calunioso. Sou o contrário do preguiçoso. Mesmo quando me deixo ficar no escritório, a remexer papéis sem fim determinado, sou movido pela curiosidade de saber, estou estudando, prosseguindo nos meus estudos de autodidata persistente e afanoso. Para que, se a ignorância continua a mesma insondável, imensurável? Sei lá. Porque sim. Porque essa é a minha inclinação, o meu gosto. [134]

O termo *papelista* permite-me pensar alguma consideração desconstrucionista. Na cultura do papel como suporte da escrita, como superfície de inscrição, ou ainda, como lugar de retenção de marcas, o homem comum sustenta sua identidade e sua vinculação social pela assinatura aposta a um papel (*o papel sou eu*, *o papel é um eu).* Serve-se do papel como lugar da apropriação de si por si, na expressão derridiana (DERRIDA, 2004, p.227). É do mesmo modo, no suporte concreto do papel em que o intelectual das primeiras décadas do século XX se posiciona diante do mundo, lutando no e pelo espaço público. Frieiro, ligado visceralmente ao papel por gosto e por profissão, sofre, não obstante, do chamado *spleen* do papel, ou, quem sabe, em consequência dele. A tensão, ou a culpa, de se sentir feliz na *mansa* atividade do escritor, filho que era de um operário da Galiza – *gente dura, sóbria e sofrida* - parece só diminuir se o seu ofício de intelectual for classificado na ordem do labor afanoso e persistente do autodidata. Isso me faz pensar, sob a inspiração de Hannah Arendt (1987, p.12), que os

[133] BENDA, J. *La trahison des clercs.* Paris: Grasset, 1927.

produtos da ação direta entre os homens através da linguagem – a página escrita e o livro impresso -, resultado de sua atividade intelectual, parecem extremamente *fúteis,* isto é, frágeis e intangíveis quando comparados ao trabalho *duro* do pai, transformando a natureza e a matéria. Diria, então que, a consciência pequeno-burguesa do escritor parece sofrer certo desconforto na passagem do trabalho proletário para a ação intelectual, ainda que esteja certo de seu dom *natural* para a erudição. Na verdade, ele nunca abandonará a preocupação com o livro enquanto forma, suporte material construído com as mãos.

Ocorre-me, ainda, nessa reflexão sobre o pai pedreiro e o filho escritor, alguma coisa parecida com o pensamento de Francis Ponge,[135] o poeta que dá voz às coisas silenciosas. Penso numa improvável relação entre o escritor e o pedreiro e seus modos de trabalho. O muro ou a parede se constroem pedra sobre pedra, de baixo para cima, pelas mãos do pedreiro, para *fechar* um espaço. Já a página branca de papel, ao constituir-se como texto, é percorrida letra após letra, pela mão do escritor, e o pensamento se inscreve de cima para baixo, transformando o nada em *abertura* para novos sentidos.

Para Frieiro, profissional da escrita, não parece ser fácil desvencilhar-se, completamente do modelo paterno. Apesar de orgulhoso do seu lugar de intelectual, duramente conquistado, permanece a angústia de se sentir um homem *no papel,* isto é, distanciado do mundo tangível, desacreditado como tudo que não existe senão como *letra morta* e não chega a influir na vida prática. Resta-lhe, não mais, voltar aos seus papéis, ao gosto de arquivar a própria vida. O arquivo/biblioteca é, sempre foi, o seu lugar de isolamento, abrigo do operário da palavra, esconderijo da vida e da morte e, de forma ambígua, onde exercita o seu eu privado e público. Lugar de aguardar a glória póstuma.

Mas, ao completar quarenta anos de vida literária, Frieiro recebe a homenagem do Suplemento Literário do Minas Gerais (SLMG), que lhe dedica um número especial em 20 de dezembro de 1967. Murilo Rubião, escritor e editor-fundador do SLMG, que dirigiu de1966 até 1969, quando foi afastado do órgão oficial mineiro por ordens da ditadura militar, convoca nomes de sua geração, entre outros, para dar testemunho das diferentes facetas do Mestre Frieiro. O editorial da escritora Laís Corrêa de Araújo, organizadora do número especial, dá

---

[134] FRIEIRO, 1986, p.44.
[135] PONGE, F. *A mesa.* São Paulo: Iluminuras, 2002. p.247.

conta do respeito que a figura do intelectual havia granjeado àquela altura, no espaço nacional. Transcrevo um pequeno trecho:

> [...] Humanista no melhor sentido da palavra, homem voltado para a realidade e a problemática de seu tempo, incapaz de compactuar com a mistificação e o obscurantismo, Eduardo Frieiro é bem o padrão do intelectual lúcido e participante. Otto Maria Carpeaux louvou-lhe a coragem da inteligência e um autor de vanguarda, dedicando-lhe um livro recentemente, nele saudou "a lição viva do espírito crítico de Minas". Espírito de grande independência e personalidade, sensível aos valores de permanência da literatura, mas ao mesmo tempo aberto às formas novas de expressão, êle se comove tanto diante do *Libro de buen amor* do Arcipreste de Hita, quanto do poema *Luxo lixo* de Augusto de Campos.[...] Consagrando este número especial a Eduardo Frieiro o SUPLEMENTO LITERÁRIO saúda nos seus quarenta anos de trabalho, o grande escritor brasileiro. E esta homenagem tem para nós um sentido também particular, que, sem diminuir a sua proporção, antes acrescenta-lhe uma dimensão afetiva que nos é muito cara. Isso porque foi nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado e na redação do *Minas Gerais* que o menino e o jovem formaram em Frieiro o caráter de homem, a personalidadede intelectual.

Mas, qual era, na verdade, o sentimento de Frieiro diante de todas essas homenagens? Em 24 de julho de 1971, ele agradece as palavras elogiosas do escritor mineiro Guilhermino César, então já radicado no Rio Grande do Sul, nos seguintes termos:

> *Muitíssimo obrigado pelo recorte de sua página literária do prestigioso SL do Correio do Povo sôbre este escrevinhador provinciano. E que recorte! Repleto de sedas e veludos, generosamente rasgados em minha homenagem por um caríssimo amigo! Página sumamente generosa, sim e página bem escrita, o que é principalíssimo, o que é raro e sempre foi raro. Fiquei abafado, Guilhermino César. Comovido. Como não era para menos. Sou um escritor encabulado, um escritor amador, orgulhoso, sem dúvida (todos o somos) e naturalmente sensível ao louvor. Louvores não me têm faltado, posso confessá-lo, mas a maioria deles não me toca muito porque também significam pouco, quase sempre. No seu caso, porém, é diferente: é o louvor de alguém de alto nível e que escreve o nosso belo idioma comme il faut. (Grifo do autor)*

No meu raciocínio, ele deixa-se trair, aqui, pela influência da cultura francesa entre os intelectuais de sua geração, inserindo a expressão *comme il faut* justamente para enfatizar a distinção que merece quem conhece bem a língua pátria. De qualquer modo, há neste trecho de carta dois posicionamentos recorrentes: o amor à língua bem escrita e a ambivalência de sentimentos referindo-se a si mesmo. Mas, acima de tudo, revela a incomparável satisfação de estar entre pares, de ser reconhecido por quem de fato conta, para ele, na República das Letras.

Política nacional

A independência política é um traço marcante de Frieiro nos perfís biográficos traçados por contemporâneos seus.[136] Inclinado a questionar toda forma de governo demonstrou, todavia, algumas simpatias circunstanciais por Getúlio Vargas e por Perón. Mas, dou a ele a palavra:

> [...] Por vezes, tenho chegado a tomar partido e a apaixonar-me. Oh, por pouquíssimo tempo! Momentos intermitentes, que vêm e vão, sem durar, sem que eu tenha tempo de me comprometer. [...] Tenho o espírito demasiado ondulante, para me fixar. Neste ponto, não minto ao meu sangue espanhol: concedo pouca importância ao Estado e aos próprios deveres de cidadão.[137]

Este trecho do diário revela um Frieiro descuidado, deixando transparecer certa oscilação ideológica. em termos políticos, fruto de sua *escassa capacidade de crer.* Talvez, por isso, na correspondência, com pouquíssimos amigos, emitisse alguns juízos sobre a situação política do momento e, no convívio social, preferisse manter uma barreira de silêncio que levava as pessoas a tomá-lo como apolítico. Reagindo a essa imagem diz: "Alguns confrades, maus julgadores, crêem que sou apolítico, e censuram-me por isso. Tolos. Pode haver alguém apolítico?"[138] E a alguns, por carta, ele desfaz essa imagem ainda que reforçando a sua descrença diante do jogo do poder. Com efeito, respondendo ao historiador Helio Vianna, em 27/02/1959, manifesta-se sobre o panorama partidário naquele final do governo JK, quando as forças de esquerda viviam um momento de expansão ao mesmo tempo em que os grupos de direita aguçavam sua sensibilidade contra o *perigo vermelho*. Eis um trecho da carta:

> *[...] Interesso-me pela Política, como não era para menos, mas acho pouco interessante o velho jogo dos nossos partidos, que não se distinguem uns dos outros a não ser pelas siglas. É certo, entretanto, que entre os partidos burguêses nacionais é o P. T. B. – à falta de um Partido Socialista forte – o mais rico em perspectivas, o mais suscetível de evolução política em consonância com as aspirações sociais de nosso tempo, orientadas irresistívekmente para a esquerda.*

Sem ter jamais se filiado a algum partido, nem mesmo se declarado publicamente a favor ou contra qualquer grupo do espectro político, posso aventar que a postura política de Eduardo Frieiro, notadamente depois dos sessenta anos, penderia antes para o pensamento dito progressista do que conservador, como querem alguns críticos seus. Tomo como ponto de

---

[136] Consultar referências bibliográficas no final da tese.
[137] FRIEIRO, E. *Novo diário,* 1986. p.318-9.
[138] FRIEIRO, E. *Novo Diário,* 1986, p. 168.

apoio a reflexão de Norberto Bobbio(1995, p.95-110) sobre a permanência e atualidade da díade esquerda/direita e a sua aplicação para além das situações políticas contingenciais para tentar entender a postura de um sujeito declaradamente cético em relação às formas de governo, mas interessado, sempre, na vitória dos ideais de liberdade e justiça entre os homens. O critério que o pensador italiano escolhe para repensar, criticamente, a divisão clássica e encontrar para ela um significado atemporal é o de igualdade, ou mais concretamente, a atitude diante da igualdade. Assim, os esquerdistas acreditam que a maior parte das desigualdades é de natureza social e, portanto, eliminável a partir de propostas igualitaristas; já o grupo da direita vê, como natural e até virtuosa, a desigualdade, que seria ineliminável. Considerando, naturalmente, as gradações e nuances dentro de cada grupo, vejo Eduardo Frieiro mais inclinado ao primeiro, nos seus anos de maturidade, a partir de suas reflexões nas cartas e no diário.

Aliás, contrariando os que o consideravam um conservador, uma carta de 1/2/1960 ao amigo Rodrigues Lapa revela um cidadão confiante no prosseguimento da fase desenvolvimentista inaugurada por Juscelino Kubitschek, e aguardando várias mudanças sociais que pareciam, a Frieiro, pelo menos encaminhadas naqueles *anos dourados* da construção de Brasilia e da campanha já lançada dos *50 anos em 5.* Transcrevo alguns trechos:

> *Prezado Prof. Lapa:*
>
> *Recebemos sua carta dando-nos notícia de terem feito boa viagem e já se acharem nessa boa terra. Temos sentido muita falta dos bons amigos, acostumados como já estávamos ao nosso agradável cavaco semanal ou bissemanal.*
> *[...] Não há novidades de monta. Os próprios horizontes políticos parecem tranquilizadores. De minha parte, não sou pessimista quanto ao futuro do país. Tenho a esperança de JK levará (sic) a bom têrmo as suas metas, que muito ajudarão a tirar a nossa terra do atoleiro do subdesenvolvimento. Bacoreja-me que 1960 será uma grande ano. Auguro que nos trará o voto ao analfabeto, o divórcio, a reforma agrária e outras reformas de base. Preferivelmente, sem apelos a nenhum Fidel Castro. Sou céptico quanto à clarividência das classes mandantes, mas admito que o nosso desenvolvimento se fará contra vento e maré. Amém.*

Lamentavelmente, o cético Frieiro tinha sido otimista demais. Em 11 de dezembro do mesmo ano de 1960, tendo já o Brasil um novo presidente eleito, ele responde a uma carta do escritor carioca Gondim da Fonseca. Autor de obras de cunho nacionalista como *Que sabe você sobre o petróleo?, Senhor Deus dos Desgraçados* e *A miséria é nossa,* Gondim da Fonseca foi também grande erudito, poeta e tradutor. Da longa carta recorto a passagem em que o escritor mineiro dá sua impressão sobre a situação política nacional:

> *[...] O Jânio não é de confiança, mas por ora se mostra um tanto esfingético: no campo das relações internacionais, não se sabe ainda se será um novo Frondizi, ou o contrário dêsse entreguista. Do Lacerda, não há qualquer dúvida. Fascistoide perigoso, mal ocupou o poder, falou em "atear fogueiras" e vociferou que combateria policialescamente o comunismo, o nacionalismo, o pacifismo e até mesmo o anti-colonialismo. Que terrífico cruzamento de MacCarthy e Pena Botto! As expectativas são as mais alarmantes.*

O breve e polêmico governo de Jânio Quadros, e as circunstâncias (e consequências) de sua renúncia confirmaram, desta vez, as expectativas pessimistas de Frieiro. A razão de seu julgamento severo sobre Arturo Frondizi não fica clara embora o presidente argentino, com sua linha independente para a política externa, tenha desagradado a conservadores e progressistas. E, na ironia que endereça ao Governador Carlos Lacerda, o leitor de hoje talvez reconheça com mais facilidade o senador norte-americano protagonista da *caça às bruxas*, do que o almirante brasileiro Pena Botto que, em 1955, estava entre as forças golpistas que quiseram impedir a posse do presidente eleito Juscelino Kubitschek.

No final dos anos 1960 já residia o casal Frieiro no nono andar do edifício Araguaia. Dois apartamentos contíguos foram comprados a fim de comportar a biblioteca na Avenida Augusto de Lima, 134, centro de Belo Horizonte. Bem em frente do famoso Edifício Archangelo Maletta que acolhia, naquela época, um número inusitado de bares e boates, livrarias e casas de música por onde circulava a boemia intelectual da cidade. Freqüentar o Maletta significava, naquele tempo, desafiar, ao mesmo tempo, os costumes da tradicional família mineira e os agentes do governo infiltrados nas mesas dos bares para denunciar os filiados ou simpatizantes dos partidos de esquerda. Eram os duros anos da ditadura militar e, na cartografia da cidade, alguns locais funcionavam como pólo agregador da resistência cultural às forças repressoras. No Bar Lua Nova, no térreo do edifício, *batiam ponto*, no final da tarde, escritores, jornalistas, artistas plásticos, psicanalistas, cineastas, estudantes universitários que entravam a noite conversando sobre artes, literatura, fofocas e, apesar da censura, sobre a política nacional. Embora, provavelmente, nunca lá tenha posto os pés, *o velho Frieiro* é lembrado mais de uma vez em *O Lua Nova de todos nós*, pequena coletânea de textos memorialísticos escritos com nostalgia e bom humor sobre aqueles tempos heróicos, organizada pelos escritores Geraldo Álvares e Fábio Lucas[139]. No oitavo andar do Maletta, a mesma roda de intelectuais *luanovistas* se encontrava também na Livraria Eduardo Frieiro, de propriedade do casal Wilson Leão e Ângela Vaz Leão. O nome da casa, e o grande retrato do

escritor sobre a porta de entrada, contou-me D. Ângela[140], representava uma homenagem ao estimado ex-professor e sempre amigo.

Embora visto por muitos como um conservador, conforme já comentado, o pensamento independente de Frieiro valeu-lhe, nos mesmos *anos de chumbo*, uma convocação para depor na Polícia Militar - os tristemente célebres IPMs (Inquérito Político Militar). São circunstâncias pouco conhecidas, às quais ele não se refere abertamente nas cartas. Numa resposta que envia ao jovem escritor Danilo Gomes, em 25/3/1965, quase um ano antes do fato, faz uma amarga consideração sobre a dicotomia que o angustiava naquele momento histórico: a incoercível liberdade de pensamento do escritor, e a necessidade de se calar. O momento de exceção parece ter provocado um abalo na sua antiga posição de *distanciamento altivo* diante das forças do poder já que agora é a liberdade mesma de pensar, condição primeira do intelectual, sua condição, portanto, que precisa ser defendida. Leia-se um trecho da carta:

> *[...] Quanto ao que se refere ao escritor público... Sabemos que a razão de sua atividade está na liberdade de pensar e opinar. A liberdade de pensamento é incoercível. A de opinião está continuamente ameaçada. Cumpre ao escritor defender essa prerrogativa vital para a sua existência. Defesa que em certas situações pode tornar-se dramática pelos perigos que oferece. Mas não convém falar em liberdade numa terra como esta – a capital do Estado mais reacionário do país – dominada pelo terror intelectual. A hora é de calar o bico e meter a viola no saco [...].*

A mesma reflexão e a mesma estratégia do silêncio já tinham sido enunciadas poucos dias antes, em 11/03/1964, numa carta ao escritor, ensaista e pesquisador carioca Homero de Senna:

> *[...] Outro motivo do meu enjôo [de fazer jornalismo literário]: já não me estão interessando muito, ultimamente, os assuntos propriamente de literatura. Venho preferindo as de atualidade social e política, embora tratados ao jeito literário. E com idéias não-conformistas e inconvenientes num momento em que todo liberalismo de esquerda é considerado subversivo. Tudo corria sem novidade até a quartelada de 1º de abril. Implantado o terror intelectual nesta desinfeliz cidade, capital da reação no Brasil, achei prudente meter a minha viola no saco [...].*

---

[139] ÁLVARES, Geraldo (Org.). *O Lua Nova de todos nós.* [s.e./l.] 2006. p.51, 140. Outros nomes de intelectuais "luanovistas": Murilo Rubião, Isaías Golgher, Chanina, José Nava, Ruy Flores Lopes, Frederico de Morais, Mário Catão, Wilson Leão, Geraldo Elísio Machado Lopes, Petrônio Bax, Renato Sampaio, Yara Tupinambá.
[140] LEÃO, A V. *Conversando sobre Eduardo Frieiro*. Entrevista concedida a Maria da Conceição Carvalho. Belo Horizonte, 2005. Consultar Anexo C.

De fato, nos dois anos que se seguem, sua produção jornalística reduz-se a cinco artigos, publicados no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, e no *Diário de São Paulo,* da capital paulista.[141]

Em março de 1965, um grupo de políticos e intelectuais brasileiros lança um manifesto à nação, exigindo o restabelecimento das liberdades democráticas e das liberdades individuais. Em carta ao amigo Rodrigues Lapa, alguns meses depois, Frieiro cita esse documento e reflete sobre o aprofundamento do autoritarismo no país. Ainda que longa, é uma citação importante para se conhecer melhor como o escritor percebia o jogo de forças entre a ditadura militar e o povo brasileiro. Assim sendo, transcrevo-a aqui:

> *[...] Li o "Manifesto à Nação" dos candidatos oposicionistas. Sua publicação pela imprensa é já um sintoma de afrouxamento dos freios da censura. Ou não será?[...] Agora, por ex., com os IPMs, usam-se métodos quase científicos de inquisição. Não se maltrata ninguém, pelo contrário, mas destrambelham-se os nervos e as coronárias das vítimas com interrogatórios de 10 e mais horas.[...]A imprensa, na sua quase totalidade, diz amém a tudo. Mas há jornais, como o bravo e altivo Correio da Manhã, que escrevem o que muito bem querem. Ainda agora, um novo semanário, Reunião, publicado por intelectuais da esquerda, abriu manchete com estes dizeres: "Agonia da Liberdade". Também no Parlamento se ouvem vozes discrepantes, liberais.Em paises como o nosso, politicamente de baixo nível, a um govêrno fraco sucede quase fatalmente um govêrno forte. Ao govêrno de um insano como Jânio Quadros, e de um inepto como Jango, a reação era fatal no sentido de um governo de fôrça. Em momentos como este, apraz-me folhear o pessimista Schopenhauer. Os pessimistas têm sempre razão e lê-los é para mim um tônico. Releio Schopenhauer nalgumas das suas reflexões sobre a política. Diz ele que o Estado é um açamo*[142] *cujo fim é tornar inofensivo esse animal carnívoro que é o homem, e dar-lhe o aspecto dum herbívoro.E diz mais que a organização da sociedade humana oscila como um pêndulo entre dois extremos, dois lados opostos: o despotismo e a anarquia. Quanto mais se afasta de um, mais se aproxima do outro. Erro supor que há meio termo! Os dois modos não são igualmente nocivos e perigosos. O primeiro é muito menos para recear. Em primeiro lugar os golpes do despotismo só existem no estado de possibilidade e quando se traduzem em ato só atingem uma pessoa entre milhões delas. Quanto à anarquia, possibilidade e realidade são inseparáveis: os seus golpes ferem cada cidadão, o que sucede todos os dias. Por isso, conclui o doutor do pessimismo, toda a constituição deve aproximar-se mais do despotismo que da anarquia: deve até conter uma ligeira possibilidade de despotismo. A História, por mais que isso nos desagrade, parece dar razão ao filósofo. Estivemos à beira da anarquia, é incontestáve.l A reação pendular se fez logo sentir para o outro extremo. Toda esperança é que não se detenha muito tempo nesse polo. Constituirá nisso toda a jiga-joga política? É desalentador pensa-lo.* [143] *(Grifos do autor)*

A concordância, algo cética, com a opinião do filósofo, estava equivocada. O andar dos acontecimentos mostrou que o risco da desordem era menor que a força bruta da ditadura. O

---

[141] Cf. VIEIRA, A. S. *Eduardo Frieiro; bibliografia.* 1977. p.84.
[142] Açamo ou açaimo= focinheira, cabrestilho.
[143] Carta a Rodrigues Lapa, datada de 04/11/1965.

perigo estava, de fato, bem perto naquele terceiro ano do golpe militar! Em 17/2/1966, em assembléia da Academia Mineira de Letras, o acadêmico e jurista Orlando de M. Carvalho toma a palavra para abordar, na intimidade da Casa, uma questão grave, para a qual pede toda reserva possível, pelo menos certa prudência na publicidade do fato. Em exposição consternada, referiu-se aos rumores que corriam de uma possível atitude, pelos militares, contra o eminente companheiro Eduardo Frieiro. Acrescentou que tivera ocasião de consultar os autos de inquérito policial militar, tendo verificado a absoluta insanidade das referências que pesavam contra o confrade e teceu considerações de ordem jurídica, afirmando que, em épocas de exceção como a que vivia o país, a verdade pode ser obliterada pela falsa compreensão dos fatos. Fez o elogio da personalidade de Eduardo Frieiro, cidadão de ilibada conduta pessoal, de atitudes retilíneas, marcadas em sólida cultura humanística. Continuando, afirmou que ninguém poderia duvidar de suas convicções democráticas, formadas na cátedra que regeu na Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, conquistada pelo seu polimorfo talento, por sua inconfundível operosidade e sua irreprochável honradez. Diante disso, pedia a solidariedade da Casa para o companheiro, no momento em que se procurava ou se tentava desfigurar a personalidade do Mestre, marcada por profundo amor ao Brasil e aos ideais democráticos.

O acadêmico Aires da Mata Machado também se manifestou, emprestando apoio integral às palavras de Orlando de Carvalho. Via, em Frieiro, uma das grandes personalidades brasileiras, de impecável conduta moral e reconhecida força intelectual, sempre a serviço da liberdade, em linhas de democracia pura, sem apelos a correntes quaisquer, venham de onde vierem. Concordava com o orador que uma das formas do terrorismo intelectual consistia em desfigurar a personalidade democrática dos profissionais da pena.[144]

Foi deliberado, ao final da sessão, que se dirigisse uma carta ao acadêmico Eduardo Frieiro, informando-lhe sobre o que ali havia se passado.

---

[144] Em *O desatino da rapaziada,* p.183, Werneck conta um episódio envolvendo Frieiro e a censura vigente na época: "Um poeta do grupo modernista mineiro, membro da Academia Brasileira de Letras, com ótimo trânsito junto ao governo militar, julgou útil alertar o novo governador de Minas, Rondon Pacheco, para o teor por demais 'avançado' do que se publicava no *Suplemento Literário,* e sugeriu que o lesse com mais atenção. O governador, por azar, caiu em cima de uma citação de Santo Agostinho, num artigo de Eduardo Frieiro, na qual se lia que o Estado é o comitê executivo das classes privilegiadas – e entrou em pânico". A censura ao Suplemento não se fez esperar...

A resposta de Frieiro em 4/3/1966 ao vice-presidente da AML, que assinara a carta, tem o seguinte teor:

> *Prezado confrade Martins de Oliveira:*
>
> *Causaram-me grande contentamento, como não era para menos, as palavras que o nobre acadêmico e excelente amigo Orlando de M. Carvalho pronunciou a meu respeito em sessão do dia 17 de fevereiro da Academia Mineira de Letras, das quais só agora tive conhecimento através da gentilíssima comunicação que o ilustre vice-presidente em exercício acaba de me fazer. Tais palavras, que foram de solidariedade e apreço, demonstrativas ao próprio tempo de afetuosa e vigilante amizade, muito e muito me confortaram e comoveram.Igualmente me honraram os pronunciamentos dos acadêmicos que se fizeram ouvir na ocasião, em apoio da intervenção de Orlando de M. Carvalho. Rogo-lhe, pois a fineza de transmitir a todos eles os meus vivos agradecimentos, junto com as saudações mais cordiais. Ao caro confrade que generosamente usou da palavra para me dar o seu apoio moral tive já a oportunidade de lhe apresentar pessoalmente as expressões de meu reconhecimento.*
> *Resta-me agradecer a comunicação bondosamente feita e os termos desvanecedores em que está vasada, o que aqui faço, reiterando-lhe os meus protestos de alto aprêço e constante admiração.*
> *Abraços do velho e mínimo confrade,*
>
> *[Sem assinatura]*

Parecendo estar convicto de que o silêncio era a postura mais digna naquele momento, Frieiro evita nomear os fatos que ameaçavam atingi-lo, respondendo à agressão desse ato autoritário com a couraça da *desmemória.* Mas, não no sentido negativo, da alienação. Anos antes, no discurso que proferiu na Academia Brasileira de Letras, ao receber o Prêmio Machado de Assis, havia prenunciado sua posição como intelectual:[145]

> [...] Admito, com Sartre, que o escritor, como qualquer homem, está em situação na sua época:
> "Cada palavra tem ressonâncias. Cada silêncio, também". Sartre esclarece: "Esse silêncio é um momento da linguagem; calar-se não é estar mudo, é recusar-se a falar; logo,falar ainda". [...]

De minha parte, desejando obter mais informações sobre esse evento na vida do escritor, consultei os Arquivos do Departamento de Ordem Política e Social – DOPS, disponíveis para consulta pública, em formato digitalizado, no Arquivo Público Mineiro. Não foi muito, entretando, o que pude apurar, senão que Frieiro, como muitos outros intelectuais do país, já vinha sendo observado pela polícia política desde 1962, como o fora, também, no governo de Getúlio. Sob a ditadura militar seu nome aparece em vários dossiês com o epíteto *subversivo*, mas, sobre o inquérito respondido em 1966, apenas aparece citado o nome do policial que o teria interrogado.

Mas, naqueles anos, o braço da ditadura, como se sabe, ainda desceria com mais força sobre os cidadãos brasileiros que ousaram um pensar independente. Em primeiro de outubro de 1969, portanto já em vigor o Ato Institucional no.5, Frieiro responde a uma carta enviada pelo Dr. Miguel Lins, advogado do Rio do Janeiro, que pedia informações sobre o Dr. Hélio Pellegrino, psiquiatra e intelectual mineiro, residente na ex-capital federal. Naquele momento de perseguições cegas e indiscriminadas, Frieiro, partidário da justiça sem adjetivos, independentemente de posições ideológicas, arma-se de seus títulos de trabalhador intelectual para defender o filho de um amigo. Para tal, num momento sem garantias constitucionais, teve que resgatar valores dentro da fé cristã, da qual, em outras circunstâncias, seria ácido crítico:

> *Prezado Senhor:*
>
> *Conheço o Dr. Hélio Pellegrino, filho do meu prezado amigo Prof. Dr.Brás Pellegrino, médico ilustre, catedrático da Universidade Federal de Minas Gerais e antigo diretor do Hospital da Polícia Militar de Belo Horizonte. Conheço-o desde a infância. Na juventude revelou invulgar talento literário, distinguindo-se acima de tudo como poeta muito estimado notadamente por jovens de sua geração. Formado em Medicina, escolheu uma especialidade, a Psiquiatria, em que logo se tornou respeitado pelo seu saber. Sua posição moral e sua conduta social são modelares, como podem dar testemunho todos os que o conhecem bem.Pai de família exemplar, cidadão inatacável. Sua concepção de mundo, segundo estou informado, é espiritualista e cristã, em harmonia com a educação recebida num lar da mais austera formação católica.*
>
> *Comunista o Dr. Hélio Pellegrino? Quem porventura o afirme estará arriscando uma falsidade. Não me consta que tenha tido em tempo algum qualquer vinculação com o Partido Comunista ou com organizações políticas de orientação marxista.*
>
> *Saudações cordiais.*
>
> *Belo Horizonte, 1 de outubro de 1969.*
>
> *Eduardo Frieiro*
>
> *Professor jubilado da Universidade Federal de Minas Gerais.*
> *Escritor. Membro da Academia Mineira de Letras.*
> *Grande Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras.*

Outra não poderia ser a posição humanitária de um homem que, não muito tempo antes, questionado sobre as cinco coisas de que mais gostava e as cinco que mais detestava, respondeu, de pronto: “As coisas de que mais gosto? Ver, ouvir, falar, ler e devanear. E as que

---

[145] FRIEIRO, E. *Discurso de posse.* Rio de Janeiro: ABL, 1960.

mais detesto: a desordem, a crueldade, o fanatismo, a injustiça e a idéia da morte". (MENESES, 1967, p.110)

Em 29/9/1969, em carta ao amigo Rodrigues Lapa, de volta a Portugal, relata as novidades nada alvissareiras d'aquém-mar e os efeitos das medidas dos militares sobre a estrutura da UFMG.

> *[...] Não sei se já está informado do ato da junta militar que aposentou, com vencimentos proporcionais, os professores Amílcar Vianna Martins, Lourival Vilela, diretor da Faculdade de Ciências Econômicas, Sílvio de Vasconcelos, Rui de Souza, Júlio Barbosa, Célio Diniz, Osório da Rocha Diniz e outros. Espera-se novo ato aposentando ainda outros professores, notadamente da Faculdade de Filosofia, todos como subversivos. As perspectivas da faculdade induzem a expectativas pessimistas. Sabe que a Faculdade está hoje dividida em várias faculdades e institutos?A Faculdade de Letras é dirigida por D. Ângela Vaz Leão. Dirige a Faculdade de Filosofia o Prof.Bessa. Segundo me consta, o irrequieto [Prof. Naief] Safady manda e desmanda na Faculdade de Letras.*
> *O mais na forma do costume. Não podemos queixar-nos da saúde, excetuando-se o que compagina naquilo do senectus est morbus.*
> *Recomende-nos a D. Inês e abrace o seu velho e fiel*
>
> *[Sem assinatura]*

Vale lembrar aqui que o filólogo Manuel Rodrigues Lapa iniciou amizade epistolar com Frieiro em 1938, laço que se reforçaria com a sua vinda ao Brasil em 1954, fixando-se em 1957 como professor universitário, em Belo Horizonte e, depois, no Rio de Janeiro. Em 1962, regressa a Portugal, mas a correspondência e a amizade continuam. É o correspondente que recebeu o maior número de cartas de Frieiro, ao todo 47, de 17/10/1938 a 6/1/1970. Quando em Belo Horizonte, Rodrigues Lapa e D. Inês, sua esposa, estiveram muito próximos do casal Frieiro, visitando-os com freqüência. Com o retorno dos amigos a Portugal, Frieiro e D. Noêmia continuaram cuidando de interesses deles deixados aqui com uma disponibilidade e desprendimento admiráveis, conforme testemunham as longas cartas, relatos de Frieiro dando conta de providências diversas tomadas por ele próprio, e por sua esposa, como procurador do filólogo português. Afinal, muitas horas e esforços foram despendidos em operações bancárias, venda de imóveis, encaminhamento de artigos para publicação e, o mais triste, no acompanhamento na doença e na morte trágica do jovem neto de Rodrigues Lapa, que residia, sem outros parentes, em Belo Horizonte.

A fraterna amizade que uniu os dois intelectuais foi estimulada pela admiração mútua, como também pelo interesse que ambos partilhavam pelos mesmos temas: a pesquisa histórico/bibliográfica sobre os inconfidentes mineiros e, em especial, a língua e literatura da

Galiza. "Ainda bem que estarão aqui em outubro ou antes. Continuaremos o nosso grato bate-papo como se não houvesse havido interrupção", escreveu Frieiro em carta de 13/6/63. Todas as cartas que cito dessa correspondência situam-se após a experiência de Rodrigues Lapa como professor no curso de Letras da UMG, no qual atuou com o mesmo temperamento polêmico que lhe valeu inimizades na academia portuguesa. Conhecendo o temperamento de Frieiro, posso especular se não teria sido, também, o gosto comum pelo embate intelectual e pela contestação que teria aproximado esses dois mestres por *tantos, tantos anos.*

A velhice e a idéia da morte

Nuestras vidas son los ríos
que van a dar en la mar
que es el morir.
Manrique[146]

Em tudo o que o homem deixa entrever de si mesmo, julgamo-nos
no direito de perguntar: que quer ele esconder-nos?
Friedrich W. Nietzsche

Em 12 de janeiro de 1963, Frieiro responde a uma carta de Braulio Sánchez-Sáez, professor espanhol temporariamente na Universidade de Campinas:

> *Caro Prof. Sánchez-Sáez:*
>
> *Vengo agradecerle muy complacido, en mi nombre y en el de mi mujer, sus amables saludos de feliz año. Nosostos, en cordial retribución, le auguramos a Usted y su familia todas las venturas deseables en el año que se inicia com furiosa carrera. Digo "furiosa carrera" porque así parece a los viejos como yo el curso del tiempo que huye veloz, cada día aparentemente más veloz, en la fuga para el término, el fin, el polvo, el nada. Apenas há comenzada, y ya se va, y ya se fueron once días, y aun no le tomé el gusto a este 63.[...]*

A consciência antecipada da morte, a experiência dolorosa da finitude do indivíduo são temas que se repetem na correspondência de Frieiro, pelo menos a partir do momento em que começa a sentir os sinais do envelhecimento. A escrita autobiográfica, o falar de si, lembre-se, é, implicitamente, um exercício necrofílico em que o autor contempla a morte escancaradamente ou através de metáforas. Mas, se a morte, quando chega, exige o homem

[146] Jorge Manrique (1440-1479), poeta espanhol.

irremediavelmente só, para a cerimônia *autobiotanatográfica* há convidados, os leitores são chamados para perfazerem, com o autobiógrafo, o caminho teleológico .

Sofrendo da angústia da morte desde a infância – "Em menino, os mortos me comoviam medonhamente e os cemitérios gelavam-me de susto"(FRIEIRO, 1986, p.278), nas cartas Frieiro se refere a ela com algum humor. Afinal, estar em condição de recordar a morte e os mortos é a garantia de que a vida continua (WEINRICH, 2001, p.49). É o assunto que abre uma carta a Brito Broca, datada de 19 de agosto de 1954 :

> *Meu caro Brito Broca*
>
> *Como já estou senescente e com as coronárias esclerosadas, é natural que pense um pouco na morte. Espero ser bem "enterrado" pela imprensa daqui quando se verificar o meu óbito – cruzes, credo! Sou homem prevenido e por isso fiz o que a experiência aconselha: escrevi e reproduzi em várias cópias o meu necrológio. Não quero que minha mulher, no primeiro dia de sua viuvez, se encontre desprevenida quando os repórteres lhe pedirem – e certamente lhe pedirão – dados biobibliográficos a meu respeito.*
> *Mando-lhe uma das cópias. Você, que na sua faina de courrieriste literário mais bem informado do Brasil está sempre pronto a dar notícias generosas acerca dos letrícolas amigos, não se recusará a dar também a última. E vai com um retratinho, nada bom, mas o menos patibular que achei entre os meus. [...] (Grifo do autor)*

O impulso de se antecipar no desenho da imagem que quer deixar de si não disfarça o desejo de burlar, uma vez mais, a força definitiva da morte, à imagem do orgulhoso Sísifo trapaceando com o reino de Hades. Mas, expressa também, a tentativa de controlar o seu leitor não apenas na recepção da obra como também na identificação do *retrato literário* do autor. De sua parte, Brito Broca parece ter pressentido que morreria antes do amigo[147] e desencumbe-se imediatamente da tarefa solicitada. A carta seguinte de Frieiro, de 6 de novembro do mesmo ano, demonstra indisfarçável satisfação com o uso que Broca fizera do necrológio que lhe fora enviado. Pois, é certo, os discursos fúnebres fortalecem a lógica da identidade e a egolatria.[148] Vida e morte se equivalem naquele elogio fúnebre:

> *Caro Brito Broca:*
>
> *Li a "entrevista" do "inimigo de entrevistas", no Jornal de Letras[149]. Antes de a ler, tive notícia dela numa roda de amigos. Eu estranhei: "Não é possível! Não dei entrevista a ninguém e não gosto de dar entrevistas literárias... Só dou entrevistas ao Brito Broca." Saíra no " Jornal de Letras", explicaram-me. E eu imaginei logo, como não era para menos, que Você a teria feito com recordações de conversas e elementos de meu"necrológio" em seu poder.*

---

[147] José Brito Broca, jornalista, crítico literário e historiador cultural, tradutor, nasceu em Guaratinguetá, S. P., em 1903 e morreu no Rio de Janeiro em 20 de agosto de 1961, vítima de um acidente de carro.

[148] QUINTILIANO, 2005, p.146.

[149] BRITO BROCA, J. Um escritor inimigo de entrevistas: Eduardo Frieiro. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, out. 1954. p.5, 4c.; O *Jornal de Letras,* publicação expressiva para as letras e as artes brasileiras, era editado pelos irmãos José e João Condé e circulou de 1949 a 1969.

> *Saiu surpreendente e comovente. Você é um mágico (como devem ser os bons entrevistadores) e tratou-me como se eu fosse realmente uma "boa praça" literária. Não podia imaginar que os meus dados biobibliograficos ante-mortem, dessem alguma coisa muito viva. [...] (Grifos do autor)*

Não é esta, de fato, a função do elogio fúnebre, qual seja, prolongar a presença dos mortos por um instante mais junto aos vivos? Tal é a homenagem que Brito Broca presta ao amigo, transcriando *o homo litterarius* em plena atividade, a partir de um (falso) necrológio. Pois, é certo, lembra ainda Quintiliano,[150] "[...] na sua materialidade textual, todo canto fúnebre incorpora o outro, o *amigo,* na subjetividade do orador que lhe presta a homenagem póstuma".

Elogio escrito ou oral de pessoa falecida, o necrológio, mais do que mero registro social, era tratado, por aquela época, primeira metade do século XX, quase como arte literária, objeto do maior *zelo* noticioso por parte da imprensa jornalística. O *Minas* distinguia-se nesse tempo pelos seus necrológios extensos e bem feitos e o Moacir era um grande enterrador[151], lembra o escritor. O necrológio antecipado como instrumento de crítica foi usado, por exemplo, por Mário de Andrade, conforme conta Monteiro Lobato em carta ao escritor Flávio de Campos:

> Mário é um grande crítico. [...] tem direito a tudo, até de meter o pau em você e mim. [...] Certa feita chegou a publicar o meu necrológio. Matou-me e enterrou-me. [...]Mário é grande. Tem direito até de nos matar à moda dele.[152]

Como planejamento do trabalho jornalístico, obituário que *aguarda na gaveta* a morte de pessoas de renome, também não era novidade na época. Mas, o que vale a pena destacar no caso de Frieiro é que, como uma espécie de exercício autobiográfico, referências ao seu necrológio aparecem na sua correspondência desde 1940 quando, aos 51 anos, é vítima de uma infecção gravíssima e, contra todas as expectativas, consegue sobreviver após duas cirurgias e três meses de internação. Ele conta e reconta esse episódio a vários interlocutores, parecendo divertir-se com a rasteira que passou na morte, dando um tom de comédia à história do seu necrológio antecipado. Uma longa carta ao escritor e crítico literário Alexandre Eulálio, datada de 11 de julho de 1960, vinte anos após o fato ocorrido, é significativa pelos pormenores ainda presentes na memória do *sobrevivente.* Ei-la:

---

[150] QUINTILIANO, 2005, p. 146.
[151] Refere-se a Moacir Andrade, redator do jornal *Minas Gerais*. Carta a Alexandre Eulálio, 11/07/1960.
[152] Citado por Cassiano Nunes, *A Correspondência de Monteiro Lobato,* São Paulo, COPIDART, 1982, p. 28.

> *Meu caro Alexandre Eulálio:*
>
> *Na conversa que mantivemos a propósito do meu necrológio frustrado, escrito pelo Moacir Andrade*[153] *e a que ele aludiu no "Estado de Minas" enganei-me num ponto: não houve artigo, mas um pequeno tópico de suas recordações publicadas naquele jornal sob o título de "Trinta anos de escriba oficial"*[154]*, capítulo "Os necrológios do "Minas Gerais". O Moacir não fala aí no doutor Juscelino, que me operou a 20 de setembro de 1940, nem toca em algumas circunstâncias dignas de serem lembradas (ao menos por mim), que precederam o meu quase óbito, duas vezes em oito dias. Gosto de recorda-las, complacentemente, por serem a aventura mais notável da minha vida. [...]*

O *quase óbito*, parece significar para Frieiro a experiência da *revelação* pela qual passam alguns indivíduos, tão significativa, tão extraordinariamente importante no curso de uma vida, após a qual esse mesmo indivíduo, percebendo-se outro, sente o impulso inadiável de escrever suas *confissões*. Ao contrário, porém, de Santo Agostinho, exemplo emblemático dessa experiência, Frieiro retorna à vida sem converter-se ao *divino.* O herói-indevoto apenas reconstrói a cena do embate em que saiu vencedor, contra todos os prognósticos, e apraz-lhe identificar os que estiveram ao seu lado, contra o grande inimigo:

> *[...] pouco depois da operação, [...] um padre entrou no quarto para me ministrar a extrema-unção.[...] Achavam-se no corredor, perto do meu quarto, alguns amigos dos mais chegados, entre os quais o saudoso Arduíno Bolívar e o Aires da Mata Machado Filho.*[155] *Bons católicos, ambos, lembraram-se de que era o momento de se chamar o padre. Dois ou três outros acharam lúgubre a idéia: eu, alegavam, era agnóstico e a presença do sacerdote me assustaria em vez de confortar. O Aires, firme, insistiu: "Precisamos salvar a alma do Frieiro". Obtido o consentimento de minha mulher, já derrotada pela aflição, o padre penetrava no quarto pouco tempo depois. Uf! Dessa vez, sim, funcionou a minha boa estrela! Ainda fora de mim, sob a ação da narcose gasosa, não reconheci a ave negra que precipita o fim dos moribundos. De outro modo, não tenho a mínima dúvida, um terror mortal teria vencido o meu espírito, enfraquecido pela injeção e pelo sofrimento [...] Eu estava na porta do cemitério, mas não entrei. No combate contra a morte, eu estava apostando – sem saber até que ponto era confiado e optimista – dois a meu favor contra um. E ganhei. Não teria porém apostado em mim, se eu estivesse consciente[...]*

Monumentalizar a memória da vitória contra a morte parece ser o trabalho desse fio narrativo sempre retomado. Nenhuma parte daquela história poderia ser perdida! Quer, talvez, através de uma epístola aos amigos, dirigir uma mensagem à velha senhora: "Te venci uma vez. Não ouses voltar tão cedo!" Mesmo para um agnóstico, (ou sobretudo para um agnóstico?), o outro

---

[154] ANDRADE, Moacir. Trinta anos de escriba oficial; cap. XVIII. *Estado de Minas,* Belo Horizonte, 28 maio 1950. Sobre o tema "necrológios", abordando inclusive o necrológio antecipado de Frieiro, Moacir Andrade já havia publicado um artigo, também no *Estado de Minas*, em 7 de dezembro de 1943, reproduzido no *Novo Diário, p.138.*

[155] Arduino [Fontes] Bolívar (1873-1951) latinista, tradutor, poeta, membro da AML; Aires da Mata Machado Filho (1909-1985), poeta, ensaista, filólogo, membro da AML

lado da vida deve se assemelhar ao cieco mondo visto por Dante na descida ao inferno.156 Salvo de entrar na noite do olvido, constrói do evento uma memória artificiosa157, ano após ano, nas cartas e no diário.

Há, por outro lado, um dado curioso relativo a essa grande experiência de superação vivida por Frieiro. Não houve conversão, é certo, mas uma transformação é narrada, em tom satírico, dois anos após a cirurgia que lhe tirou a vesícula biliar:

> De certa forma, melhorei de saúde. Livrei-me de uma prisão de ventre pré-histórica. Passei a digerir bem [...]. Melhorei de gênio. Mas já não sou o mesmo Frieiro, bilioso, ácido, mordaz, apto como poucos para o cultivo daquela *gentle art of making enemies [...]* Não sou o mesmo. Perdi a peçonha. E, seriamente, um Frieiro sem peçonha é o mesmo que chouriço sem mostarda, mocotó sem sal, ou vatapá sem pimenta.[158]

A bílis negra, o líquido corporal associado à melancolia na teoria clássica dos humores tratada por Aristóteles,[159] será motivo de muitas divagações bem-humoradas entre Frieiro, Ciro dos Anjos e Guilhermino César. Teriam os três criado o *Atrabilis Club*, reunindo vários escritores mineiros que sofriam de disfunções biliares, com efeitos sobre suas personalidades de intelectuais. Em 23/01/1940 ele responde a uma carta bem-humorada de Ciro dos Anjos:

> *[...] Não creio que eu possa ir ao Araxá alguma vez, em busca do fígado perdido há muito. (Gostei da sua metáfora proustiana aplicada aos nossos casos de hepáticos inquietos). Araxá fica muito longe e muitíssimo dispendiosa. E para dizer a verdade eu creio que o meu fígado – ai de mim! – ne sera jamais retrouvé. Devo estar como o Aroeira, que um destes dias me confessou não possuir há muito a menor porção aproveitável da citada víscera. Por isto, talvez, ele é tão fleumático.[...] (Grifo do autor)*

Se existe, de fato, um jeito de ser chamado mineiridade, acredito que um dos traços mais marcantes seria esse humor calcado no ceticismo, um modo de acompanhar os fatos mais sérios com certo distanciamento irônico, sem deixar de dar lá os seus palpites, quase para si

---

156 ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*; Inferno. Canto IV, 13. p.43:"*Vamos descer agora ao cego mundo", disse o guia, posto em certo turbamento, "serei primeiro e tu serás segundo .("Or discendiam qua giú nel cieco mondo, cominció il poeta tutto smorto. "Io serei primo e tu sarai secondo").*

157 WEINRICH, 2001, p. 55. Memória profissional de quem tenha aprendido a mnemotécnica, como é o caso de Dante que ajuda aos penitentes do Purgatório armazenando na sua memória as histórias daqueles.

158 FRIEIRO, E. *Novo diário.* Op. cit., p.38.

159 ARISTÓTELES. *O homem de gênio e a melancolia: o problema XXX, 1* Tradução, apresentação e notas [de] Jackie Pigeaud. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1998.

mesmo. Frieiro não se considerava mineiro, orgulhoso que era de sua descendência ibérica, mas não destoava nas brincadeiras joco-sérias do Atrabilis Club.

De qualquer modo, o melancólico, na visão aristotélica, *seria essencialmente polimorfo,* portador, por toda a vida, de um temperamento marcado pela instabilidade. Assim, tristeza e misantropia se mesclam a uma viva curiosidade e imaginação que, supostamente, estão presentes no homem de gênio ou ser de exceção. Esta proposição, como se sabe, vem repercutindo desde a Antiguidade na filosofia e na literatura universais. Daí, talvez, o temor de Frieiro: ter curado o distúrbio que o atormentou por tantos anos, mas ter perdido, junto com o suplemento de bílis negra, o gosto de contradizer, a força de sua argumentação, ou a peçonha, como ele nomeia a carga contestatória que, na maior parte das vezes, estava embutida no seu discurso.

Abro, aqui, um parêntese para não deixar sem destaque, na história da doença de Frieiro, a participação de Juscelino Kubitschek. Já na condição de ex-presidente da República, cassado pela ditadura militar, o Dr. Juscelino volta do exílio e procura relembrar a sua participação no episódio operação Frieiro, provavelmente com vistas a escrever ou rever suas próprias narrativas autobiográficas. Com presteza, Frieiro envia-lhe carta em 29 de janeiro de 1971 recontando a história que interessava ao amigo ilustre.

> *Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira:*
> *eminente Amigo,*
>
> *Perguntou-me, não faz muito tempo, qual a data certa de minha operação no São Lucas. Respondi-lhe que fui seu operado no dia 20 de setembro de 1940, às 4 horas da tarde. Acompanhava-o na operação o doutor Bolívar Drummond. Seu companheiro habitual, o doutor Júlio Soares, tinha ido ao enterro do Prof. Otaviano de Almeida. Eu estava com peritonite [...]*

Ao longo da carta ele descreve, com as mesmas minúcias dos relatos anteriores, a história da doença. O fecho da carta não deixa dúvidas quanto ao impacto que o *vis-à-vis* com a morte lhe causou, e o quanto lhe faz bem rememorá-lo.

> *[...] Mas eu sobrevivi e estou agora aqui, trinta e um anos depois, para escrever-lhe estas linhas acompanhando a cópia de páginas do meu Diário*[160] *que dão uma*

[160] Refere-se às páginas do diário recomeçado em 1942 e ainda inédito na data da carta. No dia 20 de setembro de 1942, *segundo aniversário da /.../ primeira operação* descrevera, nos menores detalhes, o que foram aqueles dias. Partes da carta endereçada a Alexandre Eulálio foram copiadas, tal qual, das páginas do *Novo Diário, 1986, p. 33-37.*

> *idéia muito pálida da minha luta com a morte na Casa de Saúde São Lucas. Creio que terá alguma curiosidade de ler as laudas que endereço ao querido Amigo, a quem verdadeiramente fiquei a dever a minha sobrevivência depois daquelas noites de tantas e tantas angústias.*
>
> *Com todo o afeto,*
>
> *[Sem assinatura]*

Assim, se Frieiro homenageia, com suas lembranças, o cirurgião competente e o amigo, também a memória do país deverá guardar essa data como o momento em que o Dr. Juscelino desempenha seu último papel como profissional na esfera privada para se dedicar, integralmente, com o olho no futuro, à vida pública. Consta que teria dito à esposa de Frieiro: - "Hoje vou dar duas altas, D. Noêmia. Uma a Frieiro, que já está bom e pode retornar a suas atividades. E outra a mim mesmo, pois encerro, com o caso de seu marido, minha atividade profissional"(CONCEIÇÃO, 1982).

Como quero ser lembrado

> Escrevemos estas coisas para transmitir aos outros a visão de mundo que carregamos conosco.
> Ernest Renan.

O avanço da idade e a estranheza de se descobrir um ser modificado pelo tempo acrescentam, ao temperamento introspectivo de Frieiro, a acídia e a descrença total no valor dos dias já vividos. Invariavelmente, abre espaço nas cartas ao amigo mais próximo, Rodrigues Lapa, para declarar seu inconformismo diante da temporalidade do sujeito:

> *Folgamos em saber que a saúde dos bons amigos é satisfatória, apesar das "friaxes" extemporâneas. Nossa saúde e nosso "train" de vida, na forma habitual. Eu de mim vou envelhecendo humilhantemente e sob protesto. A v... (nem se devia escrever a palavra) é a maior cachorrada que o Demiurgo prega no homem. E ainda o adoram. Masoquistas [...] Ainda bem que o trabalho ajuda a viver. "Il faut travailler, rien que travailler", dizem que dizia Rodin a um amigo que o via sempre a suar na sua obra. Trabalhar ... para que? Para nada. Porque sim. A mula da nora*[161] *indaga, acaso, do seu incessante rodar?*[162]

Tira do trabalho constante a força estóica para submeter-se ao enigma da finitude humana, sem pedir clemência a Deus ou aos homens, encarnando, ainda e sempre, o Sísifo condenado

[161] Nora= aparelho hidráulico, em geral rudimentar, usado para tirar água de poços, e constituído por alcatruzes presos a uma roda de madeira ou a um corrente sem fim.
[162] Carta a Rodrigues Lapa, datada de 13/6/63.

a eterno trabalho sem êxito ou recompensa, recomeçando cada dia em inútil e desgastante esforço, preso a uma inalterável *roda do destino*. Não obstante, continua o incessante questionamento dos *para quê?* No ano seguinte, 26/1/65, assim termina mais uma carta para Rodrigues Lapa:

> *[...] Tudo corre sem novidade aqui. Vamos contando tempo heroicamente e sem queixas exageradas da idade porque, afinal, envelhecer é a única maneira de viver muito. Dirá um pirrônico: "Viver para quê e por quê?" Por que sim. Por fidelidade à tolice de existir.*

Como Sêneca, o filósofo moralista que muito o influenciou e que em *Cartas a Lucílio* ensina a arte de bem viver, Frieiro admitia que era preciso, afinal, aceitar o processo de envelhecimento e tirar o melhor proveito desta fase da vida que poucos indivíduos têm a sorte de atingir. "Não penso no passado e nem me preocupa o futuro. Vivo o presente, e basta", dizia sempre. Um ano mais novo, o amigo e interlocutor compartilha da mesma angústia, ao que Frieiro responde, em 30/9/67:

> *[...] Não me fale de velhice. É uma palavra detestável que deve ser esquecida, ou lembrada o menos possível. Não é, positivamente, a pior peça que a vida nos prega? Tirante essa miséria, não tenho por que queixar-me da saúde, que é razoável. Mas, claro, espero o pior, que vem sempre no fim. Também não é má a saúde da Noêmia.[...]*

Sentindo, enfim, o tempo da velhice como um prefácio, um anteceder da morte inevitável, Frieiro vai vivendo, ao mesmo tempo interessado e meio desligado dos fatos cotidianos. Em 30/12/ 1969, mais um ano que termina, repassa as notícias daqui para o amigo em Portugal:

> *[...] Tudo por aqui sem novidade especial. Já deve estar informado de que a nossa Faculdade de Filosofia se dividiu e várias escolas. Uma delas é a nossa Faculdade de Letras, dirigida por D. Ângela Vaz Leão.Outra é a Faculdade de Filosofia e qualquer coisa mais, dirigida interinamente pelo Prof. Amaro Xisto de Queiroz, substituto do Prof. Parafita aposentado (não se sabe porque) pelo governo Costa e Silva. Há um novo reitor, um moço que eu não conheço. E faleceu Prof. Braz Pellegrino, um dos fundadores da Faculdade de Filosofia.Enfarte do miocárdio. Enquanto não chega a minha vez, vou envelhecendo mansamente. Envelhecer não é o problema. O problema é parecer velho. Enfim, somos todos, como creio que dizia Fernando Pessoa, simples cadáveres em sursis. (grifo meu).*

Para um existencialista *ante litteram*, como ele próprio se definia, a morte reside no interior do ser humano como peculiaridade própria definitória de sua existência. Assim, mais do que as idiossincrasias de um hipocondríaco, a insistência em bem narrar a vitória (temporária) sobre a morte está relacionada, segundo parece, ao princípio pelo qual ele norteou a vida (e a idéia da morte): a existência como duração, continuar vivendo. Tal visão, fruto do seu

ateísmo, soma do ceticismo natural de um jovem ensimesmado e misantropo, foi alimentada pela leitura de autores heréticos. "Fé? Impossível. Não fui feito para conversar com os anjos. Nasci indevoto, e acabou-se", transfere ele para a fala de Basileu, seu alter ego no livro Inquietude, melancolia[163] (FRIEIRO, 1930, p.170), a sua descrença religiosa.

Afinal, seu antidogmatismo visceral parecia ceder a uma só certeza: ser um homem sem fé! Niilista *extático*[164], nenhuma vida lhe parece memorável e digna de ser narrada. Beirando os sessenta anos, dizia já ter deixado para trás as amarguras que lhe estragaram a mocidade. Embora continuasse pessimista, o sentimento do fracasso e da própria mediocridade transferira-se, com a maturidade, do plano individual para o universal. As grandes esperanças e os sonhos abortados, os projetos não-realizados refletiriam, no seu entender do presente, não apenas a sua própria vida, mas a natureza mesma do ser humano. Em pleno vigor criativo, seu pessimismo, paradoxalmente, lhe parecia confortador e até estimulante. Pois, não é verdade que as vidas minúsculas, tanto quanto as de pretensa grandeza, têm o mesmo fim, acabam todas em pó?, indagava-se ele.

Contraditoriamente, a literatura biográfica tinha lugar na sua biblioteca, ele mesmo o declara. Do mesmo modo, a construção metódica de seu arquivo, incluindo a correspondência, pressupõe a idéia de um projeto autobiográfico lançado à posteridade. E, sobretudo, na última carta arquivada, pude perceber mais do que a vontade de ser lembrado depois da morte, a pretensão de controlar a imagem que quer deixar de si, ancorada na idéia da liberdade, ou da solidão, do homem sem fé. Assim, poucos anos antes do fim, quase cego, adoentado, impossibilitado de datilografar suas cartas impecáveis, recorre à ajuda da esposa para declarar-se, definitivamente, por escrito, um homem sem ilusões, perto da *morte absoluta,* a que não comporta salvação nem ressurreição. Refiro-me a uma carta-resposta de dois de fevereiro de 1978, ao ensaísta e filósofo Euryalo Cannabrava, que havia manifestado o desejo de escrever a sua biografia. Eis, na íntegra, o que declara Frieiro ao pretenso biógrafo:

> *Meu caro Eurílalo Canabrava:*
>
> *Recebi sua carta datada de Lambari. Você me diz que tenciona escrever a meu respeito, e que já pediu a colaboração do Aires para esse trabalho. Quero muito bem ao Aires. Mas devo esclarecer que a idéia não é boa. Eu e ele somos dois tipos humanos diferentes. O [Aires] é um Diamantinense devoto. Crê no Padre Eterno,*

[163] Na segunda edição, Itatiaia, 1981, Frieiro rebatiza o livro com o título de *Basileu*, por considerar *Inquietude, melancolia* muito *datado.*

[164] "Sou um niilista extático?", indaga-se, no diário, em 18 de junho de 1945. Teria pensado para o termo *extático* o mesmo sentido dado por Koogan/Houaiss – pasmado, perplexo, boquiaberto?

> *em Jesus Cristo e na Virgem Maria. Eu sou indevoto, não creio em nada. Ele me estima, mas julga que a minha incredulidade é esnobismo de intelectual ranheta. Deixa lá.*
> *Aos dez anos eu lia vidas de santos e queria ser santinho. Aos doze anos confessei-me com um padre ignorante. Daí em diante fui perdendo aos poucos a religião.*
> *Na adolescência dois amigos espíritas me davam para ler jornaes e livros dessa doutrina. Mas não me convenci. Daí em diante li autores heréticos que muito me seduziam. Li então o meu mestre de ateísmo, Félix Le Dantec, cujas obras apareciam então traduzidas ao português. Peguei uma reta nessa corrente de idéias. Li os materialistas da revolução franceza, Diderot à frente e outros. Era um leitor desabusado, ávido de críticas destruidoras. Li todo o Maupassant, todo Anatole France, todo Rémy de Gourmon[t], os escritores da Nouvelle Revue Français[e], o diabo! Fui empolgado pelo anti-cristão Ni[e]tzsche. Os escritores espanhóis da geração de 98 me conquistaram. Com Azorín, estilista sem par, apurei a minha arte de escrever. Fui leitor do meu Casmurro romancista dom Pio Baroja. A guerra de Franco mergulhou os espanhóis numa espécie de idade média dominada pelo clero. Fiquei só com os franceses, até Alber[t] Camus e Jean-Paul Sartre, meus últimos oráculos. Com Sartre, terminou a minha carreira, tranqüila, sem sobressaltos de indivíduo sem as ilusões dos comuns homens religiosos.* [165] *[Acréscimos e correções feitos pela autora].*

Significativa é a co-relação explícita que estabelece entre sua trajetória de vida e os livros lidos, entre o fim de sua carreira/existência e a última leitura.

Lembrar o vivido, para Frieiro, é refazer um caminho de textos lidos. Como outros intelectuais do seu tempo ele leu antes de ser, e foi aquilo que leu, do modo como leu. Ao recitar o repertório dos livros lidos ele está mapeando os seus espaços memorialísticos, orientando (nesse caso específico, desautorizando) os seus futuros biógrafos. Induz os seus leitores a pensar que a vida que ele nos conta é uma construção narrativa, que não existia, necessariamente, um eu referencial anterior àquele relato. Faz sentido, pois, duvidar, como De Man, da referencialidade do eu autobiográfico e imaginar que, ao informar como quer ser (d)escrito Frieiro está, como outros que tentaram perpetrar uma autobiografia, postulando , uma identidade *a posteriori.* Ele constrói para si uma imagem/máscara de *homem impresso* que mostre hoje, como significativo, o que, em certa medida, foi vivido como precário e contingente.

> *Sou realmente o que se pode chamar 'um homem impresso', como dizia o Eça do crítico Moniz Barreto. E quase prefiro ao mundo <u>real</u> (existe, acaso?) a sua sombra ... em letra de fôrma. (grifo do autor).*[166]

Nesse esforço de construção identitária em que ele, do interior de sua caverna/biblioteca, articula fragmentos textuais que retira do *arquivo europeu,* para usar a expressão de Molloy (2003, p.19-20), transparece a tensão (confessada por Frieiro em outros momentos) nas suas

[165] Acréscimo e correções dos nomes próprios feitos por mim.

relações com a alteridade. Sabendo que toda leitura é, potencialmente, espaço de recriação, ele teme ser lido pelo outro.

A carta a Cannabrava sugere, pois, uma espécie de protocolo de leitura que Frieiro estabelece em último ato a quem, no futuro, quiser se ocupar de sua memória. É, enfim, parece querer dizer, o direito que lhe cabe, como leitor que *leu sempre e desencadernadamente*, de reivindicar que a bibliografia de sua vida não seja mal anotada por um bi(bli)ógrafo estranho à sua visão de mundo.

3.2 Infância e (cena primeira de) leitura

> Ai de nós que não vivemos ao menos cem anos para lermos todas as
> obras que nos dariam verdadeiro prazer![167]
> Eduardo Frieiro. A *ilusão literária.*
> 3. ed,. p.69.

Autodenominando-se *homem de papel*, Frieiro, como muitos outros intelectuais, parece ter orientado sua existência para duas funções fundamentais: ler e escrever. Editar o bom texto e ensinar os jovens a conhecer a literatura seriam conseqüência natural das primeiras funções. Onde nasceu, como transcorreram seus primeiros anos, as impressões de menino são fatos que merecem pouco espaço no exercício rememorativo do escritor adulto. É como se ele não tivesse existido, de fato, senão a partir de seu nascimento como leitor.

Assim é que, da infância pobre de um filho de imigrantes espanhóis, não são muitos os fatos lembrados nas cartas. Quando afloram, as menções à infância e à juventude vêm, via de regra, como *autobiografemas* no sentido barthesiano, fragmentos de memória, pequenos fatos narrados em descontínuo, quase sempre envolvidos pelo sentimento melancólico e amargo do adulto. Assim, aos 75 anos, escrevendo a Ruth Nielsen, a mesma leitora do Rio de Janeiro com quem manteve agradável e entretido diálogo por vários anos, retrata num matiz sombrio, com poucas pinceladas, as primeiras décadas de sua vida:

---

[166] Carta a Josué Montello, 28/7/1959.
[167] FRIEIRO, A Ilusão Literária, 3. ed. p.69.

> *Não há na minha vida particular e pública nada que ofereça qualquer interesse biográfico, vida paupérrima em acontecimentos anedóticos. Minha infância foi pobre e mofina. Minha mocidade? Vazia, ácida e melancólica. De sujeito nervoso e casmurro, meio intratável e muito malcriado. Não me deixaram a mínima saudade, nem a infância nem a juventude. Pelo contrário: nem gosto de as lembrar.*[168]

O silêncio que paira sobre uma fase da vida não deve, contudo, enganar os pretensos leitores de uma vida contada. Para o crítico norte-americano James Olney,[169] se um texto autobiográfico não ilumina todas as fases do passado do sujeito em questão pode, contudo, ter muito a revelar desse sujeito no momento em que compõe a sua escrita. Além disso, dedicar pouco espaço à infância e concentrar seus esforços na celebração do adulto parece ser, na análise de Sylvia Molloy, uma tendência dos autobiógrafos hispano-americanos da segunda metade do século XIX às primeiras décadas do XX[170].

Ainda que seja arriscado afirmar algo semelhante em relação aos autobiógrafos brasileiros do mesmo período, ao meu ver, Frieiro, por temperamento e, também, por suas fortes ligações com a cultura hispano-americana, preferiu calar-se sobre a primeira fase de sua vida. Optou por dirigir todo o esforço de narrador de si mesmo ao homem adulto que abandonou as *ilusões* e projetou-se, já maduro, como um intelectual autodidata. Se algumas ocorrências infantis conseguiram passar pela censura do Frieiro autobiógrafo foi porque, justamente, anunciavam a imagem do homem que ele viria a ser, no momento da escrita, e que desejava passar aos leitores da posteridade: o intelectual puro à imagem de Heráclito de Éfeso[171], um misantropo que desprezava o vulgo, que não foi discípulo de ninguém e aprendeu consigo mesmo tudo o que sabia.

Isso posto, conto um pouco de sua história. Eduardo Frieiro nasceu em 5 de julho de 1889[172] em Matias Barbosa, Zona da Mata mineira, filho de Melchíades Frieiro e Maria Juana Pampín. Imigrantes originários da província de Pontevedra, na Galiza, - chegaram ao Brasil em 1885 ou 1886 - eram pessoas simples e sem letras. O pai, nas palavras do escritor, "era homem tímido, honrado, trabalhador, rude e cabeçudo como costumam ser os galegos. E teve

---

[168] Carta a Ruth Nielsen, 29/12/1964.
[169] Apud EAKING, P. J. *Fictions in autobiography*, p, 21.
[170] MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito;* a escrita autobiográfica na América Hispânica. Chapecó: Argus, 2004. p.177.
[171] Em artigo intitulado *Um antepassado intelectual,*Frieiro articula uma filiação ao filósofo grego Heráclito de Éfeso, (540 a C.. a 480 a C.). O artigo foi publicado no jornal *Estado de Minas,* 17 set.1961 e incluído no livro póstumo *Encontro com Escritores,* Belo Horizonte: Itatiaia, 1983. p.35-8.

a boa companheira de lidas, laboriosa, sofrida, honesta, clarividente, compreensiva, tenaz, como é em geral a campônia da Galiza." O retrato dos pais generaliza a imagem do povo cuja pátria que não chegou a ser a sua mas que lhe ocupou sempre um lugar no coração e na memória.

> *Sí, soy gallego de todos cuatro costados. Mis padres eran de Pontevedra, y también dos hermanos míos. En el Brasil, así como en toda América, y Ud. bien lo sabe, el 80% de la imigración española es de gallegos. Gallegas fueron las primeras palabras que oí pronunciar, salidas de la boca de mi madre.*[173]

Era o tempo da edificação da nova capital de Minas, que motivou um fluxo migratório de trabalhadores proletários para a região do Curral Del Rei, principalmente espanhóis (galegos, na maioria), portugueses e italianos. Assim, em 1895 (ou 97?)[174], Melchíades Frieiro, pedreiro de profissão, muda-se com a família para a cidade em construção, indo morar perto da Ponte do Saco, sobre o Ribeirão do Arrudas, na entrada do atual Barro Preto. "Por esta época a cidade era uma espécie de vila que se aglomerava perto de uma igrejinha, onde hoje é a igreja da Boa Viagem. Eu conheci o arraial do Curral del Rey, quase intato!", ele rememora.[175]

Na rua Muriahé, número 4, longe do centro da nova cidade, na casa modesta construída pelo pai, Eduardo Frieiro viveu 37 anos, só se mudando para uma casa na Rua Diorita, bairro Calafate, quando se casou, em 1935. Tinha dois irmãos, José e Belmiro, e duas irmãs, Maricota e Chica. Gente acostumada ao trabalho duro e honesto, como seus antepassados labregos. Trabalho, muito trabalho era, de fato, a rotina daquela casa proletária "onde não havia livros e raramente entravam jornais"[176]. Música, era o cantar da mãe, lembrança que volta com a leitura de um estudo do musicólogo Curt Lange, com quem trocou correspondência de 1947 a 1969:

---

[172] É curioso como esta data de nascimento, conforme consta na sua carteira de identidade, diverge da informada pelo próprio Frieiro em carta de 21/9/1959 a Célio Meira: *Enganou-se muito na idade que me deu. Sou de 1892*, escreve o escritor. Essa data será repetida em muitos artigos sobre Frieiro.

[173] Carta a José María Viqueira, datada de 30/11/1959.

[174] Há muita contradição nas datas dos primeiros anos nos diferentes documentos consultados. A data de nas mento aparece em vários textos como sendo 1892, inclusive em carta escrita pelo próprio Frieiro. A carteira de identidade, contudo, desfaz esse equívoco. 1895 teria sido a data da vinda da família para Belo Horizonte, embora algumas notícias citem 1897 e 1898.

[175] OLIVEIRA, Heloísa Aline. Eduardo Frieiro; ou de como chegar aos 90 anos. *Estado de Minas,* Belo Horizonte, 5 jul. 1979. Caderno 2, p. 1.

[176] FRIEIRO, E. Novo Diário. p. 40

> *[...]E quero dar-lhe duas pequeninas provas do interesse com que li o seu Gottachalk, cuja continuação espero conhecer. Na página 7 deparou-se-me, não sem alguma emoção, a variante de umas velhas coplas que ouvi minha mãe cantar muitas vezes.[...] Digo "variante" porque a letra que minha mãe cantava difere da do tango mencionado em "A Semana Ilustrada". Era assim:*
>
> *"Me gustan todas,*
> *me gustan todas,*
> *me gustan todas*
> *en general;*
> *pero las rubias,*
> *pero las rubias,*
> *pero las rubias*
> *me gustan más.*
>
> *E ainda me lembro da música. Tenho para mim que eram coplas de alguma zarzuela.*[177]

Dois anos e meio do chamado curso primário foi todo o estudo formal do menino Eduardo, numa escola pública do bairro Carlos Prates, reduto de imigrantes semi-analfabetos naquela virada de século.

Dos anos passados na escola, ficaram, na memória dele: a professora de Sabará, que lhe ensinou as primeiras letras; a prisão de ventre crônica; a chacota dos pequenos colegas a respeito do seu sobrenome, trocando Frieiro por frieira. Mas, foi nessa mesma escola onde teve início a mais significativa experiência de sua vida: a leitura. A impressão que tenho, acompanhando-o nas lembranças mais antigas, é que sua vida pessoal começa, de fato, no momento em que, lendo, ele inicia o diálogo com o mundo da representação literária. Contou, certa vez, a Vivaldi Moreira que, sendo ele bem novo, via os meninos do bairro furtando amendoim de um velho português, dono de armazém, que vivia cochilando atrás do balcão. Quanto a ele ...

> *Que ia eu roubar, meu caro Vivaldi? Jornais, jornais velhos, Jornal do Brasil, com a magnífica colaboração; Jornal do Comércio, com artigos quilométricos, e eu bebia tudo aquilo! [...] Fui um grande ledor de jornais! Então, jornal do interior, que delícia! Eu lia, por exemplo: Gazeta de Guaratinguetá, que mistério para mim! Que encanto! Eu lia tudo, tudo. [...]*[178]

Fantasiosa ou não, a veracidade dessa história interessa menos ao biógrafo do que a constatação de quão importante para o escritor é repassar para seu interlocutor a idéia de que a leitura foi essa paixão precoce que confere sentido a toda a sua vida, abrindo-lhe um

---

[177] Carta a Curt Lange, datada de 14/01/1952.
[178] MOREIRA, 1991, p. 26.

caminho diferente do que lhe seria destinado por tradição familiar. Na entrevista já citada que deu ao *Estado de Minas*[179] quando fez 90 anos, ele reforça a mesma idéia de ser, desde a infância, um intelectual predestinado:

> Desde menino gostei de ler, acho que é uma coisa que já nasceu comigo. Frequentava a biblioteca que havia na cidade, levava livros para casa e lia pela noite a dentro, à luz de velas, o que causava aborrecimentos a meu pai pelo preço de 200 réis, o custo de uma vela. Ficava muito caro.

E em outra entrevista,[180] até contradizendo-se quanto ao interesse que suas memórias possam vir a ter, acrescenta:

> Eu lia o que achava ao meu alcance. [...] Na tenda dum sapateiro italiano eu lia o "Fanfulla", "Il Corriere della Settimana" e "L'Asino", semanário anticlerical do famoso caricaturista Rata Langa[181]. Com a ajuda de um "Petit Larousse" em ruínas, já sem as últimas cinco letras, comecei a ler francês, que só mais tarde eu aprenderia regularmente. Que aventura! Ainda as escreverei.

Crescendo na periferia, numa casa com quintal, árvores e animais domésticos, as brincadeiras usuais da infância não aparecem nas suas lembranças nem mesmo como negação, à maneira de Sartre: "Nunca esgaravatei a terra nem farejei ninhos, nem herborizei nem joguei pedras nos passarinhos."[182] É a leitura, ele nos faz acreditar, que vai dando o compasso para os movimentos e o ritmo desta vida solitária. As hagiografias (lembre-se da carta enviada a Euryalo Canabrava em 1978, p.125) deixaram no menino de nove, dez anos, a vontade de levar uma vida de pobreza e de santidade. Paradoxalmente, foi salvo do sacrifício pela ignorância e obscurantismo de um padre com quem se confessou para fazer a primeira comunhão e que o levou, a partir de então, a perder a crença no sagrado. Daí em diante, ao acaso, mas também sistematicamente na biblioteca pública da cidade, encontrou textos que o ajudaram a construir uma visão de mundo particular, cujo trajeto ele faz questão de demarcar retrospectivamente, como as pedras na floresta, lançadas pelo personagem da história infantil, na angústia de garantir um caminho de volta ao lar. Volto a esse aspecto pela recorrência no seu discurso confessional: nas cartas e no Diário, Frieiro vai, incansavelmente, citando os livros que leu, como peças da construção de si mesmo ou como a trilha sinalizadora para uma

---

[179] OLIVEIRA, 1979, p.1.
[180] COMO vivem e trabalham nossos intelectuais. Entrevista de Eduardo Frieiro a Raimundo Meneses. *Minas Gerais*, Supl. Lit., Belo Horizonte, 20 dez. 1967.
[181] Rata Langa, pseudônimo de G. Galantara (1865-1937). Suas vinhetas anticlericais e antifascistas correram o mundo no início do século XX.
[182] SARTRE, J.-P. *As palavras.* 3. ed. São Paulo: Difel, 1967.

volta ao passado. Apoiando-se nessas leituras, vai respondendo às questões típicas do autobiógrafo:

Quem sou eu?

> *Sou um herege total. Antidogmático em filosofia, em política, em estética e no resto. Penso que ter opinião é preferir enganar-se num certo sentido. Desde muito moço, o problema religioso deixou de existir para mim, considerado daí em diante apenas como fenômeno cultural.*[183]

Como cheguei a ser o que sou?

> *Li, desde cedo, os materialistas dos séculos XVIII e XIX. Preciso dizer-lhe que Voltaire é para mim, sempre, "le dieu Voltaire"? "Candide" é um livrinho que eu coloco logo ao lado do "Dom Quixote", " manuais de indulgência, bíblias de benevolência", ambos no dizer de A France.*[184]

O que escolho para contar?

> *Creio ter esboçado o meu retrato psicológico, com tintas atenuadas, favoráveis, e aparadas muitas arestas, na figura de Basileu Prisco, protagonista do meu romance "Inquietude, melancolia". As circunstâncias da vida de Basileu, é claro, são outras, inventadas quase todas, romanceadas, mas o tipo suponho ser o meu. O tipo, não os seus atos.* [185]

A todas essas perguntas Frieiro responde, invariavelmente, apoiando-se na *sua biblioteca* – obras lidas e textos seus – que foi construindo desde a infância. Por isso, não poderia ser outro o título do livro que publica em 1941 para dar vazão ao sentimento perene de amizade a esses indispensáveis guias espirtuais: *Os livros nossos amigos.*

Mas o livro mais marcante, o que demarca caminhos não é, necessariamente, o primeiro que se lê. Por conseguinte, o encontro mais significativo, diferente de tudo o que vivera anteriormente, aquele que será lembrado como a *cena primeira de leitura*, emblemática, ocorre por volta dos seus doze anos. Reconta essa história muitas vezes no diário, nas cartas, em artigos de jornal, no prefácio de *O alegre Arcipreste (1959).* "Ali pelos doze anos eu lia tudo, *aunque fuesen los papeles rotos de la calle* (por fazer minhas as palavras do prodigioso autodidata que foi Cervantes)"[186], recorda ele, deixando-se confundir com o autor do Quixote.

---

[183] Carta a Ruth Nielsen, datada de 10 de dezembro de 1964.
[184] Carta a Ruth Nielsen, datada de 10 de dezembro de 1964.
[185] Carta a Ruth Nielsen, datada de 29 de dezembro de 1964.

A propósito dessa obra, certo dia caiu-lhe nas mãos um exemplar do *Dom Quixote* no original espanhol, provavelmente trazido pelo irmão mais velho, pintor de paredes, da casa de algum freguês. O menino apanhou o livro já meio estropiado e começou a ler com gana, "sem perceber muitos vocábulos, sem penetrar em sua significação, encantado mais com o ritmo das palavras, embalado no fio da história, como se o conteúdo do texto jorrasse diretamente em sua alma"(MOREIRA, 1991, p.29). Dá-se assim, o encontro definitivo, e para sempre renovado, entre um leitor voraz e uma obra de arte, por natureza inesgotável, nunca inteiramente decifrável. O Quixote lhe inocula "o núcleo da ilusão – essa terrível e lúcida alucinação que o conduziu por toda a longa existência de 92 anos"(MOREIRA, 1991, p.29). De sua parte, Frieiro terá, na carreira de intelectual e professor de literatura espanhola, o prazer pessoal de dialogar com essa figura-símbolo da modernidade através da leitura do livro e da elaboração de artigos críticos sobre a obra de Cervantes[187]. E mais, assumiu o compromisso de divulgar o valor dessa extraordinária obra através das edições do/sobre Dom Quixote que colecionou[188], e da leitura crítica do original que gostava de proporcionar a seus alunos da Faculdade de Filosofia da U(F)MG.

Voltando à história daquela cena primeira de leitura, sabe-se que, freqüentemente associada à *revelação* nas autobiografias intelectuais está a figura do mediador, aquele que facilita a um outro o encontro com os livros e com as coisas do espírito. Nas memórias de Frieiro, o irmão mais velho é citado algumas vezes, menos como mediador intelectual do que intermediário entre o mundo lá fora e o lar proletário. Era ele espécie de mensageiro que trazia notícias da cidade e, de quando em vez, jornais e livros de segunda mão. Na verdade, Frieiro fazia questão de proclamar a sua autonomia mental e intelectual, tendo dito mais de uma vez: - "O que sei aprendi sozinho, comigo mesmo".

Quer me parecer, contudo, que a singularidade do menino Eduardo, pobre, franzino, muito tímido, foi ter tido como guia de leitura, não o pai, o avô ou a professora, alguém de suas relações parentais e afetivas como tiveram, no seu tempo, muitos meninos, ricos ou pobres. O que o distingue dos outros é a estatura de seu *mediador inesquecível*, ninguém menos que o

---

[186] FRIEIRO, E. Minha amizade à literatura espanhola. *Kriterion,* Belo Horizonte, n.1, v.2. jul./set. 1947. p.34-47.

[187] Cf. VIEIRA, Anna da Soledad. *Eduardo Frieiro;* Bibliografia. Belo Horizonte: Esc. Biblioteconomia UFMG, 1967.

[188] Na sua biblioteca, hoje sob a guarda da AML, arrolamos seis edições diferentes do *Don Quijote de la Mancha,* no original espanhol, além de um número não computado de livros e artigos sobre a grande obra. (Quando fiz essa anotação, os mais de 4.000 volumes não estavam ainda inventariados e catalogados).

ingenioso hidalgo Don Quixote de la Mancha! Seu guia - não exatamente ao mundo da leitura mas ao mundo através da leitura – foi essa figura mítica da literatura universal, personagem de um mundo agônico, que vivencia alguns dos impasses decisivos do nosso tempo, de qualquer tempo: o desejo de fazer do mundo o espaço da liberdade e da solidariedade, da justiça e da verdade, da beleza e da alegria, da honra e da compaixão.[189] Difícil dizer, além do que o próprio Frieiro diz, o quanto Dom Quixote marcou o seu desenvolvimento pessoal e intelectual uma vez que o efeito que esse herói-problemático produz no leitor pertence à ordem das emoções, de complexa avaliação. Com efeito, assinala o escritor:

> Lido por mim na puerícia, o livro de Cervantes foi um dos episódios mais felizes das minhas aventuras de caçador furtivo de leituras, que não tinha muito o que escolher, nem sempre sabia escolher e, por isso, fazia alvo de todo papel escrito que se achasse ao meu alcance.[190]

De fato, o testemunho de quantos o conheceram é de que tanto o homem como o trabalhador intelectual espelharam, no concreto de sua existência, a força do mito quixotesco carregado de senso de justiça e de amor à verdade, ao custo, algumas vezes, de suscitar a ironia e a incompreensão de seus pares. Além disso, não se pode esquecer o veio inesgotável de reflexão que essa obra fundadora do gênero romanesco seguramente terá proporcionado ao escritor, do leitor iniciante ao futuro cervantista e professor de literatura hispano-americana, naquilo que ela oferece de problematização do ato de ler e de fundamento teórico sobre a própria obra e a literatura em geral. Leitor competente do cânone, ele nunca deixou de beber nessa rica fonte.

Mas, o encontro de Frieiro com esse grande livro põe em destaque a questão da leitura dos *clássicos* à margem do centro europeu pelo leitor latino-americano do século XIX e começos do XX (MOLLOY, 2003, p.40). O que constato, antes de mais nada, é que o primeiro encontro do leitor de uma ex-colonia americana com o cânone foi quase sempre mediado por uma outra língua, quando não duas. Borges, caso atípico, cultivador do paradoxo, lê o Quixote na tradução para o inglês embora seja falante do espanhol. Frieiro *lendo-o* no original, mais intuindo que entendendo a língua dos seus antepassados, recupera uma conexão rompida, pela diáspora dos pais, com o mundo europeu, com a Espanha, mais precisamente. Assim:"*...segui siempre fiel en mi amistad a las cosas de España y en especial a su 'riquísima,*

[189] PAULA, João Antônio de. *Dom Quixote, a modernidade e nós.* Palestra de abertura da Exposição *Dom Quixote de la Mancha – 400 anos*. Belo Horizonte, Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, 2005.
[190] FRIEIRO, E. Minha amizade à literatura espanhola. *Kriterion,* Belo Horizonte, n.1, v.2, jul/set. 1947, p. 34.

individualísima y humanísima literatura'" revela ele, aos 70 anos, a um hispanista brasileiro.[191] A cerimônia dessa primeira grande leitura consagra o pequeno espanhol desterrado, desgarrado, sem letras, no fundador de uma nova linhagem dos Frieiro: um Frieiro intelectual, um Frieiro que retorna à pátria distante pela via da literatura e encarna, pela re-criação leitora do Quixote, a figura de um grande espanhol, o maior de todos, *o prodigioso autodidata Cervantes*. "Para fazer minhas as palavras de Cervantes [...]" teve ele a liberdade de dizer, imaginando-se, quem sabe, antes de Borges, um autor do Quixote!

A inevitável transmutação semântica implícita na tradução interlingual sustenta a primeira ruptura em relação ao cânone. Mas, a barreira lingüística perde centralidade nessa questão quando penso, como Molloy o faz, lida por Silviano Santiago:[192] "toda evocação marginal é um 'saque do arquivo europeu'" e, mais que isso, o arquivo europeu, evocado das margens da América espanhola (e portuguesa), inevitavelmente *é lido de maneira diferente*" (grifo da autora). Com um olhar estrábico, como o disse antes o argentino Ricardo Piglia! Frieiro, quando o faz, pensa esse deslocamento com um inquestionável sentimento eurocêntrico. Mas, leitor arguto que era, não deixa de mencionar a abertura inerente à obra de arte, que foi, enfim, o modo como leu o Quixote pela primeira vez:

> Eu não entendi nem metade das palavras do Dom Quixote em espanhol, mas esse entendimento imperfeito não fez senão aumentar o encanto da leitura, tanto é inegável que a fascinação indefinível, meio misteriosa, verdadeiramente poética de certas criações literárias ou artísticas acha-se muita vez, na obscuridade, ou na maneira caprichosa de as entendermos.[193]

Essa forma poética de avaliar a sua própria leitura, encontro juvenil com um grande livro, ele não a estende, curiosamente, aos leitores em geral, avaliados com a severidade do letrado adulto, cultor da tradição, como se verá a seguir.

Então, transportemo-nos ao Frieiro dos idos de 1944. Na verdade, o que quero mostrar, aqui, é o reflexo dessa leitura do Dom Quixote na formação do escritor, relacionando-a a um fato ocorrido nessa época. Frieiro recebe um convite da Editora Globo de Porto Alegre, assinado por Edgar Cavalheiro, para elaborar uma nova tradução para o português da obra de Cervantes. A resposta ao editor, que transcrevo *in extenso*, foi escrita em 16/11/1944. É

---

[191] Carta a Paulo de Carvalho Neto, datada de 09/03/1959.

[192] SANTIAGO, Silviano. Prefácio. In: Molloy, 2003, p.8.

[193] FRIEIRO, E. Minha amizade à literatura espanhola. Op. cit. p. 34.

sugestiva por demonstrar a personalidade do leitor exigente e crítico, mas hesitante na atribuição de valor às leituras a partir da margem latino-americana. Sempre atacado pelo chamado *mal da Europa,* a que Mário de Andrade, ironizando, chama de *mal de Nabuco*[194]:

> *Prezado Edgard Cavalheiro:*
>
> *Respondo com grande atraso a sua última carta, que me foi gratisssíma, mas Você mesmo me disse que eu devia examinar com vagar a sua proposta para uma tradução brasileira do "D.Quixote" e das "Novelas Exemplares". Na verdade, a minha resposta podia ter seguido logo, recusando a honrosa mas inaceitável proposta. Permita que eu discorde de sua opinião. Não vejo a mínima necessidade de traduzir o "D. Quixote" no Brasil, antes de nada por que existem umas oito traduções portuguesas da obra de Cervantes, duas bem reputadas: a dos viscondes de Castilho e de Azevedo e a do visconde de Benalcafor. Diz Você que a de Castilho não é boa, e além disso é portuguesa?Penso justamente o contrário. Uma boa tradução de Cervantes tem de ser feita em legítimo português, o mais proximo possível dos prosadores seiscentistas.Uma tradução em português castiço (só possível, talvez, por um bom prosador de Além-mar) que reproduziria quase ao pé da letra a língua de Cervantes, com diferenças mínimas de expressão. Isso porque a língua dos grandes prosadores espanhóis de quinhentos e seiscentos assemelha-se muito mais do que hoje, pela construção, dinâmica de estilo e peculiaridades do pensamento à língua dos grandes portugueses da mesma época.*
> *Ora, as traduções portuguesas do "D. Quixote", ou ao menos algumas delas satisfazem dentro do possível esse desiderato.Tenho em casa uma tradução portuguesa do "Quixote", anônima, em três volumes, edição de Ferreira & Oliveira, Lisboa, 1905, vendida no Brasil pela Livraria Francisco Alves. Mais de uma vez tive ocasião de confrontar passagens dessa tradução com as do original cervantino, e verifiquei sempre a excelência da tradução. Eu não faria nada igual, por mais que suasse o topete, tenho a certeza. E creio que a mesma dificuldade se apresentará a qualquer tradutor moderno de língua portuguesa, sobretudo se for brasileiro. Um prosador moderno, dono talvez de uma língua mais rápida e incisiva, mas paupérrima em figuras de pensamento e galas de expressão, será incapaz de transpor com fidelidade o pensamento e a forma de um escritor seiscentista. Mas, para que traduzir Cervantes? Os autores clássicos não interessam ao vulgo. São para especialistas literários, estudantes e professores de literatura e leitores letrados. E estes, no Brasil e em Portugal, não têm dificuldade em ler o espanhol. Os clássicos devem ler-se no original, e no que toca a Cervantes temos agora nas livrarias brasileiras uma boa variedade de edições espanholas do "D. Quixote" e das "Novelas exemplares", para todos preços, a começar de cinco cruzeiros. Enfim, como quer que seja, a tarefa que Você me propõe é trabalhosa e dificultosíssima, muito acima das minhas fracas forças.*
> *Agradeço-lhe, isso sim, muito desvanecido, haver-se lembrado de meu nome para tão ingente realização.*
> *Não me queira mal, meu caro Cavalheiro, por discordar da sua opinião nesta matéria, e abrace o seu admirador e amigo agradecido,*
>
> *[Sem assinatura]*

[194] O *mal da Europa* será invocado mais de uma vez na correspondência frieiriana e teria sido cunhado por Manuel Gálvez, em *Hombres en soledad,* Buenos Aires: Ed. Club del Libro, 1938. Já o *mal de Nabuco*, como se sabe, é uma expressão criada por Mário de Andrade, em carta a Drummond (ANDRADE, M. *A lição do amigo.*Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982) e se refere a uma inclinação ou uma doença, capaz de se espalhar como uma epidemia, que atacou muitos intelectuais brasileiros, Joaquim Nabuco em destaque. Tomado pela *moléstia de Nabuco* o intelectual se inclinava a privilegiar a cópia de modelos europeus nas artes e na cultura em geral, especialmente modelos franceses, em detrimento de um pensamento e uma visão brasileiros.

Admito que, hoje, nós, leitores indiscretos e extemporâneos da correspondência de Frieiro podemos discordar de certas posições suas sobre as dificuldades e impasses inerentes à tradução, em especial, sobre a questão da intraduzibilidade dos clássicos. Os argumentos presentes na resposta de Frieiro coadunam com a linha pensada por Walter Benjamin sobre a tarefa do tradutor (1992, p.X-XXII). Trata-se de tarefa impossível, ou tornada impossível pelo peso da missão, do compromisso, da dívida em relação ao original e à língua de partida, implícitos na operação tradutora. A velha e gasta sentença *Traduttore, traditore*, hoje reconsiderada, parece, contudo, inquestionável dentro da linha de raciocínio do escritor mineiro. Em artigo de 1943[195] expressa a sua impaciência para com os tradutores que se lançam a traduzir textos literários sem estar suficientemente amadurecidos para essa grande tarefa. O respeito à tradição conforma, em Frieiro, uma visão da obra-prima como totalidade, cuja relação com o novo, no caso a tradução para outra língua, não admite qualquer ruptura. Cabe ao novo, nessa linha de pensamento, inserir-se na tradição posta pela cultura ocidental como complemento, ritualisticamente, recalcando qualquer vontade de alteração ou de extravio. A tradução seria, não mais, uma sobrevida do original. Hoje, no entanto, depois da reflexão de Derrida em *Torres de Babel* (2002), ficou mais fácil aceitar a possibilidade de um pacto entre o tradutor e a obra a-traduzir, ou seja, é pela força do pacto que o original se desloca de um lugar intocável, do qual Frieiro parece ver o Dom Quixote, para mostrar-se marcado pela exigência de ser lido, decifrado, traduzido. O que passa a haver, então, é uma relação de forças menos desigual, um quadro de duplo endividamento: o endividamento recíproco original/tradução.

Outro aspecto intrigante na carta de Frieiro é a afirmação de que ao vulgo não interessam os autores clássicos, senão aos especialistas e estudantes de literatura e aos leitores letrados. Apesar da porção de verdade aí implícita, num país marcado pela desigualdade social e grandes desníveis educacionais, tal assertiva transpira um aristocratismo cultural do qual Frieiro deu outras mostras na sua correspondência, na maturidade e na velhice. Teria ele esquecido a emoção que para si representou a leitura do Quixote no original, aos 12 anos, apesar de leitura difícil, ou justamente por isso, passando o entendimento por zonas de luz e sombra? O elitismo com que, nessa carta, vê a leitura dos clássicos pelo grande público representa, sem dúvida, uma curiosa contradição com a forma como descreveu, em tom maravilhado, mais de uma vez, a sua própria leitura juvenil daquela obra-prima da literatura!

---

[195] FRIEIRO, E. Contra os biscateiros de traduções. *Folha de Minas,* Belo Horizonte, 12 ago. 1943. Caderno 2.

Além do que, agora, adulto e escritor, ele *é* Cervantes. Marcando a intraduzibilidade do Quixote aponta para a intraduzibilidade de sua própria obra, enaltecendo-se, elevando-se acima do vulgo.

Mais de uma década depois, a Editora Globo de Porto Alegre renova o convite a Frieiro, agora partindo do Diretor Henrique d'Ávila Bertaso. A resposta de Frieiro, em 2/7/56 mantém o mesmo teor da primeira, marcada pelo respeito à grande obra da literatura espanhola ao exagerado senso crítico em relação a si mesmo. Leia-se um trecho:

> *Em resposta à sua carta de 26 de junho passado, quero, antes de nada, agradecer-lhe o convite que me fez para traduzir o Dom Quixote de la Mancha, com o fim de figurar na coleção "Biblioteca dos Séculos", da importante Editora Globo.*
> *O convite é grandemente honroso para o modesto estudioso de Literatura Espanhola, que eu sou há muitos anos. E agradou-me saber que a indicação partiu do meu caro Guilhermino César, de minha velha estima e admiração. Mas não posso aceitá-lo. Trata-se, na verdade, de uma ingente tarefa, como disse bem em sua carta; tarefa penosa e dificultosíssima, que eu considero superior às minhas fôrças e capacidades. Creio conhecer suficientemente o texto da grande obra de Cervantes para avaliar as dificuldades que oferece a quem se abalance a traduzi-la. Só um consumado hispanizante, que seja ao mesmo tempo bom conhecedor da prosa portuguesa do século XVII, poderá realizar a tradução do Quixote de modo a conservar o sabor barroco do texto espanhol. Porque eu tenho para mim que ficará melhor traduzi-lo numa linguagem moderadamente arcaisante do que no português atual do Brasil. E do que é uma tradução neste último sentido temos já amostra nada satisfatória. A larga remuneração oferecida pela Editora diz bem da magnitude e responsabilidade do trabalho que tem em vista, mas isto só pode ser animador para quem se sinta à altura de aceita-lo. Não é o meu caso.[...]*

A Editora Globo havia sido criada nos anos 30, sob o comando do mesmo Henrique D'Ávila Bertaso, dentro do forte grupo da Livraria do Globo e, por essa época, seu prestígio havia ultrapassado as fronteiras nacionais, sendo reconhecida e respeitada em muitos países. Frieiro, não obstante, permanece firme diante dos dois convites, negando-se *prontidão* para empresa de tal monta. Tal honestidade profissional, imune que parecia às armadilhas da vaidade intelectual e do apelo financeiro, pode ser mais bem compreendica a partir da leitura comparativa com outras *confissões* epistolares de sua autoria. Aponto, por exemplo, a sistemática recusa a convites para palestras, para participação em bancas acadêmicas e outras formas de distinção, documentada ao longo da sua correspondência. Não é difícil perceber, dentro do quadro mais complexo de formação de sua personalidade, o sintoma de algo mais fundo, semi-escondido pelo seu senso de perfeccionismo ou de respeito à tradição: a fabulosa timidez, da qual padeceu o escritor desde a infância.

A propósito, em 17 de maio de 1963, quase a completar 75 anos de idade, ele escreve ao professor paulista e psicólogo clínico João de Sousa Ferraz agradecendo um livro recebido, e aproveita para refletir sobre seu temperamento:

> *[...] Venho lendo desde tempos os seus magníficos trabalhos sobre a timidez, publicados em Letras da Província. Agora recebo a Psicologia de la angustia y la timidez, na sua bem impressa edição argentina. É um assunto que naturalmente sempre me atraiu, creia [...]. Porque eu nasci tímido e inibido, afistulado de complexos, e vivi arrastando o pesado handicap do sentimento de insegurança e dum egocentrismo meio intratável. Como compreendi aquela 'timidité fabuleuse et bête même', de que se queixava o pobre Amiel, grande mártir da espécie!*[196] *As dez primeiras páginas da sua Psicologia aplicam-se como uma luva ao meu "caso", isto é, ao caso bastante sério que eu fui até a altura dos quarenta anos. Porque daí em diante entrei numa zona francamente favorável, adaptei-me, 'tant bien que mal', à minha historicidade, à minha condição de pequeno-burguês reajustado. Para isso contribuiu a luta que empreendi contra mim próprio, luta afinal quase totalmente vitoriosa. Valeu-me o meu saudável bom-senso, a minha capacidade de auto-análise, o meu auto-policiamento. Fui o meu próprio psicanalista. Não eliminei, nem podia eliminar, todas as taras da timidez, mas isolei-as, murei-as. E o curioso é que ninguém me julga tímido. Arisco, sim; agressivo, sim; orgulhoso, sim; tímido, não. Nem mesmo os que melhor me conheceram. Conhecer? Alguém conhece alguém? [...] (Grifos do autor)*

Lembremos que se deve a Aristóteles, com *Ética a Nicômaco* (1979, p,107-110) o primeiro tratado sobre a conduta do homem segundo o qual, na natureza humana, tanto o excesso quanto a falta podem ser destrutivos; as virtudes estão no meio-termo. As taras da timidez, que tanto incomodaram o nosso intelectual nas primeiras quatro décadas de sua vida, espelham o *indevidamente humilde* da classificação aristotélica: o homem que se considera menos merecedor do que realmente é. O justo orgulho ou magnanimidade é o meio-termo, portanto, a virtude em relação à qual a deficiência é a humildade indevida, e o excesso é a vaidade tola. O homem indevidamente humilde, sendo digno de grandes coisas, rouba de si o que merece por não se julgar (ou agir como se não fosse) digno daquelas mesmas grandes coisas.

Afinal, o indivíduo tímido, sabem os psicoespecialistas contemporâneos e também o senso comum, mesmo quando consegue acumular conhecimento e sabedoria, tem dificuldade em utilizar-se desses atributos pessoais por julgar-se sempre devedor de alguém e de alguma coisa, numa atitude permanente de medo ante a possibilidade de fracasso ou do ridículo em suas incursões sociais. E por outro lado, o grande juiz do tímido não está no mundo externo, senão dentro de si mesmo. Seu maior sofrimento está em exigir de si uma retidão impecável e

[196] AMIEL, Henri-Frédéric. Autor de *Journal Intime,* livro lido e muito citado por Frieiro, que se espelhava neste representante ilustre da espécie dos tímidos.

uma perfeição impossível enquanto o seu mundo interno está num caos insuportável de dúvidas e apreensões. Admitida por ele mesmo, a timidez de Eduardo Frieiro, segundo me parece, não pode ser ignorada na visão global do biógrafo, como condicionante do isolamento a que ele próprio se condenou desde a infância. Ela influiu, certamente, na restrição à sua trajetória pessoal e profissional. Numa palavra, a timidez esteve sempre presente nos seus enfrentamentos na infância e na juventude (como também na maturidade), reforçando a ligação com a leitura literária.

3.3 Juventude e trabalho

... e teve então saudades da sua juventude inquieta e melancólica,
saudades da sua infância triste e mofina.
E. Frieiro. *Basileu.*

A necessidade de fragmentar o texto biográfico em etapas distintas, correspondentes aos ciclos cronológicos de uma vida, apresenta dificuldades que nem sempre é possível superar, em benefício do equilíbrio entre as partes, da leveza do estilo e da justeza das informações. Assim, situar a leitura como marca da infância de Frieiro não quer dizer que o processo não tenha continuado na juventude e na maturidade. Ao contrário, posso dizer que a temporalidade de sua vida poderia ser medida, exclusivamente, por sua relação com a leitura.

Do mesmo modo, o trabalho que começa na pré-adolescência se diversifica, sempre em função do escrito, mas não se interrompe até o final da vida. O leitor, o operário do livro e o escritor se confundem num trajeto só aparentemente previsível. As indecisões, os recuos, os imprevistos nessa vida que se conta são perceptíveis, ano após ano, na escrita reiterativa das cartas.Mas, como todo autobiógrafo, Frieiro queira dar a entender, ao seu leitor, que desde o início, como um fado, estava destinado a ser o intelectual que é, o erudito que se tornou, acentuando os fatos que corroboram essa impressão. Na verdade, ele estava bem ciente de que, entre a experiência de vida e a sua grafia, se interpõe a imaginação criativa, a qual, justamente, faz "a graça e a perdição do gênero biográfico".[197]

[197] SANTIAGO, S. *Da margem sobre as margens.* Prefácio do livro de Molloy, 2004, p. 11.

Em carta de 1/8/1961, anteriormente citada, agradece ao escritor Soares de Faria um exemplar de seu livro intitulado *Minha vida* e comenta:

> *[...]Não escreverei as minhas [memórias] porque não acho nada interessante na minha vida, que foi modesta, recolhida e paupérrima em acontecimentos dignos de nota. É certo que o memorialista é que dá interesse ao que porventura conte, se é um bom narrador. Acresce que a minha existência passada não me deixou saudades, nem me agrada lembrá-la.[...]*

Também agradecendo um livro recebido de Nélson Lustoza Cabral, em 3/11/1963, diz:

> [...]*No dia seguinte ao do agradável bate-papo em casa do José Condé recebi o seu livro Paisagens do Nordeste, cortesia que muito me penhorou. Eu acabava de almoçar naquele momento e, ainda à mesa, enquanto tomava o café, fui entrando nele, páginas a dentro. [...] era o mesmo humor nostálgico de homem nordestino a falar do"seu mundo", o mundo de sua infância e adolescência, só recuperável através da re-criação imaginativa. Dizia Renan, nos Souvenirs d'enfance (deixe passar esta erudição de algibeira), que tudo que cada um diz de si é sempre poesia. Escrevem-se souvenirs para transmitir a outros a teoria do universo que cada um traz consigo.*[...] (Grifo do autor)

Qual será, em suma, a visão de mundo que Frieiro traz escondida na sua reserva de homem introvertido mas que, intencionalmente, deixa escapar na tessitura de suas cartas? Como desvendar as intenções desse jovem leitor que, debruçado sobre a caixa de composição tipográfica vai construindo o homem erudito em que ele acaba por se transformar? Para isso é preciso refazer, com ele, os seus anos de formação.

Anos de formação

Estando o menino Eduardo com onze anos e meio, num lar onde não cabiam bocas improdutivas, seu pai pensou em conduzi-lo para a profissão de pedreiro, como ele próprio, ou de pintor, como o irmão mais velho. A mãe, entretanto, vendo-o tão franzino e temendo por sua saúde, pediu a um vizinho na Ponte do Saco, o major Augusto Serpa, chefe das oficinas da Imprensa Oficial do Estado, que arranjasse naquela repartição uma colocação para o filho. Nas palavras de Frieiro, o major "esquivou-se, disse que eu era muito miudinho, mas minha mãe insistiu e ele mandou que eu fosse lá. Fui e fiquei até aposentar".[198] Tão miúdo ele era, de fato, que nos primeiros anos de trabalho tinha que subir num caixote para alcançar as

[198] OLIVEIRA, H. A. Eduardo Frieiro, ou de como chegar aos 90 anos.Belo Horizonte, *Estado de Minas,* 15 jul. 1979. Cad. 2.

caixas de impressão. Em outra entrevista, poucos meses antes de morrer, reconta o mesmo fato, tirando das dobras da memória mais um pequeno detalhe: "[...] aos onze anos ganhei minhas primeiras botinas e o emprego de aprendiz de tipógrafo" [199].

Não obstante as barreiras físicas e psicológicas que o menino enfrentou ao entrar no mundo do trabalho, começava ali, na casa da palavra, o caminho que o direcionou, em definitivo, para o mundo do texto impresso, sensibilizado igualmente pela forma e pelo conteúdo dos livros. A partir do gosto precoce pela leitura e da prática, igualmente precoce, com a composição tipográfica, desenvolve percepção para a interdependência entre a materialidade do texto ou discurso e a produção de sentidos. Canaliza tal interesse e conhecimento, mais tarde, para a editoração e para o ensino da disciplina História do Livro e das Bibliotecas, integrante do currículo dos cursos de Biblioteconomia. Habitavam sua biblioteca, autores como Henri Lebfévre e Albert Cym, importantes teóricos no exame do objeto-livro como fonte histórica. Esse tema, aliás, viria a ganhar renovada importância na chamada História Cultural, a partir da década de 1980, sobretudo com Donald F. McKenzie (1986) e Roger Chartier (1987). Frieiro também pensava sistematizar, em livro, seus conhecimentos sobre esse assunto, conforme responde ao cronista Paulo Mendes Campos em 1957, então um dos diretores da Editora Civilização Brasileira, do Rio de Janeiro. O convite feito ao escritor mineiro era para escrever um trabalho para constar na Coleção *Retratos do Brasil* daquela editora. Sua resposta, em 9/3/1957, diz o seguinte:

> *Agradeço a gentileza, que muito me desvanece, mas nada tenho para mandar agora, nem posso prometer nada de concreto. Ando cada vez mais ocupado, e sempre com pouca vontade de escrever. Pensarei entretanto no assunto. Se tiver tempo e pachorra bastantes, prepararei uma pequena história do livro, com base em lições dessa matéria que dei durante dois anos no Curso de Biblioteconomia, aqui. Vago projeto, por ora. [...]*

O momento, ao que parece, não era propício à realização do projeto que, na realidade, nunca foi realizado. Mas, o prazer de ver o bom texto conjugado à bela impressão, despertado no trabalho naquela casa de impressão será tema constante na vida do escritor, tema esse compartilhado com muitos dos seus correspondentes. Assim sendo, em 09/06/195[?], escrevendo a Saldanha Coelho, escritor e Diretor da *Revista Branca*[200], ressalta:

---

[199] EDUARDO Frieiro, aos 92 anos, a arte de permanecer atual. *Jornal de Casa,* Belo Horizonte, 06 dez. 1981.

> *Gosto do livro bem feito, por dentro e por fora. Felicito-o pois pela excelente apresentação do material de seu livro [Mural, 1950], que revela experiência tipográfica.*

Parabeniza, também, Guilhermino César, em 25/08/1965, pelo belo livro:

> *Parabéns, Guilhermino, pelo belo livro [Lira coimbrã e Portulano de Lisboa]. E que apresentação gráfica condizente com a clara beleza dos poemas. Parabéns.*

Mas, a longa e bem sucedida trajetória de Frieiro na Imprensa Oficial de Minas Gerais é contada por ele em breves termos:

> [...] Depois [de passar quase vinte anos como compositor caixista], devido à insistência do meu amigo Moacyr Andrade, fiz um concurso de revisor, no qual fui aprovado, já que não tive sequer um erro de português. Com o passar do tempo exerci as funções de redator e secretário do *Minas Gerais,* órgão oficial do Estado[201].

Em outra entrevista ele acrescenta mais um dado da sua carreira na Imprensa Oficial, que significa, também, o começo de sua experiência como crítico literário:

> Fui depois [de ser revisor concursado] chefe de revisão, redator e, finalmente, secretário deste jornal, onde comecei até uma coluna de crítica literária [a partir de 1927], graças ao Diretor Abílio Machado". [202]

As condições que o levaram a participar do concurso pelo qual passou de compositor caixista a revisor, abrindo-se-lhe as portas à progressão funcional dentro da instituição, são interessantes e merecem destaque por expressar um pouco da personalidade arredia de Frieiro. Com efeito, já estaria ele com mais de vinte anos no momento em que a Imprensa Oficial abre concurso público para revisor. Frieiro relutava em se inscrever, mas o amigo Moacyr, extrovertido e dono de um temperamento brincalhão, também funcionário da Casa, não teve dúvidas: falsificou a assinatura do jovem tímido no formulário de inscrição! Sem saída, Frieiro fez a prova, passando brilhantemente em primeiro lugar.

Voltarei, porém, ao começo do século, para acompanhar o menino na sua formação profissional naquela repartição pública onde, além da folha oficial *Minas Gerais* e de

---

[200] A *Revista Branca* foi publicada no Rio de Janeiro, no período 1950-1954. (Fonte:ANTELO, R As revistas Literárias Brasileiras. Disponível em: http//:<<www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim_de_Pesquisa2> Acesso em: 24 junho 07.

[201] EDUARDO Frieiro aos 92 anos: a arte de permanecer atual. *Jornal de Casa,* Belo Horizonte, 6 dez. 1981.

[202] OLIVEIRA, Heloísa Aline. Eduardo Frieiro, ou de como chegar aos 90 anos. *Estado de Minas,* Belo Horizonte, 5 jan. 1979. Cad. 2. p.1.

documentos oficiais, se imprimiam outros jornais, livros e folhetos às custas de clientes particulares. A incipiente capital do estado no começo do século XX tinha menos de 15.000 habitantes, mas já contava com um número significativo de periódicos, embora fossem folhas modestas e de pequena tiragem, entre os quais, *Belo Horizonte, A Capital, Tiradentes, A Aurora* e o jornal humorístico *O Boêmio* (ANDRADE, D. 1947, p.23).

Componedor na mão, lidando com tipos a tarde inteira, o interesse pela leitura se aguça! Frieiro lê tudo o que lhe cai nas mãos! O ambiente familiar conformado em torno da união entre pais e filhos e do trabalho responsável foi, pelo que pude deduzir, importante para orientar o espírito metódico e pertinaz do pequeno Eduardo, transferido para a sua carreira de intelectual. Um artigo seu intitulado *Elogio da mulher pequena*[203] dá idéia do valor atribuído ao trabalho na sua formação. Leia-se um pequeno trecho:

> Criei-me no meio de gente do trabalho, gente na maioria formada de famílias de imigrantes espanhóis, italianos e portugueses, os que ajudaram a construir a nova capital mineira. Nessas famílias laboriosas, poupadoras e previdentes, que ascenderam pela maior parte na escala social, nem sei quem trabalhava mais rijamente, se o homem ou a mulher. Lembro-me que as mulheres lidadeiras eram a regra, sobretudo entre as de pequena estatura. Ficou-me desde então a idéia de que as mulheres mais ativas, corajosas, alegres e sofridas não são as grandes [...].

Pedindo licença à psicanálise, aventuro dizer que esse retrato da mulher laboriosa é uma projeção da imagem de sua mãe, a quem descreve, no Diário, como "baixinha, alegre, companheira infatigável do pai no trabalho e na criação dos filhos, morta aos 57 anos de uma doença prolongada, quando, estando a prole já criada, a família começava a ter estabilidade financeira". Sobre o dia da morte dela consta, do mesmo modo, no Diário: "Lembra-me que, quando o padre entrou para lhe ministrar a extrema-unção, eu, que ainda era novo na irreligião e no pessimismo, tive vontade de gritar, repetindo uma conhecida blasfêmia: - A única desculpa de Deus é que ele não existe!"[204]

Por outro lado, é difícil não relacionar a imagem do pai severo e o seu próprio senso de ordem e respeito à autoridade que, mais tarde, pode-se pensar, se refletirá na maneira positiva de avaliar chefes de Estado *fortes* como Getúlio Vargas e Perón. Um pequeno trecho de *Os livros nossos amigos* sugere como, na mente infantil de Frieiro, se reforça a noção de

---

[203] Publicado nos jornais *Folha de Minas,* 8/4/1945 e *Estado de Minas,25/5/52* e na revista *Kriterion, n.11, jul./dez., 1958, p.459-62.*

legitimidade da autoridade paternal ao espelhar, na figura do Pai bíblico, o seu próprio genitor:

> Entre as primeiras leituras que fiz, leitor precoce, ávido sobretudo de obras de imaginação, conta-se uma História Sagrada em versão resumida, ornada de figuras, para uso das escolas católicas. O autoritário e zangado Jeová de longas barbas (que lembravam obviamente as de meu pai) causava-me forte impressão, e do fundo do coração eu aprovava a sua severidade paternal na distribuição de ralhos, prêmios e castigos (FRIEIRO, 1999, p.60).

O caminho do ceticismo que tomou no início da juventude, na linha da filosofia do obstáculo, da perplexidade e dos resultados não encontrados,[205] surpreendentemente, não abalou o peso que continua a atribuir a valores como ordem, hierarquia, merecimento, introjetados na infância e aplicados ao seu desempenho profissional ao longo da vida. De fato, a disciplina e o rigor com que se dedicava ao exercício de suas funções de tipógrafo e revisor eram vistos por ele mesmo como requisitos básicos do trabalhador, não importando a função que desempenhasse ou a remuneração que recebesse. A propósito, Moacyr Andrade (1999, p.16-7) conta que, antes de se tornar grande amigo de Frieiro, conhecia-o de vista dos corredores da Imprensa e de ouvir o "Seu" Manoel da Costa, chefe da sala de Composição de Obras apregoar ser aquele sujeito *recolhido e caladão,* o mais perfeito tipógrafo de sua seção. A ele o chefe entregava sempre os serviços de composição mais difíceis, que exigiam arte e zelo – os trabalhos de *quadros* e corondel. "Frieiro dava conta magnífica das tarefas que exigiam técnica e paciência, pois era um grande gráfico e não apenas um puxador de linhas no componedor", revela o amigo. Além disso, o gosto pela língua bem escrita e pela *filologia de algibeira* (expressão sua) também já o caracterizava nessa fase de vida. Compondo, como tipógrafo, o livro *Raízes e Cognatos* de Carlos Góes, Frieiro fez, um dia, uma observação ao eminente professor sobre certa raiz de uma palavra. Timidamente, discordava do que o autor escrevera. Mestre Góes anotou a observação do jovem funcionário e, no dia seguinte, ao devolver as provas emendadas, disse-lhe: – "O senhor tem toda razão. Fiz novas consultas e verifiquei que o senhor está certo." Conversaram mais um pouco e Carlos Góes correu ao gabinete do diretor da Imprensa, então o Noraldino Lima, seu colega da Academia Mineira de Letras, para dizer-lhe: - "Você provavelmente não sabe que tem aí na Imprensa um tipógrafo que conhece português mais que muitos bons professores. É o Eduardo Frieiro." "Noraldino, é claro, até então não sabia. Frieiro ocultava-se demais", conclui Moacyr Andrade.

---

[204] FRIEIRO, E. *Novo Diário,* p. 26-7.

[205] DUMONT, Jean- Paul. Ceticismo. *Encyclopaedia Universalis*. Trad. Jaimir Conte. Paris: [s.d.], vol. 14, p. 719-723. Trad. Disponível em: http://< < www.cfh.ufsc.br/wfil/dumont.htm >. Acesso em: 02 de mar. 2007.

Quase duas décadas depois, em junho de 1939, um revisor do jornal *Folha de Minas* escreve uma carta a Frieiro em defesa da classe dos revisores, supostamente atacada pelo nosso escritor em mais de um artigo que havia publicado sobre os erros tipográficos quase inevitáveis em livros e jornais. A resposta de Frieiro, além do orgulho pela especialização profissional conquistada por mérito, mostra um pouco de sua ética no trabalho. Nessa carta, ressalta a indispensável reunião de competência e responsabilidade que deve, na sua opinião, presidir o desempenho de qualquer função. Revela, igualmente, num modelo vagamente freudiano, a *severidade paternal* que admirava em criança no Jeová bíblico, aplicada ao seu próprio julgamento do trabalho alheio.

> [...]Respondo com satisfação à carta que me enviou, em desagravo dos brios da digna corporação de revisores da Fôlha de Minas. Está muito bem a sua defesa, falha num só ponto: é que o senhor se dirige a mim como se eu não avaliasse bem o que é o serviço de revisão. A quem o disse! Fui revisor, no Minas Gerais, seis anos, por concurso, em que tirei o primeiro lugar, e isso depois de haver sido tipógrafo caixista durante cerca de vinte anos! O senhor alega que o serviço de revisão é penoso e mal remunerado. Afianço-lhe que muito mais penoso e piormente remunerado é o do compositor manual.E há outros ainda que o são muito mais. Seja como for, a competência não depende de tais fatores.Bem pago ou mal pago, pesado ou leve que seja o serviço, a sua perfeição é função unicamente da competência do trabalhador. Eu não disse que todos os nossos revisores são incompetentes. Há, naturalmente, excepções – que confirmam a regra, como se diz. O senhor é uma delas. A prova que corrigiu e me remeteu está irrepreensível.Dou-lhe meus parabéns[...].[206]

Contudo, parece-me interessante ressaltar: o escritor não romantiza a sua longa e vitoriosa trajetória de servidor público, de aprendiz de tipógrafo a primeiro secretário do jornal oficial do Estado. Ao contrário, a lembrança que guarda desse tempo é sombria e carregada de mágoas e ressentimento. Em 22 de abril de 1946, ele responde a uma carta do escritor Cyro dos Anjos, que o cumprimenta pela aposentadoria na Imprensa Oficial. Mesclam-se, nessa resposta, a satisfação de poder descansar depois de quatro décadas de trabalho disciplinado e a melancolia por associar a inatividade com a chegada da velhice e da morte.

> *[...] Agradeço pela Noêmia e por mim os seus parabéns, que eu melhormente interpreto como voto de condolências. Sim, porque a aposentadoria, esse pré-atestado de óbito (a que não faltou no meu caso o ante-necrológio no Minas, feito pelo Moacir [Andrade], insigne enterrador,a aposentadoria, digo, não é caso de parabéns, mas de pêsames. Os cumprimentos pela minha aposentadoria soam a meus ouvidos como uma missa de réquiem, em vida. Como quer que seja, considero motivo de parabéns a alforria do meu longo cativeiro de pequeno funcionário na mais modesta repartição do Estado. Felizmente, já não me recordo bem – poucos*

[206] Carta a Cássio Abranches Viotti, datada de 30/06/1939.

> *dias após a minha alforria – de haver lidado uma vida inteira naquela infecta repartição de que Você também não tem saudade [...]. (Grifos do autor)*

Os termos tão carregados com que descreve aqueles anos de trabalho – longo cativeiro, pequeno funcionário da mais modesta e infecta repartição – se, por um lado, expressam o modo habitual de falar de si, subestimando-se, por outro lado mostra a sua capacidade de superação. Mas não se trata da superação movida pela ambição de atingir uma meta específica, como costumam proclamar muitos indivíduos que se fazem por si mesmos. No caso de Frieiro, o mérito de ter atingido destacado lugar como intelectual deve ser creditado, em grande parte, vale repetir, à herança de ambiente familiar e social de imigrantes europeus que viam, no trabalho duro e disciplinado, a condição única para a sobrevivência e ascensão social na nova terra. Isso me pareceu claro na forma como elaborou sua formação autodidata e na maneira como negociou o preço de seu trabalho intelectual, como focalizarei à frente.

Autodidatismo

"Mestres, só conheci um. Eu mesmo", tinha orgulho de repetir. Sem condições financeiras de freqüentar o ginásio, como se denominavam, na época, os anos do ensino secundário, Frieiro estabeleceu para si mesmo um plano de estudos rigoroso e metódico. Consistia, esse plano, em tomar conhecimento da grade curricular oficial vigente nos ginásios do país e cumpri-lo estudando sozinho, todos os dias, matéria por matéria. Sua autodisciplina, contudo, ia mais além: periodicamente, avaliava o progresso de seus conhecimentos para, ele mesmo, promover-se ao período seguinte. "Professor e aluno numa pessoa só! E ambos criteriosos: o professor exigente e o aluno querendo saber", no testemunho do jornalista Moacir Andrade(1999, p.15). Poderia dizer, usando as palavras de Paulo Freire sobre a *politicidade* da aprendizagem, que Frieiro alcançou, muito jovem, a capacidade de *tomar para si* sua própria formação, isto é, tornar-se sujeito e objeto da formação de si mesmo. Contudo, sem desmerecer a autonomia e a perseverança com que esse autodidata realizou a sua caminhada no "desejo de conhecer"[207], considero que o motor de seu extraordinário esforço não foi uma contestação ao sistema educacional tradicional, na linha de teóricos históricos do autodidatismo como William Godwin (1756-1836) ou Joseph Jacotot (1770-1840)

[207] Aristóteles inicia *Metafísica* dizendo: "Todos os homens têm, por natureza, o desejo de conhecer..." (1979, p.11).

(VALVERDE, 2005), mas a vontade de inserir-se, ainda que de maneira alternativa, no sistema escolar vigente na sua época. Daí, quem sabe, a supervalorização da cultura letrada e a dificuldade de aceitar a renovação da linguagem implícita no movimento modernista, contemporâneo dos seus primeiros artigos em jornais mineiros.

Data desse momento, do mesmo modo, o seu interesse em aprender línguas estrangeiras: ouvindo falar, falando, lendo, sobretudo lendo. O galego, língua dos ancestrais, chegou-lhe primeiro aos ouvidos, como música e como poesia:

> *[...] Li imediatamente os seus poemas em galego, a língua que primeiro ouvi – a de minha mãe e meu pai, a doce língua de Rosalía [de Castro] e a varonil de [Eduardo] Pondal e [Manuel] Curros Enríques.E foi na Follas Novas [livro de poemas de Rosalía de Castro] (lidas por puro acaso na Biblioteca Municipal daqui) que eu senti verdadeiramente o choque da poesia. Só muito depois eu teria outro choque poético igual, esse causado pelo goethiano Antonio Machado.Tocava-me Machado, não já por meu coração vagamente lírico de galego, mas o espírito inclinado aos devaneios existencialistas, os machadianos "bostezos de Salomón" [...].*[208]

Começou a decifrar o francês, gostava de contar, a partir de um *Petit Larousse* abandonado na casa de um amigo, exemplar muito usado e faltando algumas páginas. Já adulto, dominava o espanhol, do qual foi professor, o italiano, o francês e o inglês. Somente desta última língua, tomou algumas lições com um professor particular. Do latim, também sozinho, aprendeu as noções fundamentais.

Não obstante os resultados concretos e admiráveis alcançados por Frieiro através da auto-aprendizagem, ficaram algumas feridas sobre as quais ele fala usando a máscara da impessoalidade:

> [...] O autodidacta forma o espírito lentamente, com enorme esforço, com tacteios e vacilações. E passos em falso. Vai pelos trilhos mais longos e sinuosos, às vêzes errados, enquanto os outros, os que tem mestres, seguem sem hesitações pelos caminhos mais curtos e transitáveis. O saber que o autodidacta adquire é lacunoso e, via de regra, sem qualquer préstimo para a vida prática, porém incorpora-se melhor a seu ser do que aquilo que os outros, por ventura lhe houvessem ensinado. O autodidacta guarda certo ressentimento da vida, por causa das dificuldades e deficiências da sua

[208] Carta a Ernesto Da Cal, datada de 22/01/1964.

> educação. Fica-lhe, em troca, o orgulho varonil de ter vencido certos obstáculos pelo esforço próprio. [209]

Os aspectos positivos da aprendizagem autodidata, conforme ele a vê, não encobrem, de fato, e totalmente, o ressentimento que destila, continuadamente, relativo a outros que puderam freqüentar boas escolas e tiveram as facilidades inerentes aos relacionamentos sociais da elite econômica e social. Embora tenha, sozinho, trilhado um caminho de independência de pensamento e de expressão, paralelo a uma grande bagagem de conhecimentos, ele nunca coloca sob suspeição a importância do mestre no processo de aprendizagem, ou da escola como instituição. Ao contrário, como lhe parece pesar a diferença entre o ambiente em que cresceu e estudou sozinho e as oportunidades oferecidas aos jovens *bem-nascidos*! Escrevendo ao latinista Francisco Vital Pacífico Passos, em 15/10/1938, uma ponta de ressentimento mal se esconde sob a ironia com que se refere à distância que o separa da *dinastia* dos Versiani Veloso, distância medida pelo conhecimento da língua latina, da qual, já se sabe, só tinha os fundamentos:

> *[...] Quem me dera a mim, pobre autodidacta semi-analfabeto, que lhe conhecesse [da língua latina] ao menos as formas de declinação.Eu seria a esta hora, no mínimo professor de alguns dos incontáveis ginásios que medram na cidade.Os varões da família Veloso (a de Montes Claros, dos Versiani Veloso) têm vivido em boa parte, há várias gerações de ministrar lições do sumo nobilis. Refiro-me a estes porque me lembro naturalmente do meu prezado e mui admirado amigo, o professor Artur Versiani Veloso, filósofo kantiano e emérito latino, que vive e prospera dando lições de latim e dialecto luso-brasileiro. Quando converso com o Artur que é um dos clercs mais interessantes dêstes sertões mineiros eu fico humilhado, sinto-me diminuído por causa da minha inocultável ignorância latina.*

Ele pratica, penso, uma espécie de *auto-envenenamento psicológico* como Max Scheler designou o estado emocional do ressentido, um introspectivo ocupado com ruminações acusadoras. Scheler é, como se sabe, um dos estudiosos que se dispuseram a reelaborar, depois de Nietzsche, a complexa noção do ressentimento, nas dimensões psicológica (individual) e política (coletiva). Para esse filósofo o ressentimento é mais notado nas democracias modernas nas quais cada cidadão tem o direito de se julgar igual ao outro mas não encontra, de fato, condições objetivas (oportunidades de educação, trabalho, saúde, etc.) que garantam essa igualdade. É preciso, pois, "que exista um pressuposto simbólico de igualdade entre opressor e oprimido, entre rico e pobre, poderoso e despossuído, para que os que se sentem inferiorizados se ressintam"(SCHELER,1958, p.22 apud KEHL, 2004, p.206). Mas, ressalta Kehl, a atitude ressentida se caracteriza pela passividade queixosa, torna os

[209] FRIEIRO, E. Primários e autodidactas. *Boletim Literário* Rádio Inconfidência. Belo Horizonte, 02 de

sujeitos impotentes como agentes da transformação política [e pessoal] que lhes interessa. Em conseqüência, ele reorienta para o *eu* certos impulsos agressivos que não foram descarregados, gerando disposição passiva para a queixa e a acusação, como também a impossibilidade de esquecer o que considera um agravo passado.

Frieiro reconhece em Basileu Prisco, personagem de *Inquietude, melancolia,* a sua própria configuração psíquica, "vincada por um bem caracterizado sentimento de inferioridade que lhe perturbava o normal sentimento do ser". Segundo ele, esse romance "é um puro caso de 'psicologia individual', adleriano *avant la lettre,"* uma vez que ele leu Adler[210] quando já tinha bem adiantado o livro. Contudo, destaca,

> [...] nenhum [crítico que analisou o livro] aludiu à timidez e à abulia desse pequeno-burguês que se atormenta com o fantasma da mediocridade" e que "sofre de não ser bem-dotado fisicamente, de ter nascido mofino, desengraçado e triste. Sofre de ser pobre e sofre de não passar de um modesto funcionário público[...]. (FRIEIRO, 1986, p.336).

Em carta ao Prof. Rodrigues Lapa, em 13/03/1939, que havia pedido sua opinião sobre um método de ensino de Redação por correspondência que queria lançar no Brasil, Frieiro responde, com exagerada modéstia que contrasta com o orgulho de ter se destacado como autodidata, manifestado em outras ocasiões.

> *[...] Sou um autodidacta quase absoluto e posso por esta razão avaliar a utilidade dos cursos por correspondência. Infelizmente, nem desta espécie tive cursos ou mestres.Quem me dera haver conhecido há vinte anos um método de Redação e Estilo, como o seu! Se eu já não fosse a esta hora um caso inteiramente perdido, gostaria de ser seu discípulo e aprender alguma cousinha na sua didáctica. [...]*

Oscilando, assim, entre o orgulho e a queixa, o nosso autodidata acaba por se conformar com o papel de vítima. O gesto auto-depreciativo que acentua a diferença de oportunidades entre Frieiro e outros intelectuais de sua convivência, provenientes de família abastada, poderia, quem sabe, ser mais um recurso usado por ele para ressaltar a capacidade de luta que lhe permitiu chegar à posição atual, contra tudo e contra todos. Contudo, mesmo a idéia de luta é problemática, já que o ressentido, na verdade, nem sempre está disposto a declarar o seu

---

setembro de 1937.

[210] Alfred Adler (1870-1937), médico e psicólogo austríaco foi um dos primeiros discípulos de Freud. Separou-se do mestre em 1912, por dar mais ênfase à influência do meio social e menor importância ao fator sexual na etiologia das neuroses. Na raiz destas salientou o complexo de inferioridade, decorrente de as possibilidades reais do indivíduo estarem abaixo de suas aspirações. Fundou a escola de psicologia individual. Sua obra mais

objeto de retaliação e, freqüentemente, sua luta é consigo próprio, contra sua incapacidade de agir em prol de si mesmo. Escrevendo à amiga carioca Ruth Nielsen, em 26 de janeiro de 1965, dedica toda a carta a falar de Basileu Prisco, no fundo, dele próprio:

> *[...]Como isso parece hoje remoto. Todos [os companheiros de Basileu Prisco, moços com mais de 20 anos quando termina a guerra de 1914-18] à exceção de Basileu, são moços sem problemas, satisfeitos com a própria condição, ocupados unicamente com o amor ou a carreira. Basileu, ao contrário, é atormentado pelo sentimento da própria inutilidade. Carrega na vida o pesado handicap de uma timidez fabulosa. Autista, propenso à melancolia, fechado em si mesmo, luta para romper a casca do egocentrismo que ameaça torná-lo um ovo gorado. Consegue rompe-la? Acomoda-se, afinal, à sua condição de homem? Praticamente sim; acede à maturidade, isto é, a um equilíbrio, aceitando a própria historicidade.*[211]

No entanto, qualquer que tenha sido o peso desse (res)sentimento ao longo dos anos de sua formação, é de justiça reconhecer o mérito das conquistas desse trabalhador intelectual. Sozinho, isolado numa família sem letras e sem recursos financeiros, soube desenvolver as qualidades imprescindíveis na aprendizagem autônoma: autocrítica para reconhecer as próprias deficiências e potencialidades e procurar a melhor forma de aprender; organização e boa administração do tempo, persistência e responsabilidade. Curiosamente, são também esses os pré-requisitos que a atual pedagogia do ensino a distância ou não-presencial reconhece como necessários ao indivíduo do século XXI que deverá aprender a aprender para enfrentar o desafio da educação continuada, inerente à lógica da Sociedade da Informação. Das tecnologias da informação disponíveis no seu tempo, para usar a terminologia explorada contemporaneamente por Pierre Lévy (1993), Frieiro pôde usar, e soube usar bem, os recursos oferecidos pela biblioteca pública como instituição sociocultural. Embora contasse o país naquele momento, de modo geral, com raras e precárias bibliotecas públicas, é importante lembrar o caso de Belo Horizonte, cujo plano de construção já incluía na estrutura de serviços urbanos – caso raríssimo na história brasileira - uma biblioteca aberta à população. Não me parece exagerado pensar, pois, que a existência de tal instituição na cidade contribuiu, de forma decisiva, para o desenvolvimento da trajetória intelectual de Eduardo Frieiro.

---

divulgada é *Conhecimento do Homem (1927).*[Fonte: KOOGAN/HOUAISS. *Enciclopédia e Dicionário Ilustrado.s./d.*].

[211] Este mesmo texto será repetido na nota preliminar, escrita pelo autor, na segunda edição de *Inquietude , melancolia* refundido pelo autor e publicada com o novo título de *Basileu,* pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, em 1981.

A Biblioteca Municipal de Belo Horizonte

Ir à Biblioteca Municipal passou a ser rotina na vida de Frieiro desde muito jovem. No final da tarde, após o trabalho na Imprensa Oficial, ele descia a Avenida Augusto de Lima e dirigia-se à Biblioteca Municipal, instalada no primeiro andar do Conselho Deliberativo da Cidade, na esquina daquela avenida com a Rua da Bahia. De lá, só saía às dez da noite, quando um funcionário começava a fechar as trinta e uma janelas do prédio. "Sei o que vale uma biblioteca pública, mesmo modesta. Eu seria hoje pouco mais que analfabeto se, ao tempo de minha juventude pobre, não existisse a Municipal", reflete em artigo para o jornal *Estado de Minas*[212]. E comenta, no mesmo artigo, outros dados sobre a história da mesma biblioteca:

> A iniciativa [da fundação da Biblioteca Municipal], como se lê no historiador da cidade, Abílio Barreto, partiu da Sociedade Literária de Belo Horizonte, fundada em 1895 por um grupo de pessoas ilustradas – engenheiros, médicos, advogados, altos funcionárioda Comissão Construtora -, com o fito de criar uma modesta biblioteca e museu, "início e pódromo da futura e rica biblioteca da capital deste grande Estado", como diziam no ofício redigido a Aarão Reis, chefe da missão, convidando-o para presidente honorário da Sociedade. Contavam com doações dos sócios e outros amigos da cultura.

Mas, a idéia republicana de uma biblioteca aberta aos cidadãos da nova cidade seria confrontada, algumas décadas depois, pelo aparato repressivo contra o comunismo desenvolvido desde 1935 pelo Governo Vargas. O Governador Benedito Valadares, através do decreto n. 1.008 de 22 de outubro de 1937, nomeia uma comissão para orientar a propaganda anticomunista em Minas, chefiada pelo Ministro da Justiça Francisco Campos. Mas, um dia antes, competindo pelo zelo anticomunista no Estado, o Prefeito de Belo Horizonte, Otacílio Negrão de Lima, já havia anunciado o decreto municipal n.135. Segundo esse decreto, cabia às autoridades o indeclinável dever das autoridades em colaborar com o Governo da República nas medidas de defesa da ordem pública e social naquela fase de excepcional gravidade por que passava o país. Considerava, finalmente,

> [...] que a Biblioteca Pública é, pelos próprios termos de sua organização, um estabelecimento de educação popular e, como tal, deve concorrer para avivar e robustecer no espírito público a fé e confiança nas instituições vigentes; resolve nomear uma comissão composta dos doutores Mário Mendes

[212] FRIEIRO, E. A biblioteca assassinada. *Estado de Minas,* Belo Horizonte, 27 out. 1963.

> Campos, Francisco de Assis Gomes e Oscar Mendes, para, juntamente com o Inspetor de Educação, Assistência e Turismo, proceder a uma verificação das obras existentes na Biblioteca Pública, eliminando aquelas que, pela sua ideologia comunista, ou, de qualquer forma, contrárias aos regimem, se tenham tornado prejudiciais à educação do povo."[213]

Após meses de trabalho, a comissão chegou a uma lista composta por 74 obras, classificadas em três categorias: 21 obras comunistas ou comunizantes;16 de consulta reservada, que deveriam ser retiradas do acervo e trancadas em caixote que ficaria sob a guarda do bibliotecário; e 37 obras, ditas inconvenientes, que ficariam em lugar reservado e só seriam emprestadas a determinada classe de leitores, com a autorização especial do bibliotecário[214].

Nos escritos de Frieiro que li para a elaboração desta tese, não encontrei nenhuma referência a esse ato de censura. Todavia, posso imaginar que tal ato terá merecido o repúdio do livre pensador e leitor mais assíduo daquela biblioteca. Da mesma forma como reagiu ao fim da instituição em 1963 quando ela sofre *um desaparecimento violento*, desmantelada na gestão do prefeito Jorge Carone[215]. "Morte por assassinato, se me é permitida a metáfora", ele escreve consternado[216].

> [...] Contra esse ato de vandalismo não se ouviram protestos. Nem a Imprensa, parece, tomou conhecimento do fim apagado, melancólico, da querida Biblioteca. Querida, digo, porque à existência daquela casa se vinculou, afetiva e intelectualmente, uma boa parte da minha vida . Em muitos corações, e no meu, deixa a saudade de uma adolescência e uma mocidade distantes, época em que, para tantos indivíduos, o prazer de ler é semelhante ao que se retira dos exercícios físicos, e a alegria de conhecer constitui uma parte da alegria de viver, tanto quanto a que se consagra a Baco ou a Vênus. Muitos, ali, acabaram de aprender a ler, e eu pertenço a esse número. Para muitos, e para mim, foi a única universidade que tivemos, a melhor das universidades, como costuma sê-lo uma biblioteca pública.

Apegando-se a um projeto intelectual como salvação contra a melancolia e a falta de sentido da sua vida, vazia das alegrias comuns à juventude, Frieiro faz acreditar que encontrou, na biblioteca pública, um lugar onde estava à vontade para ler, pensar, refletir, comparar.

---

[213] MOTTA, Rodrigo P. Sá. O diabo nas bibliotecas comunistas: repressão e censura no Brasil dos anos 30. Não publicado.

[214] Conhece-se, hoje, segundo MOTTA, apenas os títulos expurgados considerados "comunizantes".

[215] Jorge Carone Filho foi prefeito de Belo Horizonte de 1963 a 1965, tendo sido deposto por um processo de *impeachmen*t.

[216] Além do artigo de Frieiro há uma dissertação de mestrado defendida na Escola de Ciência da Informação/UFMG em 2003 pela historiadora Aline Pinheiro Bretas, intitulada "A Sociedade Literária de Belo Horizonte", sobre a história da Biblioteca Municipal de Belo Horizonte.

> Contava apenas três ou quatro funcionários, não tinha catálogo (nunca o teve!) e suas coleções não iam além de vinte mil volumes. Mediante um depósito de cinco mil réis levava-se um livro para ler em casa. Li assim, durante muitos anos seguidos, havendo ocasiões em que lia um livro por noite. Grandes borracheiras de leitura! Li clássicos portugueses, autores nacionais em prosa e verso, a notabilíssima geração de Antero, Eça, Oliveira Martins, Junqueiro. Li nessa época os grandes doutores heréticos que robusteceram e consolidaram as inclinações naturais do meu espírito: - Voltaire, Chamfort, Haeckel, Le Dantec, Taine, Renan, Ribot, Spencer e Flaubert e Zola. E os poetas franceses do "Parnasse contemporain" nos lindos voluminhos elzevirianos do editor Lemerre.[217]

A imagem do leitor ébrio de leituras que Frieiro constrói ao recordar-se das noites passadas na Biblioteca Pública Municipal faz lembrar, em contraponto, a idéia de biblioteca pública ou coletiva como recalque do desejo de ler, pensada por Barthes[218]. Não que o semiólogo queira contestar a instituição bibliotecária e sua importância como prestadora de serviço cultural e educativo numa comunidade. Apenas, ao pensar a questão da leitura, interessa-lhe menos percorrer as razões do querer-ler, supostamente já muito dissecadas, preferindo indagar sobre as marcas do não-desejo. Por sua factibilidade, sempre grande demais ou pequena demais, além ou aquém da demanda de leitura, pensa Barthes, a biblioteca pública é o espaço dos substitutos do desejo. O livro desejado parece nunca estar lá, e um novo livro nos é proposto. Daí, para que uma bblioteca coletiva proporcione prazer, gozo ou plenitude, o sujeito tem de renunciar à efusão do seu imaginário, contentar-se com o texto semelhante, não o escolhido. Além do mais, Barthes reclama da lingua francesa, vocábulos diferentes para o livro de biblioteca como: *emprestado*, uma mediação burocrática através de uma mediação burocrática que exige a sua devolução; *livro-em-casa*, escolhido, tomado, agarrado, ainda que tenha passado pela mediação da aquisição pelo dinheiro. "Comprar um livro que se quer ler pode ser desrecalcante, tomá-lo emprestado seguramente não o é" conclui o escritor francês na sua maneira própria de se relacionar com os signos culturais. (Grifos do autor).

De sua parte, Frieiro corrobora essa proposição, embora percorrendo um caminho sinuoso de aparentes contradições: "Não invejo os que tiveram em casa, desde a infância, uma boa biblioteca. Também tive a minha, a Biblioteca Municipal de Belo Horizonte, que comecei a frequentar ali pelos treze anos. Pequena, mas muito boa. Foi a minha universidade", afirma

[217] De forma recorrente, ao falar de si, Frieiro faz o inventário de suas leituras. Aqui, no artigo citado *A biblioteca assassinada,* lista os filósofos, historiadores, literatos e biólogos que influenciaram, desde a juventude, o seu espírito ateu e racionalista. Alphonse Lemerre foi importante editor no século XIX que publicou, notadamente, os poetas parnasianos em 3 volumes , "Le parnasse contemporain". Escreveu "Le livre du bibliophile".

ele para, em seguida, completar, embutindo a idéia do desrecalque bathesiano: "Passado muito tempo, quando pude comprar livros, fiz as melhores leituras da minha vida."[219] Num terceiro momento, em carta a Ruth Nielsen, de 29/12/1964, fala de sua biblioteca pessoal usando a mesma retórica da compensação:

> *[...] Sempre freqüentei sebos, desde muito moço. Boa parte de minha biblioteca de leitor pobre (hoje, por sinal, muito boa) procede de alfarrabistas e alguns de meus mais queridos 'bouquins' têm essa origem.[...]*

Outros interesses

De sua juventude, numa cidade movimentada pelo ritmo da construção como nova capital, Frieiro pouco revela, além das rememorações de leituras e do permanente estado de "tristeza culpável que os teólogos medievais denominavam acídia – o oitavo pecado."[220] Do trabalho para a biblioteca, de casa para o trabalho, é o que ele nos faz acreditar, fiando-nos, nas cartas e nas entrevistas, constituir-se a sua vida de moço. Não fossem algumas frestas através das quais pude entrever outros interesses e experiências, quem poderia imaginar, por exemplo, que o moço baixinho e franzino, sofrendo de timidez doentia jogasse futebol a sério! Pois, uma foto de jornal, meio apagada, mostra-o bem jovem, uniformizado, junto à *briosa equipe do Sport Club*, primeira agremiação de futebol criada na cidade, em 1904.

Para situar um pouco a prática desse esporte na nova capital parece-me importante lembrar que, naqueles tempos pioneiros, o traçado planejado da cidade já definia a elitização das oportunidades de lazer que iam surgindo à medida que avançava a construção. Assim, foram instalados o Clube Recreativo, fundado em 1894; o Hipódromo, inaugurado em 1906; e outras casas de diversões com o incentivo Prefeitura obtendo isenção de impostos e, ainda, doações de terrenos dentro da Avenida do Contorno. Essa avenida delimitava o espaço urbano, nobre, moderno, limpo; além da avenida, ficava a área classificada como suburbana, abrigando as classes mais baixas, a qual não atraía investimentos públicos. Nesse contexto chegou ao Brasil o futebol, via São Paulo. Como atividade de lazer das classes altas aportou em Belo

---

[218] BARTHES, R. Da leitura. In: *O rumor da língua.* Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.43-52.
[219] MENESES, R. de. Eduardo Frieiro foi tipógrafo e somente depois dos 30 anos começou a escrever. *Folha da Manhã,* São Paulo, 27 maio 1956. Caderno 5, p.59.
[220] Carta ao teatrólogo mineiro Etienne Filho, de 17/06/1947.

Horizonte em 1904, trazido por um estudante carioca, Vítor Serpa, que conhecera o esporte na Suíça. Reunindo vários companheiros, fundou o Sport Club Foot-Ball, primeira agremiação a ser criada em Belo Horizonte, com um campo na Rua Sapucaí, no bairro Floresta, congregando estudantes, funcionários públicos e comerciantes.

Mas, se esse e outros clubes que foram aparecendo (e desaparecendo) nos anos seguintes refletiam a hierarquia social e só abriam as portas a membros da classe alta, a população mais pobre da cidade, em acelerado crescimento, é contemplada, em 1908, com a fundação do Atlético Mineiro Futebol Clube. Diferentemente dos outros times, o Atlético não impunha restrições à entrada de jogadores ou sócios nos seus quadros e é considerado por um historiador desse esporte como um dos poucos pontos de integração social da Belo Horizonte do início do século[221].

A partir da década de 1910, cresce o interesse pelo futebol e a colônia italiana funda o *Yale Atlético Clube*, cuja dissidência daria origem ao Palestra Itália em 1921, atualmente Cruzeiro Esporte Clube. Tanto esse clube quanto o América Futebol Clube, fundado em 1912, continuavam a tradição classista do esporte e eram considerados clubes altamente elitistas. Ora, sabendo-se através de Djalma Andrade[222], que Frieiro foi membro do Yale, como tinha sido membro do pioneiro Sport Club, parece-me curioso que o jovem pobre e tímido, morando na zona suburbana e trabalhando na mais *infecta repartição do Estado,* tenha se juntado a essas duas agremiações fechadas às classes mais baixas da cidade. Paixão pelo esporte? Representaria, de fato, uma distinção social, naquele momento, ser funcionário do Estado? Do que não duvido, contudo, é do seu gosto pelo *esporte bretão*, como diziam os locutores esportivos da época, conforme retratam três artigos seus, a saber: *Os primórdios do futebol em Belo Horizonte*, publicado no primeiro número da revista *Vida esportiva*, em 10 de novembro de 1927; *As delícias do foot-ball,* publicado sob o pseudônimo de Luís Taques na revista do Rio de Janeiro intitulada *Primeira*, em 10 de setembro de 1928; *Cinqüenta anos de futebol*, publicado no *Estado de Minas* de 21 de novembro de 1954 (VIEIRA, 1967).

Mas, que outros lugares da Belo Horizonte das primeiras décadas do século passado freqüentava Frieiro quando jovem? Novamente, a pena alegre e irreverente de Moacyr

[221] SILVA, Matheus Cajaíba. Os primórdios do futebol em Belo Horizonte e a fundação do Clube Atlético Mineiro. *Rev. Secretaria Municipal de Esportes.* Belo Horizonte, n. 1, maio 1995 .
[222] ANDRADE, D. A história alegre de Belo Horizonte, *Estado de Minas*, 14 dez. 1947. Cad. 2. p.1.

Andrade é que satisfaz minha curiosidade. Conta o jornalista que sua intimidade com Frieiro, amizade que durou sessenta anos, começou num encontro no antológico Bar do Ponto, em novembro de 1918. Começaram falando da gripe espanhola que havia levado um e outro ao leito. A gripe era assunto obrigatório em todas as conversas.

> [...] Ficamos daí para diante, definitivamente amigos. Éramos então solteiros: eu com 21 anos e ele bem mais. Só saíamos juntos. Separávamo-nos à noite, até as dez horas, porque ele lá ia para a Biblioteca Pública ler, ler, ler... Mas nos encontrávamos depois das dez, e íamos conversar, de pé, nas ruas ou no botequim do Fausto,um italiano amável, de bigodões enormes instalado na Rua Rio de Janeiro, perto da Avenida do Comércio [...] (ANDRADE, 1999, p.17)

A conversa fluía sem dificuldade entre os dois amigos! Falavam sobre os acontecimentos do país, as *últimas* da cidade e da parte de Frieiro, sobre livros. Ele tinha sempre novidades a contar sobre o que lera ou estava lendo no momento. Às quartas-feiras, compravam a *Gazeta de Notícias* do Rio, que chegava a Belo Horizonte pelo trem das 22 horas. Liam em voz alta, ora um, ora outro, a crônica de Antônio Torres, "o jornalista desabusado e irreverente de Diamantina que largara a batina e fazia furor na imprensa carioca, com seu extraordinário talento e mordacidade, sobretudo ao tratar os bonzos literários da época."(ANDRADE, 1999, p17). Depois, cada um ia para sua casa, ou davam uma passada *lá em baixo*, na parte boêmia da cidade.

Algum tempo passado, a década de 20 já ia pelo meio, e ninguém na Imprensa Oficial, exceto o próprio Moacyr Andrade, suspeitava que aquele funcionário retraído tivesse ambições de ser escritor, embora o soubessem *lido* e inteligente. E então, desponta Frieiro como escritor amadurecido, seguro, portador de estilo pessoalíssimo. Nas palavras do ensaísta e poeta Affonso Ávila, um dos mais exímios prosadores brasileiros do nosso tempo.(ÀVILA, 1982, p.1).

3.4 Maturidade e escrita

> De repente, no meio da tarefa, a mais terrível das dúvidas, a dúvida de si mesmo, se apodera do seu espírito. Uma interrogação, tenebrante como uma pua, insinua-lhe no cérebro: será acaso um verdadeiro escritor? Ou, quem sabe, não

passa dum grafômano vulgar? Angustiosa e deprimente, a dúvida acaba por lhe tirar completamente o ânimo. Julga-se então um impotente mental, incapaz de escrever qualquer cousa que mereça ler-se. Não, não escreverá. Para quê?
Eduardo Frieiro. *Inquietude, melancolia*. 1930

Se a leitura foi um desejo concretizado desde muito cedo, a vontade de escrever chegou tarde e desconfiada.

> *[...] Até os trinta anos, eu só escrevia o meu nome no livro de ponto da Imprensa Oficial. Passavam-se anos sem que eu escrevesse uma carta ou um simples cartão*

escreve ele ao acadêmico Augusto de Lima Júnior, em carta de 15 de setembro de 1941. A decisão tardia de escrever e a sua estréia nas letras, segundo história que se tornou conhecida na época, teria sido algo semelhante a uma descarga de tensão acumulada durante os longos anos de leitor omnívoro e de interlocução com outros intelectuais. Homem feito, era papo disputadíssimo nas rodas literárias da provinciana Belo Horizonte da década de vinte, com sede na Livraria Alves da Rua da Bahia, lembra Wilton Cardoso (1982, p.3). Aliás, não se pode falar dessa casa de livros sem recordar o dia que ficou marcado na história cultural da cidade, história fixada no papel por seu confrade Wilton Cardoso, no texto citado, e pelo psiquiatra José Nava (1960, p.109-26). Contam eles que os leitores contumazes da cidade, que não perdiam a abertura dos caixotes de livros chegados com as últimas novidades de Paris, se espantaram, certo dia, quando o recatado e discreto Frieiro saiu, de repente, saltitando por entre as prateleiras, brandindo um volume sagazmente descoberto: "É o Goncourt, minha, gente, é o Goncourt!" De fato, o autor de *À la recherche du temps perdu,* havia conquistado, pouco antes, o mais cobiçado prêmio literário da França. Desde então, Frieiro ganhou a fama de ser, em Minas, o primeiro leitor de Proust.

Mas, ler e escrever parecem ser faces de uma mesma moeda[223], como ele revela à leitora Ruth Nielsen, em carta de julho de 1964:

> *[...] Quem lê muito, acaba sentindo uma necessidade incoercível de escrever. Foi o que me aconteceu. Escrever é uma forma de comunicação, uma maneira de conversar com os prossíveis leitores.*

Assim, o leitor inveterado acordou certa manhã com a idéia de fundar uma revista. Diferente daquelas até então conhecidas, pluriautorais, a revista imaginada por Frieiro teria um único

[223] CURY, 1977, p. 75-83.

colaborador: ele próprio. Ou, explicando melhor, escreveria ele mesmo todos os artigos, multiplicados, contudo, na pena de vários heterônimos que se encarregariam de artigos para a seção de Política, Letras, Artes Plásticas, História além de outros assuntos voltados para o público intelectualizado das revistas de cultura. Segundo o Prof. Wilton Cardoso, que também contou essa história em artigo para o Suplemento Literário do *Minas Gerais* (1982, p.3), a seção que mais deveria desafiar o escritor polígrafo talvez fosse a referente às Letras ema vez que Frieiro intencionava desdobrar-se em ficcionista, teórico de idéias gerais e crítico. Para levar a cabo tal empresa e assegurar a dinâmica da revista, seria necessário que a mesma pessoa, Frieiro, por suposto, assumisse, sob heterônimos diferentes, idéias particulares e até contraditórias a respeito dos mesmos temas. Logo o escritor se dá conta do caráter algo fantasioso dessa aventura intelectual e passa a trabalhá-la como ficção, isto é, decide recriá-la no formato de romance. Desse modo empresta a diferentes personagens, reunidas na redação de uma revista fictícia, o posicionamento antes destinado aos seus heterônimos e pseudônimos. Reescreve, então, em forma de diálogo, os argumentos pensados para os diferentes artigos da revista inicialmente idealizada, provendo a história do enredo e do ritmo necessários.

Tal é a gênese de *O clube dos Grafômanos,* seu primeiro livro, sobre o qual ele escreve à amiga leitora do Rio de Janeiro:

> *[...] Publiquei meu primeiro livro em 1927 e eu já passava dos trinta anos. Antes dos trinta não me passava pela cabeça a idéia de escrever. Se me houvessem dito:"você ainda escreverá muitos livros", eu sorriria incrédulo. Publiquei meu primeiro livro à minha custa, quase em segredo e com surpresa das pessoas que me conheciam, que ademais não suspeitavam em mim quaisquer veleidades literárias, embora me soubessem leitor infatigável e de boa formação letrada.*[224]

Esse episódio é significativo na trajetória do escritor por marcar o momento em que seu espírito crítico, não cabendo mais no espaço de leitor contumaz e de redator de pequenos artigos opinativos, transborda para o lugar do *scriptor* e assume-se, plenamente, como sujeito da enunciação. A rigor, antes de *O Clube dos Grafômanos*, havia publicado alguns artigos assinados com pseudônimos em pequenos jornais de São Paulo (*A Lanterna*) e de Belo Horizonte (*Avante!*) A julgar pelo teor de ironia amarga que exala do *Brotoeja Literária* (Avante! 20 de agosto de 1925) [225], esses primeiro artigos representaram, sobretudo, um gesto

[224] Carta Ruth Nielsen, datada de 06/02/1967.
[225] Tais artigos, mencionados por Moacir Andrade (1999, p.18) não estão incluídos na bibliografia dos trabalhos de Eduardo Frieiro compilada pela bibliotecária Anna Soledad Vieira (1967), o que me faz supor que nem

dramático de afirmação de um jovem solitário e ressentido, mas que já havia acumulado um extraordinário capital cultural bebido em Montaigne,Voltaire, La Rochefoucauld, Renan, Eça de Queiróz, Camilo Castelo Branco, Machado de Assis e todos os outros autores a quem ele credita sua formação intelectual. Aliviado com o primeiro jorro de amargura logo ele encontraria o seu lugar como escritor lúcido e de estilo apurado. É o que parece mostrar esse trecho:

> *[...] No jornal [Minas Gerais] eu trabalhava como revisor e tinha o dia livre. O serviço de revisão, penoso para outros, era para mim uma brincadeira. Levava livros, que eu lia nos intervalos do trabalho. E tinha o dia todo para ler. Foi então que eu senti comichões para escrever. Como toda a gente escrevia mal! Pensava eu comigo. Eu, decerto, escreveria melhor. Tentei-o, pela primeira vez, escrevendo quatro ou cinco artigos para a Imprensa e algumas picuinhas anônimas num jornaleco.* [226]

Mas, a esse respeito, o que me parece curioso é a coincidência da sua estréia como romancista ter ocorrido naquele momento de grande transição da literatura brasileira. Assim, mirando a iconoclastia dos novos poetas, saía a campo um escritor tão inédito quanto maduro, imbuído da vontade de defender o padrão de língua escrita e a tradição literária que aprendera a valorizar, pontos que o modernismo queria, justamente, questionar. Como ele assinala:

> *[...] de espanhóis li uma quantidade enorme de medievais, clássicos e modernos, especialmente os da famosa "geração de 98". [...] E, é claro os hipano-americanos. Sem falar nos portugueses, com os quais apurei a língua, e nos brasileiros, preferidos sempre os de correto elóquio.*[227]

Em carta de 23/03/1933 a Agostinho Campos, professor catedrático de Filologia Românica da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, lamenta a influência do modernismo sobre a língua, o que chama de "abastardamento da linguagem escrita":

> *[...] Neste momento recebo pelo correio os recortes de dois artigos seus – "Linguagem" e "Língua e Brasil"- que teve a bondade de me remeter. Agradeço mais uma vez, muitíssimo sensibilizado, as desvanecedoras referências feitas em meu obscuro nome. Concordo, em gênero e número com as restrições que faz ao artigo do nosso romancista Xavier Marques a propósito dos processos dissolventes que ameaçam a integridade da língua portuguesa no Brasil. Ao tempo de Machado*

---

mesmo Frieiro os tinha arquivados. *A Lanterna*, jornal de linha anarquista publicado em São Paulo, circulou de1901 a 1904 e de 1909 a 1935. [Fonte: Arquivo Edgard Leuenroth, UNICAMP, disponível em <<http:// www.ifch.unicamp.br/ael>. Acesso em : 30/3/07]. O *Avante!,* semanário de quatro páginas de propriedade do Dr. Amadeu Teixeira, fazia oposição ao governo estadual Melo Viana, nos anos 1920. Três números desse pequeno jornal, inclusive o número do dia 20 de agosto de 1925, podem ser lidos no site da *Coleção Linhares* <http://linhares.eci.ufmg.br/.

[226] Pequeno trecho manuscrito, inserido entre as cartas recebidas, no Acervo Eduardo Frieiro, AML. Acredito que se trate de rascunho de alguma carta enviada.

[227] Carta a Ruth Nielsen, datada de 10 de dezembro de 1964.

> *de Assis, Rui Barbosa, Francisco de Castro, Bilac, Silva Ramos, e outros, operou-se nas letras brasileiras um movimento de salutares conseqüências contra o "instinto [de] transgressão das massas", contra o abastardamento da linguagem escrita. Ajudaram muito no movimento escritores como José Feliciano de Castilho e Cândido de Figueiredo, que davam pela imprensa lições de boa elocução. Ficaram então em moda os "consultórios gramaticais", as utilíssimas cátedras públicas que ensinavam o que se devia ou o que se não devia dizer. A boa moda passou. Veio a moda contrária. Agora, com o "modernismo" literário, turbulento e anárquico, com o mal compreendido nativismo da chamada "escola de brasilidade", todos se abandonam à indisciplina e à relaxação verbais. Porém, como tudo vai e volta, é de esperar que não tarde a reacção disciplinadora. Porque a verdade é que os mais difíceis de contentar, os selectos, optam sempre pela disciplina.*

Na avaliação do ex-dileto aluno Wilton Cardoso, (1983, p.3) "o escritor mineiro, que entendia a Literatura essencialmente como um fato de linguagem, não podia compactuar com a 'escola da brasilidade', tal como a via praticada, a saber, descrição de alguns aspectos de um país primitivo e ignorante numa língua ignorante e primitiva". Para Frieiro, havia o Brasil branco, luso-americano, no qual se incluem muitos pretos e mulatos de mentalidade européia, a exemplo de Machado de Assis, Tobias Barreto, Ferreira de Araújo, entre outros. E havia o Brasil mulato, abrigando, por sua vez, muitos brancos que renegam suas raízes européias, peninsulares, lusitanas, tanto de tradição como de cultura, contaminados de mulatismo, querendo pensar e pensar preto (FRIEIRO, 1986, p.272). Menos que a cor da pele, pensava ele, o mulatismo é uma certa forma de espírito, certa atitude mental. E especificava, no mesmo texto: "O mulatismo é a filáucia, a petulância, a carência de compostura." Discordava do *pernóstico* Mário de Andrade na proposta de reivindicar uma língua escrita brasileira como meio de expressar uma literatura nacional. Afirma Frieiro:"Tenho para mim que o movimento modernista de 1922 apressou a insurreição da mulataria dentro da nossa tradição literária européia (Frieiro, 1986, p.368). Aos ouvidos "puros" do escritor, europeu diaspórico, soavam bem as musas clássicas[228] como ele parece deixar entredito em carta a Ruth Nielsen, de 7/4/1965:

> *[...] Fui leitor, na minha mocidade, dos escritores da celebrada "generación del 98". Li muito Baroja e Azorín, êste principalmente, que eu admirava como maravilhoso estilista. [...] O que diz Azorín a respeito dos clássicos é certo pelo menos com referência ao leitor comum. Os clássicos, dizia João Ribeiro, são os grandes autores que ninguém lê. Para apreciá-los bem é preciso ter a preparação e o gôsto (um tanto anacrônico) do puro letrado, ou do professor de literatura [...].*

Em outra carta, ao filólogo Rodrigues Lapa, datada de 10/3/1955, sua posição diante da questão da língua brasileira é reiterada:

> *[...] Não me lembro de ter ouvido da bôca do povo os têrmos calhoada, pisorga, e leso. Conheço os dois últimos por via literária. Mas o meu depoimento nada vale no caso: Conheço mal o interior de Minas e é escasso o meu interesse pela fala popular. (Grifos do autor)*

Não obstante, muito tempo decorrido dos ventos renovadores da Semana, sempre inclinado à autocrítica, ele confessa:

> *[...] Tenho os meus preconceitos sobre a arte de escrever, os quais me afastam de muito escritor excelente mas incorreto. Acho, porém, a compensação nos que escrevem bem segundo os meus padrões de gosto literário.*[229]

De qualquer modo, uma opinião recorrente dos contemporâneos que acompanharam a sua trajetória é que o escritor, em Frieiro, já nasce maduro, consciente dos desafios e riscos[230] que envolvem a aventura da criação literária. Seu livro de 1932, *A Ilusão Literária*, atualmente na terceira edição, teve recepção excepcional como verdadeira cartilha de estética literária e continua sendo útil para todo aspirante às letras. Um parágrafo dessa obra mostra o seu modo de ver o nascimento de um escritor como um lento sazonar de certas potencialidades individuais, calcadas na experiência pessoal, muito distante, portanto, considerando o seu respeito pela tradição européia, da imitação pura e simples das nossas matrizes d´além mar:

> A arte, está entendido, é filha do tempo e da experiência, é vida vivida e sofrida. Sem dúvida, aos que nasceram com uma grande riqueza de alma e possuem a centelha do espírito criador, é permitido desdenhar os longos aprendizados e confiar nas súbitas iluminações. Porém os que não estão nesse caso especialíssimo, devem capacitar-se, como Baudelaire, de que "a inspiração é a recompensa do exercício cotidiano". Não há criação sem gestação. Mesmo as iluminações repentinas são os sinais manifestos dum longo trabalho inconsciente anterior. (FRIEIRO, 1983, p.16).

Desse modo, a atitude mental por ele denominada *mulatismo nas letras* reflete, na criação literária, a produção casual e apressada, decorrente da mistura de elementos estranhos entre si os quais não cumpriram ainda o tempo de maturação e decantação. À metáfora da devoração, ele apõe a idéia de gestação. Assim escreve ele na mesma obra, no capítulo intitulado *A religião da obra bem acabada*:

> Todos os manuais de literatura aconselham a trabalhar o estilo, a retocar as frases, a corrigir o pensamento, até que pareça impossível fazer melhor. O

---

[228] Em contraposição ao que R. W. Emerson (1803-1882), fundador dos princípios da literatura americana escreve em "*Apelo aos estudantes americanos":* Escutamos por tempo demais as musas polidas da Europa". Apud Pascale Casanova*, A República Mundial das Letras*, p.27.

[229] Carta a Valdemar Cavalcanti, datada de 6/3/1961.

[230] Desta página em diante todas as citações dessa obra serão referentes à terceira edição, Editora Itatiaia, 1983.

> escritor deve apurar a forma, aperfeiçoar a obra, com insistência, com tenacidade. O primeiro jacto, por mais viva e fecunda que seja a inspiração, deixa sempre que desejar. Os textos aparentemente mais frescos e espontâneos costumam ser o resultado de pacientes e sábias sobreposições (FRIEIRO, 1983, p.25).

A preocupação com a correção do estilo e a maturação do tema aparecem na carta que Frieiro escreve ao então Presidente da Academia Mineira de Letras, o escritor Mário Casasanta, em 16 de abril de 1946. Com o falecimento do romancista Avelino Fóscolo, autor de *A capital*[231], abriu-se uma vaga na AML. Alguns acadêmicos, seus amigos e admiradores, sugeriram a sua candidatura, embora já contando com a recusa de Frieiro. Mário Casasanta, contudo, dizendo falar em nome da Academia, não desistiu até conseguir dele a assinatura do requerimento de inscrição, que lhe havia levado já pronto, datilografado. Conta Moacyr Andrade[232] que Frieiro não pediu votos a nenhum acadêmico, como é de praxe, sendo, entretanto, eleito por unanimidade.

Mas volto à carta que motivou essa pequena história e que diz muito do *modus operandi* do escritor*:*

> *Prezado Dr. Mário:*
>
> *Para o meu discurso na Academia, julgo indispensável conhecer o primeiro romance de Avelino Fóscolo, A Mulher, escrito em colaboração com Luís Cassiano, patrono da cadeira que ocupo. Arranja-me esse livro e marque a posse para daí a quinze dias. Não é a fobia pelos auditores o que me retém. É, sim, o tema do discurso. Preciso conhecê-lo, antes de o abordar. Sou um pouco, é certo, como aquele pintor intelectualizado de Anatole France que, maníaco da exatidão, para pintar um gato na taboleta do botequim Le Chat Maigre, consultou trezentas obras sobre o gato e seus costumes, e, afinal, apertado pelo dono do botequim a quem prometera a pintura, declarou-se ainda não habilitado a conhecer o gato; portanto, como poderia pintar o que não conhecia? E a verdade, no meu caso, é que não conheço bem o escritor Fóscolo. Preciso de ler ou quando muito de ver o tal romance. Sem ele, sinto-me inibido.*
>
> *Sempre seu,*
> *Com afeto,*
>
> *E. F.*

A resposta à carta de um autor estreante, do mesmo modo, reflete esse rigor para consigo mesmo no julgamento de suas obras. Isso o atormentou desde a sua estréia, senão antes. Confessa Frieiro que esse suplício continuou fomentando o seu conflito interior: fazer-se o

---

[231] Primeiro texto a tomar a nova capital como cenário.
[232] ANDRADE, M., 1999, p.21.

centro do processo da escrita, isto é, efetuar a escrita afetando-se a si próprio, para usar a expressão de Barthes[233], ou negar o que denomina ilusão literária.

> *[...] Compreendo, meu caro, os seus escrúpulos e rigores para consigo próprio. A insatisfação, neste caso, é benéfica à criação. E, realmente, para que pressa de publicar, quando se escreve pelo prazer ou a necessidade de expressar no papel o que sentimos no interior? Eu comecei a escrever tarde, e mesmo assim nunca escrevi nada que verdadeiramente merecesse publicidade, fora do mero jornalismo literário, ocasional e efêmero. E já estou abandonando as minhas frioleiras escritas.*[234]

Na realidade, ele somente abandonará o labor da escrita pelos efeitos irreversíveis da idade avançada. Embora tenha vivido a questionar a finalidade da atividade escritural, desconfiado das afirmações categóricas, o certo é que sua obra é um preito à "mais cara das nossas ilusões". Para que escrever, então?, resta-lhe, sempre, a dúvida:

> Para que? Para nada. Mas justamente esse nada – a ilusão literária – é tudo para uma certa raça de imaginativos. É dessa ilusão que se alimentam os indivíduos de curso lento, os introvertidos, os que aborrecem a vida frenética e cobiçosa dos indivíduos voltados para fora e só pedem que lhes seja permitido saborear devagarinho as doçuras e branduras das cousas inúteis. A esta raça livre e pródiga pertencem os que preferem a fantasia à realidade e acham que a vida vale a pena de ser ... escrita." (FRIEIRO, 1983, p.9)

Se estava certo o Professor Wilton Cardoso, que o conheceu de perto, o ceticismo visceral de Frieiro, que ameaçava conduzi-lo à negatividade e à inação seria "menos produto da descrença do que da incapacidade de opção em face do variado mundo das idéias que o seduzia e deslumbrava."(1982, p.3). Seja como for, a angústia da criação acompanhou nosso escritor até o fim. Encontrei-o, muitas vezes, ao longo da sua correspondência, a disfarçar o desejo de escrever, envolvendo-o com a capa do segredo e do esquecimento, como nos primeiros escritos anônimos, ou cobrindo-o com o véu do descaso pelo sucesso de público.

> *[...] Eu, pelo que me toca, escrevo por teimosia e porque nunca fiz muito caso do favor público. Considero-me e sempre me considerei um escritor amador que não pensa na glória nem na pecúnia.*[235]

---

[233] BARTHES, R. Escrever, verbo intransitivo? In: *O rumor da língu.* São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 37.
[234] Carta a L. Cavalcante, datada de 20/01/1951.
[235] Carta a Abdias Lima, datada de 20/08/1959.

Pensar, enfim, que a liberdade de espírito, em nome da qual recusou trabalhos e cargos, ele a viveu como condenação, no sentido sartreano, deixando-lhe na alma, "um acre ressaibo de insatisfação e descontentamento" (FRIEIRO, 1983, p.58)

Escrever, sim! Por obrigação, não!

Começo esta parte, voltando à segunda metade de 1934, não completada ainda a primeira década de Frieiro como escritor publicado. Sua postura é reativa e cautelosa diante das possibilidades de visibilidade que a República das Letras lhe oferece! Uma troca de cartas com o Diretor de Publicidade das Edições Cultura Brasileira, de São Paulo permite observar sua reação diante das relações de força que envolvem o posicionamento de um escritor novo no universo literário. Ele demonstra ter, desde o início, uma visão crítica desse *grande jogo* que é o mundo da arte, presidido por estranhas leis das quais se esquiva enquanto escritor, embora, curiosamente, demonstre prazer em circular nesse mesmo universo como mediador, longe dos refletores da fama, isto é, como pesquisador, bibliógrafo, bibliotecário, professor de literatura, editor. (Mais adiante serão comentados esses papéis desempenhados por Frieiro no espaço cultural de Minas, durante o transcurso de sua vida profissional).

O caso que tomo como sintomático dos embates ligados ao seu posicionamento no universo das letras, no início de sua carreira de escritor, começa em 25 de agosto de 1934, quando o Diretor de Publicidade da Edições Cultura Brasileira, de São Paulo, Odilon Negrão, lhe envia uma carta acusando e agradecendo o recebimento de recortes do jornal *Minas Gerais,* no qual Frieiro havia publicado elogiosos comentários sobre os livros daquela editora.

Uma segunda carta assinada pelo mesmo Odilon Negrão, é enviada ao escritor um mês depois, em 22/09/1934, informando sobre o funcionamento de um sistema de publicidade dos autores da Casa, denominado Rede Jornalística, e solicitando um artigo de Frieiro. Consistia esse plano em permutar, com os maiores jornais brasileiros da época, artigos de colaboração, resenhas literárias dos livros da Editora assinados por vultos de renome nas letras do país. "Conto com você. Desde já pode nos enviar seu artigo inicial. Logo que o receba darei ordens ao nosso representante aí para lhe entregar a dinheirama", escreve Odilon Negrão.

Frieiro responde agradecendo a oportunidade, como posso deduzir da carta seguinte de Negrão:[236]

> *São Paulo, 9 de Outubro de 1934.*
>
> *Prezado Eduardo Frieiro.*
> *Nada tem que me agradecer. Reconheço o seu valor e, por isso, convidei-o para fazer parte da "Rede Jornalística das Edições Cultura Brasileira". Seu artigo será distribuído a 20 jornaes por toda a semana vindoura. Optimo! Por esses dias, mandar-lhe-ei um cheque de 50$000 para pagamento de s/ artigo.E continue a me enviar cousas boas. Só tenho uma restrição a lhe fazer: escreva artigos menores; de 3 páginas, com 2 espaços de machina. E nada de política, nem religião.*
> *Creia sempre no seu,*
>
> *Odilon Negrão*

A partir desse momento, arrisco dizer, pela seqüência de cartas de Odilon Negrão e pela ausência de respostas de Frieiro, que alguma desavença ocorrera nas relações entre o escritor e a Editora. A última frase da carta faz lembrar que, desde a subida de Vargas ao poder, pela Revolução de 30, ganhava força a perspectiva autoritária. Nesse contexto, caberia ao Estado organizar a nação para promover, dentro da ordem, o desenvolvimento econômico e o bem-estar em geral, pondo fim aos conflitos sociais, às lutas partidárias, aos excessos da liberdade de expressão que só serviam para enfraquecer o país (FAUSTO, 1999, p.356). Acredito que o tom coercitivo do convite tenha diminuído o interesse de Frieiro em participar daquele projeto editorial. Se houve alguma restrição do escritor à inclinação ideológica da Editora, simpática ao governo Vargas, ele não deixa transparecer.

Mas, para deteriorar ainda mais as relações do escritor com a editora, o teor da carta seguinte de Odilon Negrão é indelicado e bastante inadequado para sensibilizar alguém com o temperamento orgulhoso e discreto do mineiro. A carta do Diretor Publicitário começa nos seguintes termos :

> *Se não me engano, o cheque bancário que lhe enviei há dias, o fez giboiar... E esse suéto ophídico privou-me da sua interessante e personalíssima collaboração. O Brasil o reclama, meu Frieiro! Não posso admitir que você se engolfe em sonhos e chimeras e deixe a gente na 'briza'... Quero cousas suas! Escreva, homem![237] [...]*

Quatro meses depois, em 9 de abril de 1935, nova carta de Odilon Negrão chega à Rua Muriahé, número 4, na Ponte do Saco, bairro periférico de Belo Horizonte. O imprudente

---

[236] Não consta tal resposta de Frieiro no arquivo de cópias da correspondência ativa. Como já comentei aqui, não se sabe os critérios que orientaram o esritor no arquivamento das cópias de cartas enviadas.
[237] Carta de Odilon Negrão a Eduardo Frieiro, datada de 03/12/1934.

funcionário da Edições Cultura Brasileira não muda o tom ao mesmo tempo aliciador e agressivo:

> *Meu caro Eduardo Frieiro:*
>
> *Você é o rei do silêncio! Porque não escreve, homem? O fim desta, no entanto, não é apostropha-lo sobre o seu pacatissimo "modus vivendi". Venho, mais uma vez, oferecer lhe um amazonas de libras esterlinas. Leia bem - Vou iniciar, por toda esta semana, uma nova forma de publicidade em todo País. Para isso, necessito de chronicas assignadas por "bambas" das nossas boas letras sobre livros de nossas edições. Você é um dos bambas. Pagarei a 25$ cada chronica. Já aceitaram a proposta o Menotti [Del Picchia], Capistrano, Rubem Braga, [Orígenes] Lessa, etc. Você também aceitará, estou certo. Pode escrever, pois, desde já, meu caro Frieiro, algo sobre "O delator", de Liam O'Flaherty e enviar-me sua chronica com toda brevidade. As dimensões da mesma são: 1 e meia laudas, dactilographadas. Papel comum. Pagamento certo.Você poderá, também, (pois 25$000 é uma quantia antipathica...) escrever, novamente, artigos para a REDE! Dar-lhe-ei mais 25$. Assumpto de livre escolha sua. Não tocar política, religião e mais calhaus burguezes. (Lei Seg. Nac.) Tamanho: 2 laudas*
>
> *Espero material muito breve.*
> *Do seu, muito seu,*
>
> *Odilon Negrão*
>
> *N.B. As chronicas sobre n/ livros serão solicitadas por mim. Indicarei as obras a serem criticadas.Crítica suave, etc.*
> *Do seu*
>
> *ONegrão*

A Lei de Segurança Nacional imposta pelo Governo Vargas sobre os campos da política e da cultura brasileira havia sido promulgada apenas cinco dias antes da data dessa carta[238]. E, dessa vez, a resposta de Frieiro não se faz esperar. Dois dias após recebida a carta do editor paulista, em 11 de abril de 1935, ele redige sua resposta de duas longas páginas, com cópia. Dada a relevância desse texto, sugiro pelo menos, a leitura da passagem a seguir:

> *Prezado Odilon Negrão,*
>
> *Agradeço-lhe ainda uma vez o seu amistoso interesse em querer contar-me como um dos colaboradores da Cultura Brasileira. Creia que essa empresa sempre mereceu de minha parte a mais espontânea simpatia, de que suponho ter dado algumas demonstrações. Prezo muito, além de tudo, os amigos que nela conto. Espero portanto, não leve a mal que eu recuse a proposta que me faz em sua carta hoje recebida. A proposta, devo dize-lo, parece- me vantajosa e sedutora... para*

[238] Em 4 de abril de 1935 é aprovada a Lei n.38 de Segurança Nacional, que estabelecia, como crimes contra a ordem pública e social, "a greve de funcionários públicos, ressentimento nas classes armadas, o estímulo ao ódio entre as classes sociais, a propaganda subversiva e a organização de associações ou partidos com o objetivo de subverter a ordem política e social do governo constitucional (1934-1037) de Getúlio Vargas". (Fonte: MOTA, M. B.; BRAICK, P. R. *História: das cavernas ao terceiro milênio.* 1997. p.499). O artigo 26 determinava que: "É vedado imprimir, expor a venda, vender, ou, de qualquer forma, por em circulação gravuras, livros, pamphletos, boletins ou quaesquer publicações não periódicas, nacionaes ou estrangeiras, em que se verifique a prática de acto definido como crime nesta lei, devendo-se aprehender os exemplares sem prejuizo da acção penal competente."

> *qualquer outro, não para mim. Explico: não gosto de escrever senão quando me dá a gana. Não sou um profissional das letras mas um simples dilettante. E não quero ser outra coisa. Por dois motivos ponderosos:1) tenho uma bruta preguiça de escrever por obrigação, preguiça que eu considero sagrada. 2) remunera-se mal o bom trabalho literário, ou não se remunera de modo algum. Se valesse a pena escrever para ganhar dinheiro, eu também escreveria. Mas não vale. Não vá pensar que eu tenha em conta exagerada os meus méritos. Seja como for, o facto é que os "Amazonas de libras esterlinas" que jovialmente me oferece, parecem-me um minguado fio de água de região flagelada pelas secas. Não que me pareça pouco o que estipula para uma croniqueta literária de lauda e meia de papel. É até bem boa remuneração. Sim, se não fosse preciso ler, para matéria de cada crônica um livro de duzentas ou trezentas páginas, e livro nem sempre potável e digerível! Leio desencadernadamente; quase não faço outra coisa senão ler; é o meu vicio, a minha morfina. Porém, só leio o que me apraz, selecionando obras e autores. Nem se compreende outra maneira de ler. Ler por obrigação, que corvée! E que tempo perdido! Eu, em regra, no jornal em que trabalho, dou notícias de livros sem que os abra, ao menos; e dou às vêzes notícias grandes, puxadas. Mas, por elementar honradez, não as assino. Quem tem um nome feito nas letras pode assinar qualquer pinóia escrita: a bandeira cobre a mercadoria. Não é o meu caso. Prefiro continuar desconhecido a ser mal conhecido [...] Agora uma coisa: li há pouco tempo o famoso livro de Axel Munthe The Story of San Michele, que foi o mais legítimo best-seller de 1930 nos Estados-Unidos. Vi em anúncio a próxima publicação dessa obra pela Cultura Brasileira.Tão logo saia, prometo escrever, caso queira, um bom artigo a propósito da edição brasileira, que, sem dúvida alcançará o melhor êxito de livraria. E escrevê-lo-ei ... gratis pro amore. (Grifos do autor)*

À primeira vista, diria tratar-se de um texto contraditório. O autor reivindica o direito e a liberdade de somente ler/escrever por diletantismo, e, ao mesmo, tempo questiona a remuneração usualmente paga pelo trabalho intelectual, para, logo em seguida, colocar-se disponível para escrever, sem ônus para a editora, acerca de livro de sua escolha. Uma leitura que faço dessa carta é que Frieiro se apresenta com certa altivez provocativa, como intelectual independente e lúcido, que, no decorrer de sua longa vida, aperfeiçoou o seu modo corajoso de não compactuar com a mediocridade nem com os apelos da vaidade, nem tampouco se submeteria, acriticamente, a qualquer forma de poder. Sem fazer qualquer alusão à censura oficial convocada pelo representante da editora, refuta o duplo peso da repressão e da cooptação. Procura deixar claro ao seu interlocutor a distância que o separa dos literatos *a soldo* e, como leitor crítico, dono, já àquela altura da vida, de uma cultura literária rica e vigorosa, declina qualquer possibilidade de ser levado a ler e a pronunciar juízos públicos sobre obras que não sejam as de sua livre escolha. Antes ser desconhecido que ser mal conhecido, é o que prefere, diante da oferta da editora paulista. A prosaica preguiça que invoca como motivo para não escrever, parece, antes, uma provocação do escritor para desarticular os argumentos do editor, baseados no atrativo da recompensa financeira.

Negrão, contudo, não se deixa impressionar e, quatro dias depois de receber a resposta de Frieiro, volta à carga com argumentos cada vez mais estranhos ao código ético do nosso escritor:

> *[...] É o diabo a sua preguicite rebelde! Mas é preciso que v. se enfune de cabotinismo, que v. vibre, integrado ao rithmo trepidante deste século agônico, e produza literatura às canadas*[239]*, aos côvados*[240]*, sem maiores preocupações artísticas, pois a vida moderna não nos permite examinar demoradamente a forma, a estrutura basilar de uma página literária. Preocupa-nos a idéia. E essa v. a tem de sobra.[...]*

É possível imaginar com que irritação essas exortações de Odilon Negrão foram recebidas por Frieiro, avesso a qualquer tipo de arrivismo social ou profissional e, acima de tudo, cultor da língua e da página bem impressa! Mas, não há, no Acervo Frieiro da AML, nenhuma cópia de resposta do escritor a esta carta do editor. Certamente, preferiu responder com o silêncio. A remuneração significativa e a expectativa de congregar um grupo de escritores já conhecidos nos centros culturais do país não eram argumentos para demolir o escritor da província de suas convicções éticas e literárias.

Nos dois anos seguintes, a Edições Cultura Brasileira continuou enviando-lhe seus livros e solicitando a contribuição do escritor como cronista. Em carta de 25/08/1937, Odilon Negrão escreve, com a habitual sem cerimônia:

> *Meu caro Frieiro:*
>
> *V. anda muito fugidio, vendendo-se muito caro, como se diz aqui no Braz!... Porque não escreve? Trabalheira de mais ou falta de vontade?Mas vamos ao que serve. Tem recebido os livros da "Cultura"? Mande-me os recortes das notícias publicadas sobre os mesmos. Peço-lhe isso, porque a nossa critiníssima (sic) "LUX" anda de mal a peor. Segue hoje para v. a "História do Romantismo no Brasil". Como se trata de uma obra excepcional, peço-lhe tratá-la com o melhor carinho e boa vontade. Annexo envio-lhe uma pequena nota para ser inserta no seu jornal hoje mesmo. Amanhã ou depois, então, sahirá, naturalmente, o seu juízo crítico sobre o grande livro do Paranhos. Certo? E porque não! Escreva-me, homem!*
>
> *Do seu,*
>
> *Odilon Negrão*

---

[239] Canada - antiga medida de líquidos que se dividia em quartilhos, e era a 12ª. parte do almude (a canada de Lisboa era equivalente a 1,4 litros). Fonte: Koogan/Houaiss. *Enciclopédia e Dicionário Ilustrado.*Rio de Janeiro: Ed.Delta, [s.d].

[240] Côvado = unidade de comprimento usada pelos antigos, variável segundo o país mas baseada na distância que separa o cotovelo da extremidade do dedo médio: 0,64968 m. (No Brasil o côvado valia 68 cm.) Fonte: KOOGAN/HOUAISS.*Enciclopédia e Dicionário Ilustrado.* Rio de Janeiro: Ed. Delta, [s/d].

A resposta de Frieiro à carta de Odilon demorou dois meses - a data é 7 de novembro de 1937 - e não me foi possível certificar se foi, de fato, enviada. Está grampeada à carta recebida, escrita com letra muito pequena e corrida, com abreviaturas não usuais, fazendo supor tratar-se de um primeiro rascunho. Transcrevo-a aqui:

> *Prezado Negrão:*
>
> *Ando muito ocupado, é certo, mas não ao ponto de não sobrarem vagares para escrever aos amigos. Ando ocupado, escrevendo, escrevendo, para viver. Sou também, agora, um grilheta da pena, obrigado à corvée do nulla dies sine línea. Disse adeus aos ócios dos anos passados, aos meus bons ócios de epicurista contemplativo. Escrevo o mais que posso, por obrigação, mas não para certas "rêdes" jornalísticas que logram os seus colaboradores, como acontecia com a da Cultura Brasileira, que me fintou dois dos quatro artigos que lhe enviei. Aliás eu já previa o fintão quando relutava em aceitar o convite que vocês me fizeram... Depois disso fui também logrado por outra "rede" da mesma marca, igualmente paulista. Recebi ontem a "História do Romantismo no Brasil". Anteontem. o J. Monteiro dava-me um exemplar da mesma obra. O Mont. rep.*[241] *aqui da Cultura, manda-me todos os livros publicados por essa editora. Ultimamente tenho-os recebido dele e daí, em duplicata. Parece-me que um exemplar de cada obra chega muito ... e sobra, na maioria das vezes. A livruxada nacional entra-me pela casa dentro, invadindo-a, tomando conta dela. O problema não está no tempo que se necessita para a leitura do nosso enxurro bibliográfico. O problema está, antes de nada, no espaço necessário para conte-lo. A secção bibliográfica do "Minas Gerais" não está a meu cargo há muito tempo. É do Gualter Gontijo Maciel* [242]*, agora. Estou encarregado, há meses, do folhetim de crítica literária da "Folha de Minas". E escrevo o "Boletim Literário" lido aos domingos na "Rádio Inconfidência". Mas, ocupo-me de dois, três livros a cada semana; e recebo-os aos montões, não se passando dia sem que receba algum. Tenho, sem exagêro, num recanto da minha pequena casa, dois metros cúbitos de livros recentemente aparecidos e que esperam fama duma noticiazinha. Os filantes de livros vêem até minha casa e levam braçadas... Fico-lhes muito grato por êsse descongestionamento. [...] (Grifos do autor)*

Vejo, nessa carta, o escritor em pleno desenvolvimento de sua carreira profissional. Afinal, dez anos após a estréia como romancista, sete livros publicados, já não cabe o disfarce da preguiça para fugir do convite inoportuno. Aos bons tempos passados, de ócio criativo, contrapõe, agora, a retórica do esforço do escrever como condenação. Mas, nessa sina de escriba incansável, que tira seu sustento da pena, deixa claro que não cabe compactuar com a deslealdade e a exploração do trabalhador. Descarrega nos termos pejorativos aplicados à produção bibliográfica nacional que lhe chega como uma onda invasiva – livruxada, enxurro bibliográfico - a sua aversão pelo modo de escrever e de publicar que não tenha a qualidade do texto e da edição como preocupação primeira.

---

[241] J. Monteiro, citado antes, representante em Belo Horizonte da Edições Cultura Brasileira.
[242] Gualter Gontijo Maciel, jornalista, escritor e crítico literário.

Ainda sobre a correspondência estabelecida com a supracitada editora, merece ser discutido aqui, o problema da remuneração invocada pelo escritor ao recusar o convite para escrever sob encomenda. A recusa a convites nessas circunstâncias demonstra a consciência profissional que Frieiro procurou desenvolver. Por certo essa posição era pouco usual, à época, no mercado das letras mineiras. Discutia, de fato, o preço de seu trabalho intelectual e foi até criticado por, supostamente, vangloriar-se pelo recebimento do mais alto pagamento entre os articulistas de jornais mineiros. Detestava dar entrevistas, mas, as que eventualmente concedeu, lhe foram pagas por exigência sua, como cumprimento à lei dos direitos autorais (LUCAS, 1982). Receber proventos por seu trabalho intelectual, ao qual se dedicava em tempo integral e de forma disciplinada, parecia-lhe um direito do escritor, tão legítimo, ou mais, que os proventos de intelectuais que ocupavam posições na máquina pública, ali colocados como uma benesse do Estado à elite sócioeconômica do país pelas *relações de favor*. Vez por outra, nas cartas, endereça uma ironia aos jovens *literatos oficiais*, como denomina aqueles jovens escritores bem-nascidos e brilhantes, chamados pelo poder para atuar como intermediários, em cargos técnicos e políticos, entre o Estado e a sociedade.

Por outro lado, se, coerente com suas convicções, reivindicava para o trabalho intelectual (seu e dos outros) um valor de mercado, Frieiro também trabalhou, e muito, *gratis pro amore,* na expressão latina que gostava de usar. Trabalhou sem vencimentos como professor, nos primeiros anos da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (FaFi-MG) e da Escola de Biblioteconomia. Também *pro amore*, trabalhou na Revista Kriterion, na qual, como já foi dito, desempenhou ao mesmo tempo o papel de diretor, secretário e editor, além de articulista e resenhista. Em carta de 1/10/1960 ao acadêmico Levi Carneiro da ABL, desabafa:

> *Recebi seus dois últimos bilhetes com os mais honrosos louvores a Kriterion. Agradeço-os, mais uma vez, pela Direção da Revista. Fico sumamente penhorado, e é com elogios como os seus que me sinto pago da trabalheira – gratis pro amore - que aquela publicação me dá. (Grifos do autor)*

Motivos para não escrever

Ter uma *bruta preguiça de escrever,* argumento apresentado por Frieiro ao editor Negrão para não colaborar na sua revista, não convenceu nem ao próprio editor. Na verdade, tratada como

nobre ociosidade[243] no último capítulo de *A Ilusão Literária,* a preguiça, ou o ócio, é, antes, estado propício à produção do espírito, indispensável ao poeta, ao artista, ao filósofo, ao sábio. A contemplação, pensa o escritor, não é a passiva atitude que de ordinário se imagina, não devendo ser confundida com a beatitude ou a abulia. Na vida de um Spinoza ou de um Kant, fechados entre as quatro paredes de um gabinete de estudo, encontra-se mais criação fecunda e, por conseguinte, mais atividade verdadeira que na vida do capitão de indústria mais empreendedor ou do homem de negócios mais dinâmico (FRIEIRO, 1983, p.135). Em minha opinião, o que, de fato, parece perturbar o escritor diante de muitos convites para escrever é o debate incessante entre a pulsão de se expressar através do escrito e a náusea que advém do comprometimento com uma expectativa pública, de um *script,* que deve representar a cada número de jornal ou revista. De fato, a intensa colaboração no jornal *Folha de Minas* desde novembro de 1936, publicando de três a seis críticas por mês (VIEIRA, 1967), parece ter levado o escritor a um impasse em relação ao jornalismo literário. Ao caro amigo Brito Broca expõe, em 27/09/1939, sem reservas, as angústias daquele momento:

> *[...]Não estranhe o meu silêncio, como eu não estranho o seu. Não sou, nunca fui e já agora não serei um epistológrafo. Aliás, qualquer actividade escrita, por mínima que seja, é para mim muito custosa. Sou um escriba apático e quasi negativo. Mas respondo sempre aos que me escrevem – e com prazer se se trata de amigo, como é o caso. Parei ou estou em transe de parar definitivamente com a minha secção Leituras da Semana, na Fôlha de Minas. Por que? Ora, por que há de ser? Pelo motivo supra-mencionado. Não gosto de escrever: por obrigação, quase nunca; por prazer gratuido, de raro em raro.*

A doença que quase o matou em setembro de 1940 serviu como pretexto para justificar, publicamente, o afastamento que já durava um ano. Mas, além disso, o impacto do grave incidente propiciou o aprofundamento da crise em relação ao ato de escrever.

Respondendo ao ensaísta e assessor editorial Edgard Cavalheiro em 18/04/1941, ao sair de um longo período de convalescença, revela:

> *[...] Voltei às minhas ocupações, menos à colaboração na Rádio Inconfidência e na Fôlha de Minas. Enjoei do jornalismo literário.*

Seria menos conflitante escrever para uma revista de projeção nacional, em companhia de outros intelectuais de sua admiração? Pois, diante de um convite vindo de São Paulo, não esconde a satisfação de ter sido lembrado, embora não se disponha a aceitar o compromisso de imediato. O convite parte do escritor Orígenes Lessa. Foi ele encarregado da edição da

[243] *Otium cum dignitate*, na espressão de Cícero.

Revista Planalto, editada em São Paulo, cuja proposta era divulgar artigos literários, filosóficos e científicos de intelectuais brasileiros que não estivessem publicamente na oposição ao Governo Vargas. A resposta de Frieiro, em 14/05/1941, repete a precaução com que estende sua rede de sociabilidade literária, buscando um difícil ponto de equilíbrio entre a liberdade pessoal e o compromisso social como escritor:

> *[...] Agradeço-lhe haver-se lembrado de mim para colaborar no Planalto. É uma honra, e, de mais a mais, honra com proveito. Mas só posso aceitar ... em princípio. Há muito que não escrevo para o Rádio e os jornais: desde fins de setembro do ano passado. Parei por motivo de doença – duas operações melindrosíssmas, e, já completamente restabelecido há mais de três meses, não tive até agora nenhuma vontade de retomar o jornalismo literário. Os mancais esfriaram, o motor recusa-se a funcionar. Aliás, nunca me agradou escrever por obrigação. Preciso muito, mas não escrevo, ou só escrevo a contragôsto. Enfim, prezado Orígenes, não recuso nem aceito o cativante convite. Se resolver aceitá- lo, escrever-lhe-ei. E talvez seja mesmo o Emílio Moura o escolhido para o primeiro artigo. Partilho sua admiração pelo nosso querido Poeta. E além disso tenho-lhe grande amizade. Mas a resolução ficará para depois, se me permite [...].*

Até onde pude investigar, a *Planalto* não recebeu o artigo assinado pelo nosso escritor. E, nos dois anos seguintes, ele continuou relatando a amigos do Brasil e de fora o curioso efeito colateral de sua grave doença: um insuportável enjôo do jornalismo literário. Assim, a Edgard Proença, jornalista, radialista e escritor conta, em 08/01/1942:

> *[...] Eu é que me acho agora reformado, ou pelo menos em disponibilidade. Desde meados de [19]39 deixei a "Folha de Minas!" (O rodapé de crítica literária é feito ali agora por Guilhermino César, um fino espírito, autor do romance "Sul"). Depois de setembro de 40 – e após duas graves operações que me afastaram por cinco meses do trabalho – parei com as minhas colaborações para a Rádio Inconfidência. E por ora não sinto nenhuma comichão de reencetar o jornalismo literário.[...].*

Ou ainda, durante o mesmo interregno, em 17/11/1942, escreve ao escritor José Maria Sena:

> *[...]Eu é que, depois da minha doença, há dois anos, perdi a vontade de escrever – que aliás nunca foi em mim muito forte. Embora me pagassem satisfatoriamente nos jornais e no rádio, continuo em chômage voluntária, com grave prejuízo do meu pequeno orçamento. Da crítica de livros, sobretudo, nem quero ouvir falar [...]. (Grifo do autor)*

E, enfim, ao intelectual argentino Raúl Navarro, em 26/12/1943, desabafa:

> *[...] Em fins de 40 fui acometido de uma grave moléstia que me afastou do trabalho por espaço de cinco meses. Perdi depois disso toda vontade de escrever, que na verdade nunca foi muito grande em mim. Passei assim três anos sem escrever uma*

> *só linha para jornal ou revista. Só agora por último é que estou voltando, e ainda com alguma repugnância*[244]*. [...]*

Recorre, outras vezes, ao isolamento da província como fator determinante para dificultar que seus escritos sejam lidos nos grandes centros culturais. Em carta ao intelectual argentino, Benjamin de Garay, em 19 de maio de 1937, comenta:

> *[...]Queixando-se do desprestígio do escritor na Espanha, exclamava Mariano José de Barra, há mais de cem anos: "Escribir en España es llorar!" Se vivesse em Minas, hoje, Barra exclamaria: "Escribir en Minas es rabiar!" O homo litterarius, aqui por êstes cafundós, vive como um Robinson. Por mais que faça sinais, ninguém lhe dá atenção às homenagens. O escritor provinciano não chega até o Rio de Janeiro, e fora do Rio de Janeiro não há no Brasil salvação literária. A própria metrópole, que é São Paulo, não passa de "província", literariamente falando. E mesmo no Rio é preciso pertencer a duas ou três cooperativas de "bombos mútuos", que distribuem diplomas de talentos aos associados. Não preciso dizer aqui quais são essas cooperativas. O amigo Garay, tão bem informado da "res" literária brasileira, como sempre anda, desde os tempos da "Revista do Brasil" do Lobato, sabe muito quais são, não é isso?*[245] *[...]. (Grifo do autor)*

E ao professor Braulio Sánchez-Sáez, em 11/02/1943, diz:

> *[..]De dois anos a esta parte nada tenho escrito, absolutamente nada, nem para a imprensa nem para o rádio, nem para o livro. Só tenho produzido ... consumo. Isto é, leio unicamente. É uma doce atividade de preguiçoso. Para que escrever? Para nada. Na província, não vale a pena. Não dá gosto nem proveito [...].*

Esta postura desencantada, quase *blasé*, coincide, de fato, com uma pausa entre o último livro - *Os livros nossos amigos -,* publicado em 1941, e *O diabo na livraria do Cônego,* que sairia em 1945, além de uma diminuição drástica na escrita de artigos para jornais entre 1941 e 1942.

A década de 40, que havia começado com o grande susto da doença e a recuperação quase milagrosa, prometia outras mudanças na vida *sem surpresas* do escritor. Aposentando-se do serviço público em abril de 1946, ele abre espaço para alguns planos que confidencia ao amigo Ciro dos Anjos, àquela altura bem situado como funcionário público no Rio de Janeiro:

> *[...]Embora menos do que antes, penso ainda em mudar-me para o Rio. Não por causa das Letras, mas a bem da saúde. Esses ares gunanabarinos fazem-me bem, e gosto imenso da paisagem carioca. Breve, quando aí for, examinarei as possibilidades de minha mudança. Desejaria adquirir aí um pequeno apartamento*

[244] Carta a Raúl Navarro, datada de 26/12/1943.
[245] Benjamin de Garay foi tradutor da obra de Monteiro Lobato na Argentina.

> *não longe do centro. Para isso, venderia uma casinha que tenho alugada aqui. Enfim, vagos projetos. É provável que eu apodreça por aqui mesmo.*[246] *[...]*

Segue, então, com a esposa para passar "quatro semanas de recreio na terra mais aprazível que eu conheço", e com a intenção de por lá ficarem, caso arranjassem "uma gaiola para morar". Retornam a Belo Horizonte no início de junho, sem terem conseguido encontrar um apartamento que lhes conviesse. Contudo, uma carta ao então Diretor da Casa de Rui Barbosa, Américo Jacobina Lacombe, dá a entender que a decisão de abandonar a província e ocupar um espaço no meio cultural da grande metrópole estava tomada pra valer, apesar dos subterfúgios sob os quais, na carta a Ciro dos Anjos, tenta esconder o seu receio de enfrentar o meio literário cosmopolita. A propósito, eis um trecho dessa missiva, datada de 3 de junho de 1946:

> *Prezado Professor Lacombe, minhas cordiais visistas.*
>
> *Agradeço as amistosas expressões de sua carta e o interesse nela demonstrado pela minha problemática mudança para o Rio. Pode crer que me é muito simpática a idéia de poder colaborar um poucochinho na publicação das Obras de Rui. Mexer com a impressão, a revisão, o arranjo, a obstétrica do livro, foi durante muito o meu ofício e é ainda agora a minha marotte. Não pense que a minha ajuda seria grande, mas mesmo pequena sempre ajudaria um pouco. E o caso é que o caro Amigo está a braços com uma tarefa ingente. A sua équipe é de primeira, mas comporta colaboração. Eu gostaria de colaborar em algma coisa, e mais que tudo ambiciono ser um dos habituados dessa ilustre Casa. Tudo é que eu possa encontrar aí o meu ubi. Até o fim do ano espero voltar ao Rio, e talvez consiga então o que desejo [...]. (Grifos do autor)*

Sobressai, nessa carta, o movimento pendular modéstia-orgulho, "direito e avesso dum mesmo sentimento de protestação viril", segundo palavras do próprio Frieiro[247] como efeito, talvez, do grande significado que aquela oportunidade representava para ele e que se processava, no seu interior, em meio a um intenso conflito. Mais do que morar no Rio de Janeiro - a Capital das Letras, a matriz intelectual do país -, aceitar o convite da Casa de Rui seria fazer parte daquela instituição cujo mister é tudo o que agrada a este bibliógrafo pesquisador, a este tipógrafo por vocação. O impulso incontrolável de diminuir-se não consegue esconder o orgulho por se ver o mais indicado para aquela grande tarefa para a qual não apenas se preparou a vida inteira como ainda era, naquele momento, a sua *marotte,* a sua mania, o que sabia fazer de melhor. Tal é, no fundo, o seu sentimento que, mesmo vendo a equipe da Casa constituída de pesquisadores do mais alto nível, ainda a vê incompleta, logo,

[246] Carta a Ciro dos Anjos, datada de 22/04/1946.
[247] FRIEIRO, E. *Novo Diário*, 1986, p. 287.

comporta colaboração, a sua colaboração, por suposto. Aquele lugar permanece vago, à espera da sua grande decisão!

Para melhor situar o valor desse convite, faço um parêntese para dizer que a atuação do professor e historiador Américo Jacobina Lacombe à frente da Casa de Rui Barbosa, de 1939 a 1993 (com duas breves interrupções, nesse período) foi das mais profícuas desde a sua fundação em 1928. De casa-museu destinada a preservar a antiga residência, os móveis, a biblioteca e o arquivo do grande jurista, além da publicação dos seus escritos, Lacombe transformou a instituição, ao longo de cinquenta e quatro anos de gestão, num centro cultural ativo e dinâmico, com posição destacada no cenário científico e cultural brasileiro. Como orientador e coordenador da publicação das Obras Completas de Rui Barbosa, transformou essa tarefa num dos mais arrojados empreendimentos editoriais do país, que chega, hoje, a 137 tomos publicados.[248] A esse projeto, justamente, Frieiro se referiu como *ingente tarefa*, para a qual estava sendo chamado a participar.

Pois bem, a resposta que lhe envia o Professor Lacombe, em 27 de junho de 1946, confirma a expectativa do escritor mineiro de vir a desempenhar um papel importante no centro de pesquisas e publicação da Casa.

> *[...] Depois que v. partiu tenho conversado com o Thiers [Martins Moreira] e o Ciro [dos Anjos] e soube com o maior entusiasmo que posso contar com seu adjutório desde que se instale no Rio. V. é a pessoa mais indicada para assumir a direção de grande parte dos volumes nos quais labutamos há tanto tempo. Isto é um achado como raramente se dá numa obra como a em que estou metido. Animado pos isso tenho me interessado em obter–lhe um apartamento. Mas é um problema. Cheguei a ver um que pertence a pessoa de minha família, localizado no centro. Mas achei um pouco pequeno demais, sem lugar para livros. Tenho a promessa de um grande proprietário de me avisar de qualquer vaga.*
> *A só notícia da possibilidade de sua ajuda foi-me um cordial. Imagine com que prazer entregar-lhe-ei algumas charadas e labirintos bibliográficos!*
> *Espero enviar-lhe breve o novo volume que está para sair, sobre a Constituição de 1891. Faça as críticas que já é uma boa maneira de colaborar.*
> *Com a maior amizade*
> *Do amº mtº sincero*
>
> *A.. Jacobina Lacombe*

Tudo parecia estar se encaminhando favoravelmente para a mudança tão esperada. Contava com o apoio de amigos bem situados na Capital Federal e com um emprego garantido na área que lhe causava tanto gosto. A tudo isso se somava o integral apoio da esposa, ela própria carioca e amante da cidade. Além do mais, com a aposentadoria no serviço público, a única

atividade regular que o prendia a Belo Horizonte eram as aulas na Faculdade de Filosofia. Estas, depois dos três primeiros anos que significaram *convívio fervoroso* com as letras hispanas, agora achava-as tediosas e perdia, progressivamente, o entusiasmo de continuar sendo professor. Mas, a bem da verdade, o desânimo com as atividades docentes não era apenas de Frieiro, senão parte da grave crise de insegurança institucional vivida pela Faculdade de Filosofia de 1943 a 1946.[249]

Surpreendentemente, no entanto, depois da carta do Prof. Lacombe, o assunto da mudança para o Rio, aparentemente dada como definida ou, pelo menos, em processo de decisão, desaparece das cartas e do diário. Nenhum comentário sobre a tentativa de achar um imóvel adequado, ou se o Diretor da Casa de Rui solicitou uma resposta definitiva, nada foi escrito sobre isso no diário nos meses seguintes às cartas trocadas sobre assunto tão importante. Desse modo, só me inteirei, de alguma forma, do seu sentimento após a decisão de permanecer em Minas, em uma carta escrita em 17 de julho de 1947, ao amigo Brito Broca. Eis como se refere à cidade, de onde não quis ou não conseguiu sair:

> *[...] Quando volto do Rio ou de S. Paulo, por poucos dias que permaneça nesses centros dinâmicos, sinto-me como que entorpecido. Belo Horizonte é realmente uma cidade triste, monótona, opaca. Logo que me reintegro no remanso do meu bairro sossegado, é como se entrasse no jardim da Bela Adormecida. É tudo muito brando e repousante, mas tórpido, sonambúlico. Atmosfera excessivamente sedante. Parece que há nitro e bromureto no ar que se respira.*

Esquivando-se da luta concorrencial, inerente à estrutura do universo literário dos grandes centros, pelo receio de não possuir tanto valor quanto exige de si mesmo, resta-lhe voltar à cidade triste e ao *remanso* do seu bairro (por acaso?) chamado Bonfim. Como a personagem evocada, posta a dormir para fugir de seu lado sombrio inoculado pela fada má, o escritor, escolhendo a invisibilidade de exilado no seu próprio país, pretende esconder sua dificuldade em lidar, a um só tempo, com o que deseja e teme: estar entre *os primeiros*.[250] Assim, Frieiro

---

[248] Cf. arquivo disponível em: <<http:// www.casaruibarbosa.gov.br>. Acesso em: 29 out. 2007.

[249] No período de 1943 a 1946 a Faculdade de Filosofia de Minas Gerais vive uma crise de grande insegurança institucinal, quando é obrigada a abandonar o apoio da Casa d´Itália e as instalações no Colégio Marconi uma vez que o Governo Brasileiro acabava de declarar guerra aos países do Eixo. Após a mudança para a Escola Normal (hoje Instituto de Educação), muitos professores foram desanimando do grande projeto intelectual que representava a criação de uma Faculdade de Filosofia, sem o apoio do Estado e um grande número se afasta, de fato, dada a precariedade das condições de funcionamento e os salários simbólicos. (Cf. HADDAD, 1988).

[250] "Ainda os mais orgulhosos, os *seletos,* os aristocratas da arte do espírito, também êsses ambicionam um público, um círculo especial de admiradores [...] Assim são todos, todos, até aquêles mesmos que fingem desprezar a notoriedade, a gloríola. Todos têm algum histrionismo e inclinam à charlatanice. Estão todos diante do público, uns a cortejá-lo descaradamente, fazendo cabriolas e trejeitos; outros, a cara amarrada, altivos, desprezadores da multidão obtusa; mas todos em atitude teatral, com uma só palpitação na alma: a de serem

encerra, no plano individual, o dilema que outros escritores, vindos de diferentes *periferias* do mundo, experimentam também em conjunto, em âmbito regional ou nacional: o acesso à existência literária que lhes é dificultada por ocuparem uma posição dominada e excêntrica no universo literário.

Vale lembrar, a esse respeito, o estudo de Casanova (2002, p.217-30), discípula de Bourdieu, sobre a estrutura desigual da República das Letras, que opõe os *grandes* aos *pequenos* (ou desprovidos e emergentes) espaços literários. Apresenta essa autora depoimentos de escritores contemporâneos do leste europeu, do mundo árabe, da África e da América Latina, cujos termos, para descrever seus sentimentos de exclusão, são tão ou mais dramáticos que o *tórpido* e *sonambúlico* usados por Frieiro para designar o seu refúgio mineiro. Contudo, um traço distingue o nosso escritor de outros *excêntricos.* Assim, enquanto muitos buscam a sua visibilidade literária à custa de lutas constantes, embora sempre denegadas como tal, em nome da universalidade literária e da igualdade de todos diante da criação,[251] Frieiro renuncia, de antemão, ao reconhecimento que poderia lhe caber, não se desfazendo, porén, do ressentimento por não ter lutado, por ter desistido antes de qualquer enfrentamento.

Ainda que pareça repetitivo, parece-me necessário acompanhar esse movimento de expectativa e renúncia nas cartas, ano após ano. Assim sendo, em 1954, confidencia a Brito Broca:

> *[...] Se eu não fôsse tão vacilante em tomar certas resoluções, a esta hora já eu estaria aí no Rio, de mudança por uns meses, quando nada. Ofereceram-me um lugar de relêvo, uma função pública de grande projeção para um homem de letras, muito a meu gôsto. Aceitei, no primeiro momento. Uma hora depois, tendo pesado os prós e os contras, dei o dito pelo não dito. Perdi, assim, a melhor oportunidade de me transferir para o Rio. Uma oportunidade de ouro. Estou meio arrependido. Digo meio, porque não saberia dizer, a frio, se fiz bem ou mal. Está escrito: morrerei na província, eu que a tolero mal e que, suponho, nada tenho de provinciano. [...] (Grifo do autor)*

Por essa carta, não é possível saber se se trata de outro convite, que não aquele feito pela Direção da Casa de Rui Barbosa em 1946. Tendo em vista a distância de oito anos entre um fato e outro, parece estranho não ter ele contado antes ao amigo Brito Broca sobre oportunidade tão significativa de realizar o velho sonho: viver no Rio de Janeiro. Por outro lado, atentando no tom melancólico que escapa da carta escrita ao mesmo Prof. Lacombe,

---

considerados *os primeiros."* FRIEIRO, E. Somos de circo. *Estado de Minas,* Belo Horizonte, 23 maio, 1948. [Incluído também no livro *O Elmo de Mambrino.* 1971. p. 70-75.]

em 31 de janeiro de 1955, chego a pensar que a recusa ao convite feito tantos anos atrás ainda não fora inteiramente digerida.

> *Meu caro Lacombe:*
>
> *Sua carta me pôs encabulado. Eu sou o mais relapso dos amigos, confesso-o lisamente porque é a pura verdade. Nisso de visitas estou sempre em falta com os melhores amigos. [...] Creio que tenho recebido todas as publicações da Casa de Rui Barbosa, e quero felicitá-lo mais esta vez pelo vulto e importância da obra já realizada. Vejo à minha frente, na estante, a extensa fileira dos trabalhos já impressos e penso no esfôrço que isso lhe tem custado. É qualquer coisa de muito grande.*
> *Quero que me releve as faltas e continue a distinguir-me com a sua amizade tão cativante.*
>
> *Abraça-o afetuosamente,*
>
> *[Sem assinatura]*

Olhar na estante os livros que chegam da Casa de Rui Barbosa parece avivar-lhe a tristeza de não fazer parte daquele trabalho bibliográfico grandioso que, por pouco, muito pouco, teria cabido a ele executar. A resignação de morrer na província é mais amarga! E a amizade literária, no que comporta obrigação e reciprocidade lhe é, de certa forma, uma relação dificil. Permanecer na província, por outro lado, pode servir de subterfúgio para justificar a grande obra que gostaria de ter escrito e, na sua avaliação, não chegou a escrever. Mas, conhecendo-se a si mesmo pelo exercício continuado da auto-análise, percebe o componente de escapismo embutido nesta justificativa. Escrevendo ao escritor pernambucano Tiago Lubambo de Brito, em 31 de janeiro de 1957, reconsidera reflexões feitas em cartas anteriores:

> *[...] Queixei-me da província, e nisso, penso eu, não há muito que estranhar pois são as muito conhecidas "queixas do espírito", ou que outro nome tenham. Quem vive satisfeito com o seu meio?Em boa verdade, não posso queixar-me muito. Fui proletário até os trinta anos – compositor tipógrafo. Comecei a escrever tarde, já como revisor de jornal e logo como redator. Mas graças, exatamente, a minha atividade literária, pude melhorar de condição social e econômica. E é certo que o espírito sopra onde quer. Se eu não realizei a obra que eu desejaria deixar, em parte é culpa minha e só em menor parte a do meio provinciano.*

O esforço de convercer a si mesmo não tem efeito duradouro e, entrado nos setenta anos, continua a listar as possíveis razões para a decisão nunca tomada:

> *[...] Por que tenho suportado a província? Por gôsto? Nada disso. Detesto-a. Tenho ficado aqui por inércia. Por falta de coragem de deixar um emprêgo modesto e aventurar-me no Rio. E porque era arrimo de familia, antes de casar. Depois, era*

---

[251] CASANOVA, 2002, p. 219.

> *tarde e não valia a pena. Por não ter podido libertar-me da província, considero-me frustrado como escritor . Não é pessimismo. É lucidez.*[252] *[...]*

Vale aqui ressaltar que tanto o indivíduo melancólico quanto o ressentido cultivam uma atitude amarga e pouco esperançosa da vida, rememorando, constantemente, algo muito importante que foi perdido mas que não sabem dizer o que, exatamente. No caso do luto, que Freud contrapõe à melancolia , em estudo realizado em 1915, o sujeito sofre uma perda real, mas, terminado o processo de desligamento do objeto perdido, retoma sua antiga disponibilidade para a vida, sem perder o amor próprio. Já na ocorrência da melancolia, cuja natureza do objeto perdido é mais da ordem do ideal que do real, o sujeito permanece ligado ao que supostamente perdeu e o *eu* desvaloriza-se como se fosse culpado do abandono que sofreu .[253] A diferença entre o melancólico e o ressentido, esclarece M. R. Kehl (2004, p.41) é que o segundo parece querer expulsar, de si, toda a responsabilidade em relação às causas de seu sofrimento preservando a convicção de sua integridade e projetando as representações do mal ao mundo à sua volta. Nesse sentido, as *queixas do espírito* de Frieiro parecem buscar o *causador* de sua infelicidade, ora dirigidas contra si próprio, escritor envergonhado, preguiçoso, proletário, ora à província. Mas, em ambos os casos, o testemunho do outro, distanciado no espaço/tempo da correspondência, viabiliza a *vingança imaginária* que ele deseja e mantém encoberta uma demanda que não quer ser satisfeita mas, ao contrário, visa à perpetuação da insatisfação. Daí, tantos convites recusados, tantos planos adiados que são negados na ladainha dos "Para quê?"

Por outro lado, denegar as ambições pessoais, frustradas ou não, faz parte, frequentemente, da estratégia de afirmação do artista. Em nome da universalidade da arte o escritor em questão se coloca acima do meio onde se travam as lutas pelos lucros simbólicos e materiais mas é uma posição que, contraposta à outras confidências epistolares de Frieiro, sugere também um subterfúgio do pequeno-burguês desprovido de capital social para inserir-se, ou manter-se, no campo literário, ainda que exaltando, sempre, o valor da liberdade ética.[254] O trecho a seguir, de uma entrevista concedida ao *Diário de Minas,* em 1960[255], ilustra esse posicionamente:

---

[252] Carta a Gualter Gontijo Maciel, datada de 14/01/1960.

[253] FREUD, S. Luto e melancolia. In: *Obras Completas. v.II,* p.2.017-2.033.
[254] BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
[255] PEREIRA, T. A. Eduardo Frieiro definitivo: "Não há literatura mineira!" *Diário de Minas.* Belo Horizonte, 17 jul. 1960. Caderno 2, p.2.

> Sinto-me perfeitamente honrado e recompensado [como escritor], se bem que eu nunca tenha escrito nada pensando em glória ou proveito. Sempre escrevi por amor às letras, com plena consciência da função pública do escritor e fé na eficácia da ação literária.

Não obstante o lapso temporal de 20 anos entre as declarações acima citadas e o trecho que apresento a seguir[256], o que quero assinalar é o distanciamento entre a sua imagem pública de *intelectual puro,* acima das disputas concorrenciais, motivado perenemente pelo amor às letras, oposta à turbulência interior que orientou os seus avanços e recuos no espaço literário brasileiro. Assim ele se manifesta:

> *[...] Parei de escrever em jornais desde novembro. Motivo? Parei temporariamente, o motor esfriou e se recusa agora a trabalhar. Não é a primeira vez que isso acontece. Por mais de uma vez tenho deixado de escrever nas fôlhas durante certo tempo mais ou menos prolongado. A verdade é que eu tenho muito fastio de escrever – eu que já escrevi alguns livros e uma quantidade enorme de artigos de colaboração para revistas e jornais. O meu desejo era escrever unicamente livros e tive esse propósito até que o abandonei pela dificuldade de encontrar quem os imprimisse. Considero-me por isso um escritor frustrado, que se resignou ao jornalismo literário, com pouco gôsto. Pois é. Apesar da minha teoria do "escrevo, logo existo", teoria geriátrica, propícia à conservação do Eu depois de certa idade, deixei-me vencer pelo fastio e parei com meu artigo semanal no "Estado de Minas" e o quinzenal do "Correio" [da Manhã, do Rio de Janeiro]. E é que também quero ver se consigo escrever um livro (sem importância) que tenho em projeto há muito. Porque o mínimo pretexto me serve para deixá-lo de lado. Estou tentando reagir. Quem me dera a facilidade graforreica do Luiz Camillo [de Oliveira Netto]! Sofro de prisão de ventre mental, boto fora meus artiguetes por entre puxos e tenesmos [...].*

A mal disfarçada ironia endereçada a outro intelectual mineiro, também pesquisador da história de Minas, com quem trocou algumas cartas, faz parte do jogo dos contrários que Frieiro pratica numa espécie de exercício dialético através do qual busca explicar o que considera o ritmo descontínuo da sua atividade de escritor. Ao mesmo tempo, a óbvia relação que ele apresenta entre a real prisão de ventre, que o acompanhou na infância e na juventude, e a constante angústia da escrita sugere a imagem derridiana[257] da criação poética, ou seja, as palavras atravessam por uma estreita passagem na qual significações possíveis se empurram e se emperram mutuamente. Como sintoma corporal repassado à escrita, o sofrimento de dar à luz a palavra escrita - "boto fora meus artiguetes por entre puxos e tenesmos" - está reiterado em outra frase sua : "...eu só concateno bem as idéias com a pena na mão. Mas com esforço, porque não sou homem do primeiro jato" (MENESES, 1967).

---

[256] Trata-se de um fragmento sem identificação de destinatário e sem data. Os assuntos tratados sugerem ter sido escrita nos anos 1940. Fiz questão de incluí-lo pelo significado dos sentimentos ai expressos.
[257] DERRIDA, J. *A escritura e a diferença.* São Paulo: Perspectiva, 1971.

A tensão presente no modo de se sentir escritor sintoniza, pois, uma espécie de movimento compassado de *ilusão* e desencanto literários. Esse movimento aciona a vontade de escrever, que, por sua vez, aciona o gesto desgastante de autoproteção ante a exposição de si próprio. Sobre essa ciclotimia, justamente para negá-la, o escritor já havia escrito a seguinte carta ao acadêmico mineiro Martins de Oliveira, em 9/12/1944:

> *Eu, neste ponto [homem de letras desiludido da atividade literária], não tenho nem poderia ter grandes desilusões porque nunca me iludi muito. Comecei a escrever tarde, depois dos trinta anos, já sem ilusões de qualquer espécie sobre a "res litteraria" e as minhas possibilidades de escritor. Tive relativo amor às letras durante uns dez anos, mas sempre sem grande convicção, e se hoje escrevo regularmente na imprensa é unicamente "pro lucrando", porque é um biscato que não posso dispensar. Na realidade, nunca acreditei muito na minha literatura – agora menos do que em qualquer outra ocasião* [258]*– e é talvez por isso que não escrevi nem escreverei nada que se eleve acima da mediania.*

Enfim, interminavelmente repetido nas cartas, também ao escritor Marques Rebelo deixa transparecer o conflito permanente entre escrever com o desinteresse absoluto do *letrado puro* (expressão sua), ou buscar as recompensas simbólicas e materiais que a atividade literária pode propiciar. Com Marques Rebello, por quem não tinha nenhuma simpatia (conforme havia confidenciado a outro correspondente), extravasa o seu ressentimento contra os franco-atiradores literários que esse, na sua opinião, encarnava:

> *[...] Há onze anos que escrevo nestes cafundós de Minas e ainda não sou lido ou conhecido nem mesmo em Belo Horizonte. Acha que posso, em caso tal, ambicionar a ser lido e conhecido em Portugal ou no Panamá? Devo pensar nessas altas cavalarias literárias? Responda, se for capaz. Não, prezado Rebello, eu não quero ser como certos literatos do interior, que cultivam o bem-aventurado intercâmbio e são por isso relativamente conhecidos nas três Américas, mas ninguém ou quase ninguém os conhece na própria terra.*[259]

E, já contando 71 anos, em carta ao intelectual Homero Senna, de 25 de maio de 1960, faz, em tom amargo, um apanhado de sua trajetória no mundo das letras, regida pelo sentimento de retração.

> *[...] Iniciei-me tarde nas letras, com um mínimo de "ilusão literária" e um tanto envergonhado de publicar, vergonha de que até hoje não me livrei inteiramente. Várias determinantes me embaraçaram a carreira das letras e a mais contrária foi o meu próprio gênio, arredio, a um tempo tímido e orgulhoso, mal adaptável ao <u>status</u> da "república das letras". Nunca cortejei louvores nem me arrimei a corrilhos de literatos. Jamais bati á porta de editores. Sou uma espécie de "Robinson literário", como eu mêsmo me defini numa entrevista que figura no "Testamento de uma geraação", de Edgard Cavalheiro. A essas qualidades*

[258] Nessa época, o escritor retomava suas atividades após a pausa motivada pela doença.
[259] Carta a Marques Rebello, datada de 10/05/1938.

> *negativas, inimigas do êxito, mesmo relativo, juntou-se a convicção de que fora do Rio não há salvação para o escritor que ambicione conquistar certa reputação nacional. Por que não me mudei, como fazem tantos? Por vários motivos alheios ao meu desejo.* [260]

Preso à ambivalência que rege a psique do indivíduo melancólico – *a um tempo tímido e orgulhoso* - Frieiro restringe os limites de sua trajetória profissional e a auto-acusação repetitiva, talvez necessária, para perpetuar essa espécie de insatisfação prazerosa. O amigo Aires da Mata Machado, que parecia melhor entender as suas contradições, não contém um laivo de impaciência fraternal. Comenta Ayres:

> [...] Muitos nunca ouviram falar nos seus livros? É a tal coisa... Frieiro aborrece o trato com os editores. Em regra, prefere editar-se, por sua conta e risco, sob os olhos do antigo tipógrafo, em pequenas tiragens que rapidamente se esgotam. Os editores deixam de publicá-lo porque o autor não os procura; êste não lhes oferece seus livros porque não vai com êles. Um dia, alguém há de romper o molesto círculo vicioso. Então far-se-á sentir, em plenitude, a benéfica influência de Eduardo Frieiro, a bem da própria dignidade literária, fundamental em qualquer das mil maneiras de conceituar e de praticar a dificultosa arte de escrever." [261]

Quais foram, pois, na vida de Eduardo Frieiro, as muitas "maneiras de praticar a dificultosa arte de escrever" e de atuar como intelectual? Responder a esta pergunta é o que proponho no capítulo a seguir.

---

[260] Carta a Homero Senna, datada de 25/05/1960.
[261] MACHADO FILHO, Ayres da Mata. A dignidade literária. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, 2 jun 1973. Suplemento Literário. v.8, n. 353, p.3.

4. FORMAS DE EXPRESSÃO: ESCREVER, EDITAR, ENSINAR, MEDIAR

4 FORMAS DE EXPRESSÃO: ESCREVER, EDITAR, ENSINAR, MEDIAR

> Para os que pertencem à espécie literária só há um prazer que se pode comparar ao de ler livros: é o prazer de escrevê-los.
> Eduardo Frieiro

Não pretendo, aqui, nesta espécie de estudo (auto)biográfico sobre Eduardo Frieiro, fazer uma análise crítica de sua obra ficcional e ensaística, tarefa que continua em aberto. Fiel à proposta de delinear-lhe o perfil intelectual seguindo o fio que ele vai tecendo na sua correspondência, detenho-me especialmente nos trechos de cartas que me possibilitem captar as suas próprias impressões como escritor e crítico, e sobre circunstâncias ligadas à gênese, publicação e recepção dos livros de sua lavra. Também me deterei nas outras atividades de expressão criativa que ele desempenhou ao longo da vida como editor, professor, bibliotecário, hispanista, procurando contextualizar as reflexões do missivista buscando ampliar, focar, situar, enfim, dar ao esbôço de auto-retrato desse intelectual, maior visibilidade aos olhos de potenciais leitores.

4.1 Romancista

Inicio, pois, minha análise, com questão sempre debatida por Frieiro. Ele tenta, diante do interlocutor epistolográfico, menosprezar sua pulsão escritural. Para que escrever? Por que escrever? Em carta a Josué Montello, em 28 de julho de 1959, com os habituais jogos justificantes, assume a sua vocação literária.

> *[...] Embora eu não tome a literatura muito, muito ao sério, a começar naturalmente da minha, e ainda hoje, tenha o maior pudor de publicar, é certo que gosto de me ver impresso, sobretudo em livro. Para isso, escrevo. Os outros motivos vêm depois. [...]*

Em outro momento, deixa entredito que haveria, na sua inclinação literária, um chamamento maior, não inteiramente realizado, à vocação de romancista. Respondendo à carta de Gualter Gontijo Maciel, em 14 de janeiro de 1960, comenta a seguinte passagem:

> *[...] Há tempos, um repórter literário do "Diário da Tarde" perguntou-me qual a minha vocação mais pronunciada – a de romancista ou a de crítico? Tive vontade de dizer: a de romancista, mas pensei melhor e respondi:- Nem uma nem outra coisa. Eis o que sou, ou suponho ser: um moralista, antes de nada. Um moralista que abandonou há muito a ética religiosa, um criticón (ao modo de Gracián) que observa os costumes e desejaria, sem esperanças, menos ruindade nos homens [...]. (Grifo do autor)*

Alguns anos depois, em entrevista[262], retoma esse ponto de vista com o mesmo sentimento de desencanto e autojustificação:

> [...] Meus primeiros livros eram romances e creio que a minha vocação é de romancista. Por que não continuei a escrevê-los? Esmorecimento. Sempre tive a convicção de que na província não há salvação literária. Deixei-me, pois, empolgar pelo jornal, e, assim, não realizei a obra que eu mesmo esperava de mim [...]

Aliás, como tenho observado, o divórcio entre o escritor e o meio merece prolongadas e repetidas considerações de Frieiro, na busca de uma razão *lúcida* para a sua frustração como ficcionista. Se nas cartas, ele próprio é a *vítima* dos constrangimentos impostos pelo seu meio social,[263] a província, em *A Ilusão Literária* estende a qualquer escritor ou artista de talento – o *homo oestheticus* - o sentimento de inconformismo e hostilidade com o meio de origem. Acrescenta Frieiro:

> Um escritor ou um artista de talento acha que o seu meio é o pior de todos. E volta-se contra ele, com impertinência, com ironia, com desprezo e, às vezes, com rancor e violência. [...] Semelhante estado de espírito é o causador do divórcio entre o escritor e o meio, ou resulta precisamente desse divórcio, que aumentaria ainda mais a natural solidão do autor? Metade e metade, talvez. Mas a solidão é um fato. (1983, p.75)

Na realidade, ele está pensando a questão da comunicabilidade do autor com o público e, de fato, mais adiante, reconhece que "[...] mesmo colocado contra a corrente, o escritor pede um público, numeroso ou seleto"(1983, p.75).

Embora tenha ele se recusado a seguir o fluxo da diáspora mineira rumo à Capital da República onde, assim lhe parecia, estaria o público do *escritor de talento*, escreveu e publicou, na província, quatro romances: *O Clube dos Grafômanos* (1927), *O Mameluco*

---

[262] MENESES, R. Como vivem e trabalham nossos escritores. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, dez. 1967. Suplemento Literário, n.2, n. 68, p.11.
[263] FRIEIRO, E. *A ilusão literária.* 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasilia: INL/Fundação Nacional Pró-memória, 1983. p. 75.

Boaventura (1929), *Inquietude, Melancolia* (1930), (título mudado para *Basileu*, a partir da segunda edição, em 1981), *O Cabo das Tormentas* (1936).

Quanto ao *O Clube dos Grafômanos,* livro de estréia, publicado às custas do autor, põe em cena um grupo de jovens intelectuais belo-horizontinos e seus debates sobre literatura e política. O mote que desencadeia a trama é a publicação de uma *Revista de Letras e Artes* que, como *A Revista* de Drummond e seus amigos modernistas, não passa do terceiro número. Bento Pires, personagem central e *alter ego* do autor, vai elaborando, ao longo dos capítulos, com segurança e independência, juízos e críticas afiadas ao cenário local e nacional. Outros tipos são o Vitoriano Ruas, poeta; o Porfírio Leiva, cético, que não acredita em revistas numa terra que tem horror à leitura; o pintor Santanna, esteta do grupo; o Pereirinha, poeta modernista, e o Leôncio, milionário e financiador do projeto. Mas, a rigor, o personagem principal é o próprio movimento modernista, fio que instiga o balanço de uma geração e situa a obra mais próxima do ensaio ficcional do que propriamente do gênero romance. Na opinião do autor *O Clube dos Grafômanos* é um "romance crítico, história de um cenáculo a que eu desejaria ter pertencido. Consegui muitos elogios, entre os quais o de João Ribeiro, mas o livro não se vendeu".[264]

A correspondência ativa de Frieiro, vindo ao conhecimento público, ajuda a ressaltar a intenção autobiográfica nesse primeiro livro. Ele afirma em carta a Homero Senna em 25/05/1960:

> *[...] No Club dos Grafômanos há um [?] de razão, o Bento Pires, porta-voz de algumas das minhas opiniões. Opiniões daquele tempo, entenda-se.[...]*

Encontro trechos auto-referenciais já lidos nas cartas e no diário, na fala de outra personagem do mesmo livro, o poeta Vitoriano Ruas, referindo-se a Bento Pires, o avatar de Frieiro:

> [...] Esse Bento Pires é o tipo acabado do autodidata. Espírito curioso e inquieto, tem percorrido sozinho, ao sabor de sua fantasia, o mundo imenso do conhecimento. Dotado de formidável capacidade de leitura, Bento Pires vai libando em todos os livros e em todos os autores, antigos e modernos. Sua "douta ignorância" (como ele mesmo diz), habilita-o a respigar em todos os assuntos com perfeita impunidade. Nada lhe é estranho: a filologia, a história, a sociologia, a literatura de ficção, a crítica de arte ... Bento Pires tem sido, sucessivamente, socialista, anarquista, romântico, nietzschiano,

[264] BRITO BROCA. Conversa com Eduardo Frieiro. *Pensamento da América,* Rio de Janeiro, 13 jul.1947.p. 94.

> faquirista, pragmatista, behaviorista ... flibusteiro do conhecimento, caçador furtivo da cultura, conhece todas as tretas com que se apanham as idéias [...].

Fisicamente, há igual espelhamento e Bento Pires é descrito como um sujeito miudinho, sem idade, olhos vivos e esquadrinhadores, sob a testa larga. Não falta ao tipo nem mesmo o sentimento de superação, com algum laivo de amargura, também já lidos em alguns trechos epistolográficos, como por exemplo, quando Bento Pires se refere à sua condição de autodidata: "Não há dúvida que guardo certo ressaibo contra as lacunas de minha educação, certo despeito contra os sêres afortunados que, desde o berço, encontraram tôdas as facilidades na vida: fortuna, posição, mestres, livros, cultura. Em compensação ficou-me o orgulho viril de ter vencido tôdas as dificuldades pelo meu próprio esfôrço" (FRIEIRO, 1981, p.21).

Inserida na mesma narrativa está a admiração de Frieiro por Machado de Assis, numa declarada relação de filiação literária. Em um dos últimos capítulos do livro em questão, o grupo de jovens intelectuais ensaia um balanço da literatura brasileira e o nome do grande escritor inspira Bento Pires a fazer uma proposta que, como ficção, antecipa em três décadas o feito real levado a cabo em 1958 por outros intelectuais brasileiros, também admiradores do *bruxo do Cosme Velho*[265]. Deixo que o próprio Eduardo Frieiro, em carta ao escritor e pesquisador Plínio Doyle, em 22/6/1960, reivindique a seu modo, isto é, discretamente, a primazia da idéia de uma Sociedade de Amigos de Machado de Assis.

> *Ilustre Amigo Dr. Plínio Doyle:*
>
> *Por intermédio do Sr. Amador Martins, recebi sua carta de 13 de passado e o n. 2 da Revista da SAMA. Felicito-o pela excelente apresentação da Revista, de que não vi primeiro número,*[266] *e muito lhe agradeço a gentileza de se ter lembrado de mim. Quanto à colaboração solicitada, terei muita honra em enviá-la caso me ocorra escrever alguma página que possa figurar sem deslustre numa publicação destinada a cultuar a memória de nosso máximo prosador. Por este correio, sob registro, estou-lhe enviando para a biblioteca da SAMA um exemplar de meu primeiro livro, O Clube dos Grafômanos, de 1927, onde há um capítulo intitulado "Brasilidade de Dom Casmurro", que termina assim: "Porque não se funda entre nós uma Sociedade de Amigos de Machado de Assis e se promove a tiragem de uma bela edição de suas obras completas?"*
>
> *Sempre às ordens, saúdo-lhe cordialmente*
>
> *[Sem assinatura]*

[265] O crítico Fábio Lucas em *Mineiranças,* 1991, p.128, comenta esta "proposta de certa forma profética", de Bento Pires/Eduardo Frieiro.

[266] O primeiro número, de 1958, foi intitulado *Boletim da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis.* A partir do segundo número trocou-se a denominação de *Boletim* por *Revista.*

Ora, em 1958, o Presidente Juscelino K. de Oliveira institui a Comissão Machado de Assis, com o objetivo de organizar e publicar a edição crítica da obra de Machado de Assis.[267] Plínio Doyle, integrante da comissão, funda a *Sociedade dos Amigos de Machado de Assis,* que passa a publicar uma revista semestral, a *Revista da SAMA*. Quanto ao artigo solicitado ao nosso escritor, nunca foi escrito, pelo que foi possível apurar.

Com referência ao segundo livro, *O Mameluco Boaventura,* conforma-se como romance histórico por desvio de intenção do autor. Na verdade, pretendia ele escrever um ensaio histórico focalizando o difícil estabelecimento da ordem legal na turbulenta capitania de São Paulo e Minas do Ouro no início do século XVIII pelo Conde de Assumar. Seu interesse particular pela história de Minas inclinava-se, desde o princípio, para uma linha crítica e revisionista. Nesse sentido, vinha se dedicando à leitura de documentos da época colonial buscando, sobretudo, novas informações sobre a figura carismática, assim lhe parecia, de D. Pedro de Almeida, Conde de Assumar, terceiro governador da capitania. Entretanto, acabou escrevendo um romance histórico, em cuja composição se empenhou a fundo, em busca da autenticidade nos tipos e no ambiente, bem como na linguagem. Publicado em 1929 às expensas do autor e sob o selo fantasia *Edições Pindorama*, como o primeiro livro, também com tiragem reduzida, esse romance recebeu crítica favorável por parte de críticos da época como João Ribeiro, Sud Menicucci, Medeiros de Albuquerque, Humberto de Campos. Este último escreveu no *Correio da Manhã,* Rio de Janeiro, 3 de abril de 1929, o seguinte:

> [...] Manuseador, parece, de documentos antigos, pôde o romancista mineiro reconstituir os cenários de Vila Rica e do Carmo nos primeiros dias do século XVIII, e, o que é da mais difícil, pôs-nos em contacto com a linguagem do tempo. O seu vocabulário, de admirável precisão nas descrições e de louvável contemporaneidade nos diálogos, dá-nos a impressão de que defrontamos um escritor que se deixa absorver pelo assunto que versa, e, o que é mais importante, preocupado em realizar uma obra que, podendo agradar ao vulgo, possa, igualmente, ser manuseada com encanto e proveito pelos estudiosos. [...]

Outra não era a intenção do autor, pelo que pude deduzir de uma resposta sua ao escritor e pesquisador da história mineira, Luiz Camillo de Oliveira Netto, que lhe sugeria a reedição de seus livros:

---

[267] Os originais das atas das sessões realizadas pela Comissão Machado de Assis estão arquivadas na Secretaria da Academia Brasileira de Letras.

> *[...] Tenho, por exemplo, O Mameluco Boaventura, aparecido em 1928 e esgotado em menos dum ano. E êsse, digo-o sinceramente, sem falsa modéstia, está pedindo uma reimpressão. É livro ameno, para qualquer leitor e pertencente a um gênero bobo, o histórico, ou pseudo-histórico, mas que conta milhares de apreciadores.*[268]

A segunda edição saiu em 1941, pela Livraria Editora Paulo Bluhm, de Belo Horizonte. Uma terceira edição foi negociada com a Edições Saraiva, de São Paulo. Ao Secretário da editora, ele envia uma carta objetiva e breve:

> *Em resposta ao seu estimado favor de 27 de setembro próximo passado, que muito agradeço, devo comunicar-lhe que não me parece interessante a proposta feita para a publicação de O Mameluco Boaventura na Coleção Saraiva.*
> *Sempre às ordens, saúda-o muito atentamente,*
>
> *[Sem assinatura]*

Com a falta da carta enviada pela Editora Saraiva (não a encontrei no Acervo Frieiro), não fiquei sabendo quais aspectos da proposta de edição não agradaram ao escritor nesse primeiro momento. O certo, porém, é que chegaram a um acordo, já que a terceira edição veio a lume por essa editora em 1962.

Sobre o terceiro romance intitulado *Inquietude, melancolia,* escreveu o crítico Aires da Mata Machado.[269]

> A sua surpreendente versatilidade permitiu-lhe [a Frieiro] ao lado da obra de ensaísta e crítico, a publicação de outro romance, completamente diverso dos anteriores. Quero aludir a *Inquietude, melancolia*, que é de 1930. Romance psicológico, onde há páginas de rara beleza, estuda as tribulações e angústias de um tímido, quase abúlico, a viver entre ousados, afortunados e outros que pareciam felizes. Nem há como esconder-lhe os elementos autobiográficos. Dos romances de Eduardo Frieiro esse é que mais agrada à minha sensibilidade.

Não obstante a afirmação de Aires da Mata Machado, *Inquietude, melancolia* tem em comum com o *O Clube dos Grafômanos* o modelo narrativo chamado crônica de geração ou geracional, modelo presente na tradição literária mineira do século XX, notadamente com Ciro dos Anjos em *O Amanuense Belmiro* e Fernando Sabino em *O Encontro Marcado*[270]. A estrutura narrativa utilizada por Frieiro nos dois romances desenvolve-se em torno de um grupo de personagens de uma mesma geração. Em ambos os livros, eles se aproximam e

---

[268] Carta a Luiz Camillo de Oliveira Netto, datada de 28/06/ 1936.
[269] MACHADO FILHO, A. da Mata. Eduardo Frieiro, romancista. *Diário de Notícias,* Belo Horizonte, 15 out. 1961. [s.p.]

reunem-se em torno de um evento circunstancial: estréia de um livro e de uma revista literária. Em o *Clube dos Grafômanos* o encontro se dá na república de estudantes e, no botequim do italiano, em *Inquietude, melancolia*. Também nas duas obras, esses eventos ensejavam-lhes discussões e reflexões sobre questões de seu tempo. É nesses debates que a personagem principal vai tomando corpo e passa a desenrolar o fio linear da história enquanto as outras vão sendo chamadas pelo narrador apenas para dar suporte ao tema de fundo - as dúvidas existenciais do protagonista e sua dificuldade em fazer o trajeto da reflexão à ação.

Outro aspecto característico da crônica geracional presente em *Inquietude, melancolia* é seu bordejo com a narrativa autobiográfica. Como ressalta L. C. Alves, prefaciador da segunda edição, por esse motivo, muitas vezes, ela pode "ser vista como um *roman `a clef*, no qual personagens e acontecimentos narrados são a máscara de pessoas e fatos situados no domínio da experiência direta da realidade," além da preocupação do romancista "com a localização e a datação verdadeiras, quase sempre explícitas, da estória contada".[271]

Embora Frieiro não submetesse nunca seus manuscritos à opinião de outras pessoas, com alguns correspondentes fala longamente sobre sua obra, da gênese à recepção. Sobre o romance em questão, confidencia a Homero de Senna, em carta já mencionada de 25/05/1960:

> *[...] Em outro romance meu, "Inquietude, melancolia" (de que lhe remeto agora um exemplar), a figura central, o Basileu Prisco, alter ego do Bento Pires, apresenta traços de temperamento e de caráter semelhantes aos meus, na juventude. Assim o entendo, quando nada. Êsse romance foi bem recebido pela crítica, mas, como acontece tão a miúdo, os críticos admitiram a obra sem a compreenderem. "On n'est jamais compris, dizia Cocteau, on est admis". E a intenção me parecia clara. Basileu Prisco é um moço tímido, egocentrista, um intelectual pequeno-burguês de princípios do século, deprimido pela dúvida de si mesmo, atormentado pelo sentimento da própria inutilidade. Autista, propenso à hipocondria, considera-se um ôvo gorado. Afinal, êsse ansioso voltado para dentro de si mesmo encontra na mulher e no casamento o generoso élan para aceitar o destino do homem comum, a sua própria historicidade. Nesse romance de "educação sentimental" um crítico atento veria hoje – é uma suposição – um romance de tom existencialista kirkegaardiano. (Grifos do autor)*

À amiga Ruth Nielsen, cinco anos depois, em 26/01/1965, escreve argumentos parecidos. Vejamos:

---

[270] Cf. LUCAS, F. *Mineiranças.* Belo Horizonte: Oficna de Livros, 1991, p.127-3; ALVES, L.C. Inquietude, melancolia, agora Basileu. In: FRIEIRO, E. *Basileu.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. p.1-11.
[271] ALVES, L. C. Inquietude, melancolia, agora Basileu. In: *Basileu.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. p.9.

> *Êsse livro foi por mim refundido com vistas a uma possível (se bem que pouco provável) nova edição. É um livro do passado. Basileu, o principal personagem do romance, e seus companheiros de mocidade pertencem à geração pequeno-burguesa de princípios do século, a que tem pouco mais de vinte anos quando termina a guerra de 14-18.[...]É um romance de "educação sentimental". O inquieto e inadaptado Kierkegaard, atormentado na sua solidão, fêz a apologia do ideal pequeno-burguês: a vida pacata, junto à lareira doméstica, ideal que êle não pudera alcançar, pela impossibilidade de ser marido. Basileu Prisco, embora sem vencer as dúvidas que o inibiam, aceitou afinal o destino comum de homem moral: constituiu seu próprio lar e tornou-se gato de borralho. Mas como custou a êsse cerebral imaginativo alcançar o que o homem vulgar realiza sem dificuldades.*

A nova edição que o autor desejava de esguelha, à maneira dos tímidos, saiu, afinal, pela Itatiaia, em 1981, um ano antes de sua morte. Coube-lhe, assim, a chance de escrever uma *Nota para a segunda edição,* na qual alude, como já o fizera em cartas e no diário, à defasagem entre o seu projeto e a interpretação dos críticos. Na sua opinião, embora muitos críticos tenham se ocupado da obra, em geral, de forma positiva, não a entenderam bem

> [...] Não se poderia dizer, entretanto, que a tivessem apreciado com justeza. Admitiram-na, sem a compreenderem bem. Não é esse, em verdade, o destino de tantas obras? Não obstante a extrema singeleza do livro, a crítica não atinou para a intenção do Autor, que era a de gizar o caráter imaturo de um moço tímido e inquieto, um intelectual deprimido pela dúvida de si mesmo.[272]

No seu diário[273] já havia anotado, em 10 de fevereiro de 1948, queixa semelhante:

> [...] A psicologia individual de Adler e dos de sua escola estava divulgadíssima ao tempo da publicação de *Inquietude, melancolia.* Termos como *sentimentos* (ou *complexos*) *de inferioridade* já haviam saído das clínicas psiquiátricas e passado à linguagem corrente. Entretanto, ninguém, entre os muitos críticos que falaram de Basileu Prisco, se lembrou de tocar nesse ponto nuclear, donde saiu a personagem como o cristal sai da água-mãe. E nunca foi novidade na literatura a apresentação de personagens ou tipos em que se observa uma perturbação da função estimativa. Esse mal psíquico já se encontra analisado em Montaigne, e antes de Montaigne.

Lendo algumas das críticas contemporâneas ao lançamento do romance e posteriores a ele, parece-me exagerada a insatisfação de Frieiro para com a incompreensão da crítica. Sem a pretensão de fazer uma análise literária, terreno dos críticos, penso que pelo menos Carlos Drummond de Andrade[274] e Aires da Mata Machado[275] leram esse livro com sensibilidade,

---

[272] FRIEIRO, E. *Basileu.*Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. p. 14
[273] FRIEIRO, E. *Novo Diário.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. p. 336
[274] ANDRADE, C. D. de. Eduardo Frieiro: Inquietude, melancolia. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, 30 maio 1930. Publicações. p.8.
[275] MACHADO FILHO, A. Edtardo Frieiro romancista. *Diário de* Minas*,* Belo Horizonte, 15 out. 1961. [s.p]

certamente percebendo a angústia existencial do intelectual Basileu como eixo central em torno do qual gira toda a construção narrativa.

Parece-me curioso, entretanto, como o Frieiro escritor almeja ser lido e compreendido nos limites da sua intenção. Nega, paradoxalmente, a idéia de *leitor suficiente,* evocada por Montaigne, seu mestre sempre citado, leitor que pode encontrar mais sentidos no texto lido do que aqueles que o seu próprio autor pudesse dar. Além do mais, se realmente se esperasse uma resposta para a pergunta retórica do autor de *Inquietude, melancolia* – "Não é esse, em verdade, o destino de tantas obras?" - o contra-argumento mais incisivo, não obstante a complexidade da questão da intencionalidade do autor, talvez pudesse oferecê-lo Compagnon (1999, p.85) quando diz que a significação de uma obra transcende a intenção primeira de seu autor e de seus contemporâneos (a primeira recepção), e pode dizer algo de novo a cada época. E, ainda, para que gerações futuras tenham interesse por uma obra e valorizem-na, seu sentido não poderá se submeter à intenção do autor nem do contexto de origem (histórico, social, cultural).

Por fim, da primeira para a segunda edição de *Inquietude, melancolia*, além da mudança do título, que trazia, àquela altura (1981) um certo ar datado, há mudanças estilísticas e formais, com cortes e acréscimos. De qualquer maneira, o pesquisador que se dispuser a fazer um estudo comparativo das duas edições encontrará bom material de apoio no Acervo Frieiro: o original manuscrito, anotado pelo autor, além de comentários sobre a obra inseridos na correspondência e no diário.[276]

Cabo das Tormentas, que fecha o ciclo ficcional do escritor, foi publicado em 1936, sob a chancela de Os Amigos do Livro, consórcio editorial pensado por Frieiro sobre o qual falarei mais adiante. A origem dessa obra é curiosa e foi lembrada por alguns dos contemporâneos do autor por mim entrevistados para a realização da tese. O romance narra a crise existencial de um homem chegando à idade crítica dos quarenta anos, *o cabo das tormentas,* quando, então, vive uma experiência extraconjugal. Na verdade, ele se inspirou no caso real de pessoa que lhe era próxima e que lhe fazia confidências. Passado na provinciana Belo Horizonte dos anos

30, esse *roman à clef* causou celeuma na cidade, rendendo ao autor, além da satisfação de ser um escritor reconhecido, inimizade (passageira) do velho amigo transformado em personagem. Com sua voz cavernosa e pausada, o mesmo amigo, nas habituais rodas de conversa em frente ao Edifício Guimarães, na Av. Afonso Pena, vingava-se dizendo: "- O Frieiro não é nenhum inventor criativo! Os meus diálogos com F..., que lhe contei, estão todos alí, sem tirar nem pôr!"[277]

Mas, a crítica reconheceu, nesse quarto romance, o amadurecimento do ficcionista que, "na sua discreta malícia e no seu estilo agudo e conciso [é] herdeiro direto da vertente machadiana".[278] Para Guilhermino César "[...] com a publicação de *O Cabo das Tormentas* o seu estilo tornou-se mais direto, sua linguagem mais saborosa, sem perder de vista aquela sobriedade que é o segredo dos escritores realizados".[279]

Pensando numa segunda edição, que viria só em 1981 pela Itatiaia, de Belo Horizonte, o próprio autor escreve no *Novo Diário,* em 1 de janeiro de 1947, o seguinte:

> [...] Estou acabando de reler e emendar O Cabo das Tormentas, com o pensamento em uma nova edição. Entre as minhas obras, é a que mais me satisfaz, como prosa, como estilo. Como romance de observação e introversão, tratado à maneira naturalista, parece-me bem construido, narrado, e trovejado com rigorosa técnica. Nada encontro nele que precise de retoque, e eu sempre retoco, emendo, refundo, escrevo de novo os meus trabalhos, mesmo em se tratando de simples escritos para a imprensa." (1986, p.291)

Concluindo este tópico, oitenta anos se passaram desde a publicação do primeiro livro de Eduardo Frieiro, o romance-ensaio *O Clube dos Grafômanos,* de 1927. O escritor que fazia sua estréia já se revelando "um espírito original, um escritor seguro, de idéias claras" (LUCAS, 1991, p.128), esperava encontrar no gênero romance o seu caminho na República das Letras. Publicou, como visto, quatro romances, mas tornou-se mais conhecido e admirado como ensaista e através do jornalismo literário.

---

[276] Neste sentido, há um trabalho inédito, ao qual não tive acesso, elaborado como Projeto de Iniciação Científica da Faculdade de Letras da UFMG: LAGE, Ana Flávia Sartori. *Confrontando edições*: *Inquietude, melancolia e Basileu, de Eduardo Frieiro*. 2001. Orientação da Profa. Haydée C. Ribeiro.

[277] Informe repassado em conversa minha com o editor Pedro Paulo Moreira, da Editora Itatiaia, em julho de 2006.

[278] ATAÍDE, Tristão. *Diário de Notícias,* Rio de Janeiro, 4 dez. 1960. [Recorte]

[279] CÉSAR, Guilhermino. *Folha de Minas,* Belo Horizonte, 5 jul. 1937. [Recorte]

É possível que novas leituras de toda a sua obra ficcional, disponível hoje no catálogo da Editora Itatiaia, levem à reavaliação crítica de suas qualidades literárias como romancista. Nesse sentido, parece-me oportuno relembrar a pergunta feita por Carlos Drummond de Andrade, por ocasião da publicação de *Basileu*, em 1981: "Qual a posição desse livro e desse autor no quadro literário nacional?" E próprio poeta responde:

> [...] Eduardo Frieiro seduz-nos pela disciplina do seu espírito, avesso a fórmulas porém subordinado às leis superiores do bom gosto, claro e mediterrâneo, sem porisso deixar de ser do nosso tempo atormentado, em que os dados do espírito constantemente se renovam para propor-nos situações absolutamente inconcebíveis pelos homens de outrora. Reclamado pelos amigos da literatura tradicional, disputam-no, por sua vez, os representantes da intelectualidade nova do Brasil, que, embora o reconhecendo clássico, orgulhosamente o proclamam moderno.[280]

4.2 Crítico literário

A trajetória de Eduardo Frieiro como crítico literário começa em 1924 escrevendo artigos sob pseudônimo que enviava, quase às escondidas, ao jornal *A lanterna*, de São Paulo e ao pequeno jornal *Avante!* do Dr. Amadeu Teixeira, de Belo Horizonte. Ainda que não cultivasse o gosto do paradoxo ou do ceticismo como atitude, como observou Brito Broca, Frieiro, *escritor envergonhado* faz uma entrada polêmica e memorável no espaço letrado da capital mineira, conforme já citado, com o artigo contundente sobre os jovens modernistas, intitulado *Brotoeja Literária*. Desde então, continuou contribuindo, regularmente, com algumas interrupções, até a década de 1960, para jornais e revistas de Minas, Rio de Janeiro e São Paulo, além de trabalhos avulsos publicados em outros centros como Curitiba, Porto Alegre e Buenos Aires (VIEIRA, 1967). Os principais periódicos em que publicou suas críticas literárias são:

- Belo Horizonte:

Diário de Minas, *Avante!, Minas Gerais* (artigos isolados e duas colunas: "Publicações" e "Livros Novos"), *Diário da Tarde, Estado de Minas, Folha de Minas* (artigos esparsos e duas

[280] ANDRADE, C. D. Eduardo Frieiro: Inquietude, melancolia. *Minas Gerais, Supl. Liter.,* Belo Horizonte, 30 maio, 1930. p. 13.

colunas assinadas: Boletim Literário, repetido ao microfone da PRI-3, Rádio Inconfidência de Belo Horizonte, aos domingos, e Leituras da Semana;
Kriterion, Serviço de Imprensa da Rádio Inconfidência (esses artigos eram distribuidos por uma rede de periódicos mineiros), *Revista da Academia Mineira de Letras, Comércio e Indústria (Suplemento).*

- São Paulo: *Diário de São Paulo. Folha da Manhã.*
- Rio de Janeiro: *Correio da Manhã, Revista do Livro, Revista Brasileira.*
- Buenos Aires: *La Prensa.*

O início de sua produção no jornalismo literário deu-se no órgão oficial do Estado, o *Minas Gerais,* numa fase do cenário cultural do país marcado pela precariedade de condições das formas de produção e disseminação do conhecimento. Em carta a Vivaldi Moreira, datada de 19 de dezembro de 1937, faz, a esse respeito, as seguintes considerações:

> *[...] Há vários anos, encorajo o mais que posso (não sei se estou fazendo bem ou mal) aqueles que se afoitam a publicar livros nestes sertões, livros de tirangens diminutas, que raro aparecem nalguma livraria e ninguém lê. Na seção bibliográfica que mantive no Minas Gerais, e agora tenho aos domingos na Folha de Minas, segui sempre, e ainda sigo, a norma de acolher com a máxima simpatia os trabalhos de autores mineiros que chegam às minhas mãos. Todo trabalho intelectual merece respeito, e merece-o especialmente em nosso Estado onde a publicação de livros representa verdadeiro heroísmo; se é que não significa um caso grave de escribomania, o que, para se dizer toda a verdade, é o mais frequente, aqui e alhures. Letras Mineiras*[281]*, bem o viu, prova a simpatia e, alguma vez, a tolerância com que tratei os autores que ali figuram. As restrições, ou por vezes alguma pequena perfídia, - se existem – acham-se nas entrelinhas, mitigadas com o mel da lisonja.*
> *[...] Devo também dizer que no Minas Gerais, órgão do Governo, eu não podia destratar ninguém. Na Folha de Minas é outra coisa. Lá preferem severidade, independência e, sendo possível, irreverência e malcriação. Não peço tanto... [...]*

Nesse trecho epistolográfico, próximo da autocrítica, o autor reflete sobre a definição do lugar e do papel do crítico, considerando as especificidades dos textos em análise e sua relação com o contexto político/social. Deixa transparecer sua posição relativa à literatura produzida em Minas nas primeiras décadas do século XX, revelando não apenas a sensibilidade e a argúcia do crítico como também reconhece a importância da bibliografia histórica como trabalho auxiliar dos estudos literários. Em outras palavras, Frieiro tinha clara consciência de que o papel do crítico e do historiador literário, sobretudo nos espaços culturais periféricos, seria grandemente prejudicado se não estivesse garantida a coleta, a guarda e a conservação de

[281] FRIEIRO, E. *Letras Mineiras (1929-1937).* Belo Horizonte: Os Amigos do Livro, 1937.

textos publicados. Para tal, a figura do bibliotecário é imprescindível, e, não menos importante, a do bibliógrafo. Deve-se a eles a descrição analítica e disseminação dos textos a um público específico. O que Frieiro faz, com gosto e competência, é, pois, enfatizar a importância do trabalho bibliográfico agregando a ele o seu intento de crítico literário.

Com referência aos críticos de rodapé, se é verdade que eles não seguiam modelos teóricos definidos, compartilhavam, em contrapartida, uma verdadeira *obsessão pela liberdade*, segundo expressão usada por Alceu Amoroso Lima (1980). Para o pensador católico como para Frieiro, embora distanciados ideologicamente, esse labor literário, de caráter impressionista e subjetivo, só medra quando há liberdade de pensamento e honestidade para consigo mesmo. Nesse sentido, acreditam ambos que o crítico literário deva se colocar no lugar do leitor que analisa suas próprias impressões de leitura, sem qualquer compromisso com um sistema, ou um grupo, ou uma geração. Essa questão da liberdade do crítico é retomada muitas vezes, por Frieiro, nas suas cartas.

Mas, a independência de pensamento que ele almeja, a crítica literária superior que lhe agrada ler, mais do que escrever, é

> [...] a crítica interpretativa, criadora ou recriadora de valores, [que] descobre com lucidez o encanto poético ou a riqueza emocional que se expressa numa obra, capta a sua específica beleza formal, examina a necessidade interna da sua composição, surpreende a visão de mundo do autor e até mesmo formula o que ele deixou informulado [...] (FRIEIRO, 1983, p.96)

Segundo Frieiro, anteriormente ao debate suscitado pela *nova crítica*, "só houve um Herder na literatura alemã, um Sainte-Beuve na francesa, um Croce na italiana, um Menéndez Pelayo na espanhola, um Mathew Arnold na inglesa, um Bielinky na russa." (FRIEIRO, 1983, p.97).

A sombra desses monumentos da crítica européia do século XIX e acreditando que os críticos são os primeiros a considerar, com ceticismo, o ministério que exercitam, o nosso escritor adota, publicamente, ou, mais precisamente, nas suas relações epistolares, uma postura cautelosa, senão desencantada, em relação ao seu próprio papel de crítico. Deixa transparecer, a vários interlocutores, o desconforto que lhe causam as relações entre críticos e autores contemporâneos, tema, aliás, que nomeia um capítulo de *A ilusão literária*. É o que retrata nesta carta à escritora Mietta Santiago, em 21 de junho de 1936:

> *[...] Deus me livre de fazer crítica e mexer nesse vespeiro que é a fauna literária! E não há dúvida que a tarefa de crítico é melindrosa a mais não poder ... Quando se trata de obra poética, então, a cousa torna-se delicadíssima, seríssima, escabrosíssima...[...] Eu admiro, não há dúvida, os que me parecem admiráveis, mas guardo-me cautelosamente de dar opinião em matéria tão difícil. Não me sinto qualificado para essa perícia.*

Também a Brito Broca, em 27 de setembro de 1939, faz referência à repugnância por essa tarefa:

> *[...] Estive fora tres semanas, no Rio. Motivo para não escrever o rodapé, durante esse tempo. Na volta, mal acostumado com as minhas férias de crítico, fui vencido pela preguiça. Mas não é só indolência: é sobretudo repugnância – antiga, incoercível – por essa inglória, ingrata e desgostante tarefa de dizer vulgaridades, insinceridades ou bobagens sôbre o nosso magro vient de paraître. (Grifo do autor)*

Ao crítico argentino Raúl Navarro, em 5 de outubro de 1939, não poupa adjetivos para qualificar a mesma tarefa:

> *[...] Nunca me agradou a tarefa de apreciar obras novas, regularmente e por obrigação. Estou cançado, enjoado desa tarefa indigesta, ingrata e sumamente enfadonha – ademais de estéril.*

E, ainda, ao poeta mineiro Dantas Motta, em 11 de fevereiro de 1945, escreve:

> *[...] Não sou crítico, reconheço a minha incompetência em julgar poetas. Nunca fui crítico por convicção, mas unicamente contra a minha vontade, durante algum tempo. Já não o sou, felizmente.*

Os trechos dessas cartas permitem-me dizer que o ceticismo do autor com referência à *critique des vivants*, está relacionado não apenas ao valor da crítica, ao critério de valor de permanência de uma obra, mas também à falibilidade dos juizos humanos. Em *A Ilusão Literária* (1983, p. 87) recoloca questões usuais como: "– para que serve a crítica? Onde estão as leis que a regem e orientam?" para concluir que, sim, a crítica é o complemento necessário da literatura e funciona como seu aparelho regulador. Se há juizos discutíveis, suspender todo juízo seria cair na apatia, na insensibilidade, na indiferença. É, pois, da discussão dos vários modos de ver e de sentir, da oposição dos partidos, do atrito das idéias que flui o senso do relativo e se extraem lições de sabedoria, que dependem do tempo, da perspectiva histórica.

O que ele, enfim, parece acreditar, é que "só se pode dar o nome de crítica à interpretação ou exegese das obras culminantes consagradas pelo tempo. Das obras contemporâneas não é

possível fazer senão modestas crônicas literárias com prudentes apreciações que sirvam para orientar o público" (FRIEIRO, 1983, p.90).

No entanto, aos seus correspondentes ele apresenta razões mais prosaicas para se afastar de uma atividade que ele exerceu por tanto tempo. Quando nada pela repetição, o seguinte comentário inserido em carta ao editor Edgard Cavalheiro, em 25 de janeiro de 1944, expressa sua decisão:

> *[...] Há cinco meses que voltei a escrever – por necesidade pecuniária, não por gosto, - na Folha de Minas, semanalmente. Mas nada de crítica de livros. A repugnância que sempre tive por essa ocupação tornou-se em mim uma fobia. Só escrevo sobre obras e autores do passado. Gosto de repetir: o literato bom é o literato morto. Vivo, só de outras terras.*

E ainda, neste trecho, justifica o seu próprio distanciamento da crítica de rodapé,

> *[...] De qualquer maneira, crítico – jamais! Deixei há muito essa "escola de inimigos", como dizia o mais sábio e indulgente dos críticos brasileiros, o saudoso mestre João Ribeiro.* [282] *[...]*

Todavia, Frieiro conserva o respeito e a admiração por uma brilhante geração de escritores e estudiosos brasileiros que mantiveram, em alto nível, a tradição do jornalismo literário. Na verdade, àquela época, fazendo minhas suas palavras, "a erudição não tinha ainda entre nós o seu ambiente mais adequado – a Universidade". Dos críticos anteriores à criação das faculdades de Filosofia, distingue Frieiro o citado mestre João Ribeiro, a quem "venerava sem idolatria, por puro afeto humano". Este, como outros intelectuais brasileiros do mesmo período, viu-se forçado, pela precariedade mesma do nosso sistema intelectual, a praticar o enciclopedismo, o poli-historismo, a poligrafia, escrevendo artigos de vulgarização geral, sem deixar de ser "o mais douto, lúcido e amável dos nossos críticos literários, mesmo nos apressados comentários de livros novos que redigia para os seus rodapés de jornal.[...][283]

Mas, aquele vazio institucional no campo da cultura literária brasileira, no caso, a ausência da universidade, como salienta Frieiro, começava a ser preenchido a partir do movimento de modernização das estruturas culturais do país, iniciado no governo de Getúlio Vargas. Assim, na década de 1930, foram criadas as primeiras Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras junto à Universidade de São Paulo (1934) e à Universidade do Brasil (1939), hoje

[282] Carta a Edmundo Lys, datada de 14/01/1959.
[283] FRIEIRO, E. Notas sobre João Ribeiro. *Kriterion,* Belo Horizonte, n.53-54, jul-dez., 1960. p. 433-48.

Universidade Federal do Rio de Janeiro; e a Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (1939), de caráter privado, só posteriormente integrada à Universidade de Minas Gerais.

As universidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, sob a influência de professores estrangeiros convidados, logo adotaram uma nova postura intelectual fundamentada na utilização de técnicas de investigação científica, baseadas em critérios metodológicos definidos (LIMA, R.,1998, p.128-9).

Diferentemente delas, a FaFi-MG, criada num ambiente mais conservador e com menos recursos financeiros, permaneceu por mais tempo distante das novas ondas teórico-metodológicas que chegavam da Europa. O grupo de fundadores, também corpo docente inicial, foi formado por intelectuais locais - professores secundários, advogados, escritores, jornalistas. Figuravam, neste grupo, Arthur Versiani Velloso, considerado o concretizador da faculdade; Guilhermino César; Cyro dos Anjos; Emílio Moura; Eduardo Frieiro, que assumiu a cátedra de Literatura Espanhola e Hispano-americana.[284] E, como ressalta Rachel E. Lima, pelo menos na área de literatura, a visão tradicional que ainda predominou algum tempo após a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Minas Gerais não era característica apenas da unidade mineira. De fato, na USP, como na UNB, o ensino de literatura manteve sem alteração, até os anos cinqüenta, uma concepção humanista, sob o domínio das demais disciplinas de ciências humanas. Afinal, lembra ainda Lima, figuras como Antonio Candido e Afrânio Coutinho, que se notabilizaram pela defesa da análise científica e especializada do texto literário, ainda estavam fora dos cursos de letras dessas duas universidades (LIMA, R. 1998, p.131).

Essa passagem de crítico-cronista de jornal a professor universitário representou, para Frieiro, um investimento a mais na sua carreira de autodidata laborioso e tenaz, conforme ele registra em seu diário, no dia 9 de setembro de 1942:

> [...] Já quase não leio novidades literárias. O *vient de paraître* nacional, esse então eu ignoro quase totalmente de uns dois anos a essa parte. Todo esse tempo tenho andado mergulhado na literatura espanhola, sobretudo a medieval e a clássica. Há três anos estou nisto, por causa do curso de Literatura Espanhola e Hispano-Americana que estou dando na Faculdade de Filosofia. Desse curso sou eu o melhor estudante, o estudante número um,

[284] HADDAD, M. L. A *Faculdade de Filosofia de Minas Gerais*; raízes da idéia de universidade na UMG. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 1988. (Dissertação de Mestrado).

> talvez o único bom estudante. Tenho levado a coisa muito ao sério. Mas vale a pena. Eu, autodidata cem por cento, estou pela primeira vez fazendo um curso metódico, rigoroso, *comme il faut*. E como o estudo de uma grande literatura tem de ser forçosamente comparativo, o estudo da espanhola levou-me naturalmente à investigação de suas trocas com a francesa, a arábica, a provençal, a italiana, a inglesa.[...]

O empenho do novo professor é admirável e representa, em termos pessoais, o salto de uma atividade problemática para uma atividade sistemática. Ainda que exercesse a crítica de rodapé com inteligência e erudição, a insatisfação com a crítica impressionista sobre obras recém-lançadas, ao ritmo do interesse das empresas editoriais, incomodava Frieiro há muito, como tentei mostrar. E agora, estimulado pela cátedra, buscava aprofundamento teórico para o seu envolvimento com a literatura dentro da linha de estudo que lhe parecia mais convincente.

Mas, essa época, justamente, ou poucos anos depois, em 1948, a cena literária do país agitou-se com o retorno de Afrânio Coutinho dos Estados Unidos onde assimilara as teorias do *new criticism.* Sua campanha pela renovação dos métodos e processos da crítica brasileira, como é sabido, provocou reações e controvérsias no ambiente letrado e jornalístico nacional. Para Coutinho, o modelo francês do século XIX, uma tradição arraigada na nossa cultura, era fórmula esgotada e superada que já não cabia na lógica ágil do moderno jornalismo, veículo próprio para as resenhas informativas, dirigidas a um público massificado. A crítica elevada, científica, centrada no texto literário era trabalho para profissionais especializados, para ser divulgado em veículos especiais - o livro e a revista científica - para um público também especializado. Com o nome de Antonio Candido, que desponta com inegável valor no mesmo período, mas com uma perspectiva diferente da nova crítica de Coutinho, dá-se a bifurcação da crítica especializada em duas posições distintas: a estética, defensora da especificidade do texto artístico, e a dialética, contra o imanentismo e o recorte sincrônico.[285]

O posicionamente de Frieiro, nesse contexto, como crítico e professor de literatura, vivendo o embate que se desenvolvia em nível nacional, está registrado em poucas cartas, a interlocutores diferentes. A primeira, ao escritor pernambucano Célio Meira, datada de 16 de novembro de 1959, é significativa por demarcar o lugar de onde ele acompanha a polêmica sobre a especialização da crítica. A reserva a Afrânio Coutinho e sua ênfase na objetividade

[285] SOUZA, Eneida Maria, apud TELLES, Renata. O crítico de Almanaque. *Boletim de Pesquisa - NELIC*, n. 2. Ilha de Santa Catarina, set. 1997.

científica, assuntos dessa carta, expressam sua posição independente, assinalada pelo descredenciamento de si mesmo como crítico militante que reivindica, isto sim, a liberdade de praticar as suas marginálias, distantes e acima de qualquer *escola* ou *tendência.*

> *[...] Não me seduz o "new criticism" do Afrânio Coutinho. Não digo que me contento com a crítica imressionista, que também pratiquei algum tempo. Mas eu não me considero crítico, nem jamais me agradou fazer crítica de atualidade, embora a tivesse praticado durante alguns anos, pro pane lucrando. Faz anos já que me libertei dessa tarefa enjoada e ingrata. Sempre me agradou, isto sim, fazer comentários à margem de livros lidos, reflexões despresunçosas, sem intenção prática. Num plano superior, Montaigne não fez outra coisa nos seus Essais. (Grifos do autor)*

Com efeito, apesar do seu *desencanto de pessimista schopenhaueriano*, a vaidade de intelectual aflora deixando escapar a identificação com seus modelos espirituais - Montaigne, aqui, Cervantes, acolá. Dessa forma, marca um estratégico distanciamento em relação aos contemporâneos aos quais endereça suas críticas. Continua a carta:

> *As tentativas contemporâneas de tratar a obra de arte em si e explicá-la por si mesma, com desprêzo da história, como está na base da "nova crítica", não pode dar resultados inteiramente satisfatórios. Igualmente insatisfatórios são os da crítica comparada, subjetiva, mais rica em efeitos e resultados, especialmente quando praticada com bom gôsto e talento superior. Está muito bem a nova crítica, dentro das suas possibilidades, forçosamente limitadas. Está bem a Estilística, idem. Tudo dependerá entanto dos que se utilizem dos novos métodos. Usados por um Vossler, um Spitzer, um Dámaso Alonso, e outros mestres da mesma força, os resultados são interessantes, se bem que não totalmente convincentes: a intimidade da obra de arte, por sua natureza sutil e fugidia, permanece esquiva e inapreensível a essas aproximações. Tais mestres, porém, são raros no campo da crítica, ao passo que pululam nele os aprendizes de feiticeiros. Um ensaísta britânico, que é um dos líderes de oposição ao "new criticism" de Richards, justifica sua posição em face dos seguidores daquele sistema: "Falta-lhes imaginação!" Imaginação é o que falta, por exemplo, ao Afrânio Coutinho. [...]*

Se a crítica estética foi acusada de elitista por seu jargão incompreensível e pela pretensão de neutralidade, ou seja, o conhecimento científico paira acima das questões sociais, Frieiro pleiteia, à sua maneira, outra espécie de elitismo. Em outras palavras, ele *outorga* a num diminuto círculo de bem-dotados intelectualmente, raça de "imaginativos", a competência para o exercício da crítica.

A respeito de Afrânio Coutinho, ressalto que os dois críticos trocaram algumas cartas no período que vai de 1952 a 1955. A maior parte das cartas enviadas por Frieiro, trata do agradecimento de livros recebidos, de autoria do primeiro. Duas dessas cartas merecem ser

comentadas por mostrar que o crítico mineiro era conhecido e respeitado na capital do país, em contraponto ao modesto lugar a que se reservava.

Assim sendo, em carta de 20 de agosto de 1952, Frieiro responde a um convite de Afrânio Coutinho para colaborar numa história da literatura brasileira que começava a ser idealizada. O crítico baiano, agora residindo no Rio de Janeiro, tinha sido escolhido pelo Professor Leonídio Ribeiro - autoridade respeitada na época, diretor do Instituto Larragoiti e da Companhia Sul-América - para planejar e organizar tal obra de historiografia literária. Para tal, contaria com a colaboração de uma equipe de especialistas os quais seriam escolhidos entre os nomes mais destacados no país, naquele momento. Tal empresa resultou na obra A *literatura no Brasil,* publicada em quatro volumes, de 1955 a 1959, ampliada para seis volumes na edição de 1968-71. Essa obra foi revista e atualizada em 1986. Hoje arrolada entre as mais importantes obras da historiografia literária nacional apresenta os seguintes pontos altos, na opinião de Diogo L. Fraga: a renovação da periodologia, o resgate do Barroco, a percepção aguçada dos principais problemas que afligiam o fazer da historiografia literária e o trabalho em equipe.[286]

Pois bem, a resposta de Frieiro ao convite para participar dessa obra de vulto, que reuniria críticos renomados naquele momento, e, além de tudo, contemplaria o interesse do escritor mineiro pela produção literária de Minas, teve os seguintes termos:

> *[...] O convite, que me fez, para colaborar na História da Literatura Brasileira (sic) ideada pelo Professor Leonídio Ribeiro, é para mim extemamente honroso. Em outra ocasião eu o teria aceitado com alegria e desvanecimento. Neste momento não posso. Infelizmente, meu estado de saúde não me permite por agora, e não sei por quanto tempo ainda, aceitar tarefas, mesmo não muito penosas, além das de simples obrigação e rotina.*
> *Creia que lhe fico muito agradecido por se haver lembrado de meu modesto nome para cooperar em tão interessante tentame, ao qual é fácil augurar o melhor êxito, confiado como se acha a tão boas mãos. [...]*[287]

Três anos depois, em 21 de outubro de 1955, publicado o primeiro volume da obra, os dois críticos trocam cordialidades, como se lê nesta carta:

---

[286] FRAGA, Diego L. *Considerações sobre "A Literatura no Brasil"*. Disponível em: <http:/www.*colanaweb.com/porliteratura/literatura_no_* Brasil.htm>. Acesso em: 28 jul. 2007.
[287] Carta de Frieiro a Afrânio Coutinho, datada de 20/08/1952.

> *Prezado Prof. Afrânio Coutinho:*
>
> *Recebi um destes dias o exemplar de A Literatura no Brasil, que fico a dever a sua grande gentileza e me veio por intermédio do Abgar Renault. Já o li, quase todo. Está excelente, como não era para menos. É de esperar que os demais saiam tão bons quanto este. Congratulo-me com o prezado Amigo pelo êxito já alcançado. Outros virão, com toda a certeza. Espero poder escrever uma nota para o próximo número de Kriterion.*
>
> *Abraça-o cordialmente o seu admirador muito agradecido,*
>
> *[Sem assinatura]*

Mau administrador da própria fama, segundo o amigo Ayres,[288] escolhe Frieiro, (in)voluntáriamente, continuar na sua torre de papel, entre livros e textos, conduzindo o seu trabalho intelectual sem alarde e sem pressões externas. Entre trabalhar em equipe na elaboração de uma importante obra, com repercussão nacional, e escrever uma nota sobre essa obra, para a revista que dirige, ele fica com a segunda opção. Afinal, escrever um ensaio erudito ou uma nota de divulgação para um jornal ou para uma revista universitária são funções complementares no circuito da produção intelectual, e ele, Frieiro, pode executá-las igualmente, se o desejar. Apesar da ladainha repetitiva sobre o praticar a crítica apenas pela remuneração, ele, certamente, sabia que a opinião do letrado publicada no jornal em linguagem clara e sem sistematizações específicas, para a formação e informação do leitor comum é tão importante quanto o estudo aprofundado para *uma minoria*. De outra forma, não teria escrito em *A ilusão literária* (1983, p. 91): "Se não fossem os críticos, quem havia de guiar o leitor comum na floresta inextricável das obras que às centenas surgem de toda parte? São eles que vão colocando os postes orientadores, os letreiros explicativos, as setas indicadoras de direções."

Em outra carta, ao jovem intelectual português Joaquim de Montezuma de Carvalho, em 01/05/1956, portanto três meses após a enviada ao Prof. Coutinho, deixa transparecer a mesma postura de honestidade intelectual, temperada com o medo de aparecer socialmente e a vontade generosa de ser um mediador pela causa dos livros e da literatura. Senão, vejamos:

> *Meu jovem Amigo:*
>
> *Antes de nada quero augurar o melhor êxito ao seu tentame do Panorama das Literaturas das Américas. E devo agradecer-lhe por ter-se lembrado do meu modesto nome para integrar o corpo de colaboradores de tão simpático empreendimento com a responsabilidade da parte referente ao Brasil. Sinto-me sumamente desvanecido com a honrosa lembrança, mas – há de perdoar-me – tenho motivos para não aceitar. Não sou, nem de longe, a pessoa indicada para a tarefa, tanto mais que meu nome é pouquíssmo conhecido fora de Minas Gerais. Demais,*

[288] MACHADO FILHO, Ayres da Mata. A dignidade literária. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 2 jun. 1973. Suplemento literário, v.8, n. 353, p. 3.

> *não tenho vagares, no momento, para realizar um trabalho verdadeiramente pessoal, bem feito e interessante, que não seja simples recompilação de opiniões alheias. Minhas ocupações de professor, junto com as de diretor da Biblioteca Pública do Estado (ainda em fase de organização), diretor de Kriterion, colaborador de jornais, e outras, tomam-me todo o tempo. Acontece também que estou revendo os meus livros publicados e por publicar, com vistas a uma edição de minhas obras completas.*
> *Não sou o homem indicado, repito-o, e não o digo por modéstia. Mas tomarei a liberdade de indicar alguém à altura do cometimento. Queira o meu distinto Amigo escrever ao escritor Brito Broca, no Rio de Janeiro, cujo endereço é Redação da Sucursal de A GAZETA, Praça Mahatma Gandhi, 2 – 4 andar, sala 401. Brito Broca, crítico dos mais completos e bem informados, tem a sair do prelo por estes breves dias uma história literária do Brasil, de 1900 a esta parte, precisamente. Escreva-lhe, dizendo que a indicação foi minha. É homem muito atarefado por ser um dos poucos que em nossa terra vivem ùnicamente da atividade literária. Talvez aceite, ou é provável que ele próprio indique outro nome. [...]*

A edição de suas obras completas, prometida, então, pela Editora Itatiaia, trouxe-lhe expectativa e aborrecimentos. Foi postergada *sine die* por motivos que não lhe pareciam claros. Declarou, muitas vezes, nas cartas, a sua decepção pelo trabalho editorial dos irmãos Moreira.[289]

Por último, em carta dirigida a Ruth Nielsen em 21de novembro de 1964, já distanciando-se do jornal e da universidade, faz, do seu lugar de *ex-crítico provinciano*[290], uma espécie de síntese da crítica, começando, invariavelmente, pelas afirmações já feitas a outros interlocutores:

> *[...] Muito me lisonjeou que tenha gostado dos meus dois livros de crítica. Devo entretanto dizer-lhe que não me considero crítico, nem com vocação para tal, embora tenha feito crítica de obras de atualidade através da imprensa, durante anos, não por gôsto propriamente, mas por obrigação, pro pane lucrando. Gosto muito de crítica como gênero literário, é certo, gosto muito mesmo, mas a verdade é que não tomo os críticos muito a sério. Nos críticos agrada-me, não a sempre duvidosa solidez ou validez dos seus juízos estéticos, mas a intuição de que por vêzes dão provas, a agudeza de suas aproximações, dos seus à peu près. Nota um mestre espanhol da crítica e da história literária, Dámaso Alonso, em seu livro "Del siglo de oro a este siglo de siglas"* [291]*, que há em nossos dias muitos homens que estão embarcados numa grande aventura: a de chegarem ao conhecimento poético da obra literária. Grande e incerta aventura, em tôrno de um problema muito sério. Os homens têm um conhecimento próprio da obra de arte: a intuição, a intuição do leitor; a do crítico também; a do crítico duplamente intuitivo: como receptor da obra de arte e como expositor de suas impressões. Com isto deixa entender Alonso que o intento atual de "conhecimento científico" é radicalmente*

[289] Edson Moreira e Pedro Paulo Moreira, eram os donos da Editora Itatiaia, o primeiro já falecido. Não há outras informações sobre esta rusga entre autor e editores mas, após a sua morte, a Itatiaia comprou da viúva os direitos para a reedição de todos os seus livros publicados até então, assim como para a edição de seu diário e de crônicas publicadas em jornais.
[290] É como se refere a si mesmo em carta a Abdias Lima, datada de 15/01/1959.
[291] Dámaso Alonso (1898-1990), filólogo e escritor espanhol. A obra *Del siglo de oro a este siglo de siglas,* citada por Frieiro, foi publicada em 1962.

> *distinto do conhecimento da crítica. O problema cifra-se no seguinte: a obra de arte, cognoscível de modo direto pela intuição, poderia ser também objeto de um conhecimento científico? Muito se tem agitado a questão. Crê Alonso que há um limite que só a intuição sobrepassa. Reconhece porém a existência de amplas zonas ou modos da obra artística abertos à investigação científica. Tal investigação cabe à Estilística, que, digam o que disserem certos venturosos otimistas (palavras do próprio Alonso), não passa de ser uma ciência em preparação. Caso venha a constituir-se, poderá confundir-se com a Ciência da Literatura, que por ora não existe. Em uma palavra: a obra literária é uma grande desconhecida e só agora desperta na Humanidade ânsias novas de lograr o seu conhecimento. [...] (Grifos do autor)*

Nessa carta, Frieiro destaca os três caminhos propostos pela escola espanhola de Dámaso Alonso para o conhecimento da obra literária. Assim, como leitor excepcional que era, sintonizava-se com o primeiro por considerar a intuição do leitor o caminho para compreender a intuição original do autor da obra. Quanto à segunda via, a do crítico, causava-lhe a um tempo desconfiança se conduzia a juízos definitivos e irrecorríveis; e admiração, quando o crítico era também leitor intuitivo, indo além do que está escrito, apto, ao mesmo tempo, a exprimir artisticamente, as intuições profundas da obra. Já a terceira via, a da análise científica, preferia vê-la, como o mestre espanhol, como uma categoria ainda em processo de consolidação.

Certo é que, embora não se considerando crítico de obras literárias, Frieiro está presente como crítico na cena cultural brasileira dos anos 30 aos anos 60 como demonstram muitos convites (recusados, na maioria) para participar de congressos e de obras coletivas. Dotado de forte intuição e faro crítico e apoiado em sólida bagagem de conhecimento humanístico, sua crítica está marcada pelos juízos independentes e argutos e, sobretudo, pela vontade de resgatar escritores menores ou esquecidos cujo conhecimento amplia a compreensão da formação do nosso sistema literário.

Escrevendo ao crítico Otto Maria Carpeaux, com quem trocou poucas cartas embora cheias de admiração e respeito intelectual, ele fala com entusiasmo (e falsa modéstia?), sobre o seu envolvimento com a pesquisa e escrita da historiografia literária de Minas.

> *Caro Otto Maria Carpeaux,*
> *meu abraço cordial.*
>
> *Remeti-lhe ontem pelo correio, sob registro um exemplar de Letras Mineiras. Se precisar de outro é só dizer. Dessa obra, impressa à minha custa, tirei 300 exemplares e ainda conservo metade, para minha humilhação.*
> *Tenho organizada há vários anos a segunda série com artigos ou notas sobre Ciro dos Anjos, Afonso Arinos Sobrinho, Nelson de Sena, João Alphonsus, Dornas Filho, Aires, Guilhermino César, Lídio M. Bandeira de Melo, Benício da Veiga, Mário*

> *Matos, Dom Hugo Bressane, Amadeu Queirós, diferentes poetas de pequena cabotagem, além de artigos acêrca de Avelino Fóscolo, Mendes de Oliveira, o crítico Augusto Franco (discípulo de Sílvio Romero), Padre Silvério de Paraupeba, o contista Silva Guimarães, o romancista Júlio Ribeiro, Feu de Carvalho, etc. É claro que não penso em imprimir essas frioleiras.*
> *Por falar em bibliografia mineira, (a que alude em sua carta) informo-o de que tenho cerca de 700 fichas e folhetos impressos em tipografias de Minas.*
> *Neste particular, posso gabar-me de ter a melhor e [...] própria bibliografia mineira [...]*[292]

As cartas de Carpeaux a Frieiro são também tributárias de respeito e amizade e, ao mesmo tempo, trazem frequentes solicitações sobre dados de autores mineiros ao nosso bibliógrafo. Nesta resposta, justamente, Frieiro exibe o resultado de anos de pesquisa sobre o tema e parece colocá-lo à disposição do amigo. Embora negue qualquer intenção de publicar essas pesquisas, na verdade ele inclui a segunda série das *Letras Mineiras* no hipotético plano de suas Obras Completas, sobre o qual fala no diário.

Infelizmente, penso eu, não concretizou esse ideal como também relata em carta ao historiador Hélio Silva, em 24 de agosto de 1945:

> *[...] Anos há, alimentei o vago projeto de empreender um obra sobre a produção literária mineira, obra menos crítica do que propriamente bio-bibliográfica. Desistí, por falta de elementos. As obras publicadas na província, em regra, não se encontram nas bibliotecas públicas, e, ademais, em Minas não existe uma só grande biblioteca desta espécie. Essas obras, na maioria modestamente impressas e de pequeninas tiragens, dispersam-se em mãos de particulares. Durante algum tempo colecionei obras de autores mineiros impressas em Minas. A colheita era forçosamente modesta, por escassearem aqui as livrarias de segunda mão, onde eu pudesse abastecer. Abandonei também esse propósito. Mesmo assim, reuni um acervo bem apreciável de brochurinhas e voluminhos impressos em nosso Estado.*

Sobre esse acervo, cumpre-me informar que Frieiro acabou por doá-lo à Biblioteca Pública Estadual Prof. Luís de Bessa, com o nobre intuito de socializar tão rica *mineiriana,* com a esperança de que outros pesquisadores, no futuro, viessem a dela se ocupar.[293]

Em resumo, vejo as centenas de páginas esparsas de crítica que escreveu sobre temas diversos da literatura universal, as escolhas que fez para editar em forma de livro *Letras Mineiras* (1937), *Páginas de Crítica e outros escritos* (1956), e *O Alegre Arcipreste e outros temas da Literatura Espanhola* (1959) como uma forma de expressar seu sentimento

---

[292] Esta (cópia) carta estava rasgada no final, indicando algum acidente ao se retirar o papel da máquina de escrever. Não está datada mas, pelo assunto tratado, pude inferir que foi escrita entre 25/7/49, data de carta de Carpeaux solicitando dados contidos no livro *Letras Mineiras(1937) e 1/8/49, data de outra carta de Carpeaux agradecendo a remessa do mesmo livro.*

bipartido de nacionalidade, ao mesmo tempo por *Minas, baú velho do Brasil* e pela distante *Espanha Pater*.[294]

4.3 Ensaísta e bibliógrafo

Embora Frieiro tenha ambicionado, pelo menos no início de sua vida de escritor, fosse o romance a sua vocação maior, a opinião consensual de quantos conhecem a sua produção intelectual é que nele o ensaísta vem em primeiro lugar.[295]

Com efeito, é nos *Ensaios* de Montaigne que Frieiro vai se nutrir na maturidade.[296] E não são poucas, de fato, as afinidades com o mestre francês. Assim como Montaigne, é dono de espírito ao mesmo tempo metódico e aberto às novidades; tem a auto-reflexão como ponto de partida para a observação e compreensão do homem e da sociedade. Do mesmo modo, escrever somente sobre os temas que mais lhe apetecem, que satisfazem seus interesses e curiosidades, bem como buscar o sentido das coisas (nem sempre alcançado), é um traço comum em ambos os autores. Daí o pessimismo de ambos. Quanto ao estilo, Frieiro chega perto do mestre Montaigne pelo uso competente do texto curto e fragmentário, marcado pelas proposições de caráter interrogativo, desobrigado de chegar a quaisquer certezas dogmáticas.

---

[293] A Bibioteca Estadual Luís de Bessa, contudo, não guarda nenhum registro dessa doação, conforme procurei me informar.

[294] É importante ressaltar que, embora praticasse a repertoriação e a crítica de obras de autores mineiros, considerando as relações entre esse grupo social e sua produção escrita, da gênese ao consumo, Frieiro era radicalmente contrário à noção de literatura regional. Em carta a Brito Broca, de 26/02/1957, escreve: [...] *A Livraria Itatiaia já está com os originais da História da Literatura Mineira, do Martins de Oliveira, secretário da Academia Mineira de Letras, obra para 250 a 300 páginas. Será editada. Não compreendo essa insistência com as literaturas regionais, na realidade inexistentes. Você conhece a minha opinião: o escritor pertence à literatura nacional, ou não existe.*[...]

[295] Cf. LUCAS, Fábio. Frieiro, a vida livresca. *Folha de S. Paulo,* 28 março, 1982. [recorte]; LEÃO, Ângela V. *Conversando sobre Eduardo Frieiro. 2005.* Não publicado.

[296] No *Novo Diário* (p. 105), Frieiro conta que, logo após o casamento, acompanhava sua esposa às missas dominicais na Igreja São José, no bairro Calafate. Para distrair-se, levava no bolso um voluminho dos *Ensaios* de Montaigne, edição Lutetia, que parecia mesmo um livrinho de orações, e que lia sentado ou de pé, acompanhando o movimento dos fiéis. Na primeira vez, à pergunta desconfiada de sua esposa "Que livro é esse?" respondeu: "É um livro de São Miguel de Montaigne". D. Noêmia, que não era boba, chamou-o de herege, ao que ele respondeu: "Montaigne foi um homem justo e sábio, o mais sábio dos homens. Não há heresia em considerá-lo santo. A Igreja podia canonizá-lo". Diante de tais argumentos, a esposa consentiu que ele abrisse o ensaísta na igreja. "E só assim é que eu pude reler, pachorrentamente, o meu São Miguel de Montaigne", conclui o escritor.

De fato, no ensaio, o escritor mineiro encontrou o espaço ideal para experimentar sua resistência aos discursos solidificados nos campos do saber que mais lhe interessavam - a literatura e a história. É o que ele revela em carta a Martins de Oliveira, com data provável de 1945.

> *[...] Não sou historiador nem sinto vocação para a história. Mas sou curioso – na história como no resto – de controvérsias e pontos de vista que se cruzam ou chocam, sobretudo se apresentados com talento e brilho.*

O gosto pela polêmica e o talento para expor suas idéias com clareza e estilo foram, acredito eu, o impulso necessário para que publicasse seu primeiro ensaio em 1931: *O Brasileiro não é triste.* Trata-se, na verdade, de uma lúcida resposta ao *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado, de 1928. Vivia-se, naqueles anos modernistas, o sentimento de *redescobrimento do Brasil,* que veio impor uma mudança de paradigma no que se refere à complexa tarefa de pensar/construir a identidade nacional. O olhar estrangeiro que por aqui andou até o século XIX seguido de uma determinada construção historiográfica pouco inovadora, representada pelos sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, seriam substituidos por uma nova geração de intelectuais chamados *intérpretes do Brasil*. Esses estudiosos procuravam entender o próprio país e, ao mesmo tempo, torná-lo mais compreensível ao povo brasileiro. Inaugura-se, então, uma nova cronologia na história da produção cultural brasileira, que começa um pouco antes de 1930 e fecha-se um pouco depois de 1970. Na visão de Carlos Guilherme Mota[297], ainda que não ignore a importância de outros intelectuais que já vinham mostrando preocupação histórica cada vez mais crítica com a realidade nacional, esse período tem início com a publicação de um conjunto de obras de cientistas sociais como: Caio Prado Júnior, com *Evolução política do Brasil* (1933); Gilberto Freyre, com *Casa Grande & Senzala* (1933); Sérgio Buarque de Holanda, com *Raízes do Brasil* (19330; Roberto Simonsen, com História Econômica do Brasil (1937). Já para o historiador Francisco Iglésias,[298] a vertente de obras *científicas* sobre o caráter do brasileiro foi precedida por uma vertente literária que teve, no ano de 1928, um momento de intensa produção, a começar por *Macunaíma*, de Mário de Andrade*,* síntese da primeira fase do modernismo. Cita, ainda, Iglésias, o *Canto do Brasileiro*, de Augusto Frederico Schmidt; *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo; *A bagaceira,*

---

[297] Carlos Guilherme Mota em *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*, São Paulo: Ática, 1977, aponta 5 momentos decisivos na historiografia brasileira dos anos 1930 a 1970, levando em consideração a publicação de obras significativas sobre a história da cultura brasileira. São eles: 1) redescobrimento do Brasil (1933-1937); 2)primeiros frutos da universidade; 3) era da ampliação e revisão reformista; 4)as revisões radicais (1963-1974); impasses da dependência (1969-1974).

[298] IGLÉSIAS, 1978. p.144-55.

de José Américo de Almeida e o *Manifesto Antropofágico*, de Oswald de Andrade. "Temos que dar uma alma ao Brasil", instigava Mário de Andrade em carta a um de seus pupilos mineiros, naqueles anos vinte.[299]

A meio caminho entre o estudo histórico-sociológico e o ensaio literário, mas inseridos no mesmo movimento de entender e explicar a identidade nacional situam-se também: *Retrato do Brasil* (1928), de Paulo Prado, e *O Brasileiro não é triste* (1931), de Eduardo Frieiro. O primeiro provocou ampla repercussão quando foi lançado. Foi muito elogiado por uns e severamente criticado pelos que o viam ainda preso aos fundamentos biologizantes de etnia e raça como formadores de uma nacionalidade. Pois bem, Frieiro, àquela altura, com três romances publicados, também se sentiu motivado a rebater, em forma de livro, a tese do intelectual paulista sobre a tristeza do brasileiro. Mas, atribui à origem desse ensaio, um motivo mais banal, como retrata o trecho a seguir.

> [...] Em 1931, eu nada tinha para o prelo. Escreví, então, só por imprimir alguma coisa nesse ano, o pequeno ensaio *O Brasileiro não é triste*. Saiu com 80 páginas, em bom papel e agradavelmente apresentado, numa tiragem de duzentos exemplares. Custou-me a *plaquette* 400 mil réis, preço relativamente barato para aquele tempo, correspondente a pouco mais da metade que eu então ganhava como redator do órgão oficial [Minas Gerais]. À falta de editor que constasse da capa, usei o nome que me acudiu no momento: *Os Amigos do Livro.[...]*[300]

Como nos livros anteriores, a edição na *província,* com tiragem reduzida e distribuição *caseira*, contribuiu para que este trabalho ficasse ignorado fora de Minas, apesar do texto elegante e da acuidade analítica com que refuta os argumentos de Paulo Prado. Todavia, mesmo tendo sido reeditado em 1957 pelo INL/MEC, e relido à luz das novas visões e metodologias apresentadas pelos grandes teóricos da brasilidade, esse ensaio de Frieiro, como de resto, o texto ao qual serve de antítese, foi relativizado na sua importância como análise sociológica. Continua, no entanto, a ser citado por estudiosos do pensamento social brasileiro como registro histórico de um período que pretendeu reavaliar a realidade nacional.[301]

---

[299] ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo:* cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Record, 1988. p. 23.

[300] FRIEIRO, E. Recordando Os Amigos do Livro. *Minas Gerais.*Belo Horizonte, dez. 1967. Suplemento Literário*,* v.2, n. 68, p. 4-5.

[301] *O Brasileiro não é triste* está citado, por exemplo, em NUNES, Clarice. Historiografia comparada da escola nova: algumas questões. *Rev. Fac. Educ.* São Paulo, v.24, n.1, jan./jun. 1998; e no programa da disciplina *Pensamento econômico e social brasileiro,* 2004, ministrada pelo professor João Antônio de Paula, no CEDEPLAR/FACE/UFMG.

De qualquer modo, a partir desse primeiro ensaio, firmou-se em Frieiro o gosto pelo discurso ensaístico como forma de exercer a sua intelectualidade. À vontade nesse gênero, por natureza aberto ao diálogo e estimulador da polêmica, o ensaísta mineiro, como todo ensaísta, enfim, se empenha num trabalho de interpretação estando, por isso mesmo, desobrigado de produzir ou descobrir algo absolutamente original.

De fato, enquanto interpretação, a experiência intelectual vivida no ensaio tem duas fortes marcas, relacionadas entre si e intrinsecamente dependentes da forma imprimida à sua linguagem. A primeira diz respeito à importância da subjetividade, da perspectiva, ao mesmo tempo, individual e histórica a partir da qual determinados temas ou objetos serão escolhidos e submetidos à avaliação. Baseando-se nessa premissa e evitando todo impressionismo solipsista, o ensaísta se organiza de modo a dialogar com outras experiências, com as quais compartilha os mesmos objetos de interesse, os mesmos métodos e conceitos. Desse modo, retoma e atualiza o próprio contexto sóciocultural que lhe dá sentido. [302]

Pois bem, o ensaísta Eduardo Frieiro direciona para a literatura e a história sua capacidade de repensar e discutir questões fundamentais do seu tempo, oferecendo-as de volta ao leitor em reflexões dispersas, porém densas, em estilo sóbrio e preciso. Depois de *O Brasileiro não é triste* publicou o ensaio *A Ilusão Literária,* em 1932. Quando saiu do prelo em reduzida tiragem, foi recebido com entusiasmo pela crítica, como exemplar de um gênero difícil que não tinha tido ainda muitos cultores entre nós. Emilio Moura assim saudou o ensaísta:

> [...] ei-lo que nos surge agora, com esse novo livro, *Ilusão Literária,* - parece que, até aqui,o único no gênero, em nossas letras. É verdade que não faltam por aí um ou outro volume sôbre a arte de bem escrever ou alguns dos mil e um problemas que a iniciação literária pode oferecer a quem se envereda pelo caminho hoje tão áspero das coisas do espírito. O certo, porém, é que, regra geral, tais livros não nos satifazem. Pecam quase sempre por serem antes livros de didatas, não raro maçantes. Já está aí uma grande qualidade neste recente livro do sr. Eduardo Frieiro: é livro de um escritor, de um fino e verdadeiro escritor [...] (MOURA, 1967, p.3).

No ensaio biográfico Frieiro fêz duas incursões que merecem maior divulgação: *O romancista Avelino Fóscolo* (1960), escrito como discurso de posse na Academia Mineira de Letras, em 1944 e *Notas sobre João Ribeiro* (1960), homenagem ao "sábio polígrafo" de sua admiração, um dentre os "três grandes da geração vernaculista", ao lado de Rui Barbosa e Machado de

Assis.[303] Nesses dois textos de cunho biográfico Frieiro entrelaça duas competências importantes no esforço de reconstrução de uma vida: a confiabilidade do cientista e a inventividade do artista. Em outras palavras, a pesquisa documental criteriosa pavimentando a interpretação intuitiva e a fluidez da narrativa.

Em 1966 o escritor presenteia seus leitores com *Feijão, angu e couve*, ensaio sociológico sobre a comida dos mineiros, que mereceu boa acolhida do público leitor e da crítica. A curiosa troca de cartas entre Frieiro e Câmara Cascudo, a respeito desse livro, já foi comentada no início do capítulo 3. Entretanto, os ensaios sobre temas históricos mineiros é que lhe renderam maior notoriedade e um número expressivo de cartas com outros pesquisadores. Dedico, pois, um espaço maior ao comentário dessas questões.

Afirmando, repetidamente, não ser um historiador, Frieiro integra, como pesquisador e ensaísta, o movimento em prol de novas interpretações historiográficas sobre o Brasil. Para tal, escolhe, na tradição mineira, os temas de sua predileção, de preferência na contramão da mitografia pedagógica estimulada pelo Estado Novo. Eis como ele se situa na crítica histórica brasileira, escrevendo ao escritor R. Magalhães Júnior,[304] em 27 de março de 1958:

> *[...] Nessas histórias da Inconfidência, e outras semelhantes de que se alimenta a História, não sou mitófilo, senão mitófago. E a verdade, talvez, é que eu amo a contradição, inclino-me a olhar o avêsso de toda tese. Mas nada disse de novo acêrca do assunto. Limitei-me a ir nas águas de grandes navegadores, como Capistrano [de Abreu], [José]Veríssimo, Martim Francisco [Ribeiro de Andrada III], [Joaquim] Norberto [de Souza e Silva], Rangel e outros ainda. Mas que é preciso mexer no vespeiro dos mitos pátrios, lá isso é [...].*

Esta parece ser, de fato, a tarefa que lhe dá prazer incomum: desarticular a construção dos mitos nacionais – Tiradentes, Gonzaga, Aleijadinho. Para tal empreitada, baseia-se na pesquisa honesta e escrupulosa dos fatos históricos, alinhando-se a outros revisionistas que o antecederam e nomeando-os com respeito. Mas, no seu discreto ceticismo, não se preocupa em dar a última palavra, em fomentar novos dogmas. Talvez, por isso, tenha sido mal entendido pela pesquisadora Thaís de Lima e Fonseca, que classifica, como contestação

---

[302] PEDROSA, Célia. Ensaio. In: CEIA, Carlos. *E-Dicionário de Termos Literários.*2005. Disponível em:<http://www.fsch.unl.pt/edtl/. Acesso em: 15/12/2006.

[303] FRIEIRO, E. Notas sobre João Ribeiro. *Kriterion,* Belo Horizonte, v.13, n. 53-54, p.433-48, jul/dez,1960; FRIEIRO. E. *O romancista Avelino Fóscolo*. Belo Horizonte: Edições Secretaria da Educação, 1960.

[304] O escritor R. Magalhães Junior, alguns anos depois dessa carta de Frieiro, iria notabilizar-se como mitófago e suscitar muitas polêmicas com outros intelectuais, após a publicação, em 1965, do livro *Rui, o homem e o mito*, no qual tenta contestar a importância de Rui Barbosa como estadista.

tímida, a sua voz discordante do concerto laudatório ao herói da Inconfidência no artigo *Á sombra de Tiradentes.*[305] Para a historiadora, apesar de apresentar argumentos contrários à exaltação da figura de Tiradentes, a visão de Frieiro "está muito próxima ao objeto de sua própria crítica [...]", ou seja,

> [...] ao final do artigo, Frieiro voltou à representação mais aceita que, mesmo considerando a possibilidade de um comportamento atrapalhado de Tiradentes, mesmo quando deixou entrever suas fraquezas, não alterou sensivelmente a sua posição como mártir ou como heroi (FONSECA, 2002, p.445).

Afinal, chega mais perto da visão historiográfica e do espírito de Frieiro o amigo Brito Broca (1993, p.163-6). Comentando o ensaio *Como era Gonzaga?*, no qual o noivo de Marília é retratado de maneira essencialmente realista, sem a auréola de lenda que há muito o envolvera, Brito Broca conclui seu artigo lembrando que o escritor mineiro é suficientemente cético para não se desvanecer com suas próprias conclusões. Por isso, sempre deixa margem para outras interpretações. Chega a dizer que, no fim de contas, talvez a lenda é que tenha razão. Dito de outra maneira, a reflexão do escritor pessimista, leitor de Spengler, é que, apesar do esforço de alguns estudiosos de tratar a História cientificamente, o que deverá perdurar na memória da nação será, enfim, a imagem estilizada dos historiadores poetas e a vontade do povo de perpetuar seus mitos.

Na verdade, em mais de um momento, Frieiro manifestou sua impaciência com a mitificação de certas figuras históricas nacionais. Tiradentes, em especial, é lembrado por ter configurado o mito do herói, que "se adensou e enriqueceu através do tempo, até atingir a máxima expressão simbólica como Protomártir da República" (FRIEIRO, 1981, p.116). A propósito, no dia 21 de abril de 1947, escreveu em seu diário:

> [...] Grande consumo de retórica cívico-didática, hoje, nas comemorações do Tiradentes. Quanta frase campanuda, quanta hipérbole! Como a religião, a história cívico-didática é também ópio do povo! Mas haverá alguém que ainda tome a sério tão ruim literatura? Só as crianças – dos seis aos sessenta anos.

E em carta endereçada ao escritor Carlos Maul, que contestara sua opinião sobre a mesma personagem histórica, escreveu em 9 de junho de 1963:

---

[305] À sombra de Tiradentes foi publicado em forma de artigo no *Estado de Minas* de 20 abr. 1952, p.5, e, depois, incluido na segunda edição revista e aumentada de *O diabo na livraria do cônego,* 1981, p.109-116.

> *[...] Muito me honrou, creia, a sua carta alusiva ao meu artigo sobre Gilberto de Alencar.*[306] *Eu não podia esperar viesse a merecer a leitura do prezado Amigo e muito menos a atenção duma carta que é excelente página sobre o Tiradentes. Agradeço-lhe, sinceramente desvanecido.*
> *Não tive, devo explicar, a mais longínqua intenção de menoscabar o herói da Conjuração mineira com a expressão "o pobre do Tiradentes". Houve ironia na frase, mas não nesse membro da frase. O "pobre" está ali como "inditoso", "infeliz". Inditoso pelo supliciamento que padeceu no patíbulo, inditoso pela má literatura oficial e escolar, pela pior retórica cívico-didática e pela oratória campanuda, que tem inspirado e continua a inspirar o seu sacrifício. Inditoso pelos maus tratos que lhe infligem pintores e escultores, em obras de "cavação". Faz pouco tempo inaugurou-se numa praça daqui um monumento ao Alferes: um espantalho de cara enorme, barbaçudo, em camisolão de dormir ou em burel de frade pedinte, dum mau gosto verdadeiramente municipal. Em mau gosto pede meças ao gigantesco fantasma de bronze que o governo federal fincou em frente do edifício da Câmara dos Deputados. Pobre mártir da pátria, supliciado em vida e em efígie! E em palavras! Tem este sentido o adjetivo que empreguei.*
> *É o que me apraz explicar ao prezadíssimo Confrade, a quem agradeço mais uma vez a deferência de sua interessante e lisonjeira carta.*
> *Abraça-o, muito cordialmente, o seu*
>
> *[Sem assinatura]*

No entanto, apesar da suspeição com que Frieiro analisa o trabalho dos historiadores e de outros estudiosos da vida nacional, ele não perde o interesse em continuar *ensaiando* a história político-social e literária de Minas. Quer, isto sim, trocar com seus amigos epistolares, opiniões e novos dados,

> *Não me espanto de que, pelos fins de Setecentos, se copiasse nestes cafundós de Minas música de Boccherini e Hayden. Como o meu Amigo também não se deve espantar se eu lhe disser que nestes mesmos cafundós, pela mesma época, se lia Voltaire, Montesquieu, Diderot, Mably, Raynal, Condorcet, Metastasio, Quevedo, Góngora ..., e historiadores, filósofos, escritores políticos e sociais mais em evidência na Europa do tempo da Ilustração.*[307]

desenterrados em arquivos daqui ...

> *Lí no Suplemento Literário do "Minas Gerais" o seu trabalho sobre a ópera de Vila Rica. Muito bom. Como é que o Salomão de Vasconcelos, que andou tão empenhado em saber coisas do velho teatro ouropretano não leu os papéis que o Amigo descobriu? Falta de faro?*[308]

e d´além mar,

> *Felicito-o pelos proveitosos resultados de suas buscas em arquivos e bibliotecas de Lisboa. Parabéns pela colheita. O que me diz em carta, com relação aos livros inéditos de Colón [?] Barbosa e peças também inéditas e desconhecidas de Antônio*

---

[306] FRIEIRO, E. Dois romancistas da terra mineira. *Kriterion,* Belo Horizonte, v. 16, p. 199-209, jan./dez. 1963.
[307] Carta a Curt Lange, datada de 7 de setembro de 1947.
[308] Carta a Rodrigues Lapa, datada de 26 de janeiro de 1968.

> *José pode ser do maior interesse para a nossa literatura. Sem falar da sequência, a que se refere, do Reino da Estupidez. [309] de Jorge de Sena.*[310]

aventar novas versões para a história mineira,

> *Aguardo com muito interesse o seu estudo sobre Cláudio Manuel da Costa. Entre os cultivadores das cousas da história de Minas alguns há que propendem a admitir a hipótese de ter sido Cláudio assassinado a mando de alguma autoridade. Essa hipótese, ao ver de outros (com os quais concordo), não tem pés nem cabeça. Por que haviam de assassinar o pobre poeta, tímido e inofensivo, envolvido pela justiça terrorista do Vice-Rei numa conspirata que a bem dizer só existiu na cabeça maluca do Tiradentes?* [311]

mas, sempre desconfiado dos historiadores:

> *É certo: desconfio dos historiadores, embora goste da História, produto dos mais falsificados desse alambique de quimeras que é a mente humana.*[312]
>
> *O Diogo de Vasconcelos é de relativa confiança, como qualquer outro historiador. Foi já corrigido em várias partes de sua obra, de modo que deve ser consultado com as devidas cautelas.*[313]
>
> *Tôdas as questões a que alude em sua carta são das mais interessantes, mas na realidade, a história de Minas só é tratada aqui por algumas pessoas que não sabem senão repetir, exagerando-as adjetivamente, o que escreveram Diogo de Vasconcelos [Breve descrição geográfica, física e política da capitania de Minas Gerais ou descobrimento das Minas Gerais,18??], Xavier da Veiga [Efemérides Mineiras (1897)] e outros do mesmo tope, românticos nacionalistas, cultores da história cívico-didática.*[314]
>
> *Essa obra [Memórias do Distrito Diamantino, de Felício dos Santos, 1868], ainda que muito estimada, é simples história romanceada. Sugestiva, não há dúvida; mas tem de ser consultada com muita reserva e prudência.*[315]

Lendo a correspondência ativa de Frieiro, pode-se sentir nestas cartas endereçadas a Hélio Silva, Brito Broca, Otto Maria Carpeaux, Rodrigues Lapa, Curt Lange, entre outros, com que entusiasmo ele desempenhava sua atividade de pesquisador, apesar das (inevitáveis) manifestações de modéstia sobre o seu trabalho. Reforça minha análise, a carta abaixo, na qual ele agradece os elogios recebidos pela publicação no jornal *Estado de Minas* de um artigo seu sobre a influência dos negros na música brasileira[316]. Eis, portanto, a carta ao historiador Sílvio de Vasconcelos, a qual responde sem demora, em 10 de junho de 1947:

---

[309] Ensaios de Jorge de Sena, 1961.
[310] Carta a Heitor Martins, datada de 14 de outubro de 1965.
[311] Carta a Rodrigues Lapa, datada de 3 de julho de 1952.
[312] Carta a Hélio Silva, datada de 22 de dezembro de 1957.
[313] Carta a Rodrigues Lapa, datada de 25 de abril de 1956.
[314] Carta a Otto Maria Carpeaux, datada de 22 de fevereiro de 1948.
[315] Carta a Rodrigues Lapa, datada de 10 de março de 1955.
[316] FRIEIRO, E. Músicos negros em Minas. *Estado de Minas,* Belo Horizonte, 25 março, 1947.

> *[...] Venho agradecer seu amável favor de 3 do corrente, enviando-me cópia da carta que lhe dirigiu o Sr. Francisco Curt Lange a propósito de um artigo de minha autoria. Eu jamais teria podido imaginar que o meu insignificante artiguete viesse a merecer a atenção de tão ilustre musicólogo, como é o Sr. Curt Lange. E sinto-me agora um tanto encabulado por ter invadido terreno que me não pertence. Tranquilizo-me todavia com a certeza de que no caso não proferi nenhuma heresia, muito pelo contrário.*

Satisfeito com a atenção recebida, seguro do seu valor de polígrafo, refaz-se dos efeitos desgastantes da timidez e prossegue, com indisfarçável entusiasmo, a carta repleta de referências bibliográficas e de informações suplementares sobre o tema que interessara ao pesquisador alemão.

> *Satisfarei com todo o gôsto a curiosidade do Sr. Curt Lange no que toca às duas referências que parecem interessar-lhe. Uma é a relativa a Pohl. O naturalista austríaco João Manuel Pohl veio ao Brasil com a imperatriz Leopoldina no ano de 1817, tendo percorrido o interior do Brasil até Goiás. Deixou uma obra em dois volumes, Reise in innern von Brasilien, preciosa e rara. O historiógrafo brasileiro Afonso de E. Taunay escreveu [...]*

Iniciava-se logo depois, com uma carta de agradecimento enviada a Frieiro pelo próprio Curt Lange, uma profícua troca epistolar entre ambos.

Ainda em relação ao entusiasmo do autor com o seu trabalho, cito uma carta dirigida a Araújo Nabuco, da Editora Brasiliense de São Paulo, em 15 de março de 1944. Trata-se da resposta a um convite para participar de uma nova coleção, quando, então, ele aproveita para noticiar a escrita de dois dos seus ensaios mais conhecidos e elogiados:

> *[...] Tenho um trabalho interessante, ao menos para mim: um ensaio à margem da biblioteca do inconfidente Cônego Luiz Vieira, a maior ilustração do Brasil em fins do século XVIII. Deu seis ou sete artigos longos na "Folha de Minas".*[317] *Não posso porém publicá-lo em livro, como realmente tenciono, antes de conferir certas referências bibliográficas que só posso achar na Biblioteca Nacional ou outra análoga.*
> *Em 11 de agosto deste ano festeja-se o bicentenário do nascimento de Gonzaga. Escrevi três artigos – "Como era Gonzaga?", "Gonzaga, peralta e namorador" e "O casamento de Gonzaga" – que eu desejaria imprimir em uma "plaquette" como a do "O Brasileiro não é triste", isto é, página muito estreita, em corpo 12, 18 linhas de alto, margens largas. Enfim, a cousa bem espichada a fim de se arranjar umas 80 ou 90 páginas.*
> *Concretizando: prometo o caderno, sem entretanto saber bem como cumprirei o prometido. Está certo?*

---

[317] FRIEIRO, E. O diabo na livraria do inconfidente. *Folha de Minas,* Belo Horizonte, 26 ago. 1943. 2c.
-------. Escrutínio na livraria do inconfidente. *Folha de Minas,* Belo Horizonte, 2 set. 1943. 2c.
-------. Prossegue o escrutínio na livraria do cônego. *Folha de Minas,* Belo Horizonte*, 9 set. 1943. 2c.*
-------. A febre de instrução do cônego Vieira. *Folha de Minas,* Belo Horizonte, 16 set. 1943. 2c.
-------. O cônego Vieira, apaixonado cultor da História. *Folha de Minas,* Belo Horizonte, 23 set. 1943. 2c.
-------. Fim do escrutínio nos livros do inconfidente. *Folha de Minas, 39 set. 1943. 2c.*

Alguma coisa, entretanto, deu errado na negociação do escritor com a editora paulista porque *O Diabo na livraria do Cônego* saiu pela Editora Cultura Brasileira, de Belo Horizonte, em 1945 e, *Como era Gonzaga?*, pela Imprensa Oficial (Publicações da Secretaria de Educação de Minas Gerais) em 1950. Mais à frente comentarei a intrigante relação de Frieiro com os editores. Por ora, preciso voltar ao sentimento ambíguo de entusiasmo/retraimento que permeia o seu envolvimento com a historiografia. Por conseguinte, escrevendo ao historiador Hélio Vianna em 24 de agosto de 1945, inicia a carta tentando justificar a ausência de comentários críticos sobre o livro *Contribuição à História da Imprensa Brasileira*,318 do referido autor, nos jornais de Belo Horizonte, num momento de efervescência no cenário político nacional: o fim do Estado Novo. Diz a carta:

> *[...] Nossos jornais quase que se limitam a publicar as notas de novidades enviadas pelos editores. Nenhum mantém neste momento uma seção regular de crítica ou crônica de livros novos. O espaço é pouco para a politicalha e a matéria paga.*

Reportando-se, em seguida, às dificuldades relativas à falta de infra-estrutura para a pesquisa histórica no ambiente cultural de Minas, diz:

> *Temos aqui, como sabe, um grupo de curiosos da história mineira – Abílio Barreto, Salomão de Vasconcelos, João Dornas Filho, Geraldo Dutra de Morais, Edelweiss Teixeira, João Camilo [de Oliveira Penna] e poucos mais -, gente que gosta de ciscar nos poeirentos e arruinados códices do Arquivo Público. De raro em raro, um deles publica alguma coisa. Carecem entretanto de um órgão próprio. Pois se nem ao menos a "Revista do Arquivo" tem aparecido, vai já para uns oito ou nove anos!*

Por fim, agradece os elogios do historiador pelo *O Diabo na livraria do Cônego*, cuidando-se para não se exceder na costumeira modéstia. Isso pude observar nas correções a caneta feitas na primeira versão[319] da carta escrita a máquina:

> *Suas palavras a respeito de "O Diabo na livraria do cônego" muito me lisongearam, mas nem porisso me permito atribuir a esse folheto [havia escrito trabalho] qualquer valor de contribuição histórica. Não tenho nem jamais tive veleidades de historiador. Careço de imaginação, para tanto. Não o digo com intuito de menosprezar a seriedade dos estudos históricos. Nada disso. Bem sabe o prezado Professor que a imaginação é necessária às realizações da própria ciência.*[320] *Acho aceitável a sua observação quanto ao lugar de nascimento do*

---

318 VIANNA, Hélio. *Contribuição à história da imprensa brasileira 1812-1869.* Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1945.

319 Considerando-se que a cópia contendo correções, cortes e acréscimos, que li para esta tese, tenha dado origem a outro texto efetivamente enviado ao destinatário.

320 Os grifos correspondem às supressões feitas a caneta pelo próprio autor.

> *Cônego Luís Vieira. A propósito dele, informou-me Augusto de Lima Júnior que ainda está de pé em Ouro Branco a casa que pertenceu ao Cônego. Até sugeriu a idéia de se inaugurar nessa casa uma placa comemorativa. (Grifos meus).*

A discussão sobre o lugar de nascimento do Cônego Luís Vieira ainda rende outra carta do historiador Hélio Silva, à qual Frieiro responde em 16 de abril de 1946, nos seguintes termos:

> *Agradeço-lhe a notícia que escreveu acerca de meu livrete, assim como o recorte gentilmente enviado, junto com o da recensão da Revista da Semana. Não há dúvida de que fica esclarecida a confusão porventura existente sobre o lugar de nascimento do Cônego Vieira da Silva. Suponho, entanto, que o único a fazer a confusão fui eu. Não tenho a mão a Arquidiocese de Mariana, do Cônego Trindade, donde tirei alguns apontamentos relativos à biogafia daquele inconfidente. Assim, não posso verificar de momento se o dito historiógrafo da Igreja marianense labora igualmente na mesma confusão na citada obra, posteriormente desfeita. Tenho a obra Instituições de Igrejas do Bispado de Mariana, para a qual me chamou a atenção. Eu não tivera ainda a curiosidade de a folhear. É que esses estudos só me interessam acidentalmente. A História é roça de outros, como o prezado Professor. A minha rocinha é a miúda literatura, o jornalismo literário, o ensaismo ligeiro. Naturalmente, sou curioso da história de Minas e do que a ela se prende. Sobre ela tenho escrito muitos artigos, um romance, O Mameluco Boaventura, estou principiando um trabalho sobre Ouro Preto. Mas não sou historiador. Para tanto, careço de imaginação.*

A alegada falta de imaginação para trabalhar com a História, autocensura que havia conseguido evitar na última carta, teima em aparecer aqui, sem corte. É interessante, ainda, comparar essa auto-avaliação tão cautelosa com outra carta escrita quase vinte anos depois, ao escritor português Mário Gonçalves Viana. Revela, em 24 de agosto de 1964, um Frieiro mais seguro em relação às suas qualidades de historiador, animando-se a dar continuidade àquele velho projeto de escrever a História de Ouro Preto:

> *[...] Igualmente lhe agradeço, verdadeiramente comovido, as generosas palavras com que se referiu aos meus livros "A ilusão literária", "Os livros nossos amigos" e "O Diabo na livraria do Cônego". Creia que muito me desvaneceram, por virem de um vigoroso trabalhador das letras que há muito admiro e tem a responsabilidade de um nome de escritor respeitado nas letras portuguesas pela variedade e qualidade de sua extensa obra de polígrafo. Fico-lhe pois imensamente cativo por tão honrosa demonstração de aprêço intelectual, muito acima de meus reduzidos méritos.[...]Suas elogiosas referências a "O Diabo na livraria do Cônego" encorajam-me a iniciar uma obra que por ora não passa de projeto: a história da velha capital mineira, Ouro Prêto, contada no mesmo jeito daqueles ensaios, isto é, em tom de petite histoire, mas cum grano salis e certo "realismo" malicioso e irreverente, fora quando nada dos moldes convencionais [...]. (Grifos do autor).*

Afinal, *O Diabo na livraria do Cônego* (1945), como também *Como era Gonzaga?* (1950) assim como os outros textos sobre a história mineira incorporados na segunda edição de *O*

Diabo... (1981)[321], já antecipam, em forma e estilo, a chamada nova história ou história cultural que, como se sabe, no transcorrer da década de 70 e 80, representou uma reação deliberada contra o *paradigma* tradicional, pondo em discussão o que é central e o que é periférico na escrita da história. Esse movimento envolveu destacados historiadores de diferentes países aplicados em identificar *novos objetos* e *novos problemas* históricos.

Sabe-se, por outro lado, que é comum atribuir os primórdios dessa *história alternativa*, na expressão do historiador inglês Peter Burke[322], à *École des Annales,* fundada em1929 por Lucien Febvre e Marc Bloch, cuja proposta era rever a história tradicional factual privilegiando a história de longa duração e abrir-se, ainda, para o intercâmbio com as diferentes ciências humanas. Pois bem, embora Marc Bloch (*Apologie pour l´histoire, ou: Métier d´historien, 1952)* e Lucien Fébvre *(L´Apparition du livre, 1958;* e *Combats pour l´Histoire, 1953)* estejam presentes na biblioteca de Frieiro, as datas desses livros, posteriores aos primeiros ensaios do nosso escritor, dificultam, de qualquer modo, saber até que ponto teria sido ele influenciado pelos pesquisadores da Escola dos Anais. Contudo, ao tomar como objeto de estudos personagens pouco conhecidos através da história oficial (Conde de Assumar em *O mameluco Boaventura* (1929) e em *Justiça para o Conde de Assumar* (*O diabo ...,* 1981, p.167-73)*,* além de Frei Luís Vieira da Silva, o cônego inconfidente que dá título ao livro, ou algum aspecto pouco convencional de uma figura notória (por exemplo a vaidade de Tomás Antônio Gonzaga em *Como era Gonzaga?*), Frieiro já transgride, em certa medida, a tradicional *visão de cima* da historiografia oficial, voltada para os *grandes feitos* dos *grandes homens*. Sua proposta é recontar a história mineira como confidencia a Gonçalves Viana, em carta anteriormente citada, com "realismo" malicioso e irreverente, procurando descrever "*o quadro social das primeiras povoações mineiras" à distância dos "fantasiadores" da história*.[323] Embora os personagens que lhe chamam a atenção, via de regra, pertençam à elite política e cultural da colônia, o seu olhar arguto procura novas perspectivas quando se debruça sobre essas figuras.

---

[321] Nos anos 1940 e1950 Frieiro publicou vários textos sobre a história de Minas em jornais e revistas que depois foram incorporados na segunda edição do *O diabo na livraria do cônego* sob o título *Outros temas mineiros*. Ele próprio fez as alterações para a nova edição e ainda estava vivo quando da publicação em 1981.
[322] BURKE, P. Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. In: BURKE, P. (Org.) *A escrita da História, novas perspectivas.* 2 ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p.17-37. Na sua opinião, embora não se possa negar a importância dos pesquisadores da Escola dos Anais para a renovação da historiografia moderna eles não estavam sozinhos nesta empresa e outros nomes importantes devem ser lembrados: Karl Lamprecht (1900) na Alemanha, James H. Robinson (1912) nos EUA, e Lewis Namier e R. H. Tawney, anos 30, na Grã-Bretanha.
[323] Carta de Frieiro a Mário Gonçalves Viana, datada de 24/08/1964.

Por isso, Frieiro se distingue não só pelo ceticismo costumeiro com que lê as opiniões sedimentadas, mas também pelo conhecimento das fontes da História de Minas Gerais, das quais faz uso criterioso e, ao mesmo tempo, criativo e refinado. Mais do que buscar novos tipos de fontes para suplementar as fontes oficiais, prática que será comum à nova história, o que Frieiro faz, com distinção e brilho, é ler os documentos oficiais com um olhar novo e interdisciplinar.

Eis como ele apresenta *O Diabo na livraria do Cônego,* abrindo o primeiro parágrafo do primeiro capítulo (1981, p.13).

> Quem era o Cônego?
> Parece o título de um conto à maneira de Anatole France ou Alfredo Panzini. Mas não é um conto. O que se vai ler é um tímido ensaio bibliográfico à margem da Inconfidência Mineira. O Cônego a que aludiremos é Luís Vieira da Silva, o mais instruído e eloqente de todos os conjurados mineiros, na opinião do historiador Joaquim Norberto de Sousa Silva, opinião que o historiador Joaquim Xavier da Veiga considerou exagerada.

Este trecho da carta ao confrade Martins de Oliveira, sem data, merece ser repetido, aqui, por mostrar como o escritor via o seu trabalho de historiador:

> *Agradeço-lhe muito semsibilizado as amáveis palavras que me escreveu, a propósito de "O Diabo na livraria do Cônego". Esse pequeno trabalho é um simples divertimento bibliográfico.*

Bibliógrafo competente que ele era, assessorou, por correspondência, pesquisadores do porte de Rodrigues Lapa, Otto Maria Carpeaux e Brito Broca sobre as coisas de Minas. Classifica o referido ensaio, dentro do seu campo assumido de trabalho, deixando, contudo, entrever o estreito diálogo que mantinha, via pesquisa bibliográfica, com a literatura e com a história. A prova disso é que, a partir da longa e seca relação dos bens seqüestrados do Cônego no processo dos inconfidentes, publicada nos *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*[324], Frieiro constrói, cum grano salis, como se propunha, uma deliciosa peça de história da leitura na Vila Rica dos oitocentos, no melhor estilo defendido hoje pelo historiador Robert Darnton (1992, p.199-236). Embora se referisse ao seu ensaismo histórico como *petite histoire*, termo, naquele momento, de cunho pejorativo entre os historiadores, por remeter a certa abordagem anedótica e pontual, seu estilo antecipa a *micro-história*, que viria ganhar reconhecimento e

[324] *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira,* v. I, p. 346 e segs., e vol. II, p. 277 e segs., publicados pela Biblioteca Nacional (Ministério da Educação),em sete volumes, Rio de Janeiro, 1936-1938.

destaque somente no transcurso dos anos setenta e oitenta do século passado[325]. Apesar da equivalência semântica dos termos, a micro-história se distingue da desacreditada *petite histoire* por conseguir articular o detalhe dentro da macroestrutura, sem contudo descuidar-se do contexto. É nesse sentido que Frieiro entra no clima da Inconfidência Mineira. Servindo-se de alguns de seus personagens principais, recria minuciosamente detalhes colhidos com rigor e critério em fontes oficiais, e, ao mesmo tempo, se permite alçar vôos que transformam em pura literatura dados que têm, com o mesmo peso, valor histórico.

Frieiro pode, pois, ser considerado antecessor, no sentido borgeano, de Guinzburg, o mais conhecido representante da micro-história italiana desde *O queijo e os vermes* (1987). Ambos interpretam determinada realidade a partir de cuidadosa leitura e reconstrução imaginativa da documentação utilizada e, como escritores brilhantes que são, contam uma história com as técnicas narrativas do conto ou da novela, conjugando simplicidade coloquial com erudição acessível tanto ao profissional quanto ao leitor comum (GUINZBURG, 1990, p.234-63).

Em resumo, embora alegasse falta de imaginação para trabalhar com História, suas cartas revelam um Frieiro que soube descobrir na história de Minas um veio inexplorado que transformou, prazerosamente, em temas de muitas obras suas.

Assim, escrevendo ao intelectual português A. J. da Costa Pimpão, em 11 de janeiro de 1955, acusa o recebimento de um artigo sobre o humanismo em Portugal e agradece as palavras elogiosas que Pimpão tece ao ensaio *Como era Gonzaga?*. Entre outras considerações sobre a perpetuação dos mitos nacionais acrescenta:

> *[...] Aquele trabalhinho meu, destinado primeiramente a sair em jornal, escrevi-o meio a sério e meio a brincar, sem mais pretensão que a de deitar um pouco d´água fria na fervura dos gonzaguianos mitófilos. E confesso que sou um tanto mitoclasta. Anti-poeta? Poderia responder com as palavras de Carducci: io amo la poesia in poesia e in prosa la prosa. Convém separar os gêneros: lenda para lá, história para cá.*

[325] A palavra *micro-história* foi empregada, pela primeira vez, pelo estudioso americano George R. Stewart em 1959, no livro *Pickett's Charge. A microhistory of the final attack at Gettysburg,* em que analisa, minuciosamente, a batalha decisiva da guerra civil americana. Em 1968, o historiador mexicano Luiz González y González (1925-2003) usa a palavra no subtítulo de seu livro *Pueblo en vilo. Microhistoria de San José de gracia. A* micro-história, nesse contexto, é sinônimo de história local, escrita a partir de uma ótica mais qualitativa que quantitativa. Já as investigações micro-históricas italianas da década de 1970, com Giovanni Levi e Carlo Ginzburg, entre outros, se voltaram tanto para temas de importância reconhecida como para temas anteriormente ignorados ou relegados a âmbitos considerados inferiores como a história local sem descuidar, contudo, nesse caso, da inter-relação entre a dimensão microscópica e a dimensão contextual.

> *Sabe-se bem, prezado Professor, que o século dezoito português não foi apenas galante, beato e fútil, como aparece (evidentemente num só dos seus aspectos) na obra de Júlio Dantas, que eu citei, creio, muito a propósito. E para acentuar, com uns toques satíricos, a tafulice do ouvidor Gonzaga, legítimo peralta de seu tempo, diverti-me em usar o tom júlio-dantista, garrido e rococó. (Grifo do autor)*

Aí está o Frieiro a mostrar o seu lado mais característico: cético e contestador por trás da "modéstia irônica carregada de segundas intenções, um pouquinho presumida", para usar a mesma frase com a qual Auerbach falou de Montaigne (AUERBACH, 1976, p.254), brincando com a possibilidade de trabalhar ao mesmo tempo a história, a literatura e a língua.

Além das figuras do Cônego Luís Vieira, de Tomás Antônio Gonzaga e de Tiradentes, a pena ensaística e epistolográfica de Frieiro correu, curiosa e desconstrutora, outros temas mineiros. Sobre Aleijadinho, por exemplo, tem uma opinião irreverente e polêmica, ou pelo menos a tinha em 1938, quando escreveu uma carta ao intelectual argentino Benjamín de Garay:

> *[...] Recebi sua carta e atendo desde já, em parte, ao que nela me pede. Seguem por êste correio o livro de Mário Matos, um finíssimo ensaísta e também excelente poeta (acaba de publicar "Último canto da tarde"!) e o opúsculo do Feu de Carvalho, que põe algum chumbo nas asas dos arroubados panegiristas do Aleijadinho. As fantasias sobre o santeiro de Congonhas já correm mundo. Vem gente da Europa, dos Estados Unidos, de toda a América, em peregrinação às cidades mortas de Minas, para admirar os trabalhos de Aleijadinho. E o melhor é que toda essa gente sai de queixo caído com os "horrendos aleijões" (segundo a voz do elementar bom gosto) atribuidos ao modesto artífice que a lenda transformou em gênio nacional! E admiram trabalhos que correm gratuitamente, sem comprovoção, por conta do legendário Antônio Francisco Lisboa. Em o número de "La Prensa" de 11 de Janeiro de 1931, publicou Angel Guido uma página sobre o Aleijadinho, ilustrada com 11 estampas de trabalhos do escultor do santuário de Congonhas. O crítico argentino reproduzia as hipérboles do mitógrafo José Mariano (Filho), comentando-as e acrescentando outras por sua própria conta.*

A má vontade do escritor para com o celebrado artista barroco não o impede, contudo, de atuar no papel que parece lhe agradar tanto: o de mediador cultural, num sentido lato, ou de bibliógrafo, mais especificamente, localizando fontes as mais diversas sobre a cultura mineira, e divulgando-as para que outros intelectuais tenham acesso a elas. O comentarista bibliográfico, segundo ele disse mais de uma vez, é alguém que, gostando de ler, gosta também de suscitar, nos seus leitores, o prazer de conhecer certos livros. Certos livros, é claro, que merecem ser lidos, apressava-se em demarcar.

Diz, ainda, a carta a Benjamín de Garay, de 22 de junho de 1938:

> *[...] Mandei há pouco para o escritor português José Osório de Oliveira, grande amigo das coisas brasileiras, uma coleção de fotografias de monumentos artísticos*

> *de Minas colonial. Custei a conseguir as fotografias, mas espero obter outras que enviarei com o máximo prazer ao meu distinto amigo Garay. Não há retrato do Tiradentes, nem de Bárbara Heliodora. Os que existem de Tiradentes são imaginários, como é também de imaginação um da mulher de Alvarenga Peixoto, pintado por Alberto Delpino, creio, e do qual lhe remeterei uma reprodução, logo seja possível. [...]*

A propósito, o retrato como fonte histórica é um recurso muito ao gosto de Frieiro, mencionado em diferentes momentos de sua troca epistolar. Uma carta a Hélio Silva, em 16 de julho de 1947, termina com a seguinte indagação:

> *[...] Agora uma pergunta ao historiador bem informado: por onde andará, aí ou alhures, um retrato de Tomás Antonio Gonzaga pintado pelo comendador J. M. Mafra, de imaginação, e depois reproduzido em gravura, feita em Paris, para a edição Laemmert, 1845, da Marilia de Dirceu?*

Em 5 de abril do ano seguinte, 1948, após receber carta do historiador, retoma o assunto do quadro desaparecido:

> *Fiquei muito contente com o que me diz em sua carta última. Alegra-me saber que o prezado Amigo se interessou verdadeiramente pelo paradeiro do retrato de Gonzaga, empenhando-se em investigar o assunto, e já pôde apresentar algum resultado quanto ao inicio das investigações confiadas ao peritíssimo Sr. Francisco Marques dos Santos, cujo saber nessa e em análogas matérias é notoriamente reconhecido.*
> *O retrato a óleo de Gonzaga foi oferecido por Mafra a Joaquim Norberto, o historiador da Conjuração Mineira. Quem sabe não estará ainda em casa de algum descendente de Norberto?*
> *Reproduzirei, melhorado, no 3º número de Kriterion, a sair por este mês ou princípios do próximo, uns artigos que escrevi na Fôlha de Minas sob o título "Como era Gonzaga? e nos quais me referia ao quadro a óleo pintado por Mafra. Aludirei então ao que acaba de me informar em sua carta, isso naturalmente com a devida vênia.*

No fecho da carta, não esconde o seu excitamento pela investigação em curso, repetindo:

> *Na expectativa de interessantes descobertas acêrca do caso que nos interessa, às quais certamente chegará o prezado Amigo, com a valiosa ajuda do sagaz e sempre bem informado Sr. Marques dos Santos,*
> *abraça-o amistosamente o seu*
>
> *[Sem assinatura]*

O ensaio *Como era Gonzaga?*, de fato, traz, na primeira página, a cópia fotográfica da estampa que reproduz o quadro a óleo de J. M. Mafra, intitulado *Gonzaga na prisão.* E, no primeiro capítulo, *O retrato imaginário de Gonzaga,* o escritor faz a apresentação e a leitura desse material iconográfico. Com o pretexto de discutir a fidelidade desse retrato imaginário à figura real de Gonzaga, vai contrapondo diferentes depoimentos sobre o inconfidente: do

viajante Richard F. Burton ao historiador Joaquim Norberto; do próprio Dirceu, lido na edição citada de *Marilia de Dirceu*, além de estudos sobre a indumentária masculina e os costumes sociais naquele meio e época. As antenas sensibilíssimas do historiador Frieiro (não obstante a sua recusa ao título) perscrutam, sem descanso, pistas que levem a informações novas ou, principalmente, a revisões sobre o passado de Minas.

Com referência às *Cartas Chilenas,* como se sabe, uma das mais ricas páginas de sátira político-literária brasileira, Frieiro não escreveu nenhum ensaio. No entanto, graças ao seu perfil de bibliógrafo investigativo, se assim posso nomear o seu interesse em descobrir, analisar e divulgar as fontes de estudos mineiros, em sentido extensivo e intensivo, sua correspondência dá conta de como ele acompanhou os debates sobre a autoria dessa obra. Além do mais, para essa questão, o filólogo Rodrigues Lapa se valeu de seus préstimos de pesquisador até chegar à finalização de seu estudo *As Cartas Chilenas; um problema histórico e filológico*, publicado pelo Instituto Nacional do Livro (INL) em 1958.

A respeito de Rodrigues Lapa, em 10 de janeiro de 1939, em resposta a uma carta dele de 17 de outubro de 1938, Frieiro assim se expressa: "[...] amigo recente mas já do meu maior aprêço e que há muito admiro". Pelo que sei de Lapa, tendo sido afastado do ensino universitário pelo Goverso de Salazar, em 1935, subsistiu organizando cursos particulares e pesquisando e publicando muito. O interesse pelos autores do arcadismo brasileiro data dessa época, conforme pude verificar na correspondência com o nosso escritor.

Retomando o estudo da carta já mencionada, Frieiro começa desculpando-se pela demora em responder ao prezado professor esclarecendo-lhe que desejava enviar-lhe um exemplar de Acendalhas, livro de Alberto Faria, publicado em 1920. Infelizmente, lamenta Frieiro, não o encontrara nas livrarias de Belo Horizonte nem nas do Rio da Janeiro onde fora publicado pela Livraria de Leite Ribeiro & Maurilo, depois Livraria Freitas Bastos. Prossegue a carta:

> *Três capítulos da obra de Faria são de interêsse para os estudiosos da vida e da obra de Gonzaga: "Criptônimos das Cartas Chilenas", "Primos de Gonzaga" e "Tropologia das Cartas Chilenas". Alberto Faria acreditava, duro como ferro, que a Cartas eram de Gonzaga. Seus argumentos são engenhosos, mas não concludentes, é claro. Antes de Faria, um distinto historiador mineiro, José Pedro Xavier da Veiga, também se inclinava para a autoria de Gonzaga. Eu de mim creio que só poderiam ter sido de Gonzaga, ou antes, tudo faz crer que foram de Gonzaga. O livro de Caio de Melo Franco, a meu ver, prova de mais, prova... que não são de Claudio, as famigeradas Cartas. É tudo uma questão de crença, porque em verdade o problema é insolúvel. Um eminente erudito nosso, o saudoso João*

> *Ribeiro, chegara ultimamente à convicção de que todas as soluções propostas eram falsas. (Grifos do autor)*

E continua, solícito:

> *Quanto á possibilidade de se obter aqui um exemplar das Cartas Chilenas, é mais que problemática. Eu também só conheço excertos da sátira de Critilo, os que se acham transcritos no estudo bibliográfico de José Pedro Xavier, publicado na "Revista do Arquivo Público Mineiro", ano II, 1897, ps. 403-424. Ou muito me engano, ou a única edição de todas as Cartas é a de 1863, a que se referem os bibliógrafos desse libelo. No aludido estudo de J. P. .Xavier da Veiga encontra-se esta referência:*
> *"As Cartas (treze), com algumas lacunas impreenchíveis do original ou cópia, fórão publicadas em 1863 no Rio de Janeiro, typographia Laemmert, trazendo no respectivo frontispício os dizeres seguintes: --"CARTAS CHILENAS (treze), em que o poeta Critillo conta a Dorotheo os factos de Fanfarrão Minezio, governador do Chile. /Copiadas de um antigo manuscripto de Francisco Luiz da Veiga. O auctor da Introducção escreveu tambem varias notas e um Epilogo, que se encontrão no volume e complétão as suas 220 pagina. Na Introducção dá o Dr. Luiz F. da Veiga, noticia do valioso manuscripto, encontrado em 1892 n´um archivo de seu digno e finado pai, Sr. João Pedro da Veiga, que o recebera por sua vez, muitos annos antes, de seu venerando progenitor, avô do Dr. Luiz Veiga (e de quem escreve as presentes linhas)", etc. etc.*

Após a transcrição do trecho contido no estudo de J. P.Xavier da Veiga, Frieiro prossegue com suas impressões, procurando prover o amigo de mais dados sobre a polêmica questão:

> *A opinião de J. P. Xavier da Veiga tem certo pêso, porque a cópia mais completa e mais exata das Cartas saiu do arquivo de seus avós, sendo de notar que um de seus antepassados, Saturnino da Veiga, residente em Ouro Preto, desde 1788 a fins de 89, fôra testemunha presencial do processo da Inconfidência e não ignorava provavelmente a paternidade da sátira que os seus descendentes atribuíam a Gonzaga.*
> *A primeira publicação das Cartas, feita em 1845, pela revista literaria Minerva Brasiliense*[326]*, compunha-se apenas de sete cartas, sem indicação de procedência da cópia. Nem na Biblioteca Pública, nem no Arquivo Público, daqui, existem exemplares da obra, de que se pudesse extrair cópia. No Rio ou em São Paulo, sim, há facilidade para estas coisas.*

Como lhe parece fazer falta a riqueza bibliográfica encontrável, naquele tempo, só nas grandes capitais! Ainda assim, ele localiza e apresenta mais informações acerca do tema de interesse do amigo pesquisador.

> *Envio-lhe cópia duma carta escrita pelo padre Pombo, de Luanda, ao nosso venerando polígrafo Tomás Brandão. Não sei se o padre Pombo ainda publica naquela cidade de Angola a revista Diogo-Cão*[327]*, em que apareceram algumas informações novas acêrca dos conspiradores brasileiros deportados para aquela colonia.*

[326] Revista literária publicada no Rio de Janeiro de 1843 a 1945.
[327] Revista Ilustrada de Assuntos Históricos Angolanos, publicada , nos anos 30, pelo Padre Ruela Pombo.

Termina a longa carta fornecendo, ainda, o endereço solicitado do intelectual de Juiz de Fora Albino Esteves e despede-se com uma saudação prenunciadora da longa amizade que os uniria dali em diante:

> *Sempre às suas ordens, sauda-o cordialmente o admirador e amigo atento*
> *Eduardo Frieiro*

Na verdade, o assunto *Cartas Chilenas* parece interessá-lo sobremaneira. Com efeito, encontrei, ainda, outra carta, ao escritor ouro-pretano Vital Pacífico Passos, no mesmo ano, 7 de junho de 1939, na qual ele revela seu entusiasmo por esse tipo de pesquisa. Também chamou-me atenção nessa carta de Frieiro, o modo de tratar os jovens escritores, encorajando-os na justa medida, entre o elogio e a crítica honesta.

> *Caro Vital,*
>
> *Li rapidamente seu trabalho "O verdadeiro autor das Cartas Chilenas". Quero relê-lo depois, com o necessario vagar.*
> *[...]Você não calcula as funduras em que se meteu! O problema das Cartas Chilenas, sobre o qual muito se tem escrito – muitíssimo mais do que você imagina, pelo que concluo de sua carta, - é problema insolúvel, como outros semelhantes.[...]Para mim, que me tenho detido um pouco no assunto, elas só poderiam ser de Gonzaga. Mas é simples convicção, sem provas decisivas, que ainda não foram achadas, nem se acharão, como é infinitamente provável. Essa era a convicção de José Pedro Xavier da Veiga (in Rev. Arq. Pub. Min.), Alberto Faria (a maior autoridade em Gonzaga, até que apareceu o professor Rodrigues Lapa), Tomás Brandão e outros. Rodrigues Lapa teve a fortuna de encontrar documentos novos, preciosos e, segundo me escreveu, tem pronto para o prelo uma biografia de Tomás Gonzaga, com revelações inéditas do mais alto valor sobre o poeta, a sua familia e as suas aventuras no destêrro. O professor Lapa tenciona publicar, também, nova edição das Cartas Chilenas, em Portugal ou no Brasil.*

Dados os créditos ao amigo português, desafia o pesquisador ouro-pretano a preparar-se melhor para a disputa intelectual:

> *Você conhece os livros de Alberto Faria – Marilia de Dirceu, Aérides e Acendalhas? Não conhece? Então você ainda é pinto em matéria de Tomás Antônio Gonzaga. Conhece os estudinhos de Lindolfo Gomes sobre as Cartas Chilenas? Tem a Marilia de Dirceu, de Tomás Brandão e a Gonzagueana de Ley?*
> *Em trabalhos desta índole é preciso conhecer toda a bibliografia do assunto, ou quando nada, a principal.*

Acredito que não era intenção de Frieiro, com a sabatina imposta ao pesquisador novato, fazê-lo desacreditar de si mesmo. Severo, como também generoso, Frieiro estimula-o a prosseguir com cautela e seriedade. Assim, dirigindo-se, novamente a Vidal, diz:

> *Não se impressione com os concorrentes. De estudos literários desta natureza não se tiram patentes. O que se quer é que os especialistas deste gênero de erudição publiquem estudos conscienciosos, aprofundados, bem feitos e, se possível, digam algo novo e interessante. Nada de pressa, amigo Vidal. Publique primeiro os outros trabalhos que você me anuncia. Deixe esse negócio das Cartas Chilenas para depois. Temo que você esteja animado por ardores de cristão novo, e se queime com pouca lenha [...].*

Após citar outras fontes com minúcias bibliográficas, indicando ainda em que bibliotecas ou arquivos seriam encontradas, insiste em justificar-se:

> *Não digo nada disto para o desanimar, amigo Vital. Ao contrário. Acho que você, aí em Ouro Preto, pode entregar-se pachorrentamente à erudição histórica e literária. E é certo que os trabalhos desta índole encontram boa acolhida entre os leitores e, portanto, entre os editores. O que eu digo é só pelo receio de que você se deixe levar demasiado pela sua inteligência primesautière. E o que convém, no caso, é pata cautelosa, desconfiada, lenta. Adeus, Vital.*
>
> *Afetuoso abraço do*
>
> Frieiro *(Grifo do autor)*

Resolvi transcrever essa carta na íntegra para evidenciar, paralelamente ao conhecimento bem sustentado da história mineira, o lado afetuoso e disponível que o escritor compartilhou com as pessoas que estiveram mais próximas dele. Tal postura se contrapõe, ressalto de novo, à sua imagem pública de homem amargo, arredio e misantropo.

Também com Rodrigues Lapa a questão das *Cartas Chilenas* foi tema de correspondência no período 1939-41. Apresento, a seguir, uma carta de Frieiro, de 26 de junho de 1939:

> *[...] Seria grande o meu prazer se pudesse obter aqui para o ilustre amigo um exemplar das Cartas Chilenas. Ou muito me engano, ou só se fez uma edição: a de 1863, impressa na tipografia dos irmãos Laemmert. Na Biblioteca da Secretaria do Interior, aqui, existe um exemplar dessa edição. Um amigo meu, de Ouro Preto, possue um, também. Eu só a conheço de referências.*
> *Espero ir breve ao Rio, e lá então farei uma batida nos sebos, em busca do cobiçado bouquin. Tenho esperanças de oferecê-lo ao distinto amigo.[...] (Grifo do autor)*

Ainda lamentando não ter encontrado o livro solicitado pelo amigo, escreve em 7 de março de 1941:

> *Não pude enviar-lhe até hoje a desejada cópia das "Cartas Chilenas", edição Laemmert. Não foi mesmo possível, sem embargo do grande empenho que eu punha nisto. È que o exemplar das "Cartas", exixtente na Biblioteca da Secretaria do Interior, aqui, achava-se emprestado com uma pessoa que também queria cópia para publicá-la numa revista literária desta cidade. Essa pessoa, que é da minha amizade, prometeu-me uma das cópias que tencionava mandar fazer. Correu porém o tempo e tudo ficou em projeto e promessa. E eu sempre à espera, sem poder enviar-lhe qualquer resposta a respeito do assunto.*

> *Enfim, saiu uma edição das "Cartas" ,feita pelo Ministério da Educação, aos cuidados de Afonso Arinos Sobrinho. Na suposição de que ainda não a possue, ofereço-lhe com toda a satisfação um exemplar que segue registrado, por este correio.*
>
> *E creia sempre às suas ordens o*
>
> *E. Frieiro*

E, ainda, em 7 de julho de 1941:

> *[...]Mando-lhe o folheto de Sud Menicucci sobre as "Cartas Chilenas". E escreva-me sem constrangimento pedindo alguma obra de que precise. Sabe que terá prazer em atendê-lo no que for possivel o*
>
> *Amº e adºr muito agradecido*
>
> *E. Frieiro*

As *Cartas Chilenas* ainda aparecem na sua correspondência com o intelectual mineiro José Pinto Coelho, em duas cartas de 1959 e uma de 1961. Favorável à hipótese da autoria de Cláudio Manoel da Costa, José Pinto Coelho é autor dos trabalhos intitulados *A esposa de Doroteu, As becas de Doroteu* e *A memória histórica de Cláudio-Critilo*. Nas três cartas mencionadas, Frieiro agradece-lhe os trabalhos enviados e estimula-o a publicá-los em formato de livro. Solicita-lhe, ainda, uma cópia desses artigos para o "distintíssimo amigo Prof. Rodrigues Lapa", que estava, naquele momento, "preparando a edição das Obras completas de Cláudio Manuel, já adiantada em seus trabalhos de estudo e pesquisa".[328]O que de curioso revelam as cartas a José Pinto Coelho é que, com esse interlocutor, ou, a essa época, a "crença" (como ele preferia designar as opiniões em favor de um ou outro autor) do nosso escritor sobre a autoria das *Cartas* oscila. Se anteriormente se pendia para a hipótese gonzagueana, agora faz a seguinte declaração:

> *[...] Não sei se conhece minha opinião sobre o intrincado problema. Até agora, não me parecem decisivos (nem muito menos) os argumentos articulados em favor da autoria de Gonzaga. O mesmo digo (com a sua licença) em relação à hipótese favorável a Claudio. Inclino-me, antes, sem muito convencimento, pela dupla autoria de Cláudio e Gonzaga, tese sustentada por Sud Menicucci e outros. Mas é melhor talvez que nunca se chegue, e provavelmente nunca se chegará, a provar a autoria da sátira. Uma vez descoberto o autor, desaparece o interêsse pelo caso.[...]*[329]

É interessante notar que esta carta, de 9 de janeiro de 1959, é posterior à edição do trabalho já mencionado de Rodrigues Lapa *As Cartas Chilenas*: *um problema histórico e filológico,* publicado em 1958, e que Frieiro certamente leu tendo em vista todo o interesse demonstrado

[328] Carta a José Pinto Coelho, datada de17 de maio de 1961.
[329] Carta a José Pinto Coelho, datada de 9 de janeiro de 1959.

pela pesquisa do amigo, além da amizade epistolar que ambos continuavam a cultivar. Assim, o alentado trabalho estilístico de Rodrigues Lapa, comparando a obra com cada um dos elementos da poesia dos árcades mineiros, possíveis autores, e chegando à conclusão conhecida a favor de Gonzaga, não convenceu o espírito inquieto de Frieiro. Antes, fez levantar novas dúvidas sobre o intrincado caso, inclusive sobre o valor mesmo daquele documento histórico-literário, como se lê na continuação da mesma missiva.

> *Porque para mim, e para muitos, as "Cartas" não têm valor literário e seu valor histórico é diminuto. Aquilo não passou duma verrina anônima contra um figurão da época, como tantíssimas outras que naquele tempo apareciam por tôdas partes. Sátira justa, injusta? Não se pede motivação ética para êsse tipo de maledicência. E os poetas satíricos de modo geral nunca primaram por seu bom caráter [...].*

É o cético que se manifesta por um momento, tratando com a mesma mordacidade o governo tirano e o poeta que faz sua a voz do povo oprimido? Entretanto, até mesmo nos momentos de negação, seu espírito lúcido artcula-se racionalmente em favor da dúvida sistemática – "dogmático contra os céticos e cético em face dos dogmáticos "[330]- e o último parágrafo desta carta ao pesquisador José Pinto Coelho é de estímulo ao exercício fecundo das revisões críticas:

> *[...] Prossiga nesses estudos e publique-os depois em volume. A tese de Gonzaga está neste momento muito acreditada e a dúvida se acha na base da crítica científica. [...]*

O crítico Fábio Lucas, prefaciando o *Novo Diário,* chama a atenção para um traço de livre-pensador característico de Frieiro, sobretudo em política, mostrando como ele ia modificando, através dos tempos, com aparente naturalidade, pensamentos, opiniões e pronunciamentos. "Seu maior horror está em filiar-se a uma corrente, um grupo ou, mesmo, uma admiração pessoal demorada", considera Fábio Lucas (1986, p.14). Essa impressão de seu confrade na AML, que com ele conviveu no circuito cultural belo-horizontino dos anos 50 e 60, levou-me a perscrutar com mais curiosidade as palavras e os silêncios das cartas. Por exemplo, nas últimas cartas citadas, as que tratam das *Cartas Chilenas,* chama atenção a maneira como Frieiro vai perdendo o entusiasmo pelo polêmico assunto. Senão, vejamos: o autor das primeiras cartas escritas em 1939 a Rodrigues Lapa e a Vital Pacífico Passos, demonstra conhecer todas as fontes relativas às *Cartas Chilenas,* deixando transparecer, em cada frase, um vivo interesse pela questão. No entanto, em 13 de outubro de 1959 a José Pinto Coelho, ressalta:

> *Não sou o mais indicado para dar opinião sobre as famigeradas Cartas Chilenas, assunto que nunca chegou a interessar-me de modo especial. Minha opinião, entretanto, já externada mais duma vez, sempre foi esta: tenho para mim que o problema de autoria não foi ainda resolvido nem se resolverá com indícios estilísticos e outros que tais.*

E expressaria esse desdém pela questão em pauta certo ressentimento do autor pelo trabalho do amigo? Afinal, ele não se interessara tanto por essa questão anteriormente? E, ainda, quanto de ironia caberá na ênfase que dá ao dizer, meses depois da publicação do trabalho de Rodrigues Lapa, saudado pela crítica brasileira como a esperada solução da complexa autoria, que o problema *ainda* (grifo meu) não fora resolvido? Ao desmerecer as pesquisas que investigam os "indícios estilísticos e que tais", estaria Frieiro aludindo ao método utilizado pelo estudioso português?

Prosseguindo a leitura da mesma carta pensei encontrar outras mensagens cifradas como mostra a passagem a seguir:

> *As investigações do intricado caso, até aqui, são como que uma aventura policial, em que uns vêem o autor do crime em Gonzaga, outros em Cláudio e ainda outros na colaboração dos dois. Mas quem nos garante que não foi um terceiro? Assim o crêem alguns. Tudo ficará no terreno conjetural enquanto não se acharem provas realmente (grifo meu) concludentes, o que parece difícil. Esta opinião não agrada certamente aos que já formaram a sua acêrca desta ou daquela hipótese. Mas é a única verdadeiramente científica (grifo do autor).*

Em conclusão, quaisquer que tenham sido (se realmente existiram) as disputas intelectuais entre os dois amigos em torno das *Cartas Chilenas*, posso afirmar, não chegaram a afetar a admiração mútua entre ambos. Frieiro continuou referindo-se ao filólogo, ao longo da correspondência que continuou até 1970, como *meu caro amigo* ou *meu distintíssimo amigo.* Como já disse antes, além da amizade epistolar as visitas eram frequentes entre os casais nos dois períodos em que Rodrigues Lapa e D. Helena estiveram morando em BeloHorizonte.

Ainda em relação aos temas mineiros, conforme vistos por Frieiro, alongo-me um pouco mais para abordar um aspecto que me pareceu interessante: a forma como se referia ao Colégio e Seminário do Caraça. Consta sobre essa instituição que um certo Irmão Lourenço, de quem não se conhece a origem, chegou na belíssima região da Serra de Catas Altas em1770, erguendo um rancho e um altar. Nove anos depois, já estava construída a Igreja de

---

[330] Expressão com que Wilton Cardoso se srefere a Frieiro na orelha de *Novo Diário* (1986).

Nossa Senhora Mãe dos Homens, em estilo neogótico. Por mais de 40 anos, o lugar tornou-se destino de peregrinos que subiam a serra em busca do Santuário.

Em 1806, D. João VI destina as terras e o convento aos padres lazaristas portugueses da Congregação da Missão, que fundam o Colégio Caraça. Em 1850 chegaram os padres franceses que trouxeram o humanismo de sua pedagogia, exercendo grande influência tanto na parte educativa, quanto na administração do Colégio.

Por um período de mais de mais de um século, passaram pelo Colégio, conhecido pela disciplina e seriedade, mais de doze mil alunos. Entre 1820 e 1912, atuou como colégio secundarista, para formação da elite intelectual e política do país. Lá estudaram presidentes (Artur Bernardes, Delfim Moreira, Afonso Pena), centenas de políticos, desembargadores, intelectuais, padres e bispos. O imperador D. Pedro II, em visita ao Colégio em 1881, ficou encantado e surpreso com a recepção, saudado que foi em diversas línguas pelos alunos. Depois de 1912 atuou apenas como seminário e após 1930 enfrentou sérias dificuldades financeiras agravadas, na década seguinte, pelo período da Segunda Guerra. Em 1968, um incêndio interrompeu a história do Colégio, às vésperas de seus cento e cinquenta anos. Dos trinta mil livros que compunham o acervo da biblioteca, apenas catorze mil foram salvos.

Na década de 1950, a Faculdade de Filosofia da UFMG recebeu a visita de Émile Bréhier, professor de filosofia na Sorbonne. Acompanhado pelo Prof. Artur Velloso visitou o Caraça, onde pernoitou, e a Escola de Minas de Outo Preto, inteirando-se cuidadosamente da história das duas instituições de ensino. Após as visitas teria dito a Artur Velloso, com toda a gravidade:

> Se vós outros de Minas Gerais, continuásseis os estudos clássicos como se processavam no Colégio do Caraça, e depois seguísseis os seis anos do curso de Engenharia da cidade de Outo Preto, com aquela severidade que tão bem me impressionou, havíeis de produzir no Brasil filósofos tão grandes quanto os de França (BRÉHIER, 1956, p.266).

Pois bem, sobre essa instituição tão bem conceituada, Frieiro tinha uma opinião singular que fez questão de incluir no seu depoimento publicado no *Testemunho de uma geração* (CAVALHEIRO,1944, p.118), texto de cunho autobiográfico. Referindo-se ao Caraça, diz:

> [...] Um jovem letrícola paulistano, querendo fazer pouco do meu livro "A ilusão literária", escreveu que eu era católico e que a minha formação era a de um mineiro educado no Caraça. Achei engraçada a picuinha. Não estudei em nenhum Caraça. Espalhou-se em Minas e fora de Minas a fama da "Cultura do Caraça", alicerçada em boas e sólidas humanidades. Tal "cultura" é uma fábula. Mas a verdade é que nem essa fuliginosa instrução de seminário eu tive. Quem me dera!

A ambivalência embutida nessa *queixa melancólica* lembra-me, em que pese a repetição, um re-sentimento, uma mágoa que retorna sempre, mágoa de uma agressão ou de um agressor diante do qual a suposta vítima se sente fraca ou inferior (KEHL, 2004, p.19). Desse modo, ter sido privado daquilo que outros puderam ter, o ensino regular e de qualidade, parece ter deixado marcas indeléveis em Frieiro. Assim, parece-me que sua opinião sobre o Colégio do Caraça, na contramão de tantas opiniões abalizadas, é um indício dessa mágoa recalcada.

Essas considerações vêm a propósito de uma carta sua em que o tema é a antiga instituição religiosa. Parece-me curioso, de fato, que o mesmo Caraça que suscita nele o ressentimento contra a sua condição de proletário, sem escola, significa, em outro momento, um fator de distinção no meio intelectual acadêmico, ainda que no papel de modesto coadjuvante. Conto melhor essa história: em 1959, estando já publicados seus mais conhecidos ensaios e artigos sobre os temas mineiros, Frieiro recebe uma carta do professor Cassiano Nunes, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, SP (hoje Instituto de Letras, História e Psicologia da UNESP). Solicitava-lhe esse professor fontes bibliográficas sobre o Colégio do Caraça, em favor de um historiador, colega seu da mesma faculdade, que pretendia escrever uma tese sobre aquela famosa instituição de ensino.

Atendendo "com todo o prazer" à solicitação do professor paulista, Frieiro repassa, em lauda e meia de papel, o que pensa e as fontes que conhece sobre o famoso colégio:

> *[...] Não tenho nada escrito sobre o Caraça. Minha opinião a respeito do famoso Colégio não concorda com a tradicional, corrente, falsa ou um tanto falsificada, como todas as opiniões feitas. Não fui aluno do Caraça, mas conheci ainda dois ou três rapazinhos de meu tempo que lá estudaram. Diziam-se horrores do regime ali vigente, severíssimo, penitenciário. Ensino fradesco, fuliginoso. Latim aproveitável, para os que o queriam aprender. Alimentação detestável, constituída principalmente de feijão com farinha de mandioca ou angu; feijão bichado e mal cozido. E havia o espantalho do béri-béri, endêmico ali. Durante sua existência, o Colégio foi fechado em diferentes ocasiões por causa dessa doença. Nnguém lhe sabia a causa. Só ultimamente se veio a saber que se trata duma avitaminose provocada pela falta das vitaminas B1 e B4. Quer dizer: o béri-béri caracense era causado por alimentação deficiente. Os padres, esses, não eram atacados por se alimentarem melhor, em mesa especial.*

Ironizando ainda a distância entre a formação tradicional dos jovens da elite mineira e os deserdados, no seu tempo de juventude, continua:

> *Até principios do século, pesava sobre os sinhôsinhos rebeldes da família mineira a ameaça do internamento no Caraça. Para os rapazinhos pobres insubordinados o papão era outro: a Marinha Nacional, nos ominosos tempos do regime da chibata, que durou até a revolta de João Cândido.*[331]

Em seguida aos comentários pessoais, Frieiro faz jus ao fato de ter sido lembrado pelos acadêmicos da faculdade da cidade de Assis como conhecedor do tema, repassando-lhes a referência bibliográfica, acrescida de outras notícias, de quatro estudos sobre o Colégio do Caraça publicados até aquela data, isto é, 28 de outubro de 1959. E acrescenta:

> *A bibliografia mencionada é a principal e provavelmente a única existente em impresso, à exceção de depoimentos esparsos em livros de memórias, revistas e jornais. Posso indicar ainda o volume de Augusto de Lima Júnior O fundador do Caraça, história romanceada do Irmão Lourenço.*

Finalizando a carta, ele expressa, de certa forma, o sentimento de realização no papel que sempre exerceu com gosto, competência e modéstia, qual seja, o de bibliógrafo, apoiando o estudo e a investigação de outros estudiosos nos campos da literatura e da história. Ele termina a carta dizendo:

> *Sentir-me-ei feliz se as poucas informações acima puderem ser úteis ao Prof. José Ferreira Carrato, a quem apresento meus cumprimentos com os melhores votos pelo êxito de sua tese.*
>
> *Sempre às ordens, saúda-o*
> *muito cordialmente,*
>
> *[Sem assinatura]*

A propósito dos diferentes papéis, ou funções, que cabe aos intelectuais desempenhar no seu contexto sóciocultural, Bernard-Henri Lévy considera que eles, os papéis, são mais ou menos fixos, em todas as épocas. "É como uma comédia que teria, à maneira de Colombina, Arlequim ou Pantaleão, um número finito de figuras estáveis, repertoriadas de uma vez por todas e distribuidas antes mesmo que venham ilustrá-las esse ou aquele destino particular" (LÉVY, 1992, p.92). Assim, sempre haverá, entre outros, a *grande consciência*, gênero Zola

[331] Refere-se ao evento ocorrido em 1910 quando grupos de marinheiros, liderados pelo gaúcho João Cândido, assumem o comando de algumas embarcações ancoradas na Baía de Guanabara, iniciando a *Revolta da Marinha* ou a *Revolta da Chibata.* Em 1910 Frieiro contava 21 anos.

ou Sartre; ou o *Justo,* sozinho contra todos, resistindo às forças da História e a seus supostos ditames, como Camus e Julien Benda; e um papel que parece, igualmente, fixado desde sempre, embora raramente mencionado e nomeados os seus titulares: é o papel, tão importante quanto os outros, confiado aos que podem ser chamados de barqueiros, agentes de ligação, mediadores ou intercessores. Instigadores de todo tipo, diz Lévy, lembrando professores e editores. E bibliógrafos, acrescento, pensando em Frieiro e seus múltiplos papéis. São aqueles intelectuais que, acreditando, como os outros, nos valores universais, escolhem, contudo, desempenhar seu papel na sombra e na ação *quase* secreta. Trabalham em silêncio, mas um silêncio ativo, ativista. E praticam todos, observa Lévy, "a mesma humildade fingida" (LÉVY, 1992, p.92).

Dois anos depois, enviado pelo Prof. Carrato, Frieiro recebe um recorte da revista espanhola *Arbor* [332], que publicara uma resenha do seu livro *O alegre Arcipreste.* Em carta de 5 de dezembro de 1961, Frieiro agradece a gentileza pela remessa do recorte e finaliza com a cortesia que, afinal, foi também uma das marcas desse *intercessor*, ou *mediador,* que deverá ser lembrado por aqueles que foram contemplados com sua disponibilidade para compartilhar seus conhecimentos acumulados ao longo de uma vida de dedicação à leitura e à pesquisa. Transcrevo esse trecho da carta:

> *[...] Espero que ao receber estas linhas já o amigo esteja dono da cátedra a que concorreu, e desde agora lhe mando o meu abraço de parabéns. Sua tese, tenho a certeza, saíu obra de alento e sobremão e por certo ficará como peça de valor na nossa descurada historiografia mineira [...].*

Finalizando, vale lembrar que o Prof. José Ferreira Carrato, que naquele momento colhia os primeiros dados para escrever a sua tese de doutorado, hoje é considerado um dos maiores especialistas na história do Caraça.[333]

---

[332] ESQUER TORRES, R. Frieiro, Eduardo: O alegre Arcipreste e outros temas de literatura espanhola. *Arbor*: ciencia, pensamento y cultura. Madrid, n. 182, 1961.

[333] Cf. CARRATO, José Ferreira. *As Minas Gerais e os primórdios do Caraça.* São Paulo: Ed. Nacional, 1963. (Brasiliana, v. 317).

_____. *Igreja, iluminismo e escolas coloniais: notas sobre a cultura da decadência mineira setecentista.* Prefácio de Sérgio Buarque de Holanda. Ed. Nacional, São Paulo: 1968. (Brasiliana, v. 334).

.

4.4 Editor

Ah!, o editor e o impressor que não amparam os talentos novos. É um problema quase insolúvel para os talentos novos.

Editar-se em Minas é uma pura miragem[334]

Muito curiosa foi a relação de Eduardo Frieiro com a questão da edição de livros. Gostava imensamente da atividade de edição e impressão em torno da qual forjou sua vida de trabalhador manual e intelectual. Dizia ele: "O perfeito bibliófilo deve possuir noções da arte de bem imprimir. Precisa saber como se faz um livro, de modo a ser capaz de apreciar-lhe toda a beleza e julgar das sábias regras que presidem a sua execução" (FRIEIRO, 1999, p.29). Preocupava-se em orientar os amigos que queriam publicar seus textos. Mas, sua relação com os editores comerciais de seus próprios livros foi marcada por certas dificuldades. Ao que parece, criadas por ele mesmo.

Seus primeiros livros, como se sabe, vieram à luz nas oficinas da Imprensa Oficial, sob a sua vigilante presença, acreditando que forma e conteúdo interagem como portadores de sentidos através do texto impresso. Encarnava, nesses momentos, a fictícia Edições Pindorama, invenção sua, que figura na folha de rosto da primeira edição de *O Clube dos Grafômanos* (1927*), O Mameluco Boaventura* (1929) e *Inquietude, melancolia* (1930). Foi esse, igualmente, o modo de produção do primeiro livro de Drummond, em 1930, e de mais uns poucos autores mineiros no começo da mesma década. De fato, enquanto a indústria do livro se desenvolvia, promissora, no Rio, São Paulo, e Rio Grande do Sul, aos escritores mineiros restava editar fora do Estado, ou fazê-lo às próprias custas, servindo-se do serviço tipográfico da Imprensa Oficial ou de pequenas e mal-aparelhadas tipografias.

Mas, o que me pareceu curioso na trajetória do nosso escritor é como ele próprio, numa postura sisifista, ao mesmo tempo sabendo do seu valor como artista da palavra, tão bom ou superior a muitos que faziam carreira no país, dificultava a projeção do seu nome fora do ambiente da província. O aspecto mais concreto dessa auto-sabotagem se verifica no momento da edição dos seus livros. Conhecia, como ninguém, o panorama da produção e

[334] Carta a Antônio Pinto de Carvalho, datada de 06/04/1957.

comércio de livros não só em Minas e no Brasil como também na América Latina, como retrata esta passagem do *Novo Diário*:

> Meu artigo do *Estado de Minas*[335] sobre o livro mineiro causou impressão: o governo cogita de organizar o Departamento de Cultura, capaz de por em prática as minhas sugestões. Tenho entretanto a certeza de que tudo ficará em projeto (FRIEIRO, 1986, p.308).

E esta carta ao historiador Hélio Vianna, de 29 de outubro de 1945:

> *[...] De assuntos históricos nunca me ocupei, a não ser ocasionalmente e de raspão. Por esses dois motivos não tratei da sua "Contribuição"*[336]*, pela imprensa, com a atenção que merece. Mas prometi que escreveria sôbre ela um "comentário marginal". Foi o que fiz no artigo ontem saído na "Folha de Minas",*[337] *cujo recorte lhe estou enviando. O artigo nada vale, bem sei, e não entra propriamente na obra. É que, como disse, já não faço crítica. Não passa de um mau comentário de jornal sôbre um excelente assunto.*
> *Sou curioso de tudo que se refere ao desenvolvimento da Tipografia e da Imprensa periódica no Brasil e em tôda a América Latina. Gostei pois muitíssimo, como já tive ocasião de lhe dizer, da sua "Contribuição", tão informativa e rica de boa erudição. [...]*

Com o mesmo correspondente, Hélio Vianna, volta ao tema do livro mineiro, em 16 de abril de 1946:

> *[...] Não me admiro que o livro impresso em Belo Horizonte não se encontre nas livrarias daí [Rio de Janeiro]. Também nas daqui não é encontrado. Nenhum livreiro o quer, a não ser a contragosto. Os próprios editores nossos não tomam a sério os livros que editam, de raro em raro. Por isso, o livro impresso em Minas é sempre inédito. De resto, o que se publica é pouco significativo, como em regra é insignificante a via intelectual na província, à excepção de S. Paulo e Rio Grande do Sul. Enfim, e como quer que seja, o maior mal das edições mineiras é a sua nula distribuição.[...]*

Mas, ao mesmo tempo em que, nas cartas, alertava seus amigos intelectuais sobre a dificuldade de publicar livros em Belo Horizonte, não dispunha, ele próprio, por motivos pouco claros, a aceitar o convite de editores do Rio e de São Paulo. É interessante acompanhar essa contradição através de sua correspondência. Assim, em 1 de fevereiro de 1934, respondendo ao escritor equatoriano Aguilera Malta, diz:

> *[...] Con referencia a una traducción de Don Goyo al brasileño, crea Usted que yo tendría mucho gusto en gestionarla en esta ciudad, pero es cosa poco viable y de*

---

335 FRIEIRO, E. Sobre o livro mineiro. *Estado de Minas, Belo Horizonte, 9 abr.1947.*
336 VIANNA, H. *Contribuição à História da Imprensa Brasileira (1812-1869.* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.
337 FRIEIRO, E. Jornais, panfletos e pasquins de outrora. *Folha de Minas,* Belo Horizonte, 28 out. 1945. Caderno 7, p.2.

> *ningún modo conveniente. Me explicaré. Aquí, en este momento, no se edita nadie e casi nada se publica. Los autores "mineiros" que imprimen sus obras en Belo Horizonte, lo hacen por propria cuenta; en otro caso tienen que conseguirlo fuera, en Rio de Janeiro, São Paulo o Porto Alegre, y esto no resulta cómodo ni ventajoso. El libro impreso en Belo Horizonte no logra repercusión y se coloca mal en el mercado librero.*

Em 21 de novembro de 1941, oferece conselho parecido a Rodrigues Lapa:

> *[...] Não pense em editar em Minas o seu livro sobre o Gonzaga. Não temos cá editores como os de S. Paulo, Rio e Porto Alegre. A Livraria Bluhm, daquí, é de primeira ordem como livraria; mas, como editôra, só este ano iniciou as suas atividades, e ainda assim, em caráter de experiência. Não faltará para o seu livro um bom editor, em S. Paulo ou no Rio.*

O livro *Obras completas de Tomás Antonio Gonzaga,* organizado pelo Professor Rodrigues Lapa foi, de fato, publicado pel Editora Nacional, de São Paulo, em 1942, número 5 da coleção Livros do Brasil. Quanto à Livraria Editora Bluhm, citada na carta acima, teve um papel importante, embora breve, no campo editorial da capital mineira. Os Bluhm, família de livreiros, vieram da Alemanha para o Brasil em 1933, fugindo da ascensão de Hitler, instalando-se em Belo Horizonte. Abriram uma primeira livraria na Rua da Bahia, cuja qualidade do acervo e dos serviços logo conquistou os leitores belo-horizontinos. Em 1941 Paulo Bluhm abriu uma filial na Rua São Paulo, iniciando também as atividades de edição.

Pelo que pude apurar, Eduardo Frieiro prestou alguma assessoria ao editor e, sob a chancela Bluhm, no mesmo ano de 1941, publicou a primeira edição de *Os livros nossos amigos* e as segundas edições de *O Mameluco Boaventura* e *A ilusão literária*. Em carta ao editor Araújo Nabuco, de São Paulo, em 15 de março de 1944, o escritor mineiro expõe a sua paradoxal resistência ao trato com editores de fora e dá notícia sobre a editora Bluhm:

> *[...] Desejo todas as prosperidades à nova Editora Brasiliense e, em especial, à coleção que se publicará sob a sua direção literária. Sou-lhe grato por se haver lembrado deste letrícola de província. Tenho, naturalmente, muita cousa escrita que se poderia publicar. Meu fundo de gaveta é grande e anda mesmo ameaçado de apoplexia. Mas meu desejo de publicar – fora de Belo Horizonte – é a bem dizer nenhum. Não nasci para lidar com editores e livreiros. Aqui, o caso seria outro. Infelizmente a única possibilidade de editora que tivemos aqui, a Livraria Bluhm, foi anulada ao nascer, por causa da guerra [...].*

Ele refere-se às perseguições que os imigrantes e descendentes alemães e italianos sofreram no período da II Guerra em Belo Horizonte, como em outras cidades do Brasil. Aqui, muitos estabelecimentos comerciais foram apedrejados e saqueados, daí a razão do encerramento das

atividades da Livraria Editora Bluhm que, apenas no ano de fundação, publicou cerca de doze livros de literatura brasileira.

Mas, apesar desse quadro pintado por Frieiro, a sua situação de publicação foi outra. De fato, devido à boa recepção dos seus primeiros livros editados por conta própria de 1927 a 1937[338] e, ainda, *Os livros nossos amigos* editado pela Bluhm, os editores é que passaram a procurá-lo. A propósito, dois anos antes da referida afirmação a respeito das gavetas abarrotadas de manuscritos e a má vontade de publicá-los fora de Minas, ele recusa um convite para publicar algum texto pela Editora Martins de São Paulo, não obstante o nível de qualidade que reconhece nos trabalhos da casa. Edgard Cavalheiro, diretor de coleções dessa editora paulista escreve a Frieiro em 10 de novembro de 1941 sobre o lançamento de uma coleção de cadernos culturais, "coisa parecida com a coleção os 'Nossos', do Bluhm". Cavalheiro convida o escritor mineiro a participar com um trabalho inédito e informa:

> *[...] No mesmo sentido, escrevi ao Oscar Mendes. Já temos um caderno do Tristão [de Athayde] e teremos esta semana um do Mário de Andrade. Outras coisas em vias. Tudo de gente escolhida. Primeiro time.*

Pois, somente em 2 de junho de 1942, depois de outros bilhetes insistentes de Cavalheiro, é que Frieiro envia a sua negativa em tom seco, que contrasta com os elogios ao editor:

> *[...] Tenho recebido os livros da Livraria Martins ultimamente editados. Nunca será de mais (sic) elogiar as edições do inteligente e bem orientado livreiro. Não se faz nada melhor no Brasil. Nem mesmo igual, salvas algumas excepções. O Matias Aires saiu simplesmente magnífico. As gravuras, o double tom, do melhor gosto. Parabéns ao autor – o Martins? – daquela chef-d´oeuvre tipográfica. Quanto ao caderno, nada tenho para mandar. E nada, em mente, que pudesse mandar. Não se fala mais nisso. (Grifos do autor)*

Cavalheiro ainda insiste, na carta seguinte, sem data, mencionando o "nosso desejo de tê-lo como editado". E, deixando uma porta aberta ao escritor mineiro, diz: *"Mas não faltará ocasião. Mesmo porque essa coisa de "caderno" ainda está esquentando. Vai demorar mais do que esperávamos."*

---

[338] A saber: *O Clube dos Grafômanos*, Belo Horizonte, Ed. Pindorama, 1927*; O Mameluco Boaventura*, Belo Horizonte, Ed. Pindorama, 1929; *Inquietude, melancolia*, Belo Horizonte, Ed. Pindorama, 1930; *O Brasileiro não é triste,* Belo Horizonte, Os Amigos do Livro, 1932; *A Ilusão literária,* Belo Horizonte, Os Amigos do Livro, 1932; *O Cabo das Tormentas,* belo Horizonte, Os Amigos do Livro, 1936; *Letras Mineiras (1929-1936)*, Belo Horizonte, Os Amigos do Livro, 1937.

Cerca de catorze meses depois dessa troca de cartas, desmentindo o *vazio* do escritor, sai no jornal *Folha de Minas,* em 26 e agosto de 1943, o primeiro de cinco artigos que compunham o aplaudido *O Diabo na Livraria do Cônego*, e que foi publicado como livro em 1945, pela Livraria Cultura Brasileira, de Belo Horizonte.

A incipiente editora mineira ganharia, assim, um dos títulos mais vendidos de seu catálogo. Contudo, no momento mesmo em que os artigos sobre o escrutínio da livraria do cônego saiam no jornal, com ótima repercussão entre os leitores belo-horizontinos, o escritor desabafava, no diário, a angústia de uma oscilante auto-estima (FRIEIRO, 1986, p.118).

> [...] Escrevei ainda algum livro? Se houvesse editor aqui, talvez eu me encorajasse a publicar mais algum. Enquanto não me aparece editor, não penso nisso. E caso apareça, ainda assim não é provável que eu escreva alguma obra realmente boa. É que eu não creio na literatura, isto é, não creio que eu seja capaz de escrever uma obra realmente digna de ler-se. Não creio em mim, falta-me a ingenuidade criadora. Sobra-me espírito crítico, dissolvente.

Excusado lembrar que, depois dessa crise de *niilismo extático,* ele escreveu e editou sete livros! E que as duas únicas publicações de livros seus, fora de Minas, foram a Segunda edição de *O Brasileiro não é triste*, pelo INL, Rio de Janeiro, em 1957, e a terceira edição de *Os livros nossos amigos,* pela Editora Pensamento, de São Paulo, também em 1957.

O livro brasileiro: questões de artes gráficas e de tradução

A importância que dava ao livro bem-feito é tema sempre presente na correspondência de Frieiro e está belamente expressa em *Os livros nossos amigos*, declaração emocionada de sua bibliofilia:

> [...] Os que amam os livros e têm a paixão da bibliografia, os que se enlevam na contemplação de uma página impressa com pulcritude, com elegância, sem a mais pequena falta de impressão, esses concordarão conosco: a arte de imprimir é a mais amável de todas as artes (FRIEIRO, 1999, p.29).

Na longa prática como tipógrafo na Imprensa Oficial, sempre elogiado pelo cuidado e asseio na composição da página, desenvolveu apurado bom gosto na apreciação do objeto livro. Gostava de ler e de escrever sobre a história do livro e das artes gráficas. Considerava que a

arte de imprimir é um capítulo da história literária e colecionava histórias de escritores impressores, de diferentes épocas, em diferentes lugares, que uniam o talento de escritor ao gosto pelo ato de imprimir (FRIEIRO, 1999, p.178-85). Nesse sentido, é significativa a carta ao respeitado encadernador residente no Rio, Leopoldo Berger, em 6 de novembro de 1941:

> *Venho responder sua carta, enviando-lhe os meus agradecimentos pelos cativantes termos que se referiu ao meu voluminho Os livros nossos amigos. Folguei muito em saber que um mestre encadernador, que há muito conheço de nome, aprova o que escrevi sobre a encadernação. Fui gráfico, ainda me considero gráfico, prezo as artes gráficas e considero a Tipografia como uma das belas artes [...].*

Com Edgard Cavalheiro, o já conhecido assessor editorial da Editora Martins, de São Paulo e, posteriormente, da Globo de Porto Alegre, sempre há motivo, nas cartas, para expressar esse particular interesse. Assim, em 29 de julho de 1941, escreve:

> *[...] Recebi o Léry e o ABC de Castro Alves. Esplêndido, insuperável, êste volume. As edições da Livraria Martins estão honrando realmente a industria do livro no Brasil. Para mim, os volumes da Biblioteca do Pensamento Vivo são, tipograficamente, impecáveis. Não sei se copiam ou imitam algum modelo europeu ou norte-americano. Se não copiam nem imitam, devem ser considerados uma verdadeira trouvaille em matéria de arte do livro. (Grifos do autor)*

Respondendo ao mesmo Cavalheiro, em 8 de março de 1942, por ocasião da publicação do seu depoimento da série Testamento de uma Geração, em *O Estado de S. Paulo*, dá mostras da sua exigência para com o texto impresso:

> *[...] Gostei da sua amável nota, e nem podia ser de outra maneira, pois fui tratado nela com a benevolência de uma boa camaradagem literária. E, também, como foi camarada comigo a revisão de " O Estado de S. Paulo"! Quasi (sic) perfeita. Apenas escaparam dois insignificantes lapsos. Eu, antigo tipógrafo e revisor, velho homem de jornal, não devia fazer caso de cochilos de revisão. Pois faço. E até acontece que os erros tipográficos me tiram todo o prazer de escrever para a imprensa. Devolvo o meu "testamento" tal qual como saiu, feitas apenas umas emendinhas de nada [...].*

E ainda neste trecho de uma carta de 10 de agosto de 1942, ao mesmo correspondente, expressa, ainda uma vez, o gosto pela arte tipográfica:

> *Como amigo que sou dos livros bem apresentados (e ás vezes, em muita obra, prefiro a tipografia à literatura), admiro cada dia mais o editor Martins pelo apuro e bom gosto com que lança os seus. "Roteiro de Paulo Afonso", por ex., está uma joia.[...]*

Mas, é claro, interessado que era no processo de edição na sua totalidade, seu diálogo com os editores ultrapassa a questão da forma. Nessa medida, a qualidade da tradução é sempre um

aspecto que lhe desperta interesse, sobre o qual opina a partir do seu enorme respeito pela lingua bem-escrita. Suas idéias sobre o problema da tradução correspondem à posição mais corrente até os anos 70, quando se abalaram as certezas anteriores, entre elas a de que uma tradução seria tão mais perfeita quanto mais se aproximasse do *espírito* do original, em forma.e sentido (CARVALHAL, p.218). Para Frieiro, conforme já abordei anteriormente, a manutenção de tal hierarquia é desejada, sobretudo, em se tratando de uma novela cervantina!

> *[...] É verdade, ainda não o cumprimentei pela publicação do magnífico volume "As obras-primas do conto universal". Boa apresentação, satisfatórias traduções, excelente seleção, - tudo é de louvar no volume. Li os contos que não conhecia: o "fabliau" que abre a coletânea, o conto de Mansfield, o de O.Henry, o de Peretz, o de Saki e o de Strindberg. E reli com curiosidade de cervantófilo novato e por isso mesmo um pouco fanático, a novela do"Casamento enganoso", confrontando a tradução com o original espanhol. Não está nada má a tradução. Suponho que é antiga, feita provavelmente em Portugal, não?* [339]

Contudo, a sua visão mais tradicionalista, que reassegura similaridades entre o texto de partida e o de chegada, tem sintonia com a idéia renovada de tradução como transcriação num aspecto: a de que a tradução *satisfatória* parte de uma leitura prazerosa e problemática do texto de origem. Aliás, só para um efeito comparativo, essa idéia do tradutor como um leitor crítico aparece na frase lapidar de José Salas Subirat, outro autodidata que, diferentemente de Frieiro, teve a ousadia, ironizada por Borges, de fazer a primeira tradução para o espanhol de *Ulisses,* em 1945. Afirma Subirat: "Traduzir é a maneira mais atenta de ler".[340]

De qualquer modo, acompanhando sempre o *vient de paraître,* como gostava de dizer, a Frieiro não passava despercebida a qualidade das traduções feitas no Brasil, nem sempre do seu agrado:

> *[...] Gostei realmente da tradução do "Pensamento vivo de Spinoza". Excepcional, não há dúvida, no meio de tanta tradução apressada, feita por empreiteiros de obras de carregação*[341].

Ou então, atento à precisão vocabular, mal conseguia evitar uma intervenção:

> *]...] Leio, na capa de Colomba, o anúncio da próxima publicação da novela El sombrero de tres picos, de Antonio de Alarcón. Talvez eu não tenha razão, mas não*

[339] Carta a Edgard Cavalheiro, em 10 de fevereiro de 1943.
[340] SAER, J. J. El destino en español del Ulises. Disponível em: <<http://www.eloceanodelcaos.com/traducc7.html> Acesso em: 22 fev. 2007.
[341] Carta a Edgard Cavalheiro, 8 de julho de 1941.

> *gostei de o traduzirem como O sombreiro de três pontas. Por que não O chapéu de três bicos? Parece-me mais próprio. Chamavam-se assim – chapéus de três bicos – os tricórnios usados no século passado. Mas o que digo, evidentemente, não tem importância, é uma pequice vocabular.*[342]

Seu grande domínio tanto da língua portuguesa quanto da espanhola dava-lhe alento para opinar sobre a tradução de livros publicados, mas não o animava a publicar traduções suas. O caso mais significativo, nesse sentido, foi a já comentada recusa ao convite da Editora Globo de Porto Alegre, em novembro de 1944, para que fizesse uma tradução do *Dom Quixote.* Curiosamente, apesar de ter firmemente recusado tão honroso convite, ele acalentava o desejo de traduzir e publicar autores espanhóis clássicos. É o que conta ao professor Sánchez-Sáez, em 10 de novembro de 1945:

> *Prezado Prof. Braulio Sánchez-Sáez:*
>
> *Tive o prazer de lhe enviar há dias um exemplar de "O Diabo na Livraria do Cônego", um livrete de pura vadiação bibliográfica. [...] De vez em quando escrevo algum artigo sobre literatura espanhola, na "Fôlha de Minas". Se eu tivesse facilidade de encontrar editor para a matéria, gostaria de publicar um volume com os artigos que já escrevi e mais alguns que tenciono escrever sobre letras hispanas. Mas não creio que o encontre – e tanto mais que não o procuro ... Gostaria também de publicar em volume alguma tradução de autores espanhóis clássicos. Já me solicitaram uma tradução – imagine lá! – nada menos que do "D. Quixote". Recusei, é claro, por ser tarefa ingente, superior a quaisquer forças, e também porque existem, no mínimo, três traduções muito boas em língua portuguesa, sem falar nas medíocres e más [...].*

Anos depois, já sabemos, ele publicará dois livros reunindo os artigos publicados em jornal sobre literatura espanhola. Mas, houve sempre, na sua trajetórria de escritor, uma tensão suplementar permeando o seu relacionamento com os editores. As análises de Bourdieu (1977;1982;1996b) podem ajudar a compreender as dificuldades de Frieiro de se situar no campo de produção dos bens simbólicos. De fato, como agente ocupando uma posição no campo da produção literária, o nosso escritor, como qualquer trabalhador intelectual, está, inevitavelmente, em concorrência com os outros agentes (editores, críticos, ilustradores) em torno da questão do valor dos seus produtos. Na relação escritor/editor, específicamente, o artista depende da estrutura de produção do editor para transformar a sua arte - o manuscrito - em objeto de valor de troca, o livro. O editor, de sua parte, depende do autor que lhe fornece a matéria prima para a sua empresa de transformação. A posição do autor na hierarquia dos graus de consagração (autor desconhecido, autor consagrado, autor da Casa, autor premiado) articula-se com a posição do editor no sistema de produção e circulação (editor comercial,

[342] Carta a Edgard Cavalheiro, datada de 30 de setembro de 1942.

editor cultural, editor consagrado, editor novo). Os tipos de acordos conseguidos nessa relação definem, pois, objetivamente, o funcionamento do campo e a estrutura das obras produzidas.

O que há de singular na história de Frieiro é que, mesmo já dispondo de um capital cultural suficiente para ser disputado por editoras bem estabelecidas no mercado e que atuam na mesma linha editorial que lhe interessa pertencer, ele se nega a entrar na chamada luta concorrencial. Uma anotação no seu diário, em 19 de junho de 1947, expressa bem essa hesitação em marcar sua posição no campo literário. A nota diz o segunte:

> Nunca publiquei nenhuma tradução. Era entretanto meu desejo publicar em português – em bom português – um volume de lendas e narrativas espanholas, traduzidas ou parafraseadas. Escrevi *A lenda do Cid,* tiradas por mim do *Romancero* e do *Poema de Mio Cid*. Julgo esse pequeno trabalho muitíssimo legível, capaz de agradar a leitores de qualquer idade. Mas fiquei nele, não prossegui com a minha idéia. Para quê? Não conseguiria editar.

Mesmo fazendo uma avaliação positiva da sua produção Frieiro parece desenvolver uma desconfiança exagerada pela *autoridade* dessa instância de consagração, o editor, e, embora escritor polígrafo e prolífico, padece de uma tendência à imobilização. Felizmente para seus leitores, ele encontra formas de superação e continua publicando, em Minas, as suas obras.

Outras questões inerentes ao modo de produção e distribuição do livro, num país de poucos leitores, levantadas por Monteiro Lobato - contemporâneo de Frieiro, com quem trocou duas ou três cartas – não eram desconhecidas por Frieiro. De fato, ele não apenas conhecia bem as peculiaridades do circuito do texto impresso como também, talvez em virtude do seu passado proletário, fosse especialmente sensível à questão da distribuição e do preço do livro. Nesse sentido, ainda na mesma carta a Cavalheiro, em 30 de setembro de 1942, ele assim se manifesta: “Só não agrada o formato do livro, porque o que foi adotado torna forçosamente caro o preço de capa. Convém que o livro brasileiro destinado ao leitor comum tenha preço bem acessível.” E prossegue comentando, em detalhes, coleções européias e brasileiras que, pelas características de produção – papel, formato, capa - barateavam o livro, “ não desanimando o comprador”.

As relações, então já antigas, entre os dois correspondentes, dão a Frieiro liberdade para opinar criticamente sobre outras questões editoriais:

> *[...] Quanto ao volume em preparo,"As obras-primas do conto brasileiro", se me permite, direi que acho o título bastante hiperbólico para a maioria dos contistas que figuram na lista organizada, aliás criteriosamente organizada. Mas – não importa a minha opinião, pois cada um pensa de um modo, - se ele se intitulasse simplesmente "Os melhores contistas brasileiros', ou ainda mais simplesmente "Contistas brasileiros", o número de 28 poderia ser aumentado para muito mais.*

Entre polido e irônico sobre as circunstâncias que levam à consagração do escritor, faz algumas sugestões:

> *Noto a ausência de Godofredo Rangel, de Viriato Corrêa, Felicio Terra (Nuno de Andrade) e outros. Nunca li o Viriato, é certo, mas Ribeiro Couto considera-o grande contista. Opinião de amigo? Talvez. Como quer que seja, um Viriato não vale menos do que Fulano e Sicrano, tidos, também por amigos, como "jovens mestres" do conto ... sem pés nem cabeça.[...]*

Seria longo anotar todos os momentos, na correspondência de Eduardo Frieiro, em que ele compartilha com outros intelectuais brasileiros o seu interesse e conhecimento sobre questões da edição de livros e revistas culturais. Entretanto, duas experiências foram de grande importância na trajetória do intelectual como editor e merecem ser mais divulgadas como contribuição importante à história da cultura de Minas Gerais. Trata-se da concepção e criação da Sociedade Editorial *Os Amigos do Livro* e da direção da *Revista Kriterion*, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, temas que abordarei a seguir.

A Sociedade Editorial Os Amigos do Livro

Em 1931, de sua posição de "intelectual da província", como se autodenominava, assim descrevia Frieiro o cenário editorial de Minas: "Escreve-se pouco em Minas [...] Escreve-se pouco e imprime-se quase nada: esta é que é a verdade. [...] Convinha, pois, despertar entre nós o gosto pela publicação de *plaquettes* leves e bem feitas, nas quais se recolhesse muita página de valor literário que anda por aí, esquecida entre os guardados."[343]

Por essa época, já respeitado como crítico literário - três livros publicados - tem ele a idéia de criar a *Sociedade Editora Os Amigos do Livro*. "Este é um episódio da vida literária em

[343] FRIEIRO, E. Os amigos do livro. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, 19 jun. 1931. Caderno 2.
[344] FRIEIRO, E. Recordando "Os Amigos do Livro". *Revista do Livro,* Rio de Janeiro, v. 3, no. 10, p. 211-18, 1958.

Belo Horizonte, entre 1931 e 1937, que merece contar-se", garante o escritor, mais de vinte anos depois.[344]

De fato, o esforço para "editar em Minas o que se escreve em Minas" vai resultar na edição dos primeiros livros dos escritores modernistas mineiros que estavam inscrevendo seus nomes na história literária brasileira. Além disso, as circunstâncias que envolvem esta experiência editorial informam sobre o modo de produção e circulação da cultura numa Belo Horizonte com poucas décadas de fundação. Nascida sob o signo da contradição – imagem de modernidade dentro de um projeto ideológico conservador – , na capital planejada para viver os novos tempos republicanos, os sinais de desenvolvimento industrial chegavam lentamente. Em outras palavras, enquanto a mentalidade empresarial tardava a chegar em Minas, os governantes, a elite cultural e a classe média empregada pelo Estado se ocupavam em articulações políticas e manifestações literárias ... O funcionalismo público alojado nas cercanias do Palácio da Liberdade, no chamado Bairro dos Funcionários foi, nos primeiros tempos, a imagem mais característica para a capital de um estado cujo papel, no panorama nacional, estava mais voltado para a representação política do que para o cenário econômico.

Nesse contexto, do seu posto no principal centro tipográfico da cidade, a Imprensa Oficial, Frieiro acompanhava, com especial preocupação, as dificuldades relativas à produção do livro em Minas. Sobre isso escreveu artigos e discorreu, em cartas, com o discernimento do funcionário operoso e consciente da importância do seu trabalho, que não concordava com as relações de favor presentes na vida pública brasileira. Eis o que diz sobre a Imprensa Oficial:

> *[...] a Imprensa Oficial não imprime e, o que é mais grave, ainda atrapalha. Não faz nem deixa fazer. A cidade não tem nela o grande estabelecimento gráfico de que carece, dada a sua improdutividade, e ao mesmo tempo é um estôrvo à iniciativa particular nesse sentido. [...] Em Minas, em todo o país, ninguém tem coragem de mexer com funcionários. Ora, a Imprensa Ofical é uma casa de funcionários, não obstante a sua finalidade industrial, e esta finalidade acha-se quase anulada pelo terrível mata-pau burocrático.*[345]

A avaliação, ao mesmo tempo objetiva e crítica, do funcionário que cresceu naquela casa, passando "de proletário a pequeno-burguês", como muitas vêzes se expressou, contrasta com o depoimento de Carlos Drummond de Andrade, também ex-funcionário da Casa. Em 1971[346]

---

[344] FRIEIRO, E. Recordando "Os Amigos do Livro". *Revista do Livro,* Rio de Janeiro, v. 3, no. 10, p. 211-18, 1958.
[345] Carta a Renato Americano, datada de 17 de abril de 1947.
[346] WERNECK, 1992, p..60.

referindo-se, justamente, ao empreendimento editorial que foi a Sociedade Editorial *Os Amigos do Livro*, e ao fato dos livros serem impressos (com custos para os sócios), na Imprensa Oficial, Drummond relembra a importância daquela aventura editorial "vivida à sombra dessa gameleira frondosa que foi sempre, para as letras [...] a Imprensa Oficial".

Prosseguindo com com as impressões de Frieiro sobre a edição do livro em Minas, extraio um trecho do livro *Letras mineiras: 1929-1936*. Ele escreve:

> O livro destinado à venda é um produto mercantil como qualquer outro; precisa de editores e distribuidores, publicidade e organização comercial, bom mercado interno e externo. Estado rural e pastoril, de população rarefeita e em grande parte analfabeta, sem grandes cidades e sem grande imprensa, Minas Gerais não oferece boas condições para a produção do livro, é ainda um fraco mercado livreiro. Essa a razão por que não temos editores. Por enquanto só produzimos...consumo (FRIEIRO, 1937, p.9).

De fato, mesmo sem produção livreira, havia um movimento cultural relativamente expressivo na cidade nas décadas de vinte e trinta do século passado. Companhias teatrais importantes á época passavam pela cidade, tinha-se notícia do que se publicava no país e no mundo e discutiam-se, pelo menos nos meios mais letrados, as mudanças culturais e os rumos da política nacional e mundial. Curiosamente, como notou Cury (1998), essa efervescência cultural, fermentada nas conversas de livraria e nos bares da Rua da Bahia materializa-se, num primeiro momento, nas páginas do sisudo jornal *Diário de Minas,* órgão oficial do Partido Republicano Mineiro, e nos três números de *A Revista*, no período de 1920 a 1925. Os *donos do poder* não se davam ao trabalho de verificar que a produção literária, inserida no jornal pelos jovens modernistas, liderados por Carlos Drummond de Andrade, fugia bastante da linha ideológica do partido. Contudo, aqueles "rapazes que tinham algumas coisas a dizer" (BOMENY, 1994), não obstante a intensidade com que se expressavam em papel-jornal e a importância do que então escreviam para o movimento modernista em Minas, começam a sentir a ausência de uma esfera pública literária, que se constrói quando a trajetória dos textos impressos de forma duradoura cruza-se com a de um público leitor com expectativas culturais e capacidade de julgamento crítico.

Mais velho que Drummond e seus amigos, e conhecedor das artes de impressão, Frieiro já vinha dando à luz seus textos, editando-os por conta própria e legitimando-os diante do

mercado através do nome fictício de Edições Pindorama. Chegou a emprestar essa rubrica a uns poucos escritores novatos, inclusive para Drummond no seu primeiro livro *Alguma poesia.* Essa era a maneira possível de se editar o primeiro livro naquele meio editorial provinciano que ele conhecia bem. Além disso, para Frieiro, dirigir e acompanhar a feitura de um livro, vigiar-lhe os passos na oficina, era prazer e ... sofrimento. Amava os livros enquanto *perfeitas máquinas de ler*[347], multiplicados, acessíveis, perpetuando um patrimônio cultural que, de outra maneira, se perderia ou não seria dado a conhecer. Mas, a conseqüência inevitável do processo editorial é que editar significa multiplicar, podendo, pois, gerar o excesso. Daí, a necessidade de domesticar a abundância pelas ações de selecionar, classificar e hierarquizar a produção literária através do trabalho de mediação editorial.

É essa, justamente, a função que seduz Eduardo Frieiro. Além de se acercar de outros autores e de seus manuscritos por puro prazer estético, dava-lhe gosto, ao mesmo tempo, a função do editor, no sentido intelectual do termo: a de perseguir o poder de consagrar objetos (o efeito da marca), e pessoas (os novos autores), auferindo os lucros simbólicos dessa operação (BOURDIEU, 1996).

Nessa direção, em 19 de junho de 1931, escreve no jornal *Minas Gerais* sobre a moda então vigente na França, de edições reduzidas, cujo interesse estava na forma como os editores aliavam a qualidade dos textos ao encanto e à originalidade da apresentação material das coleções. Destaca a experiência de um editor chamado Édouard Champion, cujos livros formando uma coleção de 74 volumes, dos mais destacados escritores franceses do início do século, logo se tornaram raros e procurados pelos colecionadores. Em seguida, no seu estilo dialógico, pergunta ao leitor: - "Numa terra em que se publica tão pouco, como a nossa, não era o caso de se imitar essa moda em que há um tão fino aroma de cultura?" Termina o artigo já anunciando a criação, em Belo Horizonte, da marca *Os Amigos do Livro,* com a publicação de seu último ensaio intitulado *O Brasileiro não é triste.* Contaria mais tarde que

> *[...] foi com a mente em Paris, que era para o escritor brasileiro a Meca das letras e do livro, e ao mesmo tempo pensando na capital mineira, modesto centro literário [...] que a coleção 'Les amis d´Édouard' me sugeriu a idéia dos Amigos do Livro, destinada aos meus amigos e aos amigos dos meus amigos (FRIEIRO, 1967, p.2).*

E quem eram os amigos de Eduardo, o brasileiro?

---

[347] Em *Os livros nossos amigos* (1999), cita, na p.30: "Se Le Corbusier chamou à boa casa *máquina de morar*, Paul valéry disse que o belo livro é uma perfeita *máquina de ler.* (Grifos do autor).

> Tive então a inspiração de qualquer coisa como uma sociedade co-editora, com limitado número de sócios, os quais fossem, todos eles, candidatos à editoração de obras de poucas páginas, em tiragem reduzida. A idéia destinava-se, principalmente, a escritores jovens, ainda nulíparos. Formulei o plano e sugeri –o ao Emílio Moura, meu companheiro na redação do *Minas Gerais*. Eu sabia que o Emílio queria imprimir um caderno de poesia – *Ingenuidade.* O poeta achou excelente a idéia e fêz comigo a lista dos vinte sócios que a deviam compor. Ficou assim constituida: João Alphonsus, Carlos Drummond de Andrade, Ciro dos Anjos, Alfredo Balena, Antônio Borges, Luiz Camillo [de Oliveira Netto], Milton Campos, Euryalo Cannabrava, Orlando M. de Carvalho, Mário Casassanta, Guilhermino César, Eduardo Frieiro, Aníbal Machado, Mário Mattos, Oscar Mendes, Emilio Moura, Lincoln Prates, Abgar Renault, Orosimbo Nonato da Silva e Arthur Versiani Velloso. (FRIEIRO, 1967, p.2)

Carlos Drummond de Andrade traduz o sentimento dos sócios escrevendo no jornal *Minas Gerais*:[348]

> [...] É uma idéia interessante, que tem muito de poesia na sua substância e muito de prosa na sua realização. O plano, com as glórias que lhe são próprias, pertence a Eduardo Frieiro, o intelectual puro, o *clerc* que não traiu, e que acaba justamente de abrir a série dos 'Amigos do Livro' com um ensaio em que demonstra que 'O brasileiro não é triste' [...].

Frieiro, certamente, se reportará sempre ao seu projeto com grande sentimento de auto-realização. "*Os Amigos do Livro* - estou convencido – foram a minha mais interessante criação literária", escreveu ele no diário (FRIEIRO, 1986, p.100). De fato, ele atuou, pelo menos na primeiro fase do consórcio editorial,[349] como autêntico mediador cultural, capaz de interconectar esferas distintas da realidade social naquele momento específico da história de Minas. Em outras palavras, ele atuou como verdadeiro ponto de ligação entre o *mundo do texto* - textos inéditos de autores iniciantes – e o *mundo do leitor* - comunidade leitora de uma sociedade sem editoras comerciais, contando apenas com uma universidade nova de poucos anos. Assim, ao mesmo tempo que criava uma oportunidade concreta para que os escritores iniciantes penetrassem no circuito literário nacional, comunicava-se com o leitor

---

[348] BARBA AZUL [Carlos Drummond de Andrade]. *Minas Gerais,* 16 jul. 1931.

[349] A primeira fase vai até 1933, com o elenco inicial de sócios. A segunda fase começa em e 1934 e dura até 1943, ampliando-se o número de sócios e alterando-se as diretrizes editorias propostas por Frieiro no primeiro momento. A história mais detalhada da Sociedade Editorial Os Amigos do Livro foi contada pelo próprio Frieiro no diário (Novo Diário, p. 96-100) e recontada por QUEIROZ, M.J. No centenário de Eduardo Frieiro. *Colóquio/Letras,* n. 129-130, jul./dez. 1993. p. 205-8 e por CARVALHO, M.C. Sociedade editora "Os Amigos do Livro": um caso de mediação cultural. In: VAZ, A. E. A.; BAUMGARTEN, C. A.; CURY, M. Z. F. ; *Literatura em revista (e jornal):* periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. Belo Horizonte: PósLit/FALE/UFMG; Rio Grande, RGS: FUFRG, 2005. p.107-36.

potencial desses mesmos textos, orientando-o através de eventos como a crítica literária e a compilação de bibliografias.

A proposta da Sociedade Editora Os Amigos do Livro de editar autores novos e, ao mesmo tempo, de (re)editar e divulgar pequenas obras inéditas ou esgotadas de autores mineiros de notório valor, resultou na produção efetiva de vinte e cinco livros, com excelente produção gráfica.[350] Foi reconhecido não apenas em Minas e no Brasil, apesar das tiragens diminutas, como também entre o meio literário de alguns países sul-americanos. É o que se pode constatar através dessa carta de 6 de dezembro de 1941 ao Professor Bráulio Sánchez-Sáez, amigo de Monteiro Lobato e divulgador da literatura brasileira na Argentina:

> *[...] Seu nome de escritor me é conhecido desde os tempos da "Revista do Brasil" de Monteiro Lobato. Perdi-o de vista, e só tornei a encontrá-lo há uns três anos, firmando um artigo sobre escritores espanhóis , em "Nosotros". Soube, então, por uma nota daquela revista, que é espanhol de nascimento, radicado há muito na América. Ultimamente, venho lendo com interesse sua colaboração em "O Estado de São Paulo", "Gazeta-Magazine" e "Planalto".*
> *Não conheço, a não ser de nome, seu livro "Vieja y Nueva Literatura del Brasil" e só agora fiquei sabendo que há nele lisonjeiras referências às edições de "Os Amigos do Livro", sociedade meio imaginária que eu criei e animei.[...]*

Entretanto, na correspondência do escritor restaram poucos vestígios dos humores que animaram aquela experiência de consórcio literário. De Ciro dos Anjos, com quem conviveu na Imprensa Oficial e continuou uma amizade epistolar quando este rumou, como tantos intelectuais mineiros, para a capital federal, encontrei no Acervo Frieiro um cartão de visitas, com a mensagem bem humorada, escrita a caneta: "Ao amigo Frieiro, com um abraço. (Você inventou a 'Amigos do Livro'; agora agüente as consequências...)".

O cartão acompanhava, provavelmente, os originais de *O Amanuense Belmiro*, já que, em carta posterior, também sem data, Ciro dos Anjos agradece ao amigo o grande obséquio de ter lido o manuscrito e marca encontro na Imprensa Oficial "para conversar sobre o *Amanuense* e ouvir sugestões." O respeito do escritor montes-clarense pela opinião crítica do seu editor está expresso em carta de 11 de outubro de 1937. Logo após o lançamento de *O Amanuense* ... Ciro agradece os comentários que Frieiro havia dirigido ao livro através do Boletim Literário da Rádio Inconfidência, que ia ao ar aos domingos, às 20 h. Ele escreve:

[350] Consultar lista completa no Anexo E desta tese.

> *[...] Eu continuava angustiado, sem saber como o livro seria recebido. Agora, já não temo as opiniões que vierem daqui ou do Rio, pois seu julgamento me basta. Mesmo se se descontar alguma coisa – que provém de sua natural benevolência para com os estreantes, e de sua camaradagem – ainda sobra muito para confortar o titubeante amanuense. [...]*

Ainda sobre a Sociedade Editorial, destaco, na correspondência ativa do nosso escritor/editor, uma cópia da carta enviada a Wellington Brandão, membro da Academia Mineira de Letras, escrita em plena vigência da sociedade. Esse texto é significativo pela expressão dos sentimentos de Frieiro, narrados por ele, ainda sob o efeito imediato do trabalho físico demandado e das turbulências relacionais implícitas no convívio do grupo. A carta é de 9 de setembro de 1938 e começa usando a retórica da contradição, tão cara ao escritor:

> *[...] A Sociedade Amigos do Livro, que inventei numa hora de feliz ou infeliz inspiração (não estou bem certo), tem sido para mim a causa de não poucas maçadas e alguns dissabores. Tenho tido trabalho, muito trabalho - gratis pro amore – com essa Sociedade que tem apenas uma parte de realidade e nove de ficção. (Grifo do autor).*

Num espaço cultural periférico os que insistem em escrever livros têm que envidar redobrados esforços para materializar a sua *ilusão literária*, para emergir do limbo e se fazer reconhecidos. O que esmorece o seu entusiasmo, porém, não é o trabalho que lhe cabe, trabalho leve como lhe parece o trabalho intelectual, atividade que exige "ginástica vital, uma ultimação do espírito", contraposto à *corvée* do trabalhador proletário. Sua queixa como editor desinteressado dos ganhos materiais imediatos que uma empreitada editorial poderia, eventualmente, lhe render, refere-se aos lucros simbólicos de que se julga merecedor e que lhe são negados por alguns de seus pares. Continua a carta:

> *Em paga de tudo, os "Amigos do Livro", que deveriam chamar-se mais propriamente os "Amigos de Eduardo", não são unânimes em reconhecer o meu esforço e a minha camaradagem absolutamente esportiva e desinteressada. Com grande desprazer meu, criaram-se "casos" na Sociedade. Um desses, o "caso do Papel Holanda Ledger", muito cômico e digno de duradoura lembrança, pôs a sua existência em perigo de vida, logo no nascedouro. Se a Sociedade não funcionou, desde o começo, com a esperada eficiência, foi por culpa unicamente de certos criadores de "casos". Ora, como a Sociedade a bem dizer não existe, isto é, como a Sociedade sou eu, segue-se que todos os contratempos recaem sobre mim [...].*

O *caso* a que se refere, com uma mágoa não dissipada, foi motivado por uma exigência feita por João Alphonsus, fora dos termos estabelecidos no início do consórcio editorial, para a edição de seu livro de contos *Galinha cega*. Já estavam impressos dois cadernos quando o contista lembrou de imprimir certo número de exemplares em papel especial. As páginas impressas seriam refeitas e ele pagaria o prejuízo. Frieiro, contudo, se opôs firmemente à

prerrogativa, considerando aquilo um capricho. Considerou-se, assim, desligado da Sociedade. O impasse durou alguns meses até que João Alphonsus resolvesse imprimir seu livro nos termos usuais mas, não sem antes escrever um manifesto dirigido aos outros sócios, expondo suas razões e taxando de intransigente a atitude do seu opositor. Na Livraria Alves, na roda dos *jovens literatos oficiais* (como Frieiro se referia ao grupo formado por Drummond, Emilio Moura, Gustavo Capanema, o próprio João Alphonsus, entre outros, bem nascidos e quase todos bem colocados em postos do Governo de Minas), o filho de Alphonsus de Guimaraens declarou-se inimigo mortal do mestre-tipógrafo, como tal permanecendo por muitos anos.

Todavia, quem se dizia perito na *gentle art of making ennemies* era, no fundo, uma gentilíssima pessoa, no testemunho de muitos que o conheceram de perto. Os *casos* ocorridos no interior da Sociedade Os Amigos do Livro, entendida, aqui, como um microcosmo do mundo maior da República Universal das Letras, representariam, na realidade, exemplos comuns de tensões e rupturas inevitáveis nesse campo. A famigerada *Questão Holanda Ledger,* mesmo nome do papel que deu origem ao caso, significou, pois, um abalo na crença num universo encantado, no qual a criação literária pura e universal se realizaria na liberdade e na igualdade (que o próprio nome "Sociedade Os Amigos do Livro" já revela).

Na verdade, nos pequenos círculos literários como a Belo Horizonte dos anos 1930, como nos espaços cosmopolitas, a história da literatura se conta, igualmente, traçando-se o quadro das rivalidades internas, feitas de manifestos, recusas, violências, desvios (CASANOVA, 2002, p. 26). Vejamos, pois, o que nos diz Frieiro a respeito, na mesma carta a Wellington Brandão:

> *Tenho feito destarte alguns inimigos. E também em troca, alguns bons amigos, como você. Um livro seu, O tratador de pássaros, motivou as nossas relações. Outro livro seu, Do penhor pecuniário creio que ameaça estremeçê-las. Assim o receio. [...] Você sabe, prezado Wellington, que a Sociedade Amigos do Livro é de círculo restricto e finalidade limitada. Tem caráter unicamente literário. Contra a minha vontade, alguns consócios ofenderam o espírito da Sociedade publicando nela três ou quatro obras de natureza extra-literária. Foi mal feito. Eu não disse nada, por não os molestar. Sob a marca dos Amigos do Livro, porém sem a minha responsabilidade, sairam alguns livrinhos fracos, de autores estranhos ao nosso grêmio. Estas irregularidades foram censuradas, com razão, por outros consócios. Afinal, a Sociedade adquiriu certo prestigio literário que convém salvaguardar [...].*

O escritor/editor assume, e até reivindica, a responsabilidade pelo prestígio literário alcançado pela *marca*, ou seja, o capital literário reconhecido pelas instituições legitimadoras – o

público restrito e culto, críticos, a imprensa especializada, editores. Ele sabe, também, que cabe ao editor da coleção, detentor de um certo capital de consagração, zelar pelo valor específico dos livros portadores da *sua* marca editorial. Eis seus argumentos:

> *[...] Esse nome (ou brasão, como diz você) que eu criei para adornar a página de titulo dos meus livros e que depois me sugeriu a ideia duma sociedade literária editora, com intuitos absolutamente líricos e sem a mais remota intenção prática ou utilitária, êsse nome, digo, não ficará bem numa obra prosaica, embora valiosa em seu gênero, numa obra que, como você próprio declara, não acrescentará em nada os méritos literários. Concorde que não ficará bem. A mesma marca que apresentou O tratador de pássaros [1935] é a menos indicada para apresentar um manual prático sôbre penhor pecuniário, embora escritas ambas pela mesma pena, mas não pelo mesmo espírito. Concorde comigo [...]. (Grifos do autor).*

Em última análise, editar é, de fato, um complexo processo, envolvendo numerosas etapas de trabalho intelectual e industrial, bem como risco financeiro, mesmo em se tratando de consórcios marginais sem fins lucrativos, como foi a Sociedade *Os Amigos do Livro.* Nesse processo envolvendo tanta gente com competências e atribuições diferenciadas, é necessário alguém que coordene as partes isoladas e tenha a visão do todo para garantir a qualidade do produto final. Alguém que conheça bem o texto, que se envolva com ele como um leitor profissional, crítico, analítico e exigente, e que esteja disposto a chegar até as últimas consequencias para garantir sua boa apresentação. Esse é, me parece, o retrato do Frieiro editor. E ele ainda teria outras experiências nesse campo, como relato a seguir.

Revista Kriterion

Apesar das disputas inerentes ao labor editorial, já que uma característica desse campo é envolver diferentes atores em torno da legitimação do produto literário, Frieiro cultivava, já se sabe, um prazer declarado em exercer o papel do editor. Tanto é verdade que, quando a Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais resolve publicar uma revista de cultura para acolher e veicular a produção acadêmica, ele assume, voluntariamente, o encargo da seleção de originais e a responsabilidade pela parte gráfica, embora na realidade, interferisse em todas as fases da publicação. O primeiro número da Kriterion, nome escolhido para a publicação, sai em setembro de 1947, com periodicidade trimestral, e traz a seguinte nota de apresentação do seu Diretor, o Prof. Braz Pellegrino:

> A revista que ora inicia a sua vida pretende, antes de tudo, conquistar para si o papel de porta-voz da cultura em terras de Minas, contendo em suas páginas o que mais representativo existe em nosso Estado no que diz respeito às belas letras, filosofia e ciência.[...] Uma revista, mesmo singela, é por excelência o organismo capaz de congregar em torno de si aquelas pessoas ligadas por uma mesma espécie de interesse intelectual. Em Minas Gerais não existe no momento uma publicação deste gênero, bastante plástica para conter matéria de pensamento e de cultura e, ao mesmo tempo, capaz de agrupar os nossos escritores, filósofos e contistas, em torno de um núcleo comum de trabalho [...].

A partir da academia, a nova revista assume-se como espaço aglutinador da cultura em Minas, lugar de sociabilidade e de enunciação da elite intelectual do Estado. O alto nível da publicação foi, de fato, reconhecido desde o primeiro número, e os cumprimentos começam a chegar de diferentes instituições, extensivos a Frieiro. Como exemplo, cito um trecho de carta enviada por Edgard Cavalheiro, agradecendo os dois primeiros números recebidos e elogiando a qualidade da revista:

> *[...] Não temos por aqui [São Paulo] nada que se aproxime de Kriterion. Tenho recomendado a revista a diversos amigos mas todos esbarram com as dificuldades para encontrá-la. Não está à venda? É uma pena. Kriterion merecia uma divulgação ampla.*[351]

Frieiro responde em 26/05/1948, com incontido orgulho mal disfarçado na exigência perfeccionista de antigo mestre –tipógrafo. Ele escreve:

> *[...] agradeço, pela parte que me toca, os elogios a Kriterion. Tipograficamente falando, a revista não é o que devia e podia ser, mesmo feita numa tipografia do interior.*[352] *É entretanto o melhorzinho que se pode conseguir aqui, sem muita briga com tipógrafos, gente de comércio difícil e ingrato. Tipografias não faltam, mas escasseam os gráficos competentes. [...]*

Logo adiante, na mesma carta, reivindica o reconhecimento pelo seu trabalho dedicado:

> *Faz-se o que se pode, e esse pouco me dá grande trabalheira, pois a publicação de Kriterion é tarefa de que me acho encarregado. Sua tiragem é pequena e não se vende. Destina-se a ser distribuida entre professores, estudantes, escritores, bibliotecas, estabelecimentos de ensino [...].*

Mas, a condição para que ele continue empregando seus esforços para o bom êxito da revista, como o foi na Sociedade Editorial Os Amigos do Livro, é que se cumpram os acordos feitos

---

[351] Carta do editor Edgard Cavalheiro a E. Frieiro, datada de 21/04/1948.

[352] A revista *Kriterion* foi impressa na Tipografia Velloso & de 1947 a julho de 1957, quando começa a sair pelo serviço de Imprensa da UMG.

no início da publicação. Aliás, ele não hesita em expor, por escrito, em carta de 26/3/1951 ao Prof. Arthur V. Velloso, então diretor da revista, os motivos de seu descontentamento:

> *Caro Velloso:*
>
> *Quisera vosco falar de grado, como diria o nosso estimado arcaizante José Quintella. É a respeito de "Kriterion". O tempo voa, Velloso; não espera pelos nossos propósitos de boa vontade. Quero dizer que estamos em fins de março e não temos ainda material nem ao menos para meio número, quando devíamos te-lo para dois. [...] E as notas de livros? Quem as escreverá? Você prometeu algumas, mas não devemos contar só com as suas. Pelo jeito, só lá para o fim do ano teremos a revista, e se assim acontecer, se eu não puder dar dois números por ano, deixarei a Comissão de Redação. É desagradável repetí-lo: com a atual Comissão, a cousa vai mal. E Você sonhava quatro números por ano. Que optimismo!*
> *Só duas pessoas na Faculdade se interessam realmente por "Kriterion": Você e eu. Você é o pai da revista e o seu diretor putativo. Eu, encarreguei-me, voluntariamente, da parte mais árdua, como é a de selecionar originais, ajeitar-lhes mais ou menos a ortografia, corrigir provas, paginar o texto e, enfim, acompanhar durante meses o seu penoso andamento na oficina. Tomo essa trabalheira únicamente pelo prazer de ver impresso "Kriterion", embora o seu contexto não seja todo de boa qualidade. Uma cousa eu não posso fazer, porque não sou mágico: tirar originais do meu sovaco.*
> *Há, sim, quem force a porta oferecendo colaboração. Em regra essa colaboração é a que menos nos convém. Devemos solicitá-la? Claro. Com bom critério. Não é tarefa para mim. Tenho poucas relações e não desejo aumentá-las.*
> *Em resumo: onde estão os originais prometidos por Você e o Wilton [Cardoso]? Repito o que disse a Você, há pouco tempo: para se fazer a revista é necessário pensar nela a todas as horas. Do contrário, nada feito.*
>
> *Abraços do*
>
> *[Sem assinatura]*

Na verdade, apesar da alusão à sua vida reclusa, em prol da revista, ele continua explorando o seu círculo de relações com intelectuais brasileiros e latino-americanos. Uma carta ao professor Bráulio Sanchez-Sáez, em 21/6/1953 dá conta de seu empenho em fazer o melhor trabalho na direção da Kriterion:

> *[...] Excelente ideia, a de nos mandar um trabalho acêrca de poesia espanhola contemporânea. Devo entretanto avisá-lo de que a nossa Revista não está ainda remunerando as colaborações. Até aqui tem sido gratis pro Musa. Se lhe convém assim envie-nos o trabalho, qualquer que seja a sua extensão.[...] Pode crer que o publicaremos com especial carinho e uma cuidadosa revisão. Não será como nos jornais, onde o que a gente escreve sai desfigurado por tremendos erros tipográficos [...].*

Também a carta seguinte, ao mesmo articulista, em 23/8/1953, revela seu empenho na qualidade daquele projeto editorial:

> *[...] Corrigi os erros que me indicou no original do seu trabalho, conforme os têrmos de sua carta última, e também acentuei ortograficamente as inúmeras palavras que por descuido de cópia sairam sem a necessária acentuação. Vamos a ver. Seu trabalho ficará muito bem na nossa revista, tanto mais que é o primeiro de*

> *sua índole nela publicado. Mas é preciso que saia direitinho, decorosamente tipografado.*

Em outra ocasião, Frieiro não se inibe em contestar o próprio mentor da revista sobre o teor de sua contribuição enviada para publicação. Sabia que cabe ao editor, no sentido intelectual do termo, assumir a responsabilidade para a obtenção de um produto integral e harmônico entre todos os elementos que o compoem, assim como garantir o aparato crítico ou analítico com que se decidiu contemplar a publicação. Assim sendo, escreve ao Prof. Arthur Velloso em 20/10/1950, nos seguintes termos:

> *Meu caro Velloso:*
>
> *Desculpe-me a franqueza: as notas que você escreveu sôbre os trabalhos de Luís Washington e Horácio Lafer não são propriamente comentários críticos nem simples recensões bibliográficas, mas autênticas mercuriais eclesiásticas!*
> *Você é o pai de "Kriterion" e o seu mentor notório. Harmoniza com a sisudez da Revista o tom desabrido daquelas notas, de mais a mais encobertas sob falsas iniciais? Essas iniciais não tiram a sua responsabilidade moral de autor das notas. Pense nisso. Acho melhor, portanto, não as publicar. Você dirá, em todo caso.*
> *Abraços e não me queira mal.*
>
> *[Sem assinatura]*

A dedicação de Frieiro à revista contornando, com energia, as precárias condições de trabalho dos primeiros anos, se faz notar na correspondência desse período, seja solicitando artigos e recensões, seja acusando recebimento e sugerindo alguma alteração de conteúdo ou de forma e, *en passant,* revelando as dificuldades internas daquele empreendimento editorial. Ao professor A. Pinto de Carvalho, da Faculdade de Filosofia de Rio Preto, S.Paulo, ele escreve, em 26/7/1957:

> *A esta hora já terá chegado às suas mãos o no. 39-40 de Kriterion, saido dos prelos da Imprensa da Universidade de Minas Gerais. O próximo número acha-se em adiantada composição. Foi, pois, com o maior contentamento que recebi hoje as suas preciosas notas bibliográficas. Chegaram mesmo na boa hora. Nossa seção de livros, que eu desejaria fosse a mais farta e viva possível, melhorou consideravelmente depois que o caro Amigo nos tem dado a sua inestimável ajuda. Aqui é difícil arrancar-se uma recensãozinha dos colegas da Faculdade [...].*

O planejamento e a implantação da Imprensa da UMG, ocorridos na gestão do Reitor Prof. Lincoln Prates, tiveram a assessoria de Frieiro. Quero enfatizar, que, além de assíduo articulista – de 1947 a 1957 publicou 20 artigos na *Kriterion* – como bibliógrafo ele zelava pela seção Notas de Livros, escrevendo, a cada número, de duas a quatro recensões. Aliás,

essa publicação, que é considerada a revista brasileira mais antiga de filosofia,[353] ressalto, merece um estudo bibliométrico que a tome como fonte e objeto, permitindo estimar-se a frequência de produção de autores individuais, assim como traçar uma cartografia dos temas tratados e das instituições de origem dos colaboradores. Os dados quantitativos assim levantados serão úteis para a avaliação da dinâmica dos grupos intelectuais que estiveram e estão ligados à revista no seu já longo período de existência e vitalidade.

Penso, também, que as noticias que circulam, hoje, acerca da *Kriterion,*[354] não fazem jus ao envolvimento de Frieiro com a Revista, já que nem mencionam seu nome como colaborador. Entretanto, seguindo o fio cronológico das cartas dele, desde que o primeiro número foi dado à lume, fui percebendo como esse trabalho esteve presente no seu cotidiano. Assim, ele enfrentou dificuldades iniciais com a tipografia Velloso, viveu momentos de ansiedade para obter boa colaboração a tempo e a hora que justificasse a publicação de quatro números por ano, além do desinteresse dos professores integrantes da comissão editorial. Quando a revista completa dez anos, desabafando, ele revela o sentimento de realização, apesar da mescla de ressentimento:

> *[...] Já está impresso o texto do no. 41-42 de Kriterion, só faltando a capa e o ìndice geral do Vol. X. Com este fascículo, completa a Revista dez anos de publicação. Sou o único a fazer tudo, gratis pro musa. Por teimosia. Mas faço-o com prazer, é claro, pois nada me obriga. E a revista agora tem uma apresentação gráfica que dá gosto.*[355] *(Grifos do autor)*

E ainda, dirigindo-se ao escritor Levi Carneiro, acadêmico da ABL, em 14/09/1958, ressalta:

> *Calculo muito bem as canseiras e maçadas que a Revista lhe dá. Dirijo aqui a revista da Faculdade de Filosofia, Kriterion, há mais de dez anos já. A princípio dávamos quatro números por ano, mas logo tivemos de os reduzir a dois, duplos, encorpados. Sai porém com regularidade, graças unicamente aos meus esforços, pois ninguém me ajuda. Sai porque eu tenho gôsto nisso, do contrário não sairia, estou certo. As tipografias dão-nos muito que fazer, mas eu sempre vivi nelas e gosto de imprimir coisas, minhas ou alheias.*

Outra questão inerente à publicação de um veículo de comunicação refere-se à censura, seja de cunho moral, político ou religioso. Nesse sentido, na correspondência de Frieiro como

---

[353] Fundada em 1947 como *Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UMG* reunia contribuições dessas três grandes áreas. Na década de 60, torna-se *Rrevista de Filosofia e Ciências Humanas*; a partir de 1982 passa a ter o formato atual, ou seja, uma revista exclusivamente de Filosofia.

[354] Cf. Boletim Informativo. Belo Horizonte, UFMG, n.1478, v.31, 7 abril 2005.

[355] Carta ao Prof. A. Pinto de Carvalho, datada de 19/10/1957.

assessor da Revista Kriterion, verifiquei, pelo menos dois momentos em que ele se refere à necessidade de recorrer à ação fiscalizadora, de cunho moral, na seleção de artigos.

O primeiro caso refere-se a um artigo prometido pelo diplomata e folclorista Paulo de Carvalho Neto, residente no Uruguai, naquele momento. Frieiro escreve a ele especificando as normas de publicação na revista e finaliza dizendo:

> *[...] Seja como for, dentro dos limites a que aludi, ficará bem em Kriterion. Ou estarei sendo imprudente, afirmando isso antes de o ler? Não que eu faça muito caso das reservas pudicas da beatice católica mineira, mas é que ...est modus in rebus.*[356] *[...]. (Grifo do autor).*

O editor, ele próprio de espírito arejado e distanciado do moralismo católico devia, no entanto, conformar a linha da revista consoante a mentalidade do meio. De fato, a carta seguinte ao articulista abandona a ironia destilada na anterior e explica as razões da recusa dos originais, decisão tomada, ao que parece, individualmente, sem o parecer de um Conselho de Redação:

> *Já lhe devolvi pelo correio, sob registro, os originais de seu trabalho Psicoanálisis del folklore chileno. Interessantíssimo, sem dúvida, mas por demais estercorário para aparecer em Kriterion. Só em uma revista especializada (como por exemplo a francesa Psyché, ou qualquer outra nesse gênero) poderia ser publcado. Você bem o sabe. Mas o seu destino natural é o livro. Não faltará quem o edite em Montevidéu, ou, mais provavelmente, em Buenos Aires. Gostei do material coligido. Como o povo é porco! Tem a obsessão do sexo e dos excrementos.*
> *Mas o que mais me agradou foi o Cancioneiro satírico religioso. Com tôda a evidência, aqueles endecassílabos emparelhados não são poesia do povo, senão poesia de arte. São versos muito bem feitos, de algum anônimo Caviedes*[357] *chileno [...]. Kriterion, ao menos sob a minha direção, não sofre censura no tocante à qualidade científica ou literária da matéria que lhe oferecem os seus colaboradores. Mas, est modus in rebus ...*[358] *(Grifo do autor)*

A repetição do pensamento horaciano denota, de alguma forma, a consciência de Frieiro quanto ao papel social do editor como mediador de conflitos culturais, em busca da justa medida, nem sempre possível, entre o novo e o institucionalizado. Nesse caso específico, colocado entre a liberdade de expressão estética do autor e o suposto código moral de um meio conservador, ele escolhe a prudência de recusar o artigo, não sem antes sugerir um encaminhamento para um texto que lhe parece ter qualidade. O diálogo editor/autor, isto é, as

---

[356] Carta a Paulo de Carvalho Neto, datada de 14/04/1959. A expressão latina *est modus in rebus* (Horacio, *Sátiras,* I, 1, 106) significa *há uma medida nas coisas,* ou seja, cumpre que haja moderação.
(KOOGAN/ HOUAISS. Enciclopédia e Dicionário Ilustrado. Rio de Janeiro: Delta, 1994)

[357] Juan del Valle y Caviedes (Espanha,1645 – Peru, 1698). Notável escritor satírico do *Siglo de Oro*. Escreveu poesias satíricas, amorosas, eróticas e escatológicas.

negociações prévias em torno dos originais relativos ao conteúdo e forma, vem a ser, de fato, umas das tarefas mais importantes e delicadas da atividade editorial. Frieiro, pelo que transparece nas inúmeras cartas em que a Kriterion é o tema, percebia essa atividade como um acontecimento extraordinário, em que o autor participa com seu talento e dedicação na escrita do texto e o editor colabora com sua experiência, sensibilidade, conhecimento das formas de produção e de recepção.

Por fim, um segundo caso envolvendo a questão da censura, parece-me importante por revelar a ponderação de Frieiro diante de uma situação polêmica e, especialmente, a refinada discrição ao comentá-la em carta ao Prof. Marcel Debrot, em 23 de agosto de 1961. Eis a carta, na íntegra:

> *Prezado Prof. Marcel Debrot,*
>
> *Agradeço a atenção de sua carta de 15 deste, alusiva ao artigo do Prof. Saunal, saído no número 53-54 de Kriterion.*.[359] *Em verdade, não me pareceu conveniente que a Revista publicasse matéria de caráter polêmico, escrita por um professor da Faculdade de Filosofia em refutação a trabalho anterior de outro professor da mesma Faculdade. Julguei-o assim, não pela divergência de doutrina nela contida, mas pelo tom em que fôra vasada. Não sou, é claro, contrário ao debate de opiniões dentro das páginas da Revista. No caso, porém, convinha preservar o espírito de bom entendimento que deve existir entre colegas numa escola de nível superior. O artigo em aprêço, logo o percebí, podia agastar, como efetivamente agastou, um prezado companheiro de muitos anos. Por outro lado, tratava-se de matéria opinável, merecedora de discussão, e seu autor, também distinto Professor da Faculdade, tinha o direito de pedir a sua publicação na revista. Restava-me a alternativa de levar o caso à Comissão de Redação da Revista, mas essa Comissão nunca existiu a não ser no papel. Deixei-a então a critério do Diretor da Faculdade, o Prof. [A. Camilo de F.] Alvim, pessoa de ponderação e bom juizo, que consentiu na publicação. Sua carta, ilustre Prof. Debrot, veio corroborar a minha opinião de que se devia ter evitado causar aborrecimento a um companheiro de vinte anos.*
>
> *Creia-me, com as expressões de grande simpatia e o mais alto apreço,*
>
> *[Sem assinatura]*

Admiráveis são a distinção, a cautela e o senso de justiça deste árbitro no terreno tensionado das disputas intelectuais. Diante do impasse, procura resgastar, das partes contendoras, a noção mais alta de divergência intelectual. No limite, resta-lhe expor, com firmeza e elegância, a um dos envolvidos na delicada questão, o seu descontentamento, não em nome próprio, mas em favor da *Kriterion* e dos nobres objetivos propostos por ocasião de sua fundação.

---

[358] Carta a Paulo de Carvalho Neto, datada de 30/04/1959.

[359] Cf. SAUNAL, Damien. Réflexions sur une nomenclature grammaticale. *Kriterion,* Belo Horizonte, v.8, n.53-54, jul./dez., 1960. p.395-418.

Pois bem, a longa e dedicada atuação de Eduardo Frieiro à frente da Revista foi uma garantia para que aqueles propósitos se cumprissem. Entretanto, com a chegada da aposentadoria como professor da Faculdade de Filosofia, em 1961, ele resolveu deixar, também, a direção da Revista. Em carta de 15/8/1959, ao professor paulista. A. Pinto de Carvalho, ele conta:

> *[...] Kriterion não tem ainda nova direção. O Alvim quer que eu continue, mas não acho a coisa aceitável.[...]*

Na falta de outro professor que se dispusesse a assumir a função, o Diretor da Faculdade insistia na permanência do nosso editor. Sem outra opção e, provavelmente, porque realmente gostava daquele trabalho, ele foi ficando, a espera de uma solução. Em 22/5/1962, a situação permanecia a mesma, pelo que relata ao Prof. Sánchez-Sáez:

> *[...] Estou aposentado na Faculdade e praticamente não sou já o diretor da revista, embora o meu nome continue a figurar como tal, em homenagem a quem a orientou durante cêrca de catorze anos de publicação ininterrupta. Em consequência disso, a direção está meio acéfala.*

Enfim, nome de Eduardo Frieiro consta como Diretor da *Kriterion,* na contracapa da revista, até o volume 19, número 66, referente ao período 1966-72, embora ele já não se envolvesse com a sua feitura. A saída definitiva do escritor coincide com um período de enormes dificuldades para a revista, em função do endurecimento da ditadura militar e da repressão à instituição universitária, inclusive com o drástico corte de verbas. Passado o período de turbulência a *Kriterion* voltou a circular com regularidade e, em 2007, comemorou sessenta anos como a revista de filosofia mais antiga do Brasil.

4.5 Professor

O Professor de Literatura Hispano-americana

O autodidata quase absoluto que chega a ser Professor Emérito da Universidade Federal de Minas Gerais é um fato extraordinário, sempre ressaltado nos escritos sobre Eduardo Frieiro. Mas, o modo mesmo como planejou e executou a sua formação autônoma já prenunciava o

professor pelo cuidado em planejar um programa de estudos, pelo gosto em investigar fontes e localizar dados, assim como pela segurança na avaliação de resultados.

Com efeito, quando, em 1939, um grupo de professores do Colégio Marconi de Belo Horizonte, tendo à frente o Professor Arthur Versiani Velloso, se reuniu para fundar a Faculdade de Filosofia de Minas Gerais,[360] Frieiro foi o nome escolhido para assumir as cadeiras de Literatura Espanhola e Literatura Hispano-americana. A história da criação da FaFi-MG, incorporada à UMG em 1948, como já mencionei neste trabalho, foi bem contada por Maria de Lourdes A. Haddad (1988). Segundo ela, aquele grupo de idealistas enfrentou inúmeras dificuldades para dotar a capital mineira de uma faculdade voltada para o ensino de Filosofia, Ciências e Letras, de caráter privado, já que a Universidade de Minas Gerais, fundada em 1927, não quis ou não pôde incorporar, naquele momento, mais uma unidade. "A Casa d´Italia nos emprestou o Marconi – as salas de baixo – nós demos aula de graça e abrimos a Faculdade" conta Guilhermino César (HADDAD, p.64). Eduardo Frieiro integrou a categoria de catedrático-fundador - professores que proveram as primeiras cátedras, admitidos sem concurso.

Em carta, sem data, ao escritor português Agostinho de Campos, o novo professor revela o seu sentimento diante daquele grande desafio profissional:

> *[..] Comoveu-me muito a minha honrosa nomeação para lente da problemática Faculdade de Letras brasileira – idéia demasiado alta e luminosa para que a convertam no Brasil em realidade.Claro que me comoveu, mas não posso aceitar os parabéns nem mesmo em brincadeira ... Como poderia figurar em tão egrégia faculdade e tão douta companhia o indouto e por bem dizer semi-analfabeto que eu sou? Se algum brasileiro tiver disto notícia, terá sem dúvida perguntado, com legítimo espanto: "Quem é esse Eduardo Frieiro que ninguém conhece?" [...]*

O habitual recurso à forma interrogativa tem, também aqui, o valor retórico de propor uma questão ao seu interlocutor, esperando a contradição que o livre do pesado fardo dos encargos sociais confrontados com sua excessiva modéstia. Mas, passados os primeiros momentos de preocupação com o novo empreendimento, Frieiro envolveu-se com a causa acadêmica com a competência esperada por aqueles que sabiam do seu valor e reservaram-lhe um lugar na nascente Faculdade. Os dezenove anos de função docente aparecem aqui e ali na correspondência do escritor, revelando os traços de um mestre responsável diante da grande

tarefa de ensinar: atencioso diante das solicitações dos alunos em geral, entusiasmado e orgulhoso diante do valor de alguns alunos excepcionais. Vez por outra, aborrecia-se com a fogueira de vaidades que arde numa congregação de intelectuais.

Assim, envolvendo-se sempre com a causa acadêmica, em carta ao filósofo e professor da Faculdade de Filosofia da USP, João Cruz Costa, agradece-lhe o recorte de um artigo de sua autoria, publicado na *Folha da Manhã* de São Paulo, sobre as Faculdades de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade do Brasil (UNB). Criadas, respectivamente, em 1934 e 1939, viviam ainda, naquele momento (sem data, a carta e o artigo são, presumivelmente, de 1944) as reflexões críticas em busca de equilíbrio entre o modelo humboldtiano, que havia inspirado a sua criação (vale dizer, a indissociabilidade entre ensino e pesquisa) e a realidade histórico-social do país. Apesar de não ter tido acesso, para esta tese, ao artigo mencionado, quero lembrar que Cruz Costa, na sua vida pessoal e na carreira de professor, se notabilizou pela preocupação com a formação de um pensamento verdadeiramente nacional. Melhor dizendo, preocupou-se com a construção, através da pesquisa universitária, de um *corpus* doutrinário – filosófico, artístico, literário, jurídico, científico - fundamentado na nossa cultura e voltado para a construção/aprimoramento da nossa identidade nacional.[361] Mas, voltemos à carta, que remete a um encontro entre Frieiro, o professor uspiano e o diretor da FaFi-MG:

> *[...] Recebí a "Folha da Manhã" com o artigo sobre as Faculdades de Filosofia. Agradeço-lhe o exemplar que gentilmente me remeteu e sou-lhe também grato pela bondade de mencionar meu nome. Oportuníssimo, tudo o que disse no artigo. Concordo com os seus têrmos, em gênero, caso e número. Merecia aqui a maior divulgação.*
> *Não sou pessimista como o Veloso, a respeito da nossa Faculdade. Isto é, como ele se mostrou naquela manhã. O Veloso estava sombrio e achou boa a ocasião para drenar na conversa toda a sua atrabilis oposicionista. Mas pode crer, todo aquele tenebroso pessimismo era mais aparente do que real. A verdade é que o Veloso tem fé na Faculdade, que é obra dele. Como não havia ele de crer na sua própria criatura?*

Para Frieiro, a nova função de professor de literatura espanhola e hispano-americana foi um estímulo a mais para a sua formação. Ao aprimorar-se para dar dar aulas de literatura, adquiriu informações e conhecimentos numa linha de investigação literária que não teria alcançado como estudioso solitário, fora de uma estrutura institucional. "Estou mergulhado

---

[360] O chamado *Grupo do Marconi* era composto pelos professores Arthur Versiani Velloso, Braz Pellegrino, Pe. Clóvis de Souza e Silva, José Lourenço de Oliveira, Guilhermino César, Orlando de Carvalho, Nivaldo Reis, Mário Casasanta e o diretor do Colégio, Vincenzo Spinelli.

[361] Cf. GIANNOTTI, J. A. João Cruz Costa. *Estudos Avançados,* São Paulo, v. 8,n. 22, set.-dez., 1994. p. 237-9.

inteiramente na história das letras espanholas, na leitura dos clássicos castelhanos, na erudição literária, em filologia, enfim", conta no *Novo Diário.*[362] Nos primeiros anos como professor da Fafi-MG empenhou-se, de fato, em estudar e preparar aulas com a seriedade de quem exige de si a perfeita execução de qualquer tarefa mas, sobretudo, com o entusiasmo de um autodidata chamado a participar de um processo institucional de ensino-aprendizagem do qual estivera, até então, excluido. As páginas do diário, mais do que as cartas, dão conta do sentimento ambivalente de entusiamo e decepção que o acompanhou na sua experiência docente. No dia 2 de setembro de 1942, deixa registrado no seu diário:

> [...] Na Faculdade de Filosofia estou lendo e comentando o *Don Quijote* para as minhas alunas da segunda série. Preparei minhas aulas com carinho, como se tivesse de dá-las na Sorbona. Tempo perdido. As alunas – seis ou sete mocinhas, ex-alunas do Colégio Santa Maria, autênticas *butter and bread girls,* - não querem saber de Cervantes nem do Quijote, que não lhes desperta o mínimo apetite de leitura, apesar das minhas incitações [...]. [363]

O desinteresse das alunas pela grande obra decepciona-o, mas não desanima o professor. Oito dias após o primeiro registro, ele volta a escrever no diário:

> [...] São todas [as alunas] muito católicas e rezadeiras [...]. Ouvem missa e comungam, antes das aulas matinais. Imaginei, portanto, que amariam Santa Teresa e San Juan de la Cruz, logo que os conhecessem. O pensamento místico tem na prosa da monja de Ávila e na poesia de Juan de Yepes a sua expressão mais alta, jamais ignorada. Mas as mocinhas – decepção! – não mostraram interesse pelos dois máximos representantes da literatura mística e ascética castelhana. Uma perguntou-me se havia distinção entre religião (as práticas religiosas) e misticismo. Enfim, a frieza geral foi uma ducha gelada na minha fervura. Esfriei também [...] [364]

Visto mais de perto o ensino formal lhe causa alguma decepção, segundo confessa ao fim do terceiro ano de docência:

> [...] Conheci por dentro o ensino: não é animadora a impressão. Os alunos, em regra, queixam-se dos maus professores. Os bons professores queixam-se dos maus alunos, que são a maioria. O bom aluno é bom, *malgré tout* [...]. [365]

Escrevendo a Ciro dos Anjos, em 22 de abril de 1946, aborda o compasso de ânimo/desânimo que costuma embalar a relação professor-aluno:

---

[362] FRIEIRO, 1986, p. 84.
[363] FRIEIRO, 1986, p. 25.
[364] FRIEIRO, 1986, p. 29.
[365] FRIEIRO, 1986, p. 125.

> *[...] Espero abraçá-lo em maio ou junho, ou mais possivelmente pelas férias de julho da Faculdade, onde este ano tenho uma turma muito boa na primeira série, toda de normalistas, professores secundários e até uma jovem sóror. Isto compensa da ruindade das duas outras séries: uns mancebos ignaros e presunçosos, ademais de vadios: não admira: são literatos [...].*

Não obstante a birra com os jovens literatos, o bom aluno parece ser, assim como o seu devotamento à tradição hispânica, o que mantém, em Frieiro, o desejo de permanecer como professor acadêmico por quase duas décadas. Aliás, tempo suficiente para formar alguns brilhantes hispano-americanistas numa época em que a cultura espanhola e, principalmente, a hispano-americana, não conseguiam competir com a cultura francesa em termos de interesse dos jovens estudantes que optavam, no vestibular de Letras, pelas neolatinas.

Mas, se os bons alunos são os que mais aparecem citados na sua correspondência, a todos os outros ele se coloca inteiramente disponível para atendê-los em diversas situações: para escrever cartas de recomendação a universidades estrangeiras, intermediar junto a outras instâncias culturais, colocar a disposição sua biblioteca, acompanhar em viagens turísticas, entre outras ações espontâneas de mediação social e cultural. Uma carta de 1948, a um aluno em viagem de estudos à França, exemplifica bem o seu envolvimento amoroso com a Faculdade e com os discípulos:

> *[...] É com o maior gosto que respondo à carta, acompanhada de postal, que Você teve a gentileza de me escrever. Agradeço-lhe a deferência. Telefonei imediatamente à sua Mamãe falando-lhe da carta, e mostrei-a a alguns professores e colegas seus. Folguei muitíssimo em saber que Você está contente aí, como não era para menos, e já em pleno fervet opus.*
> *Sua turma, este último semestre, caiu verticalmente. A não ser o José Eduardo e o Breda, sempre firmes, ninguém mais se interessou pelo curso. É que a turma ficou sem algumas vigas mestras: Você aí, o Rielson em comissão fora de Belo Horizonte (chegou um destes dias para a prova final, realizada dia 16) e D. Ângela ocupada com suas aulas no Colégio Isabela e agora por último no Instituto de Educação, onde começou a lecionar francês, por indicação, creio, do professor Sallet. [...]* [366]
> *(Grifo do autor)*

Na continuação da mesma carta aparece uma situação que se repetiria muitas vezes na sua carreira acadêmica: a recusa a convites de naturezas diferentes, a mais das vezes por um motivo conhecido, a sua *timidez fabulosa*.

> *[...] Sua turma convidou-me para seu paraninfo, este ano. Infelizmente não tive a coragem de aceitar tão honroso convite: nunca fiz discurso e não desejo passar por êsse transe. Foi bom que eu recusasse, pois convidaram então o governador Milton Campos. O José Eduardo será o orador da turma [...].*

[366] Carta a Hélcio Coelho, datada de 22/11/1948.

Mas, a novidade maior ele deixa para o final:

> *[...] Uma boa notícia para todos nós: a Faculdade já pertence à Universidade de Minas Gerais, o que é tanto mais interessante quanto há certas esperanças de que a Universidade seja federalizada. Acho a cousa improvável, em vista do despesão que representará para os cofres federais: a bagatela de uns cinquenta contos anuais. Mas não é impossível.*
> *A incorporação da nossa escola à universidade é um serviço que ficamos a dever ao professor Alvim, que continuará interinamente à frente da Faculdade até março ou abril do próximo ano, quando se elegerá nova diretoria [...].*

Contrariando a sua expectativa pessimista, a federalização da universidade mineira ocorre já no ano seguinte, 1949, mas o nome Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) só seria adotado em 1965.

No período em que o professor e crítico Afrânio Coutinho, retornando de uma experiência de estudos nos Estados Unidos, batalhava no meio intelectual brasileiro pela renovação da crítica literária e do ensino da literatura, estabeleceu contato com Frieiro em Belo Horizonte (conforme já mencionei anteriormente), intermediados por Abgar Renault. Em carta datada de 4 de dezembro de 1952, o professor mineiro agradece a Coutinho a publicação intitulada *O Ensino da Literatura*[367] e comenta, de forma positiva, mas brevemente, um aspecto polêmico colocado pelo mesmo na seção *Correntes Cruzadas* do suplemento do *Diário de Noticias* do Rio de Janeiro[368]. Trata-se da necessidade de libertar a crítica literária e o ensino de literatura da mentalidade amadorística que circulava desde o século anterior. Nesse sentido, a criação das faculdades de Filosofia, na década de 30, teria sido um ponto de partida, embora ainda sobrevivesse, na opinião do crítico baiano, alguma coisa do pensamento arcaico, distanciado de qualquer tipo de especulação sobre o fato literário em si e sobre a natureza do processo crítico. Frieiro apenas considera:

> *[...] pareceram-me muito judiciosas as suas ponderações sobre o ensino da Literatura como disciplina autônoma e que realmente está a reclamar uma orientação funcional. Creio que esse critério não tardará em ser geralmente seguido, como convém. Para tanto ajudaria muito uma boa divulgação do seu trabalho agora impresso. [...]*

E alonga a carta um pouco mais para comentar uma questão acadêmica mais vizinha das relações humanas do que da epistemologia:

---

[367] COUTINHO, A. *O Ensino da Literatura;* discurso de posse na cátedra de literatura do Colégio Pedro II. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1952.
[368] Tais crônicas foram reunidas no livro: COUTINHO, A. *Correntes Cruzadas;* questões de literatura. Rio de Janeiro: A Noite, 1953.

> *[...] quero sinificar-lhe rapidamente o quanto me impressionaram as suas considerações acêrca do concurso como meio de selecionar professores. Quem não concordará com o que diz? Tive ocasião de presenciar alguns concursos, e sofri com os examinandos, sofri ante o espetáculo deprimente daquelas juntas de sabichões apostados em humilhar os indefesos, coactos candidatos, desferindo-lhes golpes maliciosos, premeditados com avêssa intenção. Não há dúvida, o concurso, como diz muito bem, "é antes uma prova de habiliddade do que um pleito intelectual". [...]*

Seu horror à arrogância e à exibição cabotina, tão freqüentes na academia como na República das Letras, conduzia-o ao extremo oposto: de considerar-se um *simples escudeiro* que não se intromete *nas altas cavalarias do ensino superior*, como retratam as cartas examinadas.[369] Terá sido essa a mesma razão para ter recusado, sistematicamente, convites de diferentes universidades brasileiras para participar de comissões examinadoras de novos docentes? Na verdade, ele não apresentava justificativas, apenas se esquivava dos convites, embora dotado de profundo conhecimento das literaturas hispânica e hispano-americanas, capacitação, evidentemente, implícita no próprio convite.

Entre várias cartas com este teor, selecionei duas para demonstrar a decisão dele de manter-se afastado de qualquer mesa judicante. Ao Dr. Antônio Carneiro Leão, Diretor da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, ele responde, em 3 de setembro de 1956:

> *Senhor Diretor*
>
> *Em resposta ao ofício no. 1341, de 21 de agôsto próximo findo, que me dirigiu V. Excia., em nome da egrégia Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia, consultando-me sobre se aceito a indicação do meu nome para participar da comissão examinadora da prova de habilitação ao título de docente livre da cadeira de Literatura Hispano-Americana dessa Faculdade, da qual é candidato único inscrito Hélcio Andrade Martins, - quero antes de nada expressar aqui meus vivos agradecimentos por tão alta distinção, que sobremaneira me honra e desvanece.*
> Infelizmente, não me é possível aceitá-la, pelo que peço à douta Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia e a V. Excia, seu preclaro Diretor, as devidas excusas, as quais espero me sejam benévolamente concedidas.
> Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Excia. os meus protestos de elevado aprêço e distinta consideração.
>
> *[Sem assinatura]*

A segunda carta, endereçada ao Prof. Dr. Luís Pilla, tem data de 18 de outubro de 1961 e foi escrita estando ele já aposentado. Eis o que diz:

---

[369] Carta ao Prof. João Cruz Costa, datada de 18/11/1953.

> *Senhor Diretor*
>
> *Apraz-me acusar o recebimento do ofício de 27 de setembro p. passado, firmado por Vossa Excelência, mediante o qual me é feito convite para integrar a Comissão Julgadora do concurso à cátedra de Literaturas Hispano-Americanas a realizar-se em junho do ano vindouro na Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul.*
> *Agradeço, sumamente desvanecido, a honrosíssima distinção, mas lamento muito não poder aceitá-la por motivo que não vem ao caso declarar.*
> *Com a esperança de que me seja relevada a não anuência ao convite, apresento a Vossa Excelência as minhas desculpas, junto com as expressões do mais alto aprêço e mui distinta consideração.*
>
> *Eduardo Frieiro*

Embora se abstivesse de participar de bancas examinadoras, mesmo quando o candidato era um dileto ex-aluno seu, como foi o caso de Heitor Martins, fora dessa circunstância ele acompanhava com vivo interesse o desempenho dos ex-alunos, especialmente de alguns poucos que se destacaram como estudantes e logo galgaram, brilhantemente, a docência acadêmica. A esses alunos especiais, o mestre contemplava com palavras de estímulo e orgulho paternal ao mencionar o êxito por eles alcançado. Exemplo disso encontrei na carta ao filólogo Antenor Nascentes, em 18 de setembro de 1960, em que ele se alonga ao enumerar os títulos de uma examinanda:

> *Caro Mestre Antenor Nascentes:*
>
> *Meus agradecimentos pela gentileza de suas felicitações por ter ganho o [Prêmio] "Machado de Assis". Acontecem dêsses bambúrrios na vida. Nada mau. [...] Suponho que aceitou o convite para participar da banca examinadora de Maria José de Queiroz, candidata a livre-docência na nossa Faculdade. Maria José foi minha aluna em 1955, das mais distintas que tive nos meus dezenove anos de professor de Literatura Espanhola e Hispano-americana. Substitui-me agora na cadeira em que me aposentei, leciona há tempos já a mesma matéria na Faculdade Católica de Filosofia (em substituição de Henriqueta Lisboa) e tem também agora a seu cargo a Cadeira de Língua e Literatura Espanhola dessa Faculdade, enquanto licenciado o Prof. Quiroga. É moça de valor, devotada ao estudo e ao ensino. Leciona ainda Francês no Colégio Estadual. Está muito contente – e eu também – porque o escolheram para examinador. [...]*

O mesmo tom afetuoso e estimulador emana de uma carta a também ex-aluna, Ângela Vaz Leão, em 6 de janeiro de 1961:

> *Dona Ângela:*
>
> *Agradeço-lhe o oferecimento da separata de seu trabalho "Dos representantes românicos de <u>hortus</u> e <u>hortulanus</u>"*[370]*, no qual sou honrado, generosamente, com a citação de meu nome.*

[370] Cf. LEÃO, A. V. Dos representantes românicos de HORTUS e HORTULANUS. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 8, p. 167-185, 1960.

> *Parabéns pela impressão do trabalho, mais um bom título para o seu futuro concurso. Precisa de outros, que certamente virão a tempo. E os valientes e corajudos que apareçam para conhecerem a derrota.*
>
> *Ainda quero viver para vê-la na cátedra, e do mesmo modo a minha outra dileta ex-aluna, a Maria José. [...] (Grifos do autor)*

O lugar especial que essas duas alunas ocuparam na experiência didática de Mestre Frieiro foi compartilhado, ainda, por Wilton Cardoso, já falecido, que viria, como elas, a se tornar professor de Literatura na mesma faculdade. Todos continuaram, depois de formados, a privar da amizade e consideração do professor, assim como de sua esposa, D.Noêmia. Ao solicitar-lhe um depoimento sobre o antigo professor, a hoje professora aposentada e escritora Maria José de Queiroz, preferiu recusar, considerando que a melhor homenagem a ele seria a leitura de sua obra pelas novas gerações.

Da parte de Ângela Vaz Leão, professora emérita da UFMG, onde ocupou, com destaque, cargos de docência e gestão acadêmica, hoje Professora Titular da PUC-Minas, obtive, em longa entrevista,[371] um depoimento respeitoso sobre o Mestre. A ex-aluna refere-se a ele como uma espécie de enciclopédia viva a que os alunos podiam recorrer sempre. A essa qualidade se somava "a gentileza no trato, a disponibilidade, o bom humor, o senso de justiça, às vezes com uma dose de ironia, que tinha a sua graça." E acrescenta: "Frieiro impunha-se ao respeito de todos não só como excelente professor, mas como homem reto e justo".
Ainda em artigo publicado no Suplemento Literário Minas Gerais, de agosto de 2004, Ângela Vaz Leão faz uma homenagem ao antigo professor :

> [...] hoje, passados mais de cinquenta anos [como aluna do curso de Letras Neolatinas na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras], quando me ponho a recordar os professores de então, quando me ponho a pesar e a medir o que lhes devo, é certamente a figura de Eduardo Frieiro que, deslumbrada, revejo à frente de todos. Com Frieiro estudei três anos de Língua e Literatura Espanhola e um ano de Literatura Hispano-americana. Por ele fui conduzida na leitura do "Dom Quixote", na descoberta do Quixote apócrifo e de outras fraudes literárias, na apreciação do teatro do "siglo de oro", na valorização da literatura galega, sobretudo de Rosalía de Castro, no entendimento das literaturas hispânicas regionais, como, por exemplo a "gauchesca" com o "Martin Fierro", no reconhecimento da importância da Filologia para os estudos linguísticos e literários, na atribuição de um lugar especial ao venezuelano Rufino Cuervo dentro da gramaticografia espanhola, assim como ao castelhano Menéndez Pidal dentro da história da língua e da literatura dos primeiros tempos. Após as aulas convencionais, continuava a conversa dos corredores, para mim nova ocasião de aprender com aquele autodidata

[371] Inserida como Anexo F nesta tese.

> que a Universidade e a Academia convocaram para o seu seio, embora tivesse, de estudos formais, apenas o curso primário, tendo adquirido toda a sua esplêndida cultura, como Machado de Assis, no exercício da tipografia. Dele recebia então observações e conselhos sobre a arte de escrever, de revisar um texto e até de dar título a uma obra. Por isso lhe dediquei o meu primeiro livro, "Sobre a Estilística de Spitzer". [...] Se a figura do professor e mentor permanece viva na minha memória, não menos viva continua a figura do amigo, que participou de vários episódios de minha vida pessoal [...].[372]

Professor no curso de Biblioteconomia

A longa experiência de Eduardo Frieiro como tipógrafo e seu profundo interesse pelas Artes Gráfica, renderam-lhe um outro convite para atuar como professor universitário. De fato, ele foi professor da disciplina intitulada *História do livro e das bibliotecas*, durante dois anos – de 1951 a 1952 - no Curso de Biblioteconomia implantado em Belo Horizonte um ano antes. Entretanto, muito pouco ficou registrado nas cartas sobre essa experiência, a não ser uma ou duas menções a um projeto de escrever um livro sobre a História da Imprensa e do Livro na América Latina e no Brasil, baseado nas suas anotações de aula. O projeto não foi concretizado, embora ele tenha escrito muitos artigos para jornais sobre aspectos particulares do amplo tema, sendo particularmente interessantes aqueles em que aborda a produção, circulação e consumo do livro em Minas Gerais, desde o ciclo do ouro. Caso venham a ser publicados numa edição em livro, será uma importante contribuição para a história da imprensa e da cultura no Estado de Minas Gerais.

Enfim, o que pude recolher sobre aqueles dois anos de docência provêm dos registros deixados por Etelvina Lima, bibliotecária e fundadora do referido Curso de Biblioteconomia, mais tarde incorporado à UFMG. Segundo D. Etelvina, o primeiro curso de Biblioteconomia de Minas Gerais, criado em 25 de março de 1950, tinha um corpo docente muito especial, formado por apenas três professores: ela própria, a bibliotecária Cacilda Basílio de Souza Reis e o escritor Eduardo Frieiro. Ela conta: "[...] no primeiro ano eu fui a responsável pela disciplina [História do livro e das bibliotecas] mas apanhei muito, pois não tinha cultura suficiente para assumir uma disciplina feito aquela. E então convidamos o Professor Frieiro [...]" E, ressaltando o idealismo que movia os acadêmicos naqueles tempos heróicos do

[372] LEÂO, A. V. Mestre Frieiro. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, ago. 2004. Suplemento Literário, v. 38, n.1271, p. 16-17.

empreendimento universitário, em Minas, acrescenta: “A Cacilda recebia salário, o Frieiro e eu, não” (LIMA, 2000, p.53).

4.6 Bibliotecário

A Biblioteca Pública do Estado de Minas Gerais

Em 1953, dentro do seu projeto de modernização iniciado quando prefeito de Belo Horizonte, o governador Juscelino Kubitschek convidou Eduardo Frieiro para coordenar o planejamento da grande biblioteca pública estadual que pretendia entregar ao povo mineiro até o fim de seu mandato. Tendo aceitado imediatamente, o escritor formou uma comissão de trabalho composta pelo bibliotecário e pesquisador Hélio Gravatá, e pelas bibliotecárias Etelvina Lima, Maria Helena V. Lima e Cacilda Basílio de Sousa Reis. Ao mesmo tempo, o governador encaminhou à Assembléia Legislativa, em 18 de janeiro de 1954, um projeto de lei propondo a criação da Biblioteca Pública de Minas Gerais, seguindo um modelo de instituição aberta e democrática que, sem renunciar à função de guarda e preservação do patrimônio bibliográfico de Minas, ambicionava, sobretudo, oferecer serviços à população [...], abrindo-lhe um espaço polivalente de ações culturais e de convivência social (CESARINO, 2006, p. 22).

Em 2 de junho de 1954, através da Lei nº 1087 a Assembléia Legislativa criou a Biblioteca Pública do Estado, que passou a funcionar em instalações provisórias, na Rua Saturnino de Brito, 89, em frente à rodoviária atual. Antes disso, a comissão organizadora já vinha trabalhando na definição da estrutura administrativa da biblioteca e na aquisição de material para formação de um acervo inicial.

Frieiro relembrou, em artigo, aqueles primeiros momentos “sem livros, sem estantes, sem nada, a não ser as canetas esferográficas de suas catorze primeiras funcionárias” (FRIEIRO, 1970, p. 8), animados todos, contudo, pelo grande desejo de dotar o Estado de Minas de um dinâmico centro cultural.

O projeto arquitetônico da sede definitiva, encomendado pelo Presidente Kubitschek a Oscar Niemeyer, concebia a casa de cultura como um pergaminho de concreto e vidro que se desenrola nos jardins da Praça da Liberade, dialogando, sem preconceitos, com os prédios neo-clássicos que abrigam, no mesmo espaço, as funções administativas do governo mineiro. Mas, a construção desse belo prédio modernista não se deu sem o enfrentamento de dificuldades e percalços de diversa natureza e, somente em 1961, com drásticas alterações no projeto original de Niemeyer, a nova biblioteca foi entregue ao público.

Na realidade, na opinião da ex-diretora Carmen Pinheiro de Carvalho[373], a história dos primeiros anos da Biblioteca Pública Estadual confunde-se com a figura do seu criador, Eduardo Frieiro, o grande timoneiro nas primeiras e enormes dificuldades do processo de implantação. Como Diretor ele se fazia respeitar por sua administração abnegada e de indiscutível competência, e pela dignidade no trato à coisa pública. Não obstante a fama de homem tímido e arredio, a imagem que ficou para os funcionários da Biblioteca foi a do supervisor alegre e disponível, cuja autoridade natural provinha de seu porte moral e humanista."Para nós ele nunca era amargo, irônico nem mordaz; estava sempre pronto ao primeiro aceno de ajuda, bibliotecário maior", recorda a ex-funcionária (CARVALHO, 2006, p.51).

Paradoxalmente, a relação de Frieiro, Diretor da Biblioteca Estadual, com as autoridades públicas, foi marcada pela altivez e independência. Estando a Biblioteca, naquela época, subordinada à Casa Civil do Governo Estadual, mesmo assim ele se esquivava de ir ao Palácio para solicitar pessoalmente a atenção do Secretário. Segundo lembra a ex-funcionária ele argumentava que "a distância é a mesma, daqui lá como de lá aqui"! (CARVALHO, 2006, p.51). Assim, sem usar de subserviência, o diretor da Biblioteca Pública conseguia a aprovação de todas as reivindicações no interesse da instituição.

Em duas cartas ao então Diretor do Instituto Nacional do Livro (INL), José Renato Santos Pereira, Frieiro dá mostras de sua posição como gestor cultural: retraído socialmente mas firme na defesa do interesse coletivo. Antes, porém, é preciso lembrar que, desde sua criação em 1937, por iniciativa do Ministro Gustavo Capanema, o INL tinha, entre outras atribuições, a de expandir o número de bibliotecas públicas em todo o território nacional, entendidas como

[373] Em depoimento oral dado à autora da tese em 12/03/2007.

"centros de formação da personalidade, de compreensão do mundo, de auto-educação, enfim, centros de cultura".[374]

Na primeira carta ao Diretor, em 22 de abril de 1956, Frieiro escreve, sem rodeios:

> *Prezado José Renato:*
>
> *O prometido é devido. Aqui lhe mando o artigo solicitado para a revista.*[375] *[...] Estou aguardando com ansiedade os 400.000 cruzeiros em livros que solicitei. Virão? Assim o espero. O Instituto não pode deixar de ajudar a Biblioteca de Minas.*
>
> *Abraça-o cordialmente o seu*
>
> *[Sem assinatura]*

Dois meses depois, em 26 de julho, numa segunda carta, ele retoma o assunto:

> *Prezado José Renato:*
>
> *Ontem à tarde, horas antes do meu embarque para aqui [Belo Horizonte], passei pelo Instituto a fim de lhe apresentar minhas despedidas. Não o fiz porque havia muita gente em conferência no seu gabinete. À saída, encontrei-me com o Hélio Machado, que me surpreendeu com a notícia de que Você já não estava disposto a mandar pagar as coleções de revistas que adquiri para a Biblioteca de Minas na Livraria São José, a menos que essa Livraria não desse ao Instituto o desconto de 30%. Surpreendi-me, repito, porque a aquisição das coleções, sem aquela exigência, incabível no caso, tinha sido combinada por nós em presença do Hélio e do Sr. Walter, daquela Livraria.*
> *Viajei aborrecido com o rumo do assunto, que eu tinha já como resolvido satisfatoriamente para a Biblioteca de Minas. Voltei pessimista, com a convicção de que haviam sido ilusórias as promessas de ajuda à nossa Biblioteca.*
> *Restam-me, entretanto, algumas esperanças de que Você concordará afinal em mandar pagar-me as coleções compradas. É o modo mais fácil e expeditivo de resolver-se o assunto da ajuda prometida.*
>
> *Abraça-o cordialmente*
>
> *[Sem assinatura]*

Note-se, nas duas missivas, como ele cobra enfaticamente o cumprimento do apoio prometido à Biblioteca Estadual mineira, sentindo-se respaldado pela própria política do INL. Além disso, como leitor compulsivo e pesquisador que era, partilhava da vontade do Ministro Capanema de ver transformada a infra-estrutura cultural da sociedade brasileira a partir do aumento quantitativo e qualitativo de bibliotecas e arquivos. Sobre isso ele conversa com Brito Broca, em carta de 18 de março de 1959:

---

[374] DIRETRIZES do Estado Novo (1937-1945): Educação, cultura e propaganda. <<WWW.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/ansos37-45/ev_ecp_inl.htm. >. Acesso em:28 jul.2007.

[375] Trata-se da Revista do Livro, publicação do INL, cujo primeiro número saía naquele momento. A referência completa do artigo em questão é: FRIEIRO, E. A fábula das abelhas. *Revista do Livro,* Rio de Janeiro, v.1, n. 1-2, p. 81-4, 1956.

> *[...] O Prof. Rodrigues Lapa, que aqui se acha contratado pela Faculdade de Filosofia para lecionar Literatura Portuguêsa, está caçando coisas no Arquivo Público Mineiro, semi-abandonado há muitos anos e hoje quase em ruína. O Prof. Lapa espanta-se que ninguém se interesse aqui pela pesquisa literária ou histórica. Não o espanta menos a dificuldade com que tropeça o pesquisador para realizar trabalhos de erudição e consulta. Faltam boas bibliotecas gerais, coleções, documentos. O que existe acha-se disperso ou mal organizado. A Biblioteca do Estado, que eu dirijo, embora se ache ainda em fase provisória, com instalações modestas e verbas pequenas, já está prestando bons serviços com as coleções que temos adquirido. Não é ainda uma grande Biblioteca, mas já é uma boa Biblioteca [...].*

É interessante lembrar que o acervo inicial selecionado por Frieiro para a Biblioteca Pública Estadual - 22.000 livros - foi considerado muito erudito pelos demais membros da comissão organizadora que entenderam ser necessário interferir para modificar um pouco aquele perfil, incluindo publicações mais modernas das literaturas adulta e infantil, e ampliando as áreas de conhecimento cobertas pela coleção (SOUZA, 2000, p. 31). Tal julgamento dos bibliotecários da comissão parece pertinente se quisermos pensar, à semelhança do escritor hispano-americano investigado por Sylvia Molloy, que Frieiro encarnou, de fato, simbolicamente e na realidade, o bibliotecário da grande biblioteca européia, metáfora organizadora da cultura das margens (MOLLOY, 2004, p.32).

De qualquer maneira, a compulsão *ledora* do nosso escritor-bibliógrafo garantiu à Biblioteca Pública Estadual Luís de Bessa um acervo rico de obras raras e especiais, do qual muito se orgulhava, cujo valor não diminuiu com o tempo, ao contrário. Em sistemáticas (e prazerosas) viagens ao Rio de Janeiro, mencionadas em cartas a amigos, ele se empenhava na localização e compra, em livrarias, sebos e leilões, de livros e coleções de revistas, imprescindíveis na sua opinião, para a formação de uma grande biblioteca pública.

Por outro lado, não escapava a esse cultor da tradição européia, o entendimento, à maneira de Benjamin de que, em todas a épocas, é necessário renovar o esforço por arrancar a tradição do conformismo que ameaça dominá-la. Nesse sentido, é sugestiva a leitura de uma carta de sete de dezembro de 1938, portanto bem anterior aos trabalhos de organização da biblioteca encomendada por Juscelino Kubitschek Nessa carta, Frieiro revela sua visão sobre os problema das políticas públicas culturais, ali especificamente, a criação de bibliotecas públicas num espaço periférico. Endereçada a Ciro dos Anjos, então Oficial de Gabinete do Governo de Minas, a carta–resposta encaminha as ponderações do escritor, conforme solicitadas, sobre um programa de cooperação cultural EUA-Brasil.

Para melhor contextualizar a posição de Frieiro que será exposta a seguir, é preciso lembrar que estava, então, em curso, a *Política da boa vizinhança* proposta pelo Presidente Roosevelt (1933-45), cujos objetivos eram: minimizar a influência européia na América Latina, manter a liderança dos EUA e encorajar a estabilidade política no contimente. A palavra de ordem era pensar a *história comum das Américas*. Com esse objetivo, os intelectuais do continente americano eram estimulados, com um número crescente de bolsas de estudo e outros subsídios oferecidos pelo Governo Roosevelt, a buscar novos caminhos para a melhor compreensão das Américas pelos povos americanos.

A pessoa a que Frieiro vai se referir é o historiador Lewis Hanke, considerado o pai dos estudos latino-americanos nos EUA. Ele foi editor-fundador do Handbook of Latin American Studies (HLAS) e em 1940 esteve no Brasil como articulador das *releituras* da história do continente latino-americano.[376] Leia-se um trecho da resposta do escritor mineiro ao Chefe de Gabinete, Ciro dos Anjos, em 12 de dezembro de 1930:

> *Ciro:*
> *Penso que a boa vontade do sr. Lewis Hanke, da Comissão de Estudos Latino-Americanos, de Cambridge, (Mass., E. U. A.), pode ser muito útil ao propósito de dotar a capital do Estado de uma Biblioteca Pública à altura da civilização mineira. Antes de nada, para a consecução do principal desideratum, é preciso considerar a importancia da Biblioteca em vista, sua finalidade, o âmbito que se tenciona dar-lhe, carácter de sua clientela, etc. Sem dúvida a Biblioteca de que Belo Horizonte precisa deverá ser não só um grande depósito literário e um lugar de estudo para o escol dos leitores que se entregam a pesquisas eruditas ou científicas, mas também e principalmente uma casa de leitura para o grande público, destinada a assegurar a cultura geral. O ponto mais importante é o de se fixar como deverá ser a Biblioteca Pública de Belo Horizonte e qual o plano de sua construção e instalações, segundo as modernas concepções da Biblioteconomia. [...] De posse dos planos, indicações e sugestões indispensáveis ao assunto em consideração, e assentado um plano geral, poderia o Govêrno de Minas promover entre os engenheiros e arquitetos brasileiros um concurso de ante-projetos para a construção de um edifício para a Biblioteca Pública de Minas, sendo então nomeada, para o julgamento dos mesmos, uma comissão de competentes no assunto. Não faltam no Brasil abalisados especialistas em arquitetura "funcional", capazes de realizar obra moderna e perfeita, neste particular. Não cremos, por isto, que seja preciso enviar especialista brasileiro aos Estados Unidos para estudar lá o que convém fazer aqui, não só quanto aos planos de construção, como no que toca à organização de uma grande biblioteca moderna que atenda às necessidades de nosso tempo. Talvez fôsse conveniente, conforme lembra e propõe o sr. Lewis Hanke, mandar-se vir um bibliotecário norte-americano que colaborasse com a sua experiência nos planos de construção da Biblioteca de Belo Horizonte e, melhormente, nos da organização sistemática das bibliotecas do Estado.*
> *Frieiro*

[376] Por ocasião da visita ao Brasil Lewis Hanke era Diretor da Fundação Hispânica da Bibblioteca do Congresso. Entre outros intelectuais brasileiros esteve com Sérgio Buarque de Holanda, então funcionário do INL que, logo depois, foi convidado pelo Departamento de Estado norte-americano a visitar os EUA. Nos três meses que lá permaneceu, em 1941, Sérgio Buarque teve oportunidade de repensar a questão das relações entre tradição e modernidade na história brasileira já presente no livro *Raízes do Brasil*, de 1936.

Sem outros dados à mão[377], não é possível saber em que medida Frieiro estava a par do debate sobre a *história comum das Américas* e como via a chamada política da boa vizinhança do governo norte-americano. Contudo, é possível perceber como ele procura alertar o Secretário de Governo de Minas Gerais, Ciro dos Anjos, sobre o risco de se importar modelos culturais acriticamente. Num momento em que a Biblioteconomia com pretenções científicas era bastante jovem no Brasil, ele já a convoca para amparar os profissionais locais na construção autônoma de uma "biblioteca moderna que atenda às necessidades de nosso tempo".

Entusiasta que era do desenvolvimento técnológico, ele vê como apropriado a assessoria, aqui, de um especialista norte-americano, ação diferente, no seu entender, de ir-se "estudar lá o que convém fazer aqui". Sua visão avançada para o tempo e lugar se mostra ainda, quando sugere que, melhor que fazer todo esse movimento na construção de uma biblioteca em Belo Horizonte, seria o de aproveitá-lo na organização sistemática das bibliotecas do Estado.

Pois bem, quase quinze anos mais tarde, em 1953, Juscelino Kubitschek, o Governador desenvolvimentista, ao que tudo indica, incorpora essa sugestão do amigo intelectual na proposta de biblioteca pública que envia à Assembléia Legislativa, projeto considerado inovador até mesmo para os dias de hoje na opinião da atual Superintendente de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais.(CESARINO, 2006, p.22).

Mas, retornando ao tempo em que Frieiro era Diretor da Biblioteca Estadual, dedicado ao importante trabalho de desenvolvimento do acervo, escolho duas cartas enviadas ao escritor Alexandre Eulálio, naquele momento Diretor do INL. Transcrevo alguns trechos da primeira, escrita em 2 de agosto de 1962:

> *Prezado Alexandre Eulálio:*
>
> *Cheguei esta manhã do Rio e não tive ocasião de passar pelo I.N.L. para lhe dar um abraço. Foi pena. [...]Quanto às Vergastas [378], agradeço-lhe o exemplar prometido para a Biblioteca Estadual, mas devo dizer-lhe honradamente que temos dois lá, na edição original, ambos em excelente estado e um dêles com a capa desenhada pelo [Raul] Pompéia. Adquiri um na São José (o da capa) e outro na Brasiliana. A Biblioteca está cada dia melhor e ainda agora vem sendo enriquecida com a parte geral, a melhor, da biblioteca da Secretaria do Interior, que era a menina dos olhos*

[377] No arquivo de correspondência recebida do *Acervo Frieiro* não foi encontrada carta de Ciro dos Anjos sobre este assunto, como sugere a resposta epistolar de Frieiro.
[378] MENDONÇA, Lúcio. *Vergastas.* Rio de Janeiro: Typ. e Lith. de Carlos Gaspar da Silva, 1889.

> *do Capanema.*[379] *E acabo de comprar boas coisas na nova Brasiliana, do Walter e Roberto Cunha.[...]*
> *Lamentando não o ter visto aí, para uma conversa longa, manda-lhe um abraço o seu*
>
> *[Sem assinatura]*

Como se pode perceber, o entusiasmo por aquele empreendimento não diminuiu nesse bibliotecário *honoris causa,* nem mesmo passados muitos anos desde o início dos trabalhos da Comissão Organizadora. Em 8 de abril de 1963, último ano de seu mandato como diretor daquela casa, ele escreve novamente a Alexandre Eulálio:

> *Prezado Alexandre Eulálio,*
>
> *Cordial abraço.*
> *Muito lhe agradeço, em meu nome e como diretor da Biblioteca Pública, os dois exemplares gentilmente enviados de Pontos de referência, obra que ademais do seu valor intrínseco tem a significação afetiva de ter sido organizada ainda em vida do nosso pranteado amigo.*[380] *[...] Estive aí na semana passada, mas o tempo correu e não pude abraçá-lo no Instituto. Passei a maioria das horas vendo livros velhos na Brasiliana do Roberto Cunha e comprando algumas centenas dêles para a Biblioteca Estadual, que está cada dia melhor. Se não existissem a Brasiliana e a São José, e faltassem o Walter e o Roberto, a Biblioteca do Estado, hoje com cêrca de 70 000 volumes, seria uma pobre casa de livros. De três em três meses (à minha custa e sem mesmo requisitar passe do govêrno), vou aí à Guanabara comprar livros. Tem sido nestes últimos sete anos a minha mais agradável distração. E é certo que gosto do Rio. Gratíssimo, e mande neste seu amigo,*
>
> *Eduardo Frieiro*

Numa outra versão dessa mesma carta não aparece a menção às viagens ao Rio às suas expensas, sem subsídio oficial. Compare-se o último período nas duas versões:

> *[...] Passei a semana última aí, mas o tempo correu demais e não pude abraçá-lo no Instituto. Consumi a maior parte das minhas horas vendo livros velhos na Livraria Brasiliana do Roberto Cunha e comprando algumas centenas dêles para a Biblioteca Estadual, que está cada dia melhor. Se não existissem a São José e a Brasiliana, e faltassem o Walter e o Roberto Cunha, a nossa Biblioteca, hoje com 70 000 volumes, seria uma modesta casa de livros.*
> *Gratíssimo, e mande neste seu*
>
> *[Sem assinatura]*

Nesse caso, como em exemplos semelhantes comentados em outras passagens da tese, permanece a dúvida sobre qual teria sido o texto efetivamente enviado ao destinatário (a menos que se consulte o arquivo desse, caso esteja acessível). De qualquer modo, ficam

---

[379] Gustavo Capanema foi Secretário do Interior do Estado de Minas Gerais, de 1930 a 1933, no Governo de Olegário Maciel.

[380] Trata-se da obra *Pontos de Referência,* Rio de Janeiro: MEC, 1962, do ensaísta Brito Broca, falecido neste mesmo ano.

resguardados para a leitura dos pesquisadores, pelo cotejo das duas versões arquivadas, alguns traços dessa figura singular!

4.7 Hispanista

Por último, mas sem pretender ter abordado todas as facetas deste homem múltiplo, retiro das cartas alguns fragmentos do Frieiro hispanista e, afinal, hispano-americanista.

Antes de mais nada, muitas das divagações de Frieiro, ao longo de sua correspondência, levam a crer que esse filho de espanhóis trazia ainda, muito viva, a cicatriz que costuma marcar o imigrante: *ser* na distância e sofrer de certa nostalgia constante, passada de pai para filho, que continua a incomodar mesmo quando a razão daquela dor já foi *esquecida* na rotina do trabalho cotidiano. Frieiro, conquanto não mencione os avós que nunca conheceu, busca conforto para a angústia das origens pesquisando a terra dos pais e o sobrenome paterno. No Acervo Frieiro, encontrei uma folha datilografada, sem data[381], em que ele escreve:

> [...] Só há pouco, por acaso, folheando um tomo da *Grande Enciclopedia Espasa*, descobri a palavra Frieiro. Significa lugar frio, batido de vento. [...]

E continua, orgulhoso da raça e da terra pátria:

> A Galiza, como é sabido, é uma terra de grande emigração. O galego, pobre, numa região de poucos recursos econômicos, não tem outro recurso senão emigrar. Espalha-se pelo mundo todo. Trabalha e prospera. Sua literatura foi das mais ricas nos séculos XII a XIV. E depois no XIX. Poetaram em galego líricos de várias partes, portugueses, espanhóis, catalães, etc. Entre os quais dois reis, Alfonso X, El Sábio e D. Denis.[...]

Na margem de cá, com mais de um interlocutor epistolar, o galego ausente se confessa vítima da típica neurastenia sul-americana diagnosticada por Gálvez em *Hombres en soledad* – o mal da Europa [382].

---

[381] *FRIEIRO, meu sobrenome paterno,* é o título de um pequeno texto em folha solta, sem data, reproduzido na segunda orelha da quinta edição de *Os livros nossos amigos*, 1999.

[382] Cf. GÁLVEZ, Manuel. *Hombres en soledad.* Buenos Aires: Ed. Club del Libro, 1938. 326 p.

Entretanto, um dado curioso é que, ao retornar, em 1959, de uma viagem de quatro meses a alguns países europeus, inclusive a Espanha, evento longamente esperado, trouxe apenas uma frase, segundo conta Brito Broca.[383] "Não sei porque se viaja. Creio que é para se fazer o que todo mundo faz." Que tipo de experiência terá sido para ele conhecer a *Europa mater*, como dizia, para fazê-lo voltar assim, mudo? Teria ele perdido a pátria pela segunda vez, ao reencontrá-la despojada da idealização do emigrante? Enfim, são apenas conjeturas. Melhor continuar lendo-o na correspondência.

Na primeira carta que escreve ao escritor hispano-argentino, Sánchez-Sáez, interlocutor de outros intelectuais brasileiros, Frieiro se apresenta:

> *[...] Estimo as letras hispano-americanas e, sobretudo, as espanholas. Estima natural em mim, pois sou espanhol pelo jus sanguinis, filho de galegos e galeguista entusiasta. Li enormemente, de 1915 a 1935, os escritores da "generación de 98": Unamuno, Azorín, Baroja, Maeztu, Salaverría, Grandmontagne, Manuel Bueno ... E os da seguinte e subsequente gerações de ensaistas e jornalistas: Ortega, Pérez de Ayala, Araquistain, Andrenio, Díez-Canedo, Eugenio D'Ors, Marañon, Ricardo Baeza, Mandariaga ... E Giménez Caballero, Guillermo de Torre, Marichalar ... Sem esquecer os Machados e Juan Ramón Jiménez. E don Ramón das "Greguerías"... E outros e outros.*

Recupera o fôlego para para continuar a comemoração hispanista:

> *Agora, com os anos, está-me entrando o gosto da erudição. Atraem-me os filólogos, os críticos e historiadores da literatura: Menéndez y Pelayo e seus continuadores, Menéndez Pidal e seus discipulos.*[384]

A correspondência entre Frieiro e Sánchez Sáez seria duradoura, de 1941 a 1976, amizade reforçada depois que o espanhol esteve no Brasil como professor na USP. Sánchez-Sáez foi, repito, um grande divulgador da literatura brasileira na Argentina, através de artigos críticos publicados em jornais e revistas e de traduções de livros de autores nossos. Mas, o interesse comum pelas literaturas espanholas era o principal tema das conversas epistolares entre os dois. É o que se pode ler neste trecho de uma carta escrita em 11 de março de 1942:

> *[...] Agrada-me saber que tenciona publicar uma coleção de estudos sobre escritores galegos. Espero que possa realizar a publicação o mais breve possível. Tenho mandado vir de Buenos Aires alguns volumes dos editores EMECÊ. Há pouco recebí "Veinte cuentos gallegos". Eu preferiria os contos, não em castelhano, mas no próprio gallego, na saborosa lingua de Eduardo Pondal e da terna Rosalía.*

---

383 BROCA, 1993b, p. 32.

384 Carta de Frieiro a Bráulio Sánchez-Sáez, datada de 06/12/1941.

> *O livro impresso na Argentina é fácil obtê-lo aqui. O que não se acha nas livrarias manda-se buscar, e vem logo. Não assim o livro da Espanha. Invejo pois a sua biblioteca, com a coleção Rivadeneira e, o que é muito melhor, com o Menéndez y Pelayo completo ou quase. De Pelayo só tenho 1 volume: a Ciencia Española, e estudos esparsos em antologias e revistas. Do que eu ando precisado é da edição erudita (texto, vocabulario e gramatica) do Cantar de Mío Cid de Pidal. Já a encomendei a Buenos Aires, em vão.[...]*

De fato, somente em 1948 é que o nosso escritor publica *A lenda do Cid*[385] , tema sobre o qual já vinha pesquisando desde muito. A propósito desse artigo, justamente, ele troca idéias com o americanista Professor Silvio Júlio de Albuquerque Lima, da Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro. A carta de Frieiro ao professor carioca tem data de 24 de abril de 1949, da qual transcrevo alguns trechos:

> *[...] Conheço "Penhascos", como não! Acha-se em lugar de honra, com outros livros seus, na minha pequena mas bem escolhida estante hispânica. E saiba (se eu ainda não lhe disse) que sou seu leitor e admirador há muitos anos [...] Num artiguete meu sobre a versificação espanhola, publicado anos há, referi-me a uma opinião sua que fisguei em "Penhascos"; é ali onde se aponta o engano de Veríssimo, que, por ignorar o espírito e a técnica da metrificação espanhola, achava Gregório de Matos melhor versificador que Quevedo ... disparate enorme! Aquela minha nota preliminar à "Lenda do Cid" não permitia maior desenvolvimento, e só por tal motivo não citei outros autores além do mestre dos mestres no assunto, Dom Ramón Menéndez Pidal. Eu não ignorava, creia-me, o seu excelente trabalho sobre a epopéia cidiana, figurante naquele volume de sua autoria [...].*

Frieiro discute com interesse e prazer as questões ligadas à literatura espanhola mas desvia-se, com elegância, das disputas em torno da legitimidade dos produtos da arte, inerentes ao meio intelectual. Pelo menos nas relações epistolares ele mantém uma certa distância das rixas pessoais, dirigindo suas críticas ao sistema literário como uma entidade global.

Pelo que pude inferir dessa resposta sua ao professor Silvio Júlio, conhecido por sua erudição tanto quanto por seu temperamento passional, travava-se, naquele momento, uma disputa no meio universitário carioca para se definir quem podia ser chamado de hispanista no Brasil. Assim continua a carta-resposta de Frieiro:

> *Compreendo as queixas do caro amigo contra as mistificações, charlatanices e improbidades do meio literário e universitário da capital do país. Admiro a coragem e o brio com que se bate, desassombradamente, pela seriedade do ensino e da cultura. É um bom combate, o seu, em que se recolhem muitos dissabores, mas afinal são resultados certos e proveitosos. Aqui na província a cousa não é muito diferente. Apenas os charlatães agem num quadro menor.*

---

385 FRIEIRO, E. A lenda do Cid. *Kriterion*, Belo Horizonte, v.2, n.122-49. Jul./dez. 1948.

E, por fim, na mesma carta, uma leve ironia é destinada ao meio belo-horizontino:

> *Hispanistas, se na verdade há pouquíssimos em todo o país, por aqui pode-se dizer que não há nenhum para remédio. Há muita gente que lê o espanhol, de ouvido, mas poucos ledores de literatura espanhola e hispanoamericana. Que me lembre, conheço dois amadores talentosos de autores de Hispano-América: o dr. Mário Mendes Campos, poeta, meu confrade da Academia Mineira, e a conhecida poetisa Henriqueta Lisboa., professora de Literatura Hispano-Americana da Faculdade de Filosofia "Santa Maria", desta cidade. É irmã do professor J. Carlos Lisboa. De língua espanhola, na Faculdade de Filosofia da U. M. G., é professor muito competente o atual cônsul da Espanha, José Quiroga, também bom mestre de latim. Pouca roupa, como vê. (Grifo do autor)*

Quase um ano depois, em dois de dezembro de 1950, outra carta de Frieiro ao Prof. Silvio Júlio revela que a fogueira das vaidades entre os hispanistas brasileiros ainda crepitava. O nosso escritor se refere ao colega J. Carlos, que teria sido o autor da sentença "Não existe nenhum hispanista no Brasil" como um

> *[...] novato que descobriu ontem o hispanismo no Brasil e já se julga hoje o tal, o dono do assunto. Nega-o a outrem, para reservá-lo para si. Falta de maturidade mental, apenas. Deixá-lo com a sua filáucia [...].*

O tom conciliador não esconde uma comparação com os *legítimos hispanistas*, aqueles que não são novatos, talvez os que já vieram ao mundo com o *sangue espanhol?*! *N*ão, ele não reivindica nenhum mérito para si mesmo, até se desmerece diante dos elogios. Uma carta ao Prof. Idel Becker, em 17 de setembro de 1961, até parece uma continuação da conversa com o americanista Sílvio Júlio, mais de dez anos antes.

> *[...] Chamar-me HISPANISTA, e de mais a mais em caixa alta, é demasiada honraria para um amador de hispanismo, como eu. Há hispanistas de verdade no Brasil, como não? Não estão aí Idel Becker, Antenor Nascentes Sílvio Júlio, Manuel Bandeira, outros ainda? [...] Procure-o no Rio. Esqueça as suas prevenções – injustiçadas, a meu ver – e procure-o na capital literária do país. Lamento não ter um nome daqui, pode crer. Talvez exista, provavelmente existirá. O certo, porém, é que não me ocorre nenhum. E é pena. Não sou localista, mas gostaria de lhe indicar um jovem de Minas. Onde está? Não o vejo. Maior de trinta, indicaria vários.*
>
> *Mais uma vez, meu cordial agradecimento, e mande no*
>
> *[Sem assinatura]*

Mais do que expor as mínimas disputas pessoais em um certo lugar e momento, o que me parece importante mostrar com esses trechos de cartas é que, ao *hispanista amador* - leio *hispanista amante* – esse não parecia ser o cenário no qual se possa falar da tradição hispânica. Dessas rixas sem glória ele se afasta sem vontade, desconversando. Deixá-los lá, com sua filáucia.

De fato, no seu *espanholismo visceral* (FRIEIRO, 1986, p.246), o que ele quer, a seu modo, é dialogar com a literatura e a história de Espanha. E, como intelectual e escritor, o seu papel é usar a escrita para contar aos leitores brasileiros o que poucos sabem sobre a literatura espanhola e, sobretudo, sobre a ação conquistadora dos países ibéricos no Novo Mundo. Este é, certamente, um tema que empolga o *hispanista amador*: o papel do colonizador ibérico, arquiteto de gênio.

Frieiro considerava o grande feito ibérico injustiçado e detratado pela história oficial, interpretada e escrita, na sua maior parte, por historiadores e críticos de origem inglesa, francesa e holandesa, cujos países eram inimigos da Espanha na época da colonização da América. Em defesa dessa idéia escreveu, em 1955, um belo ensaio intitulado *O centauro ibérico*[386], referência ao gênio da civilização como o concebeu Nietzsche em *Humano, demasiado humano* - um centauro, semi-besta, semi-homem e com asas de anjo. Para Frieiro, "[...] a obra da conquista e do povoamento só poderia ter sido realizada pelo centauro nietzscheano, semi-besta e semi-homem, ajudado também, deve-se reconhecê-lo, pelo anjo do amor cristão" (FRIEIRO, 1971, p.19).

Transcrevo o último parágrafo de *O centauro ibérico*:

> *[...] Sem omitir as violências atrozes, nem as ambições desatinadas que devoravam os homens, faz justiça à energia e tenacidade dos aventureiros que uniram porções desconhecidas do mundo a outras porções, de que viviam separadas, e estabeleceram num continente hostil e barbárico a organização civil européia, a magnífica "pax hispanica", que durou três séculos e de que saíram dezesseis nações a alargarem o âmbito da língua e da cultura da gente espanhola. (FRIEIRO, 1971, p.52).*

É interessante notar que, no mesmo momento em que esse texto era escrito, para grande parte dos intelectuais brasileiros o iberismo era, ao contrário, o maior entrave à modernização dos países latino-americanos. Como se sabe, os paradigmas que valiam então, para a compreensão do Brasil, eram buscados nas culturas francesa e inglesa e, depois da Segunda Guerra, no desenvolvimentismo norte-americano. Há, contudo, um exemplo interessante de revisão dessa posição, a de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil.* Na primeira edição dessa obra fundamental, publicada em 1936, a tradição ibérica é vista como entrave à modernização da América Latina. A partir, contudo, da segunda edição, em 1947, o sociólogo prefere falar em

[386] FRIEIRO, E. O centauro ibérico. In: _____. *O elmo de mambrino.* Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971. p. 17-52. Publicado, primeiramente, em *Kriterion,* Belo Horizonte, v.8, jan./jun. 1955.

mescla de tradições díspares e, modernidade e iberismo, não são mais vistos como irreconciliáveis.

De certa forma por isto mesmo, por estar entre poucos na posição de *iberista,* na opinião de Fábio Lucas[387], esta seria, justamente, uma das maiores contribuições do intelectual Frieiro à cultura brasileira: fazer circular entre nós, dos anos 1930 a 1950, através da docência e do jornalismo literário, a cultura e a literatura espanholas (e hispano-americanas), praticamente ignoradas no Brasil naquele momento. Como se viu pela afirmação polêmica de J. Carlos Lisboa, não havia até então, pelo menos nas universidades, muitos pesquisadores interessados no estudo e na divulgação da tradição hispânica.

Em duas cartas, que transcrevo a seguir, o escritor comenta a sua forte ligação com o mundo ibérico e, por outro lado, lamenta a distância inaceitável que vigorava, desde a colonização, entre os países formadores do mesmo continente latino-americano.

Na primeira missiva, ao historiador positivista Hélio Vianna que acabava de voltar de um giro pela Europa, África e Ásia, o nosso escritor escreve o seguinte[388]:

> *[...] Os simples nomes de Luxor, Tebas, Carnaque, Baalbeque, Egeu, Atenas, Cefalônia, Siracusa, Agrigento, Istambul e outros igualmente carregados de história e cultura, deflagram em meu espírito um mundo semi-fantástico e meio irreal, como das Mil e uma Noites, completamente distinto do pequeno mundo em que gravito nestes cafundós sertanejos das Minas Gerais. Claro que eu gostaria de viajar. Mas é um luxo caro, e por isto nem ao menos conheço bem o que merece ser conhecido na nossa apática capitania das extintas minas de ouro, aliás bem pouco turística. Se nem ainda fui à Bahia! E se me fosse permitido sonhar, eu talvez acariciasse a idéia de um giro por terras de Espanha e areias de Portugal, primeiramente, e depois pelos antigos dominios peninsulares: Cuba, México, América Central, Colômbia. Perú, Bolívia, Chile ... e Moçambique, Angola Cochim, Macau e, bem se vê, Bahia .... O mundo ibérico é para mim o mais real e autêntico por ser o que melhor compreendo. [...]*

Ao jovem Carlos David, contratado pelo Itamarati para lecionar Literatura Brasileira no Instituto Cultural Brasil-Bolívia, em La Paz, Frieiro conta os seus sonhos de turismo cultural, na contra-mão da moda vigente no Brasil.[389]

> *[...] em toda a América, os países que eu mais desejei conhecer são os da região andina, onde a esplendorosa civilização espanhola dos séculos XVI e XVII se cruzou com os vestígios das brilhantes culturas pré-incaicas da costa do Perú.*

---

[387] LUCAS, Fábio. Conversando sobre Frieiro. 2005. Depoimento oral recolhido por M.C.Carvalho.
[388] Carta de Frieiro a Hélio Vianna, datada de 08/11/1949.
[389] Carta de Frieiro a Carlos David, datada de 18/05/1960.

> *Conheço a Argentina, o Uruguai e o Paraguai. Nada mais. Do resto só tenho um conhecimento livresco. Os países americanos se desconhecem uns aos outros e não mostram muito interesse em conhecer-se. Por ignorância recíproca. Por miopía de vizinhos que precisam de retificar os seus aparelhos de ver e conhecer. De minha parte, habituei-me há muito a admirar não só a curiosíssima história das variadas civilizações pré-colombianas, como principalmente a história estupenda da descoberta, conquista e colonização da América Hispana e seu desenvolvimento cultural. Não há nada mais interessante.*
> *Por que não fui ainda aos países andinos? Por falta de meios, quando era moço. Depois, por medo ao mal das montanhas, ao soroche, agravado agora que me acho em idade provecta. [...] (Grifo do autor)*

De sua parte, do isolamento de sua biblioteca e instrumentado com seu material *livresco,* Frieiro exerceu com entusiasmo o papel de mediador cultural entre o Brasil e os vizinhos pouco conhecidos do continente latino-americano. Além de intelectuais argentinos já nomeados, com os quais manteve um contato mais duradouro, o nosso hispano-americanista procurou desenvolver intercâmbio literário-bibliográfico com países menos frequentados pelos leitores e pesquisadores brasileiros.

Assim, entre outras, escolho uma carta de Frieiro ao pesquisador de poesia haitiana, Maurice Lubin, autor de *Panorama de la poésie haïtienne*, 1950. O assunto é um artigo escrito por Frieiro, lido e comentado por Lubin. A data é 14 de outubro de 1956. Leia-se um trecho:

> *[...] Sua observação sobre o título do meu trabalho Poesia afro-antilhana é absolutamente apropositada. Não se fala no trabalho – nem se pretendia falar – em poetas das Antilhas francesas, inglesas e holandesas, mas unicamente nos de Cuba e Porto Rico. Aquele trabalho saiu primeiramente num jornal daqui, em que colaboro, com o título perfeitamente adequado de Poesia negra hispano-americana, trabalho sem pretensões, de simples jornalismo literário com intenção de divulgação. Foi depois aumentado a fim de ser aproveitado num volume que eu tenciono publicar com o título de Temas de literatura espanhola e hispano-americana, e neste caso o título Poesia afro-antilhana é que lhe ficava bem. Publicado antes em Kriterion,*[390] *faltou acrescentar-lhe uma nota explicando que se destinava ao volume a que me referi. Foi distração minha.*
> *Agradeço-lhe as poesias de que me remeteu cópia, todas excelentes, e agradeço também o recorte do estudo sobre poesia negra e as informações sobre o Haiti, pátria do grande Toussaint Louverture,*[391] *que eu aprendi a admirar em menino, ao tempo em que ainda era vivo o sábio Teixeira Mendes, defensor inflamado da liberdade humana.[...]*
>
> *[Sem assinatura]*

Finalizando estas páginas sobre Eduardo Frieiro recorto uma carta sua escrita ao jovem intelectual português Joaquim Montezuma de Carvalho, na qual insere algumas das idéias que o acompanharam na sua trajetória de intelectual latino-americano. Ela foi escrita em 7 de

[390] FRIEIRO, E. Poesia afro-antilhana. *Kriterion,* Belo Horizonte, v.8, n.33-34, p.3-20, 1955.
[391] Toussaint Louverture (1743-17??), filho de um rei do Benin de onde a tribo foi deportada para a ilha de Santo Domingo, no Caribe. Tido como precurssor da libertação dos escravos negros.

agosto de 1958, por ocasião da publicação de uma ambiciosa obra coletiva sobre as literaturas das Américas, organizada pelo mesmo Joaquim M. de Carvalho. Convidado para participar desse empreendimento como colaborador, anos antes, Frieiro esquivou-se, como de costume, duvidando da exeqüibilidade da obra e do acerto do seu próprio nome para escrever sobre a literatura brasileira. O trecho que transcrevo é longo mas significativo:

> *[...] esta manhã trouxe-me o correio, com alegria para mim, o volume I do seu Panorama das literaturas das Américas. Abri-o e folheei-o imediatamente, é claro. Ótimo, a todos os respeitos. Matéria de primeira ordem. Apresentação gráfica à altura do cometimento. Ilustrações muito boas. Parabéns! Parabéns!. Li logo a Nota Prévia de sua autoria, verdadeira declaração de amor às Américas. Corri o olho pelo Prólogo de Manuel Bandeira e ainda olfateei o capítulo de Wilson Martins, que deve estar muito bom. Digo "deve" porque ainda o vou ler com vagar, como o resto do volume.*
> *Sim, senhor! Não há nada como o entusiasmo dum moço inteligente e empreendedor para levar a cabo com bom êxito uma empreitada como essa a que se abalançou. Francamente, quando me falou no seu projeto, eu fiquei meio céptico. Rendo-me agora ao resultado. Sairá coisa digna da sua paixoneta pelas literaturas desta outra banda da Europa e que em boa verdade continuam a ser européias. Porque eu gosto de repetir o que disse uma vez o Agripino Grieco: "A literatura é uma invenção européia e fora da Europa não há salvação literária". É certo que o grande afã dos escritores da América é a busca da expressão própria. Já a encontraram, acaso? Não estão todos, sempre, com as antenas orientadas para o que se passa na Europa, prontos a seguir os últimos ismos de ultramar? Compreende-se a busca do que é próprio e vernáculo. Ele existe, se existe e está bem que exista. De qualquer modo, tenho para mim que o "nacionalismo literário", sem ser idéia falsa, é uma idéia pequena. A noção de "literatura universal", válida para todas as épocas, todas as línguas, todas as peculiaridades, abrange-a e digere-a; " Mas há, isto sim, as fronteiras de nações e idiomas, difíceis às vezes de transpor, obstáculos em certos casos à integração do "nacional" no "universal". Ocorre isso com as literaturas das Américas, à excepção da dos Estados Unidos, que goza atualmente de prestígio internacional. Por motivos extra-literários, o que se escreve na América Latina logra escassa irradiação fora das fronteiras dos vários países que a compõem. Os próprios latino-americanos se ignoram entre si e não mostram desejos de se conhecerem. Os esforços de aproximação intelectual são difíceis e dão resultados bem pífios. Deve-se desanimar por isso? Claro que não. Estamos numa época de intenso intercâmbio cultural e os anseios de compreensão, entendimento e solidariedade humana se fazem sentir hoje em escala mundial. Uma prova disso, entre tantíssimas outras, está no férvido apreço que o meu caro Joaquim de Montezuma, jovem intelectuial de Coimbra, dedica à literatura da América e, desinteressadamente, se consagra a uma obra de exaltação e divulgação dos seus valores. Por isso é bem vindo o seu Panorama. Mais uma vez, meus parabéns.*

O entusiasmo com que Frieiro recebe e lê o *Panorama das Literaturas das Américas*, tendo anteriormente se recusado a participar como colaborador por desacreditar não só no empreendimento editorial mas, fundamentalmente nas literaturas regionais sintetiza, a meu ver o conflito maior vivido por este intelectual periférico: a tensão entre o anseio cosmopolita e a vivência provinciana e, de modo mais amplo, entre a tradição ibérica e o americanismo.

Mas, na sua longa trajetória intelectual, o sempre declarado respeito pela tradição européia não impediu que ele se voltasse, como professor e ensaísta, para os valores e as referências histórico-literárias da América Latina. Assim como o fascínio pela metrópole não desviou o seu interesse de pesquisador pelas entranhas de Minas.

Surpreendente Frieiro. E, por fazer minhas as palavras de Drummond, singular Frieiro, figura a estudar e reverenciar!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

J´ose non seulement parler de moy, mais parler seulement de moy.
Montaigne. *Essais*. Livre III, c. VIII.
Citado no *Novo Diário*, p.119.

Nacemos para saber y sabernos.
Gracián. Citado no *Novo Diário,* p.340.

Desde a publicação de *L´Illusion biographique* (1986), de Pierre Bourdieu, os biógrafos (e os aprendizes de) vêm sendo obrigados a repensar a sua prática, sobretudo onde haja a vã pretensão de *dar a palavra final* sobre a figura escolhida, consagrando-a ou desmascarando-a, que seja! De todo modo, que varie a intenção do biógrafo ao revolver os traços de uma vida passada ou contemporânea e, qualquer que seja o grau de afinidade entre biógrafo e biografado, o alerta do sociólogo francês é contra o grande equívoco de deixar-se levar pela ilusão biográfica de que há vidas extraordinárias que podem ser narradas linearmente, nas quais os acontecimentos se organizam de forma coerente e seqüencial, com significados cristalizados e direção previsível.

A reflexão de Bourdieu, bem como a de outros pensadores de diferentes campos disciplinares que vêm repensando, criticamente, o gênero biográfico, tem, de fato, contribuído para um novo modo de escrever histórias de vida. Assim, os biógrafos, hoje, têm levado em consideração a noção de identidade fragmentada e múltipla, contraditória e sujeita aos deslocamentos do homem moderno. Fica cada vez mais desacreditado o relato biográfico sustentado por uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, "ações sem inércia e decisões sem incertezas", nas palavras de Giovanni Levi (1996, p.169).

No caso específico desta tese, num primeiro momento, minha intenção foi (re)colocar em cena a figura do escritor e intelectual Eduardo Frieiro, quase esquecido no último quarto de século que se seguiu à sua morte. Apresentaria, pois, um panorama geral da sua trajetória pessoal e profissional. Digamos que, por ser quase nula a produção acadêmica sobre a figura do escritor, urgia provocar um debate sobre sua vida/obra, animando outros pesquisadores à reavaliação do seu lugar na história cultural brasileira.

Contudo, na medida em que tentava definir um referencial teórico que sustentasse o meu projeto dentro das tendências mais atuais da crítica biográfica, ao mesmo tempo que lia e relia as cartas do escritor, algo insistente se interpunha no curso das minhas reflexões: era a voz do biografado que se apresentava reiterativa, narrando a sua história pessoal tal como queria vê-la repetida a uma futura audiência. A autobiografia, desconfia-se, é uma pose ensaiada para a posteridade. Ou uma máscara, como propõe De Man.

Diante do desafio implícito nos registros epistolares, acabei por escolher um referencial epistemológico de alguma forma diferente de outros trabalhos da mesma natureza: convoquei o próprio Frieiro para pronunciar-se sobre si mesmo, conforme vai construindo um eu autobiográfico na sua correspondência ativa de cinco décadas. Fui contrapondo, porém, a esse texto subjetivo (ou auto-referencial, como quer Lejeune) a interpretação do biógrafo, aberta, por sua vez, a uma crítica suplementar: a do leitor interessado em (re)conhecer a figura múltipla em foco – lida em forma prismática no original (os fragmentos de cartas) e na minha interpretação. A natureza movente da pesquisa com fontes primárias facilita, justamente, o remanejamento da crítica, que pode ser retomada e revista, a qualquer momento.

Como escreve Villas Boas no seu trabalho metabiográfico (2006, p. 131), a soma de diferentes olhares confere ao retrato uma nova dimensão que, no entanto, não o torna nem melhor nem pior, necessariamente. Nesse sentido, acredito que a autobiografia dentro da biografia, tal como apresentada aqui, apesar da sobrecarga de dificuldades metodológicas, permitiu-me chegar mais perto de uma das possíveis representações identitárias do "homem de papel", como Frieiro gostava de se autodefinir.

Consciente, pois, do risco teórico que corria ao assumir esse caminho, tentei contar essa história num cenário de espelho multifacetado em que o sujeito pretensamente constante, identificado pelo nome próprio - Eduardo Frieiro - dirige a cena do seu duplo, ator mutante e versátil, colocado diante das decisões e hesitações ao longo da vida. Nesse mesmo tempo, é visto por um espectador atento - o biógrafo - que faz anotações sobre esse ato performático. Os biografemas barthesianos, a construção de uma imagem fragmentária do sujeito, vale lembrar, foram o modelo que eu tinha em mente. Em resumo: o interesse pessoal e antigo por esse intelectual, uma figura meio esquecida do panorama cultural brasileiro, levou-me a escrever este ensaio biográfico, a partir de uma construção autobiográfica fragmentada que eu procurei retirar do *corpus* de sua correspondência ativa.

O resultado final, que se queria assemelhado a um caleidoscópio - ou teria sido mais apropriada a idéia do hipertexto? – foi-se configurando, porém, com inesperada delonga à medida que percebia certa tensão entre a vida contada pelo escritor e o seu intérprete. Melhor dizendo: de um lado, estava o autobiógrafo no exercício da *escrita de si* no sentido dado por Foucault, escrita que perpassa as suas cartas e orienta a organização do seu arquivo pessoal. Do outro, estava o biógrafo se posicionando diante de difíceis decisões à medida que enfrentava as armadilhas de "dizer o outro".[392] Eram, por assim dizer, duas autoridades enunciativas dividindo o mesmo espaço da grafia-de-vida, numa relação complexa e singular, cujas fronteiras e mediações não se definiram sem conflitos.

Os teóricos lidos já haviam me despertado para certas peculiaridades da relação biógrafo-biografado. Le Goff (2006), por exemplo, diz que "só se pode escrever uma boa biografia se esta for sobre um personagem de quem se acredita poder chegar bem perto!" Um bom caminho para chegar bem perto de Eduardo Frieiro me pareceu ser, repito, através das cópias que ele mesmo fazia de suas cartas que enviava.. A flexibilidade dessa fonte primária, ao mesmo tempo rica de informações e contraditória, foi fundamental para que a figura do escritor aparecesse na sua complexidade, *in fieri,* vale dizer, no incessante processo de formação identitária no qual novas versões do passado são moldadas pela memória e pela imaginação em atendimento às exigências do eu no momento da escrita.

Além disso, a análise contrastiva com as outras fontes documentais disponíveis – o diário publicado, a obra ensaística e ficcional, as poucas entrevistas que concedeu, documentos de seu arquivo pessoal, depoimentos de contemporâneos seus, entre outros – foi importante para que o biógrafo, de sua parte, se afastasse de qualquer pretensão judicante e se sentisse plenamente envolvido na relação biográfica, que não comporta simplificação. Refiro-me à tensão mencionada antes e que provém dos diferentes afetos que circulam quando se resolve *recuperar* uma vida. Quanto de mimético ou de transgressor transparece aqui, neste esforço biográfico?, pode-se perguntar. Em que medida aceitei a provocação de COOK (1998, p.142) para que os arquivistas acolham, em vez de negar, sua própria historicidade, e, em consequência, criem e conformem, revolvam e embaralhem arquivos, em vez de, passivamente preservarem papéis que lhes teriam sido entregues de alguma maneira impossivelmente neutra ou objetiva.

---

[392] Villas Boas (2006) propõe e discute os seis princípios que devem orientar o biógrafo: descendência, fatalismo, extraordinariedade, verdade, transparência e tempo.

Não posso negar que passei, como outros pesquisadores que tentaram *chegar perto* de um personagem histórico, da admiração ao estranhamento, do espelhamento à condenação para chegar (espero eu!) ao entendimento possibilitado pelo trabalho crítico. Reconheço, também, que em certos momentos foi difícil conter a vontade de esconder as fraquezas do biografado, mesmo as que ele próprio revela, e ficar comodamente ao lado dos testemunhos encomiásticos, que não são poucos. Mas, por conta mesmo do respeito que, afinal, prevalece na imagem que para mim ficou do Mestre Frieiro, tentei trazer à tona a sua dimensão humana que imbrica qualidades e defeitos. E, afinal, para as gerações que vieram e virão depois dele, mais do que o conhecimento do homem o que vale é a obra que ele realizou como mediador cultural e escritor. Mas, ainda assim, para os que se deleitam com a leitura dos chamados gêneros da intimidade, este trabalho compósito de (auto)biografia se soma, agora, ao seu diário publicado (FRIEIRO, 1986) e à correspondência completa quando vier a ser publicada.[393]

Contudo, continuo a rever meu caminho metodológico. Na intimidade do diário, ele se mostra com um despudor descuidado e extravasa sentimentos dificilmente confessáveis[394] no *forum* público, perseguindo, reiteradamente, a pergunta *Quem sou eu*?, implícita, aliás, em qualquer forma de construção autobiográfica. Acompanhar, através da leitura, esse exercício de dúvida existencial, foi, é claro, muito útil para conhecer o Frieiro, digamos, mais escondido nas entrelinhas dos textos. Mas, a importância primordial das cartas é que, nelas, ainda que continuando sua *auto-reflexão autobiográfica*, na expressão de De Man, ele está diante de um interlocutor de fato, evidência que provoca um deslocamento na sua interrogação referencial. A resposta que ele busca para si mesmo através do Outro parece ser então: *Quem sou eu no espaço intelectual brasileiro? Qual é o lugar que me cabe na República das Letras, a mim, intelectual autodidata?* Vê-lo atuar nesse espaço de sociabilidade representado pela correspondência com seus pares, na interação inevitável entre vida íntima e social, possibilitou-me cotejar o eu sem retoques que surge no solilóquio do diário com o eu interagente, flagrado em ato na escrita das cartas. Nesse sentido é que a correspondência ativa, mais do que o diário, ou melhor, contraposta ao diário, atendeu ao objetivo inicial deste

[393] Pretendo dar continuidade ao trabalho de pesquisa, envolvendo outros pesquisadores, junto ao Acervo Frieiro sob a guarda da AML.

[394] No diário ele não esconde suas oscilações políticas e ideológicas, preconceitos e a crítica ferina às personagens da vida cultural e política mineira. "Tracei o plano de uma hipotética edição de minhas obras completas", escreve ele na página do dia 5/11/1949, e insere uma relação de XV volumes nos quais organiza a sua produção escrita até aquele momento. O volume número 15 se intitula *Páginas do Novo Diário* o que faz

estudo: pesquisar e divulgar esta figura humana que construiu uma obra intelectual de valor e ocupou com destaque, apesar de suas reservas pessoais, um lugar no cenário cultural de Minas e do Brasil.

Sob a capa protetora do niilismo, o ato autobiográfico que Frieiro performa ao longo de sua correspondência ativa evoca o mito narcísico, pela contemplação (ou busca) exaustiva de sua imagem, pelo mergulho profundo e constante em si mesmo. Não obstante o potencial positivo implícito no *instinto de reflexão*, conforme denominação junguiana, instinto exclusivo do homem sem o qual a cultura e a interioridade psíquica seriam inconcebíveis, quando levado ao extremo, oferece o perigo de dominar os outros instintos e de restringir-se à satisfação do indivíduo, levando ao solipsismo e à autocontenção e, no limite, ao suicídio simbólico ou real. [395]

Não foram poucos, sabe-se agora, os projetos de vida e de carreira que Frieiro abortou, paralisados pelo excesso de *Para quê? De que vale?* que perseguiam suas análises auto-reflexivas. Foi "movido por um impulso *suicida* "(expressão e grifo do autor)[396] que ele queimou, em 1942, as mais de quatro mil páginas manuscritas do seu *Diário de um homem secreto,* de onde (deduz-se, por comparação com o diário publicado), mirava a vida sociointelectual de Belo Horizonte e refletia sobre a sua própria posição, alcançada e ambicionada, naquele campo. "Na coluna de fumo dos cadernos por mim queimados eu vi desvanecer-se a minha própria personalidade, aquilo que melhor a exprimia", lamenta ele, arrependido.[397] A censura imposta ao primeiro diário, as correções feitas nas cópias das cartas assim como as diferentes versões arquivadas confirmam o dito de Calligaris sobre o ato autobiográfico, um passo sempre crucial na tentativa do sujeito de atribuir a si próprio um significado, de se reconhecer na figura que emerge dessa operação memorialística.

Num outro plano, a resistência a apresentar seus trabalhos a editores do Rio e de São Paulo e a mudança para a Capital federal, eternamente adiada, possivelmente significaram uma barreira inconsciente que dificultou o reconhecimento nacional de seu valor como intelectual e escritor que ele, ao mesmo tempo, desejava e temia.

---

supor que ele pretendia selecionar a matéria a ser publicada. A edição póstuma do *Novo Diário*, entretanto, não tem cortes, e o que ali está revela mais do que, provavelmente, ele quisesse revelar.

[395] BRANDÃO, J. Mitologia Grega, apud DEBIEUX, Z. *Narciso, seu reflexo e sua sombra*. 2002. << Disponível em http://www.redepsi.com.br/portal> Acesso em: 13/09/2007.

[396] FRIEIRO, *Novo Diário*, p. 21.

Se não for ir longe demais nessa representação do Frieiro autobiográfico como um inconfesso Narciso, quero lembrar que, parte do nome do belo jovem, em grego – *Nárkissos –,* vem de *nárke*, entorpecimento, torpor, fonte de narcose, sono produzido por meio de narcótico. Pois bem, nas cartas e no diário, em mais de um momento, ele compara sua vida na província a uma espécie de sono sem fim, em meio ao qual ele lê e escreve, escreve e lê, *ficção compensadora* (palavras suas)[398] na qual se refugiou desde as primeiras leituras, ainda na infância. "[...] homem de escasso físico e pouca saúde, feio, triste, desajeitado e pobre [...]" repisa ele no diário, a literatura ajudou-o como refúgio contra um meio que sentia como inóspito, e um caminho da cura de sua neurose. "Reconheci a ficção e rio-me um pouco dela, embora a não repila, pois é para mim, bem o sei, uma medicina que não posso dispensar".[399]

A inclinação, desde menino, para a mirada por dentro, para a reflexão que leva ao conhecimento de si e à purga da alma, ele atribuía, com indisfarçado orgulho, a um imperativo do sangue – *sangre de Hispania!* que determinaria nele, ainda, um individualismo orgulhoso e solitário. Compreensível, pois, mais uma vez, a sua identificação, desde a primeira leitura do Quixote, com o herói solitário e fracassado de Cervantes. Talvez, no cavaleiro da triste figura, espelhasse sua impossibilidade de realizar um projeto individual contra as inevitáveis forças sociais: Quixote, o herói detentor de um projeto utópico, também ele solitário num mundo adverso a seus ideais.

Se o conhecimento e a escrita de si o ajudam a (quase) libertar-se das amarras da timidez e do complexo de inferioridade, proporcionam-lhe, também, o desejo de se apossar da imagem que logra ver no fundo do eu. Orgulho e timidez se confundem, o direito e o avesso de um mesmo sentimento de protestação viril, pensava ele.[400] Em outras palavras, ao deixar-se consumir pela *reflexio,* acaba por imobilizar-se sob o véu do narcisismo, ao abrigo do olhar do Outro. A zona de sombra que ele teme, a porção de si que desconhece ou quer negar, pode vir desse olhar exterior. Até mesmo quando brinca de atravessar o Letes, recitando a história da doença e divertindo-se com o seu necrológio antecipado, imita a personagem mitológica a qual confere sua imagem pela última vez, nas águas do rio da morte. Para o escritor,

---

[397] FRIEIRO, *Novo Diário,* p. 22.
[398] FRIEIRO, *Novo Diário,* p. 287.
[399] FRIEIRO, *Novo Diário*, p. 287.
[400] FRIEIRO. *Novo Diário,* p. 287.

irresistível tentação não só de produzir seu auto-retrato mas de querer, ao mesmo tempo, exercer o controle sobre a sua imagem *post-mortem.*

Deste modo, se estiver certo quem disse que toda narrativa escritural comprometida com a autobiografia não passa, em última análise, de uma extensa carta de suicida, a náusea de Frieiro em relação à morte, aliada à obsessão pelo próprio obituário, penso eu, revela certa ansiedade em relação à "última vontade do autor": não partir sem deixar estabelecido o texto pelo qual ele, o *intelectual puro,* deveria ser lembrado.

Passados, pois, muitos anos desde o dia em que conheci Frieiro, em 1969, como narro no prólogo, voltei a percorrer aquelas estantes, buscando, não mais a interlocução com Frieiro em pessoa, como desejara, senão tentando recuperar "o eco de antigas palavras" gravadas nas cartas que escreveu. Projeto acalentado há tanto tempo, esboçado, deixado de lado, retomado. Quantas dúvidas tive se seria a pessoa indicada para realizá-lo! Mas, aqui está, e resulta da convicção, compartilhada com Cury,[401] sobre o lugar descentrado do crítico contemporâneo, não mais "o especialista capaz de proferir a útima palavra interpretativa mas, antes, aquele que fará circular o discurso sobre a literatura".

Assim, a (auto)biografia que afinal se completou, traz, acredito, as marcas desse encontro *forçado* entre biógrafo e biografado, vozes alternadas e superpostas, convergentes e divergentes, evocações, enfim, de duas temporalidades desejando contar a mesma (e outra) história.

[401] CURY, 1995, p.53.

REFERÊNCIAS

1. De Eduardo Frieiro

1.1 Livros

FRIEIRO, Eduardo. *O club dos graphômanos.* Belo Horizonte: Pindorama, 1927.

FRIEIRO, Eduardo. *O clube dos grafômanos.* 2. ed. Belo Horizonte: Itaitaia, 1981.

FRIEIRO, Eduardo. *O mameluco Boaventura.* 2.ed. Belo Horizonte: Paulo Bluhm, 1941.

FRIEIRO, Eduardo. *O mameluco Boaventura.* 4.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

FRIEIRO, Eduardo. *Inquietude, melancolia.* Belo Horizonte: Pindorama, 1930.

FRIEIRO, Eduardo. *Basileu.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. (Segunda edição, revista, de Inquietude, melancolia).

FRIEIRO, Eduardo. *O brasileiro não é triste.* Belo Horizonte: Os Amigos do Livro, 1931.

FRIEIRO, Eduardo. *A ilusão literária.* Belo Horizonte: Os Amigos do Livro, 1932.

FRIEIRO, Eduardo. *A ilusão literária.* 2 ed. Belo Horizonte: Paulo Bluhm, 1941.

FRIEIRO, Eduardo. *A ilusão literária.* 3 ed. rev. e aum. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

FRIEIRO, Eduardo. *O cabo das tormentas.* Belo Horizonte: Os Amigos do Livro, 1936.

FRIEIRO, Eduardo. *O cabo das tormentas.* 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

FRIEIRO, Eduardo. *Letras Mineiras: 1929-1936.* Belo Horizonte: Os Amigos do Livro, 1937.

FRIEIRO, Eduardo. *Os livros nossos amigos.* 4 ed. rev. e aum. Belo Horizonte: Coord. Cultura de Minas Gerais, 1980.

FRIEIRO, Eduardo. *Os livros nossos amigos.* 5 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

FRIEIRO, Eduardo. *O Diabo na livraria do cônego*. Belo Horizonte: Cultura Brasileira, 1945.

FRIEIRO, Eduardo. *O diabo na livraria do cônego; Como era Gonzaga?; e outros temas mineiros.* 2. ed. rev. e aum. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo:EDUSP, 1981.

FRIEIRO, Eduardo. *Como era Gonzaga?* Belo Horizonte: Secretaria da Educação/Publicações, 1950.FRIEIRO, Eduardo. *Páginas de críticas e outros escritos.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1955.

FRIEIRO, Eduardo. *O alegre Arcipreste e outros temas da literatura espanhola.* Belo Horizonte: Oscar Nicolai, 1959.

FRIEIRO, Eduardo. *O romancista Avelino Fóscolo.* Belo Horizonte: Secretaria da Educação/Publicações, 1960.

FRIEIRO, Eduardo. *Feijão, angu e couve;* ensaio sobre a comida dos mineiros. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros/UFMG, 1966.

FRIEIRO, Eduardo. *Torre de papel;* motivos literários. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1969.

FRIEIRO, Eduardo. *O elmo de Mambrino.* Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971.

FRIEIRO, Eduardo. *Novo Diário.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

1.2 Capítulo de livro:

FRIEIRO, Eduardo. Um Robinson Literário. In: CAVALHEIRO, Edgard (Org.) *Testemunho de uma Geração.* Porto Alegre: Globo, 1944. p. 115-24.

1.3 Artigos de periódicos.

FRIEIRO, Eduardo.Brotoeja literária. *Avante!* Belo Horizonte, 28 ago.1925. p.3.

FRIEIRO, Eduardo. Os primórdios do futebol em Belo Horizonte. *Vida Esportiva,* Belo Horizonte, v.1, n.1, 14 nov. 1927.

FRIEIRO, Eduardo. O Amigos do Livro. *Minas Gerais,* 19 jun. 1931. Caderno 2.

FRIEIRO, Eduardo. Primários e autodidatas. *Boletim Literário.* Rádio Inconfidência Belo Horizonte, 02 setembro 1937.

FRIEIRO, Eduardo. Sobre os *biscateiros* de traduções. *Folha de Minas,* Belo Horizonte,12 ago.1943. Caderno 2.

FRIEIRO, Eduardo. Recordando Os Amigos do Livro. *Revista do Livro,* Rio de Janeiro, v.3, n. 10, p. 211-18, 1958.

FRIEIRO, Eduardo. Notas sobre João Ribeiro. *Kriterion,* Belo Horizonte, n.53-54, jul.dez., 1960.

FRIEIRO, Eduardo. A biblioteca assassinada. *Estado de Minas,* Belo Horizonte, 27 out. 1963.

FRIEIRO, Eduardo. Ouro Prêto, fim de século. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, dez. 1967. Suplemento Literário, v.2, n.68, p.12.

FRIEIRO, Eduardo. Machado de Assis: o homem e a obra. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, dez. 1967. Suplemento Literário, v.2, n.70, p.10.

FRIEIRO, Eduardo. Recordando Os Amigos do Livro. *Minas Gerais,* dez. 1967. Suplemento Literário, v.2, n.68, p.2.

FRIEIRO, Eduardo. Nossa boa biblioteca. *Bol. Biblioteca Pública Estadual Luís de Bessa.* Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 8-12, jul. 1970.

FRIEIRO, Eduardo. Saint Hilaire em Minas Gerais. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, out. 1970. Suplemento Literário, v.5, n.214, p.8-9.

FRIEIRO, Eduardo. Um pesquisador da História. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, nov. 1970. Suplemento Literário, v.5, n.220, p.9.

FRIEIRO, Eduardo. Recordando a velha capital. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, nov. 1971. Suplemento Literário, v.6, n.271, p.3.

FRIEIRO, Eduardo. História e mitografia. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, ago. 1972. Suplemento Literário, v.7, n.313, p.12.

FRIEIRO, Eduardo. Notícia. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, jun. 1974. Suplemento Literário, v.9, n.405, p.2.

FRIEIRO, Eduardo. Poesia e humor. Poesia pura. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, maio 1980. Suplemento Literário, v.14, n.709, p.9.

FRIEIRO, Eduardo. A sombra de Tiradentes. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, abr. 1992. Suplemento Literário, v.25, n.1175, p. 12.

1.4 Correspondência

FRIEIRO, Eduardo. *Cartas enviadas.* Belo Horizonte, 2006. Organização e notas M. C. Carvalho. Não publicado.

2. Sobre Eduardo Frieiro

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, Rio de Janeiro. *Parecer da comissão: Prêmio Machado de Assis, 1960.* Rio de Janeiro, 25 maio 1960. 4p.

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS, Belo Horizonte. Ata da sessão do dia 17 fev. 1966. *Livro de Atas 1966.*

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS, Belo Horizonte. Ata da sessão do dia 18 de março de 1982. *Livro de Atas 1982.*

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS, Belo Horizonte. Ata da sessão do dia 15 jul. 1982. *Livro de Atas 1982.*

ALENCAR, Cosette de. Letras. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, 3 set. 1965. Canto de Página, p.2.

ANDRADE. Djalma. *A história alegre de Belo Horizonte;* comemoração do cinquentenário de Belo Horizonte: Impresa Oficial, 1947.

ANDRADE, Djalma. A história alegre de Belo Horizonte. *Estado de Minas,* Belo Horizonte, 14 dez.1947. Caderno 2, p. 1.

ANDRADE, Moacyr. Alguns apontamentos. In: FRIEIRO, Eduardo.*Os livros nossos amigos.* 5 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999. p.15-31.

ARAÚJO, Zilah Corrêa de. Eduardo Frieiro no depoimento de sua esposa. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, 3 set. 1966. Suplemento Literário, p. 6-7.

ÁVILA, Affonso. Mestre Frieiro e os Inconfidentes. *Estado de Minas,* Belo Horizonte, 4 maio 1958. [Recorte] [402]

ÁVILA, Affonso. Um compromisso maior: com a liberdade de espírito. *Estado de Minas,* Belo Horizonte, 25 março, 1982. Caderno 2, p. 1.

BARBA AZUL [Carlos Drummond de Andrade]. *Minas Gerais,* 16 jul. 1931.

BIBLIOFILIA, a boa doença dos que dedicam a vida aos livros. *Estado de Minas,* Belo Horizonte, 6 set. 1970. p.13. 1 c.

BROCA, José Brito. Conversa com Eduardo Frieiro. *Pensamento da América,* Rio de Janeiro, 13 jul. 1947. p.94. [Recorte]

BROCA, José Brito. *Escrita e Vivência.* Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1993a. p. 163-6.

BROCA, José Brito. *Teatro das Letras.* Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1993b. p. 31-2.

[402] As referências com a anotação [Recorte] referem-se a artigos recortados de jornais e revistas sobre os quais não foi possivel recuperar os dados referentes a local e/ou editora, data de públicação, página. Fazem parte do *Acervo Eduardo Frieiro,* da Academia Mineira de Letras.

CARDOSO, Wilton. Nota para um ideário frieiriano. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, 1 maio 1982. Suplemento Literário, v.15, n.813, p.3.

CARPEAUX, Otto Maria. Coragem de Eduardo Frieiro. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, dez.1967. Suplemento Literário, v.2, n. 68, p.2.

CARVALHO, Carmen Pinheiro de. Homenagem a Eduardo Frieiro. In: *BIBLIOTECA Pública Estadual Luiz de Bessa;* 50 anos de cultura. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais/ Superintendência de Bibliotecas Públicas, 2006. p. 47-53.

CARVALHO, Maria da Conceição. Sociedade Editora Os Amigos do Livro: um caso de mediação cultural. In: VAZ, A.; BAUMGARTEN, C.; CURY, M.Z.F. *Literatura em revista (e jornal)*: periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. Belo Horizonte: Poslit/ FALE/UFMG; Rio Grande, RGS: FUFRG, 2005. p. 107-36.

CÉSAR, Guilhermino. Nota sobre Eduardo Frieiro. *Anuário Brasileiro de Literatura.* Rio de Janeiro, v.3, p.98, 1939.

FRIEIRO: Só as almas pobres vivem contentes consigo mesmas. *Diário da Tarde,* Belo Horizonte, 21 fev. 1959. Plantão Literário. [Recorte]

EDUARDO Frieiro: a vida inteira com livros. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, out. 1991. Suplemento Literário, v. 25, n.1170/1171, p. 4-5.

FRIEIRO, Noêmia P. Eduardo Frieiro no depoimento de sua esposa. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, dez. 1967. Suplemento Literário, v.2, n.68, p.6-7.

GOMES, Danilo. 50 anos do primeiro livro de Eduardo Frieiro. In: -------. *Água do Catete.* Rio de Janeiro/Brasilia, Ed. Cátedra/Pró-Memória, INL, 1984. p. 58-62.

GOMES, José Bezerra. Notícia sobre o grupo modernista de Minas. *Boletim de Ariel*, v.4, n.10, jul. 1935. p.280.

LEÃO, Ângela Vaz. Mestre Frieiro. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, ago. 2004. Suplemento Literário, v. 38, n. 1271, p. 6.

LEÃO, Ângela Vaz.. *Eduardo Frieiro.* Belo Horizonte, 08 maio 2005. Entrevista concedida a Maria da Conceição Carvalho. Não publicado.

LEÃO, Ângela Vaz.; CARDOSO, W.. Minas, um livro aberto. *Eduardo Frieiro.* Belo Horizonte: TV Minas. 1999. 1 fita VHS (50 min.), son., color.

LUCAS, Fábio. Frieiro, uma vida livresca, *Folha de S. Paulo,* São Paulo, 28 março 1982. [Recorte]

LUCAS, Fábio. A ilusão da ilusão literária. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, abr. 1984. Suplemento Literário, v. 19, n. 917, p. 10.

LUCAS, Fábio. O novo diário de Eduardo Frieiro, um repositório de informações. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, fev. 1987. Suplemento Literário, v. 22, n. 1063, p.2-3.

MACHADO FILHO, Ayres da Mata. Eduardo Frieiro, romancista. *Diário de Notícias,* Belo Horizonte, 15, out. 1961. [Recorte]

MACHADO FILHO, Ayres da Mata.Desprendimento. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, dez. 1967. Suplemento Literário, v.2, n. 68, p. 16.

MACHADO FILHO, Ayres da Mata. A dignidade literária. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, 2 jun. 1973. Suplemento Literário, v. 8, n. 353, p. 3.

MACHADO FILHO, Ayres da Mata. Conquista de amizade. *Estado de Minas,* Belo Horizonte, 5 jul. 1979. [Recorte]

MACHADO FILHO, Ayres da Mata. Biblioteca de escritor. *Estado de Minas,* Belo Horizonte, 7 jan. 1982. [Recorte]

MACHADO FILHO, Ayres da Mata. Conhecimento do homem. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, out. 1991. Suplemento Literário, v.25, n. 1170-1171, p. 6.

MENESES, Raimundo. Eduardo Frieiro foi tipógrafo e somente depois de 30 anos começou a escrever. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, dez. 1967. Suplemento Literário, v.2, n.68, p.11.

MINAS GERAIS. Belo Horizonte, dez.1967. Suplemento Literário, v.2, n.68. Edição especial.

MONTELLO, Josué. Os amigos de Eduardo Frieiro. *Jornal do Brasil,* Rio de Janeiro, 13 abr. 1982. [Recorte]

MOREIRA, Vivaldi. *Glossário das Gerais.* Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991. p. 23-40.

MOURA, Emilio. A Ilusão Literária. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, dez. 1967.Suplemento Literário, v.2, n.68, p.5.

OLIVEIRA, Heloisa Aline. Eduardo Frieiro; ou de como chegar aos 90 anos. *Estado de Minas,* Belo Horizonte, 5 jul. 1979. Caderno 2, p.1.

QUEIROZ, Maria José de. No centenário de Eduardo Frieiro, editor de Carlos Drummond de Andrade. *Colóquio/Letras,* Lisboa, n. 129/130, jul./dez., 1993. p. 205-20.

SANTAYANA, M.; WATANABE, H. Os que não desceram a montanha. *Alterosa,* Belo Horizonte, n. 37, 15 dez. 1956.

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada*; jornalistas e escritores em Minas Gerais. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 48-9; 50-4; 59-61.

VIEIRA, Anna da Soledade. *Eduardo Frieiro*; bibliografia. Belo Horizonte: Esc. Biblioteconomia UFMG, 1966. 150 p.

3. Bibliografia Geral

ADORNO, T. W. O ensaio como forma. In: COHN, G. (Org.). *Adorno;* Sociologia. São Paulo: Ática, 1986. p. 167-187.

AGUIRRE ROJAS, Carlos A. La biografia como genero historiográfico: algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, B. (Org.) *O biográfico;* perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 9-48.

ALIGHIERI, Dante.; Inferno. In: ------. *A Divina Comédia.* Tradução e notas de Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Ed. 34, 1988. Edição bilíngüe.

ANDRADE, Djalma. *História Alegre de Belo Horizonte*; comemoração do cinqüentenário de Belo Horizonte.Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1947.

ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo:* cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Record, 1988.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (Orgs.) *Memória e (res)sentimento.* Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

ANTELO, Raul. *As revistas literárias brasileiras.* Disponível em: <<www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim_de_Pesquisa2.>. Acesso em: 24 junho 2007.

ARAÚJO, Laís Corrêa de.Mineirice-mineiridade-Mineiriana. *Minas Gerais.* Belo Horizonte, jun. 1974. Suplemento Literário, n. 405, p.5.

ARENDT, Hannah. *A condição humana.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. In: ARISTÓTELES II. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p.45-235. Os Pensadores.

ARISTÓTELES. Metafísica; Livro I, Cap. I. In: ARISTÓTELES II. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p.11-35. Os Pensadores.

ARISTÓTELES. *O Homem de gênio e a melancolia: o problema XXX, 1.* Tradução, apresentação e notas por Jackie Pigeaud. Rio de Janeiro: Ed. Lacerda., 1998.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, v.11, n.21, 1998. p.9-34.

AUERBACH, Erich. *Mimesis.* 2. ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ÁVILA, Myriam Corrêa de Araújo. Projeções da memória. In: SEDLMAYER, S; MACIEL, M.E. (Orgs). *Textos à flor da tela;* relações entre literatura e cinema. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2004. p. 191-204.

ÁVILA, Myriam Corrêa de Araújo. A cena da leitura nas memórias de infância. *Revista do Cesp,* v. 26, n.35, p.29-37, jan/jun. 2006

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes.* São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola.* Lisboa: Edições 70; São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BARTHES, Roland. Da leitura. In: *O rumor da língua.* Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 43-52.

BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca. In: *Obras escolhidas II .Rua de mão única.* São Paulo: Brasiliense, 1987. p.229.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. *Cadernos do Mestrado-UERJ*, Rio de Janeiro, n. 1, p. X-XXII, 1992.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: *Magia e técnica, arte e política:* ensaios sobre a literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda;* razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Ed. Unesp, 1995. p. 95-110.

BOJUNGA, Cláudio. *JK, o artista do impossível.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BOMENY, Helena. *Guardiães da razão:* modernistas mineiros. Rio de Janeiro: UFRJ/Tempo Brasileiro, 1994.

BONNET, Jean-Claude. Le fantasme de l'écrivain. *Poétique,* v. 63, p.259-277, sept. 1985.

BORGES, Jorge Luis. La Biblioteca de Babel. In: _____. *Páginas escogidas.* La Habana: Casa de las Américas, 1999. p. 301-310.

BORGES, Vavy P. Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieler, uma vida (1874-1940). In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. *Memória e (res)sentimento.* Campinas, SP: Ed.Unicamp, 2001. p.287-307.

BOURDIEU, Pierre. La production de la croyance:contribution à une économie des biens symboliques. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n.13, p.3-43, fev.1977.

BOURDIEU, Pierre. O mercado dos bens simbólicos. In: _____. *A economia das trocas simbólicas.* 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1982. p.99-81.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (62-63): 69-72, 1986.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta M.;AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral.* Rio de janeiro: Fundação GetúlioVargas, 1996a.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte;* gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas.* São Paulo: Brasiliense, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise***.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BRÉHIER, Émile. Étude de philosophie antique. Paris: PUF, 1955. Resenha de: VELLOSO, A. V. *Kriterion,* v.9, n.35-6, p.265-6, jan.jun.1956.

BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (Orgs.). *Memória e Ressentimento;* indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

BRUSS, Elisabeth. L'Autobiographie considerée comme acte litéraire. *Poétique***,** v. 17, 1974.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, 1998. p.43-57.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CAMARGO, Ana Maria de A.;BELLOTTO, Heloisa L. *Dicionário de terminologia arquivística.* São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 1996.

CAMPOS, Edson N.; CURY, M. Z. F. Fontes primárias: saberes em movimento. *Rev.da Fac. Educação,* São Paulo: USP, v. 23, n.1/2, jan/dez. 1997.

CAMPOS, Paulo Mendes (Coord.). *Belo Horizonte:* de Curral d'El Rey a Pampulha**.** Belo Horizonte: Centrais Elétricas de Minas Gerais, 1982.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*; ensaio sobre o absurdo. 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira;* momentos decisivos (1750-1836). São Paulo: Livraria Martins, 1969. v. 1 e 2.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade.* São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

CARINO, Jonaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa. *Educação & Sociedade,* v.20, n. 67, ago. 1999.

CARLOS & MÁRIO: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade. Prefácio, notas e organização de Silviano Santiago e Lélia Coelho Frota. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002.

CARVALHAL, Tania Franco. Tradução e recepção na prática comparatista. In: -------.*O próprio e o alheio;* ensaios de literatura comparada. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2003. p. 217-25.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras.* São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CASTELO BRANCO, Dilma. *Monteiro Lobato*; biografia intelectual. São Paulo: USP, 1997. (Tese)

CESARINO, M. A. da N. A Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa: percorrendo cinqüenta anos de cultura. In: *BIBLIOTECA Pública Estadual Luiz de Bessa; 50 anos de cultura.* Belo Horizonte, Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais/Superintendência de Bibliotecas Públicas, 2006, p.21-45.

CHARTIER, Roger. A mediação editorial. In: ____. *Os desafios da escrita.* São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger; HÉBRARD, Jean. Entre public et privé: la correspondence, une écriture ordinaire. In: CARTIER, R. (Org.) *La correspondence*: les usages de la correspondence au XIXe siècle. Paris: Fayard, 1991. p.451-58.

CHAVES, Lília S. *Mário Faustino;* uma biografia literária. Belém/Belo Horizonte: Poslit/FALE/UFMG, 2004. (Tese)

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*: literatura e senso comum. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

COLOMBO, Fausto. *Os arquivos imperfeitos*; memória social e cultura eletrônica. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CONCEIÇÃO, Noraldino. *História alegre e séria da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais aos 90 anos de sua existência.* Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982.

COOK, Terry. Arquivos pessoais e institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. *Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, FGV, v. 11, n.21, 1998. p.129-50.

CORRESPONDÊNCIA de Alphonsus de Guimaraens. Organização, introdução e lista de correspondentes de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: ABL, 2002.

CORRESPONDÊNCIA Mário de Andrade & Manuel Bandeira. Organização, introdução e notas de Marcos Antônio de Moraes. 2. ed. São Paulo: IEB/EDUSP, 2000.

CUNHA, Alécio. Histórias ocultas de livros e escritores; Academia Mineira de Letras quer que a população use mais seu acervo de 80 mil livros. *Hoje em dia,* Belo Horizonte, 6 jul. 1997. Caderno Cultura, p. 3.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Au soleil une lettre est une phare. In: *Le conte et la lettre dans l'éspace lusophone.* Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle [s.d] cahier n.8.

CURY, Maria Zilda Ferreira. A biblioteca como metáfora. In: CARVALHO, A. de O. et. al. (Orgs.) *Presença de Henriqueta.* Rio de Janeiro: José Olympio,1992. p. 93-100.

CURY, Maria Zilda F. Acervos: gênese de uma nova crítica. In: MIRANDA, W.M. *A trama do arquivo.* Belo Horizonte: CEL/FALE/UFMG, 1995 a.

CURY, Maria Zilda, Ferreira. A pesquisa em acervos e o remanejamento da crítica. *Manuscrítica,* APLM, n.4, dez. 1995 b.

CURY, Maria Zilda Ferreira. *Horizontes modernistas:* o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Cartas na mesa: Cecília Meireles escreve a Henriqueta Lisboa. In: MELLO, Ana Maria L. de. (Org.) *Cecília Meireles & Murilo Mendes;* 1901/2001**.** Porto Alegre: UNIPROM, 2002. p.79-92

DAMIÃO, Carla M. *Filosofia e narrativas autobiográficas a partir de um projeto de Walter Benjamin.* 2003. Tese (Doutorado em Filosofia) - Depto. Filosofia / Instituto de Filosofia e Ciência Humanas/ Universidade Estadual de Campinas, 2003.

DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter. *A escrita da história;* novas perspectivas. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 1992. p. 199-236.

DAUPHIN, Cécile. Les correspondences comme objet historique: un travail sur les limites. *Société & Répresentation*, Revue du CREDHESS, n. 13, avril, 2002.

DAUPHIN, Cécile. Les manuels épistolaires au XIXe siècle. In: CHARTIER, R. (Org.) *La correspondence*: les usages de la correspondence au XIXe siècle. Paris: Fayard, 1991. p. 209-270.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche et la philosophie.* Paris: PUF, Quadrige, 1998.

DERRIDA, Jacques. *Mal de archivo;* una impresión freudiana. Madrid: Editorial Trotta, 1997.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença.* São Paulo: Perspectiva, 1971.

DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

DERRIDA, Jacques. *Papel-máquina.* São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

DIAZ, Brigitte. *L'Épistolaire ou la pensée nomade.* Paris: PUF, 2002.

DODILLE, Norbert. Biographies et autobiographies mêlées. *Poétique*, v. 63, p. 323-340. sept. 1985.

DORNAS FILHO, João. Notas para a história da literatura mineira. *Revista da Academia Mineira de Letras,* v. XXI. 1955-59, p. 43-99.

DRUMMOND,T.F. *Hélio Pellegrino;* ensaio biográfico. Belo Horizonte: Poslit/FALE/UFMG, 1998. (Tese)

DUMONT, Jean-Paul. Ceticismo. *Encyclopaedia Universalis.* Tradução de Jaimir Conte. Paris: [s.d], v. 14, p.719-723. Disponível em: htpp:// <<www.cfh.ufsc.br/wfil/dumont.htm > Acesso em: 2 mar. 2007.

DUTRA, Waltencir; CUNHA, Fausto. *Biografia crítica das letras mineiras;* esbôço de uma história da literatura em Minas Gerais. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1956.

EAKIN, Paul John. *Fictions in autobiography;* studies in the art of self-invention. Princeton: New Jersey University Press, 1985

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos***.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

EURASQUÍN, Estela. La construcción del Otro: identidad e inmigración en la historia argentina. *Amérique Latine, Histoire et Mémoire,* n.4, 2002. <<Disponível em: http://alhim.revues.oarg/document477.hrml> Acesso em: 21 jan.2007.

FARGE, Arlette. *Le goût de l'archive***.** Paris: Seuil, 1989.

FAUSTO, Bóris. *História do Brasil.* 6. ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1999.

FONSECA, Thaís N. de Lima. A Inconfidência Mineira e Tiradentes vistos pela imprensa:a vitalização dos mitos (1930-1960). *Revista Brasileira de História,* São Paulo, v.22, n.44, p.445-8, dez. 2002.

FOUCAULT, Michel. O enunciado e o arquivo. In: _____. *A Arqueologia do Saber***.** Petrópolis: Vozes, 1972. p. 97-163

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In:*O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992.

FOUCAULT, Michel. A cultura de si. In: _____. *A História da Sexualidade*, 3; O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 43-73.

FRAGA, Diego L. Considerações sobre *"A Literatura no Brasil"*. Disponível em:<http:www.colanaweb.com/porliteratura/literatura_no_Brasil.htm>.Acesso em: 28/7/2007.

FRAIZ, Priscila. Arquivos pessoais e projetos autobiográficos: o arquivo de Gustavo Capanema. In: CASTRO, Ângela de (Org.) *Capanema: o ministro e seu arquivo***.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/ Universidade São Francisco, 2000. p. 73-102.

FREUD, Sigmund. *Obras Completas.* ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1974. Livro 11: Metapsicologia. Luto e melancolia, p.168.

FRÓES, Heitor Praguer. *Dicionário Internacional de Abreviaturas.* Rio de Janeiro: Gráfica Muniz, 1961.

GARCIA, Maria Madalena A. de M. Machado. Arquivos privados; salvaguarda e acesso. *Leituras***;** Rev. Bibl. Nac. Lisboa**.** S. 3, n.14-15, abr.2004-abr.2005. p.51-57.

GERAY, Patrick J. *La mémoire et l´oubli à la fin du premier millénaire*. Paris: Aubier, 1996. p. 38-41 *apud* SEIXAS, J.A.Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, s.; NAXARA, M. *Memória e (res)sentimento.* Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2001.

GIANNOTTI, J. A. João Cruz Costa. *Estudos Avançados,* São Paulo, v.8, n.22, p. 237-9, set./dez. 1994.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: _____ (Org.) *Escrita de si, escrita da História.* Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. p. 7-24

GOMES, Ângela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: _____(Org.) *Escrita de si, escrita da História.* Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. p. 51-75.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. The epistolary genre and brazilian modernism. In: *LITERARY Cultures of Latin American comparative History.* Oxford: University Press, 2004. v. 2, p. 216-26.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Distribuição de papéis*: Murilo Mendes escreve a Carlos Drummond de Andrade e a Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/ Ministério da Cultura, 1996.

GULLAR, Ferreira. Um bicho que se inventa. *Folha de São Paulo***,** 1 jan. 2006. F. Ilustrada, p.8.

GUINZBURG, Carlo. História e cultura: uma conversa com Carlo Guinzburg. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.3, n.6, p.234-63, 1990.

GUINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*: o cotidiano de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1996..

GUSDORF, Georges. *La découverte de soi***.** Paris: Presses Universitaire de France, 1948.

GUSDORF, Georges. Conditions and limits of autobiography. In: OLNEY, J. *Autobiography*: essays theoretical and critical*.* Princeton: Princeton University Press, 1980.

HADDAD, Maria de Lourdes. *Faculdade de Filosofia de Minas Gerais;* raízes da idéia de universidade na UMG. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 1988. (Dissertação)

HAY, Louis. A literatura sai dos Archivos. In: SOUZA, E. M.; MIRANDA, W. M. *Arquivos Literários***.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 65-81.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos;* o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUYSSEN, Andreas. *Memórias do modernismo.* Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.

HUYSSEN, Andréas. *Seduzidos pela Memória.* Rio de Janeiro: Aeroplano/Univ. Cândido Mendes/Museu de Arte Moderna, 2000**.**

IGLÉSIAS, Francisco. Retrato do Brasil1928-1978. *Kriterion,* Rev. Fac. Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, v.24, c.71, p.144-55, 1978.

JEUDY, H.-P. *Memórias do social.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

JOSÉ, Oiliam; OLIVEIRA, C. Martins de. *Efemérides da Academia Mineira de Letras – 1909-1997.* Belo Horizonte: AML, 1999.

KEHL, Maria Rita. *Ressentimento.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

KOHUT, Karl. *Literatura y memória.* 2006. Disponível em: << http://www.collaborations.denison.edu/istmo/n09/articulos/literatura.html> Acesso em: 1 março 2007.

KUSCHNIR, K.; VELHO, G. (Orgs.) *Mediação, cultura e política.* Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. Resenha de: MARQUES, Reinaldo. Meio de Campo. *Margens/ Márgenes,* Belo Horizonte/Buenos Aires/ Mar Del Plata/ Salvador, n.1, p. 86-89, jul. 2002.

LAJOLO, Mariza. *O preço da leitura.* São Paulo: Ática, 2001.

LE GOFF, Jacques. *Como escrever uma biografia histórica hoje***?** Trad. Daniel Wanderson Ferreira. (Originalmente publicado em *Le Débat*, n.54, mar.-avr.1989, p. 48-53).

LE GOFF, Jacques. *São Luís existiu de fato*? Entrevista com o historiador Jacques Le Goff. < Disponível em www.ambafrance.org.br/abr/label/label24/science/le_goff.hmtl> Acesso em: 9 set. 2006.

LEJEUNE, Philippe. Le pacte autobiographique. *Poétique***;** n. 14, 1973.

LEJEUNE, Philippe. Le pacte autobiographique (bis). *Poétique,* v.24, n. 56, 1983.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Coords.) *Usos & abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 167-191.

LÉVILLAIN, P. Os protagonistas: da biografia. In: REMOND, D. P.(Org.). *Por uma história política.* Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

LÉVY, Bernard-Henri. *As aventuras da liberdade:* história subjetiva dos intelectuais. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência:* o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LIMA, Alceu Amoroso. *Teoria, crítica e história literária.* Seleção e apresentação de Gilberto M. Teles. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasilia: INL, 1980.

LIMA, Etelvina. Últimas palavras: entrevista realizada no dia 04 de agosto de 1998. *Perspectivas em Ciência da Informação,* Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 49-66, jan/jun. 2000.

LIMA, Rachel Esteves. Crítica literária: do rodapé à universidade. In: SOUZA, E. M. (Org.) *Modernidades Tardias***.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p.123 – 135.

LIMA, Rachel Esteves. Inventários Críticos. *Ipotesi*: Revista de Estudos Literários, Juiz de Fora, Ed. UFJF,v.4, n.2, 2000.

LIPPI, Lucia O. *Americanos;* representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

LUCAS, Fábio. O Novo Diário de Eduardo Frieiro. In: FRIEIRO, E. *Novo Diário.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. p.11-17.

LUCAS, Fábio. *Mineiranças.* Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

McKENZIE, D. F. *Bibliography and the sociology of texts.* London: The British Libray, 1986.

MADÉLENAT, Daniel. *La biographie***.** Paris: Presses Universitaire de France, 1984.

MALCOLM, Janet. *A mulher calada;* Sylvia Plath nos limites da biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MAN, Paul de. Autobiography as De-Facemement. In: _____. *The Rethoric of Romanticism.* New York: Columbia University Press, 1984. p. 67-81.

MARQUES, J. O. de Almeida. *Rousseau e a forma moderna da autobiografia.* Comunicação apresentada no IX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC). Porto Alegre, 18 a 21 de julho de 2004. Disponível em:<<www.unicamp.br/marques/pesq/Forma moderna da autobiografia.pdf > Acesso em 13/9/2005.

MARQUES, Reinaldo M. Acervos literários e imaginação histórica.: o trânsito entre os saberes. *Ipotesi;* Rev. Est. Lit. UFJF, v. 4, n.2, jul./dez., 2000.

MARQUES, Reinaldo M. O arquivamento do escritor. In: SOUZA, E. M.; MIRANDA, W. M. *Arquivos Literários***.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 141-156.

MARQUES, Reinaldo M. *Locações tardias do moderno:* a correspondência entre Abgar Renault e Carlos Drummond de Andrade. Não publicado.

MARQUES, Reinaldo M. Tempos modernos, poetas melancólicos. In: SOUZA, E. M. (Org.) *Modernidades tardias.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p.157-172.

MARTINS, Wilson. 3. ed. *História da Inteligência Brasileira*. T. A. Queiroz, 1992. v.2

MELLID-FRANCO, Luisa. *Autobiografia e ficção.* <<Disponível em: http://www.geocities.com.ail_br/autobiografiaeficcao.html> Acesso em: 2 janeiro 2007.

MELLO, Evandro Cabral de. Historiadores no confessionário. *F. de S. Paulo,* 24 dez. 2000. Caderno Mais!

MENEZES, Raimundo. *Dicionário literário brasileiro.* 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

MINAS GERAIS. Assembléia Legislativa. *Belo Horizonte;* uma história em marcha. 1997

MINAS GERAIS. Fundação João Pinheiro.*Bello Horizonte: Bilhete Postal*; Coleção Otávio Dias Filho. Belo Horizonte: Fund. João Pinheiro, 1997.

MIRANDA, Wander M. Archivos e Memória Cultural. In: SOUZA, E. M.; MIRANDA, W. M.(Orgs.) *Arquivos Literários.* São Paulo: Ateliê Cultural, 2003.

MOLES, Abraham A. Biblioteca pessoal, biblioteca universal.*R. Bibliotecon. Brasilia,* Brasilia, v.6 ,n.1, p. 39-78, jan./jun. 1978.

MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito*; a escrita autobiográfica na América hispânica. Chapecó, SC: Argos, 2003.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaios.* São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os Pensadores)

MORAES, Marcos Antonio de (Org.) *Antologia da carta no Brasil*; me escreve tão logo possa. São Paulo: Moderna, 2005.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974).* São Paulo: Àtica, 1977.

MOTTA, Rodrigo P. Sá. Uma outra face dos anos JK: mobilizações de direita. In: MIRANDA, W. M. (Org.) *Anos JK:* margens da modernidade. São Paulo: Imprensa Oficial; Rio de Janeiro: Casa de Lucio Costa, 2002. p. 45-66.

NAVA, José. Brasileiros nos caminhos de Proust. *Revista do Livro,* v.5, n.17, março de 1960. p.109-26.

NAVA, Pedro. *Beira-mar.* 6. ed. São Paulo: Ateliê, 2003.

NAVA, Pedro. *Galo-das-trevas;* as doze velas imperfeitas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

NIETZSCHE, Friedrich W. Para a genealogia da moral. In: NIETZSCHE, F. W. *Obras Incompletas.* 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 295-325. (Os Pensadores).

NIETZSCHE, Friedrich W. Considerações extemporâneas. II. Da utilidade e desvantagem da história para a vida. In: NIETZSCHE, F. W. *Obras Incompletas.* 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 58-70.Os Pensadores.

NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire: l´ére des commemorations.* Paris: Gallimard, 1992. v.3.

OLIVEIRA, Candido Martins de. *História da Literatura Mineira:* esquema de interpretação e notícias biobibliográficas. Belo Horizonte: [s/e] 1958.

PEDROSA, Célia. Ensaio. In: CEIA, Carlos. *E-Dicionário de Termos Literários. 2005.* Disponível em: <<http://www.fsch.unl.pt/edtl/ Acesso em: 15 dez. 2006.

PENA, Felipe. Biografias em fractais: múltiplas identidades em redes flexíveis e inesgotáveis. *Alceu,* v.4, n.8, p.94-105, já./jun. 2004.

PENNA, Maria Luiza. *Luiz Camillo;* perfil intelectual. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradición. CONGRESSO ABRALIC, 2., 1991, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 1991.v.1.

PIGLIA, Ricardo. *O último leitor.* São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PIZARRO, Ana. Devemos lutar pela democracia. *Boletim UFMG***,** Belo Horizonte: UFMG, 2005.

QUINTILIANO, Deise. *Sartre: philía e autobiografia.* Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

RODRIGUES, Ana Márcia L. A teoria dos arquivos e a gestão de documentos. *Perspectivas em Ciêmcia da Informação,* Belo Horizonte, v.11, p.102-117, jan./abr. 2006.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. *Ora (direis) puxar conversa!;* ensaios literários. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. p. 59-95.

SARTRE, Jean Paul. *As palavras.* 3. ed. São Paulo: Difel, 1967.

SCHMIDT, Benito. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In: SCHMIDT, B. (Org.) *O biográfico;* persperctivas interdisciplinares**.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 49-70.

SEGALL, Mauricio. *Controvérsias e dissonâncias.* São Paulo: EDUSP/Boitempo, 2001.

SEIXAS, J. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (Orgs.). *Memória e (res)sentimento;* indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2001.

SENECA, L. A. *Sobre a tranquilidade da alma, sobre o ócio.* Trad. José Rodrigues Seabra Filho. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

SIMMEL, Georg. O indivíduo e a liberdade. In: *Simmel e a modernidade.* Brasília: Ed. UnB, 1998.

SILVA, Z. L. (Org.) *Arquivos, Patrimônio e Memória;* trajetórias e perspectivas. São Paulo: UNESP/FAPESP, 1999.

SILVA, Matheus Cajaíba. Os primórdios do futebol em Belo Horizonte e a fundação do Clube Atlético Mineiro. *Rev. Secretaria Municipal de Esportes,* Belo Horizonte, n.1, maio,1995.

SOUZA, Eneida Maria. Colóquio *inventa* arquivo literário. *Boletim UFMG,* Belo Horizonte, 20 set. 2000.

SOUZA, Eneida M. de. Notas sobre a crítica biográfica. In: *Crítica Cult***.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 111-120.

SOUZA, Eneida M. de. Janelas indiscretas. *Margens/Margenes*; Revista de Cultura. Belo Horizonte, n. 5, jul/dez. 2004. p. 92-101.

SOUZA, Jourglade de Brito. Uma mulher mineira: a construção de um ideal. *Perspectivas em Ciência da Informação,* Belo Horizonte, v.5, n. especial, p. 25-37, jan./jun. 2000.

STAROBINSKI, Jean. Le style de l'autobiographie. *Poétique*, n.3, 1970.

TELLES, Renata. O crítico de Almanaque. *Boletim de Pesquisa – NELIC,* Florianópolis, n.2, set. 1997.

TODOROV, T. *Les abus de la mémoire*. Paris: Arléa, 1995.

VALVERDE, Antônio J.R. Autodidatismo e Filosofia: desejo de conhecer. *Margem,* São Paulo,v.21, p.33-46, 2005.

VAPEREAU, Louis Gustave. *Dictionnaire Universel des littératures.* 2e. éd. Paris: 1884.

VELHO, Gilberto. Biografia, trajetória e mediação. In: VELHO, G.; KUSHNIR, K. (Orgs.) *Mediação, cultura e política.* Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

VENANCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.) *Escrita de si, escrita da História.* Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. p. 111-137

VENANCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. *Estudos Históricos,* Rio de janeiro, n.28, 2001, p.23-47.

VIANNA, Luiz Werneck. *A revolução passiva:* iberismo e americanismo no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997.

VIANNA FILHO, Luiz. *A verdade na biografia.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1945.

VILLAS BOAS, Sérgio. *Metabiografia e seis tópicos para aperfeiçoamento do jornalismo biográfico.* São Paulo: ECA/USP, 2006. (Tese)

VIVACQUA, Eunice. *Salão Vivacqua***;** lembrar para lembrar. Belo Horizonte: Fund. João Pinheiro, 1997

WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.49.

WEINTRAUB, Fábio. Sereias da vida alheia. *Cult – Revista Brasileira de Literatura*, n. 3, abr. 2000, p. 20-25.

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada;* jornalistas e escritores em Minas Gerais. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

WERNECK, Maria Helena. *O Homem Encadernado***;** Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

ANEXOS







E. Frieiro

EX·LIBRIS
EDUARDO
FRIEIRO

ANEXOS

ANEXO A - CRONOLOGIA BIOGRÁFICA

NASCIMENTO/MORTE

1889 – 5 de julho. Matias Barbosa. MG.
1982 - 24 março. Belo Horizonte, MG.

VIDA PESSOAL E FAMILIAR

1889 – 5 de julho. Nasce em Matias Barbosa, MG., filho de Melchíades Frieiro e Maria Joana Pampín, imigrantes espanhóis da província de Pontevedra, Galiza.
1897 – A família Frieiro muda-se para Belo Horizonte, a nova capital do Estado de Minas Gerais.
1934 – Casa-se aos 45 anos com D. Noêmia Pires, filha do português Armando Pires.
1935 – Morte do pai, pedreiro aposentado, aos 80 anos.
1940 – Operado no Hospital São Lucas de gravíssima infecção intestinal. Fica hospitalizado por três meses.
1942 – 20 de agosto. Queima seu *Diário de um homem secreto*, composto por 22 cadernos de duzentas folhas cada, dez anos de apontamentos quase diários.
1942 – 29 de agosto. Recomeça a escrever o diário que terá publicação parcial, após sua morte.
1974 – Setembro – Agrava-se um problema ocular. Pára de escrever e começa a ler com o auxílio de uma lente.
1982 – 23 de março. Morre no Hospital São Lucas, Belo Horizonte, MG.

CIDADES ONDE VIVEU

1889/1897 - Matias Barbosa, MG
1897/1982 – Belo Horizonte, MG

ENDEREÇOS EM BELO HORIZONTE

1897/1934 – Rua Murihaé, no 4, Barro Preto, local chamado Ponte do Saco, à época.

1934/ 1938 - Rua Diorita, 209, Bairro Calafate.

1938/1955 – Rua do Serro, 368, Bairro Bonfim.

1955/1967 - Av. Fancisco Sales, 1610, Bairro Santa Efigênia.

1967/1982 - Av. Augusto de Lima. Apto. 913, Ed. Araguaia, Centro.

VIAGENS AO EXTERIOR

1948 – Viagem à Argentina e Uruguai.

– Fevereiro. Viagem à Argentina e Uruguai.

1950/1 - Dezembro/janeiro – Viagem à Argentina.

1957 - Viagem a bordo do navio *Andes* à Argentina, Uruguai e Paraguai.

- Viagem à Europa (Portugal, Espanha, França, Itália, Alemanha e Áustria) a bordo do navio Conte Biancamano.

FORMAÇÃO ESCOLAR / TRABALHO

1897/1900 – Escola primária no Bairro Carlos Prates, Belo Horizonte.

1901 – Com onze anos, começa a trabalhar como ajudante de tipógrafo na Imprensa Oficial de MG.

1918 – Faz concurso para redator da Imprensa Oficial e é aprovado em 1º lugar.

19-- - É promovido a secretário do Diretor da Imprensa Oficial.

1939/1959 – Professor de Literatura Hispano-americana na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, depois Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UMG.

1946 – 12 de abril. Aposenta-se do serviço público, como Redator /secretário do *Minas Gerais,* após 37 anos de trabalho.

1948 – A Faculdade de Filosofia de Minas Gerais confere-lhe o grau de Doutor em Letras Neolatinas, para que possa gozar de todas as prerrogativas e direitos concedidos a este título pelas leis do país. Assinado pelo Prof. Catedrático e Diretor da Faculdade Antônio Camilo de Faria Alvim.

1951-52 – Professor de História do Livro e das Bibliotecas na Escola de Biblioteconomia de Minas Gerais, mantida pelo Instituto Nacional do Livro.

1954/63 - Diretor da Biblioteca Pública Estadual Prof. Luís de Bessa.

ATIVIDADES LITERÁRIAS E CULTURAIS

1925 – Publica os primeiros artigos em jornais de São Paulo, Rio de Janeiro e de Belo Horizonte, sob os pseudônimos de João Cotó, Bento Pires e Luís Taques. Em 25 de junho do mesmo ano, publica o primeiro artigo assinado no *Diário de Minas* intitulado *O estudo do desenho.*

1927 – Publica seu primeiro livro, o romance *O Clube dos Grafômanos*, editado por conta própria sob o nome fantasia de Edições Pindorama.

1929 – Publica o romance histórico *O Mameluco Boaventura,* BeloHorizonte, Ed.Pindorama.

1930 – Publica o romance *Inquietude, melancolia,* Belo Horizonte, Ed. Pindorama.

1931 – Cria a Sociedade Editorial Os Amigos do Livro.

1931 – Publica o ensaio *O Brasileiro não é triste*, Belo Horizonte, Os Amigos do Livro.

1932 – Publica o ensaio *A Ilusão Literária*, Belo Horizonte, Os Amigos do Livro.

1936 – Publica o romance *O Cabo das Tormentas,* Belo Horizonte, Os Amigos do Livro.

1936 - Início do *Boletim Literário* da Rádio Inconfidência, lido aos domingos, às 20 h, e publicado às quintas-feiras no jornal *Folha de Minas.*

1937 – Publica o ensaio de crítica *Letras Mineiras – 1929 - 1936.* Belo Horizonte, Os Amigos do Livro.

1939 – Integra a comissão de intelectuais que fundam a Faculdade de Filosofia de Belo Horizonte, depois incorporada à U(F)MG. Assume a cátedra de Língua e Literatura Espanhola e Hispano-ameicana.

1941 – Publica o ensaio *Os livros nossos amigos,* Belo Horizonte, Ed. Bluhm.

1944 – É eleito membro da Academia Mineira de Letras, por unanimidade de votos, e sucede a Avelino Fóscolo na Cadeira 07.

1946 – Publica o ensaio *O Diabo na Livraria do Cônego.* BeloHorizonte, Livraria Cultura Brasileira.

1947– 16 de outubro. Sai o primeiro número da Revista *Kriterion,* da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UMG, na qual desempenha a função de secretário

e responsável pela parte gráfica.

1947 – 13 de Outubro. Segundo Congresso dos Escritores Brasileiros, em Belo Horizonte. Frieiro faz parte da delegação mineira, junto com os professores Arthur Versiani Velloso, Lourenço de Oliveira, Cláudio Brandão, e Wilton Cardoso.

1954/59 – Coordenador da equipe de criação da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais. Primeiro Diretor da Casa.

1955 - Publica o ensaio *Páginas de Críticas e outros escritos.* Belo Horizonte, Ed. Itatiaia.

1959 – Publica o ensaio *O Alegre Arcipreste e outros temas da literatura espanhola.* Belo Horizonte, Livraria Oscar Nicolai.

1960 - Publica o estudo biográfico *O romancista Avelino Fóscolo*. Belo Horizonte, Publicações da Secretaria da Educação de Minas Gerais.

- Jubila-se na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFMG.

1962 /64- Diretor da Revista Kriterion.

1966 – Publica o ensaio *Feijão,* angu *e couve*, Belo Horizonte, Centro de Estudos Mineiros/UFMG.

1967 – Faz doação à Biblioteca Estadual Luís de Bessa de 2.000 volumes de sua biblioteca pessoal. São, em sua maioria, edições raras e especiais de autores mineiros que ele garimpou em sebos e colecionou por longo tempo.

1969 – Participa da comissão de intelectuais destacados da cultura mineira na criação da Coleção Mineiriana da Biblioteca P[ública Estadual Luís de Bessa.

ATIVIDADES SOCIOPOLÍTICAS

1966 – "Considerado esquerdista segundo informe de 1962", conforme consta no Arquivo DOPS, disponível para consulta no Arquivo Público Mineiro. É chamado a responder a um Inquérito Policial Militar (IPM) durante o governo de Humberto Castelo Branco.

PRÊMIOS E HOMENAGENS

1960 – Recebe o Prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra.

1966 - Fevereiro. A AML, por iniciativa do acadêmico Orlando M. Carvalho, solidariza-se com o escritor por ter sido chamado a depor na Polícia Militar de Minas Gerais, acusado de subversão.

1967 - 20 de Dezembro. Publicação de número especial do SLMG dedicado ao escritor.

1976 - A Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG concede-lhe o prêmio de Professor Emérito.

1979 - 5 de Julho. Em comemoração aos seus 90 anos, a AML faz uma reunião comemorativa. A imprensa de Belo Horizonte publica vários artigos em sua homenagem.

1980 - 21 de Abril. Recebe a Comenda da Medalha da Inconfidência, no Grau de Grande Medalha como reconhecimento pelos elevados méritos e pela contribuição oferecida a Minas Gerais. A solenidade foi realizada em frente do Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, com a Presença do Vice-Presidente Aureliano Chaves e do Governador Francelino Pereira dos Santos.

1981 – Dezembro. A Editora Itatiaia reedita a obra ficcional do escritor: quatro romances.

1981 – 30 de Dezembro. O Presidente da AML, Vivaldi Moreira, consegue, do Sistema Estadual de Crédito, Financiamento e Investimentos, dirigido pelo Conselho de Política Financeira da Secretaria da Fazenda doEstado de Minas Gerais, o subsídio necessário à aquisição do *Acervo Frieiro* – biblioteca com cerca de 4.000 títulos, o arquivo pessoal e os móveis que guardavam o acervo na casa do escritor.

1982 - Fevereiro. Inauguração de biblioteca na Imprensa Oficial com as obras editadas pela Casa desde a fundação. O nome da seção, *Biblioteca Eduardo Frieiro*, homenageia o antigo funcionário.

1982 – 05 de Maio. A Academia Carioca de Letras presta homenagem à memória do escritor, com discurso do acadêmico Oliveiros Litrento.

1982 - 15 de Julho. A Academia Mineira de Letras, em sessão especial, relembra a vida e a obra de Eduardo Frieiro. Presentes a viúva D. Noêmia Pires Frieiro, escritores e acadêmicos. Foram oradores: Presidente Vivaldi Moreira, Aires da Mata Machado Filho, Maria José de Queiroz, Sylvio Miraglia e Fábio Lucas.

1983 – A Editora Itatiaia inicia a reedição da obra do escritor.

1986 – A UFMG homenageia o ex-professor dando à rua que fica entre a Biblioteca Central e a Reitoria, no Campus Pampulha, o nome de *Rua Prof. Eduardo Frieiro.*

1992 – 06 de Julho. A Biblioteca Pública Estadual Prof. Luís de Bessa inaugura a *Sala Eduardo Frieiro*, onde guarda a Coleção Mineiriana. Foi realizada uma sessão em homenagem ao escritor com a presença e pronunciamento da Secretária de Estado da Cultura, Dra. Maria Celina Albano. Outros pronunciamentos: Dr. Vivaldi Moreira, Presidente da AML com o tema *Traços de uma vida;* a bibliotecária da Casa Carmen Pinheiro Carvalho, homenageou *O Diretor*; Márcio Galdino lembrou *O Cinéfilo.*

ANEXO B - Relação alfabética dos correspondentes de Eduardo Frieiro

A

ADVÍNCULA, Luís- Desconhecido. Cartas (1), 1963.

AGUIAR, Manoel Pinto de (1910-1991)– Advogado, poeta, editor Livraria Progresso Editora, Salvador, Bahia. Cartas (1), 1960.

AGUIAR, Osvaldo – Escritor nordestino. Cartas (1), 1960.

AGUILERA MALTA, Demétrio (1909-1981)– Escritor equatoriano. Cartas (1), 1934.

ALMEIDA, Hedda Vieira de – Professora do Grupo Escolar Professor Morais, Belo Horizonte. Cartas (1), 1960.

ALVARENGA – Desconhecido. Cartas (1), 1957.

ALVIM, Antônio Camilo de Faria (1904-1978)– Professor da Faculdade de Filosofia da UMG, Catedrático de Literatura Francesa. Cartas (1), 1953.

ALVARES ALONSO, Isidro – Escritor, poeta, professor argentino. Cartas (1), 1970.

ALVARUS, Álvaro Cotrim (1904-1985) – Artista plástico, caricaturista. Cartas (1), 1966.

AMERICANO, Renato - Gráfico/Editor no Rio de Janeiro. Cartas (1), 1947.

ANDRADE, Almir de (1911-?)– Diretor da Revista Cultura Política. Tradutor. Cartas (1), 1943.

ANDRADE, Carlos Drummond de (1902-1987) – Poeta, cronista. Cartas (2), 1940, 1967.

ANDRADE, Odilon C.- Escritor - Cartas (1), s/d.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de (1898-1969) - Escritor, Diretor do IPHAN. Cartas (1), 1963.

ANJOS, Cyro dos (1906-1948) - Romancista. Cartas (8), 1940, 1946, 1949, 1950, 1951, 1956 (2), s/d.

ANTUNES, J. O - Editor do Rio de Janeiro. Cartas (1), 1949.

ARAUJO, Adalto – Poeta paranaense. Cartas (1), 1952.

ARAUJO, Antônio Marrocos de (1906-?) - Escritor paulista, contista. Cartas (1), 1960.

ARAUJO, D. Hugo Bressane de (1863- 1961)- Bispo de Marília, SP, Escritor. Cartas (3), 1940(2), 1957.

ARAUJO, José Osvaldo de (1887-1975) - Escritor, membro da AML. Cartas (2), 1969, 1970.

AZEREDO – Amigo pessoal - Cartas (1), 1941.

AZEVEDO, Fernando C. de - Historiador paranaense. Cartas (1), 1946.

AZZI, F. de Paula – Escritor gaúcho. Cartas (1), 1939.

B

BECKER, Idel (1910-1994) – Filólogo, tradutor, professor de espanhol. Cartas (4), 1954, 1956 (2), 1962.

BELLEZA, Newton (1899-?) – Poeta, teatrólogo, tradutor. Cartas (2), 1964, 1966.

BERGER, Leopoldo – Encadernador. Cartas (3), 1941, 1942, 1957.

BERTASO, Henrique d'Ávila (1906- 1977) – Editor da Editora Globo, Porto Alegre, RS. Cartas (1), 1956.

BRANDÃO, Wellington (1894-1965) – Escritor mineiro, membro da AML. Cartas (3), 1938, 1942, 1948.

BRITO, Mário da Silva (1916- ?) – Poeta, crítico literário, historiador do Modernismo. Cartas (1), 1953.

BROCA, José Brito (1903 -1961)– Crítico literário. Cartas (21), 1939(5), 1943, 1944, 1945, 1946, 1947, 1949, 1953(2), 1954(2), 1956, 1957, 1958(3), 1959.

C

CABRAL, Nélson Lustoza (1900-1981) – Jornalista e escritor paraibano, membro da APL. Cartas (2), 1963, 1966

CALDAS, Otaviano – Professor. Cartas (2), 1947, 1948.

CALVIN, Robert E. – Editor e livreiro nos EUA. Cartas (2), 1947, 1948.

CÂMARA, Jayme Adour da.- Escritor, jornalista. Cartas (1), 1958.

CAMPOS, Agostinho de (1870-1944) -Escritor e filólogo português. Cartas (4), 1932, 1933(2), s/d.

CAMPOS, Henrique. -Escritor português. Cartas (3), 1946(3).

CAMPOS, Paulo Mendes (1922- 1991) - Poeta e cronista. Cartas (1), 1957.

CANABRAVA, Euryalo (19??-1979). Escritor, professor de Filosofia do Colégio D. Pedro II. Cartas (2), 1956, 1978.

CARMO, J. A. Pinto do. -Escritor. Cartas (1), 1954.

CARNEIRO, Levi (1882-1971) -Jurista, ensaísta, membro da ABL. Cartas (11), 1958(3), 1959, 1960(2), 1962(2), 1963(2), 1966.

CARNEIRO, Nelson (1910-1996) -Deputado Federal do Rio de Janeiro. Cartas (1), 1962.

CARPEAUX, Otto Maria (1906-1978) - Crítico literário, bibliógrafo. Cartas (9).

CARRATO, José Ferreira. - Professor historiador. Cartas (1), 1961.

CARVALHO, A. Pinto de. - Professor da Faculdade de Filosofia de São João do Rio Preto, SP., tradutor de grego. Cartas (6), 1957(3), 1958(2), 1959.

CARVALHO, Joaquim Montezuma de (1928-) - Escritor e editor português. Cartas (12), 1956(2), 1958(3), 1959(2), 1960(2), 1963, 1966, 1970.

CARVALHO NETO, Paulo de (1923-2003) - Escritor, folclorista, hispanista/americanisra. Cartas (3), 1959(3).

CASCUDO, Luís Câmara (1898- 1986) - Escritor, folclorista. Cartas (1), 1967.

CASTRO, C. Baptista de. - Escritor. Cartas (1), 1938.

CASTRO, Olívio de Albuquerque. - Historiador. Cartas (1), 1963.

CASTRO, Paulo Pereira de. - Prof. História FFLCH/USP, SP, Dir. Revista de História., Cartas (1), 1957.

CATHOUD, Arnaldo. - Arqueólogo, pesquisador, membro da Academia de Ciências de MG. Cartas (1), 1959.

CAVALHEIRO, Edgard (1911 - 1958) - Escritor, editor. Cartas (18), 1940, 1941(7), 1942(7), 1944(2), 1948.

CASASANTA, Mário (1998-1963) - Escritor, membro da AML. Cartas (2), 1946(2).

CAVALCANTE, L. -Poeta paranaense. Cartas (4), 1946(2), 1950, 1951.

CAVALCANTE, Valdemar. - Diretor do Pen Club do Brasil. Cartas (3), 1960, 1961, 1963.

CEDOMIR, Lukic. - Escritor da antiga Iugoslávia. Cartas (1), 1964.

CESAR, Guilhermino (1908-1993). - Escritor mineiro, membro da AML. Cartas (9), 1939, 1963(2), 1965, 1968(3), 1969, 1971.

COELHO, Hélcio de Oliveira. - Ex-aluno da Faculdade de Filosofia UMG. Cartas (2), 1948, 1949.

COELHO, José Pinto. - Escritor, historiador. Cartas (3), 1959(2), 1961.

COELHO, Saldanha. - Escritor, Diretor da Revista Branca, RJ. Cartas (1), 1951.

COELHO JUNIOR. - Escritor paranaense. Cartas (1), 1947.

CONDÉ, José (1917-1971) - Escritor, membro da ABL. Cartas (1), 1959.

COSTA, João B- Escritor. Cartas (1), 1938.

COSTA, João Cruz (1904-1978)- Filósofo, escritor, Prof. de Filosofia da FFCL/USP. Cartas (7), 1944, 1953, s/d(4), 1954, 1956(2).

COSTA, Roberto. - Editor. Cartas (1), 1941.

COUTINHO, Afrânio (1911-2005) - Ensaísta, crítico literário, Prof. Colégio Pedro II, RJ e da Univ. do Brasil. Cartas (5), 1941, 1952(2), 1953, 1955.

COUTINHO, João de Sá. - Cônsul de Portugal em BH. Cartas (1), 1961.

COUTTS, W. R. - Cidadão americano, estudante de português. Cartas (1), 1959.

CRÊSPO, Rodrigues(1896- ?). - Escritor. Cartas (1), 1955.

CUNHA, Ivonete de Faria. - Bibliotecária da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.Cartas(3), 1959(3).

CUNHA, Major Luís da. - Colecionador *ex-libiris*. Cartas (1), 1948.

D

DA CAL, Ernesto (1915-1995). - Poeta galego. Cartas (1), 1964.

DAVID, Carlos. - Adido Cultural da Embaixada Brasileira na Bolívia. Cartas (5), 1960(4), s/d.

DEBROT, Marcel. - Professor FAFI/ UMG. Cartas (1), 1961, 1964.

D`ÉLIA, Mário. - Escritor, romancista, Franca, SP. Cartas (1), 1954.

DEODATO, Manuel. - Desconhecido. Cartas (1), 1961.

DONATO, Mário(1915-1992) - Jornalista e romancista paulista (Campinas). Cartas (1), 1943.

DOYLE, Plínio (1906-2000). - Escritor, membro da ABL. Cartas (2), 1960, 1971.

DOWNEY, Thomas E. - Secretário Executivo IBEU- RJ. Cartas (1), 1953.

DUNCAN, R.M. - Professor da Universidade Novo México, USA. Cartas (1), 1961.

DRUMMOND, Rita. - Bibliotecária IBEU- RJ. Cartas (1), 1955.

E

EDITORA GLOBO. Porto Alegre, RS. Cartas (1), 1968.

ESTEVES, Albino de Oliveira (1884-1943) - Crítico literário, teatrólogo, poeta e membro fundador da AML. Cartas (2), 1941(2).

ESTEVES, Manuel. - Colecionador *ex libris*. Cartas (1), 1954.

ETIENNE, João Arreguy Filho (1918- 1997) - Escritor AML. Cartas (1), 1947.

EULÁLIO, Alexandre (1932-1988) - Escritor, Diretor do INL. Cartas (3), 1960, 1962, 1963.

F

FARIA, José Escobar (1914- ?). - Poeta. Cartas (1), 1948.

FARIA, Soares de. - Escritor. Cartas (2), 1961(2).

FELÍCIO, Quixadá. - Jornalista cearense. Cartas (1), 1942.

FERRAZ, João de Souza (1903-1984) - Psicólogo e escritor. Cartas (4), 1947, 1948, 1957, 1963.

FERREIRA, Benedito H. - Leitor, SP. Cartas (1), 1953.

FERRUA, Pietro (1930-) - Escritor. Cartas (4), 1962, 1963(2), 1967.

FONSECA, Gondim da (1899-1977) - Escritor, especialista em Machado de Assis. Cartas (6), 1960(4), 1961,1971.

FORNARI, Ernan (1899-1964). - Dramaturgo, RJ. Cartas (1), 1939.

FÓSCOLO, Hugo. - Filho de Avelino Fóscolo. Cartas (3), 1959, 1960, 1964.

FREIRE, Aracy Muniz (1931-1958) - Diretora divulgação do ICBEU, RJ. Cartas (1), 1947.

FREITAS, Victor de. - Desconhecido. Cartas (1), 1959.

FROTA, Jr. - Desconhecido. Cartas (1), 1942.

G

GARAY, Benjamin de (?- 1973) - Poeta, tradutor. Buenos Aires, AR. Cartas (3), 1937, 1938(2).

GIL, A. - Poeta. Cartas (1), 1966.

GILDA. - Sobrinha de D. Noêmia Frieiro. Cartas (1), 1940.

GIUSTI, Roberto F (1887-1978) - Professor, Buenos Aires, AR. Cartas (2), 1964, 1967.

GOMES, Danilo. (1932) - Escritor, membro AML. Cartas (3), 1962(2), 1965.

GOMES, Eugênio (1897-1972) - Crítico literário, Bahia. Cartas (4), 1940(2), 1958, 1970.

GOMES, Francisco Alcântara. - Diretor da Faculdade de Filosofia, Guanabara. Cartas (1), 1963.

GOMES, Lindouro (1881-) - Poeta trovador. Cartas (1), 1957.

GRIECO, Agripino (1888-1973) - Escritor e crítico literário. Cartas (1), 1932.

GRIECO, Donatello. - Jornalista, filho de Agripino Grieco. Cartas (1), 1936.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur (1907-1987) - Filósofo, professor. Cartas (2), 1950,1957.

GUIMARÃES, Vicente (1906-1981) - Escritor, MG. Cartas (1), 1947.

GUSMÃO, Adauto Buarque de. - Professor. Cartas (2), 1963, 1964.

H

HANKE, Lewis. - Professor norte-americano. Cartas (1), 1959.

HORTA, Elizabeth Vorcaro. - Presidente da Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais. Cartas (1), s/d.

I

IVO, Ledo (1924) - Escritor membro da Academia Brasileira de Letras. Cartas (1), 1972.

J

JACKSON, W. M. - Editor de enciclopédia da Editora Jackson. Cartas (1), 1948.

JARDIM, Artur. - Desconhecido. Cartas (1), 1939.

JOSEF, Bella. (1926-) - Professora. Cartas (2), 1959, 1960.

LIMA, Sílvio Júlio Albuquerque (1895-1984) - Historiador, hispanista, professor. Cartas (3), 1949(2) 1950.

K

KELLY, Celso. - Diretor do Pen Club do Brasil, Rio de Janeiro. Cartas (2), 1956, 1958.

L

LAPA, Armando. - Filho do filólogo M. Rodrigues Lapa. Cartas (1), 1966.

LAPA, Manuel Rodrigues (1897-1989) - Filólogo e escritor português. Cartas (47), 1938, 1938 (3), 1941(1), 1948, 1952, 1955(3), 1956(2), 1958(2), 1959(4), 1960(3), 1963, 1964(2), 1965(3), 1966(4), 1967(3), 1968(6), 1969(3), 1970(2).

LACOMBE, Américo Jacobina (1909-1993) - Advogado, Historiador, Diretor da Casa de Rui Barbosa, RJ. Cartas (2), 1946, 1955.

LANGE, F. Curt (1903-1997) - Musicólogo. Cartas (9), 1947, 1951(2), 1952, 1953, 1955, 1957, 1969(2).

LEÃO, Ângela Vaz (1922) - Professora emérita da UFMG, Professora da PUC-MG. Cartas (1), 1961.

LEÃO, Antônio Carneiro (1887-1966) - Ensaísta, Educador, Prof. Universidade do Brasil, RJ. Cartas (1), 1956.

LESSA, Jair. - Historiador. Cartas (1), 1964.

LESSA, Orígenes (1903-1986) - Escritor. Catas (2), 1938, 1941.

LEMOS FILHO. - Desconhecido. Cartas (1), 1964.

LIMA, Abdias (1911-) - Escritor cearense. Cartas (5), 1956, 1957, 1958(2), 1968.

LIMA Júnior, Augusto de (1889-1970) - Escritor, Membro da AML. Cartas (2), 1940, 1941.

LIMA, José Pereira de. - Livreiro, RJ. Cartas (1), 1943.

LIMA, Augusto Sabóia (1894-) - Ensaísta. Cartas (1), 1939.

LIMA, Sebastião da Rocha.- Desconhecido. Cartas (1), 1959.

LINS, Ivan (1945) - Escritor, RJ. Cartas (6), 1941(2), 1956, 1960, 1962, 1964.

LINS, Miguel. - Advogado, RJ. Cartas (1), 1969.

LOPES, Carvalho. – Desconhecido. Cartas (1), 1961.

LUSO, João. [Pseud. de Armando Ense de Figueiredo] (1875-1950) - Jornalista, Escritor. Cartas (1), 1948.

LUBIN, Maurice A. – Escritor e crítico haitano. Cartas (1), 1956.

LUCAS, Fábio (1931) - Ensaísta, crítico literário, membro da AML. Cartas (2), 1970, 1971.

LYS, Edmundo [Pseud. de Antonio Gabriel de Barros Vale] (1899-1982) - Jornalista, contista, teatrólogo. Cartas (1), 1959.

M

MACIEL, Gualter Gontijo (1912- ?) - Escritor. Cartas (3), 1943, 1959, 1960.

MACINTOSH, Clifton B. - Editor americano. Cartas (1), 1950.

MAGALHÃES, Mário. - Médico sanitarista, escritor, ativista político. Cartas (1), 1940.

MAGALHÃES JÚNIOR, R (1907-1981) - Jornalista, escritor, membro da ABL. Cartas (4), 1957(2), 1958, 1960.

MAGNO, Paschoal Carlos (1906-1980) - Escritor, teatrólogo. Cartas (1), 1958.

MANCEBO, Júlio. - Editora Saraiva, SP. Cartas (1), 1961.

MARCOLINO, J. -Advogado, escritor. Cartas (1), 1965.

MARIA Aparecida. - Professora primária de Belo Horizonte. Cartas (1), 1962.

MARTINEZ, Amanda de. - Professora Argentina. Cartas (1), 1961.

MARTINS, Cristiano. - Tradutor. Cartas (1), 1957.

MARTINS, Heitor. - Professor UFMG. Cartas (3), 1961, 1965, s/d.

MARTINS, Therezinha Alves Pereira. - Professora UFMG. Cartas (1), 1962.

MASSENA, José Franklin de. [Dantas Mota] (1913-1974) - Poeta mineiro. Cartas (2), 1945, 1956.

MAUL, Carlos (1884-1971) - Escritor e poeta. Cartas (4), 1959, 1960, 1963, 1964.

MEDEIROS, Belmiro de. - Secretário de Aviação e Obras Públicas de Minas Gerais. Cartas (1), 1937.

MEIRA, Célio. - Crítico literário. Cartas (2), 1959 (2).

MELO, Lídio M. Bandeira de. - Advogado, escritor, Professor UFMG. Cartas (1), 1943.

MELLO, Camilo de. – Leitor. Cartas (1), 1949.

MELLO, Luiz Gonzaga (1942) - Escritor. Cartas (1), 1941.

MENEGALE, Heli (1903-1982). - Escritor, membro da AML. Cartas (1), 1966.

MEYER, Augusto (1902-1970) - Ensaísta, crítico literário, Diretor do INL. Cartas (2), 1942, 1956.

MIRANDA, Iesu. - Escritor. Cartas (1), 1964.

MONTELLO, Josué (1917-2006) - Jornalista, romancista, historiador, membro da ABL. Cartas (7), 1940, 1948, 1949, 1956, 1959, 1960(2).

MONTENEGRO, Joaquim Braga (1907-1979) - Escritor cearense, Rev. *Clã*. Cartas (1), 1946.

MORAES, Ivone Rodrigues. - Leitora. Cartas (1), 1961.

MORAIS, Antônio de.- Jornalista português, Jornal *A Voz de Figueira*. Cartas (1), 1954.

MORAIS, Aurino. - Ministro do Governo Getúlio Vargas. Cartas (1), 1934.

MOREIRA, Joaquim. - Jornalista português, Rev. *Portucale.* Cartas (1), 1955

MOREIRA, Vivaldi (1912-2001) - Escritor, membro da AML. Cartas (2), 1937, 1940.

MOTA, Walter Silveira. - Escritor, professor. Cartas (1), 1968.

N

NABUCO, João de Araújo (1914-?) - Escritor paulista. Cartas (2), 1941(2).

NASCENTES, Antenor (1886-1972) - Filólogo, tradutor. Cartas (1), 1960.

NAVARRO, Raúl. - Escritor argentino. Cartas (6), 1939 (5), 1943.

NEGRÃO, Odilon. - Diretor de Publicidade da Ed. Cultura Brasileira, SP. Cartas (3), 1935, 1936, 1937.

NEVES-MANTA, Inaldo de Lyra (1903-) - Médico, escritor. Cartas (2), 1963(2).

NIELSEN, Ruth. - Leitora. Cartas (25), 1964(10), 1965(7), 1967(5), 1968(3).

NORONHA, Manoel. - Poeta mineiro. Cartas (1), 1939.

NUNES, Cassiano (1921-2006) -Escritor, professor. Cartas (2), 1959 (2).

O

OLIVA, Meneses de. - Escritor. Cartas (1), 1958.

OLIVEIRA, Cândido Martins de (1896-1975) - Escritor, membro da AML. Cartas (7), 1944(4), 1967(1), s/d (2).

OLIVEIRA, José Nélson de Souza. - Leitor. Cartas (1), 1969.

OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek (1902-1976) - Presidente do Brasil, Senador. Cartas (2), 1957, 1971.

OLIVEIRA, Maciel. - Poeta mineiro. Cartas (3), 1948(2), 1953.

OLIVEIRA, Rubem. - Leitor. Cartas (2), 1938 (2).

OLIVEIRA NETO, João Camilo de (1904-1953) - Escritor, Historiador, Diretor do INL. Cartas (3), 1936 (2), 1946.

P

PACHECO, Armando Correia. - Hispanista, OEA, Washington DC. Cartas (2), 1954, 1964.

PADERSTEIN, Margarida. - Leitora. Cartas (1), 1948.

PAIVA, Mário Garcia de (1920-) - Jornalista, romancista. Cartas (1), 1966.

PASSOS, Vital Pacífico (1905-1960) - Escritor, lativista. Cartas (5), 1938(3), 1939 (2).

PATTEE, Richard -Professor, EUA. Cartas (1), 1963.

PEIXOTO, Francisco Inácio(1909-1986) - Escritor, MG. Cartas (1), 1962.

PEIXOTO, Silveira. - Intelectual, bibliógrafo. Cartas (2), 1940, 1941.

PENNA Jr, Affonso (1879-1968) - Escritor membro da Academia Mineira de Letras. Cartas (1), 1949.

PEREIRA, Britto. - Escritor, funcionário da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro. Cartas (1), 1943.

PEREIRA, José Renato Santos. Diretor do INL. Cartas (3), 1956, 1957(2).

PEREZ, José. - Editor. Cartas (2), 1941, 1942.

PIMENTA, Aluísio. -Reitor da UFMG. Cartas (1), 1965.

PIMPÃO, A. J. da Costa. -Professor, português. Cartas (1), 1955.

PILLA, Luís(1909-1980) - Diretor da Faculdade de Filosofia da URGS. Cartas (1), 1961.

PONCE, G. - Intelectual, jornalista, MG. Cartas (1), 1941.

PRATES, Newton. –J ornalista. Cartas (1), 1939.

PROENÇA, Edgard Campos. (1892-?) Jornalista, advogado, membro da Academia Paraense de Letras. Cartas (2), 1942, 1958.

Q

QUEIRÓS, Dinah Silveira de(1917-1982) - Escritora, membro ABL. Cartas (1), 1956.

QUEIROZ, Amadeu de (1873-1955) - Escritor, historiador. Cartas (1), 1939.

R

RACIOPPI, Vicente. -Historiador, diretor do Instituto Histórico de Ouro Preto. Cartas (1), s/d.

RAINHO, Cleonice (1919- ?) - Escritora, cronisrta.Juiz de Fora, MG. Cartas (1), 1970.

RAMOS, José Nabantino. - Diretor da Folha da Manhã, SP. Cartas (1), 1946.

REBELLO, Marques (1909-1973) - Escritor, RJ. Cartas (1), 1938.

RÊGO, Alcindo. - Escritor Teófilo Otoni, MG. Cartas (1), 1939.

REIS, Antônio Simões dos (1899-1980) - Escritor e bibliógrafo. Cartas (3), 1941, 1950, 1965.

REIS, Waldemar. - Pesquisador musical. Cartas (1), 1960.

RESENDE, Enrique de (1899-1973) - Escritor, Grupo Verde. Cartas (4), 1965, 1970, 1972(2).

REZENDE, Carlos Penteado de 1918-2003) - Historiador, editor. Cartas (2), 1950(2).

RIBEIRO, Walter Fontanelle. - Editor da revista Investigações. Cartas (1), 1949.

RIEDEL, Diaulas. - Presidente da Câmara Brasileira do Livro. Cartas (1), 1959.

ROBERTO, Antônio. - Leitor. Cartas (1), 1953.

ROBSON - Aluno grupo escolar em João Monlevade, MG. Cartas (1), 1954.

RODOLICO, Daniel – Editor da Revista Nosotros, Argentina. Cartas (1), 1940.

RODRIGUES, J. Martins - Jornal Folha da Manhã , SP. Cartas (1), 1942.

RONAI, Paulo (1907-1992) - Escritor filósofo, húngaro, radicado no Brasil desde 1941, sócio do Pen Club do Brasil. Cartas (3), 1953, 1955, 1960.

S

SALUM, Isaac Nicolau - Professor de Filosofia Romântica na USP. Cartas (1), 1972.

SAMPAIO, Newton (1913-1938) - Escritor, modernista, Paraná. Cartas (1), 1936.

SANCHEZ-SAEZ, Bráulio (1892-1978) – Ensaista, poeta, historiador, professor da USP. Cartas (19), 1941 a 1976.

SANTIAGO, Mietta - omancista, primeira mulher a exercer direito de voto no Brasil em 1924. Cartas (1), 1936.

SANTOS, Francisco César - Desconhecido. Cartas (1), 1968.

SANTOS FILHO, Pompílio - Poeta e jornalista, Piauí. Cartas (1), 1964.

SANTOS, Zulmira - Diretora do Grupo Escolar Eduardo Freire, Mato Verde, MG. Cartas (1), 1953.

SARAIVA & CIA - Editor. Cartas (1) s/d.

SARTRE, Micaela - Educadora e poeta, Buenos Aires, AR. Cartas (1), 1953.

SATURNINO, Elmo - Professor de Filosofia Românica e Língua Espanhola, escritor e poeta. Cartas (1), 1948.

SATURINO, Pedro (1883-1953) – Poeta, jornalista. Cartas (2), 1948 (2).

SAUL -Desconhecido. Cartas (1), 1960

SEABRA, Hernâni Campos - Escritor, SP. Cartas (5), 1943, 1947, 1948, 1951, s/d.

SENNA, Homero (1919-2004) - Escritor, jornalista, pesquisador, membro da ABL. Cartas (4), 1960, 1965(3).

SENNA, José Maria – Escritor, contista, enasísta, Cartas (2), 1942, 1948.

SILVA, A. M. Braz da - Crítico literário, Presidente da Academia Luso-Brasileira de Letras.

Cartas (1), 1947.

SILVA, Aristides Neves da - Bibliófilo. Cartas (2), 1949, 1953.

SILVA, Amauri Ribeiro da - Amigo pessoal, Porto Alegre, RS. Cartas (2), 1964(2).

SILVA, Figueiredo - Escritor, MG. Cartas (1), 1947.

SILVA, G. Agostinho da - Professor, Secretário do Centro de Estudos Filosóficos de Florianópolis, SC. Cartas (1), 1957.

SILVA, Hildebrando - Pintor açoriano. Cartas (1), 1938.

SILVA, Sebastião Affonseca e - Escritor mineiro. Cartas (1), 1944.

SIROTSKY, Nahum (1927) - Jornalista. Cartas (1), 1958.

SOIBELMAN, Lieb - Jurista. Cartas (1), 1961.

SOUSA, Colombo de (1920-1991) - Escritor jornalista, Curitiba- Paraná. Cartas (11), 1946(4), 1947, 1948 (2), 1953, 1961, 1968.

SOUZA, José Vargas de - Secretário de turismo de Poços de Caldas. Cartas (1), 1950.

SYLOS, Honório de (1901-?) - Historiador, jornalista, SP; Fundador da Casa Euclides da Cunha de São José do Rio Preto, SP. Cartas (1), 1946.

T

TEIXEIRA, Maria de Lourdes - Jornal Folha da Manhã, SP. Cartas (1), 1957.

TEIXEIRA, Osvaldo (1905-1974) - Diretor da Escola Nacional de Belas Artes, RJ. Cartas (1), 1942.

TRIBUNAL DE CONTAS DE MINAS GERAIS. Ao chefe da Divisão Tomada de Contas. Cartas (1), 1963.

V

VALLE, Rafael Heliodoro (1891-1959) - Bibliógrafo, México. Cartas (1), 1952.

VASCONCELLOS, Sílvio (?- 1979) - Historiador. Cartas (1), 1947.

VELLOSO, Artur Versiani (?- 1986) - Professor de filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Cartas (3), 1950, 1951, 1961.

VENTURA, Maria do Carmo - Desconhecida. Cartas (1), 1952.

VIANA, Mário Gonçalves - Psicólogo português. Cartas (3), 1964, 1965, 1966.

VIANNA, Hélio (1908-1972) - Historiador. Cartas (17), 1945 a 1970.

VILALVA, Mário (?-1942) – Poeta e crítico literário. Cartas (1), 1933.

VIOTTI, Cássio Abranches. - Jornalista e tipógrafo, Jornal Folha de Minas. Cartas (1), 1939.

VIQUEIRA, José Maria (1912-1982) - Professor lusitanista, espanhol, editor e filólogo. Cartas (2), 1959, 1960.

W

WITTKOWSKI, Victor (1909-1960) - Poeta alemão, refugiado em Porto Alegre, Brasil. Cartas (1), 1946.

ANEXO C - CARTAS ESCOLHIDAS

Transcrição, na íntegra, de uma amostra de cartas citadas em fragmentos no corpo da tese.

Belo Horizonte, 6 de Novembro de 1954.

Caro Brito Broca:

Li a "entrevista" do "inimigo de entrevistas", no Jornal de Letras. Antes de a ler, tive notícia dela numa roda de amigos. Eu estranhei: "Não é possível. Não dei entrevista a ninguém e não gosto de dar entrevistas literárias... Só dou entrevistas ao Brito Broca". Saíra no "Jornal de Letras", explicaram-me. E eu imaginei logo, como não era para menos, que Você a teria feito com recordações de conversas e elementos de meu "necrológio" em seu poder.

Saiu surpreendente e comovente. Você é um mágico (como devem ser os bons entrevistadores) e transformou-me como se eu fôsse realmente "uma boa praça" literária. Não podia imaginar que os meus dados biobibliográficos, ante-mortem, dessem alguma coisa muito viva.

Se eu não fôsse tão vacilante em tomar certas resoluções, a esta hora já eu estaria aí no Rio, de mudança por uns meses, quando nada. Ofereceram-me um lugar de rêlevo, uma função pública de grande projeção para um homem de letras, muito a meu gôsto. Aceitei, no primeiro momento. Uma hora depois, tendo pesado os pros e contras, dei o dito pelo não dito. Perdi, assim, a melhor oportunidade de me transferir para o Rio. Uma oportunidade de ouro. Estou meio arrependido. Digo mais, porque não saberia dizer, a frio, se fiz bem ou mal. Está escrito, morrerei na província, eu que o tolero mal e que, suponho, nada tenho de provinciano.

Entrarei de férias da Faculdade por êstes dias, mas estou preso agora nos trabalhos preparatórios de organização da futura Biblioteca do Estado. Ainda assim espero dar uma ou duas fugidas ao Rio entre dezembro e fevereiro.

Como vai a sua história literária? E o Carlos David?

Um abraço de seu agradecido.

[Sem assinatura]

Belo Horizonte, 14 de Janeiro de 1960.

Meu caro Gualter:

Recebi seu cartão de boas festas e auguro-lhe um ano novo dos mais felizes.

Li com agradável surpresa o seu trabalho para o "Jornal de Letras" sôbre o que Você chama a minha "vocação de clerc". Fiquei surpreendido e mesmo espantado (e que me acontece sempre que leio o meu nome na imprensa), mas naturalmente lisonjeadíssimo. Não há dúvida que tenho um panegirista - e um possível biógrafo - da melhor qualidade. Muitíssimo agradecido.

Está tudo muito bem dito e sumamente desvanecedor. Num ponto porém eu gostaria de esclarecê-lo, ou antes, de tocar em algo que podia ter sido lembrado. Não devo minha formação, nem meu estilo breve e enxuto, ùnicamente aos escritores espanhóis. Minhas leituras principais foram, e ainda são, de autores franceses. E os espanhóis da "geração de 98", que tanto li e estimei, eram afrancesados, como eu. Entre os franceses sempre preferi os moralistas e os ensaístas, em especial os de linhagem de Montaigne, La Rochefoucauld, La Bruyère, Chamfort, Voltaire, Diderot... Sou da geração dos que devoravam France, Remy de Gourment, Jules Renard... E li muito, muito, os grandes prosadores portuguêses do século XIX, Garrett, Herculano, Camile, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, e incomparável Eça.

A opinião que forma de mim mesmo como escritor não concorda com as dos meus críticos, pela maior parte muito lisonjeiros. Não é de admirar. Os críticos em geral não costumam ser muito agudos. Com razão disse Montherlant alguma vez que se impacientava com as interpretações que davam de suas obras sempre diversas, contraditórias e nunca de acôrdo com o seu modo de entender as próprias obras. Concluía: uma obra nunca é compreendida; é aceita.

Certa vez, o nosso inteligentíssimo Milton Campos, falando comigo a respeito de meus escritos, disse-me que eu era um moralista. Justo. Há tempos, um repórter literário de "Diário da Tarde" perguntou-me qual a minha vocação mais pronunciada - a de romancista ou de crítico? Tive vontade de dizer: a de romancista, mas pensei melhor e respondi:

-Nem uma, nem outra coisa. Eis o que sou, eu suponho ser: um moralista, antes de mais nada: um moralista que abandonou há muito a ética religiosa, um criticón (ao modo de Gracián) que observa os costumes e desejaria, sem esperanças, menos ruindade nos homens.

Bom, caro Gualter, já falei muito de mim. Espero com alvoroço a segunda parte do seu trabalho. Mas falemos de você.

Acho que Você deve aproveitar bem sua permanência aí para escrever e publicar o mais possível. Publique seus contos. Escreva um romance, se ainda não o escreveu. Aí é o lugar mais adequado ao escritor. Em Minas Você nunca se realizaria como escritor. Só me lembro de dois exemplos de escritores que, sem sair de Minas, alcançaram repercussão nacional enquanto viveram: Bernardo de Guimarães e Alphonsus de Guimaraens. Ambos ébrios habituais.

Por que tenho suportado a província? Por gôsto? Nada disso. Detesto-a. Tenho ficado aqui por inércia. Por falta de coragem de deixar um emprêgo modesto, e aventurar-me no Rio. E porque era arrimo de família, antes de casar. Depois, era tarde e não valia a pena. Por não ter podido libertar-me da província, considero-me frustrado como escritor. Não é pessimismo. É lucidez.

Abrace, caro Gualter, o seu velho

[Sem assinatura]

Belo Horizonte, 2 de Agôsto de 1962.

Prezado Alexandre Eulálio:

Cheguei esta manhã do Rio e não tive ocasião de passar pelo I.N.L. para lhe dar um abraço. Foi pena. Sôbre a minha mesa encontrei a carta que o amigo teve a complacência de me escrever a propósito das notas que publiquei na "Revista da Universidade" sôbre a imprensa em Minas. Encontrei também, em um interessante postal, o seu recado com uma pequena retificação àquela carta. Muito obrigada pela atenção, em verdade excessiva, que deu a um trabalho publicado sem maiores pretensões, ùnicamente para atender a um pedido de colaboração. Prometi dá-la e, chegando o momento de cumprir o prometido, à falta de coisa melhor, reuni três artigos esparsos de jornal, alinhavei-os o melhor que pude e mandei-os assim para a tipografia.

Agradeço-lhe também o envio de uma reprodução do artigo de José Teixeira Neves, que eu só conhecia de nome. Valioso, sem dúvida, para os que queiram interar-se do assunto.

Achei muito judiciosas as ponderações de sua carta, como não era para menos, e aceitáveis de todo o ponto de vista. Não sou historiador, meu caro Eulálio, mas me engano como qualquer um. Não sou historiador e até não tomo nenhum a sério (só até certo ponto), embora de vez em quando eu meta o bedelho em assuntos de história, como em tantos outros que porventura se prestem ao jornalismo literário, que pratico <u>pro pane lucrando</u>.

Quanto às <u>Vergastas</u>, agradeço o exemplar prometido para a Biblioteca Estadual, mas devo dizer-lhe honradamente que temos dois lá, na edição original, ambos em excelente estado e um dêles com a capa desenhada pelo Pompéia. Adquiri um na São José (o da capa) e outro na Brasiliana. A Biblioteca está cada dia melhor e ainda agora vem sendo enriquecida com a parte geral, a melhor, da biblioteca da Secretaria do Interior, que era a menina dos olhos do Capanema. E acabo de comprar boas coisas na nova Brasiliana, do Walter e Roberto Cunha.

Os versos "É bom que êstes velhacos" referiam-se a um Czar, seu chará? Para minha ojeriza de plebeu, que detesta todos os coroados e grandes dêste mundo êles ficam muito bem aplicados ao barbaças que foi nosso monarca.

Lamentando não o ter visto aí, para uma conversa longa, manda-lhe um abraço seu,

[Sem assinatura]

Belo Horizonte, 23 de Setembro de 1962.

Prezado Prof. Sánchez-Sáez:

Recebi com alegria a sua carta, que me trouxe de novo em amáveis palavras a presença do querido amigo com quem tive a ventura de passar algumas horas muito gratas nos dias do concurso Maria José de Queiroz.

O prazer de conhecê-lo pessoalmente, depois de logo contacto epistolar que mantivemos por tantos anos, veio robustecer e consolidar a grande estima que sempre lhe consagrei. Não tendo tido o prazer de o conhecer antes, eu imaginava com as qualidades pessoais de um espanhol inteligente, cortês e discreto, inclinado por índole às boas relações de amizade e à melhor camaradagem literária. Devo confessar, todavia, que de lo visto a lo pintado (ou imaginado), o caro amigo Sánchez-Sáez saíu ainda ganhando, pela fidalga lhaneza da presença e fina cortesia do trato.

Creia que nos deixou encantados aos três – a mim, a minha mulher e a Maria José, que consideramos incorporada honoris causa a nossa casa.

Lamentamos – os três – ter sido tão breve a sua permanência entre nós.

Maria José ficou um tanto amargurada com as notas 8 e 9, que lhe deu o José Casais. Crê que foi injusto, ou demasiado rigoroso, e não é outra a opinião dos que assistiram ao concurso.

Agradece-lhe (pois mostrei-lhe a sua carta) ter-se lembrado dela e espera a sua prometida carta para lhe escrever.

Minha mulher, grata aos seus cumprimentos, recomenda-se ao prezado amigo, e eu lhe deixo aqui o mais cordial dos abraços.

Afetuosamente,

[Sem assinatura]

Belo Horizonte, 22 de Janeiro de 1964.

Caro Professor Ernesto da Cal:

Recebi seu belo livro de poemas Rio de Sonho e Tempo, com honrosa dedicatória e acompanhado das amáveis palavras de seu cartão. Muito e muito obrigado pela grande gentileza.

Li imediatamente os seus poemas em galego, a língua que primeiro ouvi – a de minha mãe e meu pai, a doce língua de Rosália e a varonil de Pondal e Curros Enriquez. E foi nas Folhas novas (lidas por puro acaso na Biblioteca Municipal daqui) que eu senti, verdadeiramente, o choque da Poesia. Só muito depois eu teria outro choque poético igual, êsse causado pelo goethiano Antonio Machado. Tocava-me Machado, não já o meu coração vagamente lírico de galego, mas espírito inclinado aos devaneios existencialistas, os machadianos "bostezos de Salomón".

Li logo o seu caderno de poesias, e da leitura de "Broadway, very late", rica de lirismo e humour, me quedou na retentiva a imagem do Poeta compostelano, "sonámbulo, sorumbático e lunático", desorbitado, a caminhar só, às tantas da madrugada, na fantasmal, quase irreal, tentacular Nova York. Como pôde chegar ali, como pode estar ali?

Mas afinal
se o pensarmos
sempre se vive como edra
apegado a calquer pedra

E em qualquer parte estamos, sós, inevitàvelmente sós, e como vendidos, sem explicação possível, num mundo sem sentido.

Quê calafrío
ser home!

Concretamente, com referência a Kriterion, seu último número foi o 57-58, XIV, 1961. Jubilei-me na Faculdade de Filosofia e já não me ocupo com a revista. Até fevereiro sairá um número, o 59-60, e ainda êste ano mais outro. Não deixará de os receber.

Almoçamos ontem, minha mulher e eu, com o casal Rodrigues Lapa, da nossa maior amizade. Motivo especial: aniversário da senhora Lapa. Seguem para Portugal no primeiros dias de fevereiro próximo. Tencionam voltar em novembro. O casal dá-se muito bem no clima temperado de Belo Horizonte.

Abrace o seu admirador e muito amigo, às ordens
[Sem assinatura]

Belo Horizonte, 21 de Novembro de 1964.

Ruth Nielsen:

Estou em falta involuntária com a minha distinta correspondente, cujas interessantes cartas muito prezo e das quais não quero ver-me privado por minha culpa. Não houve extravio de carta minha, uma vez que deixei sem resposta a sua penúltima. É que estive hospitalizado uns dias em razão de um incômodo próprio de pessoas de minha idade. Já estou em franco restabelecimento e em condições de poder reatar a nossa correspondência, para mim gratíssima.

Muito me lisonjeou que tenha gostado dos meus dois livros de crítica. Devo entretanto dizer-lhe que não me considero crítico, nem com vocação para tal, embora tenha feito crítica de obras de atualidade através da imprensa, durante anos, não por gôsto pròpriamente, mas por obrigação, pro pane lucrando. Gosto muito de crítica como gênero literário, é certo, gosto mesmo muito, mas a verdade é que não tomo os críticos muito a sério.

Nos críticos agrada-me, não a sempre duvidosa solidez ou validez dos seus juízos estéticos, mas a intuição de que por vêzes dão provas, a agudeza de suas aproximações, dos seus à peu près. Nota um mestre espanhol da crítica e da história literária, Dámaso Alonso, em seu livro "Del siglo de oro a este siglo de siglas", que há em nossos dias muitos homens que estão embarcados numa grande aventura: a de chegarem ao conhecimento poético da obra literária. Grande e incerta aventura, em tôrno de um problema muito sério. Os homens têm conhecimento próprio da obra de arte: a intuição, a intuição do leitor; a de crítico também; a de crítico duplamente intuitivo: como receptor da obra de arte e como expositor de suas impressões. Com isto deixa entender Alonso que o intente atual de "conhecimento científico" é radicalmente distinto do conhecimento da crítica. O problema cifra-se no seguinte: a obra de arte, cognoscível de modo direto pela intuição, poderia ser também objeto de um conhecimento científico? Muito se tem agitado a questão. Crê Alonso que há um limite que só a intuição sobrepassa. Reconhece porém a existência de amplas zonas ou modos da obra artística abertos à investigação científica. Tal investigação cabe à Estilística, que, digam o que disserem certos venturosos otimistas (palavras do próprio Alonso), não passa de ser uma ciência em preparação. Caso venha a constituir-se, poderá confundir-se com a Ciência da Literatura, que por ora não existe. Em uma palavra: a obra literária é uma grande desconhecida e só agora despertam na Humanidade ânsias novas de lograr o seu conhecimento.

Concordo com o que me diz acerca de Machado. Quantas incompreensões no que se tem escrito a seu respeito! Sobretudo quando buscam explicar a obra pelo homem. O que principalmente se tem esquecido é que se trata antes de nada de um "moralista" no sentido de perscrutrador (sic) da conduta humana, de um fixador de "caracteres" à la Bruyère. O que disse o Grieco, aquilo de que era um "céptico sem filhos que só legou sarcasmos e dúvidas aos seus filhos dos demais..." é, ao contrário, o juízo de um moralista no sentido vulgar da palavra, um moralista de sacristia, com perdão da muita admiração que em geral me merece mestre Grieco. Que tem que ver a existência ou não de filhos, elementar ato biológico, com a cosmovisão de um pensador? Ter ou não ter filhos explica acaso o pessimismo ou o otimismo do Eclesiastes, de Heráclito, Epicteto, Luciano, Schppenhauer ou Nietzsche?

Quanto a João Ribeiro, citado por Mário Matos no livro a que me referi, acerta no dizer que Machado é anti-cristão, no sentido da negação de tôda caridade. Efetivamente o era, ao menos em princípio, mas talvez diagnosticasse o egoísmo por horror a êsse sentimento fundamental no bicho-homem. Era afinal um moralista da estirpe de La Rochefoucauld, Chamfort, Swift, Stendhal, no sentido dos "psicólogos" que o misocristino Nietzsche tanto estimava. E daí? Era alguém que não queria atribuir ao lôbo as virtudes do cordeiro.

Disse-me ter gostado do meu artigo sôbre o livro "À procura de Deus". É porventura uma agnóstica, como eu o sou? Noto pelo que me escreve e algumas de suas leituras que é um espírito desempoeirado, liberto de certas teias de aranhas comuns na mulher. Em verdade, só assim, suponho seria possível o diálogo que temos mantido.

E espero continui. Escreva.

Muito cordialmente,

[Sem assinatura]

Belo Horizonte, 10 de Dezembro de 1964.

Ruth Nielsen:

Antes de sua última carta, já eu tinha pouca dúvida de que fôsse possível um diálogo cordial entre nós acêrca do modo de entendermos a vida e a literatura. Agora, tenho a certeza. Vamos pois continuá-lo nos melhores termos de compreensão recíproca, se for de seu agrado, como é do meu.

Creio que a forma e as propensões de seu espírito, seus gostos literários e as linhas gerais de seu pensamento afinam bem com a minha maneira geral de entender as coisas, assim como compreendo perfeitamente que não encontrem fácil acústica da parte da maioria das pessoas de seu conhecimento, especialmente as do seu sexo e tratando-se de gente nossa. Suas inclinações nesse particular são antes, verdadeiramente, mais próprias de mulher européia.

Citou-me La Rochefoucauld. Vejo que o lê com estimação. Escrevi certa vez: "Se me perguntassem que obra célebre eu desejaria ter escrito, responderia: as Máximas de La Rochefoucauld". Quase diria que os autores de minha maior predileção são os moralistas: Gracián, La Rochefoucauld (naturalmente), La Bruyère, Chamfort, Nietzsche, Machado de Assis...

Nossas simpatias literárias coincidem em muitos pontos. Fui leitor de Schopenhauer, que troquei logo pelo discípulo Nietzsche, do qual fui leitor devotíssimo. Curei-me de Nietzsche como quem se cura de febre necessária. Li com gôsto Renan, Flaubert e Stendhal, principalmente o Stendhal da "Vie de Henri Brûlard" e de "Souvenirs d'Egotisme". Li todo o Anatole France (então bem vivo) e todo Jules Renard. E Verlaine, Rimbaud e Baudelaire, com amor. Voltei-me depois para os relativistas, perspectivistas e cépticos, e para Shaw, Pirandello, Gide (com reservas), Valéry, Benda, Léautaud (detestável sujeito mas grande prosador), para Bertrand Russel e Marx, para Jouhandeau, Sartre, Cioran... De espanhóis li uma quantidade enorme de medievais, clássicos e modernos, especialmente os de famosa "geração 98". Li-os por gôsto e por obrigação professoral. E, é claro, os hispano-americanos. Sem falar nos portuguêses, com os quais apurei a língua, e nos brasileiros, preferidos sempre os de correto elóquio.

Sou um herege total. Antidogmático em filosofia, em política, em estética e no resto. Penso que ter opinião é preferir enganar-se nem certo sentido. Desde muito moço, o problema religioso deixou de existir para mim, considerado daí em diante apenas como fenômeno cultural. Li, cedo, os materialistas dos séculos XVIII e XIX. Preciso dizer-lhe que Voltaire é

para mim, sempre, "Le dieu Voltaire"? "Candide" é um livrinho que eu coloco ao logo ao lado do "Dom Quixote", "manuais de indulgência, bíblias e benevolência", ambos, no dizer de A. France.

Acusam-me de cepticismo. Não posso dizer-me pròpriamente um céptico. Sou antes um discípulo de Pirro. Pirrônico e acataléptico, eis o que sou, como de si mesmo dizia o sábio João Ribeiro. Por falar no mestre, é acaso ribeiriana? Gostaria que fôsse. Já leu "Floresta de exemplos"? É um livrinho que poderia ter sido escrito por Lemaître ou A. France.

Concordamos também em algumas antipatias. Na ojeriza total ao rádio e à televisão, por exemplo.

Perdoe-me que eu tenha falado complacentemente de mim mesmo. É quase inevitável nos egotistas da minha marca. Egotista que se despreza um pouco, é bem verdade.

Agradeço-lhe o interêsse pela minha saúde, que está quase normal, e apresento-lhe os meus votos de alegre Natal e feliz ano novo.

Muito cordialmente,

[Sem assinatura]

Belo Horizonte, 6 de Fevereiro de 1967.

Ruth Nielsen:

Li o ensaio de Sartre, Flaubert: du poète à l'artiste, em "Les Temps modernes" de agôsto-set.-outubro de 66. Ensaio fascinante, como tudo o que é Sartre, dentro das idéias diretrizes do pensamento dêsse escritor um tanto exotérico. Leia-o e certamente gostará, embora no final se sinta meio defraudada.

Li o seu trabalho, como lhe escrevi, e torno a repetir-lhe que me agradou, sem intenção crítica. Não faça muito caso da minha opinião crítica, nem da de qualquer outro. Guie-se pela sua: a única que costuma prevalecer é sempre a do próprio autor. Não é demasiada presunção, não o é de modo algum, pensar em reunir um punhado de escritos seus e publicá-los em livro. Por que não? É difícil encontrar quem os publique? Escreva-os primeiro e depois pense no assunto.

Vá escrevendo, sem pensar muito onde e como publicar. Um ensaio das dimensões do seu sôbre Flaubert não acha fácil guarida em publicações como o "Jornal das Letras", e quem não tem boas relações com gente das letras costuma ter dificuldades para aceitação de seus escritos. Num caso como o seu o melhor é reunir vários trabalhos e imprimi-los em livro. É o que muitos fazem e foi o que fiz quando comecei a escrever. Publiquei meu primeiro livro em 1927 e eu já passava dos trinta anos. Antes dos trinta não me passou pela cabeça a idéia de escrever. Se me houvessem dito: "você ainda escreverá muitos livros", eu sorriria, incrédulo. Publiquei meu primeiro livro à minha custa, quase em segrêdo, e com surpresa das pessoas que me conheciam, que ademais não suspeitavam em mim quaisquer veleidades literárias, embora me soubessem leitor infatigável e de boa formação letrada. O livro foi bem recebido pela crítica e eu continuei a publicar livros, porque só o livro, verdadeiramente me interessava. Isto durante uns oito anos, até que me deixei empolgar também pela colaboração literária em jornais, o que fiz, até há bem pouco, sem parar. Escrevi uma enormidade de artigos assinados, nas dimensões de pequenos ensaios, durante cerca de trinta anos. Graças a êles (e não aos meus livros) tornei-me conhecido aqui na província por parte de um público bastante extenso. Nunca fiz nada para conquistar a popularidade. Nunca escrevi nenhum livro pensando em êxito de público. Sempre pensei em escrever o que bem me aprazia, esperando ser lido antes de nada pelos meus pares. Orgulho? Timidez? Certo niilismo masoquista? Tudo isso e algo mais do que isso.

Compreendo bem as suas reservas quanto ao desejo ou necessidade de escrever. Não se atormente, porém; escreva. Suponho que, para seu tipo intelectual o principal é escrever.

Claro que quem escreve quer ser lido, ainda que seja por um público de asnos, como pedia Nietzsche. E o exasperado Nietzsche quase não os teve, em vida. Suas obras, apesar da densidade de pensamento e de seu grande valor literário, caíram umas atrás das outras no abismo do silêncio que reinava em redor do poeta filósofo. Não havia na Europa de então um só homem que o compreendesse. Faltou ao grande orgulhoso o bálsamo mais eficaz da alma – a vitória. Com tôdas as fôrças da alma o desejou. Em vão. Passeando um dia pelas ruas de Zurique, parou diante de uma vitrina de livreiro e viu as obras de um poeta medíocre e popular que ostentava uma faixa: 388 milheiro. Pensou com amargura no seu destino de escritor. Depois de longas negociações com editôres, teve de imprimir por sua conta a última parte de "Assim falava Zaratustra", numa tiragem de quarenta exemplares – quarenta apenas - dos quais ùnicamente sete encontraram destino, a irmã, que o admirava, e amigos de inteligência superior, que o estimavam, mas não o compreendiam e um dêles não dissimulava mesmo o enfado que tais leituras impostas lhe causavam. Nietzsche só começou a ser lido e interpretado, por G. Brandes e raros mais, quando já a sua mente falhava, alterada pela paralisia progressiva que lhe tiraria a razão.

Porque um exemplo tão singularmente alto, como o de Nietzsche? Não se trata de invocar tais exemplos, mas simplesmente de não fazer demasiado caso da opinião alheia. Que valem opiniões? Podem valer muito e não valer nada. Todo escritor é confiado e ao mesmo tempo desconfiado de seu próprio trabalho, a menos que seja um satisfeito nato com tudo o que o epíteto tem de pejorativo. Com quer que seja, em primeiro lugar está a necessidade de escrever, que é semelhante à de conversar. Faltam às vêzes interlocutores? Resta o prazer solilóquio.

Brito Broca? Não calcula até que ponto eu o estimava. Era o único homem de letras que eu procurava no Rio, nas minhas fugas até lá. Encontrava-me com outros, às vêzes, mas só acidentalmente. Vários motivos havia para nossa amizade. O primeiro era que Brito se referia a mim e aos meus livros, com bastante freqüência, nos jornais em que colaborava. Referências amáveis, sempre, como estava nos seus hábitos de courrièriste literário. Depois porque êle só encontrava prazer em conversar a respeito de literatura. Nada o fascinava mais. Literatura, só literatura e toma literatura. Ervada a conversa, aqui e ali, de alguma perfidiazinha, de algum epigrama alvojando confrades. Tínhamos quase a mesma formação literária, marcadamente francesa, o mesmo gôsto eclético, a mesma curiosidade universal por temas de história e crítica, igual inclinação para o ensaio, a informação variada etc. Falávamos e falávamos. Isto é, falava êle, incansávelmente, encantado de encontrar um interlocutor complacente. Não falava de mulheres (a não ser para contar alguma anedota

picante, alheia), nem amores e aventuras próprias. Não freqüentava cabarés, boîtes, reuniões, festas, e outros lugares où l'on s'ennuie. Eu também não. Deixava a minha mulher no desvio, quando o procurava. Ela não agüentava conversa literária por mais de trinta minutos.

Morava num hotel de terceira ou quarta ordem, lá para o lado da Central do Brasil. Dormia durante o dia. Às seis e meia da tarde aparecia na sucursal de "A Gazeta", ali à Praça Mahatma Gandhi. Entregava a sua tarefa, apanhava a correspondência, dava uns dedos de prosa com os presentes e saía para o jantar, quase sempre ali perto da Lapa. Nessa hora eu o procurava. Ultimamente, jantava no restaurante do "Correio da Manhã", onde colaborava e ajudava o Conde a fazer a sua secção "Escritores e livros". Depois do jantar, não raro, passava pela Biblioteca Nacional para as suas pesquisas. Em casa, trabalhava até a madrugada e, terminada a tarefa, dormia pelo dia todo. Nos últimos anos, colocou-se no Instituto Nacional do Livro como redator da "Revista do Livro", devendo-se a êle vários dos números publicados. Sábado era seu dia, ou a sua noite. Noite de catársis, do alívio dos recalcamentos psíquicos. Noite da bebedeira. Bebia cerveja até emborrachar-se no bar Central do Brasil, ou no Lamas, Catete. Nos outros dias, nada bebia.

Alto, esbelto, bem apessoado, com um tique no falar (pois levava sempre a mão à altura da bôca), não se descobria nele, fàcilmente, o tipo morfológico do corydon. Havia, sim, qualquer coisa que não enganava as mulheres; sim, as mulheres mais sensíveis, creio, a certos sinais. Para a minha mulher, por exemplo, não podia haver dúvida. Levei anos até ouvir boquejar coisas vagas a êste respeito.

Era um sujeito polido, discreto e decente. Escrevia bem. Infelizmente, deixou apenas começada a obra que certamente nos teria legado, truncada que foi num brutal acidente. Quem o conhecia bem era o acadêmico Peregrino Júnior, seu amigo e médico dedicadíssimo.

Parece que chega por hoje, Ruth Nielsen.

[Sem assinatura]

Belo Horizonte, 2 de Maio de 1968.

Ruth Nielsen:

Recebi suas cartas de 22 de fevereiro e 11 de abril. Não receio que se haja extraviado alguma, o que eu teria de lamentar. Estive fora duas semanas em Poços de Caldas, uns dias no Rio e outros em São Paulo. Minha mulher e eu gripamos no Rio. Fugimos para São Paulo, mas o frio, apertando lá, afugentou-nos para cá, onde a temperatura estava também declinando. Daí o meu atraso em responder-lhe. Não faço caso, espero que me desculpe. Sou às vêzes relapso.

Aprecio, pode crer, a sua formação intelectual européia, cem por cento. Tenho até certo ponto o mesmo vinco. Houve tempo em que eu lia quase ùnicamente autores portuguêses, franceses, italianos e espanhóis. Graças aos pendores hispanizantes, é que alcancei a cátedra de Literatura Espanhola e Hispano-Americana na Faculdade de filosofia da U.M.G. Mas os assuntos brasileiros, e notadamente mineiros, não deixaram de me empolgar quando comecei a escrever. E, como já lhe disse, comecei tarde.

Gosto de História (sem tomar muito a sério), mas meu entusiasmo não é para as velharias. Apesar de velho, gosto de novidades, sou curioso do "vient de paraître". Por isso, e porque o livro está caríssimo, leio hoje principalmente revistas européias e americanas, revistas sérias, entenda-se, de estudos e atualidades literárias, sociológicas, políticas, etc. Durante alguns anos, fiz comentários de livros novos pela imprensa. Não por gôsto, mas por obrigação, porque me pagavam para isso. Andava então em dia com a literatura nacional da atualidade. Depois deixei essa tarefa aborrecida e há muito não acompanho as nossas novidades literárias.

Depois de ser leitor de Sartre, desde 1938 ou pouco depois, fascinado pelo seu existencialismo ateu, estou agora lendo, com muita curiosidade os estruturalistas franceses- Cl. Lévi-Srauss, Foucault, Lacan...

Louvo o seu gôsto pelos escritores claros e enxutos, franceses sobretudo. O mesmo se dá comigo. Houve tempo em que Maupassant era um dos meus prediletos. Li-o todo, todinho. Está agora muito esquecido na cotação literária. Injustiça. Ainda o considero mestre sem igual do conto em França.

Até a próxima carta. Muito cordialmente,

[Sem assinatura]

ANEXO D - FOTOBIOGRAFIAS

Belo Horizonte, 14 de Dezembro de 1940.

Prezado Carlos Drummond:

Meus agradecimentos pela sua visita, no São Lucas. Embora não de todo reposto dos dois desastres abdominais que sofri, vai para três meses, acho-me agora em via de restabelecimento. Com alguns remendos e duas peças de menos, espero estar circulando novamente nos princípios de 1941. Mas não tenho muita pressa de reentrar na vida civil, e parece-me até que ouço uma voz dizer dentro de mim, parafraseando (sempre a literatura!) o título de um romance recente: -- Olha para o céu, Friciro!

Não é a voz do meu anjo da guarda. Nem se trata do céu dos cristãos, mas do outro, o dos poetas, isto é, o céu azul da extinta corporação dos poetas da natureza.

Olhar para o céu é o que por ora me convém. Para quem como eu se acha de barriga furada e é por êsse motivo obrigado a passar a maior parte do tempo em decúbito dorsal, nada mais convinhável que a atitude contemplativa que nos oferece mais contentamento num raio de sol do que nas materialidades do mundo.

Enfim, a doença pode ter esta compensação: a de ser um estado particularmente favorável à receptividade poética. Não podia pois ter-me chegado às mãos em momento mais propício o seu Sentimento do Mundo. E fiquei naturalmente muitíssimo penhorado por ver-me incluído entre os happy few contemplados com um exemplar.

Obrigadíssimo, e mande quanto queira no

Seu muito cativo

Friciro

N. 045186

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

PASSAPORTE
PASSEPORT

Portador—Porteur

Assinatura do portador — Signature du porteur



FOTOGRAFIA

Assinatura da espôsa — Signature de sa femme

FME

FEDERAÇÃO MINEIRA DE FUTEBOL

Nome: EDUARDO FRIEIRO

Redação do Minas Gerais



Eduardo Frieiro
Ass. do Portador

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO
Redação do "Minas Gerais"

O Sr. Eduardo Frieiro

pertence a esta redação.

Belo Horizonte, 5 de Abril de 1943.

Diretor da Imprensa Oficial e redator-chefe do "Minas Gerais"

Diploma

Comenda Abílio Barreto

O Presidente da Associação Beneficente Tipográfica (ABT), no uso de suas atribuições, lendo em vista o disposto na Lei, e de acordo com a proposta do Conselho da Comenda Abílio Barreto, confere a Eduardo Frieiro

como testemunho de seu trabalho para o crescimento da sociedade e exemplo de dignidade no exercício da cidadania.

Belo Horizonte, aos 18 de dezembro de 2000.

Presidente — 1º Secretário — Diretor

A CARTEIRA PROFISSIONAL

Por menos que pareça e por mais trabalho que dê ao interessado, a carteira profissional é um documento indispensável à proteção do trabalhador.

Elemento de qualificação civil e de habilitação profissional, a carteira representa também título original para a colocação, para a inscrição sindical e, ainda, um instrumento prático do contrato individual do trabalho.

A carteira, pelos lançamentos que recebe, configura a história de uma vida. Quem a examinar, logo verá se o portador é um temperamento sequestado ou versátil; se ama a profissão escolhida ou ainda não encontrou a própria vocação; se andou de fábrica em fábrica, como uma abelha, ou permaneceu no mesmo estabelecimento, subindo a escada profissional. Pode ser um padrão de honra. Pode ser uma advertência.

(a.) Alexandre Marcondes Filho.

MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO
DEPARTAMENTO NACIONAL DO TRABALHO
SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Carteira Profissional

Série 492

Número 49843



POLEGAR DIREITO

Assinatura do portador

Universidade Federal de Minas Gerais

A Congregação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais confere o título de Professor Emérito ao Professor Doutor Eduardo Frieiro pelos relevantes serviços prestados nesta Instituição e pela sua contribuição aos estudos mineiros.

Belo Horizonte, 20 de abril de 1978

Profa. Léa M. Renault de Castro Silva
DIRETORA DA FACULDADE DE LETRAS

Prof. Celso de Vasconcellos Pinheiro
REITOR

Redacção do MINAS GERAES

O Sr. Eduardo Frieiro

pertence a esta redacção.

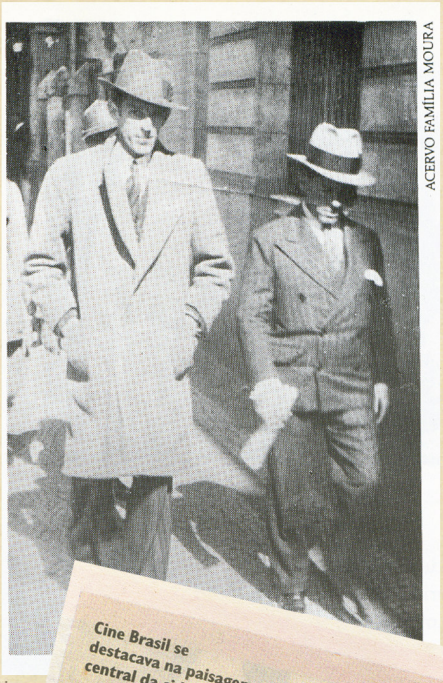
Bello Horizonte, 1 de Agosto de 1932

pelo DIRECTOR.



ASSIGNATURA.

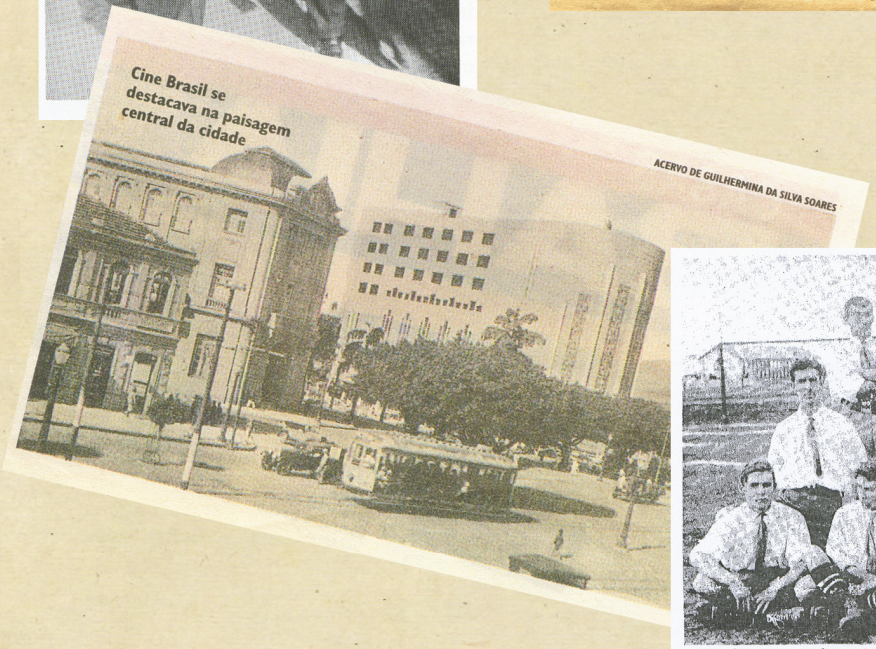
Eduardo Frieiro



ACERVO FAMÍLIA MOURA



Logo após o casamento



Cine Brasil se destacava na paisagem central da cidade

ACERVO DE GUILHERMINA DA SILVA SOARES



Eduardo Frieiro, quando jovem, integrando a briosa equipe do Esporte Clube. Ele é o segundo da esquerda para direita, sentado ao chão.



Frieiro recita para "Monoculo" os versos de Francis James: "O! mangeons bonnet de l'homme. Rire bete"

CONVERSANDO COM EDUARDO FRIEIRO, CRITICO E AUTODIDATA

UMA entrevista com o crítico mineiro Eduardo Frieiro tem que ser arrancada a bofetão. É coisa sabida que o mineiro fala pouco e raramente. Geralmente ele prefere escrever, pesando o pensamento antes de pô-lo em circulação. E é isto o que acontece com Frieiro, que é, sob esse ponto de vista, o mais mineiro de todos os mineiros. Daí a dificuldade para conseguirmos arrancar alguma coisa de sua vida, que sabíamos interessante, pois é ele um autodidata que viveu como um homem, inteiramente apartado das rodas intelectuais, até certo dia em que, quando surgiu com o seu primeiro livro, revelando-se a muitos daqueles que o conheciam mais de perto. Foi o tipo do intelectual puro até essa época, quando, como ele próprio conta, saiu ao "encalço" do movimento literário do país.

Encontramos Eduardo Frieiro na "Livraria Rex" e lavrou ali mesmo o pedido de uma entrevista para VAMOS LÊR! Queríamos que ele narrasse um encontro em sua casa.

— Qual, meu amigo — respondeu-nos o artista. É impossível. Em minha casa tenho um cão que é especialista em afugentar repórteres. Nem deve procurar-me. Mesmo porque não tenho nada que possa interessar.

Apesar das escusas do escritor mineiro, uma manhã subimos a rua do Ouro, uma rua íngreme no espinhaço do morro, de onde se olha o cemitério do Bonfim, lá em baixo, e esconde-se terra e dentro, humildemente, com as suas cruzinhas brancas pintando pedaços de giz espetados no solo.

Batemos no n. 358 e Frieiro mesmo veio abrir o cadeado do portão. Ao seu lado um cão sem raça ladrava medrosamente, olhando para o dono como a pedir permissão para se manifestar.

Olhavamos desconfiado e fomos entrando manso, devagarinho, com medo, pois bem que lêramos prevenidos.

— Não tenho receio da Mondaine, explicou o seu dono. É" manso. Não ataca nem os gatos dos vizinhos. Além disso ele conhece os intelectuais a distancia e tem por eles um respeito fóra do comum.

Já dentro de casa, Frieiro ainda instalia em que era sujeito desconcertante, dizendo:

— Afinal, você quer mesmo uma conversa comigo para VAMOS LÊR!?

— Em que posso interessar os leitores dessa simpatica revista? Em nada. Ignoram totalmente a minha existencia. Não sou um "crack" de palanio, nem pastor de sambas, nem "estrela" de radio, nem ao menos poeta e romancista festejado.

O escritor precisa, acima de tudo, da consideração dos seus pares — Quer voltar a ser unicamente leitor — Desejaria escrever as "Maximas" de La Rochefoucauld — "Um campo de concentração para livros" — Declamando a um cão, versos de Francis James — "Monoculo" é, tambem, um intelectual — Tirou um só retrato e, esse — mesmo, na policia —

Reportagem de Milton Padrosa

(Especial para VAMOS LÊR!)

O ESCRITOR PRECISA, ACIMA DE TUDO, DA CONSIDERAÇÃO DOS SEUS PARES

— Não é bem isto — discordamos. E que os escritores da provincia precisam de reprovação na capital literaria do país. Precisam ser conhecidos por um publico mais extenso.

— Está, provavelmente, certo — respondeu Frieiro. Mas eu penso que o escritor precisa, acima de tudo, da consideração dos seus pares. Em segundo lugar vem o audiencia do publico. Não falo bem ou vil dos que escrevem, principalmente com fins alimenticios e comerciais. Esses precisam de publico para os seus produtos. Bem deduzir nessa operação é estimavel classe de homens de letras, devo dizer, que pertenço a outra, nada pratica e muito contemplativa. Isto é, pertenci... Já não pertenço.

O escritor mineiro folheva marguilhando os dedos nos pálios brancos de "Monoculo", que se estregava nas suas pernas.

— Como já não pertence? perguntamos.

— Eu explico. Até os trinta anos, eu fui unicamente leitor, grande consumidor de prosas e versos. Nunca, até esse altura

da vida, me passara pela cabeça a idéia de escrever, fosse proxima da de escritor. Ora tipografo. Haverá dez anos, inopinadamente, com surpresa dos meus amigos mais intimos, escrevi um livro: "O Club dos Grafomanos". A seguir publiquei mais dois ensaios: "A Ilusão Literaria" e "O brasileiro não é triste," e dois romances: "O Manuelzão Boaventura" e "O Cabo Tormentas", todos essas publicações em tiragens diminutas.

QUER TORNAR A SER LEITOR... MAS DESEJARIA ESCREVER AS "MAXIMAS" DE LA ROCHEFOUCAULD

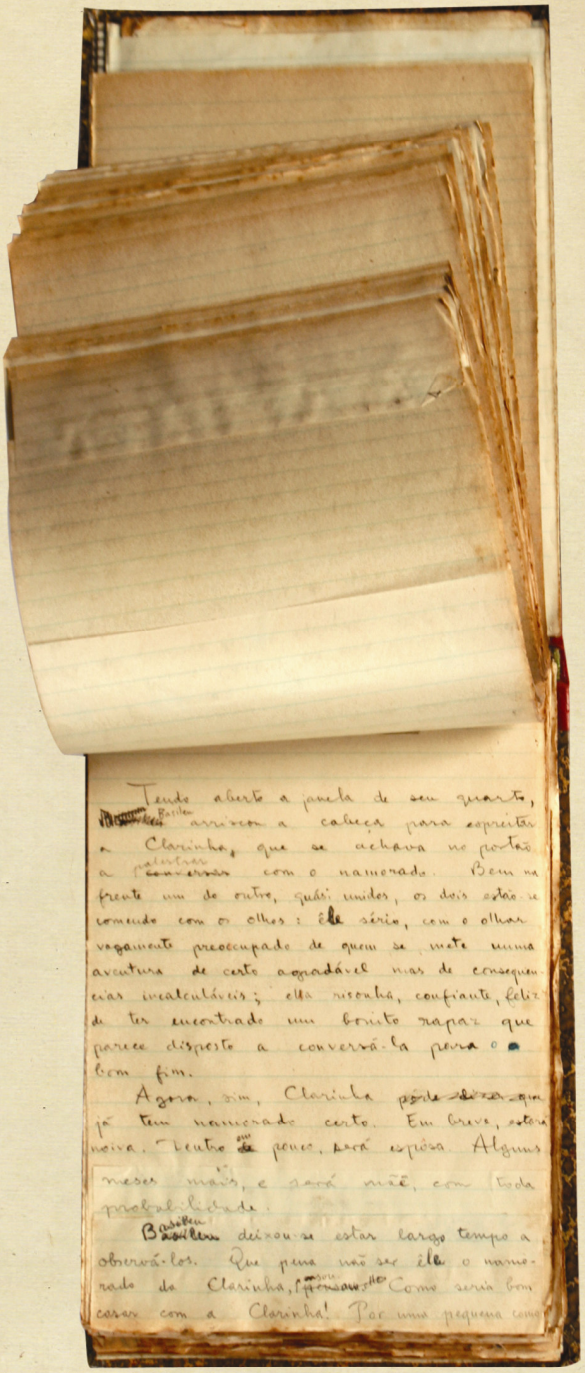
— E agora tem projetos? — perguntamos ao analista do "Club dos Grafomanos", que prontamente respondeu:

— Nada, nada. Não tenho nem faço projetos. Sou agora jornalista apenas. Alimento, isto sim, a vaga esperança de tornar a ser leitor, unicamente leitor, como fui durante muitos anos. A verdade é que nada me custa tanto como o escrever, sobretudo por obrigação. E infelizmente só escrevo como trabalhador forçado, "pro pone lucrando". O puro humano de letras, que eu ambicionava ser, tornou-se, de repente, sem possibilidade de reação, "um trabalhador braçal da maquina de escrever".

Um trabalhador braçal... da maquina de escrever



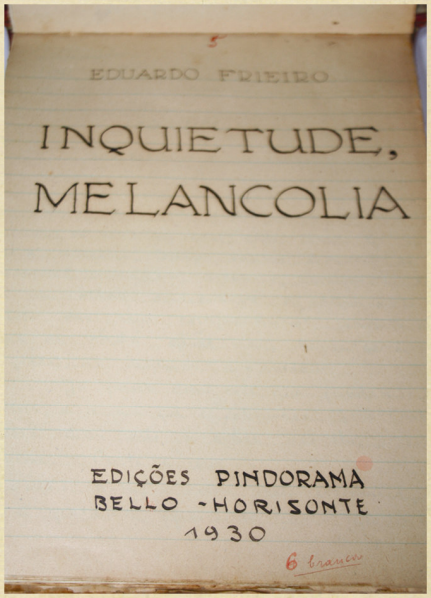




Tendo aberto a janela de seu quarto, arriscou a cabeça para espreitar a Clarinha, que se achava no portão a conversar com o namorado. Bem na frente um do outro, quási unidos, os dois estão se comendo com os olhos: Êle sério, com o olhar vagamente preoccupado de quem se mette numa aventura de certo agradável mas de consequencias incalculáveis; ella risonha, confiante, feliz de ter encontrado um bonito rapaz que parece disposto a conversá-la pera o bom fim.

Agora, sim, Clarinha pode dizer que já tem namorado certo. Em breve, estará noiva. Dentro de pouco, será espôsa. Alguns mezes mais, e será mãe, com toda probabilidade.

Basílio deixou-se estar largo tempo a observá-los. Que pena não ser êle o namorado da Clarinha, [illegible] Como seria bom casar com a Clarinha! Por uma pequena coi-

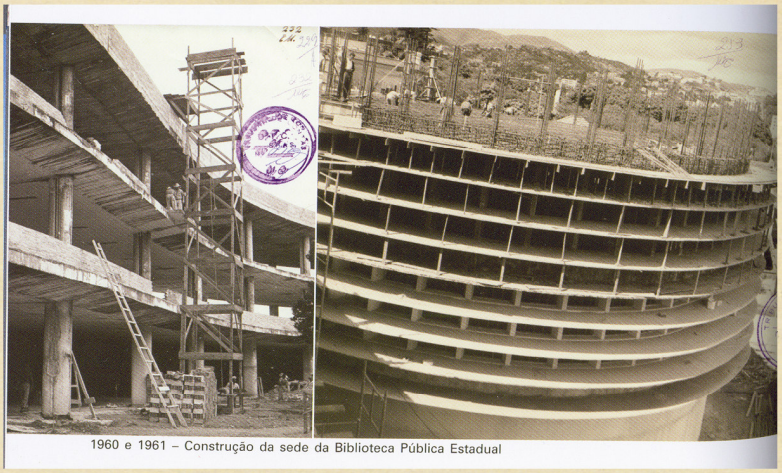


Manuscrito de Inquietude, melancolia, 1930.

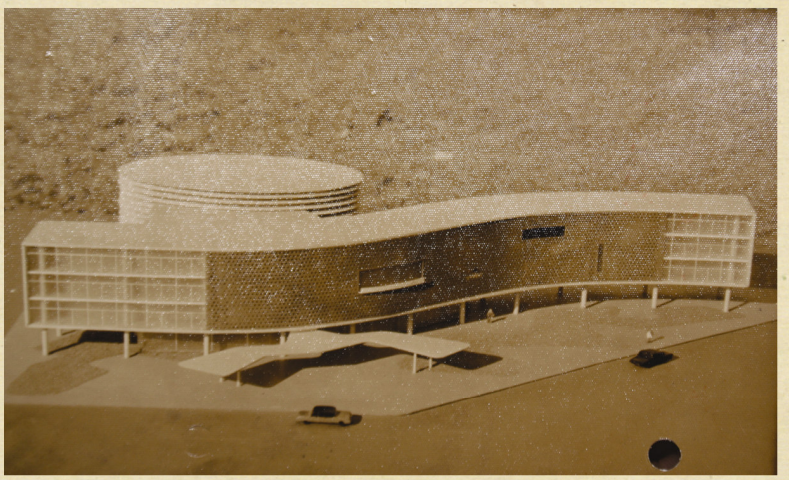
Biblioteca Publica Estadual

“Dirigi durante nove anos esta casa. Fui seu primeiro leitor e seu leitor mais antigo e fiel. Sei o que valem as preciosas coleções que ali se guardam.”

Eduardo Frieiro



1960 e 1961 – Construção da sede da Biblioteca Pública Estadual

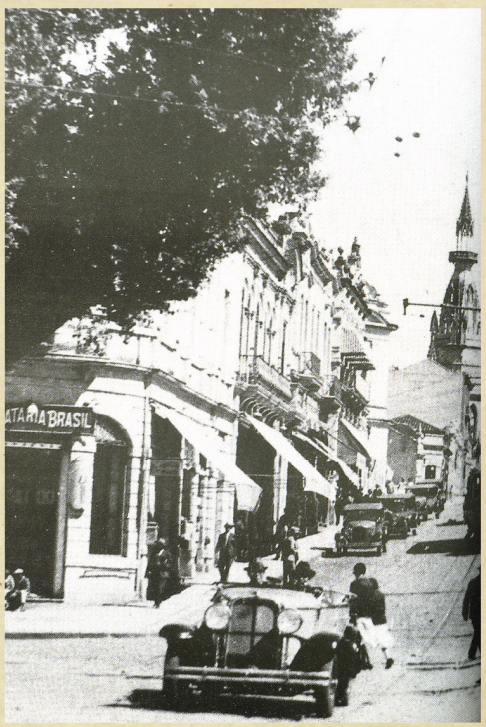


Maquette da Biblioteca Pública de Minas Gerais.
Plano de Eduardo Frieiro. Projeto de Oscar Niemeyer.
Em construção na Praça da Liberdade, Belo Horizonte.

Imprensa Oficial.
De tipografo a escritor.



Em 1933, o Cine Brasil lancava os grandes sucessos de publico produzidos em Hollywood. Frieiro e D. Noemia eram assiduos frequentadores.



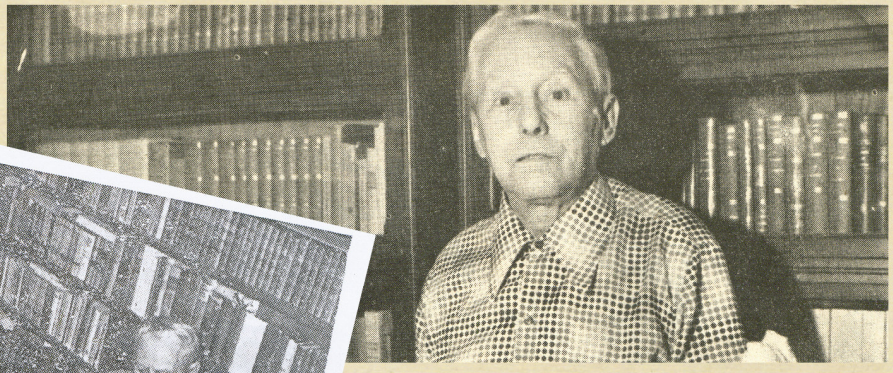
Rua da Bahia, anos 1920. Ao fundo, a direita, a Biblioteca Municipal.



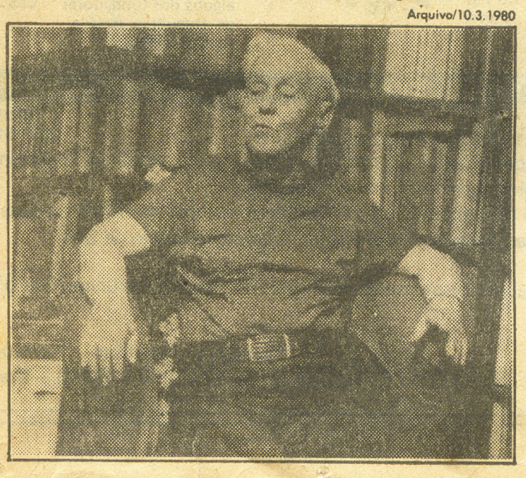
ARQUIVO EM

“Frieiro não mora em Belo Horizonte. Mora na sua biblioteca.”

Josue Montello







Arquivo/10.3.1980

Frieiro: de tipógrafo a escritor, sempre apaixonado pelo livro

“Informou-me ele que o genro [Frieiro] era bastante esquisito, só recebendo em casa com aviso prévio. Também o Frieiro mora uma lasca distante do centro! Melhor é mesmo que eu o veja na Imprensa Oficial.”

Vivaldi Moreira



Rua Diorita, 209. Calafate, Belo Horizonte

“Estou morando agora (talvez definitivamente) na Rua do Serro, 368, a duzentos metros do cemitério do Bonfim, cujos túmulos eu avisto do alto em que fica nossa casa. É uma vizinhança muito do meu agrado, a mais sossegada e a única pacífica que se pode almejar.”

Carta de Friero à José Osório de Oliveira. 30/11/1939.



Avenida Augusto de Lima, 134, 9. andar. Centro, Belo Horizonte.



você tornou ver para a capital, não é isso? Quem
sabe o seu latim não lhe será de utilidade. Bacorej
a-me que você acabará ainda como professor de latim
nesta terra em que já vai rareando uma espécie
outrora numerosa, a dos latinistas mineiros.

Falo sério. Vamba pra cá, seu Vital. Não será
difícil arranjar-se um job na imprensa local. Te-
mos agora quatro diários
escribas:
de Minas, O Diário
superlotado, mas
de sente que
Ora, você é
mento, você-
lo, com Vital.
ibra, sobretudo
que não
rejos são pe-
Belo Hori-
com Ouro Preto,
ade dos
Freire

Cópia

Belo Horizonte, 15 de Outubro de 1938.

Caro Vital:

Diz você que o latim dá pêso? Contato-o formal-
mente. Quem me dera a mim, pobre autodidacta semi-
analfabeto, que lhe conhecesse ao menos as formas de dicti-
nação. Eu seria a este hora, no mínimo, profes-
sor de alguns dos incontáveis ginásios que me-
draram na cidade.

Os varões da família Veloso (a de Montes Claros,
dos Versiani Veloso) têm vindo em boa parte, há
várias gerações, de ministrar lições de latinidade.
latins. Refiro-me a êles porque me lembro
naturalmente do meu prezado e mui admirado amigo,
o professor Arthur Versiani Veloso, filósofo kantiano
e emérito latino, que viva e prospera dando li-
ções de latim e dialeto luso-brasileiro. Quando
converso com o Arthur, que é um dos clercs
mais intransigentes destes sertões mineiros, eu fico
humilhado, sinto-me diminuido por causa da minha
inocultável ignorância latina.

Você sabe latim, eu sei. Aí em Ouro Preto,
cidade morta, não adianta saber uma língua
que ainda há muito vulgarizada nos chafa-
rizes e outros monumentos de antanho. Mas

Eduardo Frieiro,
entre Ayres da Mata Machado Filho
e Murilo Rubião, 1967.





Eduardo Frieiro e Aires da Mata Machado Filho
na solenidade de entrega do diploma Destaques,
em 7/12/73, uma promoção do Diário de Minas,
em Belo Horizonte.



No saguão da Universidade Federal
de Minas Gerais:
Eduardo Frieiro em companhia de
Álvaro Apocalipse, Dr. Celso Machado
Isaias Golgher, Francisco Iglésias e
Heitor Martins.



1963 - Eduardo Frieiro e Hélio Gravatá (ambos ao centro)
com equipe da Biblioteca Pública.



Acervo Frieiro na Academia Mineira de Letras

"Um dos meus ex-libris, o do 'scribe accroupí', é desenho de Juliús Kalkal, segundo 'croquis' meu. O outro é tipográfico, ao gosto dos que se usam na Europa, neste genero."

Carta de Frieiro a Osvaldo Teixeira, 17/04/1942.



Frieiro, leitor de Borges.

2ª SECCION

LA NACION

BUENOS AIRES, DOMINGO 19 DE AGOSTO DE 1951

CINEMATOGRAFO ACTUALIDADES

KA Y SUS PRECURSORES

Por JORGE LUIS BORGES

Para LA NACION

BUENOS AIRES

Yo premedité alguna vez un examen de los precursores de Kafka. A éste, al principio, lo pensé tan singular como el fénix de las arrobanzas retóricas; a poco de frecuentarlo, creí reconocer su voz, o sus hábitos, en textos de diversas literaturas y de diversas épocas. Registraré unos pocos aquí, en orden cronológico.

El primero es la paradoja de Zenón contra el movimiento. Un móvil que está en A (declara Aristóteles) no podrá alcanzar el punto B, porque antes deberá recorrer la mitad del camino entre los dos, y antes, la mitad de la mitad, y antes, la mitad de la mitad de la mitad, y así hasta lo infinito; la forma de este ilustre problema es, exactamente, la del *Castillo*, y el móvil y la flecha y Aquiles son los primeros personajes kafkianos de la literatura. En el segundo texto que el azar de los libros me deparó, la afinidad no está en la forma sino en el tono. Se trata de un apólogo de Han Yu, prosista del siglo IX, y consta en la admirable *Anthologie raisonnée de la littérature chinoise* (1948) de Margouliès. Este es el párrafo que marqué, misterioso y tranquilo: "Universalmente se admite que el unicornio es un ser sobrenatural y de buen agüero; así lo declaran las odas, los anales, las biografías de varones ilustres y otros textos cuya autoridad es indiscutible. Hasta los párvulos y las mujeres del pueblo saben que el unicornio constituye un presagio favorable. Pero este animal no figura entre los animales domésticos, no siempre es fácil encontrarlo, no se presta a una clasificación. No es como el caballo o el toro, el lobo o el ciervo. En tales condiciones, podríamos estar frente al unicornio y no sabríamos con seguridad que lo es. Sabemos que tal animal con crin es caballo y que tal animal con cuernos es toro. No sabemos cómo es el unicornio". (1).

El tercer texto procede de una fuente más previsible: los escritos de Kierkegaard. La afinidad mental de ambos escritores es cosa de nadie ignorada; lo que no se ha destacado aún, que yo sepa, es el hecho de que Kierkegaard, como Kafka, abundó en parábolas religiosas de tema contemporáneo y burgués. Lowrie, en su *Kierkegaard* (Oxford University Press, 1938) transcribe dos. Una es la historia de un falsificador que revisa, vigilado incesantemente, los billetes del Banco de Inglaterra; Dios, de igual modo, desconfiaría de Kierkegaard y le habría encomendado una misión, justamente por saberlo avezado al mal. El sujeto de otra son las expediciones al Polo Norte. Los párrocos daneses habrían declarado desde los púlpitos que participar en tales expediciones conviene a la salud eterna del alma. Habrían admitido, sin embargo, que llegar al Polo es difícil y tal vez imposible y que no todos pueden acometer la aventura. Finalmente, anunciarían que cualquier viaje —de Dinamarca a Londres, digamos, en el vapor de la carrera—, o un paseo dominical en coche de plaza, son, bien mirados, verdaderas expediciones al Polo Norte. La cuarta de las prefiguraciones que hallé es el poema *Fears and scruples* de Browning, publicado en 1876. Un hombre tiene, o cree tener, un amigo famoso. Nunca lo ha visto y el hecho es que éste no ha podido, hasta el día de hoy, ayudarlo, pero se cuentan rasgos suyos muy nobles, y circulan cartas auténticas. Hay quien pone en duda los rasgos, y los grafólogos afirman la apocrifidad de las cartas. El hombre, en el último verso, pregunta: "¿Y si este amigo fuera Dios?"

Mis notas registran asimismo dos cuentos. Uno pertenece a las *Histoires désobligeantes* de León Bloy y refiere el caso de unas personas que abundan en globos terráqueos, en atlas, en guías de ferrocarril y en baúles, y que mueren sin haber logrado salir de su pueblo natal. El otro se titula *Carcassonne* y es obra de Lord Dunsany. Un invencible ejército de guerreros parte de un castillo infinito, subjuga reinos y ve monstruos y fatiga los desiertos y las montañas, pero nunca llegan a Carcasona, aunque alguna vez la divisan. (Este cuento es, como fácilmente se advertirá, el estricto reverso del anterior; en el primero, nunca se sale de una ciudad; en el último, no se llega).

Si no me equivoco, las heterogéneas piezas que he enumerado se parecen a Kafka; si no me equivoco, no todas se parecen entre sí. Este último hecho es el más significativo. En cada uno de esos textos está la idiosincrasia de Kafka, en grado mayor o menor, pero si Kafka no hubiera escrito, no la percibiríamos; vale decir, no existiría. El poema *Fears and scruples* de Robert Browning profetiza la obra de Kafka, pero nuestra lectura de Kafka afina y desvía sensiblemente nuestra lectura del poema. Browning no lo leía como ahora nosotros lo leemos. En el vocabulario crítico, la palabra *precursor* es indispensable, pero habría que tratar de purificarla de toda connotación de polémica o de rivalidad. El hecho es que cada escritor *crea* a sus precursores. Su labor modifica nuestra concepción del pasado, como ha de modificar el futuro (2). En esta correlación nada importa la identidad o la pluralidad de los hombres. El primer Kafka de *Betrachtung* es menos precursor del Kafka de los mitos sombríos y de las instituciones atroces que Browning o Lord Dunsany. ⁂

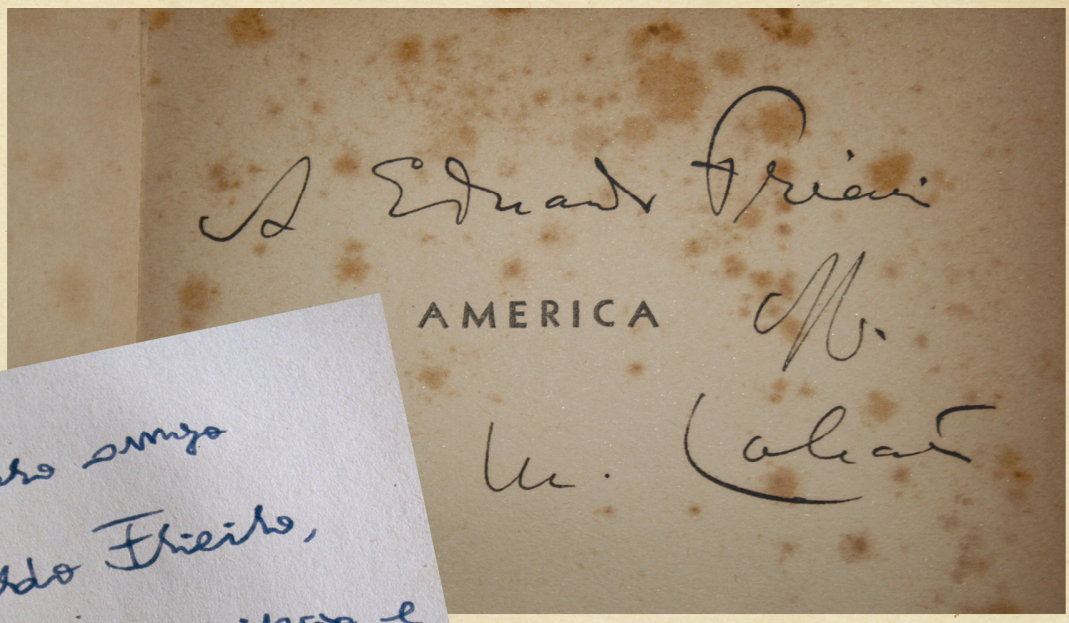
(1) El desconocimiento del animal sagrado y su muerte aprobada o casual a manos del vulgo son temas tradicionales de la literatura china. Véase el último capítulo de *Psychologie und Alchemie* (Zürich, 1944), de Jung, que encierra dos curiosas ilustraciones.

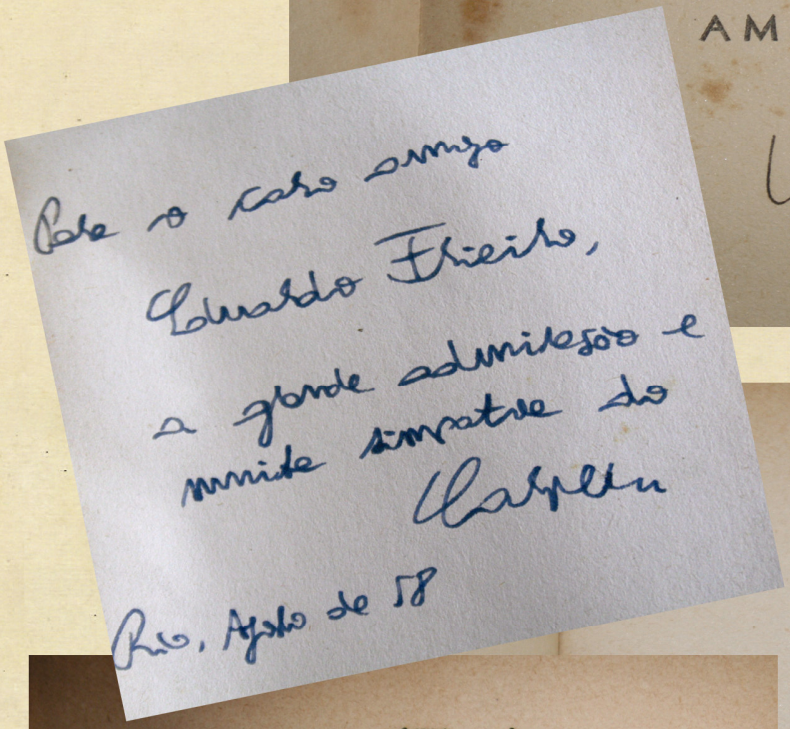
(2) Véase T. S. Eliot: *Points of view* (1941), páginas 25-26.



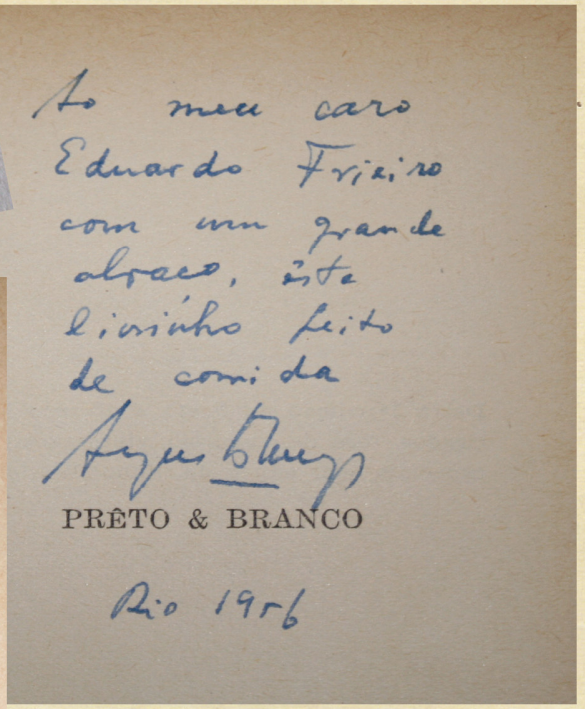




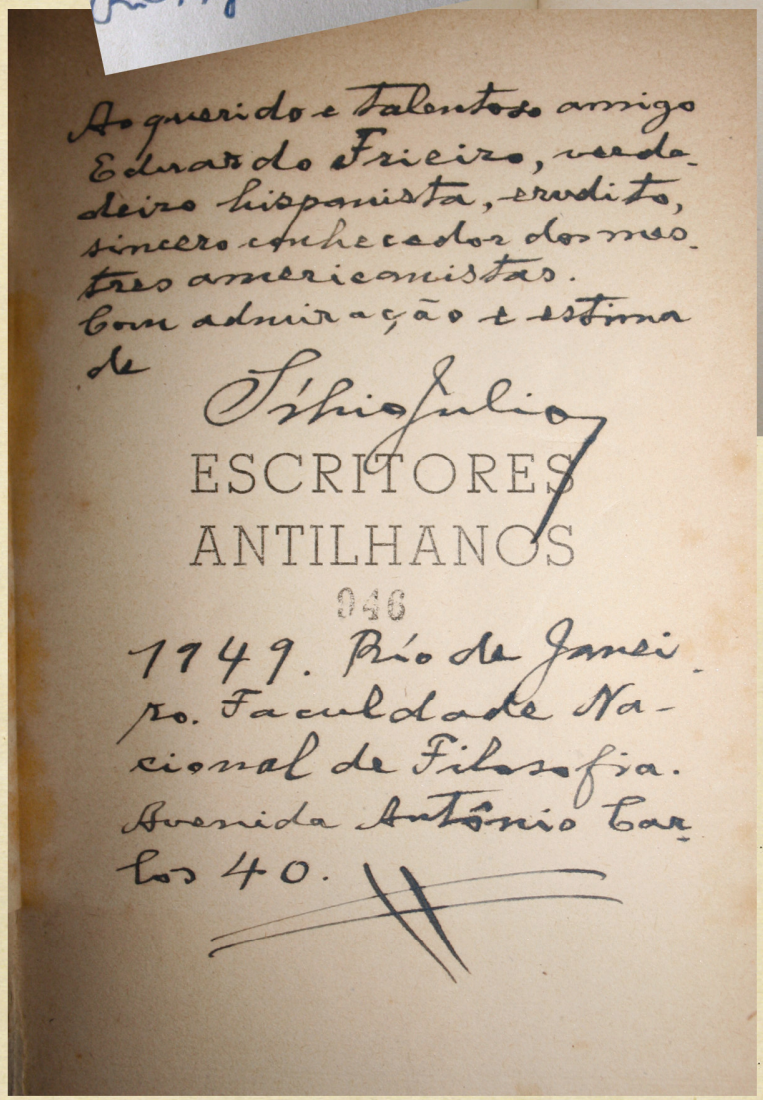




Pela o caro amigo
Eduardo Frieiro,
a grande admiração e
muita simpatia do
Ribeyro
Rio, Agôsto de 58



Ao meu caro
Eduardo Frieiro
com um grande
abraço, êste
livrinho feito
de comida
Aníbal Machado
PRÊTO & BRANCO
Rio 1956



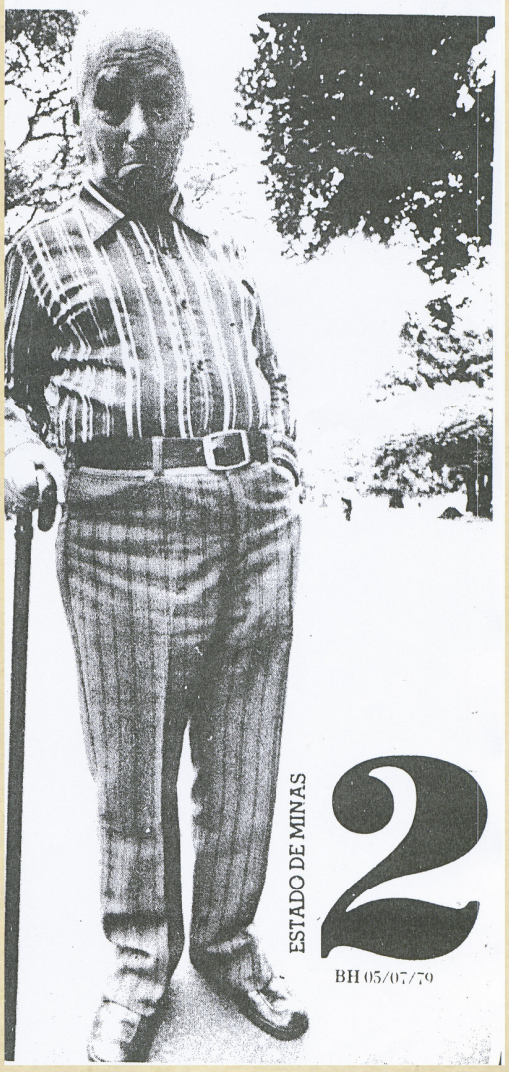
Ao querido e talentoso amigo
Eduardo Frieiro, verdadeiro hispanista, erudito,
sincero conhecedor dos nossos americanistas.
Com admiração e estima
de
Sílvio Julio
ESCRITORES
ANTILHANOS
946
1949. Rio de Janeiro. Faculdade Nacional de Filosofia.
Avenida Antônio Carlos 40.

Amizades literárias

noventa anos







ESTADO DE MINAS 2

BH 05/07/79





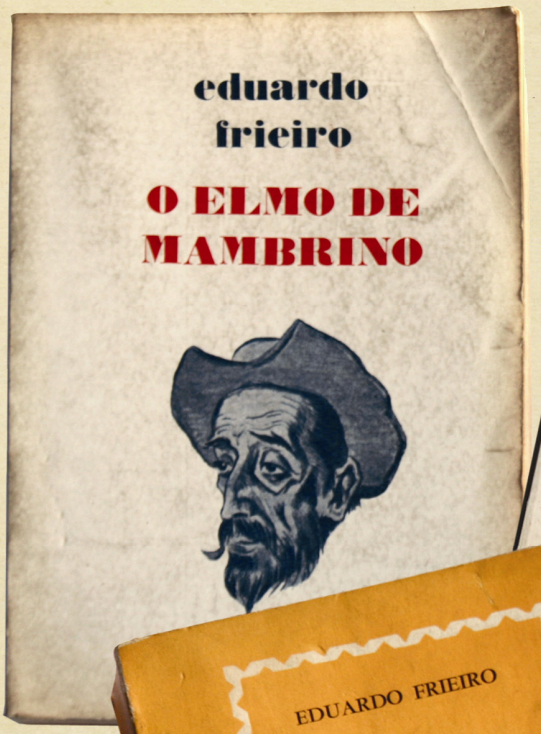
Um escritor que saiu no frio

O escritor mineiro Eduardo Frieiro, autor, dentre outros livros, de "O Clube dos Grafómanos", "O Mameluco Boaventura", "O Brasileiro não é Triste", "Feijão, Angu e Couve", foi surpreendido pela fotógrafa Jane Faria circulando pela Afonso Pena, em meio aos rigores do inverno.

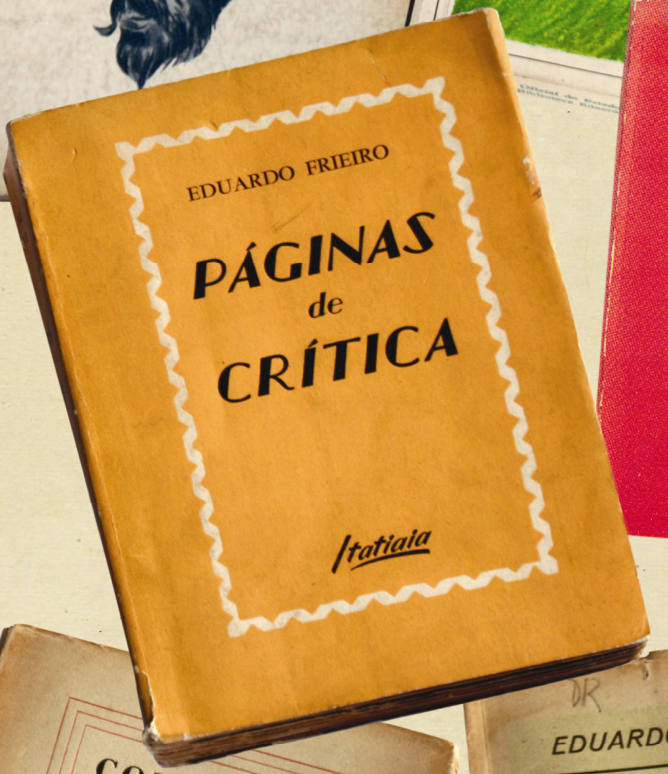


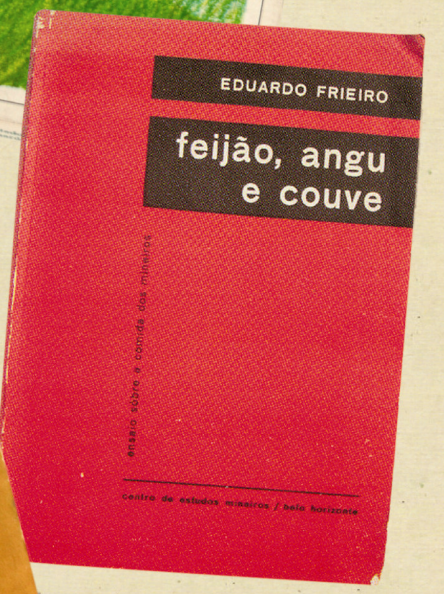


DIARIO DA TARDE 18.06.1979

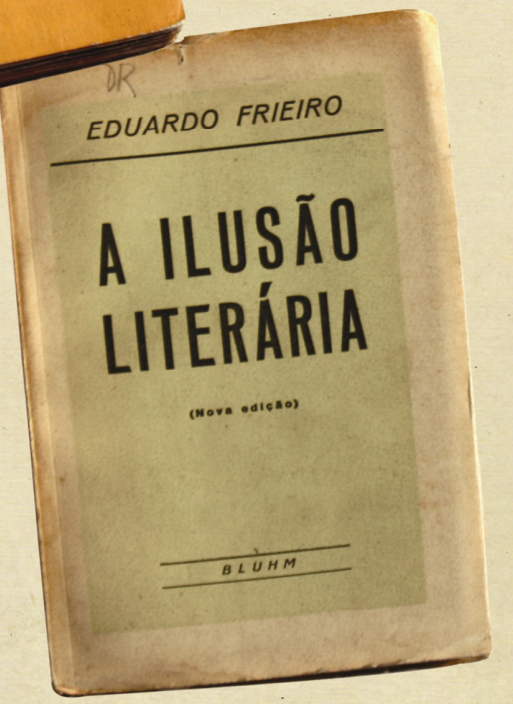

eduardo
frieiro
O ELMO DE
MAMBRINO


Basileu
Eduardo Frieiro


EDUARDO FRIEIRO
PÁGINAS
de
CRÍTICA
Itatiaia


EDUARDO FRIEIRO
feijão, angu
e couve
centro de estudos mineiros / belo horizonte


COMO ERA
GONZAGA?
POR
EDUARDO FRIEIRO
PUBLICAÇÕES DA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
DE MINAS GERAIS
COLEÇÃO 2 CULTURAL


EDUARDO FRIEIRO
A ILUSÃO
LITERÁRIA
(Nova edição)
BLUHM

* 05/07/1889
\+ 24/03/1982



Prof. EDUARDO FRIEIRO

(FALECIMENTO)

Noemia Frieiro e Academia Mineira de Letras cumprem o doloroso dever de comunicar o falecimento de seu querido esposo e eminente **Prof. EDUARDO FRIEIRO** ocorrido ontem e convidam para o sepultamento a realizar-se **HOJE**, às 16:30h, saindo o féretro da Capela Velório do Bonfim para a necrópole local.

Antecipam agradecimentos.

Serviço Funerário da Santa Casa

O sepultamento de Frieiro emocionou centenas de amigos e acadêmicos



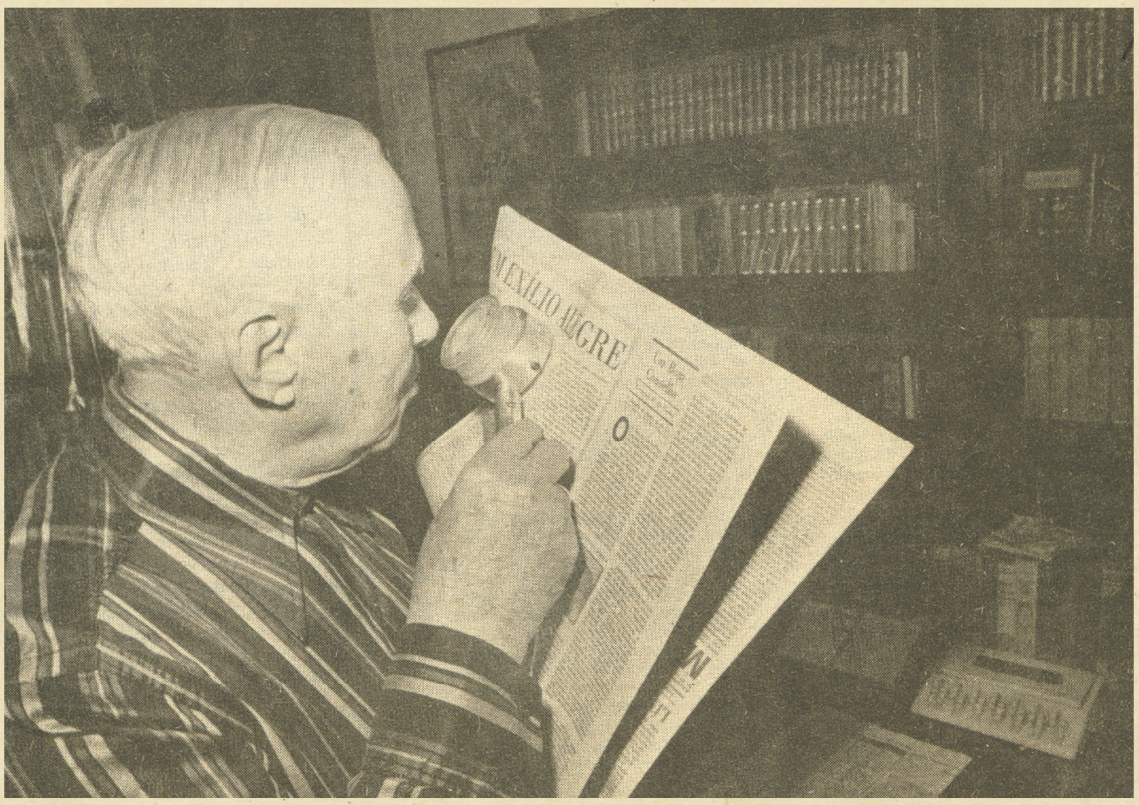


Homenagens





A sessão em homenagem ao prof. Frieiro foi dirigida por Vivaldi Moreira



**“Essa poderia ser a primeira imagem do último leitor,
aquele que passou a vida inteira lendo,
aquele que queimou os olhos na luz da lâmpada
‘agora sou um leitor de páginas que
meus olhos já não vêem’”**

Ricardo Piglia. O último leitor, 2006.

ANEXO E - RELAÇÃO DOS LIVROS PUBLICADOS SOB A MARCA "OS AMIGOS DO LIVRO"

FRIEIRO, Eduardo. *O brasileiro não é triste*. 1931.

MOURA, Emilio. *Ingenuidade.* 1931.

MACHADO FILHO, Ayres da Mata. *Eduação dos cegos no Brasil.* 1931.

ALPHONSUS, João. *Galinha Cega.* 1932.

MENDES, Oscar. *A alma dos livros.* 1932.

FRIEIRO, Eduardo. *A ilusão literária;* reflexões sobre a arte de escrever. 1932.

CASASANTA, Mário. *Minas e os mineiros na obra de Machado de Assis.* 1933.

CARVALHO, Orlando M. *Ensaios de política econômica.* 1934.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Brejo das Almas.* 1934.

CASASANTA, Mário. *Machado de Assis e o tédio à controvérsia*. 1934.

LABIENO [Pseud. De Lafayette Rodrigues Pereira]. *Vindiciae. 1934.*

MACHADO FILHOS, Ayres da Mata. *Escrever certo*. 1935.

BRANDÃO, Wellington. *O tratador de pássaros.* 1935.

CARVALHO, Orlando M. *Duas oficinas de polícia técnica.* 1935.

MATOS, Mário. *Último bandeirante.* 1935.

FRIEIRO, Eduardo. *O cabo das tormentas.* 1936.

MOURA, Emílio. *Canto da hora amarga*. 1936.

SENA, José Maria. *Acerca da arte de escrever para o teatro.* 1936.

ANDRADE, Rodrigo M. F. *Velórios. 1936.*

FRIEIRO, Eduardo. *Letras Mineiras(1929-1936).* 1937.

ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro.* 1937.

CARVALHO, Orlando M. *O município mineiro em face das constituições*. 1937.

OLAVO, Alberto [Pseud. de Mário Matos] *Último canto da tarde.* 1938.

CARVALHO, Orlando, M. *O mecanismo do governo britânico. 1943.*[403]

[403] Esta informnação é dada por Frieiro em *Recordando Os Amigos do livro, 1967,* porém, em *Efemérides da Academia Mineira de Letras Oiliam José e Martins de Oliveira atribuem a edição desde livro à Editora Livraria Acadêmica, São Paulo, 1943.*

ANEXO F – ENTREVISTA COM A PROFESSORA ÂNGELA VAZ LEÃO

A Profa.Ângela Vaz Leão recorda Eduardo Frieiro.
Entrevista concedida a Maria da Conceição Carvalho, em 9 de junho de 2005

MCC – É possível observar, na academia e no comércio editorial, que a figura e a obra de Eduardo Frieiro são pouco lembradas hoje. Minha primeira pergunta é: Qual a importância de se resgatar do limbo onde se encontram, esse autor e sua obra?

AVL – Poucos intelectuais mereceriam como Eduardo Frieiro o reconhecimento dos mineiros pelo seu trabalho em favor do desenvolvimento cultural do Estado, sobretudo de sua Capital. O relativo esquecimento da figura e da obra de Frieiro é, antes de tudo, uma injustiça. Talvez se possa estabelecer uma analogia entre esse fenômeno e o que ocorre com o ser humano, em relação à memória de fatos recentes e de fatos remotos. Como se sabe, chega um momento da velhice, em que os acontecimentos recentes são esquecidos ou se recordam com dificuldade, enquanto os fatos distanciados no tempo reaparecem vivos na memória. Ora, há pouco tempo, entramos num novo século, ou melhor, num novo milênio. Eduardo Frieiro vai se tornando, portanto, um escritor distante no tempo. Já é, pelo menos, um escritor do século passado. Façamos votos que esse distanciamento progressivo favoreça o fortalecimento (ou o renascimento) da figura e da obra de Eduardo Frieiro. Juntamente com outros grandes intelectuais nossos, ele ajuda a manter de pé uma espécie de edifício da cultura mineira, onde as novas gerações podem vir nutrir-se do "espírito de Minas".

MCC – Continuando na perspectiva da obra: Frieiro escreveu quatro romances, ensaios, foi um articulista prolífico escrevendo sobre assuntos os mais diversos, inclusive futebol. Foi também crítico literário, ressaltando-se a atenção que dispensou aos escritores mineiros, anteriores a ele ou seus contemporâneos. Além desses gêneros, ele escreveu um diário, e manteve por quase seis décadas, dos anos 1920 aos anos 1970, correspondência com intelectuais e pessoas ligadas à cultura, do Brasil e do exterior, num montante de mais de três mil cartas. Do que foi publicado, e do que a Senhora conhece da obra de Frieiro, qual(is) título(s), na sua opinião, tem maior valor literário e/ou histórico e merece(m) ser publicado(s) e/ou reeditado(s)?

AVL – Do que ele publicou, penso que tudo merece ser reeditado. Quanto à sua obra inédita, confesso que não a conheço. Ainda assim, imagino que mereça publicação. Penso, por exemplo, na correspondência. A sua publicação teria grande importância não só para a reconstituição de algumas décadas da cultura brasileira, mas também para um melhor conhecimento da vida afetiva e intelectual do próprio Eduardo Frieiro. Sempre achei que a publicação de cartas trocadas por escritores representava uma fonte preciosa de informações para os estudos da história literária de determinada época. Como não conheço os arquivos de Frieiro, não sei se lá se acham as cartas por ele recebidas. O ideal seria a publicação da correspondência de-ida-e-volta, isto é, ativa e passiva, principalmente se o outro missivista foi também um dos agentes da nossa vida cultural, como Frieiro. Mas, se não se dispuser das cartas recebidas por ele, que se publiquem, pelo menos, as que ele escreveu.

MCC – Frieiro já foi comparado a Machado de Assis tanto pela construção psicológica dos personagens, quanto pela correção da língua e a capacidade de usar bem certos traços estilísticos. Sem querer insistir nessa comparação, a Senhora acha que esses aspectos são os mais importantes na obra de Frieiro?

AVL – A correção da linguagem assim como certos traços estilísticos particulares são muito importantes na obra de Frieiro. Mas não é só isso. Também o pensamento do escritor e sua sensibilidade artística contribuem para o valor de sua obra. A agudeza de seu espírito crítico, a finura de seus julgamentos literários, a impressionante massa de seus conhecimentos, a sua abertura para toda manifestação cultural, principalmente a literatura, o teatro e o cinema, assim como as suas qualidades de romancista, fizeram de Frieiro um intelectual completo, comparável, sim, a Machado de Assis. Aliás, é difícil destacar um traço mais saliente entre todos aqueles que marcaram a obra de Frieiro. Tudo nele é importante.

MCC – Ensaios como *O brasileiro não é triste* (1931), *O Diabo na livraria do Cônego* (1945), *Como era Gonzaga?* (1950), e, quase duas décadas mais tarde, *Feijão, angu e couve* (1966), poderiam, na sua opinião, inserir Frieiro, de alguma forma, no grupo dos "explicadores do Brasil"?

AVL – Claro que sim. Frieiro pode ser considerado um dos "explicadores do Brasil" ou, pelo menos, de Minas Gerais. *O brasileiro não é triste* (1931) é um ensaio bem humorado que contribui para a compreensão do modo de ser do brasileiro, muitas vezes contrariando "idéias

feitas" sobre o assunto. *O Diabo na livraria do Cônego* (1945) e *Como era Gonzaga?* (1950) revelam, cada um de maneira adequada ao objetivo da obra, muito do ambiente cultural e da atmosfera intelectual das cidades de Mariana e Vila Rica nos fins do século XVIII. Além disso, através do inventário crítico da livraria do Cônego Luiz Vieira da Silva, feito por Frieiro, o leitor toma conhecimento das obras que alimentaram o espírito revolucionário da Inconfidência Mineira. *Feijão, angu e couve* (1966), por sua vez, esboça um quadro da cultura mineira, visto não a partir do escritório ou da biblioteca, mas da cozinha da casa. Utilizando informações de várias procedências, dadas por historiadores, viajantes e escritores, ou o testemunho e a experiência de amigos e conhecidos de vários pontos de Minas, e até mesmo a sua própria experiência, Frieiro procura mostrar historicamente como se formou uma tradição de culinária mineira, assim como descrever comidas típicas, desde o seu preparo e apresentação até o seu consumo à mesa. Assim, a um escritor tão consciente do valor relativo das coisas, e tão atento a todos os aspectos da cultura brasileria, como foi Eduardo Frieiro, não escapava a importância nem das leituras dos inconfidentes, nem dos hábitos alimentares dos mineiros, nem da literatura mineira sua contemporânea registrada por ele em artigos críticos. Muitos desses artigos saíram na seção bibliográfica do *Minas Gerais* e foram depois reunidos no livro *Letras mineiras* (1937), cujo título já é um atestado do interesse de Frieiro na divulgação da nossa cultura.

MCC – Frieiro defende a correção da língua como valor em vários momentos dos seus escritos. Mas, a má vontade que ele sente para com o movimento modernista de 1922 está impregnada de outros sentimentos, além de um misoneísmo linguístico: o preconceito de cor e o aristocracismo intelectual, por exemplo. Ele escreve no Novo Diário, em 4/9/1946: "Fenômeno que seria interessante examinar na gênese do movimento modernista da literatura brasileira, 1922 a 1930: a insurreição do mulatismo contra as nossas raízes tradicionais, lusitanas e européias. Características manifestações externas do fenômeno: a plebeização da língua, a molecagem das atitudes e o gosto da piada". A Senhora acredita que esse julgamento severo sobre um movimento tão importante como foi o modernismo depõe contra a capacidade crítica de Frieiro, ou pode ser compreendido de outra forma?

AVL – Não creio que o julgamento desfavorável de Frieiro a respeito do Modernismo possa ser interpretado como uma falha na sua capacidade crítica. É um fato difícil de explicar, mas vou aventar uma hipótese para a sua explicação. Talvez esse preconceito contra os Modernistas resultasse da formação autodidata de Frieiro. Como se sabe essa formação se fez,

a princípio, dentro da tipografia. Foi alinhando os tipos para a composição manual da folha a ser impressa e, depois, através da leitura solitária que se formou a impressionante cultura geral e literária de Frieiro. Parece-me que a sua intolerância pela liberdade gramatical dos Modernistas tem a ver com o autodidatismo. Conheci em Formiga, minha cidade natal, outro autodidata que chegou a acumular uma cultura lingüística também impressionante, porém muito rígida, muito purista. Falo do professor Francisco Fernandes, que tinha apenas o curso primário e trabalhava no antigo Banco Hipotecário do Estado de Minas Gerais, ao mesmo tempo que dava aulas particulares de português. Aprendera tudo sozinho, lendo os bons autores e estudando a língua em obras didáticas. Acumulando tão grande conhecimento da língua, acabou se tornando um grande lexicógrafo e especialista em assuntos de sintaxe, principalmente de regência verbal e nominal. Publicou o indispensável *Dicionário de sinônimos e antônomos da língua portuguesa.* Pois bem. Esse grande lexicógrafo e excelente professor tudo aprendeu como autodidata. Suas aulas de portugês se tornaram famosas, freqüentadas por todos aqueles que se preparavam para enfrentar concursos públicos. Mas era, como Frieiro, purista em matéria de linguagem. É sabido que a prosa de Frieiro se caracteriza pelo estilo simples e pela correção gramatical. Penso que a formação escolar, do primário à universidade, que os dois não tiveram, dá ao indivíduo uma abertura para a valorização de diferentes estilos, tanto clássicos como modernos, tanto os obedientes às normas gramaticais quanto os que recriam a língua, através de desvios estilísticos bem utilizados nos textos. Essa é a grande desvantagem da formação autodidata. Mas os autodidatas de talento superior levam outras vantagens. A prova disso? Eduardo Frieiro e Francisco Fernandes ...

MCC – Em relação aos Modernistas mineiros, há o episódio que ficou conhecido como *Brotoeja Literária*, título do artigo no jornal *Avante!,* através do qual Frieiro critica os jovens poetas que publicam em *A Revista,* em 1925. Drummond, embora tenha se sentido magoado, retoma as relações com Frieiro, mas Nava não esquece o fato até o fim da vida. Na sua opinião, qual seria a importância dessa crítica de Frieiro aos jovens poetas mineiros?

AVL – Na vida literária, tudo tem uma importância histórica. O episódio *Brotoeja literária*, entre Frieiro e os Modernistas de Minas, tem sua importância, na medida em que revela a posição radical de Frieiro, em relação às inovações modernistas. O artigo *Brotoeja literária* é de 1925 e o primeiro livro de Frieiro data de 1927. Por aí se vê que a oposição de Frieiro era antiga. Quando sua aluna, pude observar que o seu apego à tradição clássica o impedia de valorizar autores como Guimarães Rosa, por exemplo. Curiosa é a diferença entre a reação de

Drummond e a de Pedro Nava a essa intolerância de Frieiro. Drummond reconhece mais tarde, já na década de 80, como você disse, que a crítica de Frieiro, com toda a sua dureza, servira de incentivo aos jovens modernistas. Isso mostra a imparcialidade e a compreensão de Drummond, que, entretanto, não se encontra em Nava.

MCC – Analisando o depoimento de Frieiro em *Testamento de uma Geração* (1944) Carlos Guilherme Motta (*Ideologia da Cultura Brasileira,* 1977*)* interpreta como "uma abertura digna de menção" a referência que o escritor mineiro faz à problemática da situação do intelectual na América Latina. Ou seja, para Motta, pensar o papel do escritor, especialmente em termos de América Latina, seria uma coisa nova por aqui no começo da década de 1940. Como a Senhora avalia a posição de Frieiro como intelectual na cena política e social brasileira dos anos 1930/40?

AVL - O papel de Frieiro na cena cultural latino-americana não foi menor do que na brasileira. Além de professor de Literatura Espanhola nos dois primeiros anos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFMG, foi também professor de Literatura Hispano-americana no terceiro ano. Nas aulas de Literatura Hispano-americana, como nas de Literatura Espanhola, empenhava-se em por os alunos em contato com os textos. Foi, dos meus professores, o que mais me fez ler durante o curso. Aprendemos com ele a valorizar desde as obras clássicas da Literatura Espanhola, como o *Don Quijote* de Cervantes, ou mesmo o Quixote apócrifo de Avellaneda até as modernas como o *Romancero gitano* de Garcia Lorca. O mesmo ocorreu no curso de Literatura Hispano-americana. Lemos e analisamos inúmeras obras. Lembro-me agora do *Don Segundo Sombra,* do Martin Fierro, dos poemas da Gabriela Mistral e de Pablo Neruda e de muitos outros. Como se vê, não havia contradição entre o gosto pelas literaturas da América de língua espanhola e o apego à tradição literária européia. Ele via nas riquíssimas literaturas dos países latino-americanos um prolongamento da não menos rica literatura espanhola.

MCC – Frieiro desempenhou com gosto também as funções de professor universitário e de editor. Falemos primeiro do Mestre Frieiro, o professor. Não sei se a Senhora sabe que ele deu aulas de História do Livro e das Bibliotecas, de 1951 a 1952, no então recém-criado Curso de Biblioteconomia de Minas Gerais.Lá ele encontrou espaço, como bibliófilo e bibliógrafo, para falar sobre um de seus temas preferidos, o livro também na sua forma material. Mas parece que foi como professor de Literatura Espanhola e Hispano-americana na Faculdade de

Filosofia Ciências e Letras que ele alcançou sua realização maior como autodidata. A Senhora, como sua ex-aluna, que impressão guarda do desempenho dele como professor?

AVL – Guardo dele a melhor das impressões. A sua vastíssima cultura literária fazia dele uma espécie de enciclopédia viva a que podíamos recorrer sempre. A isso somava-se a gentileza no trato, a disponibilidade, o bom humor, o senso de justiça, às vezes com uma dose de ironia que tinha a sua graça. Embora me disitnguisse como aluna e me atribuisse sempre a nota máxima, no dia em que, por motivos familiares, não pude preparar-me para uma prova escrita sobre o *Martin Fierro*, ele julgou meu trabalho insuficiente e deu-me a nota seis sobre dez – coisa que nunca me ocorrera antes. Não tive coragem de explicar-me com ele, nem ele jamais me pediu explicações. Dessa forma, impunha-se ao respeito de todos, não só como excelente professor, mas como homem reto e justo.

MCC – Como editor *lato sensu* Frieiro mediou a publicação de muitos autores iniciantes, inclusive ele próprio. Foi sua a idéia da Sociedade dos Amigos do Livro, chancela sob a qual publicaram os jovens Carlos Drummond de Andrade, João Alphonsus, Ciro dos Anjos, entre outros, nos primeiros anos da década de 1930. Sua participação na revista *Kriterion* foi importante para manter o alto nível dos colaboradores e a qualidade gráfica, desde o primeiro número em outubro de 1947 até o final dos anos 1960, quando ele deixa o cargo de Secretário. A Senhora acredita que ele será lembrado também por esse papel de mediador cultural?

AVL – O seu trabalho como mediador cultural na área da edição, o seu apoio a jovens estreantes, o seu papel na revista *Kriterion,* de que foi nominalmente secretário, mas efetivamente diretor durante cerca de vinte anos – tudo isso é pouco conhecido, se não desconhecido de todo pelas jovens gerações de universitários. É pena.

MCC - A biografia de Frieiro não pode deixar de ressaltar, ainda, outro traço seu: o autodidata, leitor compulsivo, que constuiu uma boa biblioteca e se transformou num refinado bibliófilo. Há o comentário registrado na imprensa, não sei se verdadeiro, de que ele teria sido o primeiro em Belo Horizonte, no começo dos anos 1920, a ler Proust. A Senhora gostaria de comentar essas facetas de Frieiro?

AVL – Outro traço da biografia de Frieiro é a sua formação autodidata, de que já falei um pouco antes, respondendo a outra pergunta. Mas não me custa voltar a esse ponto. Em *Torre*

de papel: motivos literários (1969), figura um capítulo ou artigo intitulado *Elogio do autodidata* (p.167-179). Frieiro se refere aí às vantagens do aprender por si mesmo e cita numerosos casos de *autoformação triunfante.* Na política menciona entre outros, Abraham Lincoln; na educação, Sarmiento, "o educador que se educou a si mesmo"; na filologia, Rufino José Cuervo; na literatura, Walt Whitman, Jack London, Machado de Assis, Humberto de Campos, Charles Péguy. Esses são apenas os nomes mais eminentes que selecionei do longo exemplário de autodidatas de sucesso, reunido por Frieiro no referido artigo. Aliás, na mesma obra, *Torre de Papel,* Frieiro cita, no artigo introdutório, uma frase de seu *alter ego*, o protagonista de *O Clube dos grafômanos,* Bento Pires, também autodidata: "O mundo em que gravito é de papel: dou-me bem nele e sinto-me desorientado quando saio dele". Observe-se, entretanto, que a parte final dessa frase ("sinto-me desorientado quando saio dele") não se aplicaria a Frieiro. Ele sabia sair desse mundo de papel e aproveitar bem as coisas boas da vida, como as viagens, o teatro e o cinema. Viajava com a esposa todas as férias e feriados prolongados. Não perdia um filme novo que se exibisse em Belo Horizonte, registrando tudo no seu diário. Aliás, pela leitura do *Novo Diário,* pode-se levantar a história do cinema da época e de sua recepção em Belo Horizonte.

MCC- Falemos um pouco, agora, sobre a personalidade de Eduardo Frieiro. Ele próprio se descrevia como um misantropo, dominado por um grande complexo de inferioridade, incapacitado para a ação, e usa até o termo ressentido. A Senhora que o conheceu de perto concorda com esses termos? Como o descreveria?

AVL – Não concordo. Frieiro fazia uma força enorme para parecer misantropo. Mas, na realidade, era um ser humano generoso, bem humorado, solidário com os homens e também com os bichos, quando encontrava algum abandonado no caminho. No meu tempo de Faculdade, os alunos organizavam freqüentes excursões, fora do Estado. E qual era o professor que os acompanhava? Eduardo Frieiro, com sua esposa Noêmia. Os alunos que participavam de tais excursões (lembro-me de que foram a Porto Alegre, ao Rio, a Buenos Aires...) voltavam impressionados com o bom humor, a disponibilidade e a experiência de viagens do casal. O professor Frieiro e Dona Noêmia eram aqueles companheiros mais vividos que os orientavam nas descobertas turísticas. Eu, pessoalmente, não pude participar desse convívio. Fiquei noiva no primeiro ano da Faculdade, no segundo já estava casada e daí até o final do curso tive dois filhos. Mas, se não pude gozar dessa proximidade em viagens, gozei de outra, na própria residência do canal. Lá me era dado observar seu carinho com Dona

Noêmia, com o cão Bedeleco e até com pássaros que por lá arribavam. Frieiro era daqueles que sabiam cativar amigos.

MCC – Como qualquer pessoa, Frieiro tinha também as suas contradições. Mas, talvez, a contradição mais desconcertante do seu caráter, vindo de alguem que se confessa um cético, tenha sido sua "tentação pelo fascismo" revelada no *Novo Diário*, ainda que revista mais tarde. A Senhora poderia comentar alguma coisa sobre esses, vamos dizer, *movimentos ideológicos* de Frieiro?

AVL – Frieiro não foi o único a experimentar essa "tentação pelo fascismo". Aliás, antes da loucura da guerra, o fascismo havia reconstruído a Itália de vários pontos de vista, como revelou o livro *Colóquios com Mussolini,* de Emil Ludwig. Mussolini tomou medidas de impacto para uma significativa mudança na vida do país e no modo de ser dos italianos, inclusive no seu uso linguístico. A criação de um italiano comum, supradialectal, começa timidamente, no final da Idade Média, com a obra de Dante (no "De vulgari eloquentia"). Depois, dá um grande passo adiante no século XIX, com Vittorio Emmanuele e os colaboradores que encontrou no casal Garibaldi, durante as lutas de unificação política. Mas é com Mussolini que a unificação da língua culta ou a civilização de um "italiano comum' se perfaz, graças a algumas medidas drásticas, mas eficazes, que tomou na administração pública. Por essa época, os admiradores de Mussolini eram numerosos em Belo Horizonte. Conheci vários deles, professores na Faculdade, que, aliás, fora fundada por um grupo de professores do Colégio Marconi, na antiga "Casa d'Itália". E nem todos souberam corrigir seu julgamento pró-Mussolini, quando o "Duce" se uniu a Hitler e os dois enlouqueceram a ponto de porovocar a mais cruel das guerras, que desaguou numa catástrofe mundial. Mas tenho certeza de que Frieiro, como muitos outros, soube rever a sua posição primitiva. Aliás, mais tarde, sua tendência voltava-se francamente para a esquerda. Quanto ao fato de ter sido chamado a depor no DOPS durante a ditadura militar, isso só prova que Frieiro tinha mudado de lado, já estava longe de sua tentão pela direita.

MCC – Ao mesmo tempo em que era um progressista nas relações de gênero (não sei se esse termo já era usado na sua época) pois apoia abertamente a aprovação da lei do divórcio, e é pela liberação da mulher, Frieiro demonstra no diário e na correspondência um pesado preconceito contra o negro e o mulato, assim como contra o vulgo, a plebe. Quem o conheceu pessoalmente, como a Senhora, podia perceber as marcas desse preconceito no seu cotidiano?

Hoje esse traço poderia ser compreendido como um pensamento comum às classes media e alta no princípio do século vinte?

AVL – Esse preconceito contra o negro e o mulato, desconfio de que Frieiro o tinha, realmente. Mas é uma desconfiança minha. Não percebi nada disso no seu comportamento. Também não sei se isso seria comum entre as classes média e alta do princípio do século XX. Quanto ao preconceito contra o vulgo, o populacho, esse sim é visível em muitas passagens do *Novo Diário.* Do ponto de vista cultural, Frieiro era francamente elitista.

MCC - Outra aparente contradição, que pode ser compreendida à luz do seu perfil psicológico de pessoa excessivamente tímida, é a pemanência na província, que ele abomina em diferentes momentos – "Minas é o oco do mundo..." - postergando, até a morte, os planos de se mudar para o Rio de Janeiro onde, acreditava, sua carreira literária teria mais visibilidade. A Senhora acredita que esse gesto, assim como a queima do primeiro diário, a decisão de não ter filhos, podem ser interpretados como um suicídio, um sentimento de autodestruição?

AVL – O fato de ficar na província sempre me pareceu uma opção de Frieiro pelo sossego, pela vida calma, que favorece o trabalho intelectual. Outra coisa eram as grandes metrópoles, que ele sabia curtir muito bem, mas apenas como turista. Eram boas para as férias. Mas, depois dessa escapada, a volta para a casa repunha nos eixos a máquina do trabalho intelectual. A queima do primeiro diário sempre me pareceu um impulso do qual Frieiro se arrependeu. Não sei o que o teria levado a isso. Preocupação com possíveis reações a sua crítica, muitas vezes ferina, não teria sido. Escrevendo ou falando, Frieiro, quando necessário, não tinha papas na língua. Dizia sem reservas o que pensava, doesse a quem doesse. Quanto a não Ter filhos, eu me pergunto se não teria sido uma decisão como a de Dom Casmurro, que se orgulhava de não haver trasnmitido a ninguém o "legado da nossa miséria". Ou teria sido um problema biológico do casal? Ou uma inaptidão para lidar com meninos? Ou um egoísmo de quem quer todas as horas do dia para si mesmo? Ou, volto a perguntar, um pessimismo fundamental quanto ao ser humano? Como saber?

MCC – por falar em suicídio, o sentimento dele em relaçãoà morte era o de um "céptico relativista" (a expressão é dele). Tinha medo da morte, é certo, mas não se atormentava com a idéia da morte, para ele não existia o proiblema do além. Em mais de um momento, no diário e na correspondência, ele dá por terminada a sua vida produtiva, como se estivesse

preparado para morrer, desde os 50 e poucos anos (Cf. Novo diário). No entanto, ainda produziu muito depois dessa idade e viveu até os 92 anos. A Senhora conviveu com ele nos últimos anos de sua vida? Tem conhecimento de como ele viveu esse tempo?

AVL - Convivi com o professor Frieiro nos últimos anos de sua vida. Sempre unido à sua Noêmia, que acabou deixando viúva. Sempre amigo dos animais, mas, sobretudo, sempre amigo dos livros.

MCC – Há aqlgum aspecto da pessoa e da obra de Eduardo Frieiro que eu não tenha contemplado e que a Senhora queira ressaltar?

AVL – Penso que a sua entrevista foi muito bem planejada e contemplou tudo que era preciso contemplar. Gostaria apenas de lembrar o aprêço de Frieiro pela literatura galega, aliás, pela cultura galega em geral – o que era uma faceta do apego que tinha às suas raízes. Os seus sursos de Literatura Espanhola eram, antes, cursos da Espanha. Assim, foi graças a Frieiro que tomei conhecimento do "resurdimento galego" no século XIX e de autores como Rosalía de Castro, Ramón Otero e outros.
No mais, muito obrigada por essa oportunidade de dar um depoimento sobre meu Mestre querido, que exerceu profunda influência na minha formação universitária.

MCC - Eu é que agradeço, Dona Ângela. Muito obrigada.